

JAIME LISANDRO PACHECO

EDUCAÇÃO, TRABALHO E ENVELHECIMENTO:

estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, com o trabalho e com os possíveis sintomas depressivos, após a aposentadoria.

VOLUME I

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, para defesa, como
requisito para obtenção do título de doutor.

2002

Autor: Jaime Lisandro Pacheco

Titulo: EDUCAÇÃO, TRABALHO E ENVELHECIMENTO: estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, como trabalho e com os possíveis sintomas depressivos, após a aposentadoria.

Tese apresentada para obtenção do grau de doutor no curso de Doutorado em Educação.

Área de concentração: Gerontologia

Faculdade de Educação

Orientadora: Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Universidade Estadual de Campinas

Campinas – SP

Agosto 2002.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**EDUCAÇÃO, TRABALHO E ENVELHECIMENTO: estudo das histórias de vida de
trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, com o
trabalho e os com possíveis sintomas depressivos, após a aposentadoria.**

Autor: Jaime Lisandro Pacheco

Orientadora: Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por
Jaime Lisandro Pacheco e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 11/09/2002

Assinatura _____
Orientadora

COMISSÃO JULGADORA

2002.

AGRADECIMENTOS

Aos sujeitos de minha pesquisa que, generosamente, me relataram suas histórias de vida.

À Leila, mulher e companheira, por ter me apoiado em todos os momentos desta caminhada.

À Isabela, minha filha, por ter modificado sua vida, abrindo mão de seus amigos de Petrópolis e de seus colegas de universidade, para vir para Campinas.

À Patrícia de Paula Leite, jovem e talentosa jornalista, que sempre incentivou e se interessou pelo meu trabalho.

À psicóloga Ligia Py, da UFRJ, minha amiga e preceptora, pelo generoso apoio pessoal no desenvolvimento de minhas atividades voltadas à velhice.

À Profª. Dra. Anita Liberalesso Neri, viabilizadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia da Faculdade de Educação da Unicamp, pela sua dedicação e competência na coordenação do mesmo.

Ao Prof. Dr. Florindo Stella, pelo incentivo amigo ao meu trabalho e pelo apoio profissional na avaliação física e mental dos sujeitos participantes da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Paulo Dalgalarro por ter me incentivado a participar da organização do Ambulatório de Saúde Mental do Idoso e me oportunizado aporte de meu trabalho voluntário junto à equipe de profissionais que nele trabalha.

À direção do Lar dos Velinhos de Campinas, em especial ao Dr. Edison Rossi, por ter me acolhido como voluntário e por ter me permitido a coleta de parte dos dados com idosos da instituição.

À psicóloga Regina Márcia Rossi Cremonesi Pereira, do Lar dos Velinhos de Campinas, pelo apoio na organização e pela participação nos grupos de reflexão de onde saíram os sujeitos participantes da pesquisa.

Ao meu amigo Fábio Kalvan, jovem sociólogo, professor e pesquisador, doutorando pela Unicamp, pela leitura atenta de meu trabalho e pela contribuição às minhas reflexões.

Aos meus amigos Celso Vieira Novaes e Regina Novaes, da UFRJ, que me incentivaram e me ajudaram, ainda em Petrópolis, na elaboração do meu projeto de pesquisa para o Doutorado.

A equipe de funcionários da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, em especial à Nadir Camacho, pela forma gentil e eficiente que sempre dedica aos pós-graduandos.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Profa. Dra. **Olga Rodrigues de Moraes von Simson** que, além da competência e seriedade no trabalho de orientação e formação de seus alunos, pôde, pela sua firme e generosa presença, apoiar quem buscava ultrapassar um momento de desencontro em que sentia ruir, aos seus pés, os firmes caminhos que pensava percorrer.

RESUMO

Este trabalho objetivou estudar, através do método biográfico, a possível relação entre a educação formal para o trabalho assalariado e os estados depressivos de velhos trabalhadores aposentados. Estudou-se a história de vida de oito sujeitos, homens e mulheres, com escolaridade, classe social, etnia, idade, estado civil, domicílio e níveis de renda diferentes. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada para a coleta das histórias que, gravadas, foram transcritas e separadas pelas categorias que se pretendia estudar: educação, trabalho, aposentadoria e depressão. Os dados foram analisados, levando em conta os indicadores das categorias examinadas, e depois comparados entre si. Para este grupo de sujeitos, as conclusões apontam que, após a aposentadoria, os homens apresentaram mais sintomas depressivos do que as mulheres; que mulheres enfrentaram de forma mais positiva a vida de não-trabalho assalariado; que as mulheres negras, mais pobres e analfabetas, não apresentaram sintomas de depressão; que os sujeitos, homens e mulheres, que tiveram uma educação formal rígida e em consonância com a educação familiar, tenderam a valorizar mais o trabalho assalariado e apresentar mais sintomas depressivos na ausência deste.

SUMMARY

The aim of the work is to study the possible relationships between formal education for the remunerated employment and depressive state of retired people. The life story of eight (8) subjects was studied. These men and women came from different social classes, levels of education, ethnic groups, marital status and earnings. The oral history methodology was used and a semi-structured interview was conducted in order to collect the subjects stories. These were recorded, transcribed and divided in the following categories of study: education, employment, retirement and depression. The data were analyzed taking into account the indicators of the above categories, and then compared with each other. In conclusion, the data from this group of subject suggests that after retirement: the men presented more depressive symptoms than women; the women after retirement, faced life more positively; the black women, poorer and illiterate, did not present any depressive symptoms. In addition, among all subjects those who had rigid formal education combined with family education, showed the tendency to value remunerated employment and present more depressive symptoms than those who had never had any education.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 – Introdução | 1 |
| 2 – Método | 5 |
| 2.1 – A coleta de dados | 6 |
| 2.2 - A análise dos dados | 7 |
| 2.3 - Considerações sobre o método | 8 |
| 2.4 – Das dificuldades encontradas | 10 |
| 3 – Abordagem Teórica | 14 |
| 3.1 - Velhice, Depressão e Memória | 15 |
| 3.2 - Clico de Vida, Escola e Trabalho | 25 |
| 4 – Resultados | 39 |
| 4.1 – O Grupo 1 – Oláia e Augustas: duas mulheres analfabetas | 44 |
| 4.1.1 - A história de Oláia | 44 |
| 4.1.2 - A história de Augusta | 49 |
| 4.1.3 – As histórias que se cruzam: Oláia e Augusta | 52 |
| 4.2 - O Grupo 2 – Ulda, Esther e Karen: três mulheres escolarizadas | 54 |
| 4.2.1 – A história de Ulda | 54 |
| 4.2.2 - A história de Esther | 59 |
| 4.2.3 – A história de Karen | 64 |
| 4.2.4 – As histórias que se cruzam: Ulda, Esther, Karen. | 73 |
| 4.3 – O grupo das cinco mulheres: negras, brancas, analfabetas, escolarizadas, aposentadas, híidas ou deprimidas. | 80 |
| 4.4 – O Grupo 3 – Julio, Carlos e Irineu, homens aposentados, escolarizados, e deprimidos. | 84 |
| 4.4.1 – A história de Júlio | 84 |
| 4.4.2 - A história de Carlos | 93 |
| 4.4.3 – A história de Irineu | 103 |
| 4.4.4 – As histórias que se cruzam: Júlio, Carlos e Irineu | 118 |
| 4.5 – Comparação dos resultados dos dois grupos: homens e mulheres | 127 |
| 5 – Considerações finais | 131 |
| 6 – Referências bibliográficas | 134 |
| 7 – Anexo: depoimentos transcritos | 141 |

1 - INTRODUÇÃO

No Brasil, como na maioria dos países ocidentais, a importância social do idoso decresceu em função da Revolução Industrial, ficando reservados aos velhos os papéis de mais baixo status (COWGILL e HOLMES, 1972; SAN ROMÁN, 1990).

Com o advento da modernidade, a degradação social da velhice começou a ser lentamente engendrada, formando uma ideologia capaz de dar suporte à eficácia e à segurança da sociedade moderna que valoriza o novo, o ágil, o habilitado a produzir e a consumir. O envelhecimento passou a ser associado às perdas de habilidades, à diminuição da força física e da capacidade de manter-se ativo (HADDAD, 1986; DONZELOT, 1986; COSTA, 1989; CALDAS, 1993).

A ideologia do modo capitalista passou a ser reproduzida pelas instituições sociais como estratégia de formar indivíduos capazes de internalizarem, inconscientemente, os valores maiores desta sociedade. A escola foi (e ainda é) a instituição por excelência em que valores são transmitidos aos educandos, com o objetivo de assegurar a continuidade da sociedade (FRIGOTTO, 1996, 1998; FERNANDES ENGUITA, 1985, 1989; CHARLOT, 1986; SEGNINI, 1988, 1998).

A escola, voltada às classes populares como reprodutora da ideologia capitalista, buscou (e ainda objetiva) transmitir aos indivíduos os valores inerentes a esta sociedade do

trabalho fabril. A rapidez, a precisão, a obediência, entre outros valores desejáveis e inerentes ao trabalho assalariado, nas linhas de produção “cientificamente” preparadas, foram encorajados, ao mesmo tempo que se desvalorizavam a criatividade e o trabalho autônomo.

O mundo do trabalho assalariado, ainda mais fragmentado e controlado pelo taylorismo e pelo fordismo, na primeira metade do século XX, alterou profundamente a relação do homem com a natureza no processo de transformação da mesma para o seu bem-estar. A racionalização do trabalho, imposta pela implantação das linhas de montagem, reduziu o trabalhador a uma peça, a um recurso, a um componente no desempenho de suas atividades. (HELOANI, 1996; FRIGOTTO, 1996)

As instituições sociais, ao longo do tempo, trabalharam e reforçaram as promessas da sociedade às crianças, no sentido de torná-las produtoras responsáveis pela grandeza de um mundo moderno e genitoras atentas à reprodução de gerações ulteriores, capazes de dar continuidade à dinâmica social em que estavam inserida (EISENSTADT, 1976; ERIKSON, 1976; DURKHEIM, 1978).

Assim, os valores básicos desta sociedade foram trabalhados através da educação para que, internalizados, pudessem reproduzir o pensamento desta sociedade industrial que, dividida em classes, oferecia ao ser humano o bem-estar pelo consumo, como recompensa à sua capacidade de produzir,

Após anos de atividades na produção de bens e serviços, todavia, o trabalhador, já envelhecido e exaurido em suas forças físicas, foi aposentado ou expulso do mercado de trabalho num processo como natural e esperado. A aposentadoria lhe foi apresentada como um prêmio à sua tenacidade e capacidade de ter contribuído para o desenvolvimento econômico. Sua força de trabalho, vendida no mercado como mercadoria, não apresentava mais valor expressivo à forma capitalista (e taylorista) de produção. Assim, poderia agora gozar de seu tempo livre e ter o ócio como recompensa.

Entretanto, paradoxalmente, o aposentado, que sempre sonhou com a possibilidade de dispor de seu tempo, não consegue, muitas vezes, agora viver sem o trabalho assalariado rígido e controlador que o anulou como sujeito.

O trabalhador assalariado, durante seu processo de desenvolvimento, internalizou a ideologia dominante da sociedade construindo o entendimento de trabalho produtivo como

algo restrito ao modelo fabril. O sonho foi o de ter sua carteira assinada, um trabalho fixo e assalariado, que garantisse segurança, uma aposentadoria, uma velhice tranqüila.

O trabalho que o referenciou durante longos anos de sua vida - mesmo sendo trabalho repetitivo, sem sentido e fragmentado – apresenta-se agora com a aposentadoria como não-trabalho, provocando uma ruptura nos seus laços com a sociedade produtiva. O homem, na sociedade moderna, é reconhecido pela sua aptidão de produzir e valorizado pela sua capacidade de consumir.

Aposentados, fora do mercado formal de trabalho e exposto a si mesmo pelo tempo livre que lhe é, quase sempre, abruptamente acrescentado, passando a fazer parte daqueles que “já eram”, do grupo de ociosos passou a assumir os papéis de baixo status social que a sociedade moderna lhe reservou, segundo a Teoria da Modernização, proposta por COWGILL e HOLMES (1972).

De repente, a auto-estima diminuída, a auto-imagem partida, o local de provedor questionado e a criatividade empobrecida parecem lhe indicar não haver mais tempo e possibilidades para refazer seus projetos de vida. E, quando não conseguem refazê-los, nesta nova fase de suas vidas, “adoecem” e o diagnóstico clínico vem, quase sempre, como depressão.

A depressão é definida, em última análise, pelos profissionais da área de saúde mental, como um transtorno afetivo (ou de humor) caracterizado por uma alteração psíquica global levando a alterações na maneira de valorizar a vida. (BUSSE e BLAZER, 1992; FORLENZA e ALMEIDA, 1997; STOPPE JUNIOR e LOUZÃ NETO, 1999; LAFER, 2000; DALGALARRONDO, 2000)

Embora se discuta se a depressão é ou não prevalente nos idosos, sabe-se que ela estreita o espaço vital do sujeito e bloqueia a sua capacidade de analisar as implicações sociais, culturais, psicológicas e econômicas que, como “*conservas culturais*” (MORENO, 1993), levaram ao abafamento de sua espontaneidade criadora.

Velhos trabalhadores aposentados com sintomas de depressão marcam seus dias pelas solitárias lembranças do tempo em que trabalharam, produziram e tiveram valor. Como não é mais possível produzirem, da forma como introjetaram o trabalho se deprimem debitando a si mesmos este fracasso (SANTOS, 1990).

A percepção que têm do mundo e do trabalho, ideologicamente inculcados durante seus anos escolares, não lhes permite se entenderem como sujeitos socialmente

produzidos e ler seus estados depressivos como um fato sócio-cultural muito mais forte e presente do que uma questão biológica ou um adoecimento físico (EHRENBURG, 1998).

A depressão pode ser sócio-culturalmente incentivada por potencializar no homem velho situações que marcam sua passagem de um mundo produtivo para outro de inatividade, conforme apontam algumas das principais teorias sociológicas do envelhecimento (SAN ROMAN, 1990; SIQUEIRA, 2001). Nas sociedades modernas, os velhos são apresentados como aqueles que não são mais capazes de produzir, que devem ser substituídos ou descartados (CUMMING e HENRY, 1961; COWGILL e HOLMES, 1972).

Teria a formação escolar que receberam influenciado a percepção de que o trabalho assalariado seria a única forma de sua realização como sujeitos? Teria a ausência do trabalho assalariado, que os referenciou durante longos anos de sua vida, os levado a desenvolver sintomas depressivos por se sentirem menos valorizados e não mais produtivos? Seriam os sintomas depressivos uma estratégia de economia psíquica, durante a fase de transição entre trabalho assalariado e não-trabalho, para possibilitar tempo aos sujeitos no sentido de refazerem seus projetos de vida? Será que a falta do trabalho assalariado, após a aposentadoria, é um fator predisponente ao aparecimento dos estados depressivos?

Estas questões emergentes dos relatos de velhos trabalhadores e das teorias sobre educação, trabalho e envelhecimento serão investigadas no decorrer desta pesquisa, a partir das histórias de oito sujeitos aposentados que marcaram suas vidas pelo trabalho.

2 – O MÉTODO

A pesquisa foi conduzida pelo modelo do método biográfico, sobre o qual serão tecidos algumas considerações a frente, utilizando-se dos depoimentos orais de oito sujeitos, sendo cinco institucionalizados e três não institucionalizados, com idades variando entre 54 e 96 anos, trabalhadores assalariados, aposentados, sem distúrbios cognitivos¹ ou síndromes neuropsiquiátricas² que impedissem a efetuação dos depoimentos.

O acesso aos idosos, potencialmente sujeitos da pesquisa, deu-se por intermédio de profissionais da saúde que trabalhavam com eles, com o objetivo de referenciar o pesquisador para os primeiros contatos. Todos foram convidados a participar primeiramente de um grupo de reflexão, com um encontro semanal de uma hora e meia de duração, durante seis meses.

Após o término dos trabalhos de grupo, os sujeitos que eram alfabetizados e escolarizados e apresentavam, ou tinha apresentados, sintomas depressivos foram convidados a participar da pesquisa. Os sujeitos que aceitaram, passaram por um exame clínico feito por um médico psiquiatra e professor pesquisador para diagnosticar as possibilidades de distúrbios cognitivos e de outras síndromes neuropsiquiátricas que inviabilizassem a qualidade de seus depoimentos.

¹ Processos de alterações das funções corticais superiores da linguagem, da práxis, da capacidade de reconhecimento e identificação de objetos, da abstração, da organização, da capacidade de planejamento e seqüenciamento.

² Processos patológicos que atingem o sistema nervoso central e que alteram o funcionamento mental.

Durante o processo de avaliação, além dos exames físicos necessários e da anamnese, foram aplicadas, pelo avaliador, a escala de Hamilton para Avaliação da Depressão (HAM-D) e o MiniExame do Estado Mental de Folstein (MEEM) por se tratarem de escalas internacionalmente reconhecidas.

A primeira escala - HAM-D- é a mais usada internacionalmente. Sua validade tem sido demonstrada em vários estudos comparativos em grupos de pessoas com diferentes doenças de gravidades diversas. Apesar de alguns itens poderem ser comprometidos pela idade, pelo sexo do paciente e por doenças médicas sistêmicas, a escala, validada no Brasil, apresenta confiabilidade de boa a excelente, incluindo consistência interna e confiabilidade entre os avaliadores (MORENO e MORENO, 2000).

A segunda – o MiniExame do Estado Mental de Folstein MEEM - é usada para avaliar as condições cognitivas dos pacientes com suspeita de distúrbios da cognição. O teste avalia orientação no tempo, orientação espacial, memória recente, memória remota, linguagem e capacidade construtiva visual. A escala é validada, no Brasil, por Bertolucci e colaboradores, inclui também pontos de cortes diferenciados para idosos com e sem instrução. De fácil aplicação, de confiabilidade e uso internacional, o MEEM é a escala mais amplamente utilizada atualmente (ALMEIDA,2000)

2.1 – Coleta dos dados

A história de vida dos sujeitos, registrada através de uma entrevista semi-estruturada, visou abranger todas as fases de desenvolvimento do entrevistado. Procurou-se enfatizar especialmente as que envolveram a educação formal, o trabalho, a aposentadoria e os possíveis sintomas depressivos.

As intervenções do entrevistador não se deram de maneira uniforme em cada entrevista, uma vez que os sujeitos têm dinâmica própria de narrar suas histórias. Além disso, o processo transferencial³ também varia de sujeito a sujeito e aqueles mais transferidos

³ Transferência é um conceito psicanalítico desenvolvido por FREUD(1976). Refere-se a vivência de sentimentos, impulsos, atitudes, fantasias dirigidas a uma pessoa no presente, mas que constitui-se um deslocamento de reações surgidas em relação a pessoas importantes na infância.

acabam por detalhar mais suas vidas, mudando substancialmente o curso do depoimento que deve ser respeitado pelo pesquisador. As intervenções do entrevistador tiveram o objetivo de esclarecer pontos obscuros, incentivar o relato dos sujeitos e favorecer a transferência positiva, num clima alegre e cordial.

Teve-se, também, em vista as reflexões de PORTELLI (1997a), sobre o relacionamento entre entrevistado e entrevistador, de que trabalho de campo só é viável quando há o encontro dos dois sujeitos. Algo difícil de ser construído, pois não há regra fixa, nem técnicas definidas e só se constrói na relação, no cuidado, no respeito ao que o outro diz, na atenção ao que o entrevistado coloca e na tentativa de entender o que diz.

Também, esteve-se atento, durante estes encontros significativos, às recomendações de VON SIMSON (1996:84)

de que uma das condições fundamentais para que o método biográfico funcione eficientemente, através da técnica dos depoimentos orais, é de que o pesquisador seja capaz de construir uma parceria que permita a ele elaborar, em conjunto com seus entrevistados, documentos significativos para o estudo da problemática que ele se propôs investigar.

2.2 – A análise dos dados

Cada entrevista foi transcrita pelo pesquisador que em alguns momentos precisou reorganizar o texto oral, para que ele pudesse ser entendido ao ser lido, sem, contudo, alterar o significado do que foi dito pelo sujeito.

Após a transcrição das fitas, pelo próprio pesquisador, os dados foram agrupados nas quatro categorias básicas que se pretende investigar, correlacionar e analisar: **educação formal, trabalho assalariado, aposentadoria e sintomas de depressão**. Os depoimentos foram destacados por cor, utilizando-se o vermelho para educação, o azul para trabalho, o verde para aposentadoria e o rosa para depressão, a fim de facilitar a categorização e a comparação dos dados levantados quando da composição dos arquivos.

Após a leitura e a classificação das entrevistas, elas foram novamente relidas, no sentido de coletar outros aspectos expressivos que o entrevistado quis passar ao entrevistador, uma vez que foi estabelecida a relação de confiança mútua, em algumas vezes transcendendo aquilo que se desejava investigar.

Para a análise comparativa dos dados, dividiu-se o grupo dos oito sujeitos em

três subgrupos. O subgrupo 1 foi composto de duas mulheres analfabetas. O subgrupo 2, por três mulheres escolarizadas. O subgrupo 3 foi composto por três homens escolarizados.

2.3 - Considerações teóricas sobre o Método Biográfico

O método biográfico é uma forma de explorar as relações entre memória e história. As pessoas excluídas, como os velhos aposentados, podem através do depoimento de suas vidas romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens. A história de cada um é sua marca indelével, que coloca em evidência a construção de sua própria identidade numa relação interativa com a sociedade onde está inserido (FERREIRA, 1996; LANG, 1996; MEHIY, 1996; VON SIMSON, 1996; MONTENEGRO, 1997; QUEIROZ, 1998).

VON SIMSON (1996) observa que, além de dar voz aos oprimidos, o método biográfico permite aos sujeitos valorizarem o trabalho do pesquisador, construindo com ele parcerias válidas, visando à construção de um conhecimento que possui valor tanto no âmbito da ciência básica, quanto da aplicada.

O processo de depoimento oral e a relação transferencial estabelecida com o pesquisador também permitem ao sujeitos fazer uma revisão de sua vida, entender o valor de sua história, descobrir sua capacidade de resistir às adversidades da luta pela sobrevivência, mapear seu ciclo de vida como uno e próprio e fortalecer novamente seu ego, muitas vezes esfacelado pela menos-valia imposta socialmente quando velho e aposentado.

ERIKSON (1976), estudando o ciclo de vida humana, aponta que os sujeitos idosos quando têm oportunidade de fazer uma revisão de suas trajetórias de vida, perante alguém que valoriza essa reconstrução, também conseguem tecer, através deste olhar retrospectivo, um sentido à sua caminhada humana, que como ciclo natural, desemboca na velhice.

LANG (1996:36) diz que há diferentes pontos de vista em diferentes ciências que usam a história oral, obedecendo cada uma suas preocupações específicas. Para a Sociologia, segundo a autora, o

indivíduo que conta sua história, ou dá seu relato de vida, não constitui, ele próprio, o objeto de estudo; constitui o relato a matéria prima para o conhecimento sociológico que busca, através do indivíduo e da realidade por ele vivida, apreender as relações sociais em que se insere sua dinâmica.

Para a Psicanálise, entretanto, o indivíduo que narra a sua história ou dá seu relato de vida acaba se constituindo, ele próprio, no “objeto de estudo”, pois sua história de vida é marca de sua existência, de sua personalidade, formada a partir da sua relação com o outro. O que se busca com a Psicanálise é entender a dinâmica individual interna que se estabeleceu num ideal do ego que corresponde a um conjunto de traços simbólicos implicados na linguagem, na sociedade, nas leis.

A formação do sujeito deixa marcas profundas na sua história. Seu ideal de ego introjetado define a forma de seu enfrentamento com a realidade. Mas os conteúdos inconscientes continuam marcar a sua relação com as pessoas. Ao estabelecer esta relação com o entrevistador, estabelece-se também um processo transferencial – desejável e frutífero – que desencadeia no entrevistado um processo inconsciente de transferir para esta relação outras pessoas significativas no seu processo de constituição enquanto sujeito.

O sociológico e o psicológico estão imbricados nestes discursos e podem ser lidos, além da ótica do que se quer investigar, pelas diversas disciplinas que compõem hoje o mosaico de investigação do ser humano, em especial a Gerontologia que, por excelência, é uma ciência interdisciplinar.

Para a Gerontologia, conhecer o ser humano em processo de envelhecimento, implica num olhar mais amplo, interdisciplinar, despojado, que exige do pesquisador a formação, com o grupo pesquisado, de uma *comunidade de destino*, expressão cunhada por Lowen (PY, 1999). Este momento vivencial revela nosso processo de humanidade, com destino comum que nos faz iguais diante do destino inexorável do ser humano

LANG (1996), falando pelo lado da Sociologia, afirma que “veracidade dos fatos narrados não é primordial” e que “o importante é a apreensão do todo social, as relações entre os indivíduos, grupos e coletividade”. Também a Psicanálise não está preocupada se os fatos narrados são verdadeiros ou não. O importante para ela é o não dito, aquilo que escapa às palavras, à narração mas que permite a compreensão do sujeito, a apreensão do todo. Já para a Gerontologia, ciência interdisciplinar, o importante é a forma como, a partir de uma rede de

conceitos e conhecimentos integrados, pode-se fazer uma leitura biopsíquicosocial do ser humano velho.

A história oral de velhos aposentados trabalha com a memória, com lembranças, com reminiscências de vida. Estas podem estar fragmentadas, pois quase sempre há esquecimentos ou omissões, intencionais ou não. Assim, lidar com os documentos orais implica levar em conta as relações pesquisador-pesquisado e a subjetividade que estão presentes em todo o processo de coleta de dados, ou melhor, em todo o processo de construção da pesquisa. (PORTELLI, 1997 a, 1997 b; MENEZES, 1991).

Assim, a história oral não deve ser vista apenas como uma técnica, mas como parte constitutiva do método biográfico que procura reconstruir, reorganizar, reler os relatos orais de um modo que não é o imediatamente dado, que permite captar e entender as visões de mundo, as aspirações e utopias elaboradas por aqueles que fazem seu depoimento (VON SIMSON, 1996)

O método biográfico proporciona, de forma eficaz, a captação da experiência humana, na sua totalidade, naquilo que se revela como a face interna da experiência, seus aspectos vividos bem como as relações do depoente consigo mesmo, com o grupo que conviveu e com a sociedade. A história de vida não é só a história do indivíduo, mas também do coletivo, pois “se há uma memória coletiva, é certamente porque a forma de vivência teve também um determinante coletivo”(LANG, 1996: 45).

2.4 - Das dificuldades encontradas.

O projeto original apresentado para o exame de seleção ao doutorado continha um método construído com base na experiência do curso de mestrado. A técnica proposta era construir, com os grupos de idosos, usuários dos serviços da saúde da UNATI/UERJ, o entendimento que eles tinham de seus estados depressivos e depois analisá-los à luz da teoria de Erik Erikson.

Entretanto, dois fatos importantes aconteceram durante o primeiro ano do curso de Doutorado. O primeiro foi o contato direto com o método biográfico, durante a disciplina “Memória, Cultura e Educação”, ministrada pela Professora Olga von Simson. O segundo foi a minha transferência para Campinas, deixando, por aposentadoria, a UERJ.

Em função destes fatos, modificou-se o projeto de pesquisa, propondo comparar três grupos de idosos, no sentido de validar os dados e ampliar as conclusões tiradas. Propôs-se então fazer um trabalho com três grupos de idosos, sendo um grupo de São Paulo, um de Campinas e outro de Sorocaba. Seriam grupos de cidades de tamanhos e expressão sócioeconômica diferentes. São Paulo foi escolhida por ser a capital, Campinas por ser uma cidade altamente desenvolvida tanto no campo industrial como no de serviços e Sorocaba por ser uma cidade de médio porte com desenvolvimento industrial significativo, mas com o setor de serviços ainda em desenvolvimento.

Partiu-se então para São Paulo, através de um contato pessoal, para tentar construir uma relação com um grupo de idosos do Projeto Qualis, mantido pelo Estado de São Paulo e pelo Hospital Santa Marcelina, na zona leste da cidade. Depois de muitas idas e vindas, entrevistas, apresentação do projeto, iniciou-se o trabalho na Unidade de Vila Guilhermina. O projeto Qualis, composto por 16 unidades, é uma experiência muito interessante e abrange cerca de duas mil famílias por unidade. Cada uma delas é composta por uma equipe básica de médicos, enfermeiras, assistentes sociais e agentes de saúde.

Depois de várias reuniões com os profissionais da Unidade Vila Guilhermina, para esclarecer os objetivos do projeto de pesquisa, sentir a dinâmica da entidade e discutir com eles como este projeto também ajudaria aquela entidade, propôs-se montar um grupo de reflexão para idosos, dentro dos critérios estabelecidos.

Assim, durante seis meses, em São Paulo, às terças feiras, realizava-se o grupo de reflexão com os idosos presentes. Em geral variava de cinco a 11 pessoas em cada sessão. As agentes não conseguiram mobilizar mais idosos, alegando que a participação destas pessoas era mesmo muito baixa. Inicialmente pensou-se que as agentes não estavam suficientemente motivadas a convidar os idosos das famílias assistidas para participarem dos grupos. Discutiuse o fato com a médica responsável pela unidade e ela confirmou a dificuldade de mobilizar os moradores para este tipo de atividade. Relatou que, para compor o grupo de hipertensão e diabéticos, teve que condicionar as consultas individuais e os medicamentos gratuitos à participação nos grupos de informação que a unidade mantém.

Ao finalizar o trabalho com o grupo, as quatro pessoas que preenchiam os critérios de inclusão para a participação da pesquisa foram excluídas após novos exames com os médicos da unidade. Apresentavam problemas com medicação e/ou interrogação de distúrbios

cognitivos.

Após quase um ano de trabalho, percebeu-se a impossibilidade e o desgaste desta tentativa para coleta de dados. Esta experiência mostrou que é importante o pesquisador também dominar o contexto sócio-cultural para se ter bom resultados nos seus trabalhos e com um menor esforço.

Desta forma, o projeto foi refeito e restringiu-se à Campinas e ao trabalho com apenas com dois grupos: um grupo de sujeitos institucionalizados e um outro com não institucionalizados, conforme descrito anteriormente.

Para se ter acesso ao grupo de sujeitos institucionalizados, buscou-se o Lar dos Velhinhos de Campinas, onde se realizou um trabalho voluntário, às terças feiras pela manhã, com um grupo de reflexão composto de 12 idosos. Foi de fundamental importância o apoio dado pela psicóloga da instituição.

O grupo terminou com oito pessoas das quais três foram convidadas a participar da pesquisa. Inicialmente, pensava-se trabalhar apenas com sujeitos escolarizados, aposentados e com sintomas de depressão. Mas, dos oitos participantes, seis quiseram fazer seus depoimentos, mesmo que não fossem fazer parte da pesquisa. Então, foram coletados os depoimentos dessas seis pessoas. Ao transcrevê-los, pode-se notar que os depoimentos de duas mulheres analfabetas e sem sintomas de depressão, as duas mais velhas do grupo, revelavam dados importantes e significativos sobre as categorias que se queria estudar. A partir desta constatação, repensou-se os critérios de inclusão dos sujeitos, abrindo-se também para os analfabetos.

Em seguida partiu-se para identificação das pessoas não institucionalizadas que preenchessem os pré-requisitos e que se dispusessem a participar da pesquisa. Procurou-se então o professor Paulo Dalgalarondo, professor de Psiquiatria da FCM e membro do corpo docente da Pós-Graduação em Gerontologia, o qual abriu as possibilidades de auxílio no projeto, de uma forma totalmente colaborativa. Falou da intenção de criar um Ambulatório de Saúde Mental do Idoso e que de lá se poderia desenvolver a pesquisa.

Em março de 1999, iniciou-se o trabalho, no recém criado Ambulatório de Saúde Mental do Idoso, que funciona às segundas-feiras à tarde. Mas, somente após um ano e meio de trabalho é que o ambulatório começou a se consolidar e a contar com um número de idosos em

acompanhamento viável para se pensar em pesquisa, ou mesmo formação de grupos de reflexão ou de orientação.

A dinâmica de implantação, o desconhecimento da existência do ambulatório, a greve de quase dois meses na Unicamp, logo após início das atividades, em 2000, retardaram todo o processo de formação de uma população de idosos em acompanhamento de onde poderiam ser retirados sujeitos para esta pesquisa. Atualmente, consolidado, o Ambulatório de Saúde Mental do Idoso, poderá ser um centro importante para futuros trabalhos de desenvolvimento de pesquisas e teses.

Em suma, do tempo que se esteve no doutorado, despendeu-se grande esforço físico e mental na identificação dos sujeitos potenciais da pesquisa. Isto pode estar relacionado a várias questões, mas uma delas é de vital importância para quem deseja utilizar a metodologia que proposta: é necessário o conhecimento e a clareza de onde estão os sujeitos e o quanto de esforço se despenderá para ter acesso a eles.

3 – ABORDAGEM TEÓRICA

Nestes dois capítulos serão trabalhadas as principais abordagens teóricas sobre o tema da pesquisa.

No primeiro, será feita uma abordagem, com base nos autores adotados, sobre **Velhice, Depressão e Memória**, procurando refletir sobre o processo de envelhecimento humano no mundo capitalista ocidental, sobre os sintomas depressivos como fenômenos provocados pelas perdas durante o ciclo de vida e sobre a memória, como um constructo cultural, na qual o sujeito registra sua história socialmente produzida.

No segundo capítulo, serão destacados os itens **Ciclo de Vida, Escola e Trabalho**, buscando refletir sobre o desenvolvimento do indivíduo, mediado pelas instituições sociais, ao longo de sua história, sobre a escola como um espaço social de reprodução dos valores maiores da sociedade e, por último, sobre o trabalho, como instituição social presente ao longo da história da humanidade e da vida dos sujeitos.

3.1 - Velhice, depressão e memória

Velhice é uma etapa natural do desenvolvimento do homem *pautada geneticamente para a espécie e para cada indivíduo* (NERI, 2001a:69)) e que *ganha significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos* (DEBERT, 1998: 50).

A grande quantidade de conhecimentos desenvolvidos a partir das pesquisas de prática gerontológica de como os indivíduos mudam com a idade, especialmente a partir de um momento histórico dado pelo avanço do conhecimento da medicina, ainda não apresenta respostas à maioria das interrogações sobre o processo de envelhecimento humano (BEAUVOIR, 1990).

A velhice é a manifestação dos eventos que ocorrem ao longo de um período. Os eventos ocorrem *no* tempo e não por causa do tempo e como o tempo não é a linha comum que mede o ritmo do envelhecimento, as pessoas envelhecem de formas diferentes. Assim, não temos uma velhice funcionalmente definida; há apenas um construto teórico, no qual algumas questões básicas se interpõem na linha do tempo (HAYFLIC, 1996).

Na linha do tempo, se inserem os conhecimentos biológicos, sociológicos e psicológicos que interagem na busca da compreensão da velhice e do envelhecimento. Como estes conhecimentos não podem ser universalizados tornam a Gerontologia um campo amplo e heterogêneo de estudos e intervenções que varia de cultura para cultura.

No campo biológico, o envelhecimento se materializa numa série de transformações do organismo que se modifica, com o passar do tempo, numa seqüência de “liga e desliga” de genes que promovem as modificações típicas para cada faixa etária, em estreita relação com o ambiente, limitando ou incapacitando o indivíduo, na linha do tempo (JECKEL-NETO, 2001).

O envelhecimento humano é o resultado de dois processos, operacionalmente divididos em primário e secundário. O processo primário se refere ao que é intrínseco ao organismo e que é determinado por influências inerentes ao desenvolvimento biológico e à herança genética. O secundário refere-se ao aparecimento de defeitos e incapacidades que são causadas por fatores hostis ao ambiente e afetando de forma diferenciada as mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. (BUSSE e BLAZER, 1992; HAYFLICK, 1996; JECKEL-NETO, 2001).

No campo social, o envelhecimento dá-se através das mudanças produzidas no ser humano ao longo das idades e está relacionado às normas, crenças, estereótipos, papéis, eventos sociais que regem a vida do indivíduo, segundo grupos sócio-culturais de uma determinada sociedade, variando de acordo com a cultura.

Os estudos transculturais sobre o envelhecimento, pioneiramente sistematizados por SIMMONS (1970), propõem um conjunto de critérios para a comparação da velhice em diferentes sociedades primitivas que trazem esclarecimento sobre as suas especificidades, na sociedade atual. O autor aponta que, nas sociedades primitivas, os velhos eram valorizados em função de sua utilidade, do controle que exerciam sobre os recursos econômicos, políticos, religiosos e sua capacidade de transmiti-los, estando diretamente relacionados com a possibilidade da sobrevivência, da moradia e o direito à propriedade.

A primeira tentativa de explicar o processo de envelhecimento social e as relações entre o ser humano e a sociedade moderna só aconteceu em 1961 com trabalhos de CUMMIG e HENRY (1961), que deram origem à Teoria do Desengajamento. Os autores ignoraram parte dos estudos etnográficos de então e apresentaram o desengajamento ou afastamento como um fato universal, esperado e inevitável, desejado e aceito pelos velhos e pela sociedade.

A teoria examina o processo de envelhecimento com base na perspectiva das necessidades e dos requisitos da sociedade, ao passo que o idoso é concebido como agente passivo do sistema social (SIQUEIRA, 2001:87).

Esta teoria postula que o afastamento do velho possibilita à sociedade abrir espaços para os mais jovens, os mais produtivos e os mais eficientes e concede ao idoso maior tempo para a preparação de finalização do seu ciclo de vida.

Esta teoria também sugere que a sociedade se afasta das pessoas idosas à medida que estas se afastam da sociedade; que o afastamento é um processo natural e espontâneo, como algo inerente ao envelhecimento; que o desengajamento é colocado como pré-requisito funcional para a estabilidade social e que todo sistema social, para manter-se equilibrado, deve incentivar o afastamento de seus idosos (SIQUEIRA 2001).

A segunda grande teoria social do envelhecimento, a Teoria da Modernização, foi apresentada por Cowgill e Holmes, em 1972. Os autores buscavam explicar a relação das sociedades industrializadas do mundo capitalista ocidental com os velhos. Para os autores, nas sociedades modernas – entendido sociedade moderna como sociedade industrializada - são reservados aos velhos os papéis de menos-valia e de mais baixo status social. Os autores destacam quatro aspectos fundamentais que interferem na dinâmica da vida dos velhos nas sociedades modernas: a tecnologia aplicada à produção, a acelerada urbanização, a educação intensiva e a tecnologia de saúde.

Nas sociedades industrializadas, a tecnologia leva à criação de espaços urbanos de produção nos quais os jovens são absorvidos e os mais velhos tornam-se rapidamente obsoletos e seus conhecimentos desvalorizados; a urbanização acelerada aumenta a segregação entre gerações deteriorando os laços familiares e contribuindo para a redução da importância dos mais velhos; a educação obrigatória proporciona aos mais jovens maior escolaridade, aumentando a probabilidade destes estarem melhor capacitados, portanto mais aptos aos melhores lugares de trabalho; a tecnologia de saúde acrescenta anos à expectativa de vida, gerando uma competição geracional pelo mercado de trabalho no qual os idosos são empurrados para os cargos de menor renda e menor prestígio.

Até hoje estas teorias - apesar de toda a crítica que receberam e continuam recebendo e do desenvolvimento de outras teorias sociais - ainda influenciam e também explicam o pensamento de parte da sociedade que continua vendo nos velhos um estorvo quando estes “teimam” e tentam manter sua competência nas habilidades profissionais criadas a partir do desenvolvimento das sociedades industrializadas.

A velhice em nossa sociedade aparece como o resultado de um processo social de transformação dos sujeitos em “*corpos dóceis*”, através de um processo de construção social.

A construção da velhice como etapa da vida marcada pela decadência física e pela perda de papéis sociais é produto do final do XIX, tal qual discutida por Foucault, no esforço de ordenar, classificar, separar as populações o que marca o surgimento do Estado Moderno (LOPES, 2000:23)

O discurso ideológico do capitalismo de que o trabalho assalariado referenciava o homem e que o valor do ser humano estava no produtivo desenvolveu nos trabalhadores uma falsa consciência que os impediu de perceberem que o envelhecimento físico e social os levaria a assumir os papéis de menor valor e de mais baixo status que as sociedades modernas reservam aos velhos.

Esta falta de consciência construída num mundo da pseudoconcreticidade⁴ leva os trabalhadores aposentados a debitar a si mesmos o fracasso de um final de vida sem o trabalho assalariado que os havia referenciado durante longos anos. A aposentadoria representa uma entrada no mundo do não-trabalho, vista aos olhos da sociedade como sociedade dos improdutivos.

Assim, no final da vida, sem o trabalho assalariado que os referenciou, aposentados ou não, passaram a debitar a si mesmos este fracasso socialmente construído, como se fosse uma responsabilidade individual, resultando, muitas vezes, no desenvolvimento de sintomas depressivos, que se não tratados e elaborados podem evoluir para uma depressão.

A depressão na velhice é um transtorno extremamente heterogêneo e não uma síndrome monolítica (EIZIRIK et al, 2001) e o grande desafio dos pesquisadores atuais é determinar em que medida a depressão na velhice difere das que ocorrem nas etapas anteriores, bem como reconhecer, caracterizar e documentar as implicações desta heterogeneidade para os idosos deprimidos (BLAZER et al, 1996).

A definição de depressão é algo ainda muito complexo, mesmo com a grande produção de conhecimentos sobre o tema nas últimas décadas. As dificuldades de se definir o termo depressão tem resistido ao tempo e permanecido até nossos dias, diante da grande quantidade de fatores biopsíquicosociais envolvidos nos sintomas e quadros depressivos.

⁴ Para KOSIK (1976) o mundo da *pseudoconcreticidade* é “o complexo de fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, como a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural” (p.11).

A noção de depressão tem variado ao longo dos séculos, conforme os avanços do conhecimento, as mudanças culturais, os interesses econômicos e as influências ideológicas de cada época. Há uma multiplicidade de significados de depressão que, em síntese, pode designar um estado afetivo normal, um sintoma, uma síndrome ou uma doença. (EHRENBERG, 1998, BLAY, 2000)

O transtorno afetivo, base fundamental da compreensão atual sobre depressão, é caracterizado por uma alteração negativa na maneira de valorizar os acontecimentos da vida o que acarreta no indivíduo os sintomas típicos de um mal estar generalizado, difuso, que torna pesada a relação com os outros e consigo mesmo e de poucas perspectivas para o seu bem viver.

O afeto é uma função de nosso psiquismo capaz de valorizar tudo aquilo que vivemos. O afeto dá ao homem dimensão de que é muito mais importante a forma de como sentimos o mundo do que como realmente ele é. Assim, vivemos muito mais de acordo com aquilo que a realidade representa do que de acordo com a realidade em si.

Os estados afetivos normais referem-se aos sentimentos de elaboração de perdas que geram nos indivíduos estados de tristezas absolutamente compreensíveis e passageiras.

Os sintomas depressivos são fenômenos ou sinais provocados pela ruptura do equilíbrio do afeto no indivíduo e motivados pelas mais variadas situações físicas, psíquicas e sociais.

Enquanto síndrome, a depressão é composta não apenas de alterações do humor, como a tristeza, a irritabilidade, falta de capacidade de sentir prazer, apatia, etc, mas também por uma gama de outros aspectos que incluem as alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas (PORTO, 2001) que juntas desenham um quadro mais complexo da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo.

Como doença, a depressão tem sido definida e classificada de várias formas, em consonância com o período histórico da humanidade, com os interesses ideológicos vigentes, com a forma com que os autores entendem o ser humano, com o desenvolvimento da tecnologia e das pesquisas de novos medicamentos (EHRENBERG, 1998, PORTO, 2001).

EHRENBERG (1998), numa pesquisa sociológica sobre a depressão e a sociedade, busca estudar e explicar este momento do ser humano em que o cansaço, a insônia, a ansiedade, a indecisão e a grande quantidade de dificuldades encontradas no dia-a-dia são atualmente associadas à depressão. Para o autor, talvez a ciência esteja deixando de lado a

hipótese de que a depressão seja a contrapartida de energia que os indivíduos mobilizam para se encontrarem consigo mesmos.

Os sentimentos de tristeza e alegria são inerentes à humanidade de cada um. A tristeza pode ser considerada a resposta humana universal às situações de perdas, de derrotas, de desapontamento e outras adversidades, categorias definidas de formas diferenciadas de cultura para cultura e mediadas pela personalidade de cada sujeito que as percebem também de maneiras diversas.

Talvez a tristeza como resposta tenha um valor adaptativo às grandes mudanças ocorridas nas sociedades modernas e agora novamente aceleradas pela pós-modernidade. O retraimento sobre si mesmo na elaboração das perdas que a vida impõe ao ser humano poderia ser uma estratégia de poupar energia e buscar novas maneiras de enfrentar as realidades que não correspondem às promessas sociais feitas pelas instituições humanas durante o curso da vida. Por outro lado, socialmente, poderia constituir-se em sinal de alerta para o indivíduo, para as pessoas de sua relação, para a sociedade em geral.

Para a Psicanálise, o sujeito deprimido introjeta e dirige contra si mesmo sentimentos ambivalentes dos objetos identificados narcisicamente. O ato de introjetar consiste na assimilação, por parte do sujeito, de atributos ou qualidades de um objeto exterior. Quando há perdas dos objetos introjetados estas perdas são transformadas em perdas do próprio ego, modificado pela identificação. A identificação é processo mediante o qual o sujeito se constitui, na relação com o outro, já que o sujeito só pode ser psicologicamente constituído na relação com o outro (FREUD, 1976).

No caso dos velhos, o seu ideal de ego poderia estar comprometido por força de uma libido despojada de objeto que volta sobre si mesmo criando uma imagem diferente daquela que havia construído até então. MESSY (1993), denomina esta nova instância que substitui o ideal do ego na velhice pela *feiúra do ego*.

O ideal do ego é a instância da personalidade que leva o indivíduo a se conduzir conforme os padrões aprendidos na convivência com os pais e na vida em sociedade. O ideal de ego, modelo social introjetado que o sujeito aspira imitar, está implicado na sociedade, seus discursos, crenças e ideologia.

A *feiúra do ego* representa a enfraquecimento lento do ideal do ego, dando lugar a um lado antagônico da imagem desejada, esperada, construída socialmente ao longo dos anos

Assim, na velhice, seria como se Narciso não conseguisse mais ver sua bela imagem refletida no lago, posto que, se congelado, não refletiria ou distorceria a imagem desejada.

A depressão seria uma reação do sujeito a esta passagem dolorosa como tentativa ou busca de tempo para investir em novos objetos. Ou poderia ser um alerta ao seu ambiente, uma provocação das instituições humanas que o levaram a construir um modelo ideal a ser imitado, mas que se revelou, num dado momento, sua pseudoconcreticidade.

As teorias comportamentais que fundamentam seus postulados na concepção do aprendizado também enfocam a depressão na velhice mostrando como o indivíduo se sente limitado para experimentar algum reforço positivo diante da experiência gratificante. Assim, incapaz de obter gratificações, ou mesmos reconhecê-las, por um processo social, esse comportamento se extingue e o paciente desenvolve depressão.

Em relação às diferenças nas interpretações diversas pelos muitos ângulos que se examinam as etiologias, os sintomas e os resultados da depressão, pesquisadores, gerontólogos e profissionais de saúde concordam que a ela acaba por predispor o idoso a outras doenças e em face da alteração que ela acarreta no modo de viver da pessoa. Modo de viver este expresso em cada história de vida.

A história de cada um é a marca indelével que coloca em evidência a construção da identidade numa relação interativa com o outro e com a sociedade onde está inserido. A história de vida é uma forma de explorar as relações entre o contexto histórico e a memória. O processo de vida de cada um está registrado na memória. Pode parecer individual próprio de cada um, mas ela deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes (POLLACK, 1992).

A memória é um movimento, um processo, uma energia - existente na interioridade dos indivíduos ou de grupos sociais. À semelhança de uma estrutura computacional, ela, a memória, constrói-se na interioridade física do sujeito, pelo registro mnemônico. As informações oriundas do mundo exterior se estabelecem a partir das respectivas regiões corticais, seguindo seu fornecimento ao sistema límbico e partir daí ao córtex de ambos os hemisférios cerebrais, passando a constituir-se em registro, a longo prazo (DAMASCENO, 1994). Mas só faz sentido quando na relação com o outro, com o meio social, com a vida cultural.

BERGSON (1999) afirma que cada imagem formada na mente da pessoa está mediada pela imagem sempre presente do seu corpo, este físico em que se processa a individualidade do sujeito, mediada pela cultura. A imagem captada pela percepção física, processada cerebralmente, exposta mecanicamente através de outra imagem cérebro-representativa no esquema perceptivo é apenas a representação de nossa individualidade, socialmente construída.

A memória, essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da experiência adquirida, é a construção do próprio sujeito, mediado pela cultura, quase sempre, imposta pela sociedade, por modelos prontos de comportamento, pensamento e sentimentos (KESNKI, 1994). A memória só existe no referencial cultural (BRITO, 1989).

A formação do indivíduo dá-se nesta constante interação com o outro, com a cultura, com o meio ambiente, introjetando, armazenando e reprimindo vivências durante seu processo de desenvolvimento. A memória, este conjunto de vivências registradas culturalmente, passa orientar os atos e as escolhas do sujeito no seu percurso de vida, enquanto reprodução da vida e da cultura e enquanto transformação de si e do mundo.

A memória traz dois componentes básicos: o consciente e o inconsciente.

O primeiro faz parte da experiência concreta à qual o sujeito tem acesso imediato e está à disposição de sua vontade, de seu desejo. Do consciente, faz parte a atividade repetitiva do dia-a-dia que tece a história do homem e dá a ele sua dimensão temporal. Estão presentes no consciente os grandes eventos socialmente marcados, ritos de transição, que compõem o cenário de sua caminhada, seu sentido, sua trajetória de vida e sua cultura.

O segundo, mais profundo, é o registro inconsciente. Nele estão as marcas indeléveis da história do indivíduo às quais ele não tem acesso pela sua livre vontade, segundo a teoria psicanalítica. Sua construção, pela repressão do não socialmente permitido, reflete a permanente tensão do homem com a realidade, entre o ser e o não ser.

As lembranças dos velhos com seus componentes conscientes e inconscientes são construções de relação, reconstruções de suas trajetórias de vida, de suas marcas, do refazer da história pessoal, inserida num contexto da história da humanidade.

A história do indivíduo e a história da humanidade se confundem, pois culturalmente uma está inserida na outra produzindo a história da sociedade, num dado

momento histórico. A história pessoal só faz sentido na sua relação com o total desta caminhada humana.

O velho, ao acessar os fatos de sua história pessoal, refaz o processo de sua humanização. Os fatos disponíveis de sua memória consciente quando lembrados tecem o mosaico de sua vida, amalgama-os o conteúdo inconsciente, subjacente ao seu discurso, escapante pelos seus atos falhos, pelo não-dito, pelos sonhos elaborados, pela transferência, pela transgressão, pela resistência nas pequenas ações não deliberadas do cotidiano humano.

Tudo tem um sentido, como uma peça que compõe sua história, como analisa FREUD (1976) em seu artigo “Construção e reconstrução em Psicanálise”. Colher estas histórias é trabalhar com o velho a recomposição de sua vida, de suas possibilidades de reconstruir-se, a partir destas lembranças, como se estivesse a reconstruir um grande painel. Primeiro o da sua história e tendo como pano de fundo a história da sociedade em que se insere. O conteúdo de suas histórias reflete parâmetros da história da humanidade e do destino comum dos seres humanos.

Ao narrar sua vida, refazendo sua história, na intersubjetividade da relação com o outro que o escuta e que também o reconhece, abre-se ao velho narrador a possibilidade de reconstrução de sua trajetória de vida. A rememoração deixa de ser uma simples lembrança dos fatos acontecidos no passado para construir, no presente, o entendimento de sua caminhada que o marca como sujeito. A construção de vivências e experiências passadas, além de possibilitar ao narrador a elaboração interna das lembranças que lhe afloram pela palavra, pelo não dito, pelo silêncio, também propicia ao entrevistador o pensar em futuras ações em base mais sólidas e realistas, como ser humano que envelhece (BIRMAN, 1995; AUGRAS, 1997; PY, 1999; VON SIMSON e GIGLIO, 2001).

Os fenômenos conscientes ou inconscientes que compõem a totalidade da memória são definidos também como espaços políticos, os quais KENSKI (1994:111) aponta como constituídos por meio da dominação pelas instituições durante a história de vida dos sujeitos.

(...) a história de vida do sujeito é marcada pela dominação imposta pelas instituições culturais (família, escola, igreja...) que vão orientar os valores, as escolhas, os gostos e todos os seus comportamentos *cênicos* diante da sociedade.

A ideologia dominante imposta aos seres humanos pela educação, pelos valores culturais e pela força dos papéis socialmente marcados pode parecer determinante. Porém, ela não consegue abafar capacidade criadora, a capacidade de resistir e a possibilidade de transformação *ontocriativa* do ser humano.

A tomada de consciência de si mesmo como sujeito socialmente produzido, a partir da memorização de sua caminhada de vida, possibilita a sua reconstrução como sujeito dono de sua história, na temporalidade (BIRMAN, 1995), no rompimento das conservas culturais que abafam sua capacidade criadora (MORENO, 1993), na ativação da sua capacidade *ontocriativa* de transformar enquanto se transforma (KOSIK, 1976) e no engendramento de práticas cotidianas de resistência às ideologias que o dominam (CERTEAU, 1999).

3.2 - Ciclo de vida, escola e trabalho

A idéia de ciclo de vida apresenta diferentes pontos de vista pelos diversos enfoques das disciplinas que se dispõem a explicá-lo. Para a Sociologia, ciclo de vida é um conjunto de experiências acumuladas pelas sucessivas gerações em estreita relação com as instituições sociais. Para a Psicologia, é uma sucessão de estágios do desenvolvimento individual, compostos por grupos de idades intervalarmente distribuídas, ao redor das quais o indivíduo forma e consolida a personalidade. Para a Antropologia, o ciclo de vida é um conceito social construído, utilizando-se, nas sociedades ocidentais modernas, o critério da idade cronológica para atribuição do status, de papéis e de formulação de demandas (BUSH e SIMMONS, 1991; NERI, 1995, 2001a; DEBERT, 1998).

Normalmente, o que estas disciplinas apresentam em comum para a definição do desenvolvimento do indivíduo é o pressuposto que as instituições sociais estão presentes na formação do ciclo de vida do homem. São elas que propiciam a formação e o desenvolvimento do indivíduo e reproduzem o conjunto de valores culturais pertencentes à sociedade de forma interativa, aplicados de forma contínua e progressiva.

As instituições humanas têm também o papel de manter os grupos sociais pela promoção e adaptação do indivíduo no decurso da socialização, que é o processo pelo qual indivíduos adquirem seletivamente habilidades, conhecimentos, atitudes, valores e motivos correntes no grupo do qual eles são ou irão tornar-se membros (DURKHEIM, 1978).

O processo de socialização é uma das formas pelas quais a cultura e as sociedades se reproduzem. Um indivíduo é adequadamente socializado se está sendo trabalhado com uma porção suficiente das regras sociais que lhe permite uma efetiva representação dos seus papéis que a sociedade dele espera. A socialização garantiria um mínimo de reprodução da sociedade, gerando interesses e compromissos de continuidade de uma geração em relação à outra, mas deixando também espaços para inovações (DURKHEIM, 1978).

Idades e diferenças etárias, como um dos marcadores possíveis com que se nomeia uma geração, são definidas de acordo com os valores culturais de cada sociedade. A reprodução social e as faixas etárias têm a grande tarefa, em toda sociedade, de perpetuar sua própria estrutura, através das normas e valores, apesar das constantes mudanças. As bases da continuidade social e da transmissão da herança cultural são a plasticidade humana que leva o homem a adaptar-se ao longo do seu desenvolvimento e ao longo período de dependência das crianças em relação aos adultos (EISENSTADT, 1976).

Conforme o mesmo autor, a definição de cada faixa etária dentro de uma sociedade é de fundamental importância para o sistema social e para a personalidade individual. As expectativas da sociedade em relação aos papéis dos indivíduos em sua faixa etária constituem o mais forte elo de ligação entre o indivíduo e o sistema social. Este distribui os papéis a serem desempenhados e o indivíduo desenvolve sua personalidade à medida que percebe aqueles que são esperados para a sua idade.

A sociedade educa e forma gerações distribuindo papéis sociais aos indivíduos por faixas etárias, durante o seu processo de desenvolvimento, definindo as formas de pensamento de uma geração e os seus padrões de interesse de relacionamento com as demais.

Cabe destacar que MANNHEIM (1962), entre outros autores, acredita que o conceito de geração não está somente ligado à questão etária. Entende, o autor, o espaço de geração, durante as diversas fases do ciclo de vida, como a fonte de troca social. Os indivíduos podem ser membros de diferentes gerações por terem vivido diferentes experiências, em momentos diversos no processo de socialização, da infância à velhice.

A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice como fase do ciclo de vida, a despeito do ciclo biológico, é uma construção social. O ciclo vital é importante, do ponto de vista da sociedade, para a manutenção das estruturas sociais envolvidas, as quais,

por sua vez, facilitam a emergência de cada fase, durante o desenvolvimento individual. Para DEBERT (1997:122), na sociedade ocidental, a fronteira entre as idades

pode ser pensada como respostas às mudanças estruturais na economia, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para uma economia baseada no mercado de trabalho.

O conceito de ciclo de vida tem sido trabalhado, ao longo dos últimos cem anos, por diversos autores, em diferentes disciplinas que se dispõem a estudá-lo. A primeira grande teoria sobre ciclo de vida que teve e tem ainda tem grande influência no estudo do desenvolvimento do homem nas perspectivas psicológicas, antropológica e sociológica foi a Teoria dos Estágios Psicosexuais, desenvolvida por FREUD (1976) no início do século passado.

A teoria freudiana, claramente dividida em estágios ou fases, mostra que há três estruturas inatas da mente: o id, o ego e o superego. No recém-nascido, somente o id está inteiramente presente e os outros dois elementos são diferenciados a partir do id. O ego e o superego são elementos que emergem à medida que o indivíduo se desenvolve através da *catexias* de energias em direção às outras energias investidas em outros *objetos*. O desenvolvimento do ego e do superego está intimamente ligado ao processo de socialização e em consonância com os valores culturais de uma dada sociedade. Este processo implica necessariamente na relação com o outro. Nesta relação é que o sujeito se referencia e constrói sua identidade.

Para a teoria freudiana, a infância contém as fases primordiais do desenvolvimento. Na essência, os três primeiros estágios são fundamentais para o indivíduo estabelecer as bases de suas personalidade. Cada estágio é definido pelo lugar e para qual objeto a energia libidinal foi *catexizada*⁵, num determinado momento da vida da criança. Os três principais estágios - oral, anal e fálico - são caracterizados pela qualidade da interação com o outro, através do mecanismo de identificação. Identificação é o processo em que o indivíduo busca se tornar, pela introjeção do objeto desejado, parecido com algo ou com alguém, em um ou vários aspectos do pensamento ou do comportamento. Este mecanismo é dependente da relação com o ambiente e em especial com o outro, na construção dos estágios de desenvolvimento.

⁵ Diz que uma energia libidinal disponível na psique foi *catexizada* quando foi vinculada ou investida na representação mental de uma pessoa, idéia ou coisa, ficando enraizada em qualquer parte da psique que a atraiu e fixou.

A conclusão de um estágio é requisito necessário para que o indivíduo ascenda ao seguinte, dando origem ao ego e depois ao superego. A formação do superego está impregnada das demandas da sociedade, das leis e da cultura que aos poucos o indivíduo internaliza, como o passaporte para sua inclusão no mundo adulto e nas instituições humanas que o acompanham durante seu ciclo de vida, promovendo seu desenvolvimento. Para preparar esta inclusão de uma forma mais intensa, a criança, por volta dos 6 anos, momento que coincide com o início da idade escolar, entra num período denominado latência, no qual permanece até o início da puberdade.

Em que pesem as críticas de muitos autores ao rejeitar a suposição freudiana de que o processo de desenvolvimento seja uma tendência na qual as estruturas psicobiológicas são fundamentais, é preciso reconhecer que, para a Psicanálise, o indivíduo é visto como inteiramente socializado quando internaliza a maioria das exigências das instituições sociais que fazem parte do seu curso de vida.

Ampliando a leitura de Freud, Erikson, também psicanalista, desenvolve sua teoria descrevendo o desenvolvimento humano em um ciclo de oito estágios. Os três primeiros são inteiramente baseados na teoria freudiana. Os outros cinco ampliam a interpretação do desenvolvimento individual como um processo contínuo e permanente de relação com as instituições sociais e com a cultura e a dinâmica e conflitos próprios de cada estágio (ERIKSON 1976, 1989, 1998).

Para Erikson, a vida do homem move-se ao redor de uma série de idades “discerníveis e cruciais”. O autor trabalha essa relação em oito fases ou oito idades, vistas como unidades temporais da vida humana, da infância à velhice. Em cada estágio ou fase, duas forças antagônicas se contrapõem e, para assegurar o crescimento do indivíduo, o elemento sintônico mais adaptativo deve absorver o distônico, gerando uma virtude básica que predomina na fase de vida em que se encontra o indivíduo. Esta virtude que é básica lhe permite trabalhar de forma mais segura o desenvolvimento de sua personalidade, numa busca ideal da integridade do ego, em sua última fase da vida, a velhice, fechando assim seu ciclo vital.

Para o autor, cada fase traz em si as possibilidades próprias de crescimento e de realização, embora a infância, por sua longa duração, deixe marcas profundas em relação ao desenvolvimento de cada indivíduo. FREUD (1976) diz que é na infância que a neurose se instala e se mantém quase sempre à espera de um fator desencadeie, durante o ciclo de

desenvolvimento do indivíduo. Assim, para Freud, todos os conflitos não resolvidos durante o ciclo de vida do sujeito o remeteriam a uma das três primeiras fases de vida, onde estaria fixada parte de seu desenvolvimento que o impediria de resolver de uma forma saudável os conflitos inerentes à etapa em questão.

Para ERIKSON (1976), as etapas seguintes além das propostas por Freud – idade escolar, adolescência, idade adulta, maturidade e velhice - completam o ciclo de vida com um sentido de trajetória, permeado pelo meio, numa relação de retroceder e avançar, de terminar e recomeçar. As crises inerentes à cada fase podem ser resolvidas nesta mesma etapa, sem necessariamente remeter o indivíduo às fases iniciais de sua vida, em busca de um objeto perdido, como tinha sido proposto por Freud. Erikson, com a sua proposta, lança um novo olhar sobre o desenvolvimento da personalidade que, como processo, dá-se durante todo o ciclo de vida.

Para este autor, especialmente a partir da adolescência, o papel da sociedade funciona em geral como modelador da vida do indivíduo e torna-se força vital em relação ao seu destino pessoal. Cada etapa do desenvolvimento tem uma relação com o sistema dos elementos básicos da sociedade e isto se dá

pela simples razão de que o ciclo de vida humano e as instituições do homem têm evoluído junto(...) Essa relação é dupla: o homem traz para estas instituições os resíduos de sua mentalidade infantil e de seu fervor juvenil e recebe delas, desde que consigam conservar sua realidade, um reforço para suas aquisições infantis”(ERIKSON, 1976:230).

É na quarta fase – a idade escolar, que coincide com o período de latência proposto por Freud - que a criança ingressa na escola e é levada a subordinar-se à disciplina e às leis das coisas impessoais. A sociedade espera que criança, genitora psicologicamente rudimentar, antes de transformar-se numa genitora biológica, deva começar por ser uma trabalhadora e uma provedora potencial. A escola, depois da família, é a instituição privilegiada que vai moldar o genitor potencial em provedor efetivo como o desejado e o esperado pela sociedade da qual faz parte. Esta é a demanda social de instrução sistemática que, para ERIKSON (1976), acontece, de uma ou outra forma, em todas as culturas.

Ao ingressar na idade escolar, a criança chega a um momento decisivo que marcará seu desenvolvimento como provedor. A virtude básica a ser gerada é a competência. ERIKSON (1976: 240) afirma que

essa etapa é socialmente a mais decisiva visto que a indústria (competência) implica fazer coisas ao

lado de outros e com eles. Nesta época se desenvolve um primeiro juízo a respeito da divisão do trabalho e da oportunidade diferencial, isto é, ethos tecnológico de uma cultura.

Mas há um grande e grave perigo para o desenvolvimento da criança que é o da instituição escolar lhe frustrar as expectativas não lhe oferecendo as possibilidades de realização de seus desejos e das promessas que lhe foram feitas. Esta etapa, por ser a socialmente mais marcante e especialmente longa, oferece, segundo o autor, um outro perigo que é o de levar o indivíduo à

construção de seus horizontes, para que só abranjam seu trabalho, a que, como diz a Bíblia, havia sido sentenciado depois de sua expulsão do paraíso. Se aceita o trabalho como sua única obrigação e o “produtivo” como seu único critério de valor, pode-se tornar um escravo conformista e inconsiderado de sua tecnologia e daqueles que estão na situação de explorá-la. (ERIKSON, 1976: 240).

É nesta etapa que a criança aprende as diferenças, a contraposição com o outro, a colaboração, o trabalhar em conjunto e a desenvolver a competência⁶ - que é a virtude básica a ser adquirida nesta fase de vida. Suas energias, neste estágio – período de latência na teoria freudiana - estão dirigidas a desenvolver competências e atender aos anseios da sociedade. Assim, a escola aparece como a grande promessa à criança, de fazê-la passar do mundo infantil para o mundo adulto. A criança que dominou seus modos orgânicos, teve seu aparelho neurológico amadurecido, sublimou suas energias libinais, busca agora ter seu reconhecimento produzindo coisas ao dedicar-se às habilidades e tarefas. E a escola é este espaço social no qual grupos etários, claramente definidos, conformam uma hierarquia unitária dirigida e orientada por representantes especializados do mundo adulto (EISENSTADT, 1976).

A escola, tal como é concebida hoje, iniciou seu desenvolvimento, a partir do século XVIII, na Europa. O preceptor pessoal, no seio da família, começou a desaparecer e as crianças passaram a ser entregues aos educandários para “*protegê-las da maldade do mundo*” e prepará-los para vida, na disciplina, na obediência, no domínio dos conteúdos, na preparação para o trabalho. Era a modernidade que se instalava.

GIDDENS (1991), estudando o processo de formação da modernidade, aponta a escola como a instituição que dá suporte à sua consolidação. Os países que se modernizaram -

⁶ O termo usado por Erikson *competence* foi traduzido por competência e por capacidade e usados como sinônimos. Qualquer que seja o adotado, ele deve ser entendido como o livre exercício da destreza e da inteligência da criança para completar as tarefas de trabalho que lhes são apresentadas, com atenção fixa e empenho perseverante, para contrapor-se à inferioridade infantil.

os ditos países do primeiro mundo - foram capazes de universalizar a educação como uma estratégia do Estado para garantir e consolidar seus projetos de desenvolvimento, mantendo assim a ideologia dominante, pois “ *a educação é política*”, como afirma CHARLOT (1986:1) em sua obra sobre as realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação.

A escola, agora acessível às classes populares, foi se tornando, à medida que o processo de industrialização se incrementava, o *locus* de formação para o trabalho assalariado. Assim, formar teria a conotação de formatar, colocar numa forma, moldar, treinar as atitudes, as habilidades. Petrolina Silva, estudando a formação do operário negro no Brasil, discute o conceito de formação para o trabalho. Para ela

a palavra formação vinculada a operário, numa sociedade que o encara como mão-de-obra, antes de considerá-lo como pessoa, se impregna da conotação de treinamento para realizar tarefas específicas e isoladas, quando não gestos mecânicos a serem interminavelmente repetidos(SILVA, 1985:57).

A escola pública do mundo ocidental objetivou formar o cidadão e o trabalhador, valorizando o trabalho assalariado como a maneira mais desejável para a realização do ser humano. Trabalhar, como assalariado, era visto como a possibilidade de criar um mundo melhor, uma vida com mais conforto, apresentando possibilidades maiores de consumo. Assim, a escola passou a ser concebida como aquela que dá oportunidade igual a todos. A partir dela, o indivíduo se realizava, conforme seu esforços, sua competência, segundo os princípios liberais. Mas esta afirmativa ideológica esconde o outro lado da escola: o de reproduzir um pensamento dominante, de restringir os horizontes pela formatação das pessoas e perpetuar uma relação desigual numa sociedade não igualitária criada pelo pensamento do mundo capitalista ocidental. (CHARLOT,1986; SEGNINI, 1988; BOURDIEU & PASSERON, 1992; FERNANDES ENGUITA, 1989).

A escolaridade tem um significado particular na coexistência das várias tradições da sociedade. A escola é o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla, na qual os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viverem num espaço comum. “A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra”(CANIVEZ, 1991:33).

A sociedade espera que a escola promova nas crianças o respeito pela ordem e lhes estimule o hábito de se conformarem com as imposições de uma organização. Mas o

perigo da educação escolar é que esta se dirige às crianças e não aos adultos e “quanto menos idade tiverem, menos serão capazes de compreender e julgar. Por isto o hábito de obedecer precede necessariamente a capacidade e o gosto pela reflexão” (CANIVEZ, 1991:34). ERIKSON (1976), ao falar da frustração da criança quando um hábito lhe é imposto, às vezes pela punição, refere-se que não é a frustração que causa o trauma, mas a ausência do seu significado social.

Contrair um hábito é internalizar um certo valor de forma automática, inconsciente. E quanto mais automático e irrefletido for o hábito, mais durável e espontâneo ele será. É inevitável que hábitos e valores sejam impostos às crianças no seu desenvolvimento pois elas se constituem no processo de socialização, isto é, na relação com o outro, com o meio, com a sociedade. A questão fundamental é saber se tais valores são universais, ou seja, se têm significado para todo homem, em qualquer lugar. CANIVEZ (1991:54), afirma que se forem valores

arbitrários e particulares, característicos da maneira de viver ou pensar de certa classe social, a escola só será em aparência um lugar da aprendizagem da liberdade, em particular política. Com efeito, ela será o instrumento que permite a essa classe impor às outras sua ‘maneira de ver’ e, com essa maneira de ver, seus interesses e dominação.

FOUCAULT(1983), em sua obra *Vigiar e Punir*, analisa o modelo da disciplina militar e prisional e estende suas conclusões à organização da sociedade como um todo, por ser tratar de um modo especial do exercício do poder. A forma de dominação que o autor discute não é aquela exercida pela força, mas sim pelo controle dos corpos e dos movimentos. E, de fato, a disciplina e os hábitos consistem em obedecer a uma ordem mecanicamente, no menor espaço de tempo possível. A execução das atividades impostas excluem a reflexão do subordinado. Ele torna-se elemento de uma estratégia, a qual não tem necessidade de entender.

Seus estudos lançaram também luzes para que se possa compreender melhor a organização escolar. Também a escola está preocupada com o controle, com a manutenção da ordem, com a disciplina. A arte da disciplina consistiria em poder tudo ver, sem ser visto enquanto se olha. É preciso que o aluno sinta-se observado, a todo momento, da mesma forma como será quando trabalhar. A gestão do espaço permite observar cada um, segundo as regras estabelecidas quer seja na escola, quer seja no trabalho. Com estabelecimento de regras desaparece o espaço privado da elaboração, da invenção e da astúcia com a qual cada um desempenha a sua tarefa escolar ou laborativa. Não basta só estudar, fazer a tarefa: é preciso que

ela aconteça segundo as normas exatas, nos mínimos gestos, na escola e nas fábricas. Assim, para Foucault, existe uma íntima relação entre o exercício do poder e a atividade econômica que determina, controla, supervisiona as ações humanas e que produz o homem segundo regras definidas.

Mesmo as mudanças atuais que ocorrem na organização do trabalho e a crença de alguns autores de que a época atual tende a conceber como mais eficaz o trabalho que é pensado por quem o executa reforçam a tese de Foucault: o trabalhador internaliza tão bem os princípios da economia capitalista no seu processo de formação escolar que não é mais preciso lhes impor.

A escola, como instituição social, através da imposição da disciplina e do hábito para a transformação das crianças em futuros provedores assalariados, em nome de um projeto de sociedade industrial, acaba por abafar a possibilidade do indivíduo de se expressar criativamente. A concepção das linhas de montagem da estrutura fordista da produção não exige criatividade. Aliás, operações repetitivas e fragmentadas não se coadunam com criatividade, na modernidade. O importante então, ao formar o cidadão e o trabalhador, é a formação de hábitos que rotinizam a vida diária, que formatam o indivíduo: fazer a fila; sentar-se na “rodinha”; ficar de pé quando a professora entra; fazer todos os deveres de casa; cumprir todas as tarefas sem discussão, por mais insignificantes e sem sentido que sejam; observar o tempo; respeitar o horário; obedecer as regras; seguir os estatutos; aprender valores; submeter-se a avaliações periódicas; buscar a certificação. É a reprodução antecipada da fábrica, como o modelo que alterou completamente a história e o conceito de trabalho

A história do trabalho iniciou-se quando o homem buscou formas de transformação da natureza para atender ao seu bem-estar e às suas necessidades de sobrevivência. Este seria o conceito mais amplo, em que pese a ausência de um único conceito sobre esta instituição genuinamente humana: o trabalho. O conceito de trabalho foi ampliado como resultado da necessidade de organização do ser humano e das relações sociais que se desenvolveram ao longo da história. A partir da Revolução Industrial e da consolidação do modelo capitalista de produção, o conceito de trabalho torna-se diferente da sua concepção original (CARLOS et al., 1999).

ARENDRT (1997:113), discutindo a condição humana e o papel do trabalho na vida do homem, afirma que este ascendeu em todas as categorias sociais como a mais importante de todas as atividades humanas e que isto se

...começou quando Locke descobriu que o “labour” é a fonte de toda a propriedade; prosseguiu quando Adam Smith afirmou que esse mesmo “labour” era a fonte de toda a riqueza; e atingiu seu clímax “no system or labor” de Marx no qual o labor passou a ser a origem de toda a produtividade e a expressão da própria humanidade do homem.

A modernização do trabalho, iniciada com a Revolução Industrial inglesa transformou lentamente a sua divisão social, como discute Marx, em divisão “científica”. TRAGTEMBERG (1990), discutindo esta nova relação do homem com esta nova forma de trabalhar, aponta-a como sendo um dos fatores que levaram (e levam) o homem à alienação pelo trabalho, com suas implicações políticas, psíquicas e sociais.

A divisão de trabalho sempre existiu em todas as sociedades conhecidas. Contudo, a divisão do modo capitalista de produção não é de modo algum idêntica ao fenômeno de distribuição de tarefas, ofícios e especialidades da produção, das sociedades verificadas antes do capitalismo (BRAVEMAN, 1987).

Antes do advento da produção industrial, pequenos grupos dedicavam-se à fabricação de uma determinada mercadoria. Esses grupos geralmente eram liderados pelo mestre, que se caracterizava pela experiência e habilidade no ofício. Aprendendo com o mestre e ajudando nos serviços, existiam os aprendizes. Entre essas duas posições funcionais, havia uma terceira que constituía o meio caminho para o mestre: eram os oficiais. Assim, mestres, oficiais e aprendizes participavam ativamente da produção. A divisão do trabalho era escassa e muitas vezes inexistente. O produto final era elaborado por todos os membros. Todos tinham a noção da totalidade do trabalho e eram donos de sua mercadoria.(CARDONI e BERTONE, 1988)

Os grupos de trabalhos artesanais eram ligados aos “Gilds”, espécie de associação ou sindicato geral do trabalho. Os “Gilds” agiam em assuntos legais, funcionais e profissionais, não permitindo a excessiva capitalização de uma célula e limitando os lucros e regulando sua distribuição. Porém, o mais importante nos “Gilds”, segundo aqueles autores, é que no mundo artesão havia uma situação na qual os desejos do produtor - particularmente seu desejo de ser reconhecido como indivíduo, ainda que somente no seu mundo funcional - eram passíveis de substancial satisfação.

Com o advento da industrialização, houve uma quebra da harmonia nesse tipo de trabalho. As habilidades e capacidades profissionais foram desvalorizadas e a possibilidade de auto-expressão do trabalhador anulou-se, ou seja, ele passou a não criar mais um artigo, e apenas

colaborar, por vezes inconsciente e mecanicamente, na criação de um produto sobre o qual deixou de ter controle e que foi incorporado pelo dono do meio de produção.

BRAVERMAN (1987:72) diz que a divisão pormenorizada do trabalho, ao contrário da sua divisão social, tornou o trabalhador incapaz de acompanhar qualquer processo completo de produção, pois enquanto a divisão social do trabalho subdivide a sociedade, a divisão parcelada do trabalho subdivide o homem. Se a subdivisão da sociedade pode fortalecer o indivíduo e a espécie, a subdivisão do indivíduo, “quando efetuada com menosprezo das capacidades e necessidades humanas, é um crime contra a pessoa e contra a humanidade”.

Mesmo com o trabalho fragmentado, até final do século XIX, os trabalhadores ainda detinham o conhecimento necessário à execução das atividades laborativas nas fábricas e eram os sindicatos que contratavam os oficiais para a execução dos serviços previamente definidos pelos empregadores. Até então, embora a forma de trabalhar fosse fortemente dividida, o conhecimento acumulado do trabalhador ainda era fator de valorização do seu trabalho e conhecimento (HELOANI, 1996).

Entretanto, a necessidade de avançar, após quase dois séculos de experiências e tentativas de agilizar a produção, levou Taylor, nos Estados Unidos, e Fayol, na França, a lançarem um novo movimento de organização do trabalho. Baseando seus estudos nos tempos e movimentos e nas formas de organização administrativa, de uma forma científica, reorganizaram as linhas de produção, descrevendo e detalhando cada ação e dividindo-a em unidades. Ao descrever as ações necessárias à determinada produção, de uma forma deliberada ou não, retiraram do trabalhador o conhecimento acumulado durante anos de trabalho e o repassaram ao dono do capital, através dos manuais técnicos e de organização.

Assim, os manuais descritivos de atividades, de cada movimento e de cada rotina, por menor que fossem para a produção de algum bem, passaram a ser a memória das ações laborativas, possíveis de serem executadas por qualquer pessoa, desde que pudessem ler corretamente as instruções dadas.

Mas no bojo do discurso ideológico do taylorismo, para vencer a resistência que o trabalhador apresentava no quotidiano, estavam as promessas do bem-estar pelo acesso aos bens produzidos, a eliminação das atividades desnecessárias à realização das tarefas, a menor fadiga na execução das atividades e o aumento dos ganhos salariais com a organização da produção.

Por outro lado, este discurso escondia o despojamento do trabalhador do seu conhecimento acumulado durante anos de trabalho e da possibilidade de guardar para si uma nova descoberta na agilização de seu trabalho. A administração científica, com o estudo dos tempos de movimentos e a vigilância sobre o trabalhador pelos fiscais de linha, retiravam dele qualquer nova descoberta de melhoria ou aceleração do seu trabalho. O conhecimento, que não mais estava com o operário, mas sim em poder dos técnicos e engenheiros, permitia outra divisão do trabalho: o planejamento e a execução. O planejamento cabia à gerência e a execução, como o descrito, aos trabalhadores (HELOANI, 1996; FRIGOTTO, 1996).

A esta etapa do desenvolvimento da indústria, no início do século passado - denominada Administração Científica do Trabalho - muitos autores nomeiam de Segunda Revolução Industrial, tal o seu peso no desenvolvimento da produção, no barateamento do produto final, na concentração do capital e no controle das atividades do trabalhador.

Ford, logo em seguida, com base nas recomendações da administração científica, implantou as linhas de montagem. Um ato simples de inversão do movimento. Ao invés do trabalhador se deslocar para manusear os materiais e ferramentas necessárias à execução das tarefas, os materiais vinham até ele, através das esteiras, nas linhas de produção.

No que se refere à aceleração da fabricação, ao barateamento do produto, ao controle do trabalho e à gerência das atividades, o fordismo representou um avanço no processo de modernização das sociedades ocidentais. Aliás, houve com o fordismo um avanço tão expressivo na aceleração da produção, apresentado como sonho e projeto de se instaurar a qualidade de vida pelo acesso aos bens de consumo que nem mesmo a antiga União Soviética teve outra forma de produzir que não fosse pela adoção das linhas de montagem, com o controle e com a divisão do trabalho entre planejamento e execução, no que pese o destino do resultado final diverso da produção dado pelos pelo comunismo e pelo capitalismo (BUARQUE, 1994; HELOANI, 1996).

Todavia, olhando pelo lado do trabalhador, esse processo mudou radicalmente sua relação com o trabalho, que já vinha fragmentado pelo advento da industrialização, passou, a partir do taylorismo e do fordismo, a ser cada vez menos significativo para o sujeito que viu diminuídas as possibilidades de planejar, executar, controlar e avaliar o produto do seu próprio trabalho.

Com a fragmentação do trabalho, deu-se também a fragmentação do homem, como sujeito. Novos hábitos lhes são inculcados, desde a infância, para se transformarem em “*corpos dóceis*” no dizer de FOUCAULT (1983), pois o mundo da linha de montagem necessitava de ser suprido com mão-de-obra barata, obediente e submissa. Restou-lhes apenas a busca de alternativas de resistir, de se transformar, de se compreender enquanto escravo para atingir sua liberdade, de se apropriar de outros espaços, de estabelecer táticas de resistência. (KOSIK, 1986; CERTEAU, 1999)

Nesta empreitada de nova ordem das coisas e dos interesses dominantes, engajaram-se organismos sociais, entre eles a escola, com objetivo de construir regras sociais que correspondessem aos objetivos da sociedade e sobrepujassem os desejos do indivíduo. Os interesses da sociedade estariam sempre acima do interesses individuais. Assim, os valores básicos da sociedade deveriam ser reproduzidos para que os indivíduos os internalizassem durante todas as etapas do seu ciclo de vida (FERNANDES ENGUITA, 1985, 1989; CHARLOT, 1986; SEGININI, 1988; FRIGOTO, 1996).

A escola seria, por excelência, a continuação da instituição família e deveria ter por objetivo produzir cidadãos e trabalhadores ordeiros, obedientes e cumpridores de seus deveres. Antes de tudo deveriam ser capazes de entender que o desenvolvimento e o bem-estar da humanidade dependiam de seu grau de engajamento, da sua quota de sacrifício, da sua responsabilidade com as gerações futuras. Precisavam acreditar que seu ciclo de vida é algo marcado, determinado, independente de sua vontade, do seu querer. O seu sucesso como cidadãos de bem, higienizados, dependeria apenas de seu esforço de articular o que a sociedade e a natureza lhe concedia como dádiva, como talentos (DONZELOT, 1986; COSTA, 1989)

Assim, ciclo de vida, escola e trabalho estão imbricados na concepção, formação e desenvolvimento do ser humano vinculado a um projeto mais amplo da sociedade da qual ele faz parte. O trabalho há muito deixou de ser a possibilidade de realização da humanidade de cada um, como entendia Marx. Passou a ser algo fragmentado, num modelo fabril que continua a separar as partes no processo de produção de um objeto, ou de um serviço. O trabalho deixou de ser aquilo de que o homem lança mão para transformação ampla da natureza em benefício de si mesmo e da sociedade. O trabalho assalariado, no mundo capitalista de consumo, é apenas a execução de tarefas que aos poucos passaram a ser exercidas pelas máquinas. Mesmo que se mude o referencial de organização do trabalho, ele será, por muitos anos, referenciado pela

maneira capitalista de se pensar o homem como uma peça, um recurso.

Com efeito, a educação e o trabalho também têm outro lado: o de possibilitar ao indivíduo ampliar seus conhecimentos e analisar-se como sujeito de sua história ao lhe disponibilizar dados para uma compreensão do mundo e do seu papel dentro dele. O trabalho de SILVA (1985:57) discute esta possibilidade de que, enquanto processo de incorporação cultural, a educação e trabalho também trazem em seu bojo a possibilidade de contribuírem para a *“explicitação, consolidação e alteração dessas formas de viver e constitui base para conhecer, interpretar e até mesmo incorporar outras formas”*.

A formação para o trabalho também pode confundir-se com o processo de educar-se, que não consiste simplesmente em formatar-se, mas também em desenvolver a capacidade *ontocriativa* do ser humano - de transformar enquanto se transforma - e de engendrar formas de resistência quotidiana ao que lhe é imposto pela sociedade capitalista que, ideologicamente, promete ao homem qualidade de vida, via consumo.

4 – RESULTADOS

Oito sujeitos com idades, gêneros, etnias, escolaridades, classes sociais e profissões diferentes, disponibilizaram, pelas suas histórias de vida, as relações que tiveram com a escola, com o trabalho, com a aposentadoria e as conseqüências delas advindas no seu processo de construção como sujeitos.

Das diferenças e semelhanças entre as histórias surgiu, em comum, o processo de envelhecimento como o “destino” inexorável, desejado e temido, construído na temporalidade do sujeito (BIRMAN, 1995), na relação com o outro (MESSY, 1993), na interação com o ambiente.

Na história coletiva da humanidade, na qual se inserem as histórias destes oito sujeitos, o que os igualou foi o trabalho, como marca comum e importante categoria na análise do processo de construção da vida em sociedade e por conseqüências de suas próprias vidas.

O trabalho foi categoria comum a todos os sujeitos participantes da pesquisa. Ele, apresentado na concepção da divisão social ou na sua forma taylorista, foi visto como uma ação contínua através da qual cada um pôde expressar sua capacidade humana de prover e prover-se.

No longo período de preparação das crianças para serem provedores, a aprendizagem para o trabalho foi sempre incentivada de forma sistemática, pela família e pela escola. Assim, ao longo da infância e da adolescência, cada um dos sujeitos formou hábitos voltados ao trabalho e introjetou os valores da sociedade capitalista que, dividida em classes, estabelece uma hierarquização no desenvolvimento das ações humanas, como necessárias à manutenção do sistema social no qual foram educados (DURKHEIM, 1978).

As promessas das instituições sociais presentes na vida dos sujeitos, sintetizadas pelo ideário das famílias burguesas como corolário dos princípios da modernidade, foram trabalhadas na infância e na adolescência, para garantir a reprodução automática e inconsciente dos valores maiores desta sociedade.

A escola para as classes populares, instalada a partir do século XIX, embora

tenha possibilitado aos indivíduos ampliar sua visão de mundo a partir do domínio dos conteúdos curriculares, procurou desenvolver hábitos nos educandos que os levassem a ser homens obedientes, dóceis e capazes de suportar a rotina do trabalho em série, repetitivo e fragmentado que, aceleradamente, se instalou no mundo ocidental.

No modelo do novo trabalho industrial e fabril, os postos de trabalho sempre foram destinados aos mais ágeis, fortes e rápidos, características físicas marcantes da juventude e da idade madura jovem. No trabalho intelectual, destinados às classes mais privilegiadas, aos que freqüentaram as escolas para as classes burguesas, somava-se à agilidade física, o domínio de conteúdos e a atualização permanente via educação para o trabalho, hoje ampliada e enfocada como educação para a competência (FERNANDES ENGUITA, 1985, 1989; CHARLOT, 1986; ROPÉ e TANGUY, 2001; MACHADO, 2002).

Com o envelhecimento, o não-trabalho pela aposentadoria levou cada um dos sujeitos a perceber as suas vidas de maneiras diferentes, embora todos estivessem submetidos à mesma ideologia. Seus caminhos desenhados na infância e na adolescência, longo período de introjeção dos hábitos e dos conceitos fundamentais da sociedade em que estavam inseridos, passaram a nortear suas ações durante as etapas seguintes de sua vidas.

Apesar de este trabalho não se propor a examinar as diferenças do sexo masculino e feminino, a própria divisão dos subgrupos para análise apontou que havia algo “natural” e esperado na divisão de trabalho “produtivo” e doméstico.

Sem a intenção de se aprofundar nesta questão, tornam-se necessárias algumas considerações sobre esta relação socialmente construída de destinar aos homens as atividades na esfera produtiva e às mulheres na esfera reprodutiva, segundo KERGOAT (2002).

Desta forma, a divisão social do trabalho por sexo, na modernidade, acabou firmando algumas crenças: a primeira é que há trabalhos de homens e trabalho de mulheres; a segunda, que o trabalho do homem vale mais do que o trabalho das mulheres; a terceira que, mesmo a mulher assumindo também o trabalho produtivo, é “natural” que continue com o trabalho doméstico.

A sociedade legislada por homens, na cultura ocidental, acaba em nome destas crenças explorando o trabalho profissional das mulheres e ainda, na expressão de KERGOAT (2002) *extorquindo* delas o trabalho extra, sob a forma de trabalho doméstico.

As mulheres, educadas para assumir este papel social “natural”, desenvolvem qualidades da meiguice, da generatividade e da dedicação “por amor” que acabam por conformá-las a situações de submissão, enfrentamento e adaptação, quando necessitam ingressar no trabalho “produtivo” que, por sua vez, não as libera do trabalho doméstico. Muito pelo contrário, impõe-lhes dupla jornada.

Após sua aposentadoria, as mulheres retornam, quase sempre, por inteiro, ao trabalho primeiro que a “natureza” lhes impôs e continuam aptas a desenvolvê-lo, como o socialmente esperado, por toda a vida, dentro de seu espaço doméstico em que nunca se exaurem as possibilidades da atenção permanente destas provedoras. As mulheres desempenham com eficiência seus papéis centrados na atenção, em especial, a aqueles que delas “dependem”, com o sentimento generativo próprio dos estágios superiores do desenvolvimento do ciclo vital, como discutido por ERIKSON (1976, 1989; 1998).

Hoje, os assalariados aposentados marcam seus dias pelas lembranças do tempo em que produziam, eram reconhecidos como trabalhadores produtivos e podiam consumir e se manter independentes. Em suas histórias únicas, mas também comuns aos trabalhadores da modernidade, estão registrados os fatos que os tornaram sujeitos, a preparação para serem provedores, a relação com as famílias, a vida no trabalho, o tempo de aposentado, as formas como perceberam o mundo, as resistências que desenvolveram às tentativas de negação como senhores de sua história, o enfrentamento dos sintomas depressivos e a tomada de consciência como sujeitos excluídos para, *ontocriativamente*, refazerem seus projetos de vida no espaço social que lhes restou.

Os dados destes oitos sujeitos registrados em suas memórias, como “testemunhas vivas da história”, na expressão de Ligia PY (1999), expõem suas caminhadas individuais e com elas a da sociedade em que estão inseridos. A história de cada um leva a apreender as relações sociais em que se insere a dinâmica de vida de cada sujeito (LANG, 1996; VON SIMSON, 1996).

São pessoas comuns, que viveram ao nosso lado, como nossos pais, nossos amigos, nossos empregados, nós mesmos. São trabalhadores assalariados, analfabetos e escolarizados, homens e mulheres, pobres e de classe média, negros, brancos, pardos e amarelos que compõem conosco a *sociedade dos descartáveis* (ARRUDA, 1986), ou melhor, que tecem conosco a *comunidade de destino* (BOSI, 1987).

A análise dos dados foi dividida em cinco partes. Na primeira, analisou-se o **subgrupo 1** composto pelas duas mulheres analfabetas. Na segunda, o **subgrupo 2**, composto pelas três mulheres escolarizadas. Na terceira, comparou-se os **subgrupo 1** e o **subgrupo 2**, compostos pelas cinco mulheres. Na quarta parte, analisou-se o subgrupo 3, composto de três homens. Na quinta, comparou-se a análise dos resultados dos dois grandes grupos: o das mulheres (**1 e 2**) e o dos homens (**3**).

As falas dos sujeitos estão numeradas e orientam o leitor para onde as mesmas se encontram no depoimento de cada sujeito, no volume II, em anexo.

Quadro-síntese dos dados sujeitos da pesquisa, por subgrupo

| Sub-grupo | Nome | Idade | Estado civil | Escola- ridade | Gêne- ro | Profissão | Etnia | Domi- cílio | Aposen- - tadoria | Sintoma depressão |
|------------------|-------------|--------------|---------------------|---------------------------|---------------------|----------------------------|--------------|------------------------|----------------------------------|------------------------------|
| 1 | Oláia | 96 | Viúva | Analfabeta | F | Doméstica | Negra | LVC | 1 SM | Não |
| | Augusta | 84 | Viúva | Analfabeta | F | Trab.Rural Doméstica | Negra | LVC | 1 SM | Não |
| 2 | Ulda | 81 | Solteira | Primário | F | Trab.Rural Doméstica | Branca | LVC | 1 SM | Sim |
| | Esther | 74 | Viúva | Médio | F | Tec.Farmácia Secretária | Branca | LVC | 4 SM | Sim |
| | Karen | 54 | Casada | Técnico Secretariado | F | Secretária | Branca | Com a família | 10 SM | Sim |
| 3 | Júlio | 82 | Divor- ciado | Superior | M | Economista vendedor | Branca | LVC | 3 SM | Sim |
| | Carlos | 56 | Casado | Primário | M | Tec. Manu- tenção | Parda | Com a família | 7 SM | Sim |
| | Irineu | 55 | Casado | Superior | M | Economista | Amare- la | Com a família | 20 SM | Sim |

4.1 O subgrupo 1 - Oláia e Augusta: as duas mais velhas, negras, analfabetas....

Oláia⁷ e Augusta são as duas mulheres mais velhas do grupo pesquisado. Além da idade avançada, têm em comum o fato de serem negras, de classe social baixa, filhas de lavradores, trabalhadoras rurais e empregadas domésticas, viúvas, aposentadas e institucionalizadas.

A primeira tem 96 anos e a segunda 84. Ambas nasceram na primeira metade do século passado, na roça, nunca freqüentaram a escola, trabalharam até perder a saúde, se aposentar e ir morar no Lar dos Velhinhos de Campinas.

4. 1.1 –A história de Oláia.

Oláia, a mais velha, era neta de escravos.

Tanto a minha avó (como) minha mãe já eram livres. Agora a mãe do meu pai chegou a pegar (a escravidão). Minha avó, pro lado do meu pai, era escrava.(46)

Não conviveu com o pai que abandonou a família quando ela era criança. Foi criada por sua avó, sua mãe e por um tio, com os quais viveu durante toda a vida e com quem aprendeu a trabalhar.

Quando não tava brincando, tava perto de minha mãe, procurando alguma coisa para fazer... Minha mãe não deixava fazer e falava: vai brincar, menina! Ia com a minha avó, dizia: ah vó, deixa eu deixa eu fazer um pouco... lavar esse prato pra senhora...a senhora tá cansada e a senhora não pode fazer esse serviço. E ela me deixava, foi assim que eu aprendi a trabalhar.(60)

⁷ Oláia é o nome que L. escolheu para o seu pseudônimo. Era o nome de sua avó

Oláia não freqüentou regulamente a escola. Chegou a ser matriculada, mas não soube precisar direito o tempo que freqüentou. O certo é que não aprendeu a ler ou a escrever. Hoje, aos 96 anos, é analfabeta.

(A escola) *Era na fazenda. Fui apenas alguns meses. Não me lembro, mas não chegou a um ano. (88)*

Oláia, desde pequena, fez “opção” pelo trabalho, o que foi referenciado por sua mãe e sua professora, lá pelos anos de 1911. Talvez, no imaginário da mãe e da professora o destino de uma mulher negra, neta de escravos, lavadeira, fosse mesmo o trabalho braçal e não a escola.

Eu fui na escola, eu fui só uns dois dias. Eu tava escrevendo, baixei a cabeça e fiquei assim...daí a professora falou assim: que que você tem, tá doente? Falei: não! Minha mãe tinha muito trabalho aí eu pensei: eu não venho mais! Vou ajudar a mãe a trabalhar. Trabalhando ela me dava, todo domingo, um vestidinho novo, eu sempre ganhava um vestidinho. Aí, quando foi no outro dia minha coleguinha foi me chamar - eu tinha só uma colega - ela mora aqui em Campinas e faz muito tempo que eu não vejo ela. Aí ela foi me chamar pra ir junto com ela para escola e eu falei pra ela: ah, hoje eu não vou! A minha mãe perguntou: por quê? Falei: ah, mãe a senhora - , falei pra ela - óia quanta roupa que a senhora tem pra passar, lavar. A senhora tá esperando a vó que tá lá no rio. Disse: ah, se a senhora deixar eu pegar no ferro eu pego, se não vou ajudar a vó no rio! Minha mãe olhou bem pra mim e não disse nada. E eu não fui mesmo mais pra escola. Peguei a bacia de roupa e fui embora. Minha mãe falou pra mim: mas você precisa aprender! Disse para ela: acho que a gente trabalhar nunca é demais, né, mãe? Eu falei assim pra ela. Minha mãe falou assim: tá bom! Aí a professora mandou me chamar, aí minha mãe foi lá e falou que eu não ia mais, que não queria. Aí a professora falou assim: oh, se ela tem vontade de ajudar a senhora deixa ela que ajude, que ela aprende a trabalhar!. E eu fiquei ajudando a minha mãe. Eu não tenho medo de serviço, vou falar uma coisa pro senhor, não tenho medo de serviço de jeito nenhum. Sempre trabalhei. Larguei o serviço só para vir pra cá (para o Lar dos Velhinhos) (80).

Oláia teve uma relação intensa com o trabalho, durante toda a sua vida. Primeiro, na fazenda onde foi criada. Não se adaptou ao trabalho da lavoura. Sua avó e sua mãe sempre foram lavadeiras, passadeiras e às vezes, cozinheiras.

(Na Fazenda) *A gente ia trabalhar na roça. Eu fui trabalhar na roça um dia,*

mas eu não agüentei. Eu tava acostumada a lavar e passar. (134)

(Minha mão)... era fina. O ferro de passar dá calo, mas não dá muito. Mas a enxada, Deus me perdoe! Aí nunca mais quis saber... Para quem está acostumada não tem problema, mas para quem não tá é muito ruim. Falei: deixa eu começar a lavar roupa ou, se não, ser pajem de criança... Aí minha mãe cozinhava lá pra eles e lavava roupa lá pra eles e eu ajudava. Era eu, minha mãe e minha avó no trabalho de lavar passar e cozinhar. Aí quando minha mãe ia na fazenda e faltava cozinheira ela cozinhava, minha avó lavava e eu ajudava. (136)

Já casada, separada e com dois filhos resolveu deixar a fazenda e foi para Campinas em busca de melhores salários. Depois de alguns anos foi trabalhar em São Paulo, pelo mesmo motivo, retornando em definitivo para Campinas, oito anos depois.

(Em Campinas) Eu era arrumadeira, lavava, passava e arrumava a casa. Eu acabava meu serviço que eu tinha pra fazer e ainda ajudava a lavar a louça pra cozinheira, pra não ficar parada.(164) . Falei: ah meu Deus! Falei: eu aqui preciso viver, trabalhar! Precisava mandar dinheiro para minha mãe e para meus filhos. Naquele tempo a roupa era lavada a um tostão a dúzia. Pro senhô vê quanto tempo faz que acabou, ne?. Mas ficar assim, trabalhando e lavando roupa a dúzia, pensei bem, não ia dar certo, não ia dar pra viver. (166)

Ai eu resolvi ir embora. Eu fui embora pra São Paulo porque aqui ficou ruim. Não tinha quase emprego e o salário era baixo. (200)

Ah, eu trabalhava, não enjeitava serviço não. Quando saía (para passear) eu dizia: ah, vou em tal lugar! Quando eu voltava, dava conta de todo o serviço. Quando entrava numa casa, eu trabalhava e fazia todo o serviço. Aí eu chegava pra patroa e dizia, quando terminava o serviço: agora a senhora vem ver! Se tá bom a senhora fala, e se não tá a senhora pode falar! Podia falar mesmo eu não me importava. (208)

No entanto, aliado ao trabalho, Oláia se divertia, diariamente, nos bailes e nos cordões carnavalescos, em que era passista. Assim aproveitou todo o seu tempo de não-trabalho freqüentando os espaços onde pudesse dançar, coisa de que gostava muito.

Dançava mesmo, dançava todo dia. Eu não perdia baile. Eu levantava pra fazer café, meu patrão que era tenente. Ele via quando eu chegava (de madrugada) e levantava pra fazer o café pra ele. Ele dizia: você dança, do jeito que você dança, e não perde hora! Falei:

perder hora? Falei: quem tem que trabalhar, sou eu! Sou eu que tem que deitar pensando no serviço, ainda falei pra ele.(264)

Eu ia no baile, arranjava lá (um namorado), ah mas quando o negócio começava ficando sério aí...eu pensava, vamos mudar de baile. (284)...

É. Aqui em Campinas, eu pulei carnaval em tudo quanto foi cordão. Eu já começava dançando antes do dia do carnaval. Naquele tempo, eu fiquei me divertindo. Quando eu comecei a trabalhar de novo, uma colega minha falou pra mim: Ah, Oláia vamos participar do Carnaval, tem ensaio toda semana. Eu falei: vamo! Aí eu ia e ficava até de madrugada. Depois voltava e de manhã tava de pé para trabalhar. Nunca deixei de cumprir minha obrigação... Aí a gente ia para os cordões e ensaiava a semana inteira. Dancei neles todos aqui em Campinas. Cada ano um. Eu gostava muito (risos) era passista.(302)

Casou-se aos 16 anos, ainda na fazenda. Sua experiência com o casamento não foi bem-sucedida. Um dia, resolveu romper com tudo e mandar o marido embora. Ficou morando com a sua avó, sua mãe, seu tio e seus dois filhos.

(...) Aí quando meu marido chegou do serviço, jantou bem, trocou de roupa, eu peguei e fiquei esperando. Quando ele saiu porta pra fora, na hora que ele passou o portão, fechou o portão, falei: escuta, vem cá, quero falar uma coisa! Quero perguntar um negócio procê! Aí ele falou: quê é? Falei de forma bem forte, olhando nele: a porta da rua é a serventia da casa! Aí ele falou assim: por quê? Falei: porque sim. Falei: eu não quero mais saber de ter home!. Então pode ir embora! (...). (114)

Depois disto, não quis ligar-se a homem nenhum.

Eu não! Falei: chega! Eu disse: carreguei uma cruz, vou carregar outra? Falei: eu não! Assim foi minha vida até hoje. Gostava de dançar, conversar, brincar, mas só. Tinha um rapaz lá em São Paulo que chamava...ele era de Corpo de Bombeiros... morava na Brigadeiro Tobias, lá... . perto do...(286) .

Quando ele tava de forga do serviço ele corria lá e ia pro baile, aí nós ficava dançando...Quando ele não tava de forga, ele queria me buscar quando acabava o baile. Ele dizia: você me espera pra eu vim te buscar! . Eu falava: tá certo! Mas, quando acabava o baile eu dizia pra Joana, minha amiga: oía, eu vou por aqui e ocê vai por ali. Se ele encontrar e perguntar de mim ocê fala que ocê não sabe...(risos)...(288)

Minha amiga era mais interessada... mas, eu não queria home atrás de mim.

Quando ficava assim querendo isto, aquilo eu mudava de cordão ou de baile... (306)

Em Campinas, perdeu avó, o tio, a mãe e os filhos. Ficou sozinha, envelheceu, mas continuou trabalhando, mesmo aos 90 anos, para se sustentar pois, não tinha ainda se aposentado. Foi neste período que surgiu a oportunidade de vir para o Lar dos Velhinhos.

Sempre trabalhei e me sustentei. Mesmo antes de vir para cá eu trabalhava. Passava roupa para uma senhora. Morava num quartinho que eu pagava. Lá eu cozinhava para mim. Mas já tava cansada. Tinha dia que não agüentava ficar de pé o tempo todo. Eu não tenho nada. Só minhas pernas é que dói, às vezes. (316)

Um dia eu fui na venda, perto de casa, comprar alguma coisa para comer. Tava com dificuldade de andar, naquele dia. Aí tinha uma muié lá, uma senhora bem vestida, bonita. Aí ela disse: tudo bem com a senhora? Eu falei: tudo! Só com dor nas pernas! Aí ela falou: e fica andando por aí? E falei: oh, se eu não fizê quem cuida de mim? Antão ela quis saber o que fazia, onde morava...e passou lá pelo meu quartinho. Aí ela falou para mim que era perigoso ficar sozinha e se seu não queria ir para um lugar para as pessoas velhas. Eu falei que tava bão. Ela apanhou meu nome e endereço e um dia uma doutora foi me visitar e depois eu vim aqui com ela. Aí, depois de alguns dias eu estava aqui...(318)

Oláia nunca esteve doente. Nunca tomou remédio. Nunca teve depressão ou sintomas depressivos. Quando ela refere-se à depressão fala de uma coisa que só vê nas outras pessoas e não nela.

Nunca fiquei doente. Só a perna que dói, mas não ligo. Ando, faço minhas coisas... não fico reclamando. Às vezes vejo as outras tristes, com depressão, com raiva, com saudades... Eu não! Não sinto e nunca senti nada disto! Nunca fiquei triste. Nunca precisei tomar remedi. Vivo hoje a minha vida. O que passou, passou. A gente não muda as coisas. Vivo como posso. Tô bem.(324)

4.1.2 –A história de Augusta

Augusta tem a mesma origem e pertence à mesma classe social de Oláia.

Filha de pais trabalhadores rurais. Foi abandonada pela mãe quando tinha cinco anos e doada pelo pai a uma família branca que a criou.

Sua criação, juntamente com outra menina negra como ela também adotada, não lhe dava o status de filha branca, como os dois filhos biológicos do casal. Foi criada para o trabalho e no trabalho. Só conseguiu romper o círculo de sua vida restrito e centrado no trabalho massacrante que seu pai adotivo lhe impunha, após seu casamento, aos 40 anos de idade.

Eu tava com cinco anos quando minha mãe largou de meu pai. Meu pai andava comigo para baixo e para cima. (8)

Eu só tinha aquele cabeção, aquele barrigão de lombriga, aquele, aqueles zoião. Aí ele me levou, perguntou se eles (uma outra família) me queriam também. (...). Aí ele pegou e me levou pra lá. E meu pai mandou fazer dois vestidos e um gorro e me levou pra lá. Chegou lá, eu me alembro como se fosse hoje. Ela me levou lá pra cozinha, meu pai ficou na sala. Eu queria voltar logo e ela me segurava na cozinha.... Ai a mulher que me criou trouxe uma lata de quilo cheio de comê, e eu não comi quase nada. Ai eu peguei uma colheradinha de comida e me lembrei do meu pai e quando eu fui na sala, cadê meu pai? Ai papai! Cadê meu pai? ...Aí comecei a chorar.(28)

Quando foi uma vez ele foi lá ele falou assim: minha filha a próxima vez que vier aqui eu vou trazer um vestido procê! . E a gente não esquece não, né? A próxima vez que meu pai foi, eu fui encontra com ele: bença pai! Deus te abençoe! Pai, cadê meu vestido? Pronto! Nunca mais! Acho que ele ficou triste, porque às vezes ele não tinha o dinheiro pra comprar, não é mesmo? E ficou triste de eu falar que ele tinha prometido e depois eu cobrar o vestido dele e nunca mais apareceu. Depois eu via ele no sonho, no sonho eu via ele. Depois agora faz muito tempo que eu não vejo ele no sonho. Eu sempre via ele.(30)

A vida de Augusta, desde cedo, foi de muito trabalho e trabalho pesado. Fazia de tudo na roça e na casa, juntamente com outra menina negra adotada e criada nas mesmas condições.

E desde de idade dos cinco anos, quando fui pra essa casa. O primeiro serviço que eu fiz era de carpir cana, plantar café, socar arroz no pilão. Ele tinha trinta e dois camaradas e eu e outra (uma outra menina negra que criavam). Aí não tinha forga, não tinha domingo, não tinha dia santo, não tinha feriado, não tinha nada ! Quando tava chovendo, tava nós tava socando arroz, era socando café – o café era socado também no pilão, peneirado na peneira.. Quando era dia de sábado, nós cortava cana e carregava pra moer na engenhoca. Quando era dia de domingo, levantava quatro horas da madrugada, todos nós, eu e a outra e os camaradas para moer cana. Tinha um tacho que cabia quarenta litros de garapa e tinha outro que cabia vinte. Quando o dia clareava aqueles dois tachos estava cheio. Aí nós fazia açúcar, fazia rapadura. Açúcar é duro pra fazer! Todo domingo, acordava cortava cana ia para a cozinha:.. era doce, era rapadura, era açúcar... E tinha um terreirão de café. Quando chovia, armava o tempo de chuva a noite, aí levantava à noite e o café era recolhido correndo.(30)

Às vezes dava tarefa pra nós. A gente era criança... aí nós começava a brincar, quando dava as quatro horas e ninguém (tinha feito nada e ai). Ai não dava mais tempo, aí era que a gente ia começava trabalhar correndo e ele chegava no serviço com palmatória.(36).

(Eu trabalhava muito) podia ser o homem grande que fosse, mas quando era na colheita, um dia eu abanei - foi na (fazenda) Barra Mansa - eu abanei trinta e dois sacos de café e meio, amarrado pela boca. (...). E de tarde quando era cinco, das quatro horas as cinco, nós bardeava, por que a carroça passava para pegar.(214)

Abanar café, arroz não é fácil, não. Apenas parece. Demora. (221)

Na vida de Augusta só havia lugar para o trabalho. Não havia lugar para o lazer. Mas ela suportava esta falta e transformava o que tinha em diversão, como forma de resistência à dominação que lhe era imposta. Trabalho era diversão (30).

Quanto mais você sofre, mais Deus ajuda a gente, pois a gente agüentava. Quando chegava domingo, nós ficava contente. Chegava dia de domingo a gente levantava cedo, tomava banho e ia pra missa. Chegava da missa tirava o vestido e ia trabalhar. (30).

Dia de sábado, saía meio dia da roça. Aí lá, em casa ela, ia socar café e eu ia passar roupa, qualquer roupa, dos camaradas, deles tudo, desde pequena eu passava roupa, terno de linho, tudo deles. E naquele tempo era tudo engomado, tudo engomado, eu era passadeira. Eu ia passar e ela (a outra menina que criavam) ia limpar o terreiro e torrar café.

Ele – meu pai de criação - falava assim pra nós: olha, se ocês apanhar mais um saco de café cada uma eu deixo vocês ir no baile. A gente fazia todo o serviço e ia correndo apanhar mais um saco de café.(...)Aí quando era na hora chegava ele e a mulher, cochichavam e dizia: hoje não vai ninguém! Aí era hora de eu chorar... (50)

Augusta, como Oláia, também não freqüentou escola quando menina ou moça⁸. A escola era só para os dois filhos da família. Talvez, a mesma ideologia que norteou a tomada de decisão da professora e da mãe de Oláia para retirá-la da escola perpassasse, o casal que criou Augusta. Mulher, negra, sem eira e nem beira tinha que trabalhar e não estudar.

Não, nós duas não (ela e a irmã de criação, não iam a escola). Nós duas só no serviço, só nós duas, é só no serviço (...). O trabalho era marcado, tinha tarefa e que terminar senão, óia...(68) Agora os filhos dele, a filha, o filho iam (à escola) (66)

Augusta se casou aos 40 anos com um trabalhador rural, 18 anos mais novo que ela. Trabalharam juntos na roça, mudaram para várias cidades atrás de trabalho até virem para Campinas. Na cidade, ele foi ser servente de pedreiro e ela empregada doméstica.

Depois nós mudemos pra Campinas. Quando eu vim pra aqui pra Campinas meu filho tava com dois anos e meio. Fui morar perto de São Bernardo. (386)

Em Campinas compraram um terreno fizeram uma casinha e começaram a viver até que o marido morreu. Com a morte do marido teve que trabalhar dobrado para criar o filho e continuar pagando o terreno.

Tinha 74 anos, quando seu único filho morreu, aos 34 anos de idade. Sozinha, Augusta continuou a trabalhar como doméstica para sobreviver. Um dia adoeceu, recebeu apoio de um Centro Espírita que freqüentava, foi internada e, quando teve alta, foi para o Lar dos Velhinhos.

Seu enfrentamento da vida é positivo, mesmo em face de todas as perdas que teve. O sofrimento, o trabalho, o abandono pelos pais, os castigos, a falta de lazer, a morte do marido e do filho, nunca foram representados por Augusta como perdas irreparáveis. Pelo contrário, tudo isto parece ter contribuído para o enfrentamento desta sua fase final de vida com segurança e sabedoria.

É, mas foi bom! Quanto mais a gente sofre, mas a gente vive...(54).

⁸ Augusta freqüenta, atualmente, a escola mantida no Lar dos Velhinhos, e está aprendendo a ler e escrever.

Quanto mais a gente sofre de pequeno, quando fica grande a gente, cada vez a gente vive, aprende mais as coisas.(56)

Agora a gente tem essa idade, mas se não sente nada, vai trabalha, quanto mais eu trabalho pra mim é melhor pra mim . Eu trabalho de duas formas: trabalho espiritual, estudando o evangelho e trabalho o material. Para mim é uma alegria..(432)

Augusta, como Oláia, só se aposentou quando ficou doente e foi para o Lar do Velinhos. Recebe um salário mínimo do qual 70% vai para a Instituição que lhe provê tudo e os outros 30% ficam com ela.

Augusta, não apresenta e nunca teve registro de depressão ou de sintomas depressivos, em sua história ou em seu prontuário. Para ela

“ não tem ninguém doente! Todos que têm negócio de depressão de tristeza é bobagem. A pessoa, a pessoa tá doente, vai no médico, toma remédio, melhora um pouquinho, aí volta de novo, vai outra vez, toma remédio de novo, ai vai no médico de novo. É que eles não acredita. (34)

4.1.3 – Histórias que se cruzam: Oláia e Augusta

A forma como Oláia e Augusta teceram as suas histórias, exercendo seus papéis numa sociedade excludente, mostra a resistência que cada uma delas desenvolveu frente aos fatos negativos de suas vidas e aos que tentaram oprimi-las. O trabalho assalariado para elas, ao mesmo tempo que as submeteu, também as realizou. Nenhuma delas reclamou do trabalho. Pelo contrário, as duas tinham consciência de sua importância e de que “trabalhar era preciso”.

Para Oláia, o trabalho era dever e a dança, o prazer. Para Augusta o trabalho era o dever e prazer, juntos. Era exercício de superação da realidade que se sobrepunha a ela e com a qual não tinha como romper. Não havia muitas alternativas. Ambas lidaram com o trabalho como a possibilidade de sobreviverem, de prover os filhos e a si mesmas.

A preparação destas duas mulheres para serem provedoras, na infância e na adolescência, veio, através da relação familiar. Para Oláia, por imitação da avó e da mãe, como lavadeiras e passadeiras que eram da família senhorial que as empregaram. Para Augusta, ao

contrário de Oláia, pela imposição pela força, e pela inculcação de hábitos através do castigo impostos pelos pais de criação.

As histórias de Oláia e Augusta sugerem que a ausência da escola em suas vidas pode ter facilitado a manutenção da espontaneidade criadora de ambas, segundo o conceito de MORENO (1993). A falta da vida escolar imposta a estas duas mulheres negras deixou sem reforço sistemático e institucional, os valores ideológicos da sociedade capitalista que vê no trabalho assalariado a grande possibilidade de realização do ser humano.

Apesar do trabalho de Oláia e Augusta ter sido tratado como mercadoria, para elas ele era apenas uma forma de transformar a natureza para seu sustento e para manutenção de suas famílias. Assim, quando tiveram que parar de trabalhar, mas com a manutenção garantida pela acolhida no Lar, a sua aposentadoria não foi percebida como uma ruptura e como entrada num mundo de menor valia, reservado aos velhos tidos como “improdutivos”.

Por outro lado, cabe destacar que o trabalho de Oláia e Augusta, em sua grande parte, é um trabalho que, mesmo sendo assalariado, marcado, controlado, representa uma atividade milenar centrada na responsabilidade da mulher. Por estar ligado a um espaço doméstico, a mulher pode desenvolvê-lo durante toda a sua vida, sem restrições de idade, de nível cultural ou de classe social.

Para Oláia e Augusta as suas aposentadorias, ainda que tardias, não lhes significaram estar descartadas, ter menor status social ou desempenhar papéis inferiores, como o esperado no mundo moderno e defendido pela teoria da Modernização (COWGILL e HOLMES, 1972).

Pela maneira como construíram suas vidas, evidenciando a ausência da escola como formadora de provedores assalariados desejáveis ao trabalho no mundo moderno (FERNANDES ENGUITA, 1985, 1989; FRIGROTO, 1996, 1998) e pela presença de outros fatores de desenvolvimento de sua personalidade ao longo de seu ciclo de vida, (ERIKSON; 1998) parece, pelas suas histórias, que seus egos estão intactos e habilitados a fazerem investimentos em novos objetos⁹, a trabalharem seus projetos de vida.

⁹ Augusta hoje frequenta os bailes do Lar, estuda, lê os Evangelhos e namora um novo morador, 20 anos mais novo que ela. Oláia também vai aos bailes, mas não dança mais -“só fico apreciando”-, vai aos passeios e não perde festas promovidas pelo Lar.

4. 2 – O subgrupo 2 - Ulda, Esther e Karen: três mulheres, brancas, escolarizadas, aposentadas...

Ulda, Esther e Karen são as três outras mulheres do grupo pesquisado. Elas têm em comum o fato de serem brancas, escolarizadas, assalariadas, aposentadas e apresentarem sintomas depressivos. O que as diferencia são: a origem social, a idade, a trajetória de vida, o estado civil e a renda atual.

4.2.1 –A história de Ulda

Ulda tem 81 anos, nasceu na Lituânia. Imigrou com sua família para o Brasil, quando tinha seis anos de idade. Foi trabalhadora rural, no interior de São Paulo e depois empregada doméstica, nas cidades de São Paulo e de Campinas.

Freqüentou a escola primária, na fazenda para a qual foram contratados. Segundo seu relato, nesta fazenda, as crianças não trabalhavam na lavoura, antes dos 10 anos.

(..) .as crianças pequenas iam para escola (...) (20)

A primeira professora foi dona Iria. Uma mulher mais de idade, brava, mas nós era muito obediente. Nunca saía linha. Ela era muito brava. Mas, era boa. Nossa Senhora! Dava lanche. Ela não batia.. Mas ela foi embora da escola por causa de algo que aconteceu lá.

Era brava, sua palavra era ordem e ninguém desobedecia. Se fosse homem seria administrador da fazenda. Depois veio a Dona Iolanda (128)

Ulda, assim que completou o curso primário, foi trabalhar na lavoura do café, com a família que tinha um contrato para tocar doze mil pés de café. O volume de trabalho necessitava de aporte de mão de obra. Ulda foi preparada para isto através da instituição família e da escola.

Minha mãe e meu pai é que me ensinaram a trabalhar, a respeitar as ordens, a cumprir todas as tarefas, de não largar até que tivesse terminado tudo. (294).

Mas ela (D. Iolanda, a professora) deixava de castigo. Ficava fazendo lição para não comer merenda. Na hora da merenda não ia, quem não fazia a lição.(...)(130)

Fazia tudo. Plantava, apanhava café, tudo, capinava café, roçava pasto, tudo o que precisava. (22)

Eles pagavam por empreitada. Eles deixavam nas casas melhores os que trabalhavam mais. As pessoas que trabalhavam mais tinham casa melhor. Então o número de pessoa era importante. O meu pai tocava doze mil pés de café, doze, treze, por aí. E a gente dava conta de tudo.(48)

Sua família só trabalhava por contrato. Quando terminava um, eles sempre se mudavam, procurando melhores condições de vida. Assim trabalharam em várias fazendas, nas redondezas de Batatais. Um dia, o pai resolveu mudar-se para São Paulo. Todos se opuseram à mudança para a cidade, mas acabaram indo. Em São Paulo, foram morar num quarto onde ficaram acomodadas seis pessoas. Era tudo muito difícil para quem estava acostumado com espaço e fartura, mas se adaptaram.

Dois ou três dias depois já estávamos trabalhando. O Bruno (o irmão) foi trabalhar na Ford. O papai foi trabalhar na Nitroquímica de São Miguel. Eu também fui trabalhar lá numa máquina que faz rolo assim com linha. Então quando arrebentava a linha tinha que parar a máquina para emendar e soltar direitinho para ele funcionar outra vez.(198)

Permaneceu pouco tempo na indústria, da qual gostava muito. O pai ficou doente e a mãe a queria por perto. Foi então trabalhar como empregada doméstica. Trabalhou em várias casas, permanecendo mais tempo numa casa de família rica, na rua Bahia, como copeira. O esquema de trabalho era rígido, obrigava-se o uso do uniforme. Todo o serviço era controlado pela governante e folga só aos domingos, à tarde, após todo o serviço do almoço

estar arrumado e guardado.

Copeira é lavar prato, limpar copa, limpar tudo, botar a mesa, servir a mesa. Café, almoço, janta. E quando tinha visita, servia banquete... Eu não cozinhava. Tinha a cozinheira. Que comida gostosa! Uma brasileira boa de cozinha mesmo. (240)

Usava(uniforme). Lá precisava usar sim. Era azul. Um azul mesmo. Era muito bom, gostava do serviço. Eu trabalhei lá muito tempo. De todas as casas que trabalhei eu gostei mais de lá.(242)

E só tinha folga no domingo bem à tarde. (...) Mas era bom lá. Muito bom. Melhor de todas as casas que trabalhei. (248)

Ulda dedicou sua vida inteira ao trabalho e aos cuidados dos pais. Foi educada para isto. Seu trabalho tanto na roça como nas casas de família tinham a mesma rotina. Aliás, muito parecida com a da escola.

De levantar cedo, de ter a tarefa marcada, de parar só para almoçar, tomar café e descansar alguns minutos, de ter o administrador atrás fiscalizando o trabalho e não achando nada para botar defeito não. A gente sabia que se não fizesse direito tinha que fazer de novo. Aí não cumpria a tarefa.(300)

Lá, na rua Bahia, tinha uma senhora que vigiava as empregadas e fiscalizava tudo. Era uma governanta. Tinha de fazer tudo corretamente, sobre a supervisão dela ou da dona da casa, que olhava a roupa, a forma de servir, de arrumar a mesa, de lavar a louça e não achar defeito. Quando achava era apenas para implicar e para dizer que sabia mais do que eu. Mas nunca respondi. As pessoas que mandam e maior do que a gente é para ser respeitadas, obedecidas quando mandam. Sempre aprendi isto. Isto eu sinto falta, muito... (302)

Eu fui criada no trabalho para, para trabalhar. Meus pais sempre trabalhavam muito. Quando a gente chegou no Brasil foi para trabalhar. Mesmo quando criança na escola a gente brincava, fazer as coisas de lá que eu adorava. Mas, a gente queria mesmo era ir para a roça, então a gente brincava de coisa, também de capinar, plantar, criar as coisas...E a gente trabalhava todos os dias. Quando não era na empreitada do café era para o extra do algodão, lavar roupa em casa, fazer doce, fazer pão...a gente se divertia enquanto trabalhava...(risos). Por isto não estranhava muito quando fui trabalhar de doméstica. (278)

Como ela disse, nunca namorou, nunca freqüentou festas ou teve amigas. Às vezes ia, com a mãe, ao cinema ou ao Clube dos Lituanos em São Paulo. Mas, era difícil. Seu tempo de lazer era muito restrito.

Ih. (risos...) não tinha namorado não. Eu só trabalhava...(152)

O meu irmão falava assim: o fulano quer namorar com você...(risos). Fazia de conta que eu não escutava. Ficava brava ainda com ele...(risos). A vida é assim mesmo. (156)

Às vezes tinha bailinho lá rua, no Clube dos Lituanos, perto da Praça João Mendes. Os lituanos se reuniam, todos lá. Tinha bastantes lituanos, filhos de lituanos. Os brasileiros também (iam). Não sei se o clube existe ainda. Acho que não existe mais. Tudo mundo se separou, se casou, acabou todo mundo. Acho que não tem mais (o clube). A gente ia com a família. Levava a mamãe no cinema. Tinha cinema na Correia de Melo e na José Paulino. O Cine Lux. Eu levava sempre que podia a mamãe no cinema. Mas, era difícil (256).

Mas a diversão mesmo era o trabalho.

Assim a gente se divertia trabalhando. Mas tudo se acabou, tudo mundo se espalhou...(256) .

Com a morte dos pais, Ulda ficou sozinha em São Paulo. Voltou a Campinas para trabalhar na casa do seu sobrinho casado. Lá cozinhou, passava, arrumava e cuidava da sobrinha-neta enquanto ele e sua mulher estavam no serviço. Um dia se acidentou no banheiro, teve uma fratura da bacia, foi internada, ficou imobilizada e não pode voltar a trabalhar. Melhorou mas o sobrinho não quis mais que ela trabalhasse com eles. Foi morar com a irmã, mas passou a se sentir como um peso para seus parentes. Deprimiu-se, foi medicada e resolveu arrumar um lugar onde pudesse viver.

Na casa de meu sobrinho, morava lá, mas trabalhava. Ajudava eles. Era uma troca...Quando caí, não era mais assim. Isto me deixou muito triste, precisei mesmo tomar remédios..(256)

Foi morar no Lar, há 5 anos. É aposentada pelo INSS com um salário mínimo, contribuindo com 70% dele para a instituição.

O não trabalhar mais foi uma experiência negativa, para Ulda. A percepção que ela tem da aposentadoria, ou do não mais trabalho, é de perda. Esta transição, na sua leitura, introduziu-a num mundo em que não era mais valorizada, no qual sua principal qualidade desenvolvida ao longo do seu ciclo de vida - a de produzir na forma como foi educada - não

tinha mais valor.

Sinto muita saudade. Fico triste em não poder mais trabalhar como antes, mas fazer o quê? É assim mesmo. Mas está tudo bom. Aqui só faço o que eu quero. Mas, é como me faltasse algo, um pedaço, alguma coisa de minha vida que me roubaram (...) Às vezes fico muito triste, com saudades, com dor no peito, sem muita vontade de comer, pois fico pensando que poderia estar ainda no cafezal, ou então trabalhando na rua Bahia..(278)

A educação formal pela escola, a educação familiar imposta pelos pais para o trabalho e para a responsabilidade nas suas atividades laborais, parecem ter levado Ulda a introjetar o trabalho assalariado como a única forma de sua realização. Assim, quando da sua aposentadoria ela passa a debitar a si mesma, a inatividade e o “fracasso” pessoal.

Desenvolveu, a partir deste fato, uma crise depressiva, foi tratada pelo médico e pela psicóloga da instituição e aos poucos vem se adaptando a sua nova vida e re-elaborando sua história de vida, compreendendo sua condição de trabalhadora, aposentada, velha e socialmente excluída. .

(...) Mas está tudo bom (no Lar). Aqui só faço o que eu quero. Mas, é como me faltasse algo, um pedaço, alguma coisa de minha vida que me roubaram. Mesmo na casa de meu sobrinho eu gostava muito, pois trabalhava muito. Era muito bom. Sentia alegria, felicidade. (278)

(...) e aí eu fico pensando...engraçado, hoje eu não trabalho, fico triste com isto, às vezes à noite quase choro porque não tenho mais o trabalho que fiz a vida inteira, mas sempre passo muito bem. Sou muito bem tratada, aqui. Adoro aqui. Tudo está muito bom...(294)

(...) .Aí, aqui, vi que não podia mais trabalhar como antes. E nem preciso, pois sou muito bem tratada. Mas isto não bastou, fiquei triste por muito tempo, calada, sem fome, sem ânimo..aí o médico me disse que estava deprimida. Deu uns remédios e mandou eu ir conversar com a dra. Regina. Ela conversou muito comigo. Conteí minha vida para ela e ela me ouvia e me incentivava. Ela é muito boa. Depois de uns tempos melhorei...mas não voltei a ser como antes da minha segunda queda. Mesmo que eu queira não posso trabalhar como antes e isto me magoa. Sei que sou uma pessoa disponível que ajuda as pessoas quando precisam, mas não é mesma coisa...Mas está tudo bom. A vida é assim mesmo. (298)

Sim estou muito bem. Apenas digo isto pois você pediu para eu falar da minha vida. E eu nunca parei para pensar sobre ela. Me lembro apenas, mas nunca dei muita atenção.

E também não fico resmungado ou achando que só tem coisa boa lá na roça, ou em São Paulo. Tá tudo bom. Acho tudo bom. Vivo como posso, graças a Deus. Também tem sido muito bom falar com o senhor. Não sei por que fica perdendo tempo com uma história de uma velha que não fez muita coisa na vida...(304).

4.2.2 –A história de Esther

Esther, 74 anos, branca, nasceu em Uruguaiana, fronteira do Brasil com o Uruguai. O pai era militar, a mãe judia, nascida na Argélia. Aos seis anos foi estudar num colégio interno, dirigido por freiras, em Porto Alegre.

Colégio de freiras, né. Freiras franciscanas muito enérgicas, alemãs, aquelas bem rígidas.(...). Só saía Sábado para casa. Eu gostava. Gostava daquela vida de colégio.(26)

No frio, gelado, levantava e já tomava o banho. O banho era quente, se vestia com o uniforme do colégio, se penteava e depois vinha freira ver se tudo estava em ordem. Aí nós íamos ao refeitório para o café. Aí tomava o café. Aí, às sete e meia ia para a escola. Ia para a aula. E neste tempo a gente tinha que fazer tudo muito rápido por que ela exigia que a gente não chegasse atrasado um minuto. Mas, o que me revoltava era o que eu tinha que levantar às 5 horas da manhã, rezar e depois tomar banho e se vestir. Isto me revoltou muito com freiras. Eu achava que aquilo não era bom para a criança, vamos dizer assim ...ser tão rígida assim.(30)

Esther fez todo o seu curso primário e ginásial no colégio interno. Com a falecimento do pai, a mãe começou a ter dificuldades financeiras para pagar o colégio e manter a família. Então, Esther deixou o colégio interno e foi estudar enfermagem na Cruz Vermelha e trabalhar. Arrumou um emprego num hospital de Porto Alegre.

Para melhorar seus rendimentos, foi trabalhar, nos dias de folga, numa drogaria em que atendia no Balcão. Assim, ficou trabalhando em dois lugares e acabou por optar em ficar só na drogaria, pois o trabalho no Hospital era muito estafante e ela não estava contente.

Na drogaria, vendia no balcão e no hospital (...) trabalhei no pronto socorro também. Lá não se podia nem olhar para o lado, tanto o movimento. Era baleado, era esfaqueado, era todo o tipo de acidente. (...) Assim, trabalhei muitos anos. Eu não estava

muito contente no hospital por que era muito corrido e pouco pessoal e muitas vezes tínhamos que passar do horário e não pagavam as horas extras. Então, eu achei melhor ficar na drogaria. (44)

Trabalhava na drogaria quando, por meio de um recrutamento do Laboratório Lilly, de produtos farmacêuticos, foi escolhida para fazer um curso de Técnico em Farmácia, com tudo pago pela empresa, em Ribeirão Preto-SP. Ao regressar a Porto Alegre, após o término do curso, foi contratada.

E no Laboratório também é muito rígido. De manhã cedo a gente não pode chegar com a roupa de casa e ir trabalhar não. Primeiro entra, vai tomar banho, vestir a roupa esterilizada para depois entrar na sala de esterilizada também, onde vai ser preparado o comprimido, onde vai ser preparados os injetáveis, em outra sala. Tudo é separado, os injetáveis, os comprimidos, a pomada tudo é separado.... Mas eu gostava muito daquele serviço eu gostava imensamente....(64)

Esther associa a dinâmica do trabalho do Laboratório como a rotina da escola, também rígida, marcada, controlada. *Eu me lembrava do colégio. Eu então pensava eu me vi livre do colégio, de levantar cedo agora vim cair aqui. (66)*

Alguns anos depois, de trabalhar na produção, Esther foi escolhida para fazer propaganda dos produtos junto aos médicos.

No laboratório Lilly, era muito difícil uma moça que fizesse propaganda na rua. Eram os moços que faziam. E aí eu fui fazer entrevista com o gerente, com os farmacêuticos e eles acharam que eu podia fazer serviço de rua, ir aos hospitais, aos consultórios e isto eu fui fazer. Como eu gostava!. Pegava o carrinho que era do próprio laboratório. Eu pegava meu carro e enchia de amostras grátis. (250). Então ai para mim aquilo era uma diversão. Gostava, pegava aquelas amostrinhas e mostrava com toda aquela delicadeza eu fui muito querida neste meio. (256)

Esther sempre valorizou muito a relação com as pessoas, as amizades, a diversão. E o seu trabalho, segundo sua visão, lhe proporcionava esta oportunidade.

Onde a gente trabalhava a gente fazia aquele amizade, ficava tanto tempo junto né, brincadeira, é tudo...que a gente gosta quando moça. Ah, hoje vamos ver tal filme? Vamos no circo hoje? Vamos! Aí, aí toda a turma no circo! Eu gostava de passear né? E todos concordavam. Vamos ao cinema? Vamos! Hoje de noite vamos ao cinema! Vamos dançar?

Vamos dançar! Tudo era ótimo, em companhia de tudo. Eu gostava muito daquela vida. Quando sai para casar, e sai e senti muito...muito...não por que tinha me casado – (278).

Levava uma vida tranqüila com os amigos do trabalho, como a mãe e as irmãs, em Porto Alegre. Como Esther falava espanhol e francês, tinha boa formação cultural, era uma pessoa educada, foi convidada por uma tia para viajar com ela para a Espanha. Esta tia estava indo cuidar do inventário do marido, espanhol, que deixara bens em Barcelona.

Em Barcelona, certo dia num café, conheceu um médico brasileiro, filho de um diplomada português, que fazia um curso de pós-graduação na Espanha. Começaram a namorar e depois de algum tempo se casou com ele. Pediu demissão do seu trabalho, deu uma grande festa para seus amigos de Porto Alegre e foi morar no Rio.

Esther não teve filhos. Sempre viveu, com o marido, uma vida muito confortável e muito lazer. Viajavam muito, conheceram o mundo quase que inteiro, fizeram longas viagens de navio. Porém, também trabalhava e foi secretária da clínica do marido.

Depois, de alguns anos no Rio, mudaram-se para São Paulo, onde seu marido foi sócio de uma clínica da qual também foi secretária. Estavam bem em São Paulo, quando o marido começou a desenvolver uma lesão cerebral e a ter dificuldades para trabalhar de forma como antes. Mudaram-se para Campinas, para ser ter uma melhor qualidade de vida, mais tranqüilidade para cuidar da profissão e saúde do marido.

A doença, porém, começou a progredir. Tentaram todos os recursos médicos e tecnológicos no Brasil e no exterior, gastando todos os recursos que tinham guardado e dispendo de todo seu patrimônio imobiliário para tentar a cura. Mas, foi em vão. O marido teve um outro forte derrame e ficou inválido, necessitando de cuidados especiais.

Esther se aposentou para cuidar dele dependente, até que não teve mais forças. Precisou contratar um serviço de enfermagem, mas não tinham mais condições financeiras para isto. Então, ela voltou a trabalhar e o melhor emprego que encontrou foi num atelier de noivas aqui em Campinas.

Então eu pensava, eu agora estando aposentada – eu era solteira quando pensava isto – agora vou ter vida melhor, vou me aposentar, vou fazer isto , fazer aquilo, vou descansar mais, vou poder ir mais aos bailes, ir ao carnaval...Foi tudo diferente. Tudo diferente, né? Até porque nada daquilo que planejava não aconteceu pelo seguinte: nesta ocasião eu estava já para me aposentar – eu estava no consultório e meu marido ficou doente.

Então ai ele ficou doente né, não tinha mais jeito de eu ajudar a ele e ele teve que fechar o consultório eu cuidar dele, buscar tratamento, sair do país para ver se tinha cura, e aí gastamos todo o dinheiro. E eu não sabia como ajudar mais em casa. Ai eu fui costurar numa casa de noiva. Lá eu trabalhei seis anos naquela casa de noivas....(124)

As pessoas me viam assim: por que ela trabalha? Por que ela é tão ambiciosa? Por que ela trabalha tanto? Mas, eu tinha que pagar o enfermeiro para cuidar dele porque não tinha muita força para tal serviço(130)

Não dava por que nós ainda pagávamos aluguel. Pagava aluguel e eu tinha muitas despesas de remédio, de alimentação e tudo... Então eu fui trabalhar novamente...Aos sábados, por exemplo, eu vestia as noivas que iam casar. Então...Me dava muito prazer aquilo.(132)

Quando o marido piorou mesmo, ficou com ele até o final. Após a morte do marido, não teve mais condições de voltar a trabalhar. Já estava adoentada, alugou um apartamento menor, vendeu parte de seus móveis e sozinha, mudou-se para lá. Ai bateu-lhe a solidão.

Quando eu estava no apartamento eu dava graças a Deus quando tocava o telefone e podia conversar com alguém...(138).

Adaptava-se a esta nova vida depois de uma série de grandes perdas, quando caiu, fraturou a perna, foi internada, teve alta, mas não podia andar. Assim, seu pequeno apartamento e sua pequena aposentadoria não lhe possibilitaram mais viver sozinha, numa cadeira de rodas. . Experimentou várias clínicas, de repouso, mas não agüentou pagá-las e também não se adaptou ao tratamento que davam. Não lhe restou outra alternativa se não a de vir para o Lar dos Velhinhos.

Pois é ... a minha depressão, seu Jaime, começou quando eu caí e não pude mais fazer minhas coisas. Me tratei, melhorei. Depois começou novamente quando me disseram que eu vinha para um asilo.

Falei com dona Regina – Psicóloga – Dona Rosângela e Dr. Manoel que cuida da saúde. Ele me disse que eu estava com uma depressão muito forte, eu olhava para a pessoas e chorava, eu queria esconder de todo mundo, não queria ver ninguém, nada, por nada estava chorando ...mas por que tô chorando? Porque deixei minha casa, que graças a Deus tinha uma casa, tinha o apartamento. Tive que vender tudo... foi um choque para mim. Quando cheguei

aqui, um mês depois, eu fui muito bem tratada, como estou até agora, por todos! Esta depressão eu fiz durante um ano tratamento, tomando remédio, melhorei... mas de vez em quando aparece novamente. Agora, por causa da perna eu estou muito preocupada, já comecei a chorar de novo. Estou tomando remédio, né. E assim eu estou. A minha preocupação agora é com a perna, não é de mais nada. E assim eu estou há quatro anos com isto. Gosto muito de sair de passear. Tenho muitas amigas. Mas não posso. Todos vão passear e eu não posso... Isto me deixa um pouco chateada ... (232).

Esther começou a tratar de sua depressão, com o médico e com a psicóloga, e das suas pernas com a fisioterapia, após um enxerto que fez no Hospital da PUC –Campinas. Já estava andando com apoio, quando sofreu nova queda, danificou o enxerto. Teve que ser operada novamente e recomeçar todo seu processo de recuperação.

Enfrenta as suas perdas, elabora seus lutos, tenta agarrar-se às pequenas coisas que lhe dão sentido, entre elas a forma como é querida por todos no Lar, profissionais e moradores. Esther tem um bom enfrentamento das dificuldades e não se dobra a elas.

Eu enfrento com a cabeça levantada (284)

Acha que o que viveu, viveu intensamente. Estudou, trabalhou, casou-se, passeou, cuidou do marido, aposentou-se, perdeu os bens materiais, perdeu a saúde, deprimiu-se quando tomou consciência de que vinha para um “asilo”, tratou-se, adoeceu de novo, voltou ao tratamento. Continua tocando sua vida, esperando curar-se e viver com dignidade este tempo que lhe resta.

Mas, graças a Deus passeie bastante. Conheci toda a Europa e não posso me queixar da vida. A vida não me maltratou! Não! Com tudo isto que eu tive na perna, os desastres que já tive, não posso dizer que o tempo me maltratou. O tempo me deu foi uma lição de vida. Assim foi a minha mocidade e agora amadureci... Eu não me sinto velha, eu me sinto... Você tem que passar um creme, tirar as rugas! Eu não! Não... Eu quero é festa... tudo o que tem aqui no lar eu vou, não me sinto velha. Nem me sinto assim uma pessoa desanimada, triste não! Eu estou numa cadeira de rodas há quatro anos. Eu não me sinto infeliz. Não me sinto. (282)

4.2.3 – A história de Karen

Karen, branca, 54 anos, casada, dois filhos de criação. Nasceu em Minas Gerais de uma família de trabalhadores rurais.

Eu tenho nove irmãos agora. Somos ao todo, na verdade, doze, mas agora só tem nove. (...)Meus pais são pessoas muito humildes. (12)

Passou toda a sua infância no interior de Minas, onde se sentia feliz e com muita liberdade. *Então, eu acho que foi muito gostoso, tenho bastante recordação boa desse tempo.(14)*

Quando Karen tinha cinco anos, sua mãe ficou tuberculosa e veio se tratar em Campinas, deixando o marido, os filhos. Todos ficaram muito abalados com a doença da mãe. Além do estigma da doença, naquela época, também havia a falta de compreensão pelas crianças do que estava se passando.

Então foi muito dolorido pros filhos. Eu acho que na faixa etária, eu, minha irmã mais nova, todos ficaram abalados. Eu acho que quando a gente fala sobre a vida um pouquinho essa fase ficou meio marcante na vida da gente. Porque ela foi embora, mas o meu pai entrou em depressão, que hoje a gente conhece. Ficou barbudo, não penteava cabelo, andava descalço. Ficou assim, sofrido, muito magro e tal. (...)Na minha cabeça, por exemplo, eu não sabia direito o quê estava acontecendo com a minha mãe. Ela foi embora? Ela morreu? Mas ela não morreu porque alguma coisa tava presente dela assim, porque ela mandava bilhetinho, mandava algumas coisas, um docinho, essas coisas assim. Eu não entendia. Depois ela apareceu, bonita, diferente de quando ela foi embora de volta. . É uma fase pra se entender, ela saiu magra, doente e voltou restabelecida. (20).

Com a melhora da mãe as coisas voltaram ao normal, outros irmãos nasceram e ela continuou levando a mesma a vida tranqüila da cidade do interior. Aos sete anos, foi matriculada no Grupo Escolar.

Eu entrei na escola aos sete anos. Lembro, me lembro do primeiro dia de aula, como era a sala, como era a professora, o que eu fiz, era...Primeiro dia que eu sentei lá na carteira, a professora, “olha, vocês vão copiar isso que tá aqui, pega lápis de cor, de cor laranja, aliás da cor que você preferir.” E eu peguei um laranja e um amarelo, aí eu fiz bolinha, fiz cobrinha, fiz chapeuzinho, tracinho, pontinho. “Agora vocês vão fazer uma bola

colorida!”. Eu lembro dessa bola, fiz uma bola maior e eu dividi, as partes da bola e eu colori de azul, de amarelo, vermelho e não me lembro a outra. E daí foi, daí o A, o B, eu aprendi logo, entendi, já escrevia logo. Depois saí do quarto ano, a gente fazia o admissão...(114)

O primário foi bem. Eu nunca fui muito estudiosa não, engraçado, hoje eu tenho consciência disso, eu nunca fui muito estudiosa. Porque eu não sei, parece que as coisas aconteciam pra mim assim: eu me sentava e elas vinham, aí eu..., sabe? é uma coisa meio, bem estranha. Mas assim, no grupo naquele tempo se fazia de primeira a quarta série no grupo.(114)

Karen percebia sua vida de aluna do grupo escolar como uma vida muito livre, sem maiores controles. Os pais lhe davam toda a liberdade de estudar ou não.

Meus pais mesmo, quantas vezes eu falava: “ah mãe eu não tô com vontade de ir na escola não”, porque eu ficava só pensando na brincadeira, na mangueira, na laranjeira (risos) e ela: “não, tem que ir na escola, não sei o que” e eu, “não, não vou!”E ela: “tá bom, então não vai” né, era assim.(116)

Identificou na postura da professora a condução rígida da disciplina da classe. Guardou, porém, mais lembranças positivas do que negativas, daquele período escolar.

(Em casa tinha) muita liberdade, muita. Mas na escola, não.Tinha uma professora chamada Diana, que era muito brava e ela...(118) Ela dava reguada, mas na carteira. Ela, quando levantava a asinha do nariz assim, lá na frente, sai de baixo porque lá vai.. Ela não agredia fisicamente não, mas ela fazia um estardalhaço que amedrontava a gente. E aí nós tínhamos professora de canto, tínhamos a merenda que normalmente era sopa de fubá e eu não comia. Eu comia muita sopa de fubá em casa que a minha mãe fazia, era deliciosa e lá era uma coisa meio lavada, eu não gostava.(...) Mas eu fui bem, fui bem, sem bomba, sem nada. Não levava muito a sério, mas o pessoal também não levava muito a sério. Havia repetência, muitos alunos repetiam, mas eu passava, raspando, mas ia (risos).(122)

Mas era muito gostoso, eu tenho muitas lembranças saudáveis desse tempo. Tinha muita paquera, a gente tinha os paquerinhas, os meninos mais bonitinhos e tal. E eu era uma menina assim que eles viviam me rodeando muito, talvez pelos olhos azuis...(122)

Mas, eu estudei até o ginásio, eu fiz o ginásio.(474) Depois, eu comecei o segundo grau que parei pro casamento. Aí parei uns tempo e terminei o segundo grau. (478)

Casou-se ainda muito jovem, com 17 anos e foi morar em São Paulo, onde

quatro anos depois foi trabalhar.

Aí eu resolvi trabalhar e não parei mais...Não sou muito atirada não, em tudo! A vida profissional também. Eu trabalhei esses anos todos no mesmo lugar.(82).

Arrumou um emprego no Serviço de Audiovisuais da Faculdade de Enfermagem de uma instituição particular que depois de alguns anos foi federalizada. Karen gostava muito do trabalho que fazia de criação de cartazes, folders, álbuns seriados, material de campanha de educação para a saúde, como se fosse um material de publicidade.

E daí eu fui procurar. Daí tinha o concurso, eu prestei o concurso, fui aprovada e achei o trabalho.(40). Eu comecei no Setor de Recursos Áudiovisuais (486). E depois, aí eu já fui pra secretaria e não saí disso. Comecei com a secretaria de disciplina e depois fui pro departamento geral. Na verdade era uma escola, chamamos de departamento, mas era uma escola.(498)

Lá no recurso audiovisuais (também tinha que se criar a divulgação de eventos) E justamente, enquanto eu trabalhava com eles, foi quando eu fiz o curso de publicidade, porque a gente acabava fazendo publicidade lá , porque tinha que fazer... (156).

Aí os eventos que a escola começou a fazer, a gente já tinha que bolar como é que ia divulgar. Saía até umas coisas muito interessantes, muito bonitinhas. E assim, por isso que eu falo de publicidade. Aí eu me vi que eu tinha que aprender alguma coisa de como chamar a atenção do aluno, chamar a atenção dos transeuntes do hospital que fazia parte da escola(...). (166)

(Para auxiliar os professores nas aulas) a gente fazia álbuns seriados, a gente fazia muita coisa lá, fazia...,montava a aula, com flanelógrafo. Conhece flanelógrafo? (160). (Tinha que criar coisas...) assim, tipo: “ah, vai ter curso ajude a chamar a atenção do aluno!” Então tinha que chamar atenção lá no meu material didático, entendeu?(158)

Karen se sentia bem neste trabalho. Era criativa, tinha facilidade para desenhar, tinha boa letra e buscava sempre inovação. Aprendeu a fotografar para melhorar seu desempenho. A dedicação e as habilidades de Karen acabaram por chamar a atenção dos professores da escola e ela foi convidada para secretariar o departamento de Saúde Pública da Faculdade. Ai sua vida profissional tomou outro rumo. Saiu de uma atividade criativa para uma outra mais burocrática, da qual também gostava, mas que começou lhe criando uma série de necessidades profissionais.

A primeira foi a necessidade de fazer um Curso de Secretariado para poder dar conta das demandas da secretaria, da organização, dos arquivos, da redação, da papelada.

Mas é muito assim profissionalizante, nível técnico.(170)

A segunda necessidade foi a de aprender a lidar com o computador introduzido no serviço. Para ela foi muito difícil adaptar-se a ele.

(...) e você fica lá descobrindo coisas no computador. O computador estressa, estressa, eu tomei uma birra de computador! Eu tenho em casa, meu filho usa, mas eu..., de vez em quando eu vou lá, ligo a internet um pouquinho, mas não tenho paciência mais. Fiquei assim: computador pra mim parece que é um, aquele alimento que você comeu de mais, com muita boa vontade e depois fez mal, então (risos) nem pode ver. E para isso a visão, a visão ficou muito ruim porque eu uso lente trifocal e aquela luz de computador, aquele brilho, aquela tremedeira da tela, aquela... e junta a minha ansiedade também, com certeza, né? eu devo ter ficado muito ansiosa, eu fiquei muito perdida em configurar, sem orientação nenhuma.(106)

Karen gostava muito do trabalho como um todo e procurava ser a mais eficiente possível. Apesar de não se sentir organizada, era atenta a tudo e a todos, o que lhe dava uma sensação de estar sendo útil às pessoas. Sentia-se bem com este sentimento de utilidade.

Agora, do trabalho eu gostava muito, muito, muito do que eu fazia. Eu era uma pessoa assim que a vida toda eu fui muito simples. Talvez eu não tenha aprendido a dizer não. Mas, lá era uma família muito grande porque eu entrei lá em, setenta e nove, não sei bem. Junto comigo tinham várias pessoas que entraram como alunos. E esses alunos acabaram passando pro corpo docente e a gente conviveu e convive até hoje.(...) E além do mais era aquela coisa, eu acho que eles acostumaram comigo, eu com eles porque mesmo que eu tivesse em outro lugar eles iam atrás de mim pra eu fazer alguma coisa. Eu sabia tudo do departamento, talvez por ser uma funcionária antiga e eu sempre gostei muito de saber, não é porque eu era da saúde pública que eu não tinha interesse em saber o que a pediatria tinha, como funcionava, como é que ela trabalhava, como é que era o esquema, como é que (106).

Não, não, eu não sou organizada. Até no meu trabalho eu não era organizada, mas eu, às vezes, ficava aborrecida comigo. Como que eu não me organizava se eu sabia todos os caminhos da organização e me cobrava, mas eu não me organizava. Mas depois eu vi que eu sou assim mesmo, eu vou e vou conviver comigo assim. Não vou mudar e nem acho, nem tenho porque mudar também. Mas o meu trabalho é isso. Eu acho que foi um período muito gostoso,

com todos os problemas que a gente vivenciou, porque não é fácil quando você trabalha, lida com outras pessoas, com outras idéias, tem choques. Mas eu tinha consciência de tudo que a gente..., que acontecia por lá. Era até assim, bastante interessante porque em local que predomina mulher, as mulheres já são complicadas, eu nunca trabalhei assim diretamente com homem, mas eu acho que eles são mais fáceis de lidar. A mulher é complicada, então tem divórcio, tem as encrencas familiares, os filhos, enfim. E aí uma secretaria é como um ímã. Nela caí todas as pedras possíveis (risos). (452)

Karen, após muitos anos de trabalho resolveu se aposentar. O governo federal estava iniciando, naquela época, a reforma do sistema previdenciário o que ameaçou as garantias sociais daqueles que já tinha tempo exigido para requerer suas aposentadorias. Karen, com receio de perder seus direitos, resolveu se aposentar.

Tinha um sonho de poder se dedicar aos filhos e à casa e de retornar, juntamente com seu marido, à sua cidade natal, no interior de Minas.

Então, mas voltando ao trabalho eu cheguei a aposentadoria. Eu acho que precoce porque não eu não contei até dez. Eu senti muita vontade de parar pois aquela cobrança dos meninos que estavam crescendo e eu fiquei assim meio assustada um certo dia.(...) Quando eu cheguei - isso normalmente não acontecia - (ele não desceu para me encontrar)(278) Isso então assim, foi o primeiro chamamento assim, tá na hora de parar. E eu cheguei e normalmente eles são assim, eles eram até assim muito..., “a mãe chegou”!, já desciam a escadaria e vinham faziam aquela festa. Ele (o mais velho) sempre muito grandão e vinha e carregava a sacola... Ele não desceu, mas... E eu cheguei, tava tudo muito quieto e eu falei: ih, tem coisa errada!., Meu marido tinha ido até a padaria, mas ele tava dormindo, dormindo mesmo. Foi que eu vi o tamanho que ele tava, os pés pra fora da cama, já era um rapaz quase, porque com treze, quatorze anos ele era muito grande, ele desenvolveu fisicamente antes da hora, tava parecendo assim muito maduro, muito pronto pro mundo. Eu falei: meu Deus, como que eu não vi esse menino crescer desse jeito?! Aí eu falei: não, pra mim não dá mais porque as vidinhas deles, todas as coisas eu não vi, como eu não vi cair o umbigo, não vi outras gracinhas, a não ser quando eu chegava em casa. Por isso eu cobrava muito de mim, o lado doméstico meu pesava muito.(280)

E essa pressão, pressão familiar, pressão governamental porque aí veio aquela época da (282) Da legislação da aposentadoria e veio.... Foi um tumulto na universidade, todo

mundo indo embora. Meu marido também do outro lado pressionando porque ele queria voltar, ele já estava estruturado pra voltar (para Minas). (284)

Eu não sabia que era assim, de repente eu entrei ontem, daí uma semana, vem cá, ah tá aposentada já desde três de... Eu falei assim: o que que eu faço agora ? Vou embora, não vou embora? (288)

Eles queriam: “não, não faça isso, aguarda mais um pouco”! Mas eu não to dando conta, tem pessoas que vão dar conta melhor do que eu, eu não vou ficar segurando lugar e me aposentei. Se fiz bem, se fiz mal (risos), isso depois eu vou descobrir.(532)

Karen percebeu a aposentadoria como uma ruptura, não como uma continuidade de um processo esperado, desejado.

Mas, mas mesmo assim eu gostava, e, se fosse pra fazer tudo novamente, eu faria. Então eu acho que eu gostaria de continuar trabalhando, produzir alguma coisa, servir pra alguma coisa.(454)

Por outro lado a aposentadoria tem um cheiro da impossibilidade. Parece que a gente foi cortado, foi punido, foi..., a nossa produtividade...(528)

Após a aposentadoria, mudou-se com a família, conforme o planejado, para sua cidade natal, esperando construir um outro espaço de vida com melhor qualidade e com mais tempo de atenção aos seus filhos. No entanto, vem enfrentando dificuldades em se adaptar novamente à vida de doméstica numa cidade pequena. Sente muita falta de São Paulo, daquela vida agitada, de seu apartamento.

Mas assim, a aposentadoria eu acho que mexeu bem mais devido à mudança de local do que propriamente parar a atividade profissional. Eu tenho impressão que se eu ficasse em São Paulo eu não ia ficar tão assim chata, porque aí eu fiquei meio chata, sabe. Juntou todos esses problemas que eu vim queixar, de neurologia. E já existia isso em São Paulo e lá também, eu fiz uma avaliação muito profunda porque eu também não achava que não era nada e fui levando a coisa e fui levando.(328)

As minhas dificuldades aumentaram sim depois que parei de trabalhar, com certeza. (330).

E com a mudança pra Minas, chegou um ponto de ficar terrível mesmo, porque aí começou, além da vibração, é como se pegasse os músculos e puxasse, puxasse e depois soltasse. Formigamento nas extremidades, nos pés. Tem dia que assim, a sola de meu pé é

como se eu tivesse aderido alguma coisa qualquer, bem áspera, isso é o dia inteiro (...).(342)

Não sinto, não sinto (falta do trabalho no departamento) Eu ligo de vez em quando porque eu tenho contato sempre com eles. A gente tem um laço de amizade e é meio irmão numas coisas. Então eles ligam e: “tudo bem, como é que você tá”? Mas não tenho, não tenho (saudades do trabalho de lá) mesmo. Eu não sei se isso é camuflado ou se não. Agora conscientemente não, não tenho falta, não sinto saudades, eu sinto muito mais falta sabe do quê? Sinto mais falta do trânsito do que do meu trabalho.(380)

Porque eu acho que eu tenho liberdade demais agora, sabe, eu tô livre de mais, (risos), tô livre demais. E talvez seja isso. (384)

Em Minas, pensou em arrumar outro trabalho assalariado, controlado, cobrando, mas não tem certeza se é isto mesmo que quer. Afinal seu lado doméstico é também intenso e desejado. Apesar do desejo de ser doméstica, acalentado durante longos anos, sentiu a aposentadoria como um momento de perda.

(...) eu sinto vontade até voltar de a trabalhar, fazer alguma coisa ligada lidar com papéis..(436). De forma assalariada... é. (438) Eu não sei, mas eu não sei, assalariado eu não sei, eu preciso até pensar, acho que no fundo no fundo eu gostaria de ser uma doméstica como eu era profissional porque quando eu trabalhava, minha atividade no trabalho, quer queira quer não, ela saía. A doméstica, quer queira quer não, ela não tá saindo do jeito que eu gosto (risos). Então acho que o meu grande, a minha grande ansiedade é isso, porque eu esperei, eu esperei bastante esse momento, sabe, ir pra casa e curtir a casa mesmo, mas eu fico enrolada o dia inteiro, (...) E daí quando é dez horas da noite eu olho pra trás eu falo, “meu Deus, eu não fiz nada, não!, apesar que eu fiz muita coisa, eu limpei, eu varri, lavei, cozinhei. Mas pra minha exigência eu não fiz nada. Então eu queria..., parece que não existiu. (506)

E assim, hoje eu sou literalmente doméstica e tenho uma grande atração por isso, sempre tive, embora trabalhando fora teve algum, um período da vida me ajudou, mas eu que dava as coordenadas, eu que gostava de fazer a comida, eu gosto muito de fazer pão, rosca doce, essas coisinhas, sempre fiz, a organização do apartamento sempre eu gostei de tá, eu mesma tá fazendo, e tal. Isso me atrai, mas por outro lado acho que também mudou muito, com a questão profissional da questão doméstica. Há uma grande diferença entre papeladas que eu sempre gostei e tinha muitos papéis e hoje eu lido com outras coisas, panela, panela, panela, roupa, roupa, roupa, enfim.

Mas eu sei que é assim, tem hora que eu fico triste, mas eu até brinco com eles, eu falo, “olha, de secretária executiva à gata borralheira, o negócio é sério” (risos). Aí eles, “mãe, o quê que é isso?”(...) (328)

Apesar de que o outro lado assim pesa muito, sempre pesou. Eu tinha deveres assim de ser doméstica, sabe, cuidar das crianças, estar junto com eles na hora de ir pra escola, de chegar da escola. Isso acontece hoje, só que eu tenho, parece que eu não tô sabendo lidar com isso.(456)

Na realidade eu fui educada para ser dona de casa. O gosto de meu pai era que as filhas e os filhos, aqueles que iam pro casamento, morassem com ele. A idéia dele era ampliar a casa, cada um que casasse ele ampliava a casa. Só que ninguém quis, é claro, ninguém foi pra isso, mas ele é uma pessoa assim bem, bem, ele e a minha mãe eles tem essa coisa de tá puxando pra eles né.(468)

Karen, depois de aposentada, acelerou um processo de mal estar esta vinha desenvolvendo nos últimos anos de sua vida. Algo assim difuso que a dividia ao meio, como se o seu lado esquerdo *temblasse*, como se estivesse dividida fisicamente Um lado bom e o outro com problemas. Consultou diversos neurologistas, fez diversos exames e todos os resultados dos exames físicos foram normais. O último neurologista, após todos os exames refeitos e analisados, levantou a hipótese de distúrbio emocional e a encaminhou à psiquiatria para a uma avaliação do seu estado emocional.

(...).porque eu fico assim, aí eu choro, eu falo, “gente que que é isso?” E choro, aí choro, choro, choro, mas tô chorando por quê? Não, não vou chorar, não tem motivo, não tô com dor, então não vou chorar. Não morri, então não vou morrer também. (...) Mas eu fico chata porque eu queria fazer coisas, eu não consigo, eu queria fazer um pão e não consigo, eu queria fazer um negócio, sabe? Aquilo tá me incomodando, eu fico chata porque antes era discreto ou eu não prestava muito atenção, agora eu, a coisa não é tão discreta e eu tô incomodada com isso, podia continuar não ligando pro negócio, deixa acontecer, foi a óbito foi, entendeu? (...) Então juntou isso e juntou essa vibração muscular e agora, de uns seis, sete meses pra cá, vem acompanhada de ardor no muscular, queimor muscular e ultimamente câibra (...) (368).

Aos poucos vai descobrindo sua vocação doméstica:

Outro dia uma amiga minha chegou em casa. Foi um janeiro que tinha lá um

bando de moleques, aqui de Campinas. Eles ficam na casa da avó, mas não sai da minha casa. E daí eu falei: não, vocês não vão subir, eu vou preparar um café pra vocês! Já tinha feito bolo de cenoura, coisa comum né?. Mas eu tinha acabado de conversar com essa minha amiga, dizendo: ah, eu tô muito improdutiva, eu não tô conseguindo, não sei o que...”. Arrumei um café. Mas eu gosto de além de fazer as coisas é servir bem. Jamais você vai na minha casa e eu sirvo você de qualquer jeito. Não, eu gosto, tenho tudo muito simples, mas eu gosto de fazer um prato colorido que a pessoa coma mais pelos olhos do que pela, pelo paladar. Eu sei que eu pus a mesa, chamei ameninada, coloquei o bolo num prato. Normalmente, cada um corta o seu. Mas comigo não. Eu já corto, desenho losango, círculo, ponho no prato, aí eu fiz um creme de chocolate, aí ficou caindo pelas laterais, todo contrastando, bem com o amarelo e com o marrom. Mas eu tenho um sobrinho e ele me chamou a atenção, porque quando ele viu o prato que eu entreguei pra ele, mas ele lambia assim e aí a minha amiga falou: “olha, tá vendo, isso é produção”! (risos) “Você falou que não produziu nada hoje! Eu não sei produzir um negócio desses, olha os olhos desse menino!” (536)

Hoje Karen passa parte do tempo em Campinas, onde seu filho mais velho cursa o pré-vestibular e parte em sua cidade no interior de Minas. Campinas tem uma representação especial na vida de Karen. Primeiro, foi aqui que a mãe se tratou e voltou para o marido e os filhos, bonita e saudável. Segundo Campinas, está no meio do caminho entre São Paulo e a cidade onde vive em Minas. São Paulo é onde passou a vida de trabalho, intenso, mais executiva do que doméstica. Sua cidade natal é o *locus* onde poderá expressar, por inteiro a sua vida de doméstica. Como seus dois lados do corpo que, intactos, reagem de formas diferentes às suas elaborações mentais, Karen ainda mantém-se dividida, no real e no simbólico, entre lá e cá.

Karen, hoje em processo psicoterapêutico, aprende a entender sua história entre a cidade do interior de Minas e São Paulo, entre o trabalho e o não-trabalho, entre seu lado hígido e o *temblante*, entre a executiva e a doméstica

4.2.4 - Histórias que se cruzam: Ulda, Esther, Karen

As histórias de vida destas três mulheres mostram como elas foram educadas, como trabalharam assalariadamente, estruturaram suas vidas e vivenciaram os sintomas depressivos quando se aposentaram ou não puderam mais trabalhar.

Nas histórias de cada uma delas a presença das instituições família e escola estão intimamente relacionadas (ERIKSON, 1976, 1989) na formação de hábitos e atitudes e reproduzindo os valores dominantes da sociedade capitalista, na formação das mulheres para serem trabalhadoras assalariadas ou donas de casa.

Sobre as mulheres, cabe destacar a relação delas com o trabalho assalariado e com o trabalho doméstico. O cuidado da casa e do bem-estar dos que a habitam é considerado um trabalho milenar que cabe à mulher. As mulheres, especialmente as oriundas das classes sociais menos privilegiadas muitas vezes são obrigadas a exercer uma dupla jornada de trabalho. Após o trabalho “produtivo”, o trabalho doméstico, no qual se espera que elas, também, disponibilizem carinho, atenção, afeto.

Por outro lado, essas mulheres têm maiores possibilidades do que os homens de se sentirem úteis e ativas no trabalho doméstico, após suas aposentadorias, mesmo que, como reporta Danièle Kergoat, este trabalho lhe seja extorquido.

Ulda e Esther têm em comum a escola severa, mas formadora de hábitos para as três, como longa fase de preparação como futuras provedoras (ERIKSON, 1976, 1989). Para Ulda, uma escola destinada para crianças de classes sociais menos privilegiadas; para Esther, uma escola para elite. Estas escolas, mesmo diferenciadas pela qualidade de seus conteúdos, buscaram repassar os valores mais representativos da sociedade que, dividida em classes, estimulou hábitos necessários a estas mulheres que, como trabalhadoras assalariadas ou como donas de casa, FERNANDES ENGUITA, 1985, 1998; CHARLOT, 1986; FRIGOTTO, 1996; BOURDIEU, 1998), garantiriam o bom funcionamento desta sociedade (DURKHEIM, 1978).

Karen, a mais nova das três, criada pela família para ser dona de casa, não percebeu a escola como uma instituição rígida. Para ela, a vida escolar era um espaço de também expressar sua liberdade, de namorar os garotos que a assediavam por causa de seus olhos azuis. Percebeu o rigor da professora no curso primário, mas isto parece não ter-lhe afetado sua espontaneidade criadora (MORENO, 1993).

Ulda e Esther perceberam o rigor da escola pela punição, pela imposição de hábitos, segundo o tipo de escola que frequentavam. Ulda, pela professora que deixava de

castigo os que não faziam a lição. Esther, pelo rigor das freiras que as faziam se levantar às cinco da manhã, tomar banho, se vestir, se pentear, ir para o refeitório, depois para sala de aula, num ritmo repetitivo, controlado, supervisionado e diário.

A formação diferenciada de cada uma destas três mulheres, parte da família e parte da escola, uma relacionada à outra, influenciou suas tomadas de decisão, ao longo de suas vidas. Suas escolhas sociais, de certa forma, marcadas pelas oportunidades no meio em que cada uma viveu, traçaram caminhos diferentes para o trabalho, para a vida afetiva e para o enfrentamento do final de vida, especialmente após suas aposentadorias.

Depois de longo tempo de preparação para serem provedoras, estas mulheres trabalharam assalariadamente, durante muitos anos. Ulda, durante 60 anos, Esther, durante 35 e Karen, 30. Durante todos estes anos, investiram no trabalho que lhes representou uma forma de exprimir sua humanidade de forma diferenciada, pois para cada uma delas ele teve uma representação diferente.

Das três a que mais vivenciou o trabalho controlado e repetitivo foi Ulda, que apesar de ter começado sua vida como trabalhadora rural, esteve submetida à produtividade exigida pelos contratantes do trabalho de sua família. Perpassava por esta atividade rural a mesma ideologia do trabalho assalariado capitalista.

Na roça, se dedicou ao trabalho braçal durante muitos anos, até se mudar para a cidade de São Paulo, onde começou outra rotina de trabalho assalariado. Experimentou o trabalho como operária, em uma indústria, mas apenas por pouco tempo. A maior parte de sua vida em São Paulo foi empregada doméstica. Porém, a dinâmica apresentada pelo trabalho doméstico não diferenciava muito da rotina da fazenda, embora o objeto de trabalho fosse outro. A relação de trabalho supervisionado e controlado era a mesma e ela já estava acostumada, pois tinha sido educada, pela família e pela escola, para cumprir todas as suas tarefas e bem executadas, pois se não fizesse teria que fazê-los novamente. Ulda tinha aprendido e internalizado esta lição. *A gente sabia que se não fizesse direito tinha que fazer de novo... (300).*

O trabalho para Ulda foi a sua vida. Não namorou, não se casou, não teve filhos, não teve lazer, não construiu outros espaços em que pudesse também manifestar a sua humanidade. Só trabalhou. O trabalho que desenvolveu na roça não lhe permitiu folgas, assim como o trabalho de empregada doméstica também não lhe oportunizou dispor de seu tempo, visto que tinha ainda o trabalho de casa e de cuidados dos pais .

Na cidade, outras opções se lhe abriam, mas Ulda, oriunda de uma classe social menos privilegiada, com menor escolaridade, acabou se conformando com o trabalho e fazendo dele o eixo principal de sua vida. Oláia, mulher de outro grupo, também viveu a mesma situação de empregada doméstica que Ulda, em São Paulo. Porém a concepção de Oláia foi muito diferente da concepção de Ulda, resultado de uma rígida educação para o trabalho que esta teve.

O trabalho para Esther nunca foi percebido como um dever, como algo imposto e que tinha que ser executado, como Ulda percebeu. Ele foi visto, por Esther, como a possibilidade de ela realizar seus projetos de bem viver ou de resolver as crises familiares que necessitaram de aporte de seu trabalho. Foi assim quando, ainda estudante, o pai morreu e ela precisou ir trabalhar para ajudar na manutenção da família. Foi assim quando, depois de aposentada, necessitou de mais dinheiro para pagar o tratamento do marido.

A vida escolar, laborativa e afetiva de Esther deram-lhe a oportunidade de construir uma vida onde pôde se expressar, sem ser, exclusivamente, pelo trabalho controlado do modo capitalista de produção. Ela acumulou durante o seu desenvolvimento conhecimentos, conteúdos e experiência que, ao final da vida, mesmo com pesadas perdas que teve – a do marido, a da saúde, a da sua casa, a da sua família e dos bens materiais, – a levaram a enfrentar estas condições adversas e trabalhar os seus projetos, nos espaços que ainda lhes são possíveis.

A história de trabalho de Karen foi apresentada de uma forma dupla: o doméstico, livre, criativo, sem controles rígidos, mas permanente para o qual entende que foi educada e o trabalho executivo de uma secretária, mais controlado e mais metódico.

O casamento de Karen e sua mudança para São Paulo a introduziu num outro mundo de oportunidades e ela foi trabalhar, a partir de uma atividade de lazer. Casada, sem o que fazer, freqüentava a faculdade em que a irmã estudava e lá fez amizades com as pessoas. Um dia, por acaso, começou a ajudar uma funcionária do serviço do audiovisual a construir um cartaz. Karen era (e ainda é) uma mulher criativa que gostava de desenho e de dar asas à sua imaginação. Ficou conhecida das pessoas daquela faculdade e quando a funcionária pediu demissão ela foi convidada a ficar. Fez carreira e acabou sendo secretária do departamento.

Karen sempre foi uma mulher dividida entre a casa e o trabalho. Como também foi dividida entre Karen e Karol. Ela tinha dois nomes e as pessoas a chamavam por Karen ou por Karol. Karen sempre deu conta de todo o seu trabalho, doméstico ou secretarial sem

nunca precisarem cobrar nada dela. Sempre soube qual era a sua obrigação.

A aposentadoria para estas mulheres teve motivações diferentes, mas todas as decisões estiveram de certa forma ligadas às obrigações do trabalho doméstico, especialmente no caso de Karen e de Esther.

Karen optou pela aposentadoria, aos 53 anos, por um conjunto de motivos: o primeiro o desejo acalentado de se dedicar inteiramente à vida doméstica em especial ao cuidado dos filhos; segundo, o receio de perder seus direitos, já que o governo promovia naquela época a reforma da previdência; e, por último, a pressão do marido que, já aposentado, queria voltar para o interior de Minas Gerais.

A tomada de decisão pela aposentadoria colocou Karen frente à frente com o não-trabalho e com o trabalho doméstico que sempre desejou e sonhou. A questão do trabalho doméstico em Karen é tão forte que ela julga que foi preparada e educada para ser dona de casa, quer pela família, quer pela escola. Foi sua mudança para São Paulo, após seu casamento, que alterou seus planos e a lançou ao trabalho assalariado, do qual não sente falta, segundo seu relato.

Para Karen, a falta maior não é a do trabalho, mas sim da agitação de São Paulo, do trânsito. A aposentadoria, que ela julgou prematura, representou também uma ruptura em sua vida, em face dos longos anos de dedicação ao departamento do qual teve que se desligar quase que imediatamente após ter entrado com seu pedido de aposentadoria. Com isto sentiu (...) *a aposentadoria tem um cheiro da impossibilidade. Parece que a gente foi cortado, foi punido...*(528).

Karen apresenta sintomas de depressão, encobertos por um desconforto físico que vinha sofrendo há algum tempo e que se acelerou depois de sua aposentadoria. Este desconforto físico, segundo seu relato, parece cingi-la ao meio. Um lado do corpo fica *temblante* e outro intacto, causando-lhe um mal estar irritante. Esta sensação de divisão física ao meio foi uma constante em sua vida. Sempre foi muito dividida e isto transparece simbolicamente nos dois nomes que tem, pelos quais sempre foi chamada e aos quais ela sempre atendeu: Karen e Karol. Simbolicamente, a executiva e a *gata borralheira*, a interiorana e a cosmopolita, a aposentada e a trabalhadora doméstica.

A mudança muito rápida em sua vida pela aposentadoria, com a perda do trabalho assalariado, o abandono do seu espaço vital construído ao longo dos anos numa metrópole como

São Paulo e a lenta adaptação à vida pacata do interior, aceleraram o processo de desconforto físico de Karen, que no fundo, como alertou seu neurologista era vivencial, psicológico, mental. (...), *eu sinto muito mais falta sabe do quê? Sinto mais falta do trânsito do que do meu trabalho.*(380).

Karen, hoje, ainda vive parte do tempo em Campinas e parte do tempo no interior de Minas. Em Campinas cuida do filho que se prepara para o vestibular, e de si mesma, através do processo psicoterapêutico, no qual busca entender sua divisão, aprender a ver-se como única, a reescrever sua história. Tudo isto acontece no meio do caminho – Campinas - de onde sua mãe, outrora renascida, retorna à sua terra natal para o marido e os filhos, bonita, feliz e saudável.

Ulda não deixou de trabalhar por vontade própria. Uma queda, enquanto trabalhava, e uma fratura na bacia a levaram ao hospital e à imobilização temporária, não lhe permitindo voltar ao trabalho de empregada doméstica. Como não tinha sua casa, ao se recuperar fisicamente não pôde exercer o trabalho doméstico, de uma forma mais tranqüila, mesmo sem a relação assalariada que a submeteu, durante anos.

Sozinha, sem ter tido a oportunidade de construir uma família ou ter uma vida afetiva mais ampliada além dos horizontes de família migrante, passou a se sentir um estorvo na casa da irmã que a acolheu, já que não podia mais contribuir como trabalhadora doméstica, na casa do sobrinho. Uma imobilidade física e o sentimento de estar incomodando a irmã ressaltaram a perda do trabalho, o mais expressivo valor que a referenciou como sujeito ativo, independente e de mais valor.

O entendimento que Ulda teve do trabalho que a denominava produtiva esteve centrado numa relação de venda como mercadoria, dentro da ideologia do trabalho assalariado do mundo capitalista moderno. E foi a falta do trabalho, pela aposentadoria, o elemento desencadeador do processo depressivo em Ulda.

(...), é como me faltasse algo, um pedaço, alguma coisa de minha vida que me roubaram (...). Às vezes fico muito triste, com saudades, com dor no peito, sem muita vontade de comer, pois fico pensando que poderia estar ainda no cafezal, ou então trabalhando na rua Bahia..(278).

O não-trabalho apresentou-se como uma ruptura na sua vida de Ulda. Entretanto, com a aposentadoria formal, ele não teve perdas financeiras. Com a vinda para o Lar dos

Velinhos também não sofreu perda de conforto e atenção, uma vez que o Lar oferece aos seus moradores uma atenção de qualidade, no que se refere à acomodação, alimentação, lazer e atenção à saúde.

Ulda tratou (e ainda continua tratando) de seu estado depressivo, via psicoterapia, na qual pode discutir, com a psicóloga da instituição, a sua vida, os fatos marcantes que colocaram em risco o seu ideal de ego e sua auto-imagem.

Hoje, se sente mais adaptada e faz pequenos trabalhos de ajuda às suas companheiras que necessitam de apoio para suas atividades da vida diária. Ulda percebe-se um pouco melhor e aos poucos vai conseguindo elaborar esta perda principal que a colocou na improdutividade. Relembra a sua vida, em detalhes, em pequenas coisas e a partir destas lembranças vai tecendo novamente projetos vida, no espaço que lhe foi socialmente reservado.

Esther, depois que seu marido morreu, alugou um apartamento menor, desfez-se de parte de suas coisas e mudou-se para lá. Mas sua saúde piorou muito após uma queda e a fratura da perna. Ficou hospitalizada e depois imobilizada numa cadeira de rodas e não conseguiu mais viver sozinha em seu apartamento.

Somente quando Esther ficou sozinha foi que tomou consciência da ruptura que acontecia em sua vida. Com seus recursos financeiros diminuídos, mesmo tendo uma ajuda da Associação Médica que complementa sua aposentadoria, não conseguiu viver sozinha e nem pagar um casa de repouso que, além dos altos custos, apresentavam baixa qualidade da atenção. Não teve outra alternativa, senão buscar uma instituição gratuita e de qualidade que a recebesse. Esther já tinha tido uma crise depressiva, *a minha depressão, seu Jaime, começou quando eu caí e não pude mais fazer minhas coisas, me tratei, melhorei (332)*. Mas (...) *começou novamente quando me disseram que eu vinha para um asilo... foi um choque para mim.... (332)*

Em nenhum momento de seu depoimento Esther relatou que a falta do trabalho ou que a aposentadoria a levaram ao estado depressivo. Para ela foi um conjunto de perdas concentradas nos últimos anos de sua vida.

Hoje, no Lar do Velinhos, Esther, após adaptação a esta nova vida de mulher institucionalizada e as outras intervenções cirúrgicas corretivas a que foi submetida, em sua perna, revê sua trajetória de vida. Busca, com a ajuda profissional, refazer o painel de sua vida,

para que possa percebê-la, mesmo como um mosaico e identificar novos objetos e investir neles, melhorando sua auto-imagem e ampliando o lado saudável de sua personalidade.

(...)vida não me maltratou! Não! Com tudo isto que eu tive na perna, os desastres que já tive, as perdas que me aconteceram neste final de vida, não posso dizer que o tempo me maltratou. O tempo me deu foi uma lição de vida.(284)

4.3 – O grupo das cinco mulheres: negras, brancas, analfabetas, escolarizadas, aposentadas, hígdas ou deprimidas

Faz-se aqui, a partir do cruzamento das histórias deste grupo de mulheres - o **subgrupo 1** das mulheres negras e analfabetas e o **subgrupo 2** das brancas e alfabetizadas – uma síntese das suas relações com a escola, com o trabalho assalariado e com os estados depressivos que surgiram após a aposentadoria.

Com base nos relatos de Oláia e Augusta, negras e analfabetas, - **subgrupo 1** – pode-se apreender que:

- a ausência da escola parece ter facilitado a manutenção da espontaneidade criadora destas duas mulheres, na busca de soluções aos seus problemas físicos, psíquicos, materiais e sociais;
- o não-trabalho foi encarado com a mesma naturalidade com que enfrentaram o trabalho assalariado ao longo de suas trajetórias. É como se, para elas, não tivesse havido interrupção em seu curso de vida;
- a depressão ou os sintomas depressivos não estão entre as suas vivências. Elas sempre superaram suas dificuldades e elaboraram suas perdas como se elas fossem processos normais em suas vidas;
- os processos silenciosos de resistência à dominação que engendraram, nas diversas etapas do seu ciclo de vida, parece tê-las fortalecido internamente, possibilitando a manutenção da qualidade de sua saúde mental e capacidade do ego em investir em novos objetos e novos projetos de vida;
- o tipo de trabalho que exerceram, mesmo sendo para elas uma relação assalariada, como é um trabalho doméstico, destinado culturalmente às mulheres, pode ter servido de suporte para que não sentissem sua perda com a aposentadoria. Elas continuavam aptas a fazê-lo e o fizeram até quando tiveram forças físicas e necessidade de sobrevivência e ainda o fazem, quando desejam, dentro do Lar;

- a segurança social oferecida pelo Lar dos Velinhos as desobrigou do trabalho assalariado que faziam para sobreviver e lhes propiciou o direito ao ócio que elas aproveitam com sabedoria;
- a institucionalização, serviu, para estas duas mulheres, como suporte à qualidade de vida das mesmas. Sentem-se acolhidas pelo Lar e o apontam como ganho, talvez em face de precariedade material e do apoio social que a sociedade maior lhes negou na infância, juventude, idade adulta e parte de sua velhice.

Para o **subgrupo 2**, Ulda, Esther e Karen, brancas e alfabetizadas, pode se apontar que:

- a formação escolar influenciou de maneiras diferentes a forma como cada uma construiu sua relação com o trabalho assalariado, com o não-trabalho, com a família e com elas mesmas, durante as diferentes etapas do ciclo de vida;
- as instituições família e escola caminharam juntas, uma reforçando a outra, no que se refere aos ideais maiores da sociedade e direcionaram cada uma delas para o exercício do papel de provedor, através do trabalho “produtivo” e assalariado e do doméstico, segundo suas origens sociais, e as oportunidades diferenciadas pela classe social a que pertenciam;
- os sintomas depressivos que as três apresentaram, ao final da vida, foram desencadeados por motivos diversos. Somente para Ulda a aposentadoria foi um dos fatores desencadeantes correlacionados à forma como foi educada para eleger o trabalho assalariado como a principal possibilidade de sua realização como sujeito;
- as perdas financeiras que normalmente acontecem com a aposentadoria não ocorreram nas histórias destas três mulheres. As perdas financeiras de Esther se deram em função da doença do marido;
- a formação para o trabalho “produtivo” e para o trabalho doméstico está correlacionado nas histórias das três, sendo mais tendente ao trabalho doméstico para Karen. Entretanto, se a formação dos hábitos foi da mesma ordem para as três, os conteúdos desenvolvidos foram diversos, possibilitando diferentes oportunidades na vida de trabalho para cada uma delas.

Comparando-se os dois subgrupos de mulheres, pode-se destacar que:

- as mulheres brancas escolarizadas tenderam mais a desenvolver sintomas depressivos, motivados pelas diferentes perdas que tiveram durante a sua vida, inclusive a perda do trabalho “produtivo”, do que as mulheres negras e analfabetas. Pode-se supor que a ausência da escola para estas mulheres tenha deixado sem reforço sistemático as promessas das instituições sociais, da sociedade capitalista ocidental, de realização do ser humano pelo trabalho assalariado. Entretanto, não foi encontrada, nas suas histórias, com exceção na de Ulda, sintomas depressivos relacionados à aposentadoria;
- as mulheres brancas, por terem recebido mais da sociedade de sua época, também tiveram perdas financeiras, materiais e de saúde ao longo do curso de suas vidas e apresentaram mais dificuldades no enfrentamento das perdas concretas e mais dificuldades em investir em novos objetos e novos projetos de vida, após a aposentadoria, quando comparadas às mulheres negras, analfabetas e socialmente menos privilegiadas;
- as mulheres negras e analfabetas, deste grupo, chegaram ao final de suas vidas, sem sintomas depressivos e com o ideal de ego intacto e com energia para investir em novos objetos. A forma como aprenderam, por si mesmas, a resistir às dificuldades que a vida lhes impôs, desde crianças, parece ter fortalecido sua integridade do ego (ERIKSON, 1976), o que não aconteceu com as outras três mulheres que apresentaram sintomas depressivos e necessitaram de ajuda para refazerem seus projetos de vida;
- às mulheres brancas institucionalizadas – Ulda e Esther – o Lar dos Velhinhos, apesar de elogiado pelo tratamento que lhes dá, tem peso menor daquele que as duas mulheres negras lhes atribuíram. Para Oláia e Augusta, ele representa ganho, segurança, uma possibilidade de viverem com tranqüilidade o último estágio do seu ciclo de vida. Entretanto, para Ulda e Esther, representa o fim, a última estação.

4.4 - O subgrupo 3 – Júlio, Carlos e Irineu, homens aposentados, escolarizados e deprimidos.

4.4.1 –A história de Júlio

Júlio é o mais velho dos três. Tem 82 anos. Nasceu numa cidade do interior do Estado de São Paulo onde teve uma infância cuidada, tranqüila, juntamente com seus sete irmãos. O pai era dono do Cartório e a mãe professora, o que no início do século dava-lhe uma condição social privilegiada.

Eu fui criado em berço de ouro.(40) Meu pai tinha cartório lá e era jornalista. Fundou o Serrano – jornal de lá. Eu tinha um cavalo - meu pai me deu um cavalo – que chamava Soberano. Tinha um empregado lá de casa que chamava-se Carolino. Então o Carolino tinha, além das outras coisas para fazer, que me levar a passear no cavalo...(42).

Com seis anos de idade, Júlio, juntamente com seus irmãos, veio para Campinas estudar pois na cidade onde nasceu não havia bons colégios.

E eu cheguei com 6 anos aqui em Campinas, no tempo de entrar no currículo educativo. Cheguei no tempo da matrícula. Então ganhei um ano por ter nascido em janeiro...(44) Aqui estudei no Culto à Ciência. (...) A educação era severa e os professores competentes...(52)

No primário, era o tempo ainda de bater no aluno... de castigar. No primeiro ano primário, uma das professoras fez de cartolina uma orelha de burro e uma língua. Bem, feito, de cartolina. Então o aluno que falava muito ela dava a língua. Ele ficava com a língua lá para quando o diretor entrasse. Quando (o aluno) não entendia a coisa ele punha a orelha de burro. (54 Eu, por exemplo, eu peguei não só a língua como a orelha. Um dia eu peguei língua e orelha, ao mesmo tempo. (58).

(A gente fazia) Coisas de crianças. Um menino de seis anos de idade o que pode ser? E elas (as professoras) incompreensíveis. E havia uma que tinha sinais de bexiga, complexada, brava. E ela levava um ponteiro, grande, parecia um taco de bilhar e ela ia mostrando na lousa, e, às vezes, ela batia com aquilo na cabeça e pior, às vezes, ela quebrava aquilo na cabeça. Ajoelhei no milho.(60)

O Colégio Culto à Ciência era um renomado colégio destinado a uma elite do interior do estado de São Paulo.¹⁰ Os alunos eram considerados os melhores e, ao se formarem tinham futuro garantido. Júlio, mesmo filho de uma família com posses, vivenciou isto, tendo a oportunidade de trabalho ainda muito jovem.

Para mim, quando estava no quarto ano, veio um emprego na Castellões – uma companhia de cigarros. Eu tava com o lugar garantido. (52)

Terminou o ginásio e, já trabalhando na Castellões durante meio período, fez o curso científico durante o dia. Quando estava na empresa não tinha tempo para nada. O trabalho era muito puxado e controlado e além disto havia os trabalhos escolares.

(O trabalho era) Bastante (rigoroso). Tinha muito serviço. A gente não tinha tempo. Mal dava para ir ao banheiro...(216).

Lia muito. Fiz o curso científico parte trabalhando e parte só estudando. A Castellões permitia que a gente assistisse aulas diurnas. Eles cuidavam de preparar o pessoal.(234).

(Os chefes eram) americanos. Eles queriam tudo ali em ordem. E funcionava bem. Eu fiquei até o encerramento das atividades desta Companhia. Ela fechou. Fui indenizado.

¹⁰ A história do Colégio Culto à Ciência destinado às classes sociais privilegiadas, na primeira metade do século passado, pode ser encontrada em: BARBOSA, Irene Maria Ferreira. *Enfrentando Preconceitos – Um estudo da escola como estratégia de superação das desigualdades*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997, 250 p.

Todos, nós! E eu ainda ganhei um relógio. (...) . Então eu ganhei um relógio de bolso, Ômega. Um relógio bom.(218)

Para os alunos do curso científico, o Culto à Ciência abrandava um pouco o rigor do controle disciplinar. *Era rigoroso. Mas, não aquela coisa férrea... No primário era mais. Castigos eu tive no primário, conforme já citei, varadas, orelhas de burro, língua... Mas depois disto não. Lá, felizmente, não teve nada disto. (242)*

Mas havia rigor na formação dos hábitos de responsabilidade, de obediência, do respeito e de cumprimento dos prazos de deveres estabelecidos. *Ah, isto tinha. Eram rigorosos nisto. Não podia deixar de trazer o trabalho que era para fazer em casa, se não eles dobravam o dever e tinha que trazer dois. Um já era meio pesado, dois então... um castigo. (244).*

Comparando a empresa onde trabalhava e o colégio, Júlio achava que, no colégio, eram *muito mais controladores. (248).*

Júlio terminou o científico e já não estava mais trabalhando na Castellões que fechara. Neste período, aproveitou o tempo disponível praticando esportes. Pertencia ao quadro social do Clube Regatas, em Campinas, onde fazia parte do time de natação e de remo. Seu sucesso como patrão¹¹ o levou também a compor a equipe de remo do Clube Tietê em São Paulo.¹²

Então eu me destaquei a tal ponto que uma das olimpíadas, não me lembro bem qual, eu fui convidado. Já estava com o lugar acertado para ser o patrão do barco que ia disputar a olimpíada. Ai meu pai não deixou. Não consentiu que eu fosse. Ai, perdi esta chance. E eu gostava também da minha equipe, que era educada com a gente.(88)

No seu período de juventude fez muitas amizades, passeou, divertiu-se e leu muito. Ao terminar o científico, ingressou na PUC de Campinas, no curso de Economia. O curso era novo - ainda uma faculdade apenas - e Júlio percebia que o curso era um conjunto de disciplinas e que os professores, ainda quase todos padres, não estavam preparados para o magistério superior.

Tive informação das cadeiras que eles tinham(...). E um dava uma aula outro dava outra e eu ia a todas. Mas nenhum (professor) era especialista da matéria. Nenhum padre. Enrolava lá, tal e coisa. E a gente já percebia as coisas. (136)

¹¹ Membro da equipe de remo que, sentado à proa, coordena os movimentos dos remadores e o curso do barco.

¹² Sobre a prática do remo, no Rio Tietê, na primeira metade do século passado, ver: NICOLINI, Henrique. *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo:Phorte Editora, 2001, 368p

O controle da Igreja, na época, era rigoroso sobre as disciplinas lecionadas, as teorias estudadas e os autores adotados.

E era no tempo que quem lia Freud¹³ estava excomungado pela Igreja. O padre, no púlpito, dizia que Freud era uma devasso, um louco ... (138)

Era uma coisa impressionante. E como a gente ia cursar alguma coisa neste tempo? Então eu fiquei cinco anos lá. Recebi o título de ... acadêmico honorário...Um diploma também. (148)

Como só estudava naquele período, tinha tempo disponível. Buscou ampliar seu conhecimento, lendo, estudando o que na faculdade era proibido, desenvolvendo sua sensibilidade, sua criatividade e sua capacidade de construir coisas novas. Fundou o teatro universitário com outros seus colegas e encenaram peças clássicas de Molière e de outros autores famosos, levando-as para o Teatro Municipal onde fizeram sucesso.

Além do teatro universitário, também dava uma ajuda para outros pequenos grupos de estudantes do curso médio que mantinham movimentos estudantis e experimentos teatrais.

Com o tempo eu fui, fiz o teatro universitário, fui um dos fundadores¹⁴. Já vinha com uma bagagem do teatro dos estudantes, já com o clássico Édipo Rei, levado até ao Teatro Municipal. Naquele tempo era Faculdade e não universidade. (...) Depois fizeram um movimento e a raiz cresceu e (a faculdade) virou isto...uma boa universidade, (226)

E nós fomos(ler Freud) na casa de um médico que tinha um clínica aqui. Na casa dele a gente ia ler o Freud. Ele era médico psiquiatra. À noite. A gente passava a noite... (140)
Ah! (A gente levava) A coleção de Freud enrolada num pano ... (142)

Eu ia lá (nos outros grupos estudantis), dirigia, acertava tudo. Tudo de graça! Tava ocupado com o teatro, dia e noite. Fazia para ajudar aquelas organizações. Foi assim, até que chegou o momento de parar. Eu não segui a carreira de teatro não de medo de passar fome. Naquele tempo, era complicado. Ficou tudo no passado não tem ninguém que viu para contar isto ainda e aí ficou esquecido. . Para que lembrar um negócio deste? O valor que eu

¹³ Júlio omitiu, neste momento da entrevista, as obras de Marx. Somente mais tarde quando relatou toda sua história, pude entender que ele também falava deste autor alemão.

¹⁴ Julio está registrado na história do Teatro Municipal de Campinas através de FARDIN, Sônia Aparecida, (Org.) *Fragmentos de uma demolição – História Oral do Teatro Municipal Carlos Gomes*. Campinas: Editora Átomo, 2000, 234p.

*tenho um auto conhecimento. Tenho prudência em entrar dentro de um território sem conhecer, pelo menos uma informaçãozinha devo ter...e...(152)*¹⁵

Júlio se formou em Economia e foi trabalhar.

(...) Depois quando me formei fui trabalhar. Ganhar o pão nosso de cada dia. Aí eu entrei – prestei exame para a companhia – Paulista de Estrada de Ferro e trabalhei lá no escritório também. Foi uma Companhia de primeiro mundo que não sei como foram deixar acabar. Trem Azul. Chamavam o Trem Azul. Eram estradas do primeiro mundo. Bem dirigidas. (...) (252)

Júlio filiou-se ao Partido Comunista, ainda estudante, e foi trabalhar, como voluntário, na secretaria do partido, em Campinas¹⁶. Com a decretação da extinção do partido e da perseguição imposta aos comunistas, pela ditadura Vargas e depois pela ditadura militar, passou a se esconder e a desenvolver estratégias de sobrevivência para que não pudesse ser identificado.

Viveu escondido, nos períodos de repressão aos comunistas, com receio de ser preso, pois não “queria sofrer o que seus colegas de partido sofreram”. Grande parte das pessoas com que conviveu foram presas, torturadas ou então desapareceram.

Eu sabendo a tortura dos companheiros, eu não queria ser torturado. Eu não admito apanhar, ser agredido para poder contar alguma coisa. Não admito isto. Felizmente não tive isto.(606)

Conheci gente boa. Quase todos inteligentes. Quase todos perspicazes. Todos aqueles do cemitério de Perus. A nata da sociedade, a ditadura feroz...(766)

A (ditadura) de Vargas era mais perigoso. Em 64, os militares. Militar é bitolado. (770) Nunca fui preso. Também me cuidei para não ser.(772)

Não podia (ter um emprego seguro) Se pediam uma ajuda para você... a polícia ia atrás de você e de sua família. E perseguiam as famílias e eu queria proteger minha família. (774)

Conheceu Júlio Prestes pessoalmente quando ele veio a Campinas e naquela já trabalhava para o partido.

¹⁵ Possivelmente, Júlio se referia a sua aproximação com o Partido Comunista no qual se filiou e militou.

¹⁶ Júlio sempre guardou esta informação a sete chaves. Nunca contou isto a ninguém, nem a família, nem a mulher. Contou-me *in off*, depois de longo período de convivência e só me autorizou a utilizar os dados como desejasse, na sua última semana de vida.

Eu fiz o discurso dele. Preparei para ele ler na Rádio Janela.(794) (Rádio Janela) Era uma janela com um alto-falante.(799) Era um prédio, no terceiro andar, ocupando um cômodo, de frente para a rua. Na praça Largo do Rosário. Toda a bagunça que havia, havia debates, programas musicais...(796).

(Eu) Era um militante, destacado. Tinha procedimentos com eles. Lutei, pus a minha vida a serviço. (806)

A vida profissional e afetiva de Júlio foi pautada por viver no anonimato, nos períodos de repressão para não deixar pistas. Nunca disse de seu passado de militância à ninguém, nem mesmo a sua mulher e à sua família.

Para sua segurança e de sua família, não era possível morar mais em Campinas, sem se colocar em risco. Mudou-se, então, para São Paulo. Foi trabalhar como vendedor de livros, como autônomo, numa relação assalariada, mas sem carteira assinada. Nunca quis registro profissional pois poderia constituir-se numa pista importante para sua localização.

Após algum tempo em São Paulo, mudou-se para o Rio, onde trabalhou vendendo ações de shopping, de camping, de cia de petróleo, de seguro e objetos de arte.

Em todas as empresas que trabalhou sentiu-se explorado, mas tinha consciência de que esta exploração apesar de ferir sua dignidade também lhe servia à sua liberdade. Nunca estava amarrado a nenhuma delas, assim quando queria deixava o trabalho, sem maiores problemas. O trabalho servia apenas para prover seu sustento, seu bem-estar, mas sem colocar em perigo sua liberdade.

Era empregado. Comissionado, né. Sem carteira assinada, pois não queria nada assinado, era como um laranja. Ma, era empregado.(286)

Queria ser independente. Autônomo. E vivi muito bem. Não ganhava fortuna, mas ganhava pouco e sempre. Nunca me faltou dinheiro para nada. (496).

No Rio, Júlio namorou e casou-se com uma estudante de medicina que formada ganhou uma bolsa de estudos para o Estados Unidos e depois um visto permanente para trabalhar lá. Júlio a apoiava em tudo, mas não quis ir com ela. Aliás, ele não podia, pois precisava de passaporte e de visto. Não tiveram filhos. Então, divorciou-se para que ela seguisse seu caminho e ele o dele.

Correspondeu-se com ela, via serviço *posta restante* dos correios, para não identificar seu endereço, mas depois de alguns anos perdeu definitivamente o contato com ela.

Sabe apenas que ela mora, atualmente, na França.

Depois foi trabalhar em Salvador, em São Paulo, em Brasília, em Santos e em São José do Rio Preto. Mas, o seu período de maior dificuldade foi quando mudou-se para Santos.

Eu tive um revés na minha vida que eu vou contar para você pela confiança que você me inspirou e uma coisa que é raríssima acontecer. Não sei...eu tive um revés e não tinha onde morar... Eu estava em Santos. Foi logo depois que vim do Rio. Já estava sozinho e buscava um lugar para ficar, para trabalhar e para sobreviver, eu cheguei a dormir... eu usava muito os necrotérios e depois, devido também a onda de assalto... (554)

(...)Ainda lá no cemitério, havia um cadeira do INPS e o guarda à noite, naturalmente vendo que eu sentei naquela cadeira para dormir... e o guarda noturno me permitiu que eu dormisse nesta cadeira. Aquele negócio lá do INPS. Chegou um ponto que ele falou para mim: eu não posso permitir que o sr. fique aí, por que eu sou um empregado e eles não permitem. Se eu for largar assim, eu perco meu emprego. Então eu falei para ele: não! Para que dois desempregados? Deixa um só que sou eu. E agradei. E assim foi esta coisa(...) (584)

(...) eu tomava banho e na praia de Santos que você deve conhecer aquele sanitários para se tomar banho depois do banho de mar. Eu tomava banho na praia. (596) Não sei como eu fui cair nesta. Tava sem trabalho e eu não queria trabalho de carteira assinada. Tinha medo de me identificarem, irem atrás de mim. (568).

Então tinha o problema de comer um PF por dia. E eu ia buscar de qualquer jeito um PF. Caí, numa revista picareta, que eu não acreditava. Para pegar anúncio nos comerciantes, picareta pura, tremenda! (582)

Aos poucos foi penetrando na zona cerealista de Santos e conseguiu um trabalho melhor que lhe permitisse viver melhor. Como era um homem culto, educado, atencioso, tinha facilidade em fazer amizades.

Em Santos, na zona cerealista, eu fui penetrando lá para fazer alguma coisa, tomar conta do escritório, tomar conta de algum depósito. (...) No depósito, eu arrumava sempre um jeito de dormir. Ficava com a chave. No depósito tinha lá a mercadoria que era vendida, eu tomava conta daquilo, anotava a quantidade de bebidas, para prestar contas. E fui ganhando também o suficiente para sobreviver melhor.(596)

Passou algum tempo em Santos e voltou para São Paulo, arrumou um trabalho semelhante com um outro cerealista, no Brás, do qual ganhou a confiança e sua vida melhorou um pouco novamente.

E a minha vida ia indo assim, maravilhosa, sobre o ponto de vista anterior que eu estava. Eu ganhava pouco, mas sempre estava com dinheiro no bolso para fazer o que eu quisesse, comendo bem, o que eu quisesse comer, então a pizza por exemplo eu gosto até hoje...pizza. Então eu ia numa pizzaria e pegava um pizza grande com azeitona pretas, também pedia uns pastelinhos prontos e uma garrafa de vinho. Então...(626)

Para não colocar sua família em risco, não a visitava. Telefonava, dizia-se muito ocupado, com muitos compromissos empresariais, viagens e reuniões. Para que pensassem que estava muito bem, comprava presentes caros, como bicicleta da moda, máquina de lavar, televisão, etc e mandava de presente. Muitas vezes, pagava com dificuldade as prestações.

Eu mentia. Dizia que estava em tal lugar, que não podia ir passar Natal com eles lá... e fui levando assim. E também saiu uma TV aí...para mãe dele dei um máquina de lavar(...), Dei para ele, aquela festa, tudo. E eu sempre dizendo, estou viajando, correndo o mundo e tal...Engoliram. (626).

Um dia Júlio adoeceu. Estava com 78 anos. Teve um problema cardíaco. Ficou mal, foi internado e ficou impossibilitado para o trabalho. Uma colega de trabalho ligou para seu sobrinho em Campinas. O sobrinho foi buscá-lo e ele veio para cá, mas não quis ficar na casa dele.

A casa dele era pequena e não havia condições. Então vim para cá.(Lar dos Velhinhos). E antes, quando sentia falta de ar, ele me levava a qualquer pronto socorro e dava lá o tratamento e passava. Até que eu fiquei definitivamente aqui, neste paraíso que Deus deixou para nós. O Lar...(644).

A vinda para o Lar não lhe trouxe tristezas, pelo contrário. O que o deixou muito abatido foi o início de sua dependência e a impossibilidade de trabalhar.

Foi muito ruim não poder trabalhar mais. Foi péssimo mesmo. Talvez a pior coisa da minha vida, pois passei a ser dependente. Mesmo quando ganhava pouco, podia fazer o que queria. Muitas vezes, fui explorado por picaretas, mas nunca deixei de cumprir minha obrigação ou então passar eles para trás. Nunca. Nunca tirei isto (dos meus propósitos). Sempre aprendi, em casa e na escola, que a honestidade é algo que deve se preservar, custe o

que custar. E hoje me sinto um cara honesto. Sempre desejei o bem a todos. (650)

Nunca quis (carteira assinada) por motivos outros. Mas era como se tivesse. Sempre tive chefe a quem obedecia e ajudava. Nunca nenhum deles reclamou de mim, pois fazia tudo que mandavam. Quando não concordava com as picaretagens, pedia demissão. Parar para mim foi horrível. Acho que fiquei mais deprimido por não poder me manter do que pelas doenças e pela minha vinda para cá. Procuro enfrentar isto com coragem, pois não tenho outra saída... estou totalmente dependente...(652)

Mesmo sem contribuir, Júlio conseguiu sua aposentadoria que é pequena, mas que lhe permitia sobreviver.

Tinha como provar que trabalhei e trabalhei muito. Ai, arrumaram para eu receber uma ajuda. Dou uma parte para o Lar e fico com o resto. Não tenho despesa, assim dá muito bem. (626)

Júlio apresentava sintomas depressivos, mas os enfrentava elaborando suas perdas e buscando outros objetos em que podia investir, mantendo plena consciência de seus limites e de suas possibilidades.

Eu via sempre, paulatinamente, os acontecimentos. Com minha fé, eu tinha em que saber que ela era inquebrantável... Mesmo nos momentos de grande depressão, quando sentia que não havia mais saída, ainda assim eu tentava, eu acreditava...(718)

Por que eu tive contato com as maiores cabeças do mundo. Pelo que eu li deles, até hoje, o que eu faço, Jaime, é o seguinte: os bois à noite, vivem sempre mascando, à noite. Não sei se você já viu algum boi...(720) Ruminando. Então eu segui o exemplo dos bois. Eu rumino capim fresco, saudável, nutritivo das coisas que me aconteceram. Não achei nada melhor do que isto. Acho que este é meu jeito de vencer a tristeza quando ela bate. (722)

É uma realidade da vida. E a gente não pode fugir da realidade da vida. A vida é impostora, ela impõe. A gente sempre seguiu. Quando estive mal quando vim para cá e sabia que não podia mais trabalhar, me manter, mesmo assim, tentava olhar minha vida como coisas positivas...(724)

Eu classifico que o Lar... eu era um naufrago e o lar foi minha tábua de salvação. Esta sendo até agora. Eu estava no fundo do poço. Deprimido, sem saída, sem alternativa. Mesmo enfrentando a vida, achava que estava no fim e que a morte talvez fosse a solução. Os elencos que têm formado aqui, agora com a inclusão de você, faz com que os

pacientes possam suportar, sem desânimo, sem desespero a situação de cada um. Entendeu? Fiquei naquela época muito deprimido. Precisei de remédio de atenção especial, pois tudo estava muito confuso. Perdi minha liberdade de ir e vir, de poder trabalhar, de defender meu PF, minha sobrevivência. É isto Silvio, perdão Jaime. Silvio. Ele falou de mim agora. (754).

4.4.2 - A história de Carlos

Carlos nasceu na Bahia, tem 57 anos, é pardo, descendente de índio. Tem o curso primário completo. É casado, aposentado e tem quatro filhos homens.

Sua primeira infância, na Bahia, foi de muitas dificuldades. O pai era alfaiate e a mãe cuidava da casa. Nos períodos de seca, o pai quase não tinha clientes e ficava praticamente impossível a manutenção da família composta de mais dois irmãos.

Carlos tinha oito anos, quando aconteceu uma grande seca. Tudo secou, o rio, os poços, as árvores e o trabalho. Com a sobrevivência quase impossível no sertão, migraram para Campinas.

Vim com minha família. Meu pai veio primeiro. Lá tava ruim demais, uma seca terrível, não tinha emprego e o pessoal tava passando fome, aí vieram aqui pra São Paulo. Foi a época, aquela época de migração. Aqui tava pegando muita gente, mineiro, baiano, tudo para trabalho.(8)

(...) até São Paulo nós viemos de caminhão, pau-de-arara. Era um caminhão, esses caminhãozão coberto com lona. O banco tem umas tábuas dividindo. Tinha umas cinqüenta pessoas no caminhão. À noite, parava. De madrugada, geralmente. Quem tinha dinheiro ia dormir no hotel e se não tinha dormia debaixo do caminhão mesmo. Armava a rede, dormia na rede.(16)

Custaram muito para se adaptar à vida da cidade. Mudaram-se várias vezes. De Campinas foram para São José do Rio Preto, voltaram a Campinas, foram para Governador Valadares, depois retornaram a Campinas onde se fixaram.

A vida escolar de Carlos ficou muito entrecortada. Iniciou seus estudos na Bahia e depois de muitas idas e vindas concluiu o seu curso primário em Campinas

Conseguiu terminar o grupo escolar por insistência da mãe que, ao contrário do pai, via a necessidade de os filhos estudarem. As escolas que frequentou eram muito rigorosas no que se referia à disciplina.

Na época de escola (lá na Bahia) eu tava estudando no primeiro ano, na única escola que tinha lá. Era no Cajueiro, era meio longe, a gente ia a pé...(252)

(Lá na Bahia) Peguei, peguei (palmatória)! Uma palmatória é um negócio, uma tábua redonda assim. E tem professora maldosa que ela fura no meio para fazer pressão...(260)

Bate na mão ou em qualquer lugar. Aí ela chegava e falava: “você vai levar palmatória, dá a mão aí” Ah tudo bem! Duas palmatória: pá, pá !..(264)

Naquela época a professora batia na frente de todo mundo. Se você fizesse qualquer arte você ia ficar no canto da classe, de costas, de castigo em pé a aula inteira. Na classe você tinha que estudar, ficar quieto, obedecer. Se fazia qualquer bagunça, se você virasse para o lado o apagador vinha na sua cara. Isso já, sempre foi assim.(266)

Chegamos em Campinas. Aí eu fui pra escola. Aí meu pai falou assim: “menino, vamos aprender ofício, vamos!” “Não, os meninos têm que estudar”, disse minha mãe. Minha mãe sempre brigava. “É, mas, muié fica em casa, vai fazer comida, não sei o que, os homens têm que trabalhar”, ele falou. Ela retrucou: “não, mas tem que estudar, ainda mais que em São Paulo. Em São Paulo tem que estudar, aprender um ofício, então ele vai estudar”. Aí por causa de minha mãe fui para a primeira escola em São Paulo, em Campinas. Foi o Dom Barreto, grupo escolar, lá na Avenida da Saudade e tem até hoje...(300)

Mesmo as escolas de Campinas, tanto a pública, como a salesiana, em que estudou a última série do curso primário, tinham a mesma rotina e mesma disciplina rígida.

A rotina do grupo era assim: estudar português, aritmética, gramática, verbo. Você tinha que saber bem verbo, soma, matemática. E você tinha que fazer muita composição, entendeu? Desenho, a gente fazia muito desenho, tinha que desenhar bastante. Às vezes, a professora mostrava um quadro assim na sua frente e olha: “decomponha esse quadro aí”! “O que você vê”? Então fazia decomposição, descrição, ditado, às vezes leitura. A gente entrava na escola sete horas da manhã e saía às onze, ao meio dia. Então tinha o recreio e a gente levava lanche, tal...(304)

Tinha que chegar na hora, já viu, atraso no máximo era cinco minutos. Aí, a leitura então, num dia especial era a leitura. Além disso, era uma coisa, tinha um quadro que a

gente tinha que descrever, aí depois você tinha que ler o que você fez, o que você viu. Depois a gente pegava um livro de leitura, ficava lendo e acompanhando a leitura. O professor mandava parar e o outro continuar. Se não estava acompanhando a leitura e tava lá vendo mosca e quando a professora falava: fulano continua. Se a gente ficava ãh, ãh, aí pronto, aí a régua comia! (306)

Aí era com régua: pá! “Seu moleque, sem vergonha, não tá prestando atenção não!”. Tinha que ler pontos e vírgulas, tudo... Naquele tempo, a escola era boa, rígida, eles ensinavam verbo e então você tinha que saber verbo, pretérito perfeito, do presente, passado, futuro, mais que, mais que, que, entendeu? Eu nunca aprendi...(310)

Hoje em dia não, hoje em dia o pessoal... Sei lá, acho que a escola hoje é mais, mais maneira, porque antigamente tinha mais rigor. A gente tinha que obedecer, sem questionar...e se não obedecia era castigado.(348).

Guarda muitas recordações da escola, especialmente quando foi fazer o quarto ano no Externato São João, no centro da cidade, para onde se mudaram. Era um colégio gratuito mantido pelos salesianos que incentivava o estudo, a vida esportiva e a religião, como estratégia de formação de hábitos nos alunos. Havia muitas atividades esportivas para tirar os alunos da rua. Carlos que já estava se enturmado com os colegas do Externato São João não pôde desfrutar muito das atividades extras do colégio. Precisou ir trabalhar.

Carlos começou a trabalhar muito cedo. Nunca quis seguir a profissão do pai que tinha uma vida muito irregular, era alcoólatra, não tinha hora para trabalho e não valorizava o estudo, ao contrário da mãe que era organizada, metódica e queria que os filhos estudassem.

(Eu tinha) Nove anos, nove, dez anos mais ou menos. Foi quando eu estudava de manhã, chegava em casa, tirava a roupa, comia e ia encontrar com o rapaz na casa que era perto da onde ele trabalhava. Ia lá, chegava lá e aí começava a minha rotina. Passava a mão numa maleta, naquela época tinha bonde, e ia para onde ele me mandava. O cara era tão murrinha que nem o dinheiro do bonde ele não dava. Às vezes, ele vinha de bicicleta e aí me trazia, atrás na garupa. Aí quando não, a gente saía antes e falava assim: “ó, manda o Carlos pegar a maleta e ir pra tal lugar”. Eu andei essa Campinas inteira. Eu conheço Campinas de fio a pavio. Conheço Bonfim, Castelo, Nova Campinas, Cambuí. De Campinas eu conheço tudo, tudo quanto é rua daqui, algumas eu ainda lembro. Já andei por todas elas. Eu trabalhei com ele cinco anos, atendendo e tal. Aprendi a trocar bóia, limpar rede de esgoto, consertar e

instalar chuveiro...Fazia tudo, tudo que pintava, nós tava fazendo. (92)

Fazia manutenção desde pequeno. Por isso que é o meu caminho. Eu sou mecânico por causa disso, porque eu sempre trabalhava com a mão na graxa, no ferro de soldar, de oxigênio. Aí, o que aconteceu? Chegou uma época, inclusive esse, esse cidadão, naquela época o pessoal explorava muito a gente. Nós ganhava muito pouco e chegava de domingo ele ainda queria que fizesse feira pra ele: “eu preciso de você amanhã”. Eu perguntava: “mas pra que? “Pra ajudar na feira!”. Tudo bem, no começo tudo bem ia lá, fazia feira, carregava duas sacolonas e vinha e ele folgado. Aí teve um dia que eu falei comigo mesmo: ah, isso não tá certo isso aí não” (94)

Aí, (quando fomos morar) em Governador Valadares, ele (meu pai) arrumou trabalho para mim..., Aí foi que eu aprendi o serviço de serralheiro(...) para fazer vitró, porta... (100)

Aos doze anos mais ou menos, voltamos. Aí de Campinas não saímos mais. Dos doze anos não saímos mais de Campinas. Fui morar naquela época ali no centro. Então ali começou minha vida, porque ali como eu tava trabalhando de serralheiro, perto da minha casa. Ali eu aprendi um serviço de serralheria. Ali eu trabalhei até ir pro quartel...(128)

Trabalhava o dia todo porque estudava à noite. Continuei na escola. E ele: “você precisa ajudar, vamos trabalhar, tem que trabalhar, aprender um ofício”. Naquela época meu pai falava isso : “tem que aprender um ofício, pra saber fazer alguma coisa. Você vai estudar pra que? Você não tem nada, o que que você vai fazer com o estudo”? “Você não quer ser alfaiate?.” Falei: eu não, não quero se alfaiate! Porque meu pai tinha o seguinte horário: ele dormia das oito da noite até as dez. Ai as dez acordava...e Ai começava a trabalhar. Ai cortava, você tinha que dormir com o barulho de máquina e a tesoura fazendo barulho na mesa, rec, rec, rec, cortando pano. Tinha que dormir assim, porque nós morávamos, não numa casa, nós morava num quarto, era um quarto né. Nós fazia divisória. O casal dormia na sala, os filhos vinha pra cá. Cozinhava fora, assim. Era uma vida cigana. Nós tínhamos uma vida cigana. (102)

Quando saiu do Quartel, buscou organizar sua vida, pensando em trabalhar de carteira assinada. Foi trabalhar numa empresa de ônibus e lá, além do trabalho de lavador de carro, jogava no time da empresa, como goleiro. Naquela época, eram comum as empresas terem seus times de futebol para a disputa de campeonatos de trabalhadores.

Bom, saí do quartel. Aí começou minha vida, agora a outra parte da minha vida. Aí foi quando eu fui trabalhar de serralheiro. Aí eu falei: agora eu vou fazer vinte anos e tenho que trabalhar de carteira assinada pois tem a aposentadoria mais tarde. Já comecei a pensar na minha aposentadoria. Aí eu falei: não pode registrar? E ele: não, não sei o que,! Então: tudo bem! Como eu jogava bola - eu jogava bola né - aí tinha uns colegas meu que me disse: “você saindo do quartel se você não tiver serviço vem aqui que eu te arrumo”! Isso era o pessoal da Cometa e eu jogava bola com o pessoal deles.. Naquela época, naquela época tinha as fábricas e empresas que pegavam jogadores pra disputa campeonatos pelos seus times. (150).

Foi contratado pela Cometa, onde trabalhou por algum tempo. Como havia se casado, precisava de ganhar mais e foi procurar outro trabalho, após sua demissão. Através de uma indicação política, foi admitido numa empresa de fabricação de peças automotivas, onde ficou quase 20 anos.

Carlos aponta esta mudança como o início de uma vida mais segura. Lá conseguiu fazer cursos, comprar sua casinha da Cohab, tirar dinheiro para cuidar dos quatro filhos. Entretanto, trabalhava muito à noite. Vendia suas férias, fazia hora extra, não enfeitava trabalho.

Aí foi aonde que eu casei. Quer dizer tive que casar porque minha mulher ficou grávida, tive que casar. Aí na Cometa eu fui e pedi um aumento: ah, vou casar, preciso de um aumento! Na Cometa, ganhava cinqüenta e nove centavos por hora. Naquela época, cinqüenta e nove! Falei: olha, eu quero aumento, eu vou casar, minha mulher tá grávida e não sei o que”.... Era um tal de português, um portuguêsão: “aumento não, não sei o que, não é culpa minha”. Falei: eu sei que não é culpa do senhor, mas a gente trabalha aqui há muito tempo e nunca pediu aumento. E ele: “não, não tem aumento não, se quiser peça a conta!” E eu: pedir a conta eu não peço não, não vou pedir a conta, você vai mandar eu embora!. E ainda nós sabíamos como fazia pra mandar embora. Era não fazer nada, porque quem quisesse ir embora eles não mandava, a gente tinha que pedir a conta. Aí a gente tinha arrumar um jeito. Aí um certo dia ele falou assim: “tá dispensado”! Falei: “ah, tudo bem”! Fui embora e tal. Aí que minha vida começou a melhorar, porque eu casei, casei, tal, fui morar com o tio da minha mulher, num quartinho lá. Casei sem nada, casei porque tinha que casar. Ele falou assim: “vem morar aqui comigo, tem cama, um guarda-roupa e fica aí, vai vivendo sua vida”. Ai...,

mas tudo bem. Ai quando eu sAi da Cometa, minha mulher tava esperando filho.. Ai comecei a andar, andar. Ai, naquela época, minha mulher falou assim, “vamos procurar alguém que ajude...parece que é Romeu Santinni que ele arruma empregos.”. Ah é? Ela falou: “é, pode tentar que ele arruma emprego.” E fui né. Naquela época eu não sabia quem era o Romeu... Ele era vereador, ele arrumava emprego ele ainda é vereador e agora ele é presidente da Câmara né. Naquela época, eu falei: doutor, eu tô desempregado, com uma mulher e com um filho, tá difícil e eu não ..” . Ai ele falou assim, ele bateu uma carta, “você quer ir pra qual, você quer ir pra Bosch ou pra Bendix? Bendix era fábrica de freios, fabricava freios da Crysler, da Chevrollet, Ford. Eu falei, é, mas eu fui lá e não quiseram dar emprego, disseram que não tinha. E ele: “você quer ir lá vai. Você mora aonde?” Falei: eu moro no São Bernardo. E ele: “Então, ali na Bendix está bom pra você lá é bom”. Ai passou a carta, falei: ah, tudo bem. Porque foi assim, eu já tinha ido na Bendix. Fui lá e eles falaram assim: “emprego não tem não. Você tem diploma? E não sei o que... Falei: não, eu só queria na produção. Ai o homem lá falou: “ah não, na produção não tá precisando”. Tudo bem. Mas quando o Santini me deu a carta e fui lá e falei: eu tenho uma carta do presidente da Câmara Romeu Santinni. Ai i o mesmo cara que disse que não tinha vaga falou: “pode entrar!”. Mas ó que filha da mãe! Né? Oh, que filha da mãe! Eu vim aqui ontem e o cara disse que não tinha. Hoje já tá, ele até me convidou: “entra lá, vai lá dentro falar com o rapaz!” Era um tal de Maurício, ele era chefe de recursos humanos. Ai fiz a ficha e tal e quando vi tava empregado. Ai ele eu fiz a ficha e tal e ele falou: “passa amanhã aqui!” Ai i eu passei, passei no outro dia, ai ele falou: “pode fazer exame médico!” . Ai fui fazer exame médico, Ai começou minha vida, sAi daquela pindaíba. (182) Lá eu fui trabalhar de operador de máquina. (184)

Ai foi a época de ouro minha, que eu comecei a ganhar, fazer hora extra e tal, trabalhava direto. Até inclusive quando chegou a recessão em 69, 70 tavam mandando nêgo embora, ele falou assim: “ó Carlos, você é um bom funcionário, mas o problema, pra não mandar você embora você vai tirar férias!”. Então eu peguei acho que uns dois meses de férias né e depois trabalhei três anos direto sem férias. (194)

(Trabalhei) sem descanso. Ai quando eu tava com dezessete anos de firma eu comecei a pensar na minha aposentadoria. Ai começou meu dilema, porque ai eu falei assim, porque naquela época eles tavam demitindo muito. Ai eu falei: se eu for da CIPA - Comissão de Interna de Prevenção de Acidente - se eu for da CIPA, eles não podiam mandar embora.

Quem era da CIPA, tinha estabilidade. E eu ficando na CIPA, por dois anos, quando eu sair da CIPA eu me aposento. Naquela época tinha insalubridade né, então você com vinte e cinco anos se aposentava. (196)

Eu trabalhava doze horas. Eu fazia doze por doze. Então, quer dizer, também eu sempre trabalhei e nunca, nunca, você me via de folga. Férias minha nunca, nunca fui viajar. Eu sempre tentando melhorar. Aí eu falei pra minha mulher: é preciso falar pros meus filhos que eles têm que estudar... (202) Trabalhava, as férias eu vendia é, nós vendíamos metade das férias pra ter um dinheirinho...(210)

Na Bendix, seu trabalho era operar a máquina que fazia uma pequena peça do conjunto de freios para o Opala, num trabalho repetitivo, constante.

Meu trabalho na Bendix era muito repetitivo. Porque era furadeira, prensa, furadeira, prensa e máquina...E era tudo manual. Só a prensa era automática e a máquina de solda você coloca as peças lá e vai soldar. (452)

Todo dia, todo dia a mesma coisa, entendeu? Às vezes, a gente tava trabalhando, aí vinha correndo o chefe, para tudo, muda isso aqui e vai pra outra, Ai você mudava pra outra, tava trabalhando e tal, muda pra outra, então sempre...Mudava apenas, mas o ato era o mesmo. É como o molde. (454)

(...). Então era todo dia a mesma coisa, fazia mil, seis mil, quatro mil peças...(456)

Aí quando eu tava com dezoito anos de Bendix, mandaram eu embora. Ah, tudo bem né, agora meus filhos tão criados, tão encaminhados.(218)

Ficou um mês parado, mas como tinha muita experiência foi trabalhar numa outra empresa, a STUMPP & SHUELE do Brasil, num trabalho semelhante. Após um tempo trabalho adoeceu tirou licença e foi se tratar, mas ao voltar, foi demitido.

Aí eu fui trabalhar lá, trabalhei lá muito bem. Aí foi aonde que eu fiquei doente, eu fiquei doente. Me deu, minha doença foi.... nervosa, ah, agora que eu lembrei: anorexia nervosa! Eu comecei a emagrecer, emagrecer...(470)

Não conseguia comer. Aí começou com uma tosse, uma tosse, inclusive fiquei (internado no Hospital da Unicamp) com um rapaz lá, quando tava internado. Um dia ele falou assim, “cara, colega, você, eu pensei que você ia morrer, viu!” Eu me recuperei, comecei a tomar soro, soro, tomei soro direto, era só soro, fiquei acho que uma semana tomando soro, só

tomava soro, andava, tomava soro, andando meio arcado...(480)

É, eu falei, puta vida.! Quando sarei não me quiseram. Aí eles falaram: “sinto muito mas...” Eu falei: não, mas agora eu tô bão, tô curado? Mas eles: “a gente não quer mais...” (490)

Carlos, ficou desempregado. Neste íterim prestou concurso para auxiliar de serviços gerais para um órgão governamental do Estado de São Paulo. Enquanto esperava ser chamado, voltou a trabalhar na Bendix, de onde fora despedido, por intermédio de uma empresa prestadora de serviços. Porém, ficou lá alguns meses apenas, até ser chamado pelo Estado, em 1988. Nesta instituição, trabalhou em manutenção durante 10 anos.

Em 1996, o governo brasileiro começou a promover uma série de reformas no sistema de previdência social o que se apresentava como ameaça aos direitos já adquiridos dos trabalhadores na ativa. Aposentou-se, mas continuou na organização, por mais três anos, sem interrupção, dando-lhe a sensação de que nada tinha mudado. No entanto, o governo estadual proibiu os aposentados de continuarem trabalhando, através de novos contratos.

Me aposentei com cinqüenta e quatro. Trabalhei mais 3 anos depois de aposentado. Hoje eu tô com cinqüenta e sete. (582)

Então porque já tinha dado tempo.. Até que eu falei, começou aquele negócio do governo de mudar a lei. O governo começou a mudar na lei da aposentadoria, eu falei: antes de perder meus direitos, pois cada um dizia uma coisa, eu falei: eu vou aposentar!.(...) Eu tinha quase quarenta anos de tempo de serviço.(574)

Fui contratado imediatamente. Eu nem fui mandado embora.(584) Trabalhei mais 3 anos depois de aposentado. (582)

Aí eu fiquei trabalhando. Devido a época, o governo do Estado disse: “aposentado não vai trabalhar mais”! Aí me mandaram embora e não me pagaram nada. Disseram que não tinha direito, pois já era aposentado. (594). Fui avisado uns três dias antes. Veio a cartinha pra comparecer no Departamento de Pessoal (600)

A partir deste momento, Carlos tomou consciência de que uma nova etapa estava acontecendo em sua vida. Não mais uma etapa promissora como aquela do seu primeiro emprego com carteira assinada, aos 20 anos, mas, uma etapa mais sombria cuja responsabilidade ele debita a si mesmo. .

(...) Mas, na realidade é que eu estacionei. Falei, eu vou trabalhar aqui, tô na (.....), eu vou ficar aqui até morrer, a (.....) não manda embora, mas tem um detalhe, eu aposentei, aposentei e tava correndo o risco de qualquer hora...(684)

É. Então, aí, , a realidade foi essa, eu parei no tempo e fiquei, eu não me preparei pra minha velhice, isso que faltou pra mim. (686)

Após ter deixado o trabalho, passou a se sentir desvalorizado, pressionado em casa e pelos familiares e amigos e a desenvolver sintomas depressivos o que o levou a buscar ajuda no Ambulatório de Saúde Mental do Idoso.

Então, até que chegou uma época que bateu aquele desespero, porque aí não tinha trabalho, não tinha o que fazer. Acordava e não podia trabalhar. Tinha trabalhado a vida inteira. Aí i minha mulher falou assim: “leva currículo, leva currículo” e tal. Aí eu fiz um monte de currículo e saí entregando currículo, até que uma hora bati numa porta e a entrevistadora me falou: “mas o senhor é aposentado, não sei o que... aposentou há pouco tempo!” Eu falei: eu tenho que trabalhar, tô aposentado, mas não tô aleijado! E ela: “é, mas tem muita gente aí i que não é, serviço tá difícil, você tá com cinqüenta e poucos anos...” Aí bateu ...Putá merda, não tinha pensado nisto! (606)

(A sensação era) Que tava fora... que já era.... Foi aí que bateu aquele negócio, aquela tristeza. A mulher falava pra mim: “é, precisa trabalhar, você não saí, você não procura!” Falei: como? Não é culpa minha que eu tô em casa, eu tô parado porque não tem serviço, não acho, ninguém quer, quer que eu faça o quê? Numa terça-feira eu saí para dar uma volta, tava lá na agência vendo no jornal o que tinha de emprego na minha especialização, eletricitista, furador, mecânico: “ah, deixa o currículo!”. Mas chamar que é bom mesmo..! (...)Então porque bateu aquele negócio e as brigaiada em casa...a mulher falando, falando, deu aquele negócio dentro de mim. Falei: vou esperar a morte mesmo, não tem jeito, tem que esperar a morte! (608)

É sério. A gente ri porque tem, tem que rir. Se não rir vai fazer o que da vida? Fala pra mim, quando os caras diziam: você tá velho, não tá mais forte pra trabalhar, vai descansar! Aí você fica com a cara pra baixo, bate aquela coisa e você pára e pensa: eu sou o pior, dois braços bons, as pernas fortes, mas que adianta! E sabe, meu pai, desde pequeno sempre me dizia: “tem que trabalhar!” O homem precisa trabalhar e eu não consigo. Procuo, me ficam enchendo a cabeça, falando nos ouvidos: “tem que procurar, sair, ver”. .Sabe,

eu...(610)

Bateu, bateu aquele desespero. O que eu vou fazer na vida? Vou sair pra rua andar que nem bobo? (...) Então eu fico lá, na porta, na porta da sala. Televisão, já enjoei de ver televisão, então nem ligo mais. Já pensou passar o dia deitado vendo televisão?(616)

É difícil explicar porque a depressão é uma coisa que vem assim...Às vezes você senta, você não tem o que fazer, porque eu não tenho o hábito muito de ler. Então você vê a mulher falando pra você, “oh, precisa trabalhar, oh, não sei que, oh...”! Aí você bate aquele negócio assim, você pensa: mas o que eu vou fazer? O que eu faço pra melhorar? Você quer melhorar, você quer ter controle, você que é acostumado ao batente, a fazer, correr de manhã até de tarde, Aí você quer fazer alguma coisa, mas... Outro dia mesmo eu tava arrumando as coisas lá em casa. Aí queimou o chuveiro. Mais que depressa falei: bom, eu vou arrumar esse chuveiro. Aí minha mulher pegou o chuveiro, jogou fora e comprou outro novo. Eu falei pra ela: antes eu arrumava o chuveiro, agora você joga fora. Eu não sirvo prá mais nada! Então aquilo dela jogar o chuveiro fora, aquilo já me deprimiu demais. Parece que fui jogado junto, que eu não servia mais! Falei: eu não sirvo pra mais nada né? Foi aonde que eu pensei: podia fazer manutenção de aparelhos eletrodomésticos. Eu pensava nisto. Mas com aquilo do chuveiro fiquei pensando: se eu for fazer uma oficina de consertos, de reparos, não vou ter cliente, vou ficar a mesma coisa porque a mulher jogou o chuveiro fora, foi na loja e comprou um outro novo por dezesseis reais. Quanto ficará uma mão-de-obra para arrumar um estragado? Quanto? (624)

Outro dia mesmo quebrou ventilador e jogaram fora. Eu falei: mas o motor tá bom é só a hélice quebrada! “Que nada! compra outro!” E comprou, 30 reais. Quer dizer vou montar uma oficina pra quê? Então você sentiu que você perdeu o espaço, eu não tenho mais espaço, a tecnologia avançou muito o que deixa a gente de fora. Então aquilo te deprime, você fala: pô, eu sou um mecânico, mas para quê? (628)

Foi minha mulher, que não me agüentava mais, ela não agüentava mais (risos) entendeu? Ela falou assim: “você tá doente, eu vou mandar você pra psiquiatria que você tá ficando louco.” Falei: ah, você tá ficando boba, acha que eu sou louco? Ai eu vim e comecei a conversar...(670)

Então devagarzinho, depois que eu comecei a conversar com o pessoal aqui do ambulatório e aí começou a ficar bom, aí eu comecei a melhorar. Falei: ah, não vou esquentar a cabeça não, vamos, deixa rolar, vamos ver o que vai dar! (616)

Carlos atualmente está em processo de acompanhamento psicoterapêutico, entendendo aos poucos sua trajetória de sujeito e refazendo seus projetos de vida, enquanto trabalhador assalariado aposentado.

4.4.3 – A história de Irineu.

Irineu nasceu no interior de São Paulo, tem 55 anos, e é descendente de japoneses. Seus avós migraram para o Brasil, receberam uma gleba de terra do governo federal, como os demais imigrantes nipônicos da mesma época. O avô, infelizmente, por diversos motivos, não foi bem-sucedido e teve que devolver a gleba, marcando a família, dentro da colônia japonesa bem-sucedida, como fracassada. O seu pai, nissei, era motorista de caminhão. Casou-se com outra nissei, e tiveram Irineu, o primogênito, e mais quatro meninas.

Irineu, neto e filho homem único da família, assim foi educado com a rigidez da cultura japonesa conservando as suas tradições, embora num ambiente brasileiro.

Eu sou de uma família humilde. Meu pai era motorista de caminhão. A minha mãe era das famosas prendas domésticas. Só tomava conta de casa. Não tinha trabalho remunerado, mas trabalhava em casa, mas ela não conseguiu aposentadoria. Hoje ela recebe como pensionista do meu pai. Como se o trabalho doméstico não contasse! E ela é que fazia o maior trabalho. E acho que era ela que fazia a maior parte do trabalho. Porque o trabalho doméstico é assim só parece quando não se faz, quando faz ninguém nota pois está tudo limpinho. Minha mãe ficou na tradição do sistema brasileiro – sistema machista. O homem era provedor de casa, a mãe, a mulher ficava sempre em casa - na verdade a mulher naquela época não era preparada para o trabalho. Eu sou da terceira geração de descendentes japoneses. Meus avós vieram para cá na segunda ou terceira imigração. Então meus pais já nasceram no Brasil. Mas a cultura, a criação naquela rigidez oriental apesar de que esta rigidez só é vista aqui no Brasil. No Japão também já mudou muito, sabe, se ocidentalizou

tudo, lá. Então os costumes que os japoneses tentavam conservar aqui no Brasil são costumes que no Japão nem existem mais. Hoje mesmo já tem choque. Os japoneses que nasceram aqui, descendentes deles, e os japoneses que residem no Japão. Sabe, a diferença é muito grande já. Mas aqui, eu, eu sou o único filho, tenho 4 irmãs. Então sempre foi colocado dentro de minha cabeça que o homem era o responsável pela casa, que é o esteio da família, então foi colocado da forma de uma responsabilidade muito grande. Isto, no meu entendimento pesou muito nas minhas, sabe, na minha formação. Então, já tinha comentado também, que uma coisa que marcou muito na minha vida foi uma colocação que me pai fez: eu, como homem da casa, seria como o esteio da casa. Isto ele tinha colocado entre 10 ou 11 anos de idade. Ele me chamou e mostrou a estrutura da casa. Eu morava numa casa de madeira então não tinha forro então a gente via toda a estrutura do telhado. Ele me mostrou a viga mestra que sustentava todo o telhado e me falou: “você é como aquela viga. Ela sustenta todo o telhado” Isto me marcou muito a minha vida, entende? Ai como te falei, isto me marcou tanto pessoalmente e profissionalmente, tudo e inclusive sexualmente. Depois, mais pra frente, posso comentar isto com você, se você achar interessante.(04)

Então eu tive uma formação assim muito severa apesar de eu não ter aqueles castigos que a turma fala. Às vezes a gente pensa que era severa, com palmatória, não, não... Foi uma criação rigorosa em termos de educação em termos assim de conhecimento da vida. Meu pai, no pouco tempo em que passava com a gente, ele tentava passar.(06)

Freqüentou a escola pública, comum a todos os moradores, pois sua cidade natal era muito pequena e tinha apenas uma escola. O primeiro dia de aula o marcou profundamente e o colocou diante de uma realidade que teria que enfrentar: sua educação japonesa, dentro de uma outra cultura.

Foi complicado. É até nisto a minha formação japonesa pra mim foi assim prejudicial ..(46).

Porque em casa, eu tenho o nome japonês então ninguém me chamava de Irineu – só...Hauou – Haruo - e japonês chama o irmão – o mano – de An-tian – é irmão . Os mais novos me chamavam de na-dian e os mais velhos de hauuo. Depois, todos já me chamavam de Harou. Então como eu sempre fui chamado de An-tian ou Harou . O primeiro dia que fui na escola – eles fazem a chamada? Voltei para casa e minha mãe perguntou: por quê você voltou? E eu respondi: porque ninguém me chamou! Até briguei com minha mãe: você não fez a inscrição

na escola para mim, né? “Não, eu fiz.”!, ela me disse. Ela foi comigo, e aí: ta ta.ta.ta.ta... e resolver o problema. Foi sim que fiquei sabendo que meu nome era Irineu. (48)

Eu fiz o primeiro ano- primeiro ano de grupo foi em Oswaldo Cruz, acho que 1954. Foi mesmo em 54, pois foi o ano que Getúlio morreu – foi no dia 24 de agosto - eu estava na rua e vi o pessoal voltando. Aí eu perguntei eles me disseram que não esta havendo aula. O Getúlio morreu.. E eu: Oba!...Todo mundo comemorou por que não estava havendo aula. (risos)(68)

A gente fala que a primeira professora a gente não se esquece, mas eu esqueci...ou talvez a primeira boa professora que a gente não esquece. Já a Segunda professora eu não esqueço. O nome dela Dona Lourdes.(100)

Lá em Oswaldo Cruz, Irineu fez seu curso de Admissão ao Ginásio. Depois cursou o ginásio em duas cidades diferentes. Fez a primeira série em Paranapuã, uma cidade próxima, pois em Oswaldo Cruz não pôde se inscrever por não ter ainda a idade necessária.

Eu viaja todos os dias. Eu tinha aula à tarde, só que duas vezes por semana eu tinha aula de Educação Física, isto era às 7 horas de manhã. O que eu tinha que fazer? Eu tinha que tomar o ônibus às 5:30 de manhã, levava minha marmitinha e aí eu ficava o dia inteiro lá.(142)

Terminou seu curso ginásial em Oswaldo Cruz, repetindo o segundo ano, talvez por dificuldades de adaptação com o professor de Matemática, apesar de nunca ter tido dificuldades com esta disciplina. Seu rendimento escolar sempre foi bom. Sempre conseguiu os primeiros lugares.

Então, esse negócio de ser primeiro é um negócio meio complicado. Lá em Oswaldo Cruz, no segundo ano do ginásio, eu passei em primeiro lugar, no terceiro ano de ginásio, do grupo aliás, no terceiro ano eu passei em primeiro lugar, só o quarto ano que eu passei em segundo lugar. Mas a professora gostava tanto de mim que..., a dona Ilza, Ilza de Freitas, lembro até hoje e ela fala de mim até hoje, pra minha irmã, porque minha irmã, ela mora lá em Oswaldo Cruz ainda. E essa dona Ilza viu que..., o pessoal lá, os professores do quarto ano de lá se reuniram, foram ao juiz de direito pra pedir para ser paraninfo da turma. E você sabe que ela me chamou e não chamou o cara que passou em primeiro lugar, me chamou pra ir lá na casa do juiz de direito como representante da classe, justo aquele dia, Jaime, eu não esqueço...Porque, o meu pai era motorista de caminhão, tudo, mas a gente, sempre, foi

uniformizado pra escola, com sapato, com tênis, cuidado... E tinha um pessoal que ia lá, por não ter condições, ia descalço para escola. Eu adorava. Queria por que queria ir descalço para a escola. Mas aquele dia tanto que eu enchi o saco da minha mãe que ela falou: “ não, tá bom, vai, já que já acabou a aula, acabou o exame, você passou, então você vai, vai descalço”. Justo esse dia que a professora ia chamar e eu fui de descalço, sabe, calça curta e descalço. Mas mesmo assim a professora me chamou. Então eu sempre fui o primeiro. No exame de admissão fui o primeiro, primário eu sempre fui o primeiro. Na primeira série do ginásio não passei em primeiro não. Fiquei em terceiro lugar, porque tinha dois Chicos que eles eram muito bons, sabe.(712)

O ensino era rígido, mas não tão quanto sua educação familiar. Para Irineu, era respeito.

O respeito era mais exigido. E a gente também tinha esta ..esta. obrigação ... Não era obrigação...era da gente mesmo. Respeito... hoje não, a gente chega na escola e é: tia, tia, né? O professor era chamado pelo nome. Havia respeito. Hoje não. Qualquer colégio do estado toca o sinal e a turma já entra, já vai para classe. Na minha época não, antes de ir para classe, formávamos em fila, cada classe uma fila, e primeiro...então enquanto a diretora falava, servia também para os avisos ... Só depois disto é que o pessoal ia entrando por ordem decrescente de grau ... era um negócio assim meio militar apesar de que naquela época não era ditadura, mas ...isto, com o tempo, foi acabando. Naquela época também cantava-se o hino nacional, o hino à bandeira, o hino da independência...(230)

Todos os santos dias, formava e cantava. Na verdade foi só no grupo. No ginásio não. Só se formava a fila para entrar, só. Naquele tempo também tinha a caderneta. Todo o dia o inspetor apanhava na entrada e devolvia na saída e carimbava. Tenho estas cadernetas guardadas até hoje, cadernetas de 58. Tinha as notas...comunicados para os pais...(232)

No grupo era só ir a aula, assistir a aula, voltar para casa só. Tinha dever de casa que a gente chamava de tarefa. Hoje não é mais tarefa. Então dava tarefa para gente fazer, a gente fazia em casa e voltava. Então a escola era só o local de aprendizado.. E prender Aritmética, Português, História,História do Brasil, Geografia, um pouco de Ciência. Fora isto, a parte de formação psicológica também da gente. Lá também a gente aprendeu a cumprir o dever, ser respeitoso, cumprir a regra. Isto eu já tinha dentro de casa, pois a educação japonesa é muito severa. Naquele tempo não tinha escolas sem ser as oficiais do governo.

Particular só tinha do segundo grau para frente só. O primeiro grau era tudo do estado. Naquele tempo ainda né, de instruir o povo e imbuir aquele dever cívico. Não era ditadura ainda não. Na verdade era ainda ditadura porque era o Getúlio Vargas, era época dele. Então para entrar na sala era preciso formar fila, quietinho, entrava um por um na sala, primeiro os mais antigos, e depois os mais... como qualquer formação de fileira de estilo militar. Então o governo estava mais preocupado aí de instruir o pessoal de dar formação. Isto depois com a ditadura a gente percebeu que enfraqueceu muito com o ensino oficial, tanto é quem faz a escola do governo não tem base para disputar nenhum ...salvo exceções. Quem faz escola aí, não consegue...você não poderia disputar com nos exames com o pessoal que faz os COCs¹⁷ da vida aí. Então eu acho que isto aí, sabe. Mas que o ensino era melhor era. Tinha muita coisa ainda da influência européia, aprendi o francês, além do inglês. No científico estudava o espanhol e eu tive aula de latim, também. (868).

O pai de Irineu sempre se preocupou com a sua formação.

(...). Eu queria ser motorista de caminhão. Por assim, quando a gente é criança, o pai da gente é o herói, é um ser supremo. Então o meu pai para mim sempre foi muito especial. Então eu queria ser o que ele era. Aí meu pai falou para mim assim: “não, de sofrer já basta eu. Você vai estudar!” Então o meu pai, dentro da limitação dele, de toda a ignorância dele, ele viu que aquela profissão não era a profissão tão boa... tanto é que quando meu pai quando foi jantar, teve um dia lá - por que caminhoneiro é assim, eles sabe dos restaurantes bons e dos que não prestam, meu pai falava assim: “onde tiver bastante caminhoneiro pode parar que a comida é boa”- então o pessoal se reunia lá, depois do almoço descansa um pouquinho. Então meu pai ficava admirado quando encontrava um motorista com um pouquinho mais de instrução. Ele comentava comigo: “você vai estudar, eu gostaria que você estudasse para ser mecânico de aviação”. Mas, sei lá, minha vida tomou certa direção que as coisas mudaram. Depois eu queria ser arquiteto, pois gostava de desenho, da parte geométrica e não, não tinha possibilidade de desenhar à mão livre, isto eu não tenho, mas assim na régua, com instrumentos eu tenho muita facilidade. Então eu queria ser arquiteto, mas aí que tá ...a Arquitetura tinha só de dia e eu precisava trabalhar e eu era o meu próprio sustento. Então a minha vida, eu sou economista, não por opção, por exclusão. Depois que eu vim...me formei lá por... Bom voltando lá, eu estudei o ginásio, terminei aí depois eu tinha que optar. Seu eu

¹⁷ Rede de colégios particulares e que funciona no sistema de franquia.

quisesse continuar no ensino oficial do governo, não pago, só tinha o científico, agora colegial, ou o clássico, e o normal também que formava professores, magistério. Normal não queria, o normal não dava formação para tentar o vestibular. Outra coisa também, quando eu terminei o ginásio, eu comecei a trabalhar o dia inteiro, agora, se eu quisesse o científico eu teria que só trabalhar metade do dia. Teria que passar para a parte da manhã. Naquele tempo, não tinha noturno. Noturno só tinha a Escola Técnica de Comércio. A Contabilidade. A do Ditinho. A São Benedito. Era a PPP – papai pagou, passou. Aí eu fui para lá... pois também estava trabalhando no escritório de contabilidade na época então eu falei: bom, estou dentro da área, com o diploma de contabilidade eu posso assinar balanço, montar meu próprio escritório, então vou fazer técnico de contabilidade. Serviria para alguma coisa, se eu só fizesse colegial não me dava profissão nenhuma. Então eu fui fazer Contabilidade. Que por sinal não tive dificuldade nenhuma. Eu sempre fui caxias. Não fui de estudar muito. Mas não perdia aula. Na época de provas eu já estava pronto. Então eu era caxias mesmo. Mesmo por que ...hoje (eu entendo, seria) o futuro chefe de família – o esteio da casa... (270)

Ainda em Oswaldo Cruz, menino, no curso primário, Irineu começou a trabalhar.

Com 9 anos. Na frente de casa mudou um descendente de japonês que tinha uma serralheria. Ele ia em casa almoçar. Mas ele gostava de tomar café, tipo três horas. E não tinha carro, pois só tinham carro pessoas muito ricas. Aí i ele me pediu que eu fosse só levar o café para ele, tomava o café e depois se tivesse alguma coisa eu ficava lá. Isto eu usava calça curtas ainda. Eu tenho ainda a marca de corte na minha canela, um marca de queimadura de estanho derretido por que eu aprendi a fazer a primeira coisa . As coisas que eu fazia era de lata de óleo. Eles desmanchavam as latas de óleo e montavam de certa maneira e fazia aquelas bacias (108)

A gente fazia isto também, fazia regador. Fazia regador com zinco já e eu soldava também. Então lá a gente fazia solda , esta porta ondulada de ferro, de aço. Um dia eu machuquei meu joelho lá. Eu fui passar por cima de uma que estava enrolada quando eu passei pisei e tive que soltar a perna Aí ela voltou e me rasgou o joelho ...Este dedão também, olha aqui, veja está faltando uma parte aqui , ficou um buraco. (114)

Não aí eu já comecei trabalhar lá. Levava o café e ficava trabalhando. Trabalhando mesmo, com responsabilidade, já sujando a roupa, chegava em casa todo sujo. E ele me pagava, não sei quanto...uma unidade lá qualquer. Eu sei que o que eu ganhei durante

o ano inteiro eu guardei. Eu me lembro, até hoje, minha mãe me disse: você então compra o que você quiser no final do ano! Por que presente de natal a gente não ganhava não. Eu lembro uma vez só que eu ganhei um caminhãozinho, só. Então, a gente não foi acostumado. A gente foi muito pobre (...). Então o que eu consegui ganhar durante o ano inteiro eu comprei um revolvinho da Estrela, sabe aquele de espoleta, preto (risos) (122)

Com o fechamento da serralheira, Irineu foi trabalhar em uma fábrica de brinquedos e depois, como já estava cursando Contabilidade, foi para um escritório.

Fábrica de brinquedos de madeira. Fazia caminhãozinho... e aquelas estruturas pré-montadas, aqueles moldes... então a gente encostava os moldes na madeira e depois só cortar e montar. Tinha aquelas ferramentas para fazer as rodas, de madeira também. A gente ia montando. Tinha tudo preparado para fazer isto já, era uma produção em série. Então nós chegamos a montar a fabricar, montar esquemas para pronta-entrega, sabe, e depois dos brinquedos prontos eles iam para pintura. Saíam pintadinhos também. Com as facilidades da maquinaria então o meu padrinho de batismo, ele me convidou para ir trabalhar lá. Aí eu fui, mas desde quando eu passei para a parte de pintura, é... era adolescente e quando então eu ia fazer educação física eu ia direto da oficina para lá. Sujo, né, com aquele macacão tradicional azul, azul marinho, com as mãos, com as unhas, tudo sujas de tintas. Então eu não me sentia bem, até que um dia eu falei para meu pai e aí meu pai arranhou este emprego, lá no escritório de contabilidade. (260).

Irineu terminou seu curso de Contabilidade e, como o pai e ele desejavam, foi para São Paulo, com o objetivo de estudar.

Como minha intenção era continuar os estudos, eu não tava a fim de freqüentar estes cursos vagos, então minha intenção era ir pra São Paulo. Eu tinha ouvido falar muito da USP e da PUC. Inclusive o meu pai - ele era motorista de caminhão- e ele vinha muito prá São Paulo. Então uma época ele pegou prospectos pra mim. Pegou da Álvares Penteado também. A Álvares Penteado tinha Contabilidade(...) (272)

Quando chegou em São Paulo, foi morar numa república, arrumou um emprego num escritório de contabilidade, coisa fácil, pois já tinha experiência. Tentou o vestibular para USP, mas não foi bem-sucedido na primeira tentativa. Matriculou-se, então, num cursinho preparatório e decidiu cursar Economia na PUC-SP, onde se graduou em 1971.

Tentar a melhor! Vir lá de longe prá fazer uma faculdade, sei lá, obscura, então

não era o caso! Então tentei o vestibular de Direito do Largo São Francisco e, não passei! Aí eu voltei pro cursinho, fiz um cursinho (pré-vestibular) pago prá Economia mesmo(352).

Cursou sua universidade à noite, trabalhando durante o dia. Trabalhou em várias empresas, sempre se dedicando intensamente ao que fazia. As três últimas grandes empresas em que trabalhou foram a Serpro, a Itaú Seguros e a Eletropaulo.

Na Eletropaulo, fez carreira e se dedicou intensamente à empresa, que por sua vez reconhecia seu esforço e seu investimento e fazia Irineu sentir-se parte .

Eu achava que, a Eletropaulo foi a melhor empresa que eu trabalhei, em termos de estrutura, em termos profissionais. (662)

Irineu era analista de sistemas, cargo que naquela época exigia uma atenção e presença constantes já que trabalhava com macro-informática e aconteciam problemas freqüentes quando se rodava o sistema.

Eu ficava. Eu ficava, muitas vezes. Olha, eu cheguei mesmo pular a roleta prá pegar o último metrô. Sabe, não tinha mais metrô após à meia noite. Fechavam a roleta ... é que o metrô a meia noite sai um trem de cada terminal, é o famoso, é o corujão.(626) Então eu não tinha horário pra sair. Então muitas vezes eu não tinha hora para sair e era uma pessoa esforçada. Eu também entendia da informática naquela época, porque a informática naquele tempo era a macro informática...(640)

Não, porque você vinha (na hora certa) , mas você não sabia a que horas que ia fechar, a gente falava que ia rodar o sistema. Então você não sabia se seria à uma, às sete, às nove... Pra rodar o sistema, às vezes demorava bastante tempo, então, às vezes, tinha um problema...(644)

Fui funcionário mesmo...Veja bem, na minha trajetória dentro da Eletropaulo, foi o lugar que eu mais fui promovido. Então eu cheguei a ser, ao me aposentr, especialista em análise de sistema três, o último nível. Aí eu poderia até assumir um cargo de superintendente. (654)

Por volta de 1996, o governo brasileiro começou a promover o programa de privatização das empresas estatais e isto levou Irineu, como grande parte dos trabalhadores que tinham tempo de serviço, a pensar sobre suas aposentadorias.

Mas aí com aquele fantasma da privatização: eu não sei, porque não me aposento?" Havia riscos. Se tiver que haver um corte o que você faz primeiro? O salário mais

alto. A Eletropaulo mesmo poderia dizer, Irineu não está no cargo de chefia e está com salário muito alto. Então eles poderiam ver que era um com cargo muito alto para empresa e pesa muito. Cada departamento tinha sua verba para as gratificações. Então era assim tantos por cento divididos igualmente pra todos os presidentes dos departamentos. Cada aumento representava três por cento. E cada nível que você subia isso representava cinco por cento do seu salário. Então pra você subir um degrau você tinha que, como era uma tabela você tinha que ter um aumento de cinco por cento. Só que cinco por cento no salário, no nível três representava muito, comia muito daquela verba que o departamento tinha para gente. Então eu não era uma pessoa assim muito bem vista nesse aspecto, então gera uma ciúmeira, às vezes um desconforto. Pra fazer este benefício aí e atender você, deixaria de atender uns três ou quatro. E com isso promoção eu não tinha mais, promoção por esforço, que se chamava de mérito, mérito entre aspas. Colocava dentro daquela cota...Eu tinha a promoção automática porque eu tava com tempo de casa, que contava também,, então tinha que ser automática. Então prá essa, pra essa promoção automática aí a verba não contava, mas essa por merecimento, a por mérito, contava, então eu nunca tive, porque eu tava com nível alto. Um dos mais altos. Porque acima de mim só tinha uma gerente de divisão e o outro engenheiro especialista. Esse engenheiro, ele ganhava tanto, igual eu, era o mesmo nível na época. Aí numa delas, ele teve uma promoção porque ele tinha sido gerente de divisão por algum tempo e o gerente de departamento que era acima do de divisão achou que ele teria mais direto ao mérito do que eu porque ele foi um dia gerente de divisão. Então foi por isso que ele passou para um nível a mais do que eu. Eu saí com 59 ele com 60. Então eu tive uma, foi uma carreira de muito..., nesses termos, houve muito progresso dessa forma. (656).

Como já tinha tempo de contribuição e o risco de adesão a um plano de demissão voluntária parecia ser alto, Irineu foi levado a pedir sua aposentadoria.

Só aposentei porque teve aquela mexida nos tempos de aposentadoria porque tinha a aposentadoria compulsória: ou você aposenta ou aposenta. O governo queria implementar a reforma da previdência, a qualquer custo, a gente não sabia como ia ficar... havia muito medo e muito receio...(608)

(...) a Eletropaulo é uma empresa muito organizada. Então eles tavam preocupados com a idade do pessoal. Então o que eles fizeram? Fizeram num programa que é um curso, uma semana que a gente ficava afastado, no centro de treinamento lá. Eles elegeram

lá um local que foi a usina de Piratininga. Então, a gente ficou uma semana lá. Esse curso chamava-se PRA, Plano de Reflexão para Aposentadoria. Então entrava psicólogo, entrava o pessoal do RH, ia o pessoal da folha de pagamento, ia pessoal de recreação, sabe, essas atividades pra preparem as pessoas pra um outro estágio da vida. (666). Então esse programa de reflexão era pra preparar a pessoa pra isso Eu fiz esse curso.(668)

(...) Então no começo, depois que eu aposentei, então foi, sabe, aquele oba, oba, então em vias de me aposentar foi assim um negócio muito corrido, então não deu tempo de eu sentar e falar: tô me aposentando, sabe? Foi um dia assim, no dia seguinte deu um certo vazio sabe, tipo assim, você tem todos os compromissos do mundo hoje, agora, daí um minuto você não tem mais compromisso nenhum, dá um, dá um vazio, sabe. Tem até o lado bom da coisa que é não ter mais horário pra acordar, sabe, não ter que acordar cedo, não ser obrigado a tomar banho aquele horário pra me aprontar, não precisar mais me aprontar pra tomar o ônibus, não precisar tá no ônibus, não precisar tá preocupado sabe, um monte de imposição do trabalho, um monte de obrigações que inconscientemente a gente tinha e a gente passa a não ter. Por um lado é bom porque passa a ser uma vida sem compromisso, do outro lado é uma coisa assim de você não ter obrigação de mais nada. Então você pode passar a dedicar todo o seu tempo pra você ou pras coisas que você pode fazer ou dedicar o tempo prá coisas que você sempre quis fazer e não fez porque não tinha tempo, sabe, mas sobra muito tempo. Eu vi uma, um ditado assim: se você quer que uma coisa seja feita você dá uma pessoa atarefada! Pois ela sempre arranja um tempo e faz. Mas se a pessoa se não tem pressa..., então dá pra uma pessoa que não tem nada pra fazer, nem isso ela faz. É exatamente o que acontece com a gente, porque enquanto eu tava trabalhando, eu trabalhava ali perto do Ibirapuera, ali na 9 de Julho, dali era pertinho do Ibirapuera. Em dez, quinze minutos..., em quinze minutos eu chegava no Ibirapuera. Então de segunda, quarta e sexta eu e mais um amigo, nós ao invés de almoçar a gente ia correr no Ibirapuera. Tem coisa mais saudável que isso? A gente arranjava tempo pra fazer aquilo, tanto que não almoçava, a gente corria lá, fazia alongamento, corria lá vinte minutos, meia hora, parava, fazia alongamento outra vez e tal, tomava banho, tomava um suco lá naquela lanchonete lá dentro do Parque Ibirapuera, tomava um suco, voltava e trabalhava a tarde. Se eu fazia isso sempre que eu trabalhava e não tinha tempo, qual que era a tendência normal depois, quando eu tivesse aposentado? Fazer isso todos os dia? Agora você me pergunta quantas vezes eu corri depois que eu aposentei? Nenhuma! É gozado, é que quando

tem tempo a gente não faz nada, você quer fazer tanta coisa e só de ficar pensando você não faz nada. Então assim, quando, em vias de aposentar eu não tinha notado isso, aquela coisa angustiante de, ah, aposentado..., depois chegou..(674)

Nessa época estava passando, era aquela fase de transição da macro para a micro- informática e não fiz, eu não acompanhei esta transição de perto. Então a parte de micro informática eu não conheço a fundo eu não entendo muito. Se você parou um certo tempo em informática, você nunca mais consegue acompanhar. E tudo muito rápido. Você não consegue mais acompanhar. Então, sabe, isto começou a me dar um certo medo, na verdade, porque eu estava fora do mercado e eu achava que eu tinha condições de continuar trabalhando, por que? Porque financeiramente também eu dependia ainda, na verdade eu precisava trabalhar. Há dois anos atrás eu não tinha os problema que tenho hoje. Sabe, eu não sou de trabalhar assim. E eu não soube discutir isto com ninguém, não sou de discutir isto com minha mulher. Depois de aposentado eu passei a não ter contato com pessoas do meu nível. Ai tinha meus vizinhos, mas você sabe a vizinhança como é que é. Só aposentados, operários, tinha aposentados da área de energia elétrica, lá que era de empresa, mas não técnicos qualificados. Tem aposentado, vizinhos meus lá, aposentados por invalidez porque ele era pedreiro, o outro trabalhava na Fepasa, técnico de manutenção. Então eu tinha que começar a introverter os problemas ali, sem ter com que discutir. Então, outra coisa também que me encaminhou, me levou para este processo depressivo também foi eu tava perdendo a satisfação de eu ficar sem rendimento além da aposentadoria que eu tava perdendo sabe aquele papel que eu sempre tive desde a minha adolescência que era o de provedor. Eu sempre fui uma pessoa assim em termos financeiros independente. Eu nunca cheguei para meu pai e disse assim: oh, pai eu preciso de tanto para ir ao cinema, tanto para comprar isto, tanto para comprar aquilo. Então, meu cinema eu pagava, as minhas roupas eu comprava. A escola de Contabilidade que eu fiz, eu pagava . Eu sempre fui auto-suficiente. E depois que eu casei...(678).

Irineu se casou fora da colônia, com descendente de italianos com negros brasileiros. Apesar dos laços de amizade que uniam as duas famílias migrantes – a do seu avô japonês com a do avô dela italiano – teve muitas resistências por ser o único neto e filho homem. Vive com a mulher e tem dois filhos já formados pela PUC- Campinas.

A minha mulher, não sei se te falei, ela não é japonesa. Ela é descendente de italiano, também da terceira geração. Só os avós delas são italianos. A minha mulher é uma

mistura. A minha sogra – a mãe dela – ela é de cor. Mas ela puxou pro pai, ela branquinha, cabelo liso, castanho mas ficou com impressões italianas também. Ela é totalmente diferente pela criação. O relacionamento oriental é muito mais frio. Não é de estar abraçando na hora de cumprimentar. Trocar beijos, não existe isto! Até há pouco tempo não se via isto, mesmo entre os descendentes. Isto é uma coisa que também eu carrego, faz parte de minha formação e eu tenho muita reclamação de minha mulher, por eu não conseguir me expressar assim em público e diz que eu me lembro dela só na cama. Coisas assim! Mas, não é bem assim não. Quando a gente namorava, eu já morava em São Paulo. Na verdade minha mulher é filha da minha madrinha de batismo. (06)

Na verdade, os grandes amigos mesmo eram meu avô materno e meu padrinho. Eles que eram amigos. E logo depois – você vê – é uma história muito complicada, por que se conheceram logo após a guerra. Como o japonês perdeu então teve toda aquela perseguição – por que japonês tinha que ir embora, japonês tinha que apanhar. Então quem protegeu meu avô, quando eles foram lá para aqueles lados das glebas de terra que eles tinham conseguido do governo, quem o protegeu meu avô foi este meu padrinho. (08)¹⁸

E, em retribuição a este meu padrinho o meu avô me deu em sacrifício...(10)

Eu era o único neto homem - um sacrifício não, mas uma, uma homenagem. Então uma coisa muito significativa dar o primogênito para batizar e eu além de ser o filho único era o neto único. Eu sou neto único de meu avô...(12)

A aposentadoria para Irineu, apesar de ter feito o curso preparatório e ter aproveitado os primeiros meses para viajar e fazer obras em casa, o marcou profundamente, de uma forma negativa, pelo lado emocional. Pelo lado financeiro teve uma pequena redução já que a fundação Cesp complementa a aposentadoria do INSS.

E o que queria falar é a minha opinião que, apesar de eu ter tido, lá na (...) na Eletropaulo (...) aquele curso preparatório, um programa de reflexão sobre a aposentadoria (...) eu senti muito. Na época a gente acha que vai proceder como eles falam para proceder. Tenta-se evitar o que eles falam para evitar, mas aí depende de cada um. Porque não é só aquilo. Tem todo um histórico de vida e isto influi, positiva ou negativamente, no processo

¹⁸ Sobre a perseguição dos japoneses ver: DEMARTINI, Zeila de Brito. Warfare Marks in a Far Away Land: Japanese People. Internacional Oral History Conference, 12, 2002. Pietremarizburg, South Africa, The Power of Oral History, 4-27 june, 2002.

todo. Você perder o papel de provedor. Apesar d'eu não trabalhar mais, de estar aposentado, a fonte maior de renda era minha, mas isto não pega para gente.(878)

Irineu começou a apresentar sintomas depressivos. Mesmo assim tentou voltar a trabalhar como consultor numa empresa em São Paulo, mas não conseguiu renovar o contrato pois não dava conta das atividades que tinha que realizar.

...como consultor. Aí eu tive que abrir uma empresa... mas já estava num processo degenerativo (risos) eu estava caminhando a passos largos. Mas aí, depois disto aí enquanto eu estava trabalhando ainda... Eu parei de trabalhar... terminou meu contrato, meu projeto lá, eu não renovei, eu não consegui...e mesmo se tivesse conseguido eu não sei como seria ...eu não tinha a cabeça para nada. .. não lembrava de nada ..não tinha vontade de nada. Almoçar, eu ir almoçar no restaurante a quilo...não comia nada. Comia? Engolia! 200 gramas, 250 gramas. Eu tava virando um palito. Minhas calças nenhuma servia mais. Sabe, sabe o que é, é que eu tenho uma mulher que ela é bem esclarecida e já passou pelo processo de terapia pois ela já tinha entrado em fase depressiva e eu não soube compreender. Achei que terapia era frescura. (184)

Tudo girava, após a sua aposentadoria, em torno da perda da capacidade de ser provedor, papel para o qual fora criado. Pensava nos pais que de certa forma dependiam dele e da irmã, pensava nos filhos que ainda estavam estudando, pensava em si próprio pela possibilidade de ficar dependente e ter que se humilhar para poder sobreviver. Mesmo com o padrão salarial quase igual ao que tinha quando trabalhava, Irineu não conseguia sentir-se seguro no seu lugar de esteio da família. Este processo foi acelerado pela morte do pai, que ele custou a elaborar.

É, de eu perder assim o meu papel de provedor, sabe. Porque antes assim, tudo..., tudo dependia de mim, sabe, assim, não, será que eu posso comprar isso, posso comprar aquilo? Chegou, aí chegou uma certa altura que já não tinha mais posicionamento, ou seja, eu comecei a perceber que eu tava perdendo esse ponto de referência...eu era um sanador de dúvidas. Será que eu tô fazendo isso e isso dá pra fazer? Então esse papel de provedor que eu tava ameaçado de perder, então sabe, isso me pesou muito. Então você precisa colocar na cabeça que você também é limitado, como qualquer ser humano, nem de tudo você é capaz. Você só é capaz até certo ponto, mas além disso você não é capaz. Além de você colocar na cabeça isso, se conscientizar disso, mas que você também tem que chegar a essa conclusão,

que você também não é todo poderoso. Então isso mexeu muito. Também mexeu aquela situação que o meu pai me colocou, quando disse que era o esteio da casa...aquilo tive que carregar nos ombros a vida inteira. (686)

Depois que eu me aposentei também. Aí foram dois baques assim, um que eu perdi meu pai, mas acabou e outra que depois que eu me aposentei, não imediatamente depois porque mesmo que depois que eu me aposentei eu ainda trabalhei dois anos e meio. E quando eu tava no fim do contrato com essa empresa que eu atuava como consultor todas essas coisas começaram a vir a tona. Porquê? Porque eu tava pressentindo que eu não ia conseguir renovar o contrato com a empresa, então eu tava perdendo aquele, aquele papel que eu sempre, que eu sempre venci e eu dava a importância disso sem se dar conta disso, que é o papel de provedor da família(...) me sentia importante assim dentro de casa porque eu era o maior provedor de casa(...) Então eu me sentia importante e útil(...) Então a morte do meu pai foi uma perda muito grande e esse papel também de..., eu tava, sabe, me sentindo ameaçado de perder e também isso foi um somatório pra que eu mergulhasse nesse processo aí foi, sabe, foi um processo muito lento e até chegar na crise, eu não sei quanto tempo foi que passou, só sei que eu fiquei dois anos bem depressivo, mas..., foi um conjunto de fatores. Fui influenciado pela morte do meu pai e pela perda do papel de provedor, perder o papel de, principalmente esse papel importante, que eu me sentia importante. (...) Isso gradativamente foi influenciando pra que eu entrasse (no processo depressivo) Outros fatores também (contribuíram), tipo assim: meu pai falava assim: você, como filho único dentro de casa é o esteio de casa!. Eu tinha quatro irmãs. E apesar de ser uma coisa velada eu me preocupava com o destino delas, tipo assim, não queria que elas fossem enganadas por outros homens, então como eu não queria que acontecesse isso com as minhas irmãs eu não fazia também com outras pessoas, ou seja, não brincar com os sentimentos dela. Então para mim o namorar nunca foi um namoro para passa tempo... sempre foi um coisa séria...(786)

Sabe, depois que eu fui fazer terapia, contar minha história à dra. Dione eu vi que toda a minha vida, tudo o que passei contribuiu para que eu chegasse a este processo. Foi depois a aposentadoria que eu entrei em depressão. Aí eu cheguei a ficar ruim mesmo(...)Meu quarto começou a cheirar ruim, tinha cheiro de hospital... de hospital não, de asilo. Sabe, um cheiro de velho. Vivia fechado e eu ficava deitado. Eu comecei a emagrecer...Sabe este osso aqui do lado que prende a perna? A pele começou a ficar grudada como se ficasse enegrecida

com o perigo de virar gangrena por que não tinha ventilação, circulação, não tinha nada ...Comecei a ficar pálido, aí que chegou uma época que me deu uma crise muito forte minha mulher me encaminhando, fui para PUC, da PUC não sei para onde e depois comecei a ter o acompanhamento do psiquiatra...Se fosse no primeiro dia que eu tivesse tido uma consulta na psiquiatria eu não tinha passado esta crise...Eu não queria falar com ninguém. Como eu iria falar de mim? Mas aí, depois da medicação, aí tive que...me conscientizei que tinha chegado no fundo do poço e que precisava me cuidar, por que se não sei lá...era meio passo. (178)

Irineu continua no seu processo de atenção médica e psicológica, refazendo seus projetos de vida, trabalhando suas perdas e entendendo-se como sujeito socialmente construído.

(...) Para mim minha depressão mudou minha vida. E hoje sou outro cara. Aprendi prestar mais atenção em mim. Cuidar melhor de mim, rever minhas coisas...Então, Jaime. Parece. Contando, em poucas palavras, parece que a causa é muito pequena para gerar esta situação. Se a gente começar pensar: só isto que fez com que ele entrasse em depressão? Mas, é toda a história de minha vida que foi, foi, foi...e um acúmulo de coisas. E é, culminou com a morte do meu pai e aposentadoria. A aposentadoria nem tanto, mais o fato da gente perder este papel de provedor.(...) (820)

E por que agora eu consigo analisar as condições que mesmo numa época, antes de eu ficar deprimido, eu não teria condições de me analisar. A situação que estou vivendo agora, eu consigo analisar e tirar proveito dela, por que antes eu não tinha condições disto. E na fase de depressão, muito menos, pois não tinha vontade de nada, só tinha vontade de ficar deitado. Eu queria ficar no meio de gente, mas não queria participar. Eu queria gente perto de mim, conversando, sabe brincando, mas não tava comigo. Era um mero espectador, sabe. Agora não. Agora não. Eu consigo me relacionar é com qualquer tipo de gente. (822)

É que hoje, Jaime, e já me sinto bem, conforme já falei. Mas, já tenho a capacidade de falar não para certas coisas que não condizem comigo. Agora quando não concordo, sou capaz de dizer não. (824)

Todos notaram a diferença. Antes era passivo, agora posso rebater as coisas, não deixo dar bola no chão, conforme vem já emendo de primeira. (risos) (826)

O destino da gente, a vida da gente vai mudando. Na infância é uma coisa, na adolescência é outra, na puberdade é outra, na juventude é outra, na...depois vai só mudando só. Hoje meu objetivo é outro. O que me resta da vida, viver com qualidade. Vou tentar, pelo

menos, viver com qualidade...(22)

4.4.4 – Histórias que se cruzam: Júlio, Carlos e Irineu

Na história destes três sujeitos, a instituição família inicia a construção da base de formação de hábitos para o trabalho, o que mais tarde é reforçado pela instituição escola, como reprodutora da ideologia dominante na sociedade da época.

Era a fase de formação dos futuros provedores (ERIKSON, 1976), numa escola diferenciada para as crianças oriundas das classes trabalhadoras e das classes mais privilegiadas (FERNANDES ENGUITA, 1985,1989), com o objetivo de repassar os valores necessários e desejados à manutenção da sociedade (DURKHEIM, 1978) e de uma forma política (CHARLOT, 1986) formar para o trabalhadores, no modelo capitalista de produção (SEGNINI, 1988; FRIGOTTO, 1998; BOURDIEU, 1998).

Júlio, o mais velho dos três, foi a preocupação da família em dar-lhe uma sólida educação formal que o levou a cursar uma instituição escolar que lhe garantisse o futuro e trabalhasse os conteúdos e a sua capacidade de ler o mundo de forma diferenciada. Esta atitude estava perfeitamente compatível com a sua origem social. Júlio, oriundo de uma classe social mais alta, podia dispor de uma educação destinada aos filhos das classes sociais mais privilegiadas. Assim, veio para Campinas, estudar no colégio Culto à Ciência, o qual, pela sua qualidade de ensino, garantia bons empregos aos seus alunos. Lá cursou o primário, o ginásio e o científico. Seu curso superior foi feito na PUC-Campinas.

Carlos, filho de alfaiate e mãe doméstica, descendente de índio por parte do pai, retirante nordestino, veio também para Campinas, mas como migrante. Aqui ingressa numa escola pública, contra a vontade do pai, mas com o apoio da mãe. Cursou os três primeiros anos na Escola Pública e o último ano no Externato São João, escola salesiana, gratuita, destinada aos garotos das classes populares. No São João descobre um outro mundo: o esporte, a música, o lazer e a acolhida dada pelos salesianos. Isto aumentou-lhe o desejo de estudar o que foi imediatamente anulado perante a realidade do trabalho precoce que o pai lhe impôs. Aos 11 anos de idade, passou a estudar à noite e a trabalhar durante o dia.

Irineu, apesar da origem social ser semelhante a de Carlos, veio de etnia e cultura diferentes. O pai inicia sua rígida educação em casa, para ser o “esteio” da família, já que era o único homem de uma prole de cinco filhos. O pai, filho de japonês migrante, tido como fracassado pelo outros japoneses bem-sucedidos no Brasil, estava vivamente interessado na formação do filho para que ele não repetisse a sua história de motorista de caminhão. Encaminha-o ao grupo escolar, depois ao ginásio, todos públicos e, num segundo momento, a uma Escola Técnica de Contabilidade, particular, na cidade onde moravam.

Irineu, como Carlos, também único filho homem, começou a trabalhar cedo, aos 12 anos, numa serralheria, porém sua iniciação ao trabalho não interferiu na sua formação escolar, acompanhada e incentivada de perto pelo pai. Apenas preparavam as bases para a continuidade dos estudos, em São Paulo, em Mecânica de Aviação, segundo o desejo do pai, mas em Economia, segundo as possibilidades que se lhe abriram.

Os três começaram a trabalhar cedo, ainda pré e adolescentes. Mas, este início precoce de trabalho, se lhe apresentaram de forma diferenciada, mesmo que o objeto do trabalho fosse o mesmo – a serralheria para Irineu e para Carlos - e de certa forma ratificava os lugares que socialmente já se delineava para eles. O destino deles era o trabalho, mas também um trabalho diferenciado. Afinal, a sociedade esperava de cada um o desempenho dos papéis para os quais foram educados (MANNHEIN, 1962; DURKHEIM, 1978, SILVA, 1985).

Como provedores em ação desempenharam os papéis que lhes couberam, superando a dependência infantil pela atividade prática de fazer coisas, uma marca social do desenvolvimento humano, como um processo de educação presente em quase todas as culturas (ERIKSON, 1976). O resultado, porém, do produto deste trabalho tinha fins diversos e muito diferentes, que apenas ratificaram a presença da família na educação dos mesmos (EISENADT, 1976) e consolidaram o espaço social do trabalho numa sociedade dividida em classe.

Para Carlos, o trabalho era um imperativo paterno para amealhar recursos para a subsistência da família. Para Irineu, uma estratégia educacional para torná-lo provedor eficiente. O que Irineu ganhava, inicialmente, era para seus sonhos de criança. O que Carlos ganhava entregava à sua mãe para cobrir as despesas da casa. Para Júlio, o primeiro trabalho veio como reconhecimento da sua formação escolar de elite.

Júlio foi recrutado dentro da própria escola por uma companhia americana para

trabalhar em seus escritórios, com todos os direitos sociais e em horário parcial, para não prejudicar a continuidade de seus estudos. O trabalho apenas lhe redeu experiência, mas não modificou ou cristalizou sua posição social.

Carlos começou a trabalhar aos 10 anos e permaneceu no trabalho, sem garantias sociais, até completar 18 anos, quando foi prestar o serviço militar obrigatório. Esta sua primeira experiência de trabalho influenciou a escolha profissional de Carlos, de certa forma já socialmente marcada, e modificou sua vida em relação aos estudos. *E como meus pais eram analfabetos, eu também não sabia o caminho a seguir porque tinha o ginásio (...) mas eu não podia trabalhar e estudar ao mesmo tempo.*(340)

Irineu teve seu primeiro trabalho numa serralheria, aos 12 anos, depois passou para um fábrica de brinquedos e em seguida para um escritório de contabilidade, adequando seu trabalho à sua formação escolar. A presença familiar no reforço às promessas das instituições humanas em transformá-lo num provedor se materializaram na metáfora paterna do “esteio da casa”. A partir desta experiência profissional, iniciada tão precocemente, Irineu construiu a continuidade de sua sobrevivência e de sua formação em São Paulo.

Os três sujeitos têm em comum uma escola severa, formadora de hábitos através da punição. Júlio, mesmo vindo de “berço de ouro”, não escapa a ela, assim também como Carlos, o de origem mais humilde. A escola, diferenciada nos seus conteúdos para classes sociais diferentes, buscava repassar valores mais representativos da sociedade.

Irineu, entretanto, pelo rigor de sua criação nas tradições nipônicas, percebia esta imposição da escola não como rigidez na formação de hábitos escolares, mas sim como desenvolvimento do respeito necessário à convivência com os superiores e com os símbolos maiores da pátria. Em todo o seu relato em nenhum momento citou um castigo físico dos pais ou dos professores. *Às vezes a gente pensa que era severa, com palmatória, não, não... Foi uma criação rigorosa, em termos de educação, em termos assim de conhecimento da vida.*(06)

Júlio e Carlos perceberam esta forma rígida, pela agressão física mesmo, como um ato de violência, suportada como necessária, pois a resistência era inútil, já que as famílias ratificavam o poder coercitivo da escola. *Os pais sabiam* (62). *Fazer o quê? Com isto não podiam nem mexer. Eram a autoridade máxima da educação.* (64), narra Júlio.

Carlos foi mais longe na narração desta ratificação pelos pais dos castigos impostos pela escola, com o objetivo de conformar o indivíduo às normas socialmente

esperadas, das quais a professora era a retransmissora e guardiã. *“Aí ele (meu pai) chegou e a professora falou: “dei duas palmatórias nele porque ele fez isso, isso e isso”. À ele falou: “Ah é? O moleque veio bagunçar aqui, vai apanhá em casa!”. Cheguei em casa, aí apanhei de facão... bainha do facão, fica como um chicote, de couro cru. Machuca. E ele: “tome, tome, tome!”* (268)

A formação diferenciada de cada um destes três sujeitos pela família e pela escola, uma reforçando a outra, foi se refletir em suas vidas, quando tiveram deixar o trabalho assalariado pela aposentadoria, como Carlos e Irineu, ou por causa da doença, como Júlio, perceberam o não-trabalho como perda.

Durante longos anos, o trabalho foi o objeto em que investiram e que, em contrapartida, os ajudou na consolidação e na manutenção de seu ideal de ego e na construção de sua representação junto à sociedade como ativos, produtivos, independentes.

Pelo trabalho e, em especial, pela sua forma assalariada, foi desenhada para eles, através da família e da escola, a função de provedores eficientes e eficazes que a sociedade ocidental capitalista lhes impunha como a capacidade maior de realização de sua humanidade. Sua divisão e as oportunidades diferentes apenas ratificavam a necessidade, em toda a sociedade, de distribuição entre o braçal e o intelectual, como afirma *DURKHEIM (1984)*.

Dos três sujeitos, Carlos, como operário de fábrica, foi o que mais vivenciou o processo de fragmentação do trabalho no mundo moderno. Trabalhou por mais de 20 anos da sua vida profissional adulta fazendo a mesma coisa repetitiva, da qual nunca teve controle e a qual nunca pôde usar. Carlos fabricava uma peça que compunha o conjunto de freios para automóveis. Nunca pode comprar um carro, seu sonho durante longos anos, e que ainda o acalenta na sua vida de aposentado.

Irineu trabalhou sempre em escritórios, num trabalho intelectual, de planejamento que, embora controlado, lhe oportunizou desenvolvimento e crescimento profissionais. Por sua boa formação escolar, pôde ingressar numa empresa estatal que, de certa forma, valorizava o trabalhador e dava chances de crescimento a aqueles que se dedicavam aos objetivos da empresa.

Júlio, após sua formatura, também entrou para uma empresa de primeira linha: a Cia Paulista de Estrada de Ferro. Mas, por motivos de sua segurança, após o partido comunista ter sido posto na ilegalidade, deixou a empresa e foi exercer trabalhos que não condiziam com

a sua formação e sua origem social. Para ele, a relação com o trabalho serviu apenas para a sua manutenção. Ficava numa empresa enquanto efetivamente lhe interessava. Com isto foi explorado e trabalhou, muitas vezes, sem remuneração, apenas em troca de comida, de lugar para dormir.

Júlio, pela sua formação e pela sua capacidade de análise dos fatos que aconteciam na sociedade, tinha consciência desta exploração de seu trabalho mercadoria. Por entender bem esta relação, Júlio potencializou este valor de troca, não na forma capitalista da venda de sua força de trabalho, mas na manutenção do que mais prezava: sua liberdade. Forma criativa de resistência em especial durante as duas últimas ditaduras – a de Vargas e a Militar de 64 - que caçaram os comunistas e pelas quais conseguiu passar ileso.

Júlio não se aposentou enquanto podia trabalhar. Com a vinda para o Lar dos Velhinhos, teve a sua aposentadoria acertada, aos 78 anos de idade, pelo Serviço Social da instituição.

A crise depressiva, entre outros fatores que possivelmente contribuíram para desencadeá-la, não é percebida por Júlio como resultado de sua aposentadoria. Para ele a dependência é o fator desencadeante. *“Foi muito ruim não poder trabalhar mais. Foi péssimo. Talvez a pior coisa de minha vida, pois passei a ser dependente (...) Acho que fiquei mais deprimido por não poder me manter, do que pelas doenças e pela minha vinda para cá. Procuro enfrentar isto com coragem, pois não tenho outra saída...estou totalmente dependente.”* (629)

A fala de Júlio mostra bem a quebra que a doença e a internação lhe impuseram: a dependência e a falta de possibilidade de gerir sua própria vida. Foi isto, no seu entender, que o deprimiu.

Carlos sempre trabalhou e muito. O tempo todo. Sempre abdicou do lazer, da possibilidade de se divertir, de viajar. Nunca teve férias de verdade. Centrou todo o seu esforço no sentido de manter sua estabilidade no emprego e fez isto com muito sucesso e só foi demitido da Bendix, após 20 anos de trabalho, motivado pelos programas de reengenharia da empresa. Era um funcionário exemplar, esforçado, atualizado constantemente pelo Senai. Apesar do interesse da empresa, tinha consciência de que seu lugar dependia de constante atualização, pela modernização permanente das linhas de montagem. Assim, mesmo trabalhando à noite, chegava em casa pela manhã, dormia das 8 às 13 horas, acordava e ia para o Senai à tarde, para voltar e trabalhar à noite.

Há que se destacar o ciclo de educação e trabalho destes três sujeitos. Os três atingem níveis diferenciados de educação e de oportunidades, como corolário do investimento que suas famílias, de origem social e étnica diferentes, fizeram na educação dos mesmos.

Tanto Carlos como Irineu, quando adolescentes, tiveram que ir para a escola noturna. Carlos, ainda no primário e Irineu, já terminando o ginásio, passaram a ter a dureza da dupla jornada, por imposição da sociedade capitalista que ideologicamente entende que estudo não é trabalho. O esforço maior para se qualificar, numa dupla jornada, acaba exaurindo as forças, tirando a liberdade, o tempo de lazer, a possibilidade do trabalhador se expressar de outras formas sua humanidade NOSELA (1998).

Carlos, quando conseguiu, após a demissão da Bendix, através de concurso entrar para uma instituição pública imaginou que teria estabilidade para o resto da vida. Contudo, o governo federal iniciou a reforma da Previdência Social e os trabalhadores com tempo de serviço para a aposentadoria e que, como Carlos, trabalharam desde crianças, por falta de informação ou por informações distorcidas, se sentiram ameaçados nos seus direitos adquiridos. Carlos, para garantir os seus se aposentou. Quando tomou consciência, aos 56 de anos, que sua vida era agora a do não-trabalho e que o mercado não o queria mais, viu ruída sua imagem de provedor. Passou a ser questionado pela família, em especial pela mulher, pelos vizinhos e pelos colegas que passaram a vê-lo como improdutivo. Deprimiu-se. Passou a debitar a si este processo que, apesar de vivenciar como seu, tinha sido socialmente construído ao longo de sua vida, no espaço social que a sociedade capitalista ocidental reservou (e ainda reserva) aos meninos das classes sociais populares.

Grande parte dos valores repassados a Carlos através da escola, na formação de hábitos do trabalho, da rotina, da obediência, da precisão, da atualização permanente, pouco lhe valem, agora, às portas da velhice, para resolver a questão fundamental de sua vida, no momento que percebeu “*Que tava fora... que já era* (608). A aposentadoria para Carlos é o fator desencadeante de seu processo depressivo. *Achei que podia trabalhar a vida inteira. A vida inteira, isso foi o problema, entendeu. (...)quando eu caí na aposentadoria eu fiquei perdido.*(680)

ERIKSON (1976, 1989, 1998) quando discute a fase de escolar em que as crianças se preparam para serem futuros provedores para, generativamente, cuidar das outras gerações, fala do perigo de que, nesta fase, a escola não cumpra as promessas sociais que lhe foram

feitas. Entretanto, na velhice, cuja porta de entrada principal é a aposentadoria, também as promessas sociais lhes são negadas, como aponta a teoria da modernização, proposta por COWGILL e HOLMES (1972).

Assim Carlos, apesar de sentir-se forte, de não se sentir fisicamente velho, socialmente pertence à categoria dos aposentados, dos improdutivos.

Sabe, cheguei numa época assim, vou ter que ajudar a velhinha a lavar roupa mesmo, não tem jeito. Me sinto uma merda quando chega terça-feira e é o dia de fazer a faxina geral no banheiro. Fico triste quando me vejo de escova na mão, trepado na escada, limpando as juntas dos ladrilhos, como minha nova obrigação, pois agora tenho tempo e tenho que ajudar a véia lá em casa” (608)

Carlos hoje está em processo psicoterapêutico, aprendendo a se entender como sujeito construído socialmente e a partir daí buscar outros objetos em que possa investir.

Irineu introjetou valores familiares que, somados aos valores do trabalho assalariado, o remeteram a uma fase depressiva forte, quando se aposentou. Dos três sujeitos é o único que tem o diagnóstico de depressão maior. Os outros dois apresentaram apenas sintomas depressivos.

Mesmo tendo sempre executado um trabalho criativo e tendo se preparado, através do Programa de Preparação para a Aposentadoria da empresa em que trabalhou, a consciência do não-trabalho, pela aposentadoria, pareceu corroer-lhe o conceito mestre de sua vida: o de provedor, o de esteio da casa.

Somou-se à sua aposentadoria a morte do pai, até então, a viga mestra de sustentação moral da família. Desta forma, Irineu apenas nomeado o futuro esteio da casa, viu-se numa situação complicada. Como trabalhador aposentado, deixava de simbolicamente representar o papel que lhe era estabelecido socialmente dentro da família: o de provedor. O mundo sempre valorizado pelo seu pai, pela escola, pela sociedade foi o mundo do trabalho. E ele não trabalhava mais e para ele trabalhadores são aqueles que estão na ativa, produtivos. Sua condição de provedor passou a ficar em cheque: tinha que assumir o papel de esteio da casa, no momento que se lhe apresentavam, pela aposentadoria, papéis sociais que não condiziam com esta função simbólica.

Acuado por seus fantasmas internos, fruto de uma educação severa, começou a debitar a si responsabilidade por não ter se preparado suficientemente para esta fase de sua vida,

como se isto tivesse sido possível. O que estava em jogo era seu papel de provedor, intensamente trabalhado ao longo da vida, e não seu papel de aposentado. A aposentadoria apenas marcou socialmente a passagem de um mundo mais amplo para um mais restrito.

O seu medo era do (...) *de eu perder assim o meu papel de provedor, sabe.(...)* *Chegou, aí chegou uma certa altura que já não tinha mais posicionamento, ou seja, eu comecei a perceber que eu tava perdendo esse ponto de referência...(686).*

MESSY(1993) falando sobre perdas dos objetos significativos no processo de envelhecimento – entre eles o do trabalho que referenciou o homem como sujeito, que o ajudou construir a imagem de produtivo e a marca de provedor - diz que quando há a ruptura de um vínculo forte entre o sujeito e o objeto cria-se um vácuo ego – um processo depressivo – que pode ser vivenciado dolorosamente, dependendo de seus mecanismos de defesa e de força do superego. “O sujeito ao perder seus objetos também perde seus suportes” (p.15).

Estes três sujeitos que desenvolveram sintomas depressivos, no caso de Irineu uma depressão maior, tiveram como sujeitos *ontocriativos*, na expressão de KOSIK (1976), possibilidades de reconstruir suas vidas. Iniciaram tomando consciência de como foram socialmente construídos, fazendo uma reflexão das perdas e dos ganhos durante o seu ciclo de vida e descobrindo outros objetos a investir.

O tempo desta tomada de consciência, olhando pelo lado sociológico, como aponta EHRENBURG (1998), talvez seja o processo social do indivíduo buscar novas forças para investir em si, dadas as dificuldades que a sociedade moderna lhe imputa como sofrimento na procura de ser eles mesmos.

Irineu recolhe-se dentro de si. Rui-lhe a auto-imagem. Expressou isto na tristeza profunda, na perda de peso, nas dores musculares. Foi buscar ajuda médica, começou a se tratar e um dia *“eu dei o pulo do gato... foi dia 11 de maio do ano passado¹⁹. A partir deste dia eu sou outra pessoa...(186) A primeira coisa que eu achei era que minha vida estava muito suja. Imagina você ficar dois anos, sei lá, três anos se sujando. Fica tudo encalacrado assim tem-se que passar a lixadeira, mini vacuum...estas coisas para tentar limpar ...(194).*

Na verdade, Irineu falava da necessidade de rever sua vida, de retrabalhar seus conceitos de vida, de redesenhar o mosaico de sua história, de entender-se como sujeito socialmente construído e, a partir daí, ontocriativamente, trabalhar seus projetos de vida. Sua

¹⁹ Refere-se ao ano de 2000, já que as entrevistas aconteceram em 2001.

condição social, financeira, intelectual e familiar lhe são inteiramente favoráveis a um renascimento. E Irineu tem consciência disto.

Sabe o que estava pensando? Na verdade, eu tenho duas mães. Uma que me gerou e tenho uma outra agora que eu acabei encontrando em fins de outubro ...esta agora...minha segunda mãe é a Dione²⁰. Como minha mãe outra, a Dione é uma pessoa que nunca vou me esquecer(...).(198).

Assim, a partir das histórias destes três sujeitos, pode-se destacar que:

- a relação que estes três homens tiveram com a escola marcaram, significativamente, a forma como se relacionaram com o trabalho assalariado, durante suas vidas;
- as famílias tiveram papel importante na formação destes três sujeitos e reforçaram, sistematicamente, o papel da escola no desenvolvimento de hábitos necessários e desejáveis aos trabalhadores na modernidade;
- os três sujeitos se referiram à escola como formadora dos hábitos de rotina e de obediência, através da coerção por castigos físicos ou da imposição moral, semelhantes aos esperados dos trabalhadores assalariados;
- as histórias deste três sujeitos sugerem haver uma relação entre a educação formal, trabalho assalariado e desenvolvimentos de sintomas depressivos, após a aposentadoria.

²⁰ Dione é a psicóloga com quem Irineu faz terapia.

4.5 – Comparação dos resultados dos grupos de homens e mulheres

Ao se comparar estes dois grupos de trabalhadores, – homens e mulheres - com base nos relatos e nas análises anteriores, pode-se concluir que:

- a escola teve papel fundamental na transmissão de valores da sociedade, referenciados neste estudo, como inerentes ao trabalho assalariado e apresentados a aqueles provedores como a grande possibilidade de realização do ser humano. O fato de as mulheres – Oláia e Augusta - não terem freqüentado a escola, parece ter conservado a espontaneidade para o trabalho e a criatividade para enfrentarem as situações de exploração a que foram submetidas. As outras três mulheres e os três homens, todos escolarizados, em diferentes graus de instrução e em escolas diferenciadas para classes sociais mais privilegiadas, apresentaram depressão ou sintomas de depressão em diferentes graus, direta ou indiretamente ligados à impossibilidade de trabalharem;
- a formação escolar que receberam das escolas diferenciadas que freqüentaram – quatro pessoas em escola para classes populares e duas pessoas em escolas para classes privilegiadas - parece ter influenciado a percepção de todos eles de que o trabalho assalariado era a forma mais eficaz para a sua realização como sujeitos. Para Ulda e Irineu a única forma de desempenhar os papéis que lhes foram impostos. Por outro lado, as duas

mulheres mais velhas, Oláia e Augusta, que não freqüentaram escola, sempre viram o trabalho como a forma de apenas sobreviverem;

- as mulheres apresentaram menos sintomas depressivos que os homens quando deixaram de trabalhar. Os homens, na modernidade, tinham a responsabilidade do sustento da casa, via trabalho assalariado e as mulheres da criação dos filhos e do controle das atividades domésticas. Assim, aos homens coube o trabalho de maior valia para o mercado o qual, nas sociedades industrializadas, era exercido fora de casa. Assim, para os homens que se aposentam cessa sua relação com o trabalho nomeado de produtivo, segundo a visão capitalista de trabalho. As mulheres, mesmo se tivessem trabalhado assalariadamente, ao se aposentarem, continuam com a responsabilidade do trabalho doméstico que pode ser executado a qualquer tempo, em qualquer espaço. Assim, as mulheres, mesmo aposentadas, podem, em suas casas, se manterem ativas no desenvolvimento do trabalho doméstico. Talvez por isto, das três empregadas domésticas, sujeitos da pesquisa, duas delas – Oláia e Augusta - passaram ilesas pelos sintomas de depressão ou pelo sentimento de menos-valia, pelo fim de seu trabalho assalariado. Tal fato só não aconteceu com Ulda, provavelmente pela forma rígida como foi educada pela família, pela escola e pela impossibilidade de ter construído seu próprio espaço doméstico. As outras duas mulheres – Esther e Karen – voltaram-se, após a aposentadoria, inteiramente ao trabalho doméstico e ao cuidado de seus maridos e de seus filhos;
- a ausência do trabalho assalariado que referenciou estes sujeitos, durante longos anos de suas vidas, em menor ou maior grau, segundo a história de cada um, parece ter levado a maioria deles – cinco dos oito Ulda, Karen, Julio, Irineu, Carlos – a desenvolver sintomas depressivos por se sentirem menos valorizados e não mais produtivos, nos molde capitalista de produção;
- os sintomas depressivos na vida dos sujeitos pesquisados – seis num grupo de oito - podem ser interpretados como uma economia psíquica, um tempo de baixo investimento em seu ego, uma permissão de ataques a sua auto-estima e o desprezo de hábitos e atitudes que lhes pareciam importantes. Este tempo pode funcionar como uma desconstrução das

promessas que as instituições sociais lhes fizeram durante longos anos de suas vidas e agora socialmente lhes são negadas, pelo afastamento do objeto mais valorizado que internalizaram: o trabalho produtivo. Seria uma estratégia de buscarem forças internas para se entenderem como sujeitos descartados e a partir daí reconstruírem, *ontocriativamente*, novos projetos de vida;

- Oláia e Augusta, com 96 e 84 anos respectivamente, negras e analfabetas, não desenvolveram sintomas depressivos após parar de trabalhar. Também não lamentam suas perdas anteriores. Tudo parece indicar que estas duas mulheres assumiram seu direito ao ócio, quando se viram protegidas e acolhidas por uma instituição integrante da sociedade mais ampla que lhes negou este direito nas outras etapas da vida. Também a forma como foram forçadas podem tê-las levado a assumir as dificuldades precoces de sua vida, trabalhar as perdas desde pequenas e procurar sempre novos objetos em que pudessem investir suas energias psíquicas. Estas duas mulheres chegaram ao final de vida desenvolvendo a virtude da Sabedoria, esta instância última do ciclo do desenvolvimento humano, denominada por ERIKSON(1976) como a capacidade do idoso em reunir conhecimentos e experiências vivenciadas e traduzi-las de modo a refletir a sua integridade de ser humano e a aceitação do seu ciclo de vida como próprio e único.

Muitos outros fatos concretos ou simbólicos, que vão além das categorias investigadas, foram colocados durante o tempo de relação entre o pesquisador e os sujeitos. Estes fatos fazem parte deste processo de construção da resistência à dominação e à despersonalização, da superação de si mesmo, do Lar dos Velhinhos, a *“minha casa agora”*, das suas famílias que os pressionaram quando velhos e aposentados, dos seus parentes que os esqueceram no asilo, das festas, dos passeios, da sociedade maior em que estavam inseridos. Refletiam sonhos, realizações e derrotas, lutas e lutos, perdas e ganhos. Suas vidas foram sendo abertas aos poucos, vencendo o desejo inconsciente de criação de uma imagem desejada, supostamente esperada pelo pesquisador. Foram revelados pelas palavras, pelos atos falhos, pelo esquecimento, pelo silêncio, pelas atividades deslocadas que apreendidas pelo gravador ou pelo olhar compõem esta relação humana, de pertencimento e separação, “com os risos e as lágrimas da existência de cada um, inventando caminhos por trajetos nunca antes percorridos, persistentemente até o último, quando se chegará,

enfim, ao caminho das estrelas” (PY, 1999:122).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone de Beauvoir, quando lançou na França, em 1970, sua obra “A velhice” um dos mais importantes ensaios contemporâneos sobre as condições da vida dos velhos naquele país, e por analogia em todo o mundo ocidental de ideologia capitalista, fez uma reflexão para o fato de que talvez muito pior que o tratamento dados aos velhos franceses naquele momento fosse a forma como aquela sociedade tratava sistematicamente seus trabalhadores.

Beauvoir lançou-se a esta reflexão, na França, ao mesmo tempo que Donald Cowgill e Lowell Holmes, em 1972, nos Estados Unidos, desenvolviam a Teoria da Modernidade, discutindo os efeitos da industrialização sobre as pessoas que envelheciam que, ao contrário de quando eram jovens e produziam nos moldes capitalista de produção, passaram a desempenhar atividades de menor prestígio ou representavam papéis de menor status social.

O que se discutiu nesta pesquisa foi o tipo de trabalho que gera mais-valia ao capital e retira do homem o controle desta instituição genuinamente humana, de transformar a natureza, da qual ele faz parte, em seu benefício. Entende-se que o trabalho, com sua divisão social, sempre existiu e sempre existirá na vida do homem, mesmo que, na nossa tradição judaico-cristã, possa ser lido como encargo a ser suportado, pela sentença de expulsão de Adão e Eva, quando da perda simbólica do paraíso.

Hoje, um século depois da aceleração do processo de industrialização, da adoção da

administração científica pelo taylorismo e pelo fordismo, caracterizado pela *rigidez*, pode-se observar o que este processo acarretou na vida dos trabalhadores formados e formatados dentro desta ideologia e que hoje estão velhos ou aposentados.

Sabe-se que, com o fordismo em crise, uma outra etapa se constrói no mundo agora não mais só ocidental, e que afetará, por certo, os trabalhadores de amanhã: a *flexibilização*. Trata-se de uma nova forma de organização do capitalismo e com ela uma nova maneira de regulação do mundo do trabalho (HARVEY, 1996) do qual não será retirado seu referencial de mercadoria, que rende lucro ao capital e, portanto, mantém em si a essência da exploração do trabalho humano, tão bem engendrada na modernidade (ABRAMO e LEITE, 2002). Esta mudança também vem influenciando a discussão da educação para a competência (ROPÉ e TANGUY, 2001), buscando uma outra forma de desenvolver o trabalhador para as exigências das mudanças que ocorrem no mundo da produção.

Com relação à educação, ao trabalho e ao envelhecimento, no mundo ocidental industrializado, pode-se argumentar que a modernidade também trouxe benefícios ao ser humano, especialmente nos países desenvolvidos, acrescentando-lhe o bem-estar via consumo, desenvolvendo tecnologias capazes de aumentar as expectativas de vida, acelerando a urbanização, possibilitando escolarização à população em geral. Mas, ao que tudo indica, isto não seria a consequência esperada do trabalho do homem, que sempre buscou transformar a natureza em seu benefício? O ser humano, em todas as sociedades primitivas ou não, como responsabilidade natural ou cultural, não buscou sempre pelo trabalho a melhoria das condições de vida de seu grupo social e proteção e educação de sua prole?

Parece claro que são importantes estes ganhos à humanidade, a partir da Revolução Industrial, mas que, ainda não universalizados, acabam por aumentar mais a divisão entre aqueles que produzem no modo capitalista e aqueles que permanecem no subdesenvolvimento. Entre aqueles que compram e aqueles que vendem sua força de trabalho.

A escola, como espaço de educação formal, também concebida com a modernidade, foi discutida como reprodutora dos valores maiores da sociedade, como ação política visando desenvolver as crianças e os adolescentes em consonância com os valores maiores da sociedade, cuja ideologia perpassava às diversas outras instituições sociais de expressiva importância na formação dos futuros provedores.

Adolescentes e adultos jovens ou maduros, após anos de formação de hábitos, atitudes e valores necessários ao trabalho assalariado, venderam sua força de trabalho no mercado, trabalharam anos a fio, produziram, colocaram o melhor de suas forças à disposição do capital até se aposentarem e envelhecerem. Após suas aposentadorias, passaram a viver uma outra etapa da vida marcada por uma sociedade que valoriza o novo, a estética da juventude, a força física, a agilidade mental, o poder de consumo.

A velhice, etapa da vida desejada e temida, como fechamento de um ciclo de vida, não foi pensada pelo mundo do trabalho - a não ser pela aposentadoria, ideologicamente apresentada como prêmio aos trabalhadores assalariados – e muito menos enfocada pela escola que, também ideologicamente engendrada não estava (e continua não estar) apta a tratar do processo de envelhecimento humano, do não-trabalho, do ócio, da capacidade de cada um se realizar de formas diferentes daquelas apregoadas pelo capitalismo de consumo.

Desta forma, examinar como a sociedade formou e tratou seus trabalhadores de ontem, através de suas histórias, pode lançar luzes sobre a forma como se constrói socialmente o curso de vida, interferindo diretamente no ciclo de vida, que muitas vezes julga-se ser natural, universal e esperado.

Estes trabalhadores aposentados contaram suas histórias, falaram de como se relacionaram com a família, com a escola, com o trabalho, com o não-trabalho pela aposentadoria ou pelo adoecimento e com os estados depressivos, quando os desenvolveram. Falaram também de suas vidas como um todo, das coisas que fazem parte deste processo de construção como sujeitos, das resistências silenciosas à dominação e despersonalização, dos “dribles” à falta de reconhecimento social de seu trabalho, do asilo para os institucionalizados, das perdas familiares e financeiras a que foram submetidos, das suas famílias quando os receberam de volta, após a aposentadoria.

Não devem ser palavras ao vento, nem memórias registradas em transcrições escritas em arquivos acessíveis aos que freqüentam as bibliotecas, nem tampouco só um exercício de produção de conhecimento exigido por uma tese de doutoramento. Deve ser antes de tudo, sem perder o rigor acadêmico no entendimento de relações tão complexas, um olhar como se construiu - e ainda se constrói - o futuro de seres humanos que envelhecem.

6 –REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Lais; LEITE, Márcia de Paula. Novas institucionalizações e novas formas de regulação no mundo do trabalho. *Pro-posições*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, v.13, n. 1(37),p. 60-77, jan./abril. 2002.
- ALMEIDA, Osvaldo P. Instrumentos para Avaliação de Pacientes com Demência. In: GORESTEIN, Clarice, ANDRADE, Laura H..S., ZUARDI, Antônio Waldo. Org) *Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia*. São Paulo: Lemos, 2000. p. 331 - 343.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 4. ed. São Paulo: Cortez/Unicamp,1997. 155 p.
- ARENDT, Hanna. *A condição humana*. 8. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária , 1997. 352 p.
- ARRUDA, Silvia Maria de Barros Olynto.. A Sociedade dos Descartáveis. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília, v. 6, n. 1, p.18-20, 1986.
- AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997. p. 27-38.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. 2. ed. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 771 p.
- BERGSON, H.enri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação corpo espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291 p.
- BIRMAN, Joel. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, Renato P. (Org), *Terceira Idade : um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará:Unati/UERJ, 1995. p.29-48.
- BLAZER, Dan G. *et al*. Sociodemographic and clinical correlates of member or previous depressive episodes in the depressed elderly. *Journal of Affective Disorders*, n. 39, p.99-106, 1996.
- BLAY, Sérgio Luis. Características clínicas, fatores de risco e curso da depressão em idosos. In: LAFER , Beny et al. *Depressão no ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p 45-54.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo:T.A. Queiroz: Edusp, 1987. 400 p.

- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Tradução de Reinaldo Bairão. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982. 238 p.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1997. 231 p.
- _____. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes. 1998. 251 p.
- BRAVEMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. 3. ed. Tradução de Natanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. 379 p.
- BRITO, Marilza E. *Memória é cultura*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 1989. 24 p.
- BUARQUE, Cristovam. *A revolução nas prioridades da modernidade técnica à modernidade Ética*. São Paulo: Paz e Terra, 1994. 287 p.
- BUSSE, Ewald W.; BLAZER, Dan G. *Psiquiatria geriátrica*. Tradução Maria Cristina Monteiro Goulart. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 387 p.
- BUSH, Diane M.; SIMMONS, Roberta G. Sicolization Processes Over the Life Course. In: ROSEMBERG, Morris, TUNER, Ralph H. (Eds). *Social Psychology: sociological perspectives*. New Brunswick: Transaction Publisher, 1991. 231-178 p.
- CANIVEZ, Patrice. *Educar o cidadão?*. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio Santoro. Campinas: Papirus, 1991. 241 p.
- CALDAS, Célia P. *Memórias de velhos trabalhadores*. 1993. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CARLOS et al. Identidade, Aposentadoria e terceira idade. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*. Porto Alegre, v.1, p. 77-80, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. artes de fazer*. 4. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1999. 351 p.
- CHARLOT, Bernard. *A Mistificação pedagógica*. Tradução Ruth Rissin Josef. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. 313 p.
- CARDONI, Luiz J., BERTONE, Arnaldo A. Em busca de uma teoria e práticas desalienantes na administração pública. In: ENSP. *Curso de atualização em Administração de Recursos Humanos Para a Área de Saúde*. Rio de Janeiro, 1989.
- COSTA, Jurandir F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 282 p.

- COWGIL, Donald. Olen; HOLMES, Lowell D. *Aging and modernization*. New York: Appleton-Century- Crofts Eds, 1972. 331 p.
- CUMMIG, Eliane; HENRY, William E. *Growing old*. New York: Basic Books, 1961. 293 p.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 271 p.
- DAMASCENO, B. Neuropsicologia da Memória. In Brandão C.R. *As faces da memória*. Campinas: CMU/Unicamp, 1994. p.95-100. (Coleção Seminários)
- DEBERT, Guita Green. (org). Envelhecimento e Curso da Vida. *Estudos feministas*, n 1, p. 119-128, 1997.
- _____. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Green.(org) *Antropologia e Velhice*. 2 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. p. 7-27.
- _____. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myrian M. L. (Org). *Velhice ou terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. 5. ed. ampliada. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Freire. São Paulo: Cortez: Oboré, 1992. 168 p.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das famílias*. 2.ed. Tradução de M T da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1986. 290 p.
- DURKHEIM, Emile. *Educação e sociologia*. 11 edição. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 91p
- _____. *A divisão do trabalho social*. Tradução de Eduardo Freitas e Maria Inês Mansinho. Lisboa: Presença, 1984. 2 v.
- EHRENBERG, Alain. *La fatigue d'être soi. – depresión et société*. Paris: Odile Jacob, 1998. 319 p.
- EISENSTADT, Shmuel Noah. *De geração a geração*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1976. 308 p.
- EIZIRIK, Cláudio Lacks; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001. 200 p.
- ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. 2.ed. Tradução de Gildásio Amado. Rio de Janeiro: Janeiro: Zahar. 1976. 404 p.
- _____. *Vital involvement in old age: the experience of old age in our time*.

New York: Norton, 1989. 352 p.

_____. ***O ciclo de vida completo.*** Tradução de Maria Adriana Veríssimo Verenose. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 111 p.

FERNANDES ENGUITA, Mariano. ***A Face oculta da escola: educação e trabalho no Capitalismo..*** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: 1989. 252 p.

_____. ***Trabajo, escuela e ideologia.*** Madrid: Akol, 1985. 393p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e o tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org). ***(Re)introduzindo história oral no brasil.*** São Paulo: Xamã, 1996. p.11-21

FORLENZA, Orestes V., ALMEIDA, Oswaldo P. ***Depressão e demência no idoso.*** São Paulo: Lemos Editorial, 1997. 200 p.

FOUCAULT, Michel. ***Vigiar e punir.*** 13. ed. Tradução de Raquel Ramalhate. Petrópolis: Petrópolis: Vozes, 1983. 277 p.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard. Tradução sob direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24 v.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, crise do trabalho assalariado e desenvolvimento: teorias e conflitos. In: FRIGOTO, Gaudêncio (org.) ***Educação e crise do trabalho: perspectivas de final do século.*** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 25-54.

_____. ***Educação e a crise do capitalismo real.*** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996. 231 p.

GUIDDENS, Anthony. ***As conseqüências da modernidade.*** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed.Unesp, 1991, 177 p.

HADDAD, Eneida Goçalves de Macedo. ***A Ideologia da velhice.*** São Paulo: Cortez Editora, 1986. 134 p.

HARVEY, David. ***Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.*** 6. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6ª edição. São Paulo, 1996. 349 p.

HAYFLIC, Leonard. ***Como e porque envelhecemos.*** Rio de Janeiro-RJ: Campus, 1996. 336 p.

HELOANI, Roberto. ***Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar.*** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1996. 112 p.

JECKEL-NETO, Emílio Antônio. Tornar-se velho ou ganhar Idade: o envelhecimento biológico revisitado. In: NERI, Anita Liberalesso. ***Desenvolvimento e envelhecimento.***

- Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001. p. 39 -52.
- KENSKI, Vani Moreira. Memória e Prática Docente. In: BRANDÃO, C.R. *As faces da memória*. Campinas: CMU/Unicamp, 1994.(Coleção Seminários)
- KERGOAT, Danièle. A relação Social de Sexo : da reprodução das relações sociais à sua subversão. *Pro-posições*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, v.13, n. 1(37),p. 34-46, jan./abril. 2002.
- KOSIK, KAREL. *Dialética do concreto*. Tradução de Célia Neve e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 230 p.
- FAFER, Bany et al. *Depressão no ciclo de vida*. Porto Alegre: Artmed, 2000. 271p.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo,SP: Xamã, 1996. p.33-47.
- LOPES, Andréa. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Alínea, 2000. 210 p.
- MACHADO, Lucília. A institucionalização da lógica das competências no Brasil. . *Pro-posições*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, v.13, n. 1(37), p. 92-110., jan./abril. 2002.
- MANNHEIM, Karl. *O homem e a sociedade: estudos sobre a estrutura social moderna*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar,1962. 389 p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: um *locus* disciplinar federativo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. P-48-55.
- MENEZES, Adélia Bezerra. Memória e ficção. *Revista Resgate*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp/Papirus, n. 3, p. 9-15. 1991.
- MENEZES, Paulo Rossi; NASCIMENTO, Andréia F. Epidemiologia da Depressão nas Diversas Fases da Vida. In: LAFER, Beny et al. *Depressão no ciclo da Vida*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p 29-36.
- MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1993. 177 p.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e interdisciplinaridade: a invenção do olhar.(Org) In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Morae. *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. p. 197-212.
- MORENO, J.L. *Psicodrama*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Cultrix, 1993. 492 p.

- MORENO, Ricardo Alberto e MORENO, Doris Hupfel. Escalas de avaliação para depressão (HAM-D) e Montgomery-Àsberg (MADRS). In: GORESTEIN, Clarice; ANDRADE, Laura H.S e ZUARDI, Antônio Waldo. (Eds). *Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia*. São Paulo: Lemos, 2000. p. 71-98.
- NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: NERI, Anita Liberalesso (Org). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas:Papirus, 1995. p.13-40.
- _____. *Palavras Chaves em Gerontologia*. Campinas: Aliena, 2001 a. 2001a. 136 p.
- _____. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e sociologia. In: NERI, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001b. p.11-37
- NOSELA, Paolo. A escola brasileira no final do século: um balanço. In: FRIGOTO, Guadêncio (org.) *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final do século*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 230 p.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.200-215, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p.7-24, fev. 1997 a.
- _____. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p.25-39, fev. 1997 b.
- PORTO, José Alberto Del. Conceito de depressão e seus limites. In: LAFER , Beny et al. *Depressão no ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 20-28.
- PY, Ligia. *Testemunhas vivas da história*. Rio de Janeiro: NAU, 1999. 128 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (Org). *Experimentos com história de vida*. São Paulo, SP: Vértice. 1988. p.14-43.
- ROPÉ, Fraçoise, TANGUY, Lucie. *Saberes e competência: o uso de tais noções na escola e na empresa*. 2. ed. Tradução de Patrícia Chittoni e equipe. Campinas: Papirus, 2001. 207p.
- SANTOS, M ária de Fátima. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990. 138 p.
- SAN ROMÁN, Tereza Spinosa. *Vejez y cultura: hacia los límites del sistema*. 2 edición. Barcelona: Fundació Caixa de Pensiones, 1990. 219 p.
- SEGNINI, Liliana. *Mulheres no trabalho bancário*. São Paulo: EDUSP, 1998. 209 p.

_____. *A liturgia do poder: trabalho e disciplina*. São Paulo: EDUCA, 1988. 187p

_____. Educação, trabalho e desenvolvimento: uma complexa relação. Texto apresentado no I workshop do Projeto de Pesquisa “Conceitos empregados na educação profissional” – NETE/FE/UFMG, 1998.

_____. *Constantes recomeços: homens e mulheres em situação de desemprego*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. A formação do operário negro. *Educação & Sociedade*. Campinas: CEDES, v 22, p.57-83, dez, 1985.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: NERY, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papyrus, 2001. p. 73-112.

SIMMONS, L. *The role of the aged in primitive society*. New York: Archon, 1970. 376 p.

STOPPE JUNIOR, Alberto, LOUZÃ NETO, Mario Rodrigues. *Depressão na terceira Idade: apresentação clínica e abordagem terapêutica*. São Paulo: Lemos Editorial, 1999. 206 p.

TRAGTEMBERG, Maurício. *Sobre Educação política e sindicalismo*. São Paulo, SP: Cortez, 1990. 139 p.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método biográfico. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 83-91.

_____.(Org) *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. 359p.

_____; GIGLIO, Zula Garcia. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: NERY, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papyrus, 2001. p. 141-160.

JAIME LISANDRO PACHECO

EDUCAÇÃO, TRABALHO E ENVELHECIMENTO:

**estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados e suas relações
com a escola, com o trabalho e com os sintomas depressivos,
após a aposentadoria.**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, para defesa, como
requisito para obtenção do título de doutor.

VOLUME II
ANEXOS – DEPOIMENTOS INTEGRAL DOS SUJEITOS

2002

APRESENTAÇÃO

Este volume contém histórias de vida de oito sujeitos que participaram da pesquisa, conduzida pelo modelo do método biográfico.

Os sujeitos tinham idades variando entre 54 e 96 anos, foram trabalhadores assalariados, são aposentados e não apresentavam distúrbios cognitivos ou síndromes neuropsiquiátricas.

A coleta das histórias de vida dos sujeitos, registrada através de uma entrevista semi-estruturada, visou abranger todas as fases de desenvolvimento de cada depoente.

As intervenções do entrevistador não se deram de maneira uniforme, uma vez que os sujeitos têm dinâmicas próprias de narrar suas histórias, e tiveram o objetivo de esclarecer pontos obscuros e de incentivar o relato dos sujeitos.

Cada entrevista, gravada em fita cassete, foi transcrita e em, alguns momentos, o texto oral foi reorganizado para que pudesse ser entendido pelo leitor, sem contudo alterar o sentido dado pelo sujeito.

As falas referentes às quatro categorias básicas que se pretendia investigar foram destacadas, no texto escrito, utilizando-se o vermelho para **educação formal**, o azul para o **trabalho assalariado**, verde para a **aposentadoria** e o rosa para os **sintomas de depressão** para facilitar a análise dos dados.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------|-----|
| Depoimento de Augusta | 143 |
| Depoimento de Carlos | 167 |
| Depoimento de Esther | 212 |
| Depoimento de Irineu | 230 |
| Depoimento de Júlio | 298 |
| Depoimento de Karen | 341 |
| Depoimento de Oláia | 383 |
| Depoimento de Ulda | 401 |

DEPOIMENTO AUGUSTA

1. Bom dia Augusta. Como já conversei com você, você se importa de contar a sua vida.
2. Conto.
3. Conta. Sem problemas ?
4. Sem. Não. Se não tem problema? (*Augusta tem uma deficiência auditiva*)
5. Como que é seu nome todo?
6. Meu nome é Augusta Luciana de Jesus.
7. Isso. Augusta.
8. Eu tava com cinco anos, minha mãe me largou de meu pai. Meu pai andava comigo para baixo e para cima. Minha mãe era muito trabalhadeira, meu pai também muito trabalhador. Tinha eu e outro irmãozinho, era mais novo do que eu. Minha mãe levantava cedo, fazia o almoço, deixava numa bacia o almoço no chão, assim, deixava o almoço no chão pra mim e deixava água no chão, era que para comer e deixava água no chão e ela ia pra roça. Apagava o fogo e ia pra roça mais meu pai, e o pequenininho – ela tinha um pequenininho – era menor de seis meses - que ela levava. Aí nós, ficava eu que era a mais velha, o outro chamava João. Os pés cheio de bicho (risos), nós ficava nós dois, no sol quente. Nós deitava no terreiro e dormia, dormia, dormia. Quando acordava suando, aí nós ia na lata de come, comia, bebia água e voltava e deitava de novo. E os bichos mijava e ai coçava...era uma coisa... (risos)
9. O bichos do pé mijavam. e quando ele mijavam coçavam ?
- 10.É. O bicho mijava e coçava , porque o com o sol quente. Meu irmãozinho fazia assim hum, hum , coçando os pé. Aí, depois ia lá na lata de comer, comia e bebia água e deitava outra vez e dormia. Aquele sol quente, suor escorrendo. Aí quando minha mãe chegava era aquela alegria encontrar com ela. Depois conforme o dia, tinha aquele negócio de samba e samba. Não sei se era dia de domingo meu pai bebia, mas nunca falou um tanto assim com a minha mãe... Ela era muito trabalhadeira e ele muito trabalhador.
11. Então eles não brigavam ?
12. Eles não brigavam, não. De jeito nenhum. E naquele tempo a gente trabalhava a semana inteira e quando era dia de sábado meu pai pegava seu embornazinho e ia pro armazém fazer a compra. Meu pai pegava as coisas assim, vinha com as compras. Ele bebia, mas ele não caia, não caia na estrada, não. Chegava em casa e também não jantava. Ele deitava, cantava, cantava, e ...deitado, dormia. No outro dia, ele estava bom. E quando foi um dia então minha mãe, aí, foi embora com outro homem. Ficou eu - o João ela levou – e eu tinha duas irmãs, mas todas duas eram empregadas na fazenda> Eu ela deixou, aí meu pai ficou comigo, uma menina só. Ele trabalhava na fazenda. Depois ele me levou lá pra fazenda, onde ele estava trabalhando e aquele lugares de camarada, aquelas casinhas de camarada....
13. Você tinha duas irmãs mais velhas?
14. Tinha. Elas tavam trabalhando na fazenda, elas eram empregadas. Aí meu pai me levou pra lá, pra essa fazenda onde ele estava trabalhando, para aquelas casinhas dos camaradas.
- 15.E você sabe por quê que a sua mãe foi embora ?
- 16.Ela foi embora mais outro homem.
- 17.E você não sabe por quê/
- 18.Sei não. Depois eu soube. Depois eu soube. Foi coisa feita porque sabe que todos os dois bebia e ele pôs alguma coisa na bebida e ela largou ele. Aí depois, aí, ...a minha cama era de tarimba.

- 19.
20. O que é tarimba ?
21. Tarimba, cama. Um cama de esteira. É assim. Um pau aqui de forquilha, outro aqui e outro aqui, outro aqui. Agora uns pau atravessados, assim com esse pau. E tinha a esteira em cima. Esteira o senhor não sabe?
22. Esteira eu sei o que é.
23. De Taboa. Sabe o que é?
24. Sei.
25. Pois é. E a cama era assim...de esteira de taboa.
26. Isso chama tarimba?
27. É, tarimba. Tarimba. E a cama dele era com a cabeça pra cá e os pés pra cá. E a minha cama era com a cabeça pra cá e os pés pra lá. *(fez um gesto com mão para mostrar a disposição das camas)*. Agora aqui nas beiradas, na parede tinha uma janela e os gatos passavam, era apertado mas dava e eu ficava o dia inteiro ali, sentada com minha tarimba com os gatos passando pra lá, pra cá. Era pequenininha. Meu pai saia cedo, ia na fazenda, buscava o café com bolo , voltava e ia pro serviço. Depois quando ele vinha almoçar , aí trazia o almoço pra mim, deixava lá e voltava e ia pro serviço..
28. E aí você ficou sozinha lá.
29. Eu fiquei sozinha, com meu pai...ah! tinha ainda outro mais velho que eu, chamava Francisco. Esse eu não conhecia . Sei que ele tinha dado pros patrões, pra essa mulher que me criou. Aí ele depois ele viu que não podia ficar com uma menina, sozinho comigo. Se ele fosse mulher podia , mas o homem não pode. Aí ele viu que não podia com aquela vida, mandou comprar um pedaço de pano pra sua gente fazer dois vestidos pra mim e um gorro. Eu só tinha aquele cabeção, aquele barrigão de lombriga, aquele, aqueles zoião. Aí ele me levou, perguntou se eles me queriam também....Aí ele, o senhor que me criou, falou que gostou e perguntou se a filha queria uma menina. Aí ela falou, falou que queria. Aí ele pegou e me levou pra lá. E meu pai mandou fazer dois vestidos e um gorro e me levou pra lá. Chegou lá, eu me alembro como se fosse hoje. Ela me levou lá pra cozinha, meu pai ficou na sala. Eu queria voltar logo e ela me segurava na cozinha. Levou nós pra cozinha. Ai a mulher que me criou trouxe uma lata de quilo comê , e eu não comi quase nada Ai eu peguei uma colheradinha de comida e me lembrei do meu pai e quando eu fui na sala, cadê meu pai ? Ai papai! Cadê mau pai? ...Aí comecei a chorar.
30. E seu pai deixou você lá e foi embora?
31. Me deixou e foi embora. Depois vinha chegando o homem que me criou, ia chegando de viagem, aí ele pegou, me pôs no colo, começou a me agradar e na minha frente tinha uma menina, era mais pretinha do que eu, ela estava com sete anos, quando ela foi pra casa dele e eu tava com cinco. Depois, chegou o casal de filhos dele, a menina era pequenininha, o menino era da minha idade, cinco anos também. Aí chegou o casal de filhos dele, chegou essa outra também, essa outra aí era, criança ai eu fui me consolando, ficando quietinha. Aí eu fui na sala. Ai papai, comecei a chorar e o homem chegou e ficou me agradando e eu esqueci. Quando foi uma vez ele foi lá ele falou assim: minha filha a próxima vez que vier aqui eu vou trazer um vestido pra você. E a gente não esquece não, né? A próxima vez que meu pai foi, eu fui encontra com ele: bença pai! Deus te abençoe! Pai, cadê meu vestido? Pronto, nunca mais! Acho que ele ficou triste, porque às vezes ele não tinha o dinheiro pra comprar, não é mesmo? E ficou triste de eu falar que ele tinha prometido e depois eu cobrar o vestido dele e nunca mais apareceu. Depois eu via ele no sonho, no sonho eu via ele. Depois agora faz muito tempo que eu não vejo ele no sonho. Eu sempre via ele. **E desde de idade dos cinco anos que fui pra essa casa, o primeiro serviço que eu fazia, carpir cana, plantar café, socar arroz no pilão e ele tinha trinta e dois camaradas e eu e outra. Aí não tinha**

força, não tinha domingo, não tinha dia santo, não tinha feriado, não tinha nada! Quando tava chovendo, tava nós tava socando arroz, era socando café – o café era socado também no pilão, peneirado na peneira ... Quando era dia de sábado, nós cortava cana, cortava a cana e carregava pra moer na engenhoca. Quando era dia de domingo levantava quatro horas da madrugada, todos nós, eu e a outra e os camaradas para moer cana. Quando o dia clareava tinha um tacho que cabia quarenta litros de garapa e tinha outro que cabia vinte. Quando o dia clareava aqueles dois tachos estava cheio. Aí fazia açúcar, fazia rapadura. Açúcar é duro pra fazer! Todo domingo, acordava cortava cana e ir para a cozinha. Era doce, era rapadura, era açúcar... E tinha um terreirão de café, quando chovia, armava o tempo de chuva a noite, aí levantava a noite e o café era recolhido correndo. Quanto mais você sofre, mais Deus ajuda a gente, pois a gente agüentava. Quando chegava domingo, nós ficava contente. Chegava dia de domingo a gente levantava cedo, tomava banho e ia pra missa. Chegava da missa tirava o vestido e ia trabalhar. Trabalho era diversão... Uma vez eu levantei, a hora que eu levantei a perna ficou boba e eu cai. Aí eu chorava. Meu Deus, fiquei aleijada. Mas depois melhorei. As vezes a perna ainda dói..... Aí depois, mas até agora às vezes dói. Um dias destes eu fui sentar com o namorado. Ai ela falou senta aqui, e a perna doeu de novo...¹

32. Você gosta dele ?

33. É diversão, um negócio espiritual.²

34. Espiritual.?

35. É. Ninguém, ninguém, lá onde que eu estou não tem doença! Não tem ninguém doente! Todos tem negócio de depressão de tristeza é bobagem. A pessoa, a pessoa tá doente, vai no médico, toma remédio, melhora um pouquinho, aí volta de novo, vai outra vez, toma remédio de novo, ai vai no medico de novo. E que eles não acredita.

36. Augusta, mas aí você estava dizendo, que lá você trabalhava muito, lá na casa onde o pai de vocês, onde você foi criada, você trabalhava muito, como é que era ? A família era boa, cuidava de você, você gostava de lá, como é que era ?

37. Eles me criaram, a mulher era muito boazinha, mas o homem era bravo, às vezes batia. Às vezes dava tarefa pra nós - a gente era criança - Ele dava tarefa, aí nós começava a brincar, quando dava as quatro horas e ninguém, não dava mais tempo, aí que a gente ia começava trabalhar correndo e ele chegava do serviço com palmatória.

38. Ele batia ?

39. Batia, ele batia.

40. Mas ele batia, o que ? Com a mão ou só com a palmatória.

41. É com a palmatória.

42. Só com a palmatória. Ele batia só com a palmatória ?

43. Com couro também, tinha aquele couro de chicotão, as vezes dava lambadas assim (*faz o gesto*). Essa outra que era mais velha do que eu, nós ia na missa e quando era no outro dia nós tínhamos que carpir. A fazenda era lá em baixo e nós trabalhava num morro e ele de lá ele via a gente No outro dia, a gente tinha um cupim e tinha uma árvore, atrás do cupim... bem, tinha o cupim, a árvore, o cupim aqui, a árvore aqui e nós.. O senhor sabe o que é um cupim?

44. Sei, aquele morrinho que dá...

45. Sim, pois é. A arvore tá aqui, atrás do morrinho, o morrinho aqui, aí, quando foi segunda feira - nós não foi na missa no Domingo – ai quando foi Segunda feira, a minha irmã de criação -

¹ Augusta namora o Zé, um senhor de 60 anos que acabara de chegar. Ele é vinte e tantos anos mais novo do que ela e está fisicamente muito. Augusta o “disputou” com as outras amigas...

² Augusta é espírita. Está se alfabetizando na escola do Lar, para poder ler os Evangelhos

escondeu atrás do morrinho (risos) e o filho dele era da minha idade ficava vigiando a gente. Eu era uma menina esperta. E sempre figiava para ver se ele vinha. Mas aquele dia eu não vi ele. A tava gente deitada atrás do cupim, bem se fazer nada, brincando, no bem bão... Quando vimos ele tava em cima do cumpim e a gente brincando. (risos, muitos risos) Ai ele falou, vou contar por pai! E nois falamos: vem aqui brincar, que depois nós termina a tarefa. Ele ficou lá (risos) e a nós ficou brincando, mas aquele dia a gente esqueceu do pai e quando vi ele tava atrás de nos.... (risos muitos risos)

46. Aquele dia apanhou ela, o filho e você ? Aquele dia os três apanharam ?

47. Os três, não! Ela apanhou só ela . (risos, risos,) ..só ela que era a mais velha (muitos risos) Eu trabalhava muito...apanhava café, buscava a escada subia , subia na escada lá no alto, tinha que *dirijar* com a com a mão, depois catar com a mão, separar as folhas com a mão, depois abanar, botar no saco e levar... (risos) dava muito trabalho isto era eu e a outra e quando nós ia embora e quando chegava de noite, eu era passadeira de roupa.

48. Passava roupa deles todos?

49. Passava.

50. Além do trabalho da roça?

51. É. Dia de Sábado, saia meio dia da roça. Ai lá, em casa ela, ia socar café e eu ia passar roupa, qualquer roupa, dos camaradas, deles tudo, desde pequena eu passava roupa, terno de linho, tudo deles. E naquele tempo era tudo engomado, tudo engomado, eu era passadeira. Eu ia passar e ela ia limpar o terreiro e torrar café. Ele – meu pai de criação - falava assim pra nós: olha, se vocês apanhar mais um saco de café cada uma eu deixo vocês ir no baile. A gente fazia todo o serviço e ia correndo apanhar mais um saco de café. Ele deixava só eu ir se fosse com um que era afilhado dele de casamento. Ai quando era na hora chegava ele e a mulher, cochichavam e dizia: hoje não vai ninguém! Ai era hora de eu chorar...

52. Já tinha apanhado o café?

53. Então já tinha apanhado o café e tinha vezes que ele falava assim: quem sair daqui hoje vai tomar tiro nas pernas. Naquele tempo a gente era bobo, não tinha tiro nenhum. Ai eu ficava chorando, (risos) e era única coisa que tinha era chorar. A gente trabalha tanto e chega o fim do dia, no fim de semana e tem que chorar. E as vezes que eu falava que ia embora, falava assim; tô indo embora pro mato, pra onça me comer (risos), a gente tem cada coisa....

54. Falava só ? Falava só ou tinha vontade de ir mesmo embora?

55. Eu falava que tinha vontade de ir embora pro mato pra onça me comer. Ele deixava a gente sem divertimento nenhum, não podia brincar com as moças aqui na colônia ele não deixava, - ele deitava cedo – e as moças - elas vinha falar com a comadre escondidas: Oh, comadre ajuda a pedir pro seu João pra ele deixar a Augusta ir no baile com nós...E ela dizia: não vai pedir não que ele fica bravo. Ele deitava cedo virava pro lado do canto, fingia que dormia e ninguém tinha coragem de falar com ele. Ai nois pedia pra mãe e a mãe falava assim: óia, eu não mando em nada aqui! E se ela deixasse a gente ir ele ficava bravo com ela. Tinha já umas moças velhas já, de quarenta anos, mas ele não deixava não. 54 É mais foi bom! Quanto mais a gente sofre, mas a gente vive...

56. Mas a gente... ? Quanto mais a gente sofre, mais a gente...?

57. Quanto mais a gente sofre de pequeno, quando fica grande a gente, cada vez a gente vive, aprende mais as coisas.

58. Quanto tempo você morou lá com eles ?

59. Até quarenta anos.

60. Quarenta anos? Você foi pra lá com cinco, trinta e cinco anos você trabalhou lá. Trinta e cinco anos você morou com eles?

61. Trinta e cinco anos. Quarenta...é sim, eu casei com quarenta anos.
62. Antes de você falar do seu casamento, como é, você não ia à escola? Você frequentou a escola ?
63. **Eu fui conhecer a escola só aqui no Alan Kardec .**
64. Quando era pequena você nunca foi à escola?
65. **Nunca.**
66. Nem suas irmãs ?
67. **Nem sabia. Agora os filhos dele, as filhas, o filho iam.**
68. Mas você e a sua irmã de criação não iam ?
69. **Não, nós duas não, nós duas só no serviço, só nós duas, é só no serviço... agora os filhos dele não, os filhos não trabalhavam duro.. Os filhos trabalhavam, mas não puxava, agora eu e a outra puxava, porque tinha que puxar. O trabalho era marcado, tinha tarefa e que terminar senão, óia...**
70. E sua mãe de criação, era boa pra você ?
71. Ela era. Ele ia bater em nós, aí nós chorávamos e ela ia pedir para mode de ele não bater e ele ficava bravo e ela chorava. Ela era muito boa, nunca deu um tapa.
72. Mas você me falou uma vez de uma outra mãe que você teve, porque essa morreu ?
73. É. A que me criou depois morreu. Ai ele casou com outra. Essa outra foi que fez meu casamento. Quando ele casou com ela, ela tinha trinta e cinco anos.
74. Ela era mais nova que você? Ela era mais nova?
75. Ela era mais nova que eu.
76. E era boa também?
77. Aquela era. A primeira ela não podia falar nada pra nós, que ele ficava bravo. Às vezes ele deixava, ele falava: não agüento com essa bagunça, porque não sei o que, mais não sei o que lá... Ela também não falava nada, sempre ficava quinta.. Mas este outra, não era assim... ela enfrentava ele. Ela era boa, aquela era muito boa.
78. Por que ?
79. Ele não podia falar nada comigo que ela que ela ficava brava com ele. Quando eu fui me casar ela que comprou, fez as compras tudo. Ela que comprou o enxoval, ela comprou tudo... e ele ficava resmungando. Se ele falava qualquer coisa comigo ela brigava. Então ele falava: você é muito puxa saco da Augusta! Ela falava assim: gosto mesmo dela, porque a Augusta é uma menina que posso falar o que quiser com ela e ela nunca me deu uma resposta.É melhor do que meus filhos. Ela tinha um casal de filhos.
80. Essa segunda também tinha um casal de filhos?
81. Tinha. Aí ela falou assim: a Augusta eu posso falar o que quiser com ela, ela nunca me respondeu. Ela é melhor do que meus filhos. Ele tinha dois filhos, se ela falava alguma coisa, o menino respondia para ela...
82. E você tinha muitos namorados?
83. Não. Nunca namorei. Eu nunca namorei. conversava com uns camaradas e tudo, com todo mundo, mas nunca namorei não, não dava, não podia, sei lá nunca...nada de namoro. Com os outros camaradas tinha conversa. Agora também tem conversa tem, conversa tinha...Com o Zé, nós conversamos.
84. O Zé é seu namorado atualmente ?
85. Eu namoro com ele, namoro com ele. É, mas nossas conversas, só conversas assim, espiritual. Por que ele também, ele, ele é solteiro, mas ele tinha uma mulher e a mulher também ficou assim com negócio de possessão. Minha irmã de criação também tinha este negócio de possessão. Ela andava com ela também e tudo. Teve um dia que eu sofri com essa coisa dela. Ela vivia grudada em mim, trabalhava comigo, comigo, nós duas. Durante muito tempo acho que seis anos, ela e eu

não podia dormir, não podia porque a gente dormia, ela não dormia eu também não, mesmo cansada. Ela levantava de madrugada ia pro serviço, mas lá ela ficava agitada, conversando com as coisas. Mas nós ia nós, nós duas. Um dia ela chamou os camaradas e dizia que as coisas falavam com ela. Ela tava com o espírito encarnado

86.Ela escutava as vozes ?

87.Ela escutava,. Ela escutava e via.

88.E ela via também coisas ?

89.Via, via, ela falava assim sem parar... era a noite inteira. Ela pegava a cadeira e ficava rodando ou sentada falando. E eu cansada não conseguir dormir. As vezes ela pegava o cachimbo também - ela fumava - era o cachimbo, o fumo e o canivete no *embornazinho* Ela subia na rua e ia fumando até lá de cima...Quando ela chegava lá no trabalho, depois ela foi ficando ruim, ficando ruim, ela já não trabalhava mais, ela via as coisas, e falava com as coisas, gritava...Às vezes, ela queria fugir lá pra Penápolis ...

90.Fugi pra onde ?

91.Pra casa do genro dele, - do homem que me criou – do casado com a filha dele. Eles morava em Penápolis. O senhor já ouviu falar em Penápolis ? Pois é, naquele tempo o genro dele tinha um sítio dentro de Penápolis e ela queria fugir pra lá. Então ela fugia aqui na rua e eu ficava gritando: volta pra trás! Mas ela não ouvia. Quando eu falava: olha ai a ventania! Ela tinha medo daqueles – risos. Tinha medo de ventania. Ela vinha num carreirão. Em todo lugar que ela ia, todo lugar que ela ia eu tava perto - tinha vez que ela gritava comigo, porque quando aparecia as coisas pra ela ai ela gritava. E dizia que era uma ventania. Um dia, nós fomos cortar capim colônia para colocar no chiqueiro dos porcos e veio uma ventania. Ela correu e falou que quando morresse vinha assustar eu do jeito que era eu, ela falava: não, eu não morri não, nem quando eu morrer, não vou atentar ninguém. As vezes ela também, dizia coisas que não se entendia. As vezes dizia coisas para ela mesmo. Ela era baixinha.

92.Ela era preta também ?

93.Era pretinha, mais pretinha do que eu. E ela passava perto de uma pessoa, ela não mexia com ninguém, ela não xingava nome, nem nada pois ela não mexia com as pessoas. O dia que ela amanhecia rezando ela tava sem possessão. Porque quando ela tava boa ela gostava muito de comprar santo, comprava santo, comprava muitos santos, ela pegava, ela pegava o santo e ficara rezando, era assim a noite inteira. E tinha as malas de roupa dela, que ela tirava aquela roupa tudo pra fora, pra fora. Depois dobrava tudo, e guardava tudo de novo. Depois tirava tudo e guardava de novo. Isso era a noite inteira e eu ali tentando dormir.. E eu não dormia. Quando chegava no outro dia de madrugada eu tinha que levantar cedo para ir trabalhar e quando chegava lá ela começava a falar: olha o passarinho tá falando, o passarinho tá falando! E gritava: vai embora! Ai um dia ela falou que ia sair que ia embora. Tinha um vendedor de ovo, toda semana ele passava, vendendo ovo....

94.Ovo? Ovo de galinha?

95.É ovo de galinha. E eu cheguei, naquele tempo nós não olhava o que comia, tinha comida. Comia tatu, matava e comia. E tinha um rapaz trabalhando lá do outro lado. Ela saiu, ela começou me perturbar: o passarinho tá falando, o passarinho tá falando! Ai eu disse: vai embora pra casa, ocê sabe que tá me atrapalhando e papai chega e fica bravo comigo! Ai ela foi. Quando chegou lá ela falou assim mãe: vim a Augusta tá lá no mato, o rapaz..o rapaz do ovo... tava lá, do lado lá! E ela falava, e ela falava: eu tô grávida! entendeu ? Ela falava com mamãe, mãe: eu tô grávida! Ai a mãe, ela falava: tá fingindo! A mãe falava! Ai ela chorava! Depois ela largou esta mania e virou pra mim e dizia: a Augusta ta grávida! Ai eu ficava brava. Outras vezes ela fritava: corre mamãe a nega tá fugindo! Era uma perturbação que só vendo. Outras vezes ela gritou a noite

inteirinha, depois, no outro dia, ela não podia nem falar, rouca. Aí meu pai, um daí veio com o caminhão da fazenda para levar ela no caminhão da fazenda cheio de legumes e carne levou ela para o médico. Chegou lá, de caminhão, ela gritava assim: vai me levar pro açougue! Pro açougue não, vou levar você no médico, falava meu pai. . E chegou lá ela desceu, chegou no bar e pediu água, depois na hora que entrou pro consultório o médico viu e não achou nada. Ai ela chegou em casa e a mãe falou assim: mas o que o médico falou pra você ? Ela falou assim: ele falou que não tenho nada não, que não precisava ficar internada não....(risos). Ela não mexia com ninguém não. Mas, se mexia com ele ela tacava o que ela tivesse na mão e ela corria atrás. Aí, quando chegava na roça, ela falava que ia dormir e me dizia: Augusta me acode pois tinha o tinha o fiscal da fazenda que passava . Um dia quando ele passou, não sei o que fez, se olhou para e ela já tava com o rastelo nas costas. Não sei o que ele falou para ela e aí ela saiu disparada e deu com rastelo nas costas, do home. Foi uma gritaria: Augusta me acode!! (risos) por que ele sabia que eu ela obedecia. Quando ela não tinha essas coisas era uma pessoa caridosa, muito boa tudo. As vezes ela ficava muito furiosa, respondia, fazia má criação e o home ficava nervoso e dava chicotada nela e ela não calava. As vezes ele passava a mão no cabo da enxada para bater mais nela – ela era boa não fazia mal a ninguém – ai eu ajoelhava no pé dele, e pedia: pelo amor de Deus não bate nela não bate nela, não.

96. Isso, o seu pai ?

97. É meu pai. O home que me criou. Eu ajoelhava que às vezes ele queria bater nela. Mas quanto mais batesse, menos ela ficava quieta...Ai ela avançava nele, avançava... Ela só ouvia eu.

98. Ela só então obedecia você ?

99. Senhor ?

100. Ela só obedecia você?

101. Obedecia eu, mas porque eu ia em todo lugar, curador, tudo ia ver com ela, tudo. E tudo eu ensinava como é que era para ela. E os outros ia no hospital pra ver ser loucura , não cura não! Coisa triste uma coisa assim...era triste. Sempre nois carregava sempre carregava as coisas dela quando nóiss vinha da roça. Ele sempre trazia um feixe de lenha grande. Ela era baixinha, mas era danada. Trabalhava muito mas quando tava com possessão ia prum lado, ia pro outro. As vezes ela tinha raiva de mim por causa disso e porque eu gritava com ela para ensinar ele e ela não entendia, não gostava. A casa tinha essa porta assim, a janela aqui assim e porta do outro lado que dava prum terreirão. . Aí não sei com quem que ela falou, ou que eu falei com ela, que ela passou a mão num toco inteirinho de café e veio em cima de mim. Outra vez foi com minha cunhada. Com minha cunhada, a briga, foi na mesa que era daqui lá assim. Ai todo mundo: corre, Augusta. Acode!.

102. A sua cunhada, a mulher do seu marido ?

103. Não, a mulher do meu irmão, do filho do homem. Naquele tempo eu não era casada, eu demorei toda vida pra casar. Só quem viu sabe. Era curador, centro espírita, médico, tudo, tudo...dava muito trabalho

104. Mas ela trabalhava ?

105. Senhor ?

106. Ela trabalhava muito ?

107. Trabalhava.

108. E também ela nunca namorou, nunca foi ao... nunca saiu, nunca passeou igual a você ? Era a mesma coisa ?

109. Z: É que nem eu. Ela namorava também não. Um dia um moço pedia em casamento... tinha um noivo... tinha comprado tudo o enxoval, bordado, ela gostava de fazer muito crochê , já

tinha tudo, já tava tudo pronto, aí depois nós mude mos de uma fazenda pruma outra fazenda perto Promissão. Já viu falar?

110. Não, nunca ouvi.

111. Pra lá de Minas.

112. Sei.

113. Já tava tudo pronto. Ela deixou até, a minha mãe, a mulher que me criou, que me criou não, a outra a segunda mulher, deixou tudo do pronto. Como nós ia mudar numa semana, na outra semana ela ia tirar os nomes.

114. Sei. Tirar o nome de quem, registrar ?

115. É. No cartório.

116. No cartório, sei.

117. É, aí já tava tudo pronto e ai quando foi que nós chegemos lá - e ela sempre falava, eu não quero casa, eu não quero casa! - o homem era viúvo. Aí ela falou eu não quero casar, eu não quero casar. Aí depois ela, nós mudemos, já tava tudo certo, só faltava comprar o vestido dela. E nós fomos, nós tava pronto! Lá na fazenda, nós tava carpindo uma baixada pra plantar arroz. Ai chegou o homem da outra fazenda e falou assim, pro meu irmão, pro filho homem. Qual dessas duas mocinhas que tá pra casar? Aí o irmão falou assim, é aquela baixinha ali. . Ele falou assim, ah, coitada! Se seu pai não faz o favor de me dar o arroz com o feijão pra ela, coitada..O Virgulino não presta, aquele homem não presta. A mulher dele morreu a mingua, sem nada. O dinheiro que ele ganhava colhendo café ele pegava, sai largava a mulher doente e ia pra Promissão jogar no bicho.

118. Quem que falou isso ?

119. O dono da fazenda, o outro filho, da outra fazenda e conversou com meu irmão.

120. E a sua irmã ouviu que ele falou o Virgulino não prestava ?

121. É. Ela ouviu que esse rapaz que ia casar com essa minha irmã não prestava e morou na fazenda dele e a turma comia sempre... Ouviu sim, nós tava tudo carpindo e ela escudou, ela falou assim: ah é ? Eu não vou casa, eu vou acabar com o casamento, eu vou acabar com o casamento... e saiu chorando. Ai ela chegou pro meu pai disse: eu não vou casa. Eu posso casa, mas caso num dia e no outro eu vou pro cemitério. Não se se tivesse casado o que tinha acontecido. Se tivesse casado com ele ela ficava mais.Ele judiava dela. Ele não tinha nada assim. E ela chorava e gritava: não quero, não quero! Um dia nós foi convidado para uma festa de casamento, no outro sábado. porque lá era assim, as moças, saia moças com moças e moços com moços. O casamento era na casa de um espanhol, filho de espanhol um outro cara que ia casar. Então nós tinha que vir no casamento do espanhol para depois o espanhol vir no casamento dela. Aí, o espanhol falou assim: tia Maria tinha vem no casamento de Juanito, vai todo mundo embora no casamento de tia Maira, mas se tia Maria não vim não vai *nenhuna* no casamento.. (risos..), o espanhol falava assim. Aí quando chegou o dia eu a Maria, a minha prima e o meu irmão fomo. Quando chegamos lá ele tava lá. Daí ele falou, olha, eu só não caso com ela porque ela é uma moça muito figura, não quer casar comigo. Ele ficou furiosa, mas não brigou. Daí depois de algum tempo ela só falava: é *batataré, batataré. Batataré* é japonês que fala

122. Batataré, o que é ?

123. Batataré - é japonês que fala – É gente boba - eles fala é batataré! . Depois ele casou com outra, aí ele falava que falava que ela era batataré. Ai depois que casou com outra, daí teve uma briga e o outro matou ele. Batataré, né ? Batataré! A ai a Dona Iria.

124. Quem é dona Iria?

125. Aquela segunda mulher de meu pai. Aquela brigava no duro com ele por causa de mim ... Ele não queria que eu casasse, por trabalhava muito, era boa de serviço, respeitava ele, mais do que os filhos dele
126. Mesmo sabendo que, mesmo ela sabendo que você ia casar e ia embora tal, não ia trabalhar ela quis que você casasse?
127. Que que é ?
128. A dona Iria mesmo sabendo que você casando e indo embora não ia trabalhar mais lá, ela queria que você casasse ?
129. É, ela queria porque ela via nós sofrer e via como é que ele era, via que ele era, pros filhos dele ele era bom, mas pra nós... Ah, mas ela. Era muito bom. Ela que comprou tudo, depois que fazia compra ia para casa e me mostrava. Ai ela comprou tudo e ele saiu e ficava resmungando assim, assim Ai depois ela mandou descer o que queria e disse o negócio é o seguinte: eu quero aquele, aquele, aquele, aquele e aquele. Depois, o homem da loja falou: o que ela é dele, empregada ? Ai ela falou: não ela não é empregada dele. As meninas que tavam lá em casa, já passou da idade de casar. Ela foi pra casa dele com cinco anos, agora a menina, a menina precisa casar e ele não quer que compre nada pra menina! Ele falava que queria que eu casasse com aquele tal do Chico. . Ai depois que ela escolheu tudo bonito, mandou embrulhar e ele não viu Quando chegou em casa que ela desembulhou tudo, ih (risos) ele ficou brabo e perguntou: o que que a Augusta falou pra você, agora vai casar? Você é puxa saco da Augusta... Ela também ficou brava com ele e enfrentou ele. Ela enfrentava ele para defender nós. Aquela é caridosa. As vezes tem gente que dá valor. Nunca pensei que alguém comprasse algo pra mim. Também não precisava. Agora, às vez a gente ira trabalhar na fazenda do japonês, uma fazendona. Também não tinha nem sábado, nem domingo á tarde tinha. Nós ia ajudar apanhar algodão. Tinha que ir cedo, levantava cedo, levantava cedinho, aprontava uma marmita, numas latas assim, feijão, farinha, virado.
130. O que que levava pra comer, feijão, farinha e o que mais ?
131. Feijão, feijão uma farofa de feijão.
132. Só isso?
133. É, tinha farofa de feijão com farinha, nós ia pra roça apanhar algodão.
134. Você já era solteira ainda?
135. Solteira. Depois de casada não. Depois de casada trabalhei só um pouco na roça do japonês, depois a gente mudou para a cidade.
136. Como é que foi o namorado, como é que aconteceu o namorado?
137. O nome dele era Milton Gonçalves...
138. Milton?
139. Milton Gonçalves dos Santos.
140. Como é que você conheceu ele ?
141. No templo. Eu frequentava o templo, mais meus pais. Meu pai não gostava muito, mas ele ia por causa de Dona Iria, a segunda mulher dele.
142. Ah, a Dona Iria. A Dona Iria que te levou lá pro centro ?
143. É a dona Eria que tinha que se desenvolver e ia com nós duas. Nós frequentava, a gente queria levar essa minha irmã num curador. Mas mais era eu que gostava. Dona Iria era mito doente e morava com uma senhora.
144. Como é que chamava a senhora ?
145. A mulher chamava Sebastiana. E ela morava na casa dessa, dessa senhora.
146. D. Sebastiana?

147. Dessa Sebastiana. Também tudo o que queria, se queria reformar a casa era a dona Iria que tinha que dar arrumar, arrumar tijolo, telha. Aí depois faleceu a mulher de meu . meu pai, casado com ela. Ela ficou cismada por ele ficou andando bem arrumado.
148. Quem que era bem arrumado? Seu pai?
149. É ele andava assim bem arrumado, parecia um viajante. Terno de linho, quando não era, era terno de casimira. Andava bem bonito. Aí ele foi e pediu casamento pra ele, ela não queria não, entendeu ? Aí depois a dona Sebastiana falou pra ela: ah Iria ele parece um senhor muito direito, tá precisando casar, você tem um filho - ela tinha um filho de 15 anos e tinha uma filha casada.. Depois ela , aí ela foi fazer uma proposta e disse: se for pra casar, quem quer eu, quer meu filho também. Se não for mode quer meu filho também não quer eu. Aí ele falou pra ela que queria o filho também. Quando foi um dia a Iria falou assim: ah eu arrumei um namorado, que não sei o quê, ele tem dois filhos e Depois que a mãe morreu aí eles mudaram. Ai ela foi lá com duas meninhas que ela tomava conta , uma era filha de japonês com brasileiro, a outra era filha de brasileiro. Devia ser filhas dessas mulher que não tinha marido, né ? Ela tomava conta das meninas, pois bem, ela chegou e e falou assim....ele tinha saído pra Promissão, aí...
150. Que que é Promissão ?
151. É uma cidade.
152. Ah, uma cidade que chama Promissão.
153. Aí ela chegou assim na charrete, desceu aquela mulher com aquelas duas meninas, bonitinha, tudo arrumadinha. Ai ela chegou e falou assim: bom diaJ
154. Isso era a dona Eria ?
155. É, aí ela falou assim - e ela viu essa que era atrapalhada da cabeça - : aquela moça lá que é atrapalhada da cabeça ? Ai depois ela falou assim: Marli seu pai é viúvo mesmo ou ele é casado ? Aí a menininha queria de comer - uma era filha de brasileiro com brasileiro, a outra era filha de japonês com brasileiro - , aí a menina queria de comer e nós deu de come para as menininhas. Na hora da menina comer ela foi embora e ele chegou.
156. Ela entrou em casa, conheceu a casa ?
157. Não. Não, não entrou não) chegou. Ai quando ele chegou eu falei assim: ah a mulher veio aqui! . E ele falou assim: que que se acha dessa mulher ? Eu respondi: uma mulher bonita.
158. E era mesmo ou você falou só pra agradar ele ?
159. Não, era bonita mesmo.Tava com trinta e cinco anos, ela andava bem arrumada... assim, tinha muita peça chique de ouro, ela era bonita mesmo. Andava bem arrumada, gostava do filhos. Mas já ele, ele não gostava, depois também ele não gostava de Marli, não gostava de não, só gostava do genro que era situante e do o filho que era casado com a prima. E outra, ele não queria mesmo, ele não queria também meu casamento, e ai ele não gostava de mim também não. Aí um dia ele foi, ele foi e assim pra mim: se quiser fugir foge, se quiser pode se amigar, se quiser casar casa. Aí eu quis fazer assim (trecho incompreensível).
160. Mas falando de você ?
161. Ele falava pra mim. Não queria que eu casasse. Então ele brigava dizendo: se quiser casar casa, se quiser amigar amiga, se quiser fugir foge. Eu fazia que nem escutava. Um dia ele brigou comigo e me xingou muito. Ai ela, enfrentou ele e disse...
162. Ela quem?
163. A Dona Iria . Aí ela falou assim, depois ela me contou: João, idade que a menina tem, você não pode falar nada, se você falar vai alguma coisinha pois a menina já passou da idade de casar. Até é porque o burro da casa sempre era eu. Aí eu soube, eu falei assim para ele: eu não vou fugi, que eu não vou roubar, não sou moça de roubar rapazs e nem vou amigar. Eu vou me casar! Até p porque quem casou uma vez, casou outra vez, que era ele, né ?. E depois ele falava

que moça quando queria casar parecia cachorra, ficava assim andando, procurando...Mas se era cachorra a filha dele também era porque a dele quando tava com quinze anos, faltava cinco dias pra fazer dezesseis anos, aí foi no cartório e disse que era Mara mudar a idade por que queria casar ele logo. . No cartório , falou assim: como é que vai casar essa menina nova desse jeito ? Falou assim: eu quero casar ela. Graças a Deus que casei, não precisei fugir, graças a Deus.

164. Você conheceu o Nilton, lá no centro, não foi?. E como é que vocês começaram a namorar?

165. Z: É a sorte, né ? Eu Nunca conversei com ele.

166. J: Não, né ? Ele era muito quieto, ele era muito quieto, era um cara calado. Tem médium que só assiste, só assiste e ele era assim. .. e lá era assim. No dia de sábado, semana inteira ele trabalhava na tua de café. Agora dia de sábado era todo dia, se tivesse alguma pessoa da casa ele ia lá . E aí quando ele ia foi, nós ficava conversando e conversava. Eu e ele não, pois a gente não falava. Ele conversava com os outros. Ele falou que o casamento foi com ele – ele o home que me criou...eu era muito bobo, a muito... muito insegura. Quando ele chegava eu corria e aí quando ele chegava lá em casa eu falava assim, vamo s D. Iria, vamos lá na sala.? E ela para mim: Larga de ser besta. Augusta! (risos). Eu achava bom quando gostava do filho dela, o filho dela ficava na sala comigo...

167. Sei, o filho dela era mocinho, tinha quinze, dezesseis anos por aí ?

168. O filho dela tinha quinze anos.

169. É. Eu achava, eu achava bom quando ele tava em casa porque o Milton chegava e ele ia conversar com ele. Ele ia lá pra conversar, ele, eu ficava ali na sala, mas quando era eu e só o Milton fica sozinho eu não tinha assunto que conversar.

170. Milton era mais novo do que você, não era ?

171. Ele era, mais novo do que eu dezoito anos. Eu já tinha quarenta anos. Ele tinha beira de vinte e dois anos. É. E o senhor sabe, a gente sabe como é que é a gente é novo só no corpo, mas no espírito não sabe, o espírito não tem idade. As vezes ele encarna numa pessoa, mas o espírito vem. A pessoa morre e quando nasce uma criança, nós aprende no Allan Kardec, que a mulher quando tá grávida o espírito já tá ali, porque tem que o contato com ela. Ai, na hora que a criança nasceu o espírito encosta. Meu filho, ele, com oito meses fala tudinho.

172. Seu filho ?

173. Ele era adiantado, porque de primeiro as crianças, ele era grandão, bobo, moles. . E agora, hoje, as crianças nasce e logo chorando forte.Eu gostava, eu gostava quando escutava no rádio as crianças chorando: heéééééé'.....héééééé'! Eu falava assim, olha que belezinha! Meu marido quando chegava, dia : mas como é que ocê é marvada, acha bonito a criança chorar? E eu falava assim, eu acho bonito mesmo! Aí ele, meu filho, chorava com uma força eu achava bonito. Ninguém morre, só troca o corpo, mas não morre não! E aqui, se é ruim aqui e o casal que briga aqui, ele briga lá também. Quem briga aqui, briga lá também. A pessoa que briga aqui com outro, quando chega lá ela faz a mesma coisa.. E assim, eu nunca briguei com ninguém, nunca briguei com ninguém. Nunca, nunca. E nós, depois que eu casei, nunca brigamos Quando tava com ele era só ajudar um pra outro. Nós mudemos um dia para Rita do Passa Quatro, já ouviu falar, né ?

174. Já.

175. Pois bem, morei, nem chegou a um mês, depois voltei trabalhei um pouco aí na fazenda de um japonês. E em toda a cidade que eu ia trabalho não fartava

176. Augusta, nosso papo ta bom, mas são mais de 11 horas. Estou preocupado de você perder a hora do almoço no refeitório.

177. Ah, é.? É Mais de onze horas já?

178. JEntão eu vou fazer o seguinte, a gente continua a nossa conversa na terça-feira tá bom ?
179. Tá bem.
180. Não é onze e meia o almoço ?
181. É.
182. Até você subir, a gente se despedir e tal, você vai chegar atrasada pro almoço.
183. Tá bem.
184. Você entendeu ?
185. Entendi.

Segunda entrevista

186. Augusta, a gente vai continuar, você lembra onde nós paramos a semana passada?
187. Lembro sim.
188. Você se lembra?
189. Alembro.
190. Que que, a onde nós paramos ?
191. Z: A gente tava falando assim negócio de quando eu era pequena.
192. Isso.
193. Que eu e depois quando eu era pequena. Depois disso que eu vim com, o primeiro serviço que eu fiz foi plantar milho, o camarada, o camarada discovava, ele ensinava como é que se bota o caroço na cova. Aí o camarada covava e eu plantava. Ele covava e eu plantava. E eu plantava ligeiro e ele ficava com raiva, ele ficava com raiva porque ele não dava conta de fazer a cova. O camarada era o que ia covando, covando e eu só prantando. Ocê que vê como eu te dou já uma enxadada na cabeça ? Porque ele não dava conta. Depois que pranta milho, aí depois carpi cana, tudo quanto era serviço eu fazia. . Quando era dia de domingo, tinha a turma de camarada, de sábado pra domingo dava meio dia pra trás nós cortava cana e carpia. Quando era de domingo na engenhoca. O senhor sabe que que é engenhoca ?
194. Sei.
195. Moer cana. Quando era de domingo às quatro horas, quatro horas nós levantava e tinha dois tacho, tinha um tacho que cabia quarenta litros de garapa e tinha outro que cabia vinte. Quando o dia clareava aqueles, aqueles dois tachos já tava cheinho. Aí nós fazia rapadura, fazia açúcar, fazia, fazia doce, doce de toda qualidade, doce de mamão, doce de laranja, era sempre feitinho. . Mas era todo domingo, todo domingo que nós fazia, eu e a outra e os camaradas. Depois ..., depois quando nós mudemos de Minas, nós viemos, eu tava com quinze anos, nós viemos pra Araçatuba, era Variante, Araçatuba. E nós viemos pra uma fazenda, fazenda grande, fazendona de japonês... depois quando eu tava com quinze anos, nós fomos pra Araçatuba. Quando eu tava com vinte e cinco anos que eu tava na fazenda do japonês, mas em Araçatuba não era japonês não, era brasileiro. Quando o sino batia, batia era hora do pessoal levantar tudo. Aí tinha ...*(o telefone tocou insistentemente. Interrompi e fui atender.)* Em Araçatuba...
196. Augusta, deixa eu só fazer um comentário aqui, pera aí. O telefone tocou e eu tive que atender o telefone. Você desculpe Augusta de eu ter atendido.
197. Não é preciso perder desculpas, né? Era preciso.
198. Não, não é não. Você mais importante. Mas eu desliguei ele agora para não sermos incomodados.
199. (risos)
200. Tá bem ?

201. Tá bem.
202. Então, aí você dizia que quando...
203. Quando eu vim de Minas pra Araçutuba eu tava com quinze anos, aí eu planteia arroz.. A turma do, o pessoal da fazenda plantava nada pra cá. . E o meu pai, nesse tempo nós não tinha, ele não tinha empregado, ele não tinha camarada não, era só nós de casa, eu e a outra e ele. Construiu o pessoal da fazenda, os empregados da fazenda prantava, pra lá e nós pra cá .. E agora o nosso pra cá e eu pegava na máquina.
204. Era arrendado ?
205. Senhor ?
206. Era arrendado, trabalhava por tarefa ?
207. Não, cada um da fazenda era prum lado que era dos camaradas pra dentro
208. Sei, da fazenda.
209. Agora dos empregados, de nós, dos colonos era tudo prum lado e nós era dos colonos, agora os de lá era da, dos camaradas da fazenda. Aí ele, os camaradas pegava de um lado, prantando de um lado, eles pegava de baixo lá.
210. Plantava o que Augusta ?
211. Arroz. Eles pegavam em baixo pra lá e eu pegava do lado de cá em baixo pra cá. Quando eles chegava em cima lá eu chegava em cima cá, aí eu pegava de cima pra baixo, batendo máquina, quando eles chegava em baixo de lá eu chegava também.
212. J: O que que é bater máquina, é aquela coisa assim ?
213. É ? Igual a um folezinho que você abre a semente cai. Pra mim era uma brincadeira, vixe!
214. Você gostava ?
215. Podia ser o homem grande que fosse, mas quando era na colheita aí um dia eu abanei, aí foi na Barra Mansa, quando eu abanei os trinta e dois sacos de café e meio, amarrado pela boca Eu banei, nesse dia eu banei cento e... não trinta e dois sacos de cento e dez litros amarrado pela boca. E de tarde quando era cinco, das quatro horas as cinco nós bardeava, por que a carroceria passava para pegar. Aí nós tinha, só pegava o saco aqui.
216. Quantos, você lembra quantas peneiras cabia em cada saco? Você chegou a contar alguma vez ?
217. Ah, isso eu não sei.
218. Porque abanava, tinha que botar na peneira e abanar. Quantas peneiras em cada saco mais ou menos ?
219. Banava e punha no saco.
220. Sim, pra encher um saco quantas peneiras tinha que abanar ?
221. Ah, isso eu não sei.
222. Tem uma idéia, não tem nem idéia ?
223. Não, eu não sei não. Quando eu vim de Minas eu não sabia abanar, banava assim, aí não sabia, as depois pra aprender aqui, depois de aprender ai passei a abanar bem. Fazia melhor que todos os homens. Nos primeiros dias a hora que eu ia abanar o café a peneira abria, e o café caia tudo, esparramava tudo lá e os home ficava rindo, mangando de mim. Abanar café, arroz não é fácil, não. Apenas parece. Demora. Quando se sabe era num instante, mas o café seco, ia num instantinho. E tinha uma moça lá que chamava Maria, nesse tempo eu tava com vinte e cinco anos, e tinha uma moça lá que chamava Maria, ela era alta, no fim da colheita ela tinha um caroço aqui e pegava fácil assim do ombro e ...
224. Sei, um caroço aqui do peito.
225. É. De tanto que ela banava. E, eu pegava fácil e não tive problema, mas ela fez um caroço de tanto que trabaiava. Também era assim , quando a buzina tocava era a mesma coisa de

uma boiada, aqui saia, jogava a peneira e voava pra chegar em casa. Nesse dia que banei trinta e dois sacos e meio...

226. Por que o pessoal sai correndo, largava o serviço correndo ? Quando tocava a buzina largava o serviço correndo ?

227. Ah, largava, quando tocava a buzina saia tudo correndo, ia tudo correndo pra chegar em casa pra ir jantar.

228. Quantas horas trabalhava por dia, você lembra ?

229. Ah, eu não sei. As horas eu não sei, nesse tempo eu tava com vinte e cinco anos, agora...

230. Pois é, mas não sabia as horas ? Quanto tempo você trabalhava por dia ? Quantas horas, você se lembra ?

231. Não, não lembro não.

232. Não ? Você começava a trabalhar que horas da manhã ?

233. Cedinho, nós levantava sempre as cinco horas.

234. Cinco horas levantava ?

235. É, aí começava trabalhar, saia pro serviço ali pra seis horas...

236. Seis horas ?

237. É, seis horas.

238. Trabalhava até que horas da tarde ?

239. Trabalhava até as cinco.

240. Até as cinco horas. Direto ?

241. Até as cinco, quando eu tava trabalhando nas fazendas, mas quando nós trabalhava em casa pro homem, pro senhor, nós trabalhava até de noite.

242. Trabalhava direto, né ?

243. É, pegava cedo e trabalhava até de noite.

244. E comida, como é que era ? Você comia lá na roça ?

245. Nove horas, nove horas.

246. Nove horas era o almoço ?

247. Era o almoço.

248. Mas que é que mandava ?

249. A mulher que levava.

250. JSei, sei, que levava.

251. Agora...

252. Levava o que, uma marmita ?

253. Senhor ?

254. Levava o que ? Ia na Marmita ?

255. É, na marmita. Naquelas latas de quilo.

256. Lata de quilo?.

257. Porque tem as latas de banha, que é as latas de banha de dois quilos, tem a de quilo também, então. Ai nós almoçava na roça.

258. Descansava quanto tempo ?

259. Ah, não descansava nada. Não descansava nada não, porque eu era, eu não gostava de descansar.

260. E depois de nove horas, vocês só iam jantar, não comiam mais nada, não tinha café da tarde, nada ?

261. Tinha, das nove horas...

262. Nove horas era o almoço ?

263. Meio dia era o café.

264. Meio dia o café ?
265. Meio dia. Agora as quatro horas era a janta, no sítio era assim.
266. Mas então você não trabalhava até cinco horas, se quatro horas era a janta.
267. Mas a janta ele levava na roça.
268. Ah, levava lá também?
269. Ele levava na roça.
270. Você jantava lá na roça ?
271. É, jantava na roça. Nesse tempo é quando tinha camarada, tinha camarada. Agora quando não tinha camarada nós jantava cinco horas, a hora que vinha, cinco horas, é a hora que vinha da roça, mas quando tinha camarada levava pra comer na roça. De noite tinha bolo, com café.
272. O Augusta você também falou na outra conversa que nós tivemos que aí a primeira mulher que criou você ela morreu.
273. Morreu.
274. Aí o seu pai adotivo casou de novo com a dona Iria.
275. É. Casou do novo. Eles lá em casa não acreditava, não acreditava, falava que era loucura, uma vez...
276. Loucura da tua irmã ?
277. É.
278. Da sua irmã ?
279. É, porque ela estava no lugar de minha irmã, mas e ela não era nem parente minha. Era minha irmã porque nós foi criada junto. Ele – o homem que me criou - falava que era loucura, mas não tem loucura nenhuma como ele falava. No Alan Kardec, falava também lá no centro, que isto não existe. Quem fala que o outro é louco, é mais louco do que ele, porque não tem loucura não. Tem é possessão. Os parentes, os parentes mesmo desencarna, porque ninguém morre, a carne fica, a carne fica, mas nós não, nós não, nós o espírito a vida continua, a vida do espírito continua mesma coisa. Aí e ela ficou aqui e ele não incomodava, ele não incomodava. Eu ficava cansada. Eles falava que era loucura. Eu era que andava porque eu que ela não dormia...e eu junto com ela. Chegava de noite ela não deixava eu dormir, ela sentava assim na cadeira e ficava me olhando, me olhando e eu cansada. A gente chegava do trabalho sem terminar a tarefa, o serviço tinha que render e ela não deixava. O homem chegava no serviço achava que não tinha rendido e começava a falar, xingar, brigar. Quando chegava de noite ela também não comia, ela não comia não e pegava o pito, o cachimbo, tinha um canudo e na ponta um potinho e barro – o senhor sabe o que é pito? , ela pegava o pinto, tinha o canivete e o fumo naquele rolo e o pito. Ai pitava. Para ver o serviço, ela corria e subia rua acima punha, abria um buraco e punha lá e ficava quietinha. Aí quando chegava lá naquele buraco para ver o que ela escondia, ela ficava brava e avança. . E foi indo, foi indo, quando dava uma dor de dente nela ela rolava, ela rolava e eu falava assim vai em casa por um remédio nesse dente. E ele: que nada, que nada, que isso não vale nada mesmo! Aí eu soube que ...
280. Tinha muita dor de dente na época?
281. Tinha. Eu tinha muita dor de dente, aí ela, eu falava assim... Aí eu soube que tinha um curador, lá perto. Ele era até, era..., não era português não, era... eu esqueci que que ele era. Aí eu soube que tinha um curador, ele falava que era benzedor, não era curador não, era benzedor, mas ele era espírita, né?. Aí eu fui e falei assim: bom nós vamos lá dar pra você ver esse dente. Ele ta muito feio! Ela foi mas não deu jeito. E ela não dormia de noite. Eu também não. Mas, ele dormia bem folgado, o meu pai. Mas ela não dormia de jeito nenhum. Quando era de madrugada, ela disse: menina levanta! E eu tinha que levantar, de qualquer jeito. Ai eu levantei, e disse: vamos ao curador. E ela: não vou, e eu: vai. Aprontei eu e ela também aponto. E tinha o pessoal uma

turma da fazenda a turma da fazenda, limpando o carriador, carpindo o carriador, por que tinha chuido.

282. Que que é carriador ?

283. Carriador é os caminhos.É, os caminhos. E a turma da fazenda tava limpando e tinha chovido. Eu tava com um vestido de seda cumprido, babado em baixo. Quando cheguei perto, como daqui ali, aonde que tá o doente, eu dei um tropeção que o pé pegou assim no vestido que lascou de um lado ao outro! Ai eu dei um nó. Aí eu cheguei lá e ela atrás de mim. E ela: não vou! Tu vai! Com poder de Deus cê vai!. Não vou! Vai, com o poder de Deus, você vai! Aí cheguei lá e falei assim: oh, moço, eu trouxe essa irmã aqui porque ela não me deixa dormir, ela não me deixa trabalhar, ela grita muito, de noite ela chora, quando dá uma dor de dente nela ela fica chorando e eu mando por remédio e ela não vai e ela fica...! Aí ele foi rezar - nós era rezador de terço, todo santo ela comprava, todo santo ela comprava, depois ela começou a ficar assim. Nós ia na missa também , todo domingo nós ia na missa, só dia de domingo. Depois da missa chegava, tirava aquele vestido, punha no prego. Aí depois ela não quis mais ir na missa também, mas era muito..., gostava muito de santo, todo santeiro que chegava lá ela comprava. Depois ela, quando ela ficou assim, ela pegava a roupa - a roupa dela era separada num caixote – e ela acendia a lamparina. Eu ia deitar, ela acendia a lamparina, pegava a roupa tudo e punha fora. Pega o martelo, pegava a santa, batia e mudava a santa de lugar e largava a santa lá. Aí pegava, punha a roupa tudo pra dentro, pra dentro do caixote, depois pegava botava tudo para froa. E era assim a noite inteira. Papai falava: menina apaga essa lamparina! Ela apagava um pouquinho, mas ela pensava que ele já tava dormindo aí acendia outra vez. E eu não dormia nem eles também não dormia e a mesma coisa. Um dia eu falei assim: oh , uma hora você bate - você que tem tanto cuidado com santa, você bate o martelo nela e quebra e ai... Ela começava a chorar, aí...

284. Ela batia com o martelo na santa também ?

285. Ela batia um prego.

286. Na onde, na santa ?

287. Ela punha um prego na parede e mudava a santa, pegava e punha ali, depois ela via que ali não tava bom, ela batia o prego na parede...

288. A santa era um quadro ?

289. É, um quadro. Aí depois ela rezava, o dia que ela dava pra rezar ela rezava, porque nós era, o homem lá de casa era tirador de terço. E le tirava terço todos ano e soltava balão e todo São João, soltava balão e soltava fogos. A gente fazia aquela festa, nós fazia fogueira. E na casa do meu tio também, que era no lugar do meu tio, ela ficou assim na noite de Santo Antônio, que era..., nós forrava a mesa, punha o santo, depois eu e ela rezava os bendito, bendito na hora que terminava o terço. Aí ela chegou, foi dia de...

290. Que que é rezar o bendito ?

291. (*cantando o trecho*) Bendito, louvado seja é o Santíssimo Sacramento. Pois é, nós rezava. E depois ela chegou, foi no dia de Santo Antônio, ela chegou, forrou a mesa, pôs o santo, quando ela..., - na roça era lampião, não era na cidade e na roça era lampião, que é aqueles lampião – quando ela foi ajoelhar ela caiu pra trás, caiu pra trás. Não, primeiro ela foi..., é ela caiu, depois ela levantou passou a mão num pau e pá, pá, pá no lampião. E dali ela ficou ruim, ficou ruim, ficou ruim... e aí ficou. E depois me deu esse trabalho. Eu ia prum lado, ia pra outro, ia prum lado, ia pra outro, mas ela não queria não, mas...

292. Pois é, mas era só você e o seu pai, lá o pessoal que ajudava vocês não se importavam?

293. Não, eles não acreditava em nada, eles não se importavam.

294. Pois é, mas eles não cuidavam dela não ?

295. Cuidava de jeito nenhum, não, eles também, eles não entendia esse negócio e eu que ia. Se eu sabia: ali tem um curador e eu ia lá, ele me ensinava tudo como é que fazia. Se ali tem outro, eu ia. Aí um dia eu fui num homem, ah o homem era calabrês!
296. Quem que era calabrês?
297. O homem, o primeiro homem que eu fui com ela...
298. Ah, sim, o curador
299. É. Eu cheguei lá - ele era espírita - aí eu cheguei lá, aí eu falei assim: moço eu vim trazer essa irmã aqui, ela..., quando dá uma dor de dente nela ela chora, ela roda, não põem remédio, nada. Ele disse isso não é coisa de nada. Não é doença do corpo, é negócio de encosto. Ai ele foi e falou assim: senta aqui! Ela sentou na cadeira. Ele foi e levou a mão na cabeça dela e falou assim: ah, essa daí não! essa daí não pano não, a senhora... Aí depois ele falou assim: é um padre antigo que tá com ela!
300. Um padre?
301. Um padre antigo, porque ela rezava, ela rezava, rezava. O dia que ela queria rezava, o dia que a mãe pedia pra rezar ela rezava. Rezava sempre. Mas, o dia que ela amanhecia invocada ninguém nem mexia com ela, ficava emburrada Quando era de noite ela, ela falava, aí ela gritava, mas gritava o meu pai. Gritava, gritava e chorava e falava assim: aí que a minha mãe me deixou eu no mundo sofrendo! O que é isso? O que é, aquilo outro? E aí não deixava ninguém dormir. Longe, longe o pessoal escutava. Quando foi no outro dia, meu pai falou: você tira o caminhão da fazenda e nois vamos leva ela no Hospital. Ai foi o caminhão cheio, nós, a minha tia, a prima, tudo, fomos de caminhão levar no hospital. E ela falava assim: aí vão me levar pro açougue!. No outro dia amanheceu rouquinha, que ela não podia nem falar. Chegamos em Lins ela desceu do caminhão, entrou num bar, pediu água e aí depois foi na hora que entrou pra consulta, o médico escutou de tudo, ouvido, cabeça. E disse: não tem nada! Porque essas coisas não tem nada e passa, pronto, passa e pronto. Ainda pessoa que não acredita, piorou. E eu, ela só obedecia eu. O homem era brabo. El tinha um chicote assim, ele dava chicotada nela. Mas ela avançava nele no dente e tudo. Podia ser qualquer um homem grande, grande e forte. Ela, se passasse quieto ela também ficava quieta. Mas, se desse uma risada acabou, ela avançava nele. Aí eu, e o papai...
302. Mas você não, com você ela não era, ela não era agressiva com você ?
303. Não, comigo não. Porque eu sabia como é que era. As vezes ela queria me matar. Uma vez nós tava no..., perto de mim na fazenda grande, perto de mim, e ela gostava muito ela gostava de pegar feixão de lenha de café. Ela era baixinha, mas gostava daquele feixão (risos) Era um dia de sábado, eu já sabia como é fazia. Eu trazia água benzida. Aí ela, não sei que que eu falei pra ela de terreirão, A casa tinha uma porta de meia porta, pra cima que nê m janela, pra baixo que nê m portão. Aí não sei que eu falei pra ela, ela pegou o toco de café e veio em cima de mim. Ela era baixinha e veio pra cima de mim. Aí eu corri, peguei, entrei pra dentro e fechei a porta. Fechei a porte de baixo, corri lá e peguei um copo d' água benzida e joguei nela. Ela só obedecia eu e os outros não. De jeito nenhum. Um dia ele pegou uma mesona, queria jogar em cima da minha cunhada (risos), a filha do, a nora do homem que me criou. Eles era primos, primo casado com primo. Minha cunhada era italiana, ela era altona, aí não sei que que ela falou lá e ela ficou furiosa. Ai ela gritava: corre Augusta, me acode... (risos). Eu chegava lá...
304. Ela a obedecia ?
305. É, ela obedecia. Nós duas não brigava não, porque nós duas sofria. Um reclamava pra outra. Ela reclamava comigo, eu reclama com ela. A gente não tinha ninguém ninguém..., nós duas que sofria. Ela era brava ela, que pra mim não, mas outra pessoa era O homem era brabo e ele dava chicotada nela, mas ela avançava nele de dente, não cedia de jeito nenhum. E ele batia nela

com tudo quanto era coisa, as vezes cabo de enxada, eu ajoelhava nos pé dele falava assim não, ela falava assim, deixa matar, deixa matar, ela falava.

306. Em você ele não batia ? Não batia não.Não batia não. Mas nela ele batia porque ela falava..., ela não falava bobagem, nem xingava nome nenhum. Mas, se alguém passava e se desse uma risada ou se ele ficasse brabo com el: ah ! nossa! O tempo fechava. Depois ele comprou uma garrafa de remédio. Também remédio pra ela não adiantava nada. Ele comprou uma garrafa, com um litro.Quando era dia de sábado, - ele gostava de andar muito bem arrumado - eu passava o terno de linho dele. Naquele dia eu arrumei o quarto dele, passei o terno de linho, deixei lá. Ele, não sei o que que foi, pegou uma briga com ela e (risos) ela foi lá e pegou no paletó dele e macetou tudo. Aí eu falei assim: ai o papai, macetou tudo o paletó, roupa de linho, engomado !. Aí ele passou a mão no chicote (risos) e foi dá chicotada nela. Ela avançou nele e aí ele deu a chicotada. Ela ela pegou a garrafa de remédio, tá! tacou longe, a garrafa quebrou tudo (risos). Ela jogou foi nele! Mas não tinha jeito, porque ele não entendia, ele não acreditava, ele não acreditava. Eu queria um curador, tudo ele e ele falava: não é enconsto. Eu falava: é encosto, é encosto e ele não acreditava, falava que era loucura, que era ... Como que era loucura? Porque quando ela tava boa ela fazia de tudo, ela rezava, ela tudo? Aí quando ela tava assim, não comia também, nem nada, não comia e não dormia. E por isso que, então, que a gente aí foi no Alan Kardec foi que acabei de, acabei de... dou graças a Deus, porque eu ia prum lado, ia pra outro, ia prum lado, ia pra outro.

307. Foi por causa dela que você foi parar lá no Alan Kardec.

308. Não, não. Eu só vim aqui pro Alan Kardec sozinha, muito mais tarde, para freqüentar mesmo. Antes foi só para levar ela e assistir . Quando comecei a freqüenta já tinha meu filho...

309. Aí deixa eu te perguntar uma coisa: quando você casou com quem que ela ficou ?

310. Ela ficou com ele, com o homem que me criou e a dona Iria, mulher dele.

311. A dona Iria, a segunda mulher. Mas ela já tinha melhorado naquela época ou ainda tava ainda ruim da cabeça ?

312. Ela já tinha melhorado. A dona Iria Iria era médium também, já tinha melhorado. Dona Iria já tinha se desenvolvido e era uma mulher muito boa. Gostava da nós.

313. A dona Eria também era médium, ela era médium ?

314. Então a dona Eria era espírita ?

315. Era. E meu pai também começou a seguir, ele também era, mas ele não gostava, ele não gostava não. Aí depois...ela ajudava outras pessoas. O anjo Ismael ajudava ela.

316. É ?

317. É, lá chamava do Anjo Ismael. Podia ir a pessoa ruim como fosse, foi uma vez com um rapaz bonito, foi dentro do caminhão amarrado, chegou na porta do centro, aí ele não queria entrar, gritava, urrava. Seentou, sentou na cadeira, aí a hora que fez um trabalho, aí ele saiu bonzinho.

318. Saiu bom , né ?

319. E, é assim...

320. E você conheceu o seu marido lá ?

321. Senhor ?

322. Você conheceu o eu marido lá no centro ?

323. Foi, foi lá no centro. Mas eu só ia para assistir. Não desenvolvia.

324. Como é que foi isso ?

325. Eu nem conhecia, nós nunca tinha conversado, porque casamento é sorte, nós não conversava porque eu era muito acanhada, ele também era muito quieto. Eu não conhecia ele, nunca tinha conversado com ele, porque casamento é sorte e ele, ele era noivo de outra, de outra

moça, era namorado da moça. Aí eu fui, ele conversava com a dona Iria, meu pai também. Ele pegou a foto e amostrou a dona Iria.

326. Foto de quem ?

327. Aquela foto dele, que eu tinha, aquele retrato dele.

328. Sei.

329. Aí veio no meu pensamento assim: ah o dono dessa foto, - mas ele tinha outra namorada - eu falei assim: o dono dessa foto vai ser meu. Depois eu falei assim: ah é nada, ele tem a namorada dele, tem a noiva dele! Aí a dona Iria falou assim: olha Augusta que bonito, olha! Aí eu olhei e falei, pensei assim, falei assim: é nada, a namorada dele, ele tem a namorada! Quando foi na outra semana ele, ele cercou a dona Iria e, porque a dona do centro falou assim: Milton, porque que você não pede em casamento a Augusta? São umas menina quieta, umas meninas que não sai de casa, trabalhadeira. Aí ele cercou a dona Iria e o homem que me criou, os dois. Ele tava carpindo assim o terreiro do centro. E cercou a dona Iria e meu pai, o homem que me criou. E falou, e falou no casamento, mas ele não falou pra mim não, nem...Um dia nós tava fazendo cerca pros animal, cerca de arame, cercadinho pros animal, acho que era um dia de Sábado e ele - o meu pai - foi e falou assim: ô Augusta, se aquele rapaz falasse em casamento com você, você queria ? Porque ele tinha falado, aquele moço, que é bom moço, porque é um moço que não bebe, um moço que não é de farra, um moço que só veve no centro, um moço aquilo, aquilo outro e um moço trabalhador.

330. Fazendo um monte de elogio.

331. É. Mas eu não sabia, eu não pensava que ele ia falar, porque ele era namorado da outra. Aí, aí eu falei pra dona Iria assim: Dona Iria, papai tá falando assim, porque o moço não me pede em casamento? Se ele pedisse, eu aceitava e caia fora. Ela falou assim: Ah! É assim? Pois não! Falei assim, o que? Aí quando foi na outra semana ela, ela me perguntou assim: Augusta, seu pai me falou, se aquele moço, experimentando, se aquele moço falasse em casamento com você, você queria? É, porque ele tinha falado que ele era bom, ele disse. Eu falei sim também, falei assim: ah, eu queria porque é um moço não de farrista, um moço que não bebe, um moço trabalhador. E foi a dona Iria, quando foi Segunda-feira a dona Iria me perguntou: seu pai não falou que o rapaz, falou em casamento, pediu em casamento pra você não? Eu falei assim: papai não falou nada não. Pois o moço falou, falou e seu pai aceitou e ele é bom!, disse Dona Iria. Eu peguei e falei assim: ah então por isso que papai tava me perguntando, se eu queria, e eu falei sim. Depois ele pediu em casamento, nunca tinha ido lá em casa, ficou quase um mês sem ir lá e quando ia comigo ele não conversava não! Só conversava com a dona Iria. Aí ele, meu pai, começou a falar: baiano besta porque ela pediu em casamento?

332. Ele era baiano ?

333. Ele era baiano. Porque ele pediu em casamento e ele não sei de que, ele não sei de que, não sei o que, baiano besta!, ficava resmungado. Aí ela começou a vir, mas uma vez só. Uma vez meu pai tava doente, orar... Depois nós ia junto no centro. Mas comigo ele não conversava não, eu também era muito acanhada. Um dia quando ele foi lá em casa falei assim: olha papai falou não é pra sentar perto (risos)...Eu com quarenta anos, não é pra sentar junto!. Ele falou assim: ah é isso mesmo que eu quero e que eu sei. Quero que seja do jeito dos velhos (risos). Ele era espírita, ele sabia de tudo. Eu tinha um irmão de criação que morava em Lins, o filho dele. Ele era motorista, ele vivia viajando, ele viajava pra Minas... E o Milton que trabalhava em Construção, falou assim: olha eu vou..., Aqui paga pensão, paga lavagem de roupa e não dá modo de eu sustentar. Então vou trabalhar lá em Minas, no meio da turma de peão porque ele queimava lá por conta dele, fazia o comer por conta dele, que ele pagava pensão, não pagava lavagem de roupa nem nada e aí sobra dinheiro. Aí ele falou: eu vou lá pra casa do João e foi. Aí ele meu pai falava

assim: ai porque baiano besta, porque ele não vai casar, porque não sei o que, ele não quer casar, porque não sei de que! Dona I ia foi conversar com ele. Aí , nós chegamos, no centro, aí ela falou: seu Milton venha aqui,! O pai dela tá falando que você não quer casar, porque vai lá pras Minas. Falou assim: eu vou mesmo, vou pra lá porque e vou morar, vou dormir na casa do João, - filho do homem que me criou - vou queimar lataporque aqui não dá, o que ganho não sobra.

334. Queimar lata ?

335. É, queimar lata, é cozinhar por conta dele. Aí depois ele falou assim, logo ele tirou a medida do dedo, tirou a medida da aliança.

336. Quem tirou ?

337. O meu marido. Tirou a medida da aliança.

338. Mas tirou na sua mão ?

339. Z: Pelo dedo dela, da dona Eria. Aliança da dona Eria e ficou boa no dedo dele, aí pela aliança dela ele tirou a medida, aí mandou fazer a aliança, a medida do dedo dele.

340. Augusta, , continuando você falava de seu casamento

341. Ela convidou os do centro al. Não, não veio nenhum, nenhum dos genros dele, nenhum da minha madrinha, desse canto não veio nenhum.

342. E o casamento foi aonde, foi na igreja católica u na igreja...

343. Nós casamos só no civil.

344. Só casaram no civil ?

345. Só no civil.

346. Você casou e você fez vestido de noiva, fez coisa, como é que foi?

347. Ah, vestido de noiva.

348. De branco tal?

349. É, tudo, tudo.

350. E aí você casou, você ficou morando na casa do seu pai ou foi pra sua casa?

351. Fiquei morando na casa dele. Ou melhor na casa do seu Inocência, que ele sempre, ele pagava, ele tinha muita amizade com esse homem.

352. Quem que é o seu Inocência ?

353. Um casal de velhos, um casal de velhos. Meu marido tinha muita amizade com eles. . Nós fomos morar num cômodo lá do seu Inocência, perto de minha casa.

354. O Augusta e como é que foi isso, você que era uma pessoa que viveu, viveu quarenta anos trabalhando lá pra essa família, como é que foi casar e ir embora, foi fácil pra você, você quis ?

355. Ah, pra mim foi, pra mim foi uma beleza. Uma beleza.

356. Por que ?

357. (silêncio), ah porque...

358. Por que ?

359. Trabalhar quarenta anos sem ganhar nada, ah depois que eu me casei, graças a Deus meu marido recebia o pagamento e entregava tudo na minha mão.

360. E como é que foi a vida de vocês? Conta, aí vocês se casaram e aí, o que aconteceu, você continuou trabalhando, como é que foi ?

361. Não, eu continuei...nóis trabalhava na roça.

362. Ele trabalhava em que ?

363. Primeiro ele trabalhava na construção, ele era servente. Ele era servente de pedreiro. Depois nós trabalhava assim, trabalhava pro japonês, trabalhava pra tudo lugar.: Na roça, na roça. Aí eu... nós fiquemos lá, depois nós fomos pra Goiás.

364. Goiás ?

365. Goiás. Depois vortemo de Goiás, vortemo Ribeirão Preto, de Ribeirão Preto nós vortemos pra Lins outra vez. Aí depois Guaiçara, vortemo pra Guaiçara, mesmo lugar. Aí depois que nós vortemo, aí depois que nós saímos de lá viemos pra Catanduva. Catanduva foi onde meu filho nasceu. Aí Catanduva...
366. Quantos filhos você...
367. Só um, só um.
368. Um filho só, né ? Um filho só. Depois de quanto tempo de casada ?
369. Quatro anos e meio.
370. E você se dava bem com seu marido, vocês se davam bem, ele era bom pra você ?
371. Oh ! Oh ! Ele era um amor, ele era um amor pra mim, entendeu ? Não era um marido, era um pai. Qualquer coisinha ele... Eu era muita esganada com o serviço, ele falava assim: ah Augusta não tem que puxar mais não! Você já trabalhou muito! Mas eu digo, eu era esganada (risos), toda vida eu gostava de pegar no serviço, isso aí, é meu jeito. As vezes eu r patroas, acabava de comer e logo ia trabalhar. Elas diziam: mas Augusta você não deixa nem, sentar pra comer! Meu jeito era assim.
372. Mas também vocês trabalhavam só pra vocês dois ?
373. Trabalhavam só pra nois dois, né ?
374. Pra nós dois.
375. Ah, quando o filho nasceu ele trabalhava, ele, ele já não trabalhava na roça, ele trabalhava na construção, de servente.
376. Ele trabalhava de servente de pedreiro. E você ?
377. Eu trabalhava lavando e passando.
378. Ah sim, você trabalhava nas casas de família...
379. É, toda a vida só lavando e passando.
380. E aí, criaram o filho legal, tal, como é que foi ?
381. Graças a Deus. Meu filho era pintor de paredes.
382. Como é que ele chamava ?
383. Jorge João Gonçalves dos Santos.
384. E vocês moraram em Catanduva quanto tempo ?
385. Moremo... não chegou a um ano não.Z: Não chegou a um ano, não (silêncio). Mas assim Hoje em dia não tem doença nenhuma, tudo negócio espiritual, não tem doença, porque a pessoa vai... Tinha um homem que diz que sofria tuberculose, ele ia no médico. O médico achava que ele tava tuberculoso, dava remédio, ele começava toma o remédio, melhorava um pouquinho.Porque eles os espíritos afastam, melhora um pouquinho. Depois ele ia no médico outra vez aí tomava o remédio, melhorava um pouquinho, depois voltava outra vez. Daí foram num médico espírita, a hora que ele foi, que o espírito ele faz assim, na hora que vai no médico ele vai na frente, se encosta na frente e a pessoa acha, o médico acha que ele é tuberculoso ... é, aí ele mudou pro médico espírita. Na hora que ele foi se esconder, o médico curou ele pelo espírito. Mesma coisa, foi dona Iria também, que fez meu casamento. Ela no inicio tinha um medo de centro que só vendo. Ela trabalhava em Guaiçara, ela ia no café, que era pertinho do centro, aonde que meu marido foi desenvolvido, com medo, com medo dos espíritos sair lá do centro e pegar nós. Mas a missão já já tava com ela. Aí ela, depois quando foi, ela foi, morava em Promissão, morava na casa de uma senhora mineira, a mulher chamava Sebastiana.É antes de casar, ela morava na casa dessa mulher. Também tudo que precisava de pintura qualquer coisa que precisasse de conserto na casa ela é que dava jeito, se chamava pedreiro e tudo, porque ela era muito disposta. Dona Iria ficou doente, era sempre doente, doente, doente. Aí a dona Sebastiana falou assim; Iria por que que você não vai no centro ? Ela, Deus me livre centro! . Aí ela ia no médico, ia no médico.

Depois ela acertou, ir num médico espírita. O médico falou assim: oh, a senhora precisa seguir o centro, a senhora é médium, precisa desenvolver. Ela falou assim, qualé centro que eu posso seguir ? Ele falou assim, qualquer um que a senhora quiser, qualquer um que a senhora... Aí foi aonde que ela foi seguir lá no centro em Guaiçara. Perto onde nós morava. E ela morava em Promissão e depois ela casou aí veio para Guaiçara. E era o irmão dela que tava encostado nela. Porque tudo é os parentes da gente - tudo... é pai, mãe, irmão, filho, colega - também tudo encosta. E não tem doença nenhuma, nenhuma.

386. O Augusta, você tava me falando Catanduva, onde nasceu seu filho e vocês moraram lá, você trabalha de passadeira e seu marido de pedreiro, né ?

387. É, é, de servente. Depois nós mudemos pra Campinas. Quando eu vim pra aqui pra Campinas meu filho tava com dois anos e meio. Fui morar perto de São Bernardo. Meu Marido foi trabalhar nos Café

388. Tinha muito café aqui por perto ?

389. Era longe. Nós pegava o caminhão, ia tudo de caminhão, a mulherada, tudo. Aí depois que meu marido faleceu...

390. Seu marido faleceu do que ?

391. Ele era diabético. Depois que ele faleceu aí eu trabalhava de passadeira, lavadeira

392. E aí seu marido faleceu, tinha quantos anos ?

393. Depois eu perdi meu filho. Ele tinha 34 Eu não sei, eu tava lá na Casa da Vovó lá da igreja e ele tava na minha casa, aí no jardim São Bernardo. Ele trabalhava de pintor tudo, sempre ele ia lá. Aí depois, quando eu mudei pra cá, aí ele nem veio aqui. Mudei, numa semana, aí quando foi na outra, - eu mudei numa quinta-feira, quando foi na outra semana as moças lá do Alan Kardec vieram aqui e falou; ele tinha morrido..

394. Sei, sei. E ele deixou neto, deixou filho ?

395. Ele não era casado. Ele tava namorando fazia muito tempo, tava namorando, mas a moça era enfermeira. Ela trabalhava em São Paulo e a mãe dela morava aí no Jardim Proença. Quando ela vinha aí, ela vinha dia de sábado passava sábado, domingo, segunda ela voltava, era enfermeira. Quando ela vinha ela ligava pra ele e quando ela não vinha naquela semana ela ligava também pra ele.

396. E porque que você foi lá pra casa da Vovó em não ficou morando com ele ?

397. Eu fiquei ruim. Fiquei doente. Eu andava na cadeira de roda, tive internada no hospital lá em baixo, depois quando sai fui lá para a vovós.

398. Pra Vovós. E ficou morando nas Vovós um tempo.

399. Andava de cadeira de roda, andava na cadeira de roda.

400. E por que que você veio pra cá ?

401. É porque ela me tirou de lá, me trouxeram praqui. As moças do Alan Kardec. Eu to aqui com ordens delas.

402. E da onde...

403. E era fazedeira de passe lá, todo domingo, todo domingo! . Até tem um rapaz, tem um rapaz que ele vinha fazia unha, todo sábado e ele falou, falou com o Zé, que gostava de tomar passe comigo. Eu era fazedora de passe, estudei um ano. Quem não estuda não pode. Mas lá tinha um salão enorme das velhas, daquela véiarada, tudo, tudo tem que estudar. Tudo tem que estudar pra chegar do lado de lá tudo trabalhar o espírito.

404. Da onde você gostava mais, era da casa das vovós ou aqui dos Lar dos Velhinhos ?

405. Ah, da Casa das Vovós não, Deus me livre! Daqui sim (risos)

406. Por que você não gostava da Casa das Vovós ?

407. Não, lá era ruim de mais. Aqui é, aqui é mais caminho do céu. Aqui a gente tem de tudo, tem de tudo. Lá ninguém gostava de lá... (silêncio). Depois aqui, quem vem praqui nem volta pra trás, nem vai, nem vai mais pra frente. Sai daqui e PUC, PUN. Porque a PUC é tudo Kardec também ...
408. Você atualmente tá namorando o Zé, não tá ?
409. Eu tô.
410. O que que você tem, o que que você planeja pra sua vida ?
411. Ah, nossas conversas assim é conversa de sonho, o pai dele era curador também e ele entende também, nós conta assim dos nossos sonhos, essas coisas.
412. Mas vocês ficam juntos ?
413. Senhor ?
414. Vocês passeiam juntos, vocês conversam juntos ?
415. Não, não, quando nós passeia (?) Só quando nós passeia com eles tudo.
416. Tá, aí você fica junto com ele ?
417. Aí eu fico, mas tirando isso não.
418. Ele já propôs casamento pra você ?
419. Senhor ?
420. Ele já propôs casamento pra você ?
421. Ele falou.
422. Falou em casamento ?
423. Falou.
424. E você ?
425. Senhor ?
426. E você ?
427. Falei que, falei aceitava. Ele é rapaz direito, porque a pessoa, a gente conhece quem é, uma pessoa boa. Ele também sofreu muito. E ele foi criado sem mãe, quando a mãe dele morreu ainda era pequenino, não conheceu a mãe, sabe ? Criado por pai assim, filho homem, não vai ficar, não é mesmo? Quando tem as mãe, as mãe tem cuidado com os filho, aonde a mãe tá os filhos, mas pai já é diferente. As vezes arruma uma madrasta que é ruim também aí enteado não atura, , ainda mais filho homem não atura mesmo. E ele foi criado também pelo mundo, sofreu muito, também. Quando ele veio praqui ele diz, que estava quase morto também, quase morto. Aqui é uma beleza.
428. Ele é mais novo de que você, quantos anos ?
429. Eu não sei, parece que ele tem, parece que setenta e cinco, uma coisa assim. Mas que a idade não voga ?
430. E o que voga Augusta ?
431. O que voga é, o que voga é o espírito. A idade não voga, porque a idade... eu comecei a entender depois que eu comecei ler a Bíblia. Eu ouvia falar assim, o bisavô do meu marido morreu com cento e trinta anos, trabalhando, e lá na Bahia é de pracata.
432. Na Bahia o que que é ?
433. Na Bahia trabalha de pracata. Aquela pracata de couro que usa nós pe. E diz que trabalhando, a cabeça era branquinha, então o pessoal falava assim: oh vô, mas o senhor para vô!. O senhor já tá cansado, tá velho! Mas se o espírito tá são, a pessoa tá sã, trabalha. Agora se o corpo tá doente não pode trabalhar, mas se o espírito..., ele fala assim, o corpo são, o espírito são; o corpo doente, o espírito doente. Agora a gente tem essa idade, mas se não sente nada, vai trabalhar, quanto mais eu trabalho pra mim é melhor pra mim. Eu trabalho de duas formas: trabalho espiritual, estudando o evangelho e trabalho o material. Para mim é uma alegria. Quanto mais nós trabalhamos..., Jesus, que é Jesus sofreu por nós, sofreu por nós, agora que nós não vamos sofrer.

Nós as vezes ta sofrendo , e qualquer coisinha, ai, ai, ai...fica gemendo. Que idéia? Quem é que vai tirar a dor do outro? Ninguém tira a dor do outro, não. Quem tira a dor da gente é a gente implorar a Deus. É fazer caridade e tudo! Cristo falou assim, - dá uma anotada aí - Cristo falou assim: se eu sou espírita e não sou caridosa não adianta oração; se eu sou crente e não sou caridosa, não adianta oração; se eu sou católica e não sou caridosa não adianta oração pois tudo que manda é a caridade.As vezes muito falam assim, ah lá fulano como é que tá, ah lá, há lá.. Olha pra tua, tua vida tá pior de que a dele e ninguém é melhor de que ninguém. Jesus que era o pai, ele nunca quis ser melhor do que ninguém de que os filho dele. Um apóstolo falou assim: oh Jesus vós é bom. E Ele falou assim: eu não sou bom, é o pai que bom, o pai eterno, o pai de Jesus. Antão, não tem ninguém melhor de que o outro. Agora a nossa obrigação é nós orar uma prece pros irmão não ficar criticando, ah porque fulano, ah porque o sicrano...Olhar a vida do outro: ah fulano como é que tá, ah fulano como é que ta! Olha pra sua, a sua tá pior. E também a gente não pode ter dó, ai, coitadinho, coitadinho.... Não! Ele aprontou, plantou espinho vai colher espinho, plantou rosa vai colher rosa. Porque tem muita gente que incomoda com a vida dos outros à toaEm vez de ficar olhando pra dele, fica olhando pro outro. E a dele? Então pra tudo lugar que eu vou, se dô com todo mundo, se dô com todo mundo, aquelas pessoas que eu sei que criticam de mim eu não dô confiança, também não brigo, também...

434. Você é uma pessoa muito especial...

435. Por que ?

436. Porque é muito boa e é muito legal. Eu gosto muito de você, desse seu jeito, dessa sua maneira de se preocupar com os outros. Eu fico muito feliz em ter conversado com você e a gente vai conversar outra vezes.

437. Tá bem.

438. Tá bem ?

439. Tá bom.

440. Eu agradeço Augusta você ter me, conversado comigo, ter permitido eu gravar e o ano que a gente volta de novo.

441. Tá bem.

442. Porque vem agora as festas de natal, eu vou sair de férias aí no meio de janeiro eu vou voltar.

443. Tá bom.

444. Tá bem ?

445. Tá bom aí a gente conversa mais coisa também.

446. Isso. Você quer me dizer alguma coisa ?

447. Senhor ?

448. Você que me dizer alguma coisa ?

449. Não senhor.

450. Não, né ? Fique com Deus então...

451. O senhor também, eu gostei muito também da educação do senhor e agradeço a Deus, agradeço ao senhor e gostei muito.

452. Não tem que me agradecer nada, eu é que tenho que agradecer você, tá bem ?

453. Eu também agradeço ao senhor.

DEPOIMENTO CARLOS

- 1- Carlos, já conversamos, sobre o objetivo da pesquisa, sobre o objetivo do depoimento. Você já assinou o termo de compromisso e uma cópia é sua. Então eu gostaria que você falasse de sua vida. À medida que for necessário eu vou perguntando alguma coisa, assim de uma forma bem aberta, bem livre e tal sem se preocupar com o gravador...
- 2- Você quer que fale assim do começo da minha vida...
- 3- Como você queira.
- 4- Tá. Meu nome é, meu nome é Carlos, nasci na Itabuna, Bahia. Aos oito anos eu vim pra São Paulo. O primeiro lugar de parada foi em Campinas
- 5- Quando é que você veio pra Campinas?
- 6- Eu vim pra Campinas em 53.
- 7- Veio com sua família?
- 8- Vim com minha família. Meu pai veio primeiro. Lá tava ruim de mais, uma seca terrível, não tinha emprego e o pessoal tava passando fome, aí vieram aqui pra São Paulo. Foi a época, aquela época de migração. Aqui tava pegando muita gente, mineiro, baiano, tudo para trabalho. É, então o pessoal largou a lavoura e tava vindo pra cidade, então o lugar que tinha era São Paulo. E assim nós chegamos a mais ou menos duas horas da manhã, chegamos da Bahia. Mas primeiro passamos por São Paulo...
- 9- Chegaram quem, você...?
- 10- Eu, meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs, meu irmão. Meu cunhado ficou aqui esperando. Veio só meu pai, eu, minha mãe, minhas duas irmãs, minhas três irmãs e meu irmão. Nós somos em cinco né, são duas mulheres, três mulheres.
- 11- Eles são vivos ainda?
- 12- Todos são.
- 13- Moram aqui?
- 14- Moram. É, meu pai e minha mãe já morreram faz uns três anos. Só meus irmão que são vivos. E nós chegamos aqui de trem né, naquela época era trem. Primeiro nós pegamos, como se dizia na Bahia, o pau de arara. Viemos de caminhão.
- 15- Ah, você veio de caminhão mesmo da Bahia até São Paulo?
- 16- É, até São Paulo nós viemos de caminhão, pau de arara. Era um caminhão, esses caminhãozão coberto com lona. O banco tem umas tábuas dividindo. Tinha umas cinquenta pessoas no caminhão. À noite, parava de madrugada, geralmente. Quem tinha dinheiro ia dormir no hotel e se não tinha dormia de baixo do caminhão mesmo. Armava a rede, dormia na rede. O motorista sempre parava num lugar acessível pra gente dormir, ele nunca deixava no meio da estrada. Aí nós encostávamos num canto e ele: “óia, hotel tá ali, quem tiver dinheiro vai dormir, quem não tem se encosta por aí”.
- 17- E vocês demoraram quantos dias da Bahia até aqui?

18- Nós demoramos sete dias e sete noites. As estradas eram de terra né, era pura terra. Não tinha asfalto, era difícil. Nós só fomos pegar asfalto aqui em Governador Valadares. Naquela época, na época era tudo terra, serra, ribanceira que fazia assim como a estrada de Santos. Fazia aquele S né, e nós já descendo. Nós tava aqui em cima e via o caminhão lá em baixo. Ai até o pessoal falou assim: “se nós cair aqui, tchau e bença, ninguém acha mais”! Era mesmo uma descida, um declive mesmo acentuado e tinha que descer devagarzinho, devargazinho. Quando a gente pensava que tava lá em cima, tava lá em baixo e tinha hora que tava lá em baixo, tava lá em cima. Nós passamos em vários Estados.

19- Você que era criança ainda...

20- Era uma brincadeira, nós brincava, entendeu? E na banguela e a comida nossa era a lata. Minha mãe tinha preparado umas latas de farinha, frango assado, um jabá... Fazia aquela carne seca com farofa tal, feijão que se não estragava. Daí chegava na hora do almoço nós comia aquela farofa e depois quando acabou nós passamos a comprar comida. Comprava comida e tal. A comida era barata, aí nós passamos a comprar comida, leite - leite quase nem se tomava, nós não tínhamos esse costume de..., leite e macarrão né e arroz. Leite nós não tomávamos e macarrão e arroz era difícil. A gente conhecia pouco. Não é que conhecia pouco, nós comíamos mais mesmo, nosso almoço na época de criança, nós fomos tratados com muita sustância. Nós não comia pão de manhã cedo. Nosso café era mandioca, jabá logo de manhã cedo, abóbora cozida e leite, entendeu? Nós ia buscar leite no curral, porque era perto e eu costumava espremer o mastruz, não sei se você conhece o mastruz...

21- Não sei.

22- Aquela folha..., como é que chama? Erva de Santa Maria, um negócio meio amargo. Espremia aquele sumo com açú..., com sal, na hora de tirar o leite da vaca já punha direto.

23- Não tem um conjunto musical do nordeste que se chama Mastruz com Leite?

24- Mastruz com Leite.

25- Então é por isso, eu nunca, eu nunca entendi o que que era, então é uma planta...

26- É uma planta...Serve pra tudo.

27- Uma planta medicinal.

28- Medicinal. Meu pai era, era alcoolista e ele bebia muito. Meu pai tomava de cair e ele tomava mastruz com leite...era bom. A gente descia no meio do mato assim – no nosso terreno, no fundo do quintal. A minha casa era grande, então nós tínhamos no fundo do quintal mastruz. Nós tínhamos manjericão, arruda, guiné, comigo ninguém pode e tinha também as frutas, tinha mamão, tinha cacau, carambola, laranja, tinha laranja de fazer doce, nós tinha galinha, porco, nós tinha tudo lá em casa, então era uma casa que tinha tudo.

29- Vocês moravam na zona rural?

30- Não, porque em Itabuna era só uma rua, na época de cinqüenta, quarenta e oito. Eu nasci em quarenta e quatro Na época de cinqüenta era uma rua só e o resto era tudo mato, fazenda, aqueles senhor do cacau. E nós, na época que nós era criança, então nós vivíamos pro meio do mato, tinha o rio onde a gente pescava e nadava, as mulheres lavavam a roupa e nós pescava e nadava lá. Então você vê que fome a gente não passava por causa disso. Quando faltava o que comer nós saia pro mato, aí ia buscar jaca, banana, laranja. Tinha uma fartura disso aí, cacau; e a gente sempre tinha essa fartura. Porque era uma rua e tinha o morro que era tudo mato, tinha a olaria, do outro lado tinham as fazendas. No fim da rua passava a fazenda de cacau. A gente entrava meio escondido e pescava, matava o passarinho, caçava passarinho, fazia armadilha pra pegar tatu. Nós tinha uma espingardinha pra caçar as coisas. E minha infância era essa: estudava na escola de manhã e a tarde saia, as vezes ia na olaria pegar barro para fazer boi, pra brincar com as coisas que nós fazia. Nossa brincadeira era essa: nós fazia pião, fazia carrinho de carretel de linha que

meu pai dava Nós pegava um pauzinho assim, cortava fazia dois encaixes aqui e colocava o carretel e ia brincando. Pegava lata de sardinha fazia, esfregava em cima e fazia o caminho e só na brincadeiras.

31- Vocês mesmo construíam os brinquedos.

32- Nós mesmos construíamos os brinquedos, entendeu? Nós não comprava brinquedo. Meu pai era alfaiate. E minha mãe ajudava meu pai, era doméstica. Ela auxiliava, pregava botão. Ela fazia comida e ajudava meu pai, entendeu? Então antes da seca choveu acho que uns trinta, quarenta dias de chuva, aí inundou nossa casa, nós tivemos que sair correndo com o colchão e tal e ir pra cidade alta. Ficamos lá uns quinze dias na cidade alta até abaixar a água. Nossa casa caiu, aí tivemos que reconstruir e continuamos com nossa vidinha. Meu pai, naquela época, época do cacau que o pessoal que passava lá, os tropeiros - tinha muitos homens tropeiro - e então toca ele fazer paletó para eles e tinha muito trabalho pro meu pai. Nosso tempo era o tempo do linho, do linho, da casimira inglesa. Então o pessoal dava sempre roupara pra ele fazer, então ele tinha muito serviço. E era de segunda a sexta. Mas chegava na sexta comprava o mantimento punha lá em casa e sumia. Aí você não via mais ele. Sumia. Até o apelido do meu pai, na Bahia, era João Rico. É porque o nome dele era João. Então apelidaram ele de João Rico, porque ele na sexta feira não trabalhava até segunda. Ia pro bar... Assim, era João Rico: “tá rico, João? Não precisa trabalhar?”. E ele só bebendo. E ele saía de casa e era muito mulherengo né. Então saía pras farras e chegava em casa segunda feira, entendeu? Perto de Itabuna fica Ilhéus, Ilhéus, Conquista, Feira de Conquista que era a cidade mais afastada. Itabuna era só uma vilinha com uma rua com terra, entendeu? E meu pai era desse jeito, tinha dia que ele chegava em casa carregado. Nós moramos ali, praticamente fundadores, e ele chegava carregado. Aquilo dava uma tristeza de ver, sentia: “ah, meu pai não sei o que”... Minha mãe batia nele, né, “seu sem vergonha, não sei o que” e dava murro na cabeça dele, batia... Minha mãe chamava Alexandrina. Alexandrina e ele chamava ela de Xanda: “ai Xanda, ai Xanda..!” Até que um dia meu pai quase morreu de tanto beber porque na, na...

33- Isso lá na Bahia ainda?

34- Lá na Bahia ainda. Eu tô contando pro cê a história da Bahia ainda. Lá tinha uma ponte de ferro que atravessava o rio e ele bêbado vinha vindo e caiu no rio. O ferro da ponte arrasou as pernas dele que ficou puro osso, mas arrasou mesmo, nunca mais... E naquela época médico era coisa pouca opção. Não tinha. Aí ficou tratando em casa mesmo. Passamos uns quinze dias e esse homem gritando, gritando. Como nós somos, e acreditamos muito em oração, o pessoal ia rezar, rezava, orava e tal e ele berrando e na perna dele aquele osso aberto, sabe assim, esse osso aqui é fêmur?

35- Não sei o nome dele.

36- É esse... (*mostra na sua própria perna*)

37- Esse da canela né.

38- É isso, ficou limpo, claro, sem carne... Ficou aparecendo o osso. Nunca mais ficou bom. Então sempre ficou deficiente. Mas sarou né, sarou e tal né, mas a carne mesmo tava sempre tendo problema. Então aí ele deu uma paradinha na bebida, deu uma maneirada. Aí o que que aconteceu? Depois, depois de tudo isso aí veio a seca. Vixi! Ai foi onde começou o cacau morrer e começou a não ter mais trabalho, a comida sumiu, foi bravo.. Minha irmã já tava casada já. Meu cunhado era pedreiro e não tinha serviço as pessoas não tinha dinheiro. Ai ele falou assim: “ó gente, o negócio é o seguinte, ficam aí, tentam vender a casa porque eu vou pra São Paulo porque São Paulo tá bom”. Meu cunhado veio e meu pai ficou em casa, ficou cuidando do pessoal. O meu cunhado disse: “eu vou na frente, se der certo aí eu chamo vocês”. Aí foi o que fez. Minhas sobrinha não tinha nascido quando a seca apertou mesmo, não tinha..., o rio tava secando, o rio

tava secando, a água sumindo e aquela miséria toda. Não tinha nada para comer. Nós ia no rio e catava peixe com a mão, aqueles peixinhos com a mão pois já não tinha mais quase água. Passava assim, ia na fazenda tentar ver se achava alguma fruta, alguma coisa né pra comer. E meu deu um certo tempo ele escreveu, falou, “olha, vem tudo aí, vem pra São Paulo que o negócio aqui tá bom”! Foi aonde nós vendemos tudo né, arrumamos um pau de arara, fomos pra Conquista. Aí a cidade tava lá. Tinha um monte de caminha e o caminhão saia um atrás do outro, tava o maior auê pra conseguir um caminhão. Todos vinha para São Paulo.

39- Então era muita gente que queria vir?

40- Nossa! Vinha gente adoidado. Vinha, era um atrás do outro, era cinco, seis caminhão, todo dia. Saia de Vitória da Conquista, era tudo, tudo saia de caminhão, né. Então vamos nessa, vamos embora! Aí vendeu a casa, vendeu um pouco de roupa que tinha, fez uma mala, fez uma trouxa com o que tinha de roupa e viemos embora. Aí começou a nossa peregrinação. E passa várias, por cidade, tantas cidades, vamos embora pra São Paulo, sei lá, era pra São Paulo! E fomos descendo, vamos descendo, vamos descendo, sete dias, sete noites, até que chegamos. Mas antes era tudo cidade pequena, quando nós chegamos a avistar uma cidade boa mesmo aqui perto de..., ah, não sei bem, acho que foi Teófilo Otoni, foi Teófilo Otoni. Lá que nós fomos tomar o primeiro banho. No caminho nós não tomava banho, nós só se lavava na bica, quando tinha muita bica. Só se lava a metade do corpo, punha uma camisa e subia de novo no caminhão e lá vamo. Aquele poeirão, cheio de poeira...Mas sorte nossa, nós tivemos muita sorte que não choveu né, aquela terra seca, aquela seca danada...

41- Mas também era um poeirão desgraçado!

42- Nossa senhora! Aquilo lá era uma poeira que Deus nos livre, ficava tudo vermelho. Aí foi a primeira vez, primeiro banho: “vamos tomar o primeiro banho gente, acabou a terra”! Aí foi em pé, não lembro a cidade, mas acho que foi em Teófilo Otoni mesmo. Aí foi o primeiro rio que nós fomos ver, aí caímos dentro d’água lá...

43- Vocês tomaram banho no rio né.

44- Num rio. O banho tinha que ser de rio porque pra pagar hotel nós não podia. Até dormir nós dormia mesmo no chão ali mesmo. Quando fomos ver o rio foi uma festa, nós nadamos, lavamos, passamos sabão mesmo, nós lavamos. “agora, vamos embora!”, disse o motorista. Aí chegamos, chegamos em...não sei que cidade - eu não me lembro agora o nome da cidade - nós descemos do caminhão, pegamos um trem e aí de trem nós viemos pra São Paulo. Descemos na estação que, naquele época chamava aqui em São Paulo, estação do norte. A estação do norte era onde desembarcava a baianada.

45- Já na cidade de São Paulo.

46- Na cidade de São Paulo. Antes ele falou: “olha vamos pra estação do norte”! quando nos chegamos...não lembro a cidade, foi aonde eu desci do caminhão. Foi depois não sei se foi Teófilo Otoni, só sei que foi uma cidade de Minas porque foi em Minas que nós pegamos o trem pra vim pra Campinas. Aí falou assim: “daqui vocês vão pra São Paulo, em São Paulo pra estação do norte. De lá, da estação do norte, vocês fazem baldeação pra Campinas”. Falei: “vixi Maria, mas tudo bem, vamos embora, Deus na frente e nós atrás”. Aí pegamos o trem e descemos. Ai sempre era trem de, era trem a carvão - Maria Fumaça - com aqueles toco de lenha, nem carvão coque não era, foi só depois passou a carvão coque né.

47- Sim.

48- Era Carvão coque, depois veio óleo diesel, aí veio a máquina elétrica, Antes era aquela fumaceira - tec, tec, tec, tec, e piuí, piuí, era assim. Falei: “meu Deus do céu, vamos pra São Paulo gente, vamos embora”!. E veio indo né, aquele fumaceiro danado. Nós távamos felizes porque nós ia sair da miséria, vinha aqui com intenção melhorar. Os meus pais vieram com a intenção de

trabalhar. Diziam: “vou trabalhar em São Paulo”! . Naquela época meu pai era novo. Meu pai casou muito cedo. Naquela época o pessoal, na Bahia, casava com quatorze, quinze anos, entendeu? E já tinha aquele monte de filho, entendeu? Minha irmã casou com quatorze anos e já tinha dois filhos, né, duas meninas. Então nós chegamos em São Paulo! “ Eita, vamos pra São Paulo, cidade grande” Nós tava no meio do mato, tudo caipira, “vamos pra São Paulo, vamos embora”. Aí o gozado é que o trem acho que dois dias de trem, se não me engano, tinha o homem do restaurante passava vendendo: “olha o salgadinho, pão com mortadela, arroz e feijão, olha o bife, olha o cafezinho, a cervejinha, a cervejinha, o salgado, jornal e tal...”... e nós vinha, né. E o homem: “olha o bilhete, olha o bilhete, tlec, tlec, olha bilhete...”. Era o agente do trem. Em toda estação que passava o gente picotava o bilhete – tlec - pra ver se tava certa a passagem. E o cara vinha: “arroz e feijão, arroz...”, aquele arrozinho sem vergonha, duro, feijão duro, o bifinho nossa senhora né, “arroz e feijão, arroz, feijão, bife, cebola...”!

49- E quer dizer que o trem vendia o arroz e o feijão também ?

50- Vendia, vendia arroz, feijão...

51- E vocês comiam no próprio vagão.

52- É, agente abria o pacote e comia.

53- Ah é?

54- É! O pessoal comia na mão mesmo. Nós como já compramos comida para trazer. Nós tinha nossa farofa né. Trouxemos a matulinha, né, e vinha o pessoal comia, comia, bebia, água, café. Pra mim foi uma diversão: “vamos pra São Paulo! Aí chegamos na estação do norte. Lá da estação do norte fomos lá, meu pai foi na estação ver onde esperava o trem pra Campinas, aí esperamos o trem pra Campinas. E ele: “vem aqui gente, vamos pegar aqui...” e nós descemos a escada da Estação da Luz - é complicado - subir escada, descer escada na Luz pra passar pro outro lado da plataforma com mala, com trouxa e ficou aquela correria. Você tem que correr, você não podia perder o trem porque tava atrasado. Os cara desceram num pau só e aí pegamos o trem e viemos parar em Campinas. Chegamos aqui de madrugada, umas duas horas, duas horas, demorou porque não era trem elétrico. Quando chegamos aqui em Campinas, meu cunhado tava esperando, aí fomos a pé...

55- Lá na, desceram lá na estação lá na Andrade Neves ?

56- Isso. Descemos na Andrade Neves, fomos a pé de lá para casa. A primeira casa que nós paramos foi lá na Vila Marieta...fomos a pé de madrugada para Vila Marieta. não tinha condução. Mas naquela época você podia andar sossegado, naquela época não tinha aquela mortalidade que tem hoje. Era sossegado, era pequena ainda Campinas né. Ainda não tinha aquele viaduto, o que tinha ali era um viaduto de madeira.

57- Qual viaduto, ali o Cury ?

58- É o Cury, o Cury. Ali era um madeirão. Não passava carros, ficava um aqui...Uh! Longe pra caramba!

59- É longe ?

60- Nossa senhora! Você pega a Washington Luís é lá no fundão, lá em baixo, nós pegamos lá bem, bem no fundo mesmo da... Aí moramos, moramos em Campinas de 1953 a 1954. Eu lembro, eu tenho bem isso na memória porque 54 foi quando o Corinthians foi campeão centenário né. Aí, aqui pegou uma crise, aqui em Campinas, pegou uma crise muito brava e tal, aí meus pais...

61- Do que, de trabalho ?

62- É, de trabalho estudo, de trabalho... (62) **Eu estudava no Dom Barreto, fazendo a escola, primeiro ano do primário, que hoje é o primeiro grau. Aí eu fiz até o terceiro ano.** Ai meu pai falou assim: “óia o negócio aqui tá ruim!”. Aí mudamos da Vila Marieta pro centro. Nós morávamos na Almeida Alves Machado. Aí a coisa ficou ruim, aí meu pai falou assim: “sabe de uma coisa? Eu

vou, vamos pra outra cidade.!” E tudo bem. Aí fomos pra São José do Rio Preto, moramos em São José do Rio Preto. (62) **Aí em São José do Rio Preto fui na escola também. Estudava lá, também não tava muito bom.** Em São José do Rio Preto eu saí pra Jantruca.

63- Jantruca ?

64- É, uma cidadezinha perto de São José do Rio Preto.

65- Você ou o pessoal todo ?

66- Todo mundo. Onde vai um vai todo mundo. Aí em Jantruca também não deu certo, não sei o que. Aí meu pai e meu cunhado foram trabalhar na roça de novo.. Chegamos lá, arrendaram uma terra em outra cidade, em Palmeira d’Oeste.

67- Lá próximo também ?

68- Era próximo, umas duas horas mais ou menos. Era tudo ali na redondeza. Aonde que eles foram plantar mandioca e milho. Naquela cidadezinha também não deu certo. Ficamos um ano se batendo, se batendo, voltamos pra Campinas. Falei, “ah, vamos voltar pra Campinas que é a melhor cidade.!” Aí ficamos em Campinas mais um tempo. Isso aí foi em 56. Em 57, nós fomos pra Governador Valadares. Ficamos um ano em Governador Valadares. Não deu certo. Aí voltamos, ficamos em Campinas mais um ano. Também não deu certo. “Vamos pra Governador Valadares que lá é bom”, Minas Gerais. Governador Valadares perto de Belo Horizonte. Aí ficamos ali. **68- Lá comecei a trabalhar.**

69- Que idade você tinha mais ou menos ?

70- Nessa idade e tava com dez anos. **Aí comecei a trabalhar. Eu comecei a trabalhar de serralheiro.**

71- Já com dez anos de idade ?

72- **Com dez anos de idade. Eu fazia escola à noite para terminar meu curso. Não, antes, retornando atrás, quando eu estudava em Campinas..., (73) quando eu vim de São José do Rio Preto pra Campinas, aí meu pai chegou e falou assim: “óia, precisa trabalhar, não tem jeito!”.** Aí meu pai arrumou um serviço com um rapaz que fazia bico, rabalhava de encanador, eletricista, manutenção de casa, caixa d’água, tudo. Aí eu falei: mas eu preciso estudar. Ele falou: “você estuda de manhã e a tarde pode trabalhar”. Eu falei: ih, mas não vai dar, e a lição? Ele falou: “dá um jeito né.”. Naquela época eu já comecei a jogar a bola, a brincar, a pegar umas amizades, em 57, 58. Eu morava ali na Álvares Machado. Então eu tinha um pessoalzinho ali que eu já tinha feito amizade. Aí, 54 a 57 ficamos ali. Aí eu comecei a estudar no externato São João e jogava bola...

73- Ainda existe essa escola?

74- Não. Existe o prédio. Agora não existe mais fechou, tombaram ela, ela tá tombada, tem só a igreja agora. É ali na Zé de Alencar com a Duque de Caxias. Ali era uma escola, que hoje é Dom Bosco. Os meninos que estudavam ali iam pro Dom Bosco, iam jogar bola ,né. Tudo por ali.

75- E era uma escola pública ?

76- **Era de padres, mas era grátis. Era grátis. Então nós aprendemos a religião e a estudar e de domingo ia na missa, comungava né. Aí você escolhia ser ex-aluno Dom Bosco e ser Salesiano Era para ser aquele menino que morreu de doença e fez milagre – São Domingos Sávio. Então a cidade tinha esse do São Domingos Sávio e do Dom Bosco. O aluno podia escolher. Ou ele ia ser do grupo do São Domingos Sávio ou ia ser do Dom Bosco.**

77- E qual a diferença entre elas?

78- **É que o Dom Bosco é uma sociedade, mesmo agregado ao externato você tinha que pagar. A dom Bosco era paga. Era um clube, Dom Bosco era um clube, tinha salão, tal, basquete, chegava de domingo...**

79- Não tinha escola não ?

80- Não. Era só jogos. E Externato São João, o São Domingos Sávio era pra cantar, rezar, entendeu? Fazer aquele coro né, cantar na igreja domingo. Aí bem, foi exatamente nessa hora que tinha necessidade de trabalhar. Aí então eu tive que trabalhar eu fiquei chateado e falei: pô, mas...! Não adiantou, ele arrumou com esse senhor.

81- Isso você, seus irmãos, suas irmãs todos tinham que trabalhar?

82- É. Meu irmão pegou ofício de ofício de alfaiate. Meu pai ensinou alfaiataria para ele. .

83- Era mais velho ou mais novo?

84- O mais velho. A minha irmã, a casada, trabalhava com a família Gadia.

85- Gadia?

86- É, aquele vereador, Jamil Gadia. E a minha irmã do meio, a mais nova do que eu - como nós éramos em cinco e tinha dificuldade de arrumar alimento, comida, as coisas - meu pai deu pra uma pessoa criar. Então ela passava a semana inteira na casa dessa família, ajudando, como dama de companhia - naquela época chamava de dama de companhia - e vinha fim de semana pra casa, vinha domingo e tal e depois ia embora. Assim deu pra diminuir um pouco as despesas, né. Meu pai com pouco serviço pois ele era calceiro. Fazia roupas...meu pai trabalhou pra muita gente famosa aqui em Campinas. Trabalhou para lojas famosas. Ele trabalhou com o prefeito, o ex-prefeito Francisco Amaral.

87- Como alfaiate ?

88- Como alfaiate. Ele era calceiro, alfaiate, fazia terno que é uma beleza O corte de não tinha molde por que ele cortava mesmo na medida. Ele media, ele tirava a medida, porque antigamente não tinha moldes - hoje em dia tem molde, aqueles moldes que põem na manga e o cara marca só por cima. Isso, exatamente como molde. Antigamente, não. Eles mediam mesmo, media, tirava a medida e marcava no pano. Ele tinha um caderno as medidas. Marcava num caderno o nome do cidadão, marcava as mediadas pro paletó, depois ele cortava, costurava. Costurou pra muita gente aqui. Mas só que a bebida ai você já viu....

89- Mas ele continuava bebendo?

90- Bebia, isso até morrer ele bebeu. A pinguinha dele ele tomava e tomava mesmo, tomava bastante. E nessa época eu comecei a trabalhar...

91- Mas você tinha o que, uns oito, nove anos?

92- Nove anos, nove, dez anos mais ou menos. Foi quando eu estudava de manhã, chegava em casa, tirava a roupa, comia e ia encontrar com o rapaz na casa que era perto da onde ele trabalhava. Ia lá, chegava lá e aí começava a minha rotina. Passava a mão numa maleta, naquela época tinha bonde, e ia para onde ele me mandava. O cara era tão murrinha que nem o dinheiro do bonde ele não dava. Às vezes, ele vinha de bicicleta e ai me trazia atrás na garupa. Aí quando não, a gente saía antes e falava assim: “ó, manda o Carlos pegar a maleta e ir pra tal lugar”. Eu andei essa Campinas inteira. Eu conheço Campinas de fio a pavio. Conheço Bonfim, Castelo, Nova Campinas, Cambuí. De Campinas eu conheço tudo, tudo quanto é rua daqui algumas eu ainda lembro. Já andei por todas elas. Eu trabalhei com ele cinco anos, atendendo e tal. Aprendi a trocar bóia, limpar rede de esgoto, consertar e instalar chuveiro...Fazia tudo, tudo que pintava nós tava fazendo.

93- Então você já trabalhava em manutenção.

94- Fazia manutenção desde pequeno. Por isso que o meu caminho. Eu sou mecânico por causa disso, porque eu sempre trabalhava com a mão na graxa, no ferro de soldar, de oxigênio. Aí o que aconteceu? Chegou uma época, inclusive esse, esse cidadão, naquela época o pessoal explorava muito a gente. Nós ganhava muito pouco e chegava de domingo ele ainda queria que fizesse feira pra ele: “eu preciso de você amanhã”. Eu perguntava: “mas pra que? “Pra ajudar na feira!” Tudo

bem, no começo tudo bem ia lá, fazia feira, carregava duas sacolonas e vinha e ele folgado. Aí teve um dia que eu falei comigo mesmo: ah, isso não tá certo isso aí não”

95- Você mesmo descobriu que não tava certo.

96- É. Eu mesmo descobri que não tava certo isso aí. Eu queria jogar bola, tinha que brincar, trabalhava a semana inteira. Aí chegava lá, ia pra missa porque eu tinha obrigação de ir pra missa que os padres exigiam. Ia na missa, assistia missa, aí comia um pãozinho, aí jogava bola. Meus colegas faziam isto. Mas eu não! Eu não, eu ia pra missa, comia um pãozinho e ia encontrar com o rapaz pra ir na feira. Ia trabalhar de graça enquanto meus amigos iam para o Dom Bosco jogar bola. Um dia que eu não fui ele achou ruim, falou: “pô, mas você não veio pra ir à feira.” Aí eu falei, ah, não deu né! Foi aonde que eu comecei...Aí chegou uma época, meu, acabou o serviço! Não tinha o serviço. Aí meu pai falou assim; “vamos pra Governador Valadares!”. Aí fomos para lá. Meu pai arrumou uma casinha lá e nós alugamos e moramos de aluguel.

97- Mas vocês foram também de aventura porque não tinha...

98- Ah é, aventurar né. Não tinha certeza de nada. Meu pai era calceiro, isso daí..., pra ele as vezes tinha trabalho em qualquer lugar.

99- É alfaiate é o trabalho.

100- É, porque muita loja fazia aquelas roupas que antigamente chamava de carregação. As pessoas iam na loja e diziam: “oh, você sabe se precisa de calceiro?” Aí o pessoal dava a calça pra fazer né, cinco, seis calças. Aí no fim da semana colocava lá na loja pra loja vender, entendeu? Tinha aquele monte de calça para fazer e minha mãe ajudando. **Aí ele arrumou trabalho para mim ..., aí foi que eu aprendi o serviço de serralheiro. Ele arrumou um serviço pra mim com um senhor, um rapaz, lá na serralheria para fazer vitrô, porta né**

101- E lá, você trabalhava o dia todo, trabalhava...

102- Trabalhava o dia todo porque estudava a noite. Continuei na escola. E ele: “você precisa ajudar, vamos trabalhar, tem que trabalhar, aprender um ofício”. Naquela época meu pai falava isso né: “tem que aprender um ofício, pra saber fazer alguma coisa. Você vai estudar pra que? Você não tem nada, o que que você vai fazer com o estudo?” “Você não quer ser alfaiate?”. Falei: **eu não, não quero se alfaiate!** Porque meu pai, meu, tinha o seguinte horário: ele dormia das oito da noite até as dez. Aí às dez acordava...e aí começava a trabalhar. Aí cortava, você tinha que dormir com o barulho de máquina e a tesoura fazendo barulho na mesa, rec, rec, rec, cortando pano. Tinha que dormir assim, porque nós morávamos, não numa casa, nós morava num quarto, era um quarto né. Nós fazia divisória, aí o casal dormia na sala, os filhos vinha pra cá, cozinha fora, assim. Era uma vida cigana. Nós tínhamos uma vida cigana. Aí aprendemos...

103- Mas mesmo seu pai não incentivando vocês irem à escola vocês queriam estudar?

104- Minha mãe queria, ela que ficava em cima: “não, vão estudar sim, tem que aprender a ler...”. Meu pai não sabia nem escrever seu nome. Minha, minha mãe ela pra fazer conta ela fazia risquinho assim na parede, porque toda calça que ela fazia, pregava botão, chuliava, rematava ela fazia um risquinho na parede para contar. Era rematadeira. Ela rematava as calças, meu pai costurava, ela fazia bainha, pregava botão, fazia casa, que naquela época não tinha zíper. Então ela chegava e marcava um risco assim ó...na parede. Aí ela contava e cada. Minha mãe não sabia nem seu nome, ela mandava os outros fazer, entendeu? Ela era bem organizada, isso ela era.

105- Sua mãe era organizada?

106- Minha mãe era. Ela tinha um caderninho preto, que depois sumiu. Ela tinha todos os gastos de toda a família. Nós não sabia nem como eles casaram, se eles foram casados na igreja, se foram casados no civil. Naquela época era uma doidura né, era doido, então nós não sabíamos. Meu pai nós não sabia se ele tinha sessenta e oito, se ele tinha setenta. Minha mãe também nós não sabia. Porque nós não tínhamos, eles não tinham certidão de nascimento.

- 107- Não tinha registro né.
- 108- Não tinha registro, não tinha, não tinha, não tinha aquele negócio de casamento né o...como que chama?
- 109- Certidão.
- 110- Certidão de casamento. Não tinha nada, era assim mesmo: vamos casar, vamos casar! A vida roça era assim com todo mundo. Aí começamos a, começamos a caminhar. Largamos um pouco a roça em Governador Valadares porque aí meu pai precisou casar de novo, aí fizeram um casamento com eles pra mim poder estudar na escola, pois sem a certidão não se inscrevia na escola
- 111- Casar de novo com a Xanda?
- 112- É.
- 113- Com a sua mãe?
- 114- É, pra ter a certidão, sabe, porque aí eles...A situação é, que ele tinha que ter carteira profissional, naquele tempo ele trabalhava de calceiro e aquelas lojas registravam né. Então eles não tinha, ele nunca teve carteira. “Mas você não tem carteira?” Ele nunca teve carteira. “E seus filhos?” Meu registro tava errado. Quando eu tinha dez anos, fui na escola e tava a idade do meu irmão, meu irmão tinha dezoito anos naquela época, eu tinha a idade dele. Ai o diretor falou: “não pode, seu irmão mais velho é igual seu irmão mais novo? Isso tá tudo errado”. Aí tiveram que retroceder, aí falou assim: “olha, eu lembro...eu lembro que fulano, Carlos é de quarenta e quatro, Beltrano é trinta e seis, fulano de quarenta e oito...” E ela falava só assim comprando as coisas, entendeu?
- 115- Guardava na cabeça.
- 116- Guardava na cabeça, isso ela tinha uma memória boa. É minha mãe sabia de todos os meus irmãos. Que agora meu irmão, meu irmão tá com sessenta e cinco anos, minha irmã tá com sessenta e eu tô com cinqüenta e sete. Então...
- 117- Você é o terceiro?
- 118- Eu sou o terceiro. Aí então sei foi o seguinte: ele teve que casar de novo pra tirar nova certidão, pra ter a certidão e para tirar a carteira profissional. Bom, lá em Governador Valares eu aprendi esse curso de serralheiro né e continuei estudando.
- 119- Estudava de noite né?
- 120- De noite.
- 121- Que você fazia, tava terminando o grupo ou tava fazendo colégio?
- 122- Era grupo ainda, foi no grupo. Não dava tempo para você estudava. Eu só ia na escola pra aprender a assinar meu nome e aprender a contar. Não dava pra estudar e você não tinha como porque era da escola pro serviço, do serviço para escola, tinha que sair correndo, às vezes você... Quando eu tava lá em São José do Rio Preto eu pouco estudava e quando eu morava lá eu trabalhei numa casa de móveis, aprendi a envernizar móveis, a fazer gavetas, entendeu? 122 Era grupo ainda, foi no grupo. Não dava tempo para você estudava. Eu só ia na escola pra aprender a assinar meu nome e aprender a contar. Não ia pra estudar, você não tinha como porque era da escola pro serviço, do serviço para escola, tinha que sair correndo, às vezes você...Quando eu tava lá em São José do Rio Preto eu pouco estudava e quando eu morava lá eu trabalhei numa casa de móveis, aprendi a envernizar móveis, a fazer gavetas, entendeu?
- 123- Você tava me falando que começou a trabalhar aqui como auxiliar de manutenção, lá com biscateiro, mas na realidade você começou a trabalhar mesmo em Rio Preto.
- 124- É antes, eu trabalhava...Em Rio Preto comecei a envernizar móvel. Em Governador Valadares eu comecei a trabalhar de serralheiro. Foi ai que começou a minha mecânica.
- 125- Tá, tá.

126- Que aconteceu? Em cinqüenta e oito, o Brasil foi campeão do mundo e eu tava em Governador Valadares, aí ele falou assim: “olha, não á bom não, vamos voltar pra Campinas!”. Já vai nós de novo pra Campinas.

127- Nessa altura você tinha doze anos?

128- Doze anos mais ou menos. Aí de Campinas não saímos mais. Dos doze anos não saímos mais de Campinas. Fui morar naquela época ali no centro. Então ali começou minha vida, porque ali como eu tava trabalhando de serralheiro, perto da minha casa. Ali eu aprendi um serviço de serralheria. Ali eu trabalhei até ir pro quartel, no quartel...

129- Então você trabalhou uns seis anos lá ?

130- Mais ou menos, mais ou menos. Aí fui pro quartel. Fiquei durante um ano e meio, aí quando teve aquela revolução, na época que o Jânio renunciou e o Jango foi deportado. Aí eu tava no quartel, tava quase pra dar baixo, falei: “puta merda, vou sair do quartel, vou voltar a trabalhar, acabou minha...”

131- Então você era, você era soldado em 1964, era?

132- De 1963 pra 64. E foi dia primeiro de abril ainda, eu tava namorando (risos), tava namorando e vinha vindo, vinha vindo tranqüilo quando parou o caminhão do quartel, e o cara gritou: “foi o deportado o homem!..”. Falei: o que foi que eu fiz? Ai o oficial falou: “soldado vem, sobe, sobe...!” Fiquei de prontidão, prontidão, com prontidão, não se sabia de nada, não se tinha notícia de nada. Isso foi primeiro de abril né. “Preciso avisar minha mãe”, disse. E ele falou: “não, pode deixar que a gente avisa!”. Fiquei, ficamos quase uns três meses quase sem ver minha mãe, sumi do mapa. Falei, como é que eu vou avisar minha mãe, meus pais vão ficar preocupados. Falou: “não, não se preocupe que o coronel...” Aí quando eu cheguei no quartel, era 1º BCCL: Primeiro Batalhão de Caça de Combate Leve, certo? Tinha o GECAN, quinto GECAN.

133- Você se lembra o que era GECAN ?

134- GECAN era...era quinto Grupo de, de..., de canhões anti-aéreos, entendeu? É quinto GECAN, é o quinto grupamento de canhão anti-aéreo, entendeu? E tinha a Escola de Cadetes, aonde formava tenente, capitão...

135- Ainda existe essas duas unidades do exército?

136- Existe.O BCCL agora é outro nome, agora é o BIB.

137- Batalhão de Infantaria Blindada ?

138- Isso, agora é o BIB e o..., o GECAN eu não sei se existe ainda, mas deve existir. Entendeu? Aí foi quando a minha vida começou a mudar aí. Aí foi a renúncia do Jânio...Ai eu fui pro quartel, aí chegamos no quartel de madrugada, tava aquele monte de colchão e os soldados chegando e deitando, aí quando chegou de madrugada os coronéis tudo preocupados, com radinho no ouvido né. Que tá acontecendo? Falou: “a guerra, a guerra...” Falei: que guerra? O Brasil vai guerrear? Falou: “não, o Jânio renunciou e o Jango vai assumir e...” Sabe como é né, o capitão aqui não sabia de nada era a primeira vez que deu esse tumulto desse, ai os “nego” ficaram tudo com medo. Aí, cinco horas da manhã, nós carregando aquilo para dentro dos tanques. Ai eu falei: nossa, o negócio tá feio mesmo, cara! O negócio tá feio mesmo! Aqueles tanques velhos, os carros blindados, tudo sendo preparado. Aí eram cinco horas da manhã, aí viemos aqui pra FEPASA embarcar os bichos. Fomos pra São Paulo. Um pessoal foi pro Rio, foram pro Rio de Janeiro lá pro primeiro exercito porque o 1º Exército antigamente era no Rio. Chegamos lá no 1º Exército no Rio, aqueles canhão de cento e cinco milímetros, porque tavam brigando Minas com São Paulo, tava descendo pra brigar. Mas quem impediu de ter um conflito maior foi o finado Castelo Branco. Ele que entrou no meio e chegou e: “para, para com isso!”. E nós tava no Rio e o negócio tava feio mesmo, os cara tavam tudo armado...Ficamos no Rio, ficamos uma semana. Aí no Rio ficou um grupamento e outro voltou pra São Paulo. O pessoal que ficou no Rio guardando lá e outro pessoal

veio pra São Paulo e ficamos na companhia de guarda. Ali começou aquele tumulto, o pessoal tudo...até a metralhadora a gente não largava dela, dormia com ela debaixo do colchão, no chão lá. E o capacete de aço e tal do lado cheio de bala. E um frio! Aí saímos da sede e nós fomos pra estação da Luz, aí chovendo - pra estação da Luz, não, é uma estaçãozinha que não é da Luz, não me recordo. Nós ficamos ali uns quinze dias e aí depois fomos pro Ibirapuera. Foi quando começou a acalmar as coisas. Nós ficamos no Ibirapuera e tal. Passamos mais de três meses longe da família. A gente se falava só por carta e o pessoal mandando recado: “olha, sua mãe tá tudo bem, tudo bom, você quer dinheiro? Você pede, pá – pá- pá...” Essa era minha vida.

139- Também no exército não tem muito onde gastar dinheiro né?

140- Ah tinha, viu!

141- Tinha, por que?

142- Ah porque nós saía muito né. Nós saía muito. Foi aonde, foi no quartel, onde eu aprendi a beber, entendeu? Nós começava a tomar...

143- Até então você não bebia?

144- Não bebia.

145- Mesmo o seu pai bebendo você não...

146- Não bebia, nunca, nunca... Se bebia assim, mas coisinha pouca, cerveja né, no tempo da festinha de casamento. Aí no quartel começou a beber, aí um dia ele falou assim: “quem fica de plantão não...” Às vezes nós saía pelo buraco da cerca, escondido do pessoal, tinha um buraco e nós ia buscar pinga. E os nego dava pra nós né, porque, “ô, soldado brasileiro, corre pra defender o Brasil, o país...” e... nós enchia o cantil, o cantil nosso era só pinga, não tinha água. Se passasse uma revista tava tudo preso, entendeu? (risos) E o cantil era só pinga.

147- Era água que o passarinho não bebia né.

148- Era..., mas isso era...

149- Mas t todos bebiam ?

150- Todo mundo, todo mundo. Porque chegava de noite aquele frio. São Paulo era frio e aquela neblina...Então, pra quem tava de plantão tinha que dormir lá fora em cima do, em cima do vagão, vigiando com a metralhadora, entendeu? E falou: “gente, o que quê nós vamos fazer? Ah, vamos arrumar pinga”. No Ibirapuera mesmo eu saía andava pelo Ibirapuera inteiro achando um barzinho pra ver se arrumava uma pinga. O dinheiro que nós tinha nós gastava nisto.Bom, saí do quartel.

152 Aí começou minha vida, agora a outra parte da minha vida. Aí foi quando eu fui trabalhar de serralheiro. Ai eu falei: agora eu vou fazer vinte anos e tenho que trabalhar de carteira assinada pois tem a aposentadoria mais tarde. Já comecei a pensar na minha aposentadoria. Aí eu falei, não pode registrar, não sei o que, tudo bem. Como eu jogava bola, eu jogava bola né, aí tinha uns colegas meu que me disse: “você saindo do quartel se você não tiver serviço vem aqui que eu te arrumo”, isso era o pessoal ca Cometa, que eu jogava bola com o pessoal deles né. Naquela época, naquela época tinha a fábrica e empresa que pegavam jogadores pra disputa campeonatos pelos seus times.

151- A Cometa é essa companhia de ônibus?

152- Isso. Ela tinha a CCEC Companhia Cometa de Esporte Coletivo, ficava lá perto do quartel, lá perto da João Jorge.

153- Da João Jorge.

154- Lá que era a sede, era a oficina deles. Eles falaram: oh, você vem pra cá que a gente arruma aqui, você é goleiro mesmo, é goleiro nosso”. Aí eu saí do quartel...

155- Algumas empresas empregavam as pessoas que jogavam bem futebol é?

156- Empregavam, empregavam. Quase todas tinha times de futebol. Porque primeiro de maio tinha o desfile dos operário e então depois do desfile tinha a disputa do campeonato dos

trabalhadores. O SESI patrocinava. Tinha times da Bosch, a Clark, a GE, da aquela de pneu a Goodyer, era não, era, era...

157- A Pirelli?

158- A Pirelli. Essa lá pegava muitos jogadores bons pra disputar a olimpíada. As empresas incentivavam naquela época, era muito bom naquela época, incentivava né, tênis, futebol, futebol de mesa né, futebol de salão. E eu naquela época, nós jogava pra Cometa. Sai do quartel fui lá e falei:oh!, saí do quartel, tô sem serviço e preciso trabalhar! E eles: “vamos arrumar um negócio pra você aqui”

159- E você era bom goleiro?

160- Ah era. Era goleiro e os caras falaram: “não, pô você é um dos nosso, vamos arrumar aqui”. Aí foi onde eu comecei a trabalhar na Cometa, de lavador de carro. Lavava ônibus, sabe, pegava aquelas mangueironas e lavava o ônibus, passava sabão, lavava de novo e por dentro né. Depois...
(interrupção da gravação)

161- A fita...acabou e tive que virar...podemos continuar

162- Eu dizia que a gente andava a pé. Ia pro trabalho a pé. É, nós não andava de ônibus, era a pé, tudo era a pé. A turma ia a pé para o trabalho. E também ia a pé para os bailes, para a farra. Sempre..., era tudo, tudo a pé. Naquela época, era difícil andar de ônibus. Então a gente já ia, às vezes já de madrugada, pela rua e aí: oh, padeiro, oh, padeiro, oh, o padeiro! Ele passava com um cavalo, com um baú, levava o pão e aí a gente pegava pão. Nas casas tinha aquela caixinha de leite que o leiteiro deixava o litro de leite. Não tinha problema e quando a nós passava apanhava o leite e já saía correndo com o pão debaixo do braço e o leite e ia comer mais pra frente. Também pegava o jornal que estava nas portas e ficava lendo. Mas tudo, tudo de brincadeira, coisa de moleque, rapazola de vinte, vinte e poucos anos, não tinha maldade! Nós ia jogar bola no Externato São João e nós continuava a freqüentar e jogava bola, tinha um timinho nosso lá.

163- O São João que você falou...

164- Já foi um Externato São João. Era Salesiano. E onde que, depois que nós..., você vê, depois que eu fiz o quarto ano eu não estudei mais. Aí eu falei, que quê eu vou fazer da minha vida? Foi aonde que eu saí do quartel, entrei na Cometa. Aí eu comecei a fazer cursos. Fazia cursos avulsos... fazia esses cursos avulsos. Tem na revista aquele curso Universal Brasileiro.Tentei fazer mecânica, tentei fazer desenho, fazer eletrônica..., eu sempre fui um cara que quis estudar para ser torneiro... Mas achava difícil né, porque eu gostava muito da bola e tinha que namorar, aí você ficar preso então você não estudava quase, até que com...

165- Quando você fala estudar você tá falando de escola?

166- Não. Falo de sentar e ler, porque na escola não tinha mais. Eu já tinha passado meu limite de idade, né. Eu queria fazer um ginásio, naquela época era ginásio...depois do grupo era o ginásio. Mas eu não tinha como porque tinha que trabalhar pra dar dinheiro pra sua família. Eu desde mocinho, desde garoto, o dinheiro que ganhava era sempre pra família. Se eu ganhava dez cruzeiros, naquela época, dava para minha mãe que ia comprar arroz, comprar feijão. Eu sempre ajudei em casa. Até eu casar eu sempre dava dinheiro pra família né, meu salário... Falava: oh, mãe, tá aqui meu salário, só quero o dinheiro pra eu ir pro cinema! “Não, quando você quiser você pode me pedir que eu dou. Mas eu guardo...” Minha mãe era segura, porque a minha mãe segurava o dinheiro mesmo. Eu dava o dinheiro pra ela. Quando chegava, no sábado, né, falava: dá dinheiro para eu ir ao cinema! E ela dava. Por isso que eu nunca tive esse vício de beber. Punha todo o dinheiro na mão dela. Ela pagava aluguel, pagava a compra, comprava o cigarro dela. Ela

fumava, né. E eu chegava no fim de semana e falava: oh, mãe, eu quero ir pro cinema! E ela me dava o dinheiro do cinema, aí eu ia pro cinema. Às vezes eu ia encontrar com os amigos, aí nós ia fazer bagunça, né. Às vezes ia pro, ia pro Rosário. Nós ia muito no Rosário comer pizza.

167- Que que era o Rosário?

168- O Restaurante Rosário. É, aquele tempo que eu era moleque. O restaurante ainda existe. O Rosário é ali perto do Fórum, tem o Bar e Restaurante Rosário. Tem o cinema, tem o Rosário e tem o Fórum

169- Ah sim! Sei onde é. E um restaurante chique...

170- Mas sempre foi chique o Rosário. Sempre foi chique. Aquela portinha ali que fica o garçom sempre existiu e tinha, tinha um outro lado que era o bar, onde ia o pessoal mais, mais...o pessoal mais pobre né.

171- Tá. O pessoal mais simples.

172- Mais simples, isso. O pessoal mais simples ia ali e o pessoal bom né, doutor, médico, aqueles cidadão entrava lá dentro e sentava naquelas mesas, nós olhava assim e falava assim.... Nós ia ali, aí nós tomava a cervejinha, comia a pizza até umas dez, onze horas, aí voltava a noite... sábado e domingo né quando a gente tava sossegado. Aí pegava as meninas e comia uma pizza folgado e tudo...Quando não era no Rosário era no Éden Bar. Agora que mudou tudo, agora que mudou. Ali em frente a praça, é lá no fundo né.

173- Tá, lá eu sei aonde é, Luzitana.

174- Isso, na Luzitana. Não, o Éden Bar é na Barão de Jaguará.

175- Na Barão de Jaguará, isso. Às vezes ainda me confundo com as ruas de Campinas.

176- No Giovanette, era muito difícil a gente ir né, a gente quase não ia no Giovanette. Era difícil ir no Giovanette. Só existia um, aquele ali que na, também ali na General Osório. Ali aonde é o Giovanette, dois ou três parece, ali era o Taco de Ouro. Nós ia ali jogar bilhar. Ali nego ia jogar a dinheiro, nós ia lá olhar.

177- E não era proibido, não ?

178- Não era proibido. Só era proibido pra menor. Ali os jogadores punham um aventalzinho branco, gizinho na mão...coisa de profissional. Ali apostava dinheiro, tinha nego que vivia daquilo ali. Ali tinha o Taco de Ouro e depois tinha um outro barzinho de bilhar, ali também. Era, era menos, tinha uns par de mesa de bilhar... Campinas era, era um lugar, um reduto que a gente ia andar sossegado, não tinha a violência que tem hoje. Hoje você não pode sair a noite.

179- Eu só tô mudando de lugar, vou passar a minha cadeira pra cá porque a claridade tá...

180- Tô vendo que ela tá muito sol na sua cara mesmo. Melhorou agora?

181- Ah, melhorou, porque aí meu olho vai fechando, vai fechando, vai fechando...Podemos continuar...

182- Aí foi aonde que eu casei. Quer dizer tive que casar porque minha mulher ficou grávida, tive que casar. Aí, na Cometa eu fui e pedi um aumento: ah, vou casar, preciso de um aumento! Na Cometa, ganhava cinquenta e nove centavos por hora. Naquela época, cinquenta e nove! Falei: olha, eu quero aumento, eu vou casar, minha mulher tá grávida” e não sei o que.... Era um tal de português, um portuguêsão: “aumento não, não sei o que, não é culpa minha”. Falei: eu sei que não é culpa do senhor, mas a gente trabalha aqui há muito tempo e nunca pediu aumento. E ele: “não, não tem aumento não, se quiser peça a conta!” E eu: pedir a conta eu não peço não, não vou pedir a conta, você vai mandar eu embora!. E ainda nós sabíamos como fazia pra mandar embora. Era não fazer nada, porque quem quisesse ir embora eles não mandava, a gente tinha que pedir a conta. Ai a gente tinha arrumar um jeito. Aí um certo dia ele falou assim: “tá dispensado”! Falei: “ah, tudo bem”! Fui embora e tal. Aí que minha vida começou a melhorar, porque eu casei, casei, tal, fui morar com o tio da minha mulher, num quartinho lá. Casei sem nada, casei porque tinha

que casar. Ele falou assim: “vem morar aqui comigo, tem cama, um guarda-roupa e fica aí, vai vivendo sua vida”. Aí..., mas tudo bem. Aí quando eu saí da Cometa, minha mulher tava esperando filho.. Aí comecei a andar, andar. Aí, naquela época, minha mulher falou assim, “vamos procurar alguém que ajude...parece que é Romeu Santinni que ele arruma empregos.”. Ah é? Ela Falou: “é, pode tentar que ele arruma emprego.” E fui né. Naquela época eu não sabia quem era o Romeu... Ele era vereador, ele arrumava emprego ele ainda é vereador e agora ele é presidente da Câmara né. Naquela época, eu falei: doutor, eu tô desempregado, com uma mulher e com um filho, tá difícil e eu não ..” . Aí ele falou assim, ele bateu uma carta, “você quer ir pra qual, você quer ir pra Bosch ou pra Bendix? Bendix era fábrica de freios, fabricava freios da Crysler, da Chevrolet, Ford. Eu falei, é, mas eu fui lá e não quiseram dar emprego, disseram que não tinha. E ele: “você quer ir lá vai. Você mora aonde?” Falei: eu moro no São Bernardo. E ele: “Então, ali na Bendix está bom pra você lá é bom”. Aí passou a carta, falei: ah, tudo bem. Porque foi assim, eu já tinha ido na Bendix. Fui lá e eles falaram assim: “emprego não tem não. Você tem diploma? E não sei o que... Falei: não, eu só queria na produção. Ai o homem lá falou: “ah não, na produção não tá precisando”. Tudo bem. Mas quando o Santini me deu a carta e fui lá e falei: eu tenho uma carta do presidente da Câmara Romeu Santinni. Ai o mesmo cara que disse que não tinhavaga falou: “pode entrar!”. Mas ó que filha da mãe! Né? Oh, que filha da mãe! Eu vim aqui ontem e o cara disse que não tinha. Hoje já tá, ele até me convidou: “entra lá, vai lá dentro falar com o rapaz!” Era um tal de Maurício, ele era chefe de recursos humanos. Aí fiz a ficha e tal e quando vi, tava empregado. Aí ele eu fiz a ficha e tal e ele falou: “passa amanhã aqui!” Aí eu passei, passei no outro dia, aí ele falou: “pode fazer exame médico!”. Aí fui fazer exame médico, aí começou minha vida, saí daquela pindaíba.

183- E lá você foi trabalhar em que?

184- Lá eu fui trabalhar de operador de máquina.

185- Tá. Você já tinha experiência nisso?

186- Não, não tinha experiência. Era a minha primeira fábrica que eu tava trabalhando, primeira fábrica assim multinacional. Americano que mandava né. O doutor Smith, Smith, não sei o que lá, americano que era diretor lá. Aí fui recebido pelo chefe e ele falou com um outro rapaz lá: mostra a máquina para ele! Era para fazer sapata de freio, na prensa né. Aí trabalhei lá uns vinte anos, quase vinte.

187- Trabalhou vinte anos lá?

188- Dezoito anos...Eu sempre, eu sempre mudava né, porque lá fazia solda, furadeira, fazia rosca, tinha a prensa né..Tinha até uma máquina que nós chamava de navio, uma grandona que fazia o freio, o freio a ar da Ford, um freio pesado pra caramba né. Então, aí que eu comecei a estudar, porque o rapaz, o chefe meu, o supervisor, ele falou: “estuda, aprende alguma coisa que aqui você depende do estudo né, faz SENAI, faz...” E a Bendix naquela época dava muito curso né, algum curso que você quisesse estudar eles davam.

189- Davam como, eles pagavam?

190- Mandavam pro SENAI. Aí como o meu horário era das dez as seis da manhã, então, dormia um pouco né até meio dia, aí ia pro SENAI. 192 Mandavam pro SENAI. Aí como o meu horário era das dez as seis da manhã, então, dormia um pouco né até meio dia, aí ia pro SENAI Estudava a tarde. Aí eu fiz, eu fiz cursos né pra trabalhar com máquina, trabalhar, trabalhar com aparelhos, fui fazendo. Depois no SENAI eu fiz desenho e mecânica, fiz mecânica geral, fiz mecânica de manutenção, eu fui, fui aprendendo...

191- O que você estudava no SENAI era tudo aplicado a empresa?

192- Era tudo aplicado. É porque aí com cinco anos de serviços da Bendix eu passei a ser montador de máquinas, ajustador. Eu passei a ser uma espécie de supervisor, eu montava

máquinas, tomava conta de dez funcionários né, aí eu passei a não trabalhar, eu passei a comandar, aí minha vida começou mudando a...

193- Aí você assumiu um cargo comando?

194- Isso. Eu tinha cinco anos de serviço, cinco anos de serviço. Aí foi a época de ouro minha, que eu comecei a ganhar, fazer hora extra e tal, trabalhava direto. Até inclusive quando chegou a recessão em 69, 70 tavam mandando nego embora, ele falou assim: “ó Carlos, você é um bom funcionário, mas o problema, pra não mandar você embora você vai tirar férias!”. Então eu peguei acho que uns dois meses de férias né e depois trabalhei três anos direto sem férias.

195- Sem descanso.

196- Sem descanso. Aí quando eu tava com dezessete anos de firma eu comecei a pensar na minha aposentadoria. Aí começou meu dilema, porque aí eu falei assim, porque naquela época na eles estava demitindo muito. Ai eu falei: se eu for da CIPA, a comissão de prevenção de acidente né, se eu for da CIPA eles não podiam mandar embora. Quem era da CIPA, tinha estabilidade. E eu ficando na CIPA, por dois anos, quando eu sair da CIPA eu me aposento. Naquela época tinha insalubridade né, então você com vinte e cinco anos se aposentava.

197- E você trabalhava a noite.

198- É trabalhei, por isso que tinha insalubridade.

199- Trabalhar das dez horas até as seis da manhã é bravo né.

200- Nossa senhora! E outra, depois eu trabalhei das seis as seis, seis da noite as seis da manhã. Entendeu?

201- Dava doze horas.

202- Doze horas. Eu fazia doze por doze. Então, quer dizer, também eu sempre trabalhei e nunca, nunca, você vê, nunca de folga. Férias minha nunca, nunca foi pra mim viajar. Eu sempre tentando melhorar. 204 Aí eu falei pra minha mulher: é preciso falar pros meus filhos que eles tem que estudar. Porque eles tem que ser melhores do que eu amanhã, depois, porque amanhã, mais tarde, nos anos pra frente, vão ver que até pra ser lixeiro tem que precisar do diploma, tem que precisar do canudo. Ai eu dizia para meus filhos: então eu quero que vocês estudem, eu tô fazendo esse esforço que eu tô fazendo aqui é pra vocês. Então eu como chefe de seção os negos falavam assim: “compra seu carro, não sei o que...” Falei: meu carro? Vou por na minha casa, meu amigo! Eu tenho quatro filhos, eu vou por na minha casa...

203- Nessa altura você já tinha quatro filhos?

204- Homens, só homens quatro homens, tive meus quatro filhos. E tinha aquela preocupação: putz, se me mandar embora que quê eu faço? Então eu sempre...quando eu entrei na Bendix, o meu finado meu sogro falou pra mim assim, “fala pro teu marido e manda ele ir na fila que a COHAB tá dando casa”. Eu não tinha casa naquela época. Para pobre eles dão casa. Fui. Acordei e fiquei o dia inteiro na fila né, noite inteira, aí no outro dia às oito horas fiz a inscrição, aí saiu a casa também.

205- Que legal.

206- Aí.. tinha casa, aquela casinha, falei: bom, já tô, já me livre do aluguel, porque eu morava num cubículo que nem esse aqui, na casa do meu sogro. Meu sogro arrumou o barracão e eu morava ali com ele, eu, os quatro moleques..., ainda bem que eu trabalhava a noite né.

207- E os quatro filhos dormiam.

208- Aí saíam, minha mulher trabalhava e eu dormia um pouco e depois ia pra escola. Aí foi quando eu arrumei na Vila Boa Vista essa casa da COHAB, a casa era dois quarto, sala, cozinha e banheiro, teto de látex. A telha de Brasilit começou a ficar velha e ficar fraca e chovendo, começou a chover em casa. O que nós vamos fazer? Falei, vamos montar uma calha. Na fábrica tinha uma cooperativa, então todos os associados pagavam uma prestação, aí você precisava de

dinheiro, você ia lá e falava: ah, me empresta tanto...! Eles emprestavam o dinheiro. Aí foi e eu consertei a casa. Então todo mês, durante três meses, pagava a cooperativa, pagava a prestação e comprava tijolo, aí fui comprando tijolo, areia, a hora que tava tudo lá dentro: agora vamos fazer! Assim que carro nada! Falava assim pros caras lá que achavam que eu ganhava muito: que carro rapaz? Eu tenho que correr atrás dos meus filhos, primeiro no estudo os moleques, os moleques tem que estudar, rapaz, eles precisam estudar! E sempre falei pros meus filhos, falei: a vida não é fácil, tá vendo a luta que eu tô fazendo, sua mãe, sua mãe sai de manhã e eu chego a tarde, nós não se cruza, nós só se cruza de noite, nós só se cruza de fim de semana, as vezes muito mal ainda porque eu as vezes tinha que trabalhar no domingo, fazer hora extra, mas sempre, minha luta sempre foi essa. Tirava as férias, férias não era pra passear, nós nunca passeamos, nós fomos raramente em Santos né, aí...

209- Por que você trabalhava?

210- Trabalhava, as férias eu vendia é, nós vendíamos metade das férias pra ter um dinheirinho...

211- As empresas pagavam em dinheiro?

212- Pagavam em dinheiro. E nós punha na casa. Aí..., nós levamos cinco anos pra fazer a casa, pra terminar né, pra terminar ela, cobrir e tal levou cinco anos. Até o pessoal falou assim: Carlitão você não gosta da sua casa? Vai cair, rapaz! Ela estava com problemas, porque a calha foi eu mesmo que fiz, eu e outro.

213- Você comprou o material e você mesmo que fez?

214- Eu e o pedreiro. Eu ajudava o pedreiro, porque eu não podia pagar... Eu trabalhava das seis horas da manhã, até meio dia eu trabalhava com um rapaz lá, fazendo massa, o pedreiro fazia concreto. Aí quando, na hora da lajota nós fizemos um mutirão. Tinha um pessoal lá que..., na vila comunitária um ajuda o outro. Esses nossos amigos a gente vai lá, ajuda e na hora que você precisar você vai lá e eles vem ajudar você...Assim fizemos a lajota. Aí ficou..., “mas, você não vai cobrir até o teto não, rapaz”? Tinha que ser de madeira e eu não tinha dinheiro. Ai eu fui comprando mais barato. Aquela peroba branca, a peroba branca é mais barata. Foi a maneira de comprar...tudo pingado. Quando tudo tava lá fizemos o serviço.

215- Você fez com o seu salário né.

216- Com o meu salário, eu fiz com o meu salário. Eu mandei medir e falei: tantas telhas, é milheiro né, dois milheiros e meio, então tudo bem! A mulher trabalhava, os filhos estudavam. Eu chegava do trabalho e falava assim: eu tenho que tomar um café, eu vou dormir, vocês vão pra escola. Eu dormia, acordava, ia fazer almoço, aí eles chegavam, aí fala: ninguém sai de casa! Eu dou graças a Deus que eles foram sempre obedientes. Eu falei: ninguém sai de casa, vão fazer sua lição ou dorme ou ficam aqui brincando, não me saiam na rua! Nos meus filhos eu nunca bati, só dei uma surra em cada um, um dia minha mulher tava doente né, eu tava trabalhando. Ai ligaram pra mim e falaram: “ó, sua mulher tá mal, tá no hospital!” Eu saí correndo e fui lá pegar roupa pra ela. Cadê o fulano? Era o mais velho, o Júnior: cadê o Júnior, o grandão? “Ah, tá brincando no bairro.” Mas eu não falei pra não sair daqui, eu falei pra tu não sair de casa!. “Ah, eu fui lá pescar”. Falei: ah é, pera aí, que eu vou pescar, passei a mão numa vara, aí trouxe ele de lá até aqui, até em casa. Numa rua lá embaixo naquele mato e sentei e falei: oh! ó, é assim, assim, assado, você tá apanhando por isso. Porque quando eu batia eu sempre falava, explicava porque eu tava batendo. Eu nunca bati nos meus filhos mais do que uma, duas vezes. E sempre: você tá apanhando por isso, por isso e por isso e é pra vocês sentarem, fazerem lição, sua mãe tá doente, precisando de você aqui e você não ta nem aí... (risos)

217- Você pegou o garoto na vara.

218- Peguei na ripa mesmo né. E foi minha vida, certo. Aí quando eu tava com dezoito anos de Bendix, mandaram eu embora. Ah, tudo bem né, agora meus filhos tão criados, tão encaminhados.

219- Poxa, mas uma vida inteira, dezoito anos, você tinha mais ou menos uns quarenta anos, quarenta e poucos anos.

220- Quarenta e dois. Falei: bom, meus filhos tão criados, graças a Deus. Nenhum tem vício, tem um que tá encaminhando que é o mais grande, ele tá jogando basquete, tão estudando, já tão quase terminando o colégio né pra fazer faculdade. Falei pra mulher, falei: oh, vai mandar embora, mas não tem problema, não temos dívida, temos nossa casa aqui, se precisar de dinheiro...Aí mandaram embora, acertou e tal. Peguei o dinheiro, fui na Caixa. De repente, eu falei, bom, vou procurar serviço e fui procurar serviço, tal. Aí não fiquei um mês parado.

221- Carlos, é o seguinte, nós estamos conversando aí a quase duas horas.

222- Duas horas?

223- É. Eu tô achando assim interessantíssimo a sua história, como ela faz um sentido, como mostra sua trajetória, sua caminhada de luta, de vencedor. Até agora você não me mostrou nenhuma perda e isso é muito bom pra você. Então eu queria propor pra você o seguinte: nós fazemos uma pausa aqui porque agora....

224- É, agora vem outra fase.

225- E a gente voltar pra conversamos um outro dia né, pra gente continuar a história. Também, eu tô gostando muito.

226- Eu também.

227- E eu depois eu gostaria de retornar a algumas coisas. Eu queria depois que você me falasse um pouco sobre sua escola, como é que foi sua experiência na escola pra gente explorar um pouco. Você concorda, você acha que tá certo né.

228- Tá bom.

229- Bom, então antes de marcar com você eu quero agradecer a você essa sua, sua atenção...

230- É porque você falando os pontos que você queira, que interessar a você, porque às vezes eu vou passando.

231- Não, mas, mas...

232- Agora que vai começar a minha história da minha doença, de minha depressão

233- Queria eu você e contasse um pouco sobre essas coisas, de uma forma mais tranquila pois já é tarde. Assim vamos marcar para outro dia.

234- Tá bom. Pode marcar que venho sim.

235- Então muito obrigado, eu vou desligar.

236- Nada. (interrupção da gravação)

segunda entrevista

237- Carlos, boa tarde! Estamos começando nosso trabalho de novo. A gente vai continuar a partir de onde nós tínhamos parado. Queria que você voltasse e falasse sobre o que você vinha me contando...

238- Muito bem. Voltando a minha infância, minha infância foi um pouco tumultuada. Não digo que foi boa nem ruim, foi médio. Eu era, minha origem, minha origem é bugre né. Meu avô paterno ele era meio índio.

239- Ah, seu avô paterno era índio?

240- É. Era. Ele era um caboclão, alto, quase dois metros de altura. E ele andava muito com mula...

241- De que, tinha alguma tribo você se lembra, não?

242- Não lembro. Só sei que ele era bugre, mas da onde que era eu não lembro mais, entendeu? Eu era muito peralta, eu era mulecão, menino né. Tinha o que? Quatro, cinco, seis anos. Não

conheci direito meu avô. Eu conheci minha avó, minha avó eu conheci e ainda vivi um bom tempo com ela.

243- Mas ela era bugre também, não?

244- Então e aí essa descendência eu não sei te falar porque só falou do meu avô. Da minha avó não falaram, mas ela era uma baixinha, meio loira, meia tarracuda, brava pra caramba.

245- Brava é?

246- Ohhhhhh! Ela tava com diabo aquela baixinha lá. Com ela...escreveu não leu, o pau comeu. E comia mesmo. Um dia, meu pai tava me contando que - na Bahia tem aquela, a educação rígida né - as pessoas quando tavam conversando e as crianças tinha que sair. Então como meu pai que era muito xereta quando chegou um pessoal lá pra conversar com a minha avó e ele ficou na porta de meia folha olhando. Minha avó pegou o tamanco - porque aquela época usava muito tamanco - e diz que ela foi devargazinho, tirou o tamanco e meteu-lhe na cara (risos) e falou: “sai daqui, seu moleque espião...”! Mas era assim, então na minha, minha origem eu era muito peralta, entendeu? Como eu falei, no fundo da minha casa tinha uma olaria, me lembro que era um barro, era um brejo, tinha muito mato, pé de araçá, muita coisa pra comer, tinha muita fruta, tinha frutinhas de mata que a gente comia. Então, quando os cara tirava, com as mulas, o barro pra fazer tijolo ficava aquelas taperas. Aí uma vez tinha chovido e ficou aqueles buracos, então nós fomos brincar e apanhar ingá. Não sei se você conhece ingá, conhece?

247- Conheço. Da na beira do rio né.

248- Isso, no ingazeiro. Ficou aquela poça d’água e nós brincando e uma época eu subi o ingazeiro e falei, eu vou pular daqui, vou pular e pulei, rapaz, pulei foi só barro. Aí, como nós vivíamos muito tempo junto ali, a vizinhança era conhecida, e tudo é assim como irmão, por muito tempo, é as casas tudo junto, nossos fundos de quintal não tinha parede, não tinha muro, não tinha cerca, se quisesse passar pro fundo do quintal do vizinho você passava: “oh, da licença” ! e passava uma gangue

249- Um entrava no quintal do outro.

250- É, um entrava no quintal do outro. As galinhas de noite recolhia, mandava, prendia, ninguém roubava nada. Tinha porco, tinha galinha, tinha pato, essa coisinhas no seu quintal tinha e assim sucessivamente nos outros vizinhos também a mesma coisa, ninguém pegava o que era do outro. Então falaram pro meu pai: “seu filho tá lá que nem um porco sujo de barro”!

251- Por que, na hora que hora que você caiu naquele buraco só tinha lama?

252- Só tinha água, água e lama. Então fiquei imundo. E reclamavam: “porque esse moleque não para em casa?”, porque eu não parava em casa. Tinha eu e uma irmã que era da minha idade, um pouco mais nova do que eu, Ah, nós não fazia nada, era tempo de molecagem, os meninos ou tão na escola ou então ficava o dia inteiro pra rua bagunçando. Até um dia, meu pai falou pra nós assim: “eu vou amarrar vocês no pé da mesa pra ver se vocês ficam em casa. Não é possível uma coisa dessas!”. E ele amarrou mesmo, amarrou eu, minha irmã no pé da mesa nós ficamos lá o dia inteiro amarrado de tão levado que nós era. Ai, naquele dia eu né com aquela sujeira toda, aí eu falei: eu não vou pra casa não! Eu sabia que era sexta feira, ele ia sair e não voltava mais. Eu me escondi atrás da porta na casa do vizinho e falei: vou me esconder aqui viu!? Eu não lembro o nome da vizinha, só falei: vou me esconder aqui! Ela falou: “ó, seu pai vai te bater”. Disse: não, ele vai sair já, já. Fiquei lá, fiquei lá e ele passou: “ó moleque você tá aí né, se você não for pra casa você vai apanhar, eu te pego”. Aí ele foi embora, falei: ele foi embora? “Ele já foi!”. Ah então tá bom! Aí eu fui pra casa, cheguei em casa minha mãe, minha mãe nunca bateu na gente, minha mãe era uma santa, minha mãe...O que meu pai tinha de bugre ela tinha de branca fina, que nem você assim cabelão cumprido, preto né... Ela nunca batia em nós. Aí ela nunca batia em nós. Era boa, mas quando bateu uma vez só. Aí, cheguei em casa tomei banho, troquei a roupa e passou. Mas,

253- você vê como é que a gente era. Num dado domingo né, tomei um banho, pus uma roupa branca. Tinha chovido bastante e a gente sempre brincava na rua de barro. E foi neste dia a única vez que ela me bateu. Eu tava de roupa branca e eu fui na poça de água brincar de carro. A gente gostava muito de brincar disto: ih, o caminhão atolou, o caminhão atolou e eu prrrrrrr, prrrrrr, dentro da poça d'água, a água até o joelho, escorreguei e caí, caí de sentado na poça. Rapaz do céu! eu cheguei em casa e a minha mãe me pegou, mas não foi com cinta, pegou um porrete mesmo. Mas bateu tanto em mim, ela falou assim: “seu moleque vagabundo, eu me mato de lavar, você põem essa roupa branca e fica ai como porco. Vou ter que jogar esta roupa fora!” E aí jogou mesmo minha roupa no lixo. Nós não tinha água corrente, nossa água de era poço, tirada na mão... Ai foi perto do poço e me deu um banho de água fria, gelada. Eu deitei na cama, aí minha tia chegou, falou: “o que foi menino?” Minha mãe me bateu. “Ah, também do jeito que você aprontou também, tem que apanhar mesmo!” E foi a única vez que ela me bateu. E aí chegou a época de escola, aí como eu aprontava. Na época de escola eu tava estudando no primeiro ano na única escola eu tinha era no Cajueiro, era meio longe, a gente ia a pé...

253- Era grupo escolar?

254- Era grupo escolar. Então o primeiro ano e tal, nós estudando. A molecada lá também gostava de brincar na Rua. Um dia tinha um caminhão parado em frente a escola e aquela molecada falou: “vamos empurrar! Vamos empurra pra colocar lá na frente...”, falei: tá freado! E eles: “não, vamos empurrar, vamos ver se nós tem força!” E não é que nós empurramos esse caminhão mesmo? O caminhão desceu e a sorte que ele bateu no poste e foi um confusão tremenda. Sei que tinha bem uns cinco, seis moleques e a culpa caiu em cima de mim. “Ah, foi o Carlos que mandou a gente empurrar, foi o Carlos”. Tudo era o Carlitão!

255- Todo mundo pulou fora.

256- Todos pularam fora. Ah professora...naquela época batia e era com a palmatória né. Você sabe o que é palmatória?

257- Sei, mas eu nunca cheguei e conhecer não.

258- Não?

259- Você pegou palmatória é?

260- Peguei, peguei! Uma palmatória é um negócio, uma tábua redonda assim. E tem professora maldosa que ela fura no meio para fazer pressão...

261- Fura a palmatória?

262- É, Fura. Então quando ela bate aquilo afunda na mão e quando ela puxa dói pra caramba.

263- Bate na mão?

264- Bate na mão ou em qualquer lugar. Aí ela chegou e falou: “mas você, vai levar palmatória, dá a mão aí” Ah tudo bem, duas palmatória, pá, pá, pá...

265- E era a professora que dava?

266- Era a professora. Naquela época a professora batia né na frente de todo mundo. Se você fizesse qualquer arte você ia ficar no canto da classe, de costas, de castigo em pé a aula inteira. Na classe você tinha que estudar, ficar quieto, obedecer. Se fazia qualquer bagunça, se você virasse para lado o apagador vinha na sua cara. Isso já, sempre foi assim.

267- Mas era duro assim é ?

268- Era duro, na escola, naquela época. Ih, apanhei pra caramba na escola. Os professores batiam mesmo.. Aí cheguei em casa eu apanhei de novo, porque a molecada saiu, saiu gritando, pulando era a festa: “eh, Carlos apanhou na escola, Carlos apanhou na escola!” Meu pai ficou furioso - ele não queria que estudasse achava que devia aprender um ofício. Minha mãe que punha na escola, na hora de educação ele corria atrás. Falou:“vai lá ver João ver o que e aconteceu!” Aí ele chegou e a professora contou né, falou, “dei duas palmatória nele porque ele

fez isso, isso e isso”. Ai ele falou: “Ah é? O moleque veio bagunçar aqui, vai apanha em casa!” Cheguei em casa aí apanhei de facão, apanhei de facão... bainha do facão fica como um chicote. De coró cru e machuca. E ele: “tome!, tome!, tome!”

269- Com a bainha de facão né.

270- É.

271- Ficava como um chicote né.

272- Fica, exatamente. De coró cru! E ele tome em mim! Tudo bem aí passou e tal...

273- Isso você tava em que ano no grupo?

274- Primeiro ano. Primeiro ano, era um molecote. Tava com uns sete ou oitos anos.

275- Você lembra dessa sua professora?

276- Não lembro. Naquela época eu não lembro, eu tenho pouca memória disso aí porque...

277- Não, não tem problema nenhum.

278- Minha memória falha, eu sou muito fotogênico com lembrança, mas como nome...Aí foi quando começou a minha reviravolta, porque começou a dar a seca né, começou a faltar tudo, já tinha... inclusive eu quero narrar aqui que eu cheguei a passar fome. Meu pai era calceiro, então o cacau começou a faltar, começou a dar problema, bicho, vassoura de bruxa, então o cacau começou a faltar e aí a falta tudo. Então meu pai começou a perder serviço pois não passava tropa e as pessoas não tinha dinheiro. Inclusive ele saiu da minha casa e foi pra casa da mãe dele. Minha avó morava na rua da... chamava Nascimento. Foi passar uns tempos lá pra arrumar serviço porque nós tava ficando sem comida, água secando, o rio secando. Nós ia pegar tomate no meio do mato e folha e tudo que podia comer, então tava ruim.

279- Você e seus irmãos ?

280- Eu e os meus irmãos. Aí foi quando surgiu a época que meu cunhado vir pra São Paulo.

281- Como é que é essa experiência, Carlos, de não ter o que comer. Como é isso né, a gente não consegue imaginar...

282- Só quem passa é que sabe, né? É difícil explicar. Você vê, meu pai não tinha trabalho e o único trabalho dele que era alfaiate ele sabia fazer calça, o momento era aquele, ele fazia... Se você era roceiro, você ia roçar, se você era vendedor você ia vender. O pessoal da fazenda pegava nas vendas que vendia secos molhados, vendia jabá, vendia farinha, vendia tudo. Mas só que como a gente comprava fiado tudo, minha família ficou devendo pra todo mundo. Aí começou ficar tudo ruim. Aí queria pão de um dia pro outro, aí não tinha. Não tinha trabalho, meu pai não conseguia nada. As vendas não vendia mais...Aí chegou uma época, até foi um sábado, minha mãe falou assim...

283- Também se o cara fosse vender fiado pra todo mundo...

284- É, aquele tempo vendia né, vendia fiado. Mas chegava no fim da semana pagava né. Vendia por semana.

285- Mas aí quando dá a seca todo mundo compra fiado né.

286- Todo mundo comprava fiado. O dono na venda também não tinha e então, mas chegou uma época que ele falou: “não posso mais vender fiado, vocês tão devendo muito!”. Aí que acontece? A gente ia pro mato, procurar o que comer, , fruta, o peixe que tá no rio, o rio tava secando, o rio já não..., tinha um rio que eu nadava, lavava roupa, as muié não conseguia mais, era só areia, entendeu? Então tudo secava, só ficava pé de tomate, pé de alguma coisa, jiló, mas chegou uma época que não tinha nada, nada, nada. Aí minha mãe falou assim: “vai lá no cajueiro, que fica na minha avó, pra ver se seu pai arruma dinheiro pra gente porque não tem nada que comer.”

287- Cajueiro era um local ?

288- É, o cajueiro era onde tinha o comércio e para onde meu pai tido para tentar freguês. Era um comércinho, era uma rua só... Itabuna aquela época era duas ruas, a rua que ia pra Ilhéus: a

rodovia e a rua que nós morava, era só isso. Então ali, na rodovia, tinha mais movimento, passava ônibus, caminhão, caminhoneiro, lá morava minha vó e para lá que meu pai foi. Aí minha mãe falou assim, “vai lá vê se seu pai arruma dinheiro ou arruma alguma coisa pra comer que nós estamos sem nada, temos só com farinha.” E naquela época nós não conhecia arroz, nós conhecia o macarrão e a farinha. A gente comia feijão com farinha e jabá, carne de sol ou peixe, camarão...mas era pouca. E não tinha, nem pouca não tinha, tinha só a farinha e sal. Falou: “vê lá, vê se seu pai...” Aí fui e fiquei esperando. No meio dia ele falou: “óia, avisa sua mãe que eu não arrumei nada, não tem nada pra comer!” Aí eu fui lá e falei: oh, mãe, o pai falou que não tem nada pra comer não, não arrumou dinheiro. Aí que quê comia ? Pegava farinha né, punha sal pra dar um gostinho e comia, farinha seca. E foi passando, até numa tardezinha, tinha uns primos meu que morava aqui em baixo, eu fui brincar com ele, fui brincar com eles. Conforme eu tava brincando, disse: oh, rapaz, eu não comi nada hoje!. “Como você não comeu, você não almoçou ?” Falei, eu não almocei não. “Mas por que você não almoçou, rapaz?” Falei: ah, em casa não tem nada pra comer. “Nossa senhora”! Aí ele foi lá dentro e falou pra mãe dele né, minha tia, era meu primo, ela era irmã do meu pai. Aí o meu tio era...aí o meu tio: “ô, moleque por que você não veio aqui pedir...?” Falei: eu não, minha mãe não falou nada! Porque nós não tinha costume de pedir as coisas, meu pai era muito orgulhoso.

289- Seu pai era muito orgulhoso?

290- Orgulhoso! não tinha nada pra comer e ele: “não vai pedir”! Aí que minha tia chegou, pegou arroz, feijão, pegou carne e falou: “leva lá esse feijão pra vocês comerem, menino!” Foi que aí nós tinha pra comer...Deu para aliviar. Aí foi quando meu cunhado tinha viajado veio falou assim: “ó, vamos pra São Paulo que lá tem bastante serviço”! Foi quando nós viemos pra São Paulo. Aí chegamos aqui em Campinas eu fui estudar...

291- Lá você fez quantos anos de grupo ?

292- Lá eu fiz pouco.

293- Um ano só?

294- Acho que nenhum ano não fiz, me lembro muito vago. Só sei que não cheguei nem a me formar porque nós saímos fora né e mesmo assim deu aquela, eu lembro que deu aquela enchente né, e nós tivemos que sair de casa, ficamos uns três meses fora, aí voltamos pra casa, daí saímos de novo. Aí eu voltei a estudar, aí que eu estudei. Aí nessa época começou essa seca, e foi quando nós saímos..., **nem lembro direito da escola.**

295- A escola lá era como, uma sala pra cada turma ou era tudo junto?

296- **Tudo junto. Tudo junto, era... Era uma professora só. Era igual assim periferia né, CAIQ né, CIAC, uma sala, nós não tinha, era mesa assim, então sentava com um monte de gente assim em volta da mesa, o professor na lousa, escrevendo...**

297- E a professora dava..., era tudo primeira série ?

298- **É primeiro ano né, não tinha divisão. E então eu recorde, eu fiz o primeiro ano só, aí viajamos.**

299- Aí vocês chegaram aqui em Campinas.

300- **Chegamos em Campinas. Aí eu fui pra escola. Aí minha mãe..., meu pai falou assim: “menino, vamos aprender ofício, vamos!” “Não, os meninos tem que estudar”, minha mãe sempre brigava, né?. “É, mas, muié fica em casa, vai fazer comida, não sei o que, os homens tem que trabalhar” ele falou. Ela retrucou: “não, mas tem que estudar, ainda mais que em São Paulo, São Paulo tem que estudar, aprender um ofício, então ele vai estudar” Aí por causa de minha mãe fui para a primeira escola e m São Paulo, em Campinas. Foi o Dom Barreto, lá na Avenida da Saudade, tinha o Dom Barreto, o grupo escolar e tem até hoje o Dom Barreto que é escola. Antes era escola de freira, agora é ginásio, né. É uma escola do governo, é Grupo Escolar Dom Barreto.**

Do primeiro ao quarto ano. Aí eu fiz... entrei no primeiro ano. Aí estudei lá dois anos, eu fiz primeiro, segundo e terceiro. Aí como..., que eu já falei que minha vida era cigana, meu pai mudou pro centro, fomos morar na Álvares Machado, perto da linha dois, tal. Então ali foi..., nessa época foi em 1953, é 53 e foi naquela época que começamos a se enturmar. Aí tinha o Externato São João, foi aonde eu fui estudar no Externato São João.

301- São João era salesiano?

302- Salesiano isso, salesiano.

303- Como é que era a disciplina lá, como vocês aprendiam como é que era, como era rotina de vocês ?

304- A rotina do grupo era assim: estudar português, aritmética, gramática, verbo. Você tinha que saber bem verbo e soma, matemática. E você tinha que fazer muita composição, entendeu? Desenho, a gente fazia muito desenho, tinha que desenhar bastante. Às vezes, a professora mostrava um quadro assim na sua frente e olha: “decomponha esse quadro aí”! “O que você vê”? Então fazia decomposição, descrição, ditado, às vezes leitura. A gente entrava na escola sete horas da manhã e saía às onze, ao meio dia. Então tinha o recreio né, a gente levava lanche, tal...

305- Tinha que chegar na hora, podia chegar atrasado ?

306- Tinha que chegar na hora, já viu, atraso no máximo era cinco minutos. Aí, a leitura então, num dia especial era a leitura e além disso era uma coisa, tinha um quadro que a gente tinha que descrever, aí depois você tinha que ler o que você fez, o que você viu né ou então a gente pegava um livro de leitura, ficava lendo e acompanhando a leitura. O professor mandava parar e o outro continuar. Se não estava acompanhando a leitura e tava lá vendo mosca e quando a professora falava: fulano continua e a gente ficava ãh, ãh, aí pronto, aí a régua comia!

307- Aí ela batia também ?

308- Oh, , aí a régua comia.

309- Era com régua ?

310- Aí era com régua, pá: “seu moleque sem vergonha, não tá prestando atenção não”. Tinha que ler pontos e vírgulas, era tudo... Naquele tempo a escola era boa, rígida, eles ensinavam verbo, então você tinha que saber verbo, pretérito perfeito, do presente, passado, futuro, mais que, mais que, que, entendeu ? Eu nunca aprendi...

311- Mais que perfeito...

312- Mais que perfeito, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e o tempo, olha isso aí rapaz...

313- Você sabia aquilo na ponta da língua.

314- Na ponta da língua. E quando caía, rezasse pra não cair exame oral, se caísse exame oral porque sempre tinha exame oral. Hoje é sabatina né? Mas naquela época fazia exame. O exame oral era bravo, eu tremia. Então, aí eu estudei até o sexto ano no Dom Barreto, depois eu fui...

315- Você lembra das professoras de lá?

316- Não lembro, foi em 53 né, 52, não lembro nem quem era minha professora. Mais pra frente eu lembro dos professores meus.

317- Depois que você começou a trabalhar que que você achava mais rígido, mas controlado, a escola ou o trabalho ?

318- Ali, você sabe, você sabe que eu gostava muito da escola, eu gostava de ler né, eu gostava de estudar, gostava mais da escola, porque o trabalho era assim né, porque o meu trabalho não era gostoso. Era tudo muito sério. No tempo de moleque eu não tinha lazer, meu lazer era o sábado e domingo, o resto era trabalhar, então eu não tinha folga, lazer.

319- Mas quando você foi pra empresa quem controlava mais você, a escola ou o trabalho, a professora ou o seu chefe ?

320- Ah, aí, aí, bom, quando eu...o trabalho era mais rígido né.

321- Mais rígido.

322- É, o trabalho era sempre vigiado, o chefe tava sempre te olhando, sempre vendo o que você tava fazendo. A escola era mais estudar e tal. Era de seu interesse, a escola...O professor falava pra mim: “você vão aprender, eu já sei, tô te ensinando, tô te passando o que eu aprendi, agora você que sabe o que vai fazer”, entendeu? A escola era aquilo, então você tinha que aprender, porque se você repetisse dois anos ou três anos você não ficava mais na escola, era como se diz, jubilado.

323- Mas, também na escola quando não prestava atenção o pau comia.

324- O pau comia. Então, aí eu fui pro Externato São João.No Dom Barreto tinha aquela gravatinha né e tal. Aí quando eu fui pro externato São João eu fui de gravatinha também. Aí me falaram: “ei Carlos, aqui não é Dom Barreto”. Eu não sabia qual escola que usava uniforme: “aqui não é Dom Barreto não, nego, pode tirar essa gravata aí”. Eu falei: vixi rapaz! Tirei a gravata. Fui de gravatinha. Eu pensava que o uniforme era igual e o pessoal tirou o maior sarro: “aqui é Dom Bosco, não é Dom Barreto não, não tem gravatinha aqui não, aqui não é escola de fresco não”. Falei: ah, seus bobos! Aí tive que tirar a gravata. Então ali, uma escola muito boa que é o Dom Bosco. O Externato São João é uma escola muito boa, uma escola de padres. Os padres eram que davam aula e alguns, e tinha também professores.

325- Era gratuita ?

326- Gratuita também, gratuita.

327- Mas aí não era do Estado, era os padres que...

328- Ali era o Colégio Salesiano. Tinha o Liceu que, era dos padres né. Quer dizer, o Liceu era a sede, o Liceu mandava a beca e então..., sabe.

329- Ali era gratuito, o Liceu era pago ?

330- É, o Liceu era pago. Então ali a obrigação dos padres era fazer o seguinte: fazer você entrar na religião, aprender a religião, educar você e ao mesmo tempo tirar você da rua, entendeu? Então você estudava, tinha obrigação de ir na missa todo domingo e isto valia como nota e *(a fita terminou e teve que ser trocada após alguns minutos)*

331- Esse seu amigo chamava...

332- Júlio. E um dia na sala de aula o padre bateu nele. Nossa, mas deu uma briga, rapaz! Ele gritava com o Padre: “você não é um pai pra me bater e não sei o que, você não tem esse direito...” Ai o Padre dizia: “você não trabalha só, então sai, vai embora, aqui o negócio é assim mesmo, escreveu não leu...” Aí nunca mais ele estudou, a mãe dele foi lá e tal e deu a maior confusão. Ai ele foi embora...

333- Ele abandonou mesmo.

334- Abandonou mesmo. Ele falou que não era acostumado a apanhar né. Bom, aí encerrando o externato São João, lá eu fiquei o terceiro e quarto ano no primário. Do primário, aí, antes de eu terminar o quarto ano, eu fui pra estudar na escola Francisco Glicério. Francisco Glicério era na Moraes Sales lá em cima, até hoje tem o Francisco Glicério, também era grupo escolar. Ali também era uma escola muito boa, estudava bastante também. Ali foi onde que eu aprendi a cantar e tal. Já cantava no Externato São João e lá nós ficamos, fizemos um coro, fazia coral e cantava...Até que, até que eu me recordo bem, pera aí...deu eu ver.pausa). No Externato São João tinha o padre Ismael, o padre Olívio, tinha o professor Bitencourt, tinha um monte de professores que ensinavam o português. Ensinavam muito bem. No Francisco Glicério, eu tive um professor de português, professor Otaviano, então ele que falou pra mim: “você estão aqui para estudar, então vocês prestem bem atenção porque o que eu já aprendi, o que e já aprendi eu tô passando para vocês, então...!” É esse que dava leitura, dava leitura dinâmica né. Ele ficava fazendo assim: punha o cara de pé lá, ele ficava lendo e os outros alunos, sentados, tinham que acompanhar a leitura. Aí, ele dizia: “para, ô fulano...”. “Sim senhor” “Continua”! Aí você de pé, as vezes se

perdia onde estava a leitura – ou então estava mosqueando - ele ficava bravo: “não tá prestando atenção, que não sei o que, depois não vai ter nota!” A gente inha que ter atenção estar ligado na leitura. Essa foi a minha infância, trabalhei, estudando e trabalhando, né, sempre dando um dinheiro pra minha mãe, pra ajudar na despesa. Ai chegou uma época que eu tinha quatorze anos mais ou menos eu resolvi sair desse senhor que eu trabalhava de , fazendo bicos e fui trabalhar na serralheria. Eu tava voltando de Valadares.

335- Sei, você me falou.

336- Quanto vim de Valadares eu voltei a trabalhar com ele e foi aí que eu falei: eu preciso trabalhar registrado né, porque amanhã ou depois... Já comecei a pensar na minha aposentadoria. Eu já trabalhava muitos anos e me preocupava porque depois, amanhã ou depois como é que fica, né? Aí eu fui trabalhar de serralheiro. Perto de casa também tinha uma serralheria. Ai trabalhei, trabalhei mais quatro anos, saí de lá com quase vinte e depois fui pro quartel.

337- Depois disso você não estudou mais, você só trabalhava ?

338- Só trabalhava. Porque aí eu fiz o quarto ano né...

339- Terminou e parou.

340- É. Aí que que aconteceu? Eu tava com umas idéias , eu falei; eu preciso fazer alguma coisa, eu preciso aprender mais! E como meus pais eram analfabetos, eu também não sabia o caminho seguir, né, porque tinha o ginásio, tinha as coisas, mas eu não podia trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Ou eu trabalhava ou eu estudava, entendeu? Naquela época era assim, ou você estuda ou trabalha, ou então...

341- Até porque naquele tempo não tinha tanta escola assim que...

342- Não, não tinha. Naquela época tinha só primeiro ano e o primeiro ano tinha o Dom Barreto, tinha o Externato São João e no Francisco Glicério. O superior tinha o Culto á Ciência, o Ateneu Paulista que era pago. Quem era jubilado do Culto á Ciência vinha pro Ateneu. Então o nego tirava sarro: “ó o jubilado! ó o jubilado! aí, não sei o que”. Então por isso que era bom, naquele tempo se tinha que estudar mesmo. Eu tive um grupo escolar bom, estudava gramática, estudava folha quadriculada, porque não tinha este negócio de já vir pronto que nem hoje em dia que tem aquele negócio de preencher. Tudo já vem tudo marcada né, a opção. Não! Você tinha que escrever, você via o livro, depois no pé do livro tinha o vocabulário pra você interpretar a leitura que você fez, até hoje ainda tem isto né?

343- Não sei, não...

344- Tem! Eu já vi. Você lê o livro e depois tem as perguntas de vocabulário, tal palavra é isso, tal palavra é aquilo.

345- O entendimento...

346- Isso, o entendimento. Hoje em dia eu vejo meus netos estudando. Já vem tudo pronto. Meu neto tem preguiça de escrever. Um dia ele tava chorando: mas por que você tá chorando? “Ah, eu tenho que escrever, por que não faz no computador e não sei o que?” Aí eu falei: mas pô, mas tem que escrever! “E porque a gente tem computador então vai no computador, é mais fácil, não sei o que, sai pronto” E se faltar luz como é que você faz? Você tem que aprender a escrever, falei para ele. Calculadora, naquela época não tinha calculadora, era tudo na cabeça. A gente pegava papel, escrevia. Os professores eles queriam que se você passasse a conta já sem fazer o rascunho, então você tinha que fazer no papel, armar a conta.

347- Tinha que armar e efetuar.

348- Isso. Então você fazia equações de somar e dividir. Fazia no papel, depois passava na caneta na folha de prova e o papel ia junto, só pra ele ver que você fez a conta se não colou a resposta de ninguém, entendeu? Hoje em dia não tem mais esse negócio! A professora punha lá no quadro uma figura e dizia assim: “olha aquele quadro e descreve o que você tá vendo no quadro” ou

então “me faz uma decomposição”. Aí: vejo a casa, um sítio né, casa amarela, das portas, da janela, uma rua e tal e tem árvores. A gente então decompõem aquele quadro. Hoje em dia não, hoje em dia o pessoal... Sei lá, acho que a escola hoje é mais, mais maneira né, porque antigamente tinha mais rigor. A gente tinha que obedecer, sem questionar...e se não obedecia era castigado. A gente tinha que fazer caligrafia, a letra tinha que ser bonita. Tinha aqueles cadernos quadriculados, tinha que escrever tudo no quadradinho, bem devagar. Hoje em dia não tem nada disso. Eu vejo meu neto, meu filho escreve um horror! É difícil entender o que ele escreve e meu neto a mesma coisa, até a professora queria reprovar ele, queria reprovar ele por causa da caligrafia, falei: ah, vai ver é de família! Eu escrevo um pouquinho melhor porque eu fiz letras técnica, o desenho mecânico e tal e eu aprendi a fazer. Quando era molecão eu fiquei no dilema do que eu ia fazer... o que eu vou estudar? Meus pais não estudaram então eu falei, puxa não posso ficar assim. Aí eu comecei a procurar naqueles gibis, aquelas propagandas do Instituto Brasileiro de..., como é que é, você sabe o que era ?

349- Instituto Universal...

350- Universal brasileiro. Eu estudei muito aquilo lá.

351- Ah você estudou pelo Instituto Universal é?

352- Estudei. É que eu tenho preguiça, mas eu fiz um pouco de mecânica, torneiro mecânico por ele. Depois eu fiz desenho...

353- Aquele que vem pelo correio né?

354- É. Eles mandam os folhetos, você faz os exercícios, depois você manda pra eles. Mas é muito trabalho, muito. Você tem que por no correio, esperar, você tem que fazer as coisas, entendeu? Até que eu larguei, tudo, falei: ah não! Aí eu comecei a trabalhar na Cometa. Do quartel pra Cometa. Fazia manutenção trabalhava com as molas. Aí comecei a querer estudar e tal pra ver alguma coisa melhor pra mim. Minha mãe falou: “estuda porque hoje tudo é estudo.” Aí eu fui fazer desenho mecânico noturno na Escola Dom Bosco, Escolas Reunidas. Hoje não existe mais, era ali perto do correio. Então eu falei: ah! vou fazer desenho mecânico, desenho mecânico é uma boa. Tinha o arquitetônico, mas eu achava que mecânico era melhor, porque eu era louco por mecânica. Eu sempre gostei de mecânica, eu gostava quando ficava sujo de graxa ah! eu sempre gostei, era louco, aí eu fui fazer desenho mecânico! Fiz dois estágios, aí esses dois estágios foi quando eu tava com...foi quando eu saí do quartel... eu tava com dezenove, vinte anos. Então aí... eu ver se eu lembro mais de minha infância...

355- Depois se você se lembrar você volta, não tem problema.

356- Na cometa, comecei a trabalhar registrado. Aí me casei, já contei. Mas, minha irmã tinha mudado pra São Paulo, isto antes do casamento e aí minha família ia junto. A gente não parava. Aí eu falei: ah, eu não vou pra São Paulo não! São Paulo é terra de louco! São Paulo já era tumultuada há muito tempo, São Paulo. É frio, poluição, garoa, inclusive chamavam São Paulo a terra da garoa. Garoava, era frio, era poluído, falei: não vou, São Paulo é muito longe!

357- Não era com você.

358- Não era comigo. Garoa, não era meu negócio não. Falei: não, não vou pra São Paulo não, São Paulo é muito longe, fazer o que em São Paulo?, tô com tudo minhas amizades aqui né, desde a infância sempre, sempre vivi aqui, fazer o que em São Paulo? “É, trabalhar, não sei o que...”! Falei: não, você tá louco! E outra São Paulo é difícil se viver lá, tem que andar que nem camelo, até hoje é assim né? Você pega um ônibus aqui pra chegar oito horas no serviço. À noite você, você sai de casa a noite vira aquele tumulto. Eu lembro quando eu ia pra São Paulo pra ir praqueles bairros que meus primos moravam. Eu fui visitar eles Ave Maria! Aí minha irmã foi pra São Paulo. Ela ficou perto Bandeirantes, eu não lembro o nome do lugar. Sei que era perto de um complexo que abriram lá, Bandeirantes. Ele comprou uma casinha, quando começou essa

expansão de, de casas populares. Nessa época eu tava namorando, aí eu me casei aí foi aonde começou a minha vida adulta. Eu casei em 78. Então to com vinte e cinco anos de casado então. Eu conheci essa menina enquanto eu tava no quartel, namoramos uns quatro, cinco anos. Aí: vamos casar, vamos casar? Falei: ah, minha mãe tá com essa folia de ir pra São Paulo, eu não vou pra São Paulo não! Aí vamos morar aonde? Aí eu falei: olha eu ganho pouco, pra casar precisamos ter onde morar! Aí falamos com o tio dela. O tio dela falou assim: “ó, tem um quartinho aqui, vocês dormem no quartinho aqui, até vocês melhorarem. Querem casar vocês vão casar.” Aí tudo bem, nós casamos por que também fui obrigado a casar, minha mulher ficou grávida e nós não tínhamos como... E naquela época, era assim né: você aprontou você tem que casar se não se morre, naquela época era assim. Era muito bom, você andava livremente, mas você não mexia com filha de fulano, não mexia com mulher de outros, se não você morria mesmo, ainda morria no pé da... E esse meu sogro, quando eu comecei a namorar, um colega meu, um tal de Baratão, ele se José Luiz, mas tinha o apelido de Baratão

359- Baratão?

360- Baratão. É que ele era alto, grandrão. Aí: ô Baratão! E tinha também um outro pernambucano, então tinha aquele tipo de amizade, jogava bola, saia, ia pras farras. Foi ai saía e ia por ai... foi aonde que nós começamos sair do quartel ficar bebendo. Aí peguei essa turminha aí e comecei. Aí nós saímos do serviço, ali na João Jorge já fazia a via sacra, aí parava no Bar da Lingüiça, parava no bar do Japonês, depois nós parava no outro bar lá, tomava mais uma, ficava... O Bar do Lingüiça não é tão famoso quanto era, agora tá meio quebrado né, mas é antigo pra caramba, tem mais de cinqüenta anos. E nós fazia aquela via sacra, o último lugar que nós ia era o Bar do Hirata e tinha ainda o Galeto. Aí depois dali nós ia pra casa, já meio chumbado, até minha mãe ficava brava comigo: “ah, você tá igual seu pai, não sei o que...” Todo dia né, nós saia oito horas do serviço e ficava até meia noite, uma hora. Tinha dia que nem jantava. Aí quando tinha festa então, nossa, aí ficava lá fora ficava bebendo dia e noite, pegava bailinho no Nove de Julho, no Aeroclub... E como era um lugar muito bom, então todo sábado tinha festinha, casa de um, casa de outro tinha bailinho e nós se enveredava pros bar. Aí até eu conheci minha mulher. Quando eu conheci minha atual mulher e nós começamos a namorar o Baratão falou assim: “oh, Carlitão, o pai dessa menina eu conheço!” Falei: ah, que você quer? “É, ele é do São Bernardo.” Falei: o quê? Falou, “É, ele é do São Bernardo!” Falei: do São Bernardo? São Bernardo era famoso aquela época.

361- Por que ?

362- Ah, lá tinha bandido, muita bandidagem, né. Lá era o bairro do Pé Sujo, do Trovão, do Diabo Loiro, entendeu? Não sei se você ouviu falar desses bandidão aí também.

363- Não, não.

364- Não conhece,né? O Pé Sujo, o Diabo Loiro, era gente famosa, bandido bravo. Os bandidos ali que polícia corria atrás. Uns tempos atrás morreu o filho de um, morreu o filho de um bandido, o o o..., como é que chama? Tinha o Pé Sujo, o Luís Carlos do Vale, o filho e o sobrinho dele morreu baleado esses dias atrás. Foi assaltar e morreu. Então era tudo famoso, o Luís Carlos do Vale ele não matava ninguém.

365- Luís Carlos do Vale?

366- Isso.

367- Ele era um bandido também, não ?

368- Ohhhh!Famoso, a polícia não pegava ele não. Ele só assaltava, ele era inteligentíssimo, só assaltava jóias, bancos, ele não assaltava periferia, um coitado qualquer.

369- Pobre não?

370- Pobre não. Naquela época o Pé Sujo, o Luís Carlos do Vale, eles só assaltavam gente bem. Ia lá pra Nova Campinas, entendeu? Luís Carlos do Vale o pessoal diz que não, mas falam que ele entrou dentro da prefeitura, disfarçado de segurança e roubou o banco lá dentro e saiu a pé, entendeu? Então, aí o Baratão começou falou : “cuidado que o velho é acostumado a dar tiro, uma vez deu um tiro lá no rapaz do...” Diz que deu mesmo, deu um tiro na cara do vizinho que mexeu com a filha dele. Ele foi lá *pein...* Falei: nossa, eu sou baiano rapaz, falei, eu sou baiano e comigo não tem! Ele falou: “ah, você é baiano é, você vai ver. O mineiro lá é meio...”. Ele era mineiro. “... o mineiro lá é meio bravo, hein.” Ele era altão mesmo, era um mulatão alto, forte. Ele trabalhava lá perto do São Bernardo. Na Vila Industrial tinha um matadouro, ele trabalhava ali né. Eu falei: ah, que!? não tem problema não, eu vou conversar com o véio! Ele falou: “vai!”. E diz que ele era mesmo, diz que ali no São Bernardo ali ele era o Rei da Noite, diz que ele arrancava botão de calça de nego com uma peixeira.

371- Arrancava o que?

372- Botão da calça! Naquele tempo não tinha zíper né, diz que ele ia buscar o nego em casa, ele ia lá dentro já pegava a faca e falava: “você tá querendo o que?” Era ele e um compadre dele, dizem que os dois eram bravos mesmo! Ali, se você chegasse e perguntasse: quem é o mulato aqui? O mulato? Todo mundo conhecia, eu conheci ele com o nome de mulato.

373- O Mulato era o seu sogro?

374- Meu sogro. Chamava de Mulato. Ele e mais um cara que trabalhava num açougue botavam fogo lá. Era bravo!

375- Mas você não sabia disso?

376- Não, não sabia não. Depois que fui saber...o Baratão me avisou. Eu falei: ah, não tem problema não, eu vou encarar isso aí, isso aí, baiano velho não tem medo de mineiro! . E ficamos namorando e tal. Eu falei com ela, ela falou: “não, meu pai uma vez que uns meninos mexeu comigo e ele foi lá e deu uns tiros...” Falei: ah, bom! E o velho era boa pessoa mesmo porque o véio também tomava umas pingas né então não... Aí eu comecei a namorar com ela e tal. Aí deu esses problemas. Então: vamos casar, vamos casar! Aí tinha o tio dela que era crente, ele falou: “não, vem aqui, você moram aqui no quarto até você arrumarem um negócio melhor né”.

377- O pai dela não quis te bater não ?

378- Ah ?

379- O pai dela não quis te bater não ?

380- Não! Aí foi uma coisa, uma coisa, o pai dela deu até dinheiro pra comprar as coisas e tal, fazer o enxoval dela. Quando eu soube eu falei: ah, vou ter que falar com o seu pai né? Nós namoramos três, quatro anos eu nunca falei com ele, nunca. Falava com a velha. Com minha namorada eu sempre encontrava porque ela trabalhava ali no Matarazzo, eu pegava ela, levava perto de casa, daí nós namorava um pouquinho, eu largava ela ali e ia embora, dez, onze horas. O máximo que a gente namorava era até dez horas, mais do que isso já, aí o bicho crescia né. Aí eu ficava ali atrás, a mãe dela ficava no portão olhando pra ver onde que tava a filha, já ficava procurando. Oh, sua mãe tá te chamando! dez horas era o máximo que você podia ficar, ou então se você quisesse ficar até mais tarde você chegava e falava: oh, seu fulano, eu vou ficar com sua filha aí, aí até tal hora! Ele falava: “olha lá em rapaz, olha lá...”! Não o senhor pode ficar sossegado!

381- Não adiantou muito recomendar né.

382- Que adiantou muito...(risos)...diadou muito sim! Aí um dia eu peguei e falei: ah, vamos lá contar pro seu pai! E depois nós pegamos uma certa amizade então eu comecei a ir na casa dela né. Ia lá, nós saia, tinha uns amigos, umas amigas dela e nós saia junto e sempre saia em par né. Tinha bailinho e tal e cinema, ia muito pro cinema, tinha um cinema lá perto. Então nós ia sempre

ao cinema e tal. As meninas ficavam batendo papo. E vamos lá! Até que eu falei: eu vou falar com o seu pai, ué, fazer o que, ele é homem, eu também sou e o que que ele vai fazer?. Aí pronto, aí eu conversei com ele, ele falou: “não, tudo bem, vai casar, vai casar! Se casar não tem problema nenhum, não tem importância!”, a filha dele era de menor né.

383- Mas você também, era um cara trabalhador, um cara com emprego né.

384- E naquela época, naquela época ela era de menor então ele queria mais: “vai casar, vai casar!” Pra ele já era suficiente casar. Agora, não ia fazer enrolação, se fosse ficar na enrolação eu ai já sabia o que ia acontecer. Aí então ele falou assim: “vai casar!” Aí casamos né e então fui tocar minha vida de casado. Aí veio meus filhos e tal.

385- Ela é mais nova do que você então.

386- É, é mais nova, três anos. Aí, foi quando a minha vida começou a mudar daí. Eu cheguei pro português chefe do, chefe do tráfego, lá na Cometa, na empresa de ônibus e : oh, eu preciso de um aumento porque eu casei, tô com filho! “Agora não dá, que aumento nada!” Então eu falei: então você manda eu embora então. “Não, embora eu também não mando, você pede a conta!” Falei: a conta eu também não peço, você acha que agora que eu tô casado eu vou pedir a conta, não tô ficando louco! Aí foi quando, foi quando eu tinha feito um acordo pra casar, peguei o fundo de garantia né, tava fazendo um acordo naquela época, eu fiz um acordo, aí dois anos depois eu casei. Ai aprontei lá e fui mandado embora. Foi onde que eu entrei, entrei em contato com o Romeu Santini e arrumei na Bendix.

387- Outro dia eu me lembrei de você, eu tava vendo uma entrevista com ele dando uma entrevista, aí eu me lembrei: esse é o Romeu Santini!

388- É, ele tá velhão! Naquela época ele tava mais novo. Aí, então ali começou a mudança na minha vida, eu comecei a estudar mais, comecei a fazer curso, curso noturno.

389- Você disse que a Bendix também incentivava né.

390- É, ela incentivava. O meu chefe fala assim: “oh, você faz esse curso você vai, é para o seu bem porque amanhã ou depois você pode ser um promovido... aí sem saber nada não dá”..

391- E o curso era você que escolhia ou era a Bendix que escolhia ?

392- Não, ela mandava um cronograma dos cursos que tinha no SENAI.Ela fazia freio. Tinha outra Bendix em São Paulo que fazia máquina.

393- E, São Paulo, era a mesma empresa?

394- Não, era uma outra coisa. Até quem comprou essa Bendix foi a Westing House né. Aqui era só freio, então...

395- Tá, eu entendi. Então ela mandava o catálogo de curso e você que escolhia.

396- É.

397- O ela que escolhia pra você ?

398- Não, você que escolhia o curso que queria fazer, escolhia, mandava pra diretoria, aí a diretoria mandava pros diretores e eles falavam assim: “quer fazer algum curso, é tal, tal horário, tem esse curso, esse curso, esse curso.”.

399- Aí você escolhia o seu curso.

400- Aí escolhia. Aí eu chegava pro meu chefe e falava, será que esse curso é bom? Ele falava: “pra nós aqui o bom é esse”

401- Entendo.

402- Naquela época as fábricas tinha isso né, dava muita oportunidade pros funcionários dela né, ela não contratava, por exemplo, um operador de máquina. Ele fazia um curso e se ele tinha capacidade ele podia melhorar. Ele deixava de ser era peão, podia ser...

403- Operador de máquina é um cargo mais alto?

- 404- Mais alto. Aí você ficava responsável por dez, doze máquinas, arrumava as máquinas pro pessoal trabalhar.
- 405- Sei ...
- 406- Então antigamente a Clark, a G.E, a BOSH eles davam..., a BOSH até hoje dá curso né. Eles dão curso e você paga e você vai ter...
- 407- Hoje os operadores de máquina não é tudo eletrônico?.
- 408- É, hoje é tudo...Inclusive quando eu saí da Bendix já tava, tinha aquele torno, torno numérico né, você apertava um botão ele já tava pronto.
- 409- Aí você chegou a trabalhar neste torno?
- 410- Cheguei. Ele diminuía o trabalho, mas também diminui o número de operários. Diminuía. Aí eu comecei a estudar né eu fiz Princípio de Medição...
- 411- Como é que era mesmo o nome do curso ?
- 412- Princípio de Medição. Fiz o curso de, da CIPA, Prevenção de Acidentes, Ajustador Mecânico, fiz Mecânica Geral, Desenho Mecânico. Fiz, Matemática elementar, eu nunca parei de estudar. Quando meus filhos começaram a vim né veio quase um atrás do outro. Eu tive o primeiro, aí um ano depois eu tive outro, aí depois o outro teve outro. Ai eu falei: caramba! Naquela época a gente pouco sabia sobre prevenção, essas coisas. Então o negócio era, chegava em casa e: vamos muié? “Vamos!” E eu não passeava nada né, a gente não ia pra lugar nenhum, dinheiro não tinha, então tinha que ficar..., tinha só uma televisãozinha que nos assistia e depois nós... E a gente foi indo, até que eu falava pro meus filhos, falava: oh, estudam, estudem que vocês tem que ser melhor do que eu, que amanhã ou depois até um lixeiro vai precisar de diploma!.
- 413- E é verdade né.
- 414- Minha mulher falava... - inclusive minha mulher tinha parado no quarto ano. Depois quando nós casamos sentimos que nós precisava de dinheiro aí minha mulher começou a trabalhar de empregada doméstica. Foi quando nós conhecemos o pessoal da (.....) era o Luís, a Sira, o Shu, a Malu, era todo aquele pessoa que tinha república e minha mulher foi trabalha nessa república.
- 415- Foi fazer faxina lá ?
- 416- Foi fazer faxina, lavar, fazia comida pro pessoal e eu também me enturmei com esse pessoal.O pessoal gostava muito da minha mulher.
- 417- Como é que ela chama mesmo ?
- 418- Luiza. É porque ela fazia tudo pra eles, fazia compra, deixava tudo pronto, tudo direitinho, tudo arrumado,lava a louça, às vezes deixava comida pronta. “Luiza dá pra você fazer um arroz pra nós”? porque muitos não sabiam cozinhar né. Então quando ficava aqui eles comiam no bandejão. Às vezes, quando ficavam lá ela fazia comida pra eles né. Então nós ia, até sábado trabalhava e tal. Era um pessoal, muito bacana né. O Luís, o Shu, principalmente o Akira. O Akira é o japonês.. Então a gente encontrava com eles. Geralmente eles eram de fora, não era daqui né, era de Ribeirão Preto, de São Carlos por isto então tinham montado aquela República..., Eles morava aqui na Francisco Glicério, isso antigamente. Depois quando fez a República, aí fizeram outra lá na Vila Industrial, perto do cemitério. Aí eles falaram: “Luíza, você vai junto com nós, não é?” Aí até eu ajudei a fazer a mudança, tudo porque eu sempre gostei de ajudar. . Quando meu filho fez cinco anos aí eu dei uma festinha lá em casa e chamei eles. Então nós enturmamos tudo, tudo muito.... Não era patrão e empregado, era amigo. Inclusive eu fui no casamento deles, em São Paulo, tal. O Luís casou com uma japonesa. Tudo mundo queira que fosse no casamento deles, quando ia casar. Ai, quer dizer, minha vida começou a ir a casamento e tal...
- 419- Você tinha mais ou menos quanto, vinte e cinco...?
- 420- Eu tava com vinte e cinco anos, vinte e seis anos. Aí começou a vir meus filhos e eu falava pros meus filhos: olha, estudem, vocês não precisam trabalhar. Sua mãe, sua mãe tá trabalhando,

eu, então vocês tem que só cuidar da casa e estudarem, se formarem pra vocês não serem que nem nós, vocês tem que ser melhor do que eu, porque eu venho aqui pra casa, trabalho de noite, acordo, almoço, vou estudar, então pra vocês, acho que isso é bom pra vocês, então vocês não precisam trabalhar, vocês não precisam sair pra..., estudem, fiquem em casa e se formem, tenham um diploma, porque o importante é amanhã, depois, amanhã ou depois vocês vão ver que eu tô certo, até um lixeiro vai precisar de um diploma...! Sempre falava isto para eles. Inclusive eu tenho, meu cunhado, irmão da minha mulher, ele era lixeiro e ele falou pra mim: “Carlos, eu preciso ser motorista pra mim ganhar mais”, ele tirou a carta, mas nunca foi motorista porque mal sabia escrever.

421- Ele não tinha estudado?

422- Não tinha estudo.

423- Não tinha o ginásio.

424- O primário. E nego estudou mas...

425- Hoje, por exemplo o primeiro grau é obrigatório pra tudo.

426- Obrigatório pra tudo.

427- É o antigo ginásio.

428- É o antigo ginásio. Você entra na escola e só sai quando se forma. Antigamente não, antigamente você parava, você chegou no quarto ano você..., Que nem minha mulher mesmo parou no quarto ano, foi fazer corte e costura. Naquela época tinha a admissão e admissão era difícil, aí já complicava mais por isto ela foi fazer corte e costura. Depois esses meninos da Unicamp, na vila que nós morávamos, na Boa Vista eles fizeram..., antigamente tinha aquele..., como é que chamava? Tinha...

429- Aquele curso?

430- É.

431- Madureza...

432- É, curso de madureza! Porque tinha, eles tinha, eles tinham que prestar, prestar..., como é que chamava? Porque tinha um que tava indo pro Mato Grosso, tava indo pra esses fundão pra fazer um trabalho voluntário, de mutirão, acho que do governo.

433- Era um Estágio?

434- Não, não é estágio, era mutirão, mutirão. Então eles falaram: “vamos fazer um curso de madureza porque deve ter muita gente aqui sem estudar!”. Aí fizera uma pesquisa e falaram: “é uma boa idéia.”! E foi tudo registrado em cartório e tal né, tem tudo registradinho e vieram cinco professores, estudantes da Unicamp e eles davam aula, davam aula de ciências, davam aula de física né, matemática português...

435- Era grátis?

436- Tudo grátis. Apenas cada um dava uma pequena taxa que pagava pro curso. Mas tudo grátis, não cobrava nada. Foi quando minha mulher conseguiu fazer o ginásio...Eles estudavam e depois defendia a matéria, fazia a prova no Estado. E ela pegou o diploma de ginásio. Foi ai quando conseguiu. E a prova do estado não era fácil não. Tinha que saber.

437- Fazer aquelas provas que chamavam de madureza – ou artigo 99 - era mais difícil que fazer provas no próprio curso.

438- É, era difícil entendeu? Por isso que hoje em dia..., ela por exemplo sabe, sabe coisas que você fica bobo, entendeu? Então foi bom porque os meninos sempre, ela tinha que estudar pra ensinar eles né. Tem que ser mesmo, inclusive graças a Deus, eu já falei que meus quatro filhos são tudo formado, tudo bem encaminhado, conseguiram...

439- Essa é uma grande vitória né?

440- Eu trabalhei na Bendix vinte anos.

- 441- Então na Bendix você ficou mais ou menos até, até quarenta e poucos anos lá.
- 442- Fiquei até quarenta e dois anos lá. Saí em oitenta e sete.
- 443- Nossa, você ficou muito tempo lá. Porque que você saiu ?
- 444- Eu saí porque chegou uma época que você não tinha mais paz porque tavam tirando muita gente, tinha crise de trabalho. Havia muita demissão. Mas máquinas novas faziam o que muitas pessoas fazia e aí sobrava gente. Eu falei: “ó, qualquer dia desse a Bendix me manda embora” !
- 445- Mas você era bem preparado né.
- 446- É, inclusive quando a Bendix me mandou embora, aí os nego falaram: “você vai embora mesmo?” Falei: eu vou embora, não tem jeito! E eles: “mas a gente é uma família...!” Falei: ah, não dá mais jeito, a Bendix começou a dar aquela virada, já não era mais Bendix, já não era mais Bendix. Depois ela foi vendida para pra Lihede. Não era mais Benix era Lihede, entendeu ? Já não era mais Bendix. Então começou a fazer doze por doze de horário de trabalho, turno de trabalho. Começou quatro turnos, aí começou a bagunçar né, porque quando era os americanos tava bom né. Os americanos davam aumento e tal, aí saiu os americanos, aí o negócio ficou ruim. Aí começaram a fazer doze por doze, vinte e quatro por vinte e quatro, aí começou aquela puta bagunça. Aí não tava dando mais, aí sabe quando não dava, eu já sentia, eu ia trabalhar de tarde, aí s nego mudava seu horário né, das duas as sete eu já tava cansado, eles tinha que me dar um outro horário, de manhã né, eu trabalhava à noite direto. Aí quando eu pedi uma oportunidade pra ser pra ser chefe geral, eles falaram que não. Eu falei: mas o mais velho aqui sou eu! Todo mundo aposentou, foi embora, inclusive esse colega meu também tava aposentando, falou: “olha, eu tô saindo né,” Então eu era- como chama ?- líderes, o líder da seção. Eu falei, eu tenho que ser líder pra ganhar um pouquinho mais também. E tudo, tudo o pessoal novo que a gente ia ensinado um, ensinando outro, ia ensinando né pro pessoal trabalhar nas máquinas. Então tinha o líder que corria atrás de peça, tinha as máquinas e corria atrás das peças. Aí eu falei e nada. Eu vou continuar sendo peão?, falei. “Vai”, respondeu. Então manda eu embora que eu não tenho mais o que fazer aqui. Aí me mandaram embora. Mas aí quando eu saí da Bendix né, da firma eu não fiquei um mês parado, eu fiquei um mês pra receber né, pra acertar as coisa e tal. Aí eu saí em setembro e em outubro eu tava trabalhando, fui trabalhar na Stup Schule.
- 447- StumpPSchuele ?
- 448- É.
- 449- Cada firma de nome complicado né.
- 450- É, é americano né. Stumpp Schuele lá na, fazia pecinha que compunha outra peça maior. Aí, eu falei assim que trabalhava com prensa né que era meu ramo, aí o rapaz olhou e falou: “puta merda você trabalha muito bem!”
- 451- Você devia de ser craque né.
- 452- Foi que ele falou. Falou:“pô...cara você tem uma experiência!” Tinha vinte e tantos anos de experiência. Meu trabalho na Bendix era muito repetitivo. Porque era furadeira, prensa, furadeira, prensa e a máquina...E era tudo manual. Só a prensa era automática e a máquina de solda você coloca as peças lá e vai soldar.
- 453- Você fazia isso todo dia ?
- 454- Todo dia, todo dia a mesma coisa, entendeu ? Às vezes, a gente tava trabalhando, aí vinha correndo o chefe, para tudo, muda isso aqui e vai pra outra, aí você mudava pra outra, tava trabalhando e tal, muda pra outra, então sempre...Mudava apenas, mas o ato era o mesmo. É como o molde.
- 455- O molde? Como é que era ? Vinha pronto para fazer a peça?
- 456- Não, nós fazia, fazia a estrutura,. Pegava a chapa, dobrava, então vinha, aí tinha uma outra seção que cortava o molde, escrevia com o ferro, aí você soldava com uma outra chavona. Que

nem o freio, o freio do Opala era assim né, vinha depois uma chapa assim, aí no meio dois pontos pra soldar. Então era todo dia a mesma coisa, fazia mil, seis mil, quatro mil peças...

457- Por dia?

458- Por dia.

459- Quatro mil peças por dia, por pessoa ?

460- É, não, em turno de oito horas.

461- Em turno de oito horas. Mas ela passava por você, todas passavam por você ?

462- Todas passavam na minha mão.

463- Então as vezes oito mil pecinhas passavam por você?

464- Passavam na minha mão.

465- Por dia ?

466- Todo dia.

467- Nossa, quanto dá isso por hora ...?

468- Nós fazia a base de trezentos, trezentos e cinquenta por hora. Então quando o cara da Stup Schule me falou: você perdeu tempo na Bendix! Eu não vou nem fazer o teste. Você pode ir lá pro exame médico que...”

469- Aí já não precisava mais carta do Santini!

470- É. Aí eu fui trabalhar lá, trabalhei lá muito bem. Aí foi aonde que eu fiquei doente, eu fiquei doente, me deu, minha doença foi.... nervosa, ah, agora que eu lembrei; anorexia nervosa, eu comecei a emagrecer, emagrecer...

471- Não conseguia comer né.

472- Não conseguia comer. Minha mulher já trabalhava na(.....)

473- Aí você veio pra cá.

474- Vim pra cá. Aí vim pra cá, fiquei um mês de cama, até...

475- Nossa, então era grave.

476- Eu perdi trinta quilos.

477- Você precisou ser internado é ?

478- Eu perdi trinta quilos, até inclusive a doutora - muito boa a pessoa e eu lembro, eu me lembro bem a doutora Vera - disse que tinha que vir sempre. Vinha pra pesar e todo mundo falava e tal, eu vinha. Como é que chamava aquele doutor lá? Não é Jorge, é Fábio ou Jorge? Também muito bom. Ele tava se formando também, ele tratou de mim. A doutora Vera falou assim: “negócio é o seguinte se o seu Carlos não se, não se recuperar nós vamos precisar passar uma sonda...” ou um negócio assim. Ela é meia nordestina, ela falava meio arrastado.

479- Você não conseguia comer?

480- Não conseguia comer. Aí começou com uma tosse, uma tosse, inclusive o fiquei com um rapaz lá, quando tava internado. Um dia ele falou assim, “cara, colega, você, eu pensei que você ia morrer, viu!” Aí eu me recuperei né, comecei a tomar soro, soro, tomei soro direto, era só soro, fiquei acho que uma semana tomando soro, só tomava soro, andava, tomava soro, andando meio arcado. Aí o rapaz, tinha um rapaz que tinha barriga d’água...

481- Era o seu colega de quarto.

482- É de quarto. Aí ele falou, “colega, eu pensei que você ia morrer, viu, você tava ruim, tossiu que nem não sei o que e vomitando nesse balde aí, eu pensei que você aí” Aí eu me recuperei, aí eu comecei a comer bem, aí eu fiz exames pra saber o que eu, porque ninguém sabia o que eu tinha, como que eu peguei aquilo lá. Porque eu falei: eu tô com minha casa em dia, eu morava na Boa Vista, tinha casa própria né, falei, eu tô com minha casa em dia, não tenho dívida, inclusive naquela época da recessão eu comprei a geladeira a vista, então...

483- E tinha emprego né.

- 484- Tinha emprego. Falei, mas o que aconteceu comigo ? Eu fiquei tão...
- 485- Você tinha quantos anos nisso aí ?
- 486- Eu tava com quarenta e cinco, quarenta e cinco anos. Falei: pô, uma firma boa, porque ali a melhor firma que tinha foi aquela, falei, porque tinha café, tinha lanche, eu podia fazer lanche e comer tomar coca cola. A gente ia na cantina, podia ir na cantina e mandar fazer um lanche de mortadela...
- 487- De graça ?
- 488- Não, pagava né, você pagava, mas poquinho. Mas nenhuma firma fazia isso. Na Bendix não acontecia isso, nem tinha né. Não pagava nada, mas era apenas um cafezinho sem vergonha lá, um cafezinho sem vergonha e só! Lá não, lá tinha café, tinha suco né e poxa, legal aqui né, aqui é bom, podia comer, uma comida boa, o desconto era muito pequeno.
- 489- Poxa, logo aonde tinha comida você vai ficar com anorexia nervosa?
- 490- É, eu falei, puta vida. Aí eu trabalhei...Quando sarei aí não me quiseram né, ai eles falaram: “sinto muito mas...” Eu falei, não, mas agora eu tô bom, to curado. Mas eles, a gente na quer mais...
- 491- Espera um momentinho que eu vou virar...(interrupção da gravação)A gente pode continuar. s vezes a fita dá um problema. Você me contava que ai eles demitiram. Você. E que você ficou um ano parado e depois você arrumou emprego numa prestadora de serviço e que um dia esta empresa mandou você pra Bendix.
- 492- Isso, é.
- 493- Pra você fazer um novo teste lá na Benix e que você voltou a trabalhar lá, só que pela firma prestadora de serviço.
- 494- É isto. Ai eu falei para meu chefe que eu fui mandado embora de lá e eles então podia não me aprovar Ai “pera aí que eu vou telefonar, porque lá tem esses problemas, se você sai e por algum motivo eles não te aceitam mais, certo?. E me falou: “então mandou embora, mandou, mas por que mandou embora? Aprontou, alguma coisa”? Então eles tinha uma orientação de não deixar voltar quem foi demitido. Eu tinha um colega meu que saiu. Era até funcionário meu. Um dia queria ser mandado embora: “Carlitão, eu quero ir embora, quero ir pra Minas” não sei o que...Vou fazer que me mandem embora” Eu falei: olha, não faz assim, pede a conta que é melhor, porque você pedindo a conta se você quiser voltar você vai ser aceito de novo!
- 495- A porta fica aberta né.
- 496- Agora se você pede pra eles te mandarem embora não vai querer, não vai querer. Aí, tanto eu como meu chefe, falei pra ele. Mas ele e tal até que eles foram lá e mandaram embora mesmo. Meu colega foi pra Minas, não deu certo e aí ele voltou. Voltou na Bendix de novo, aí não aceitaram ele. Aceitaram o cunhado dele e não aceitaram ele.
- 497- A política da empresa é...
- 498- É, eles eram assim. Mas, comigo ele falou: “você pode começar a fazer exame médico que você trabalhar”. Tudo bem, aí eu comecei a trabalhar na Bendix de novo. Ai foi quando, foi quando eu trabalhei em janeiro, fevereiro e março, abril, maio, junho, julho né, nesse meio tempo, nesse meio tempo eu tinha prestado concurso aqui na (nome da instituição). Eu prestei concurso pra entrar aqui dentro.
- 499- Trabalhar na manutenção ?
- 500- Eu fiz para Serviços Gerais porque era naquela época que eles tavam pegando pessoal para serviços gerais. Então minha mulher falou: “aí, faz o concurso, faz a inscrição pra fazer o concurso da (nome da instituição) que tão pegando gente lá” Aí eu fui fazer o concurso, passei né, fiquei esperando, mas aí até espera ficou dois anos. Ai minha mulher já tava aqui fazia tempo e conhecia a diretora aí da enfermagem e falou com ela: “porque meu marido assim, assim, assado e

tal, porque ele prestou concurso e aí não chamou, já chamou todo mundo e não chamaram ele”. Aí ela falou assim: “vamos ver, vamos ver o que aconteceu!”. Aí foram ver, minha ficha tava lá embaixo nos Recursos Humanos parada, Ai falaram: “ então chama ele aqui que pra gente arrumar alguma coisa pra ele”. Aí foi quando comecei a trabalhar aqui, me chamaram, me deixaram com o rapaz lá embaixo, na manutenção, ai falou: “ó, tô precisando de gente e ele é, mecânico! ” Falei: eu sou mecânico! Ele falou: “precisa de mecânico aqui mesmo, manda ele falar comigo”. Aí eu conversei com o chefe aí, aí ele falou: “ah, rapaz, é você que eu quero mesmo”! .

501- Isso em que ano Carlos ?

502- Isso foi em, foi em 1988.

503- 1988. Carlos eu quero propor, nós vamos aí pras duas horas de conversa né, tempo voa né.

504- O tempo voa.

505- Eu to achando muito legal sua história, mas eu não queria esgotar hoje com você. Eu prefiro dar uma parada nesse momento em que começa falar do seu tempo na (.....) Gostaria de falar com você do seu trabalho na (.....), de sua aposentadoria e de sua crise depressiva.

506- É que agora é o final né.

507- É isso. Você se importa de vir outro dia?

508- Não, não...

509- Vamos fazer uma nova entrevista então.

510- Vamos sim. Quero contar como eu trabalhei. Quero falar de quando houve a greve, de noventa dias, uma greve legal pra caramba (risos). Ai eu fui ser ativista político né.

511- Ah, você? Eu quero saber dessa história direito. Mas eu quero voltar a conversar nisso com você com mais detalhes. Quero que você me fale um pouco também das suas questões depressivas, como é que ela aconteceu, pra gente poder fechar nossa conversa. Eu acredito que mais duas horas dá pra gente acabar.

512- Acho que sim.

513- Eu quero agradecer você, desejar a você um final de semana legal que nós vamos marcar agora.

514- Tá bom.

515- Tá bom? Muito obrigado.

516- Então ta.

(Continuação Dia vinte de fevereiro. Houve um desencontro pela falta de energia que houve um dia. O Cartilo não compareceu, mas me ligou e entrevista foi na semana seguinte.)

517- Quer dizer, Carlos, que você veio e ficou aí, não teve energia. Também esperei um pouco e imaginei que você tinha se atrapalhado lá com seus exames.

518- É, então eu fiquei esperando, esperando ela decidir o que ia fazer né, ela disse, “ah, fica aí mais uma meia hora que vai vem a luz, né.” Aí ficamos lá...

519- E aí quando falta assim atrapalha a agenda tudo porque aí a gente tem que remarcar...

520- Tem que remarcar tudo, outra fila.

521- Ficou pra quando o seu exame?

522- Ficou pra semana que vem agora.

523- Semana que vem.

524- É, terça feira que vem.

525- Eles deve ter encaixado você num...

526- É, encaixou num dia lá.

- 527- E você almoçou?
- 528- Almocei.
- 529- Almoçou né, porque saco vazio não para de pé né.
- 530- Ah, aí já...
- 531- E como é que você passou de ontem? Você trouxe, as fotografia que me disse?
- 532- Ta aqui. É lá do Vila Nova. É este aqui?
- 533- É esse aqui?
- 534- É.
- 535- Nossa, cara, que cara bonito ein?
- 536- É, ele é um cara bem apanhado.
- 537- Nossa! Você caprichou, heim Carlos!
- 538- É. meu nome tá aí na tua frente.(*mostra-me um revista da UCLA, onde seu filho jogava*)
Daqui da pra falar né que ela tá, jogou no Palmeiras, no Tênis né. Ele tava bem, ele tava, nossa muito bem” Aí ele tava com que? Tava com dezoito, dezenove anos. Mas, infelizmente.
- 539- Mas é assim mesmo, não é Carlos, a gente deseja uma coisa e o caminho... (*Carlos já havia me contado a história deste filho que foi estudar nos Estados Unidos e jogar Basquete, mas que não aproveitou a oportunidade e que isto tinha deixado ele chateado*) tem mais alguma coisa dele ?
- 540- Não.
- 541- Ah, deixa eu ver aqui. Pô, o cara era massa bruta, hein?
- 542- É, ele era forte, era massa.
- 543- Você tinha alguém alto na família assim, quem foi ?
- 544- É, meu sogro era alto né.
- 545- Seu sogro né.
- 546- Meu sogro era alto e tinha um tio também que também era alto.
- 547- Mas você, você não é baixo, mas também não é alto. Ele ficou o que, dois metros e dez ?
- 548- Dois metros e oito. A minha mulher é alta né, minha mulher tem né, minha mulher tem um e oitenta e cinco.
- 549- Mas de toda forma Carlos, agora o importante é que ele tá buscando o caminho dele...
- 550- É, o caminho dele....tá trabalhando, dando aula de inglês.É, nós só encaminhamos. Agora, como ele não quis aproveitar a chance, agora ele vai caminhar sozinho, não tenho mais o que fazer pra ele. O que tinha que fazer eu já fiz. Só não fiz mais porque não foi possível, então...
- 551- Você foi até no limite que você podia fazer.
- 552- É tava no meu limite. Então eu fiz né. Encaminhei, levei ele pra jogar, ensinei como que joga. Eu também jogo um pouco de basquete, então ensinei como que joga e tal e falei: agora ele vai encaminhar, só que eu não tinha tempo de ficar, de ficar na, atrás dele né.
- 553- Na cola dele.
- 554- Ensinando, tal. Falei, bom, aqui você tá em casa porque era pertinho né, ficava na porta do estádio da Ponte. Era *pontepretano* e eles iam jogar boa lá. Ele vinha da escola e ia lá pra lá, sábado, domingo. Ele se adaptou bem no jogo, inclusive o pessoal gostava muito dele, ele foi do time da ponte, jogou pela Ponte, mas a Ponte não tinha cacife pra segurar ele.
- 555- Mas também Carlos a vida de esportista é muito rápida né.
- 556- É, ela é rápida.
- 557- Que idade ele tem hoje?
- 558- Ele tá com trinta e sete anos.
- 559- Trinta e sete, já estaria velho né, já seria um jogador velho né pra futebol, são poucos que chegam aos quarenta, tal...

- 560- É. Ele ficou dez anos lá, nos Estados Unidos, na Universidade de Utah, dez anos. No basquete o sujeito tem que ter um regime rigoroso, é quase igual ao boxe né? Você pode ver o Oscar não para, é comida balanceada, sem muita farra e sempre treinando, vinte e quatro horas por dia. Você tem que treinar vinte e quatro horas por dia porque nunca é perfeito.
- 561- Também ele saiu muito moço do Brasil né.
- 562- É, ele saiu, ele era moleção.
- 563- Porque se você mais ou menos comparar né, quando você saiu de Itabuna e veio pra Campinas seria mais ou menos como ele saiu de Campinas e foi pros Estados Unidos, com uma diferença, aqui, bem ou mal, você tinha os pais que te seguravam.
- 564- E lá não, ele tava sozinho.
- 565- Naturalmente com dinheiro na mão.
- 566- É, dinheiro, o dinheiro até que não foi tanto problema. Tinha um rapaz que orientava ele, um colega dele, mas só que faltou outras coisas para ele. Faltou o ambiente familiar.
- 567- Naquela época você trabalhava (nome da instituição)?
- 568- É, foi quando eu comecei a trabalhar aqui ele foi pra lá.
- 569- Você trabalhou aqui quantos anos?
- 570- Eu trabalhei desde oitenta e..., oitenta e oito, oitenta e oito...
- 571- Oitenta até a sua aposentadoria que foi...
- 572- Em noventa e cinco, noventa e seis.
- 573- E por que você se aposentou?
- 574- Então porque já tinha dado tempo né. Até que eu falei, começou aquele negócio do governo de mudar a lei, o governo começou a mudar na lei da aposentadoria, eu falei: antes de perder meus direitos, pois cada um dizia uma coisa, em falei: eu vou aposentar! Já tinha ultrapassado já minha... Porque antigamente quando você passava da sua época, trinta e cinco anos eles continuavam recolhendo o desconto e depois quando eles aposentavam devolviam. Eu tinha quase quarenta anos de tempo de serviço.
- 575- Devolvia pra você ?
- 576- É, antigamente..., um tempo atrás já trinta e cinco anos já aposentava, se você passasse deste período o que você contribuía era devolvido.
- 577- Ah é ?
- 578- Era. Tinha o retroativo. Era Assim, quando eu voltava a trabalhar e parava de novo, recebia de volta o que paguei. Pois já era aposentado.
- 579- Eu não sabia disso.
- 580- É, aí depois cortou isso aí. A reforma da previdência cortou isto. É, foi nesse período que começou a cortar, mudar, essas mudanças que deixava a gente com receio de perder tudo. Começou com essas mudanças de cortar a lei, cortar, cortar, quando eu fui ver eu tava com trinta e oito, trinta e oito anos. Tinha passado três. Eu falei: esses três anos? Eles falaram: “ah, agora você perdeu, esses três anos seu já era, a lei mudou.” Tudo bem né, aí eu falei: vou aposentar porque se não acabo perdendo meus outros direitos! E tinha razão. Você vê, complicou porque agora é sessenta e cinco, sessenta e cinco anos de idade para se aposentar... mesmo que se tenha começado criança como eu...É, tem que trabalhar dobrado agora.
- 581- Você se aposentou com quantos anos ?
- 582- Me aposentei com cinquenta e quatro. Trabalhei mais três anos depois de aposentado. Hoje eu tô com cinquenta e sete.
- 583- Você aposentou, mas não foi embora, ficou aqui, com outro contrato?
- 584- Fui contratado imediatamente. Eu nem fui mandado embora.
- 585- Ah tá bom. Depois da aposentadoria outro contrato ?

- 586- Não, nada, fiquei como empregado mesmo. Só recebia o dinheiro, mas não deu baixa em carteira nada. Foi só continuar, por isso que meu contrato deu confusão e tá dando confusão agora porque eles não deu baixa e me recontratou, mas não escreveu no contrato.
- 587- Então o contrato velho é que vale?
- 588- É, eu acho isto. Mas só que a reitoria já acha que não.
- 589- Na verdade não vale!
- 590- Na verdade teria que ser mandado embora. Mas eu só precisava de minha renda, queria continuar a trabalhar. Depois tava aquela confusão toda de aposenta, não aposenta. Parecia que o estado queria que a gente aposentasse. Então eu me aposentei, mas eles “não ,você continua aqui, não tem problema!”
- 591- Você tá litigiando com a Universidade, não ?
- 592- Tô. Tô, porque ela não decidiu décimo terceiro, abono breve, cinquenta por cento, também o tempo de serviço, eles não pagaram os meus direitos.
- 593- Tá bem, entendi.
- 594- Não pagaram. Depois que me aposentei eles me contrataram de novo. Ai eu fiquei trabalhando. Devido a época governo do Estado disse: “aposentado não vai trabalhar mais”! Ai me mandaram embora e não me pagaram nada. Disseram que não tinha direito, pois já era aposentado. Então, mas só que tinha o sindicato que entrou na briga e falou: “não o governo não tem nada a ver com isso, aí quem depende, porque estatutário depende da Universidade”. Aí o diretor achou que ele podia mandar embora pra enxugar a máquina, não sei o que, tal, tal, tal.
- 595- Então quer dizer que de um dia pro outro você chegou e não tinha trabalho mais.
- 596- Foi isto. Não podia entrar, mas, não..
- 597- Não podia pegar trabalho.
- 598- Não tinha mais cartão, sem cartão não é possível...
- 599- Você foi avisado com antecedência, não ?
- 600- Fui avisado. Uns três dias antes, veio a cartinha pra comparecer no DGRH, levar carteira pra dar baixa e tava aposentado. Aí eu falei: e os direitos? Falaram: “não, você não tem direito mais nenhum, você já recebeu”. Eu falei, não e o aviso prévio, décimo terceiro. Daqui eu não recebi aviso prévio nem o décimo terceiro né. Eu não fiz o desligamento da firma. O meu contrato tava lá, tava aberto lá.
- 601- Então três dias antes você ficou sabendo. Daí a três dias você não pode mais trabalhar naquilo que você trabalhava. E como é que foi isso pra você, foi difícil Carlos? Eu queria que você falasse, contasse pra mim um pouco como é eu foi isso, que aconteceu...
- 602- No começou eu até falei: bom, não quer não quer! Eu não vou implorar pra trabalhar né, acha que não precisa mais eu vou embora, porque já que não tem cartão, assim não vai trabalhar, já que não quer a gente também não vai obrigar. Mas ai eu pensei e os meus direitos? “Não, o direito seu é só o que você recebeu” Falei: e o aviso prévio, décimo terceiro, os cinquenta por cento que eles tem que pagar de indenização?
- 603- Você era CLT?
- 604- CLT. Cinquenta por cento de multa, né, sobre o fundo, no aviso prévio... Aí o sindicato pegou e foi lá na justiça, aí advogado chegou e falou: “não, o senhor tem seus direitos”. Nós ganhamos, tá correndo, pra pagar tá correndo. Dá pra comprar um carrinho.
- 605- Então Carlos nem tudo tá perdido né.
- 606- Mas isso aí vai demorar, vai saber quando vai sair né, isso aí vai demorar anos. Então, até que chegou uma época que bateu aquele desespero né, porque aí não tinha trabalho, não tinha o que fazer. Acordava e não podia trabalhar. Tinha trabalhado a vida inteira. Ai minha mulher falou assim: “leva currículo, leva currículo” e tal. Aí eu fiz um monte de currículo e saí entregando

currículo até que uma hora bati numa porta e a entrevistadora me falou: “mas o senhor é aposentado, não sei o que... aposentou há pouco tempo!” Eu falei: eu tenho que trabalhar, tô aposentado, mas não tô aleijado. E ela: “é, mas tem muita gente aí que não é, serviço tá difícil você tá com cinquenta e poucos anos...” Aí bateu ...Putá merda, não tinha pensando nisto.

606 Mas isso aí vai demorar, vai saber quando vai sair né, isso aí vai demorar anos. Então, até que chegou uma época que bateu aquele desespero né, porque aí não tinha trabalho, não tinha o que fazer. Acordava e não podia trabalhar. Tinha trabalhado a vida inteira. Ai minha mulher falou assim: “leva currículo, leva currículo” e tal. Aí eu fiz um monte de currículo e saí entregando currículo até que uma hora bati numa porta e a entrevistadora me falou: “mas o senhor é aposentado, não sei o que... aposentou há pouco tempo!” Eu falei: eu tenho que trabalhar, tô aposentado, mas não tô aleijado. E ela: “é, mas tem muita gente aí que não é, serviço tá difícil você tá com cinquenta e poucos anos...” Aí bateu...Putá merda, não tinha pensando nisto.

607- O que significou isto?

608- Que tava fora...que já era.... Foi aí que bateu aquele negócio, aquela tristeza. A mulher fala pra mim: “é, precisa trabalhar, você não sai você não procura”. Falei: como? Não é culpa minha que eu tô em casa, eu tô parado porque não tem serviço, não acho, ninguém quer, quer que eu faço o quê? Terça feira eu saí, dar uma volta, tava lá na agência vendo no jornal o que tinha de emprego na minha especialização, eletricitista, furador, mecânico: “ah, deixa o currículo aí!”. Mas chamar que é bom mesmo..! Sabe, cheguei numa época assim, vou ter que ajudar a velhinha a lavar roupa mesmo, não tem jeito. Me sinto uma merda quando chega terça feira e é o dia de fazer a faxina geral no banheiro. Fico triste quando me vejo de escova na mão, trepado na escada, limpando as juntas dos ladrilho, como minha nova obrigação pois agora tenho tempo e tenho que ajudar a véia la em casa”. Daí, é o que eu tô até hoje, então vou tentar me adaptar... vamos ver até quando... Não tenho mais opção. O que que eu vou fazer?. A não ser que seja alguém, algum amigo que tenha algum emprego e fale: “Carlitão, preciso de ajuda pra pintar...” Tá tudo bem, vamos lá! Meu cunhado, aí meu cunhado também não tinha serviço, então não leva nada, eu trabalhei com ele um dia inteiro desde as cinco amanhã. Sabe o que é você andar o dia inteiro com fome pra ganhar cinco merréis? Não compensa né... Então porque bateu aquele negócio e as brigaiada em casa...a mulher falando, falando, deu aquele negócio dentro de mim. Falei: vou esperar a morte mesmo, não tem jeito, tem que esperar a morte! (risos)

608 Que tava fora... que já era.... Foi aí que bateu aquele negócio, aquela tristeza. A mulher fala pra mim: “é, precisa trabalhar, você não sai você não procura”. Falei: como? Não é culpa minha que eu tô em casa, eu tô parado porque não tem serviço, não acho, ninguém quer, quer que eu faço o quê? Terça feira eu saí, dar uma volta, tava lá na agência vendo no jornal o que tinha de emprego na minha especialização, eletricitista, furador, mecânico: “ah, deixa o currículo aí!”. Mas chamar que é bom mesmo..!Sabe, cheguei numa época assim, vou ter que ajudar a velhinha a lavar roupa mesmo, não tem jeito. Daí, é o que eu tô até hoje, então vou tentar me adaptar... vamos ver até quando... Não tenho mais opção. O que que eu vou fazer?. A não ser que seja alguém, algum amigo que tenha algum emprego e fale: “Carlitão, preciso de ajuda pra pintar...” Tá tudo bem, vamos lá! Meu cunhado, aí meu cunhado também não tinha serviço, então não leva nada, eu trabalhei com ele um dia inteiro desde as cinco amanhã. Sabe o que é você andar o dia inteiro com fome pra ganhar cinco merréis? Não compensa né... Então porque bateu aquele negócio e as brigaiada em casa...a mulher falando, falando, deu aquele negócio dentro de mim. Falei: vou esperar a morte mesmo, não tem jeito, tem que esperar a morte! (risos)

609- A gente ri, mas é sério.

610- É sério. A gente ri porque tem, tem que rir. Se não rir vai fazer o que da vida? Fala pra mim, quando os caras diziam: você tá velho, não tá mais forte pra trabalhar, vai descansar. Aí você fica cara pra baixo, bate aquela coisa e você para e pensa. Eu sou o pior, dois braços bons, as pernas fortes, mas que adianta. E sabe, meu pai, desde pequeno....sempre me dizia: tem que trabalhar. O homem precisa trabalhar e eu não consigo. Procuro, me ficam enchendo a cabeça, falando nos ouvidos: “tem que procurar, sair, ver..Sabe, eu...”

611- Você, fisicamente você tá muito bem.

612- Tô bem, se tivesse doente né tudo bem até eu podia não fazer nada, mas o problema é que to bem..

613- As pessoas que encontram com você pela rua assim pensa que você tem quarenta anos, quarenta e poucos anos.

614- Eles falam assim: “o Carlos não mudou nada, é a mesma coisa. Mas vai fazer o que, ninguém sabe o que to passando. É terrível não poder trabalhar..614 - Eles falam assim: “o Carlos não mudou nada, é a mesma coisa. Mas vai fazer o que, ninguém sabe o que to passando. É terrível não poder trabalhar

615- E isso mexeu com a sua cabeça, como foi, como foi isso ?

616- Bateu, bateu aquele desespero né. O que eu vou fazer na vida? Vou sair pra rua andar que nem bobo? Porque é aquele negócio, se a gente..., que nem eu falei, a gente tem aquela amizade, toda a semana sai jogar bola... Tinha um colega meu não vai mais jogar bola, ele não tem mais esse hobby! Joga bola quando dá tempo, às vezes quando alguém convida: “ô, vamos bater uma bolinha”? Vamos! Meu cunhado fala assim: “ainda bem que você não bebe, porque já pensou você ficar no bar o dia inteiro bebendo?” Ia morrer. Então eu fico lá, na porta, na porta da sala. Televisão já enjoei de ver televisão, então nem ligo mais. Já pensou passar o dia deitado vendo televisão? Então devagarzinho, depois que eu comecei a conversar com o pessoal aqui do ambulatório e aí começou a ficar bom, aí eu comecei a melhorar. Falei: ah, não vou esquentar a cabeça não, vamos, deixa rolar, vamos ver o que vai dar. Eu vou aqui na manutenção, vou no vizinho, lavo minha roupa, ajudo em casa. . Hoje mesmo lavei roupa e tal né, eu tinha que vir pra cá, acordei era seis horas, acordei as cinco horas...

617- Sei. Também ajudo em casa...

618- Acordei cinco horas, fiz o café da minha mulher e tal, dei o café pra ela. Cortei o mamão, dei o mamão pra ela, ela tomou o café, saiu. Ai eu falei: ah, hoje eu vou no Hospital da Unicamp porque eu tenho, tenho exame. Ah avisa o fulano aí...Então eu fui pro tanque, seis horas eu já fui pro tanque, nove e meia eu acabei né, aí eu falei pro Manuel, falei: oh, eu vou pra Unicamp que eu tenho um exame pra fazer e depois eu tenho a entrevista lá. “Ah, tudo bem!”

619- Ele sabe que você tá participando dessa pesquisa?

620- Sabe, eu falei pra ele, eu mostrei pra ele.

621- Ah é, o termo do contrato né?

622- Eu mostrei pra ele, ele falou: “tudo bem, tal”

623- Carlos, você havia me dito numa fala anterior que essa questão te deixou desarvorado e que você começou a questionar algumas coisas em você e bateu uma depressão durante muito tempo, como é que foi isso?

624- É difícil explicar né porque a depressão é uma coisa que vem assim né...Às vezes você senta, você não tem o que fazer, porque eu não tenho o hábito muito de ler. Então você vê a mulher falando pra você, “ô, precisa trabalhar, ô, não sei que, ô...”! Aí você bate aquele negócio assim, você pensa: mas o que eu vou fazer? O que eu faço pra melhorar? Você quer melhorar, você quer ter controle, você que é acostumado ao batente, a fazer, correr de manhã até de tarde, aí você quer fazer alguma coisa aí...mas. Outro dia mesmo eu tava arrumando as coisas lá em casa. Ai

queimou o chuveiro. Mais que depressa falei: bom, eu vou arrumar esse chuveiro, né. Ai minha mulher pegou o chuveiro, jogou fora e comprou outro novo. . Eu falei pra ela: antes, antes eu arrumava o chuveiro, agora você joga fora, eu não sirvo pra mais nada! Então aquilo dela jogar o chuveiro fora, aquilo já me deprimiu demais. Pareci que fui jogado junto, que eu não servia mais. Falei: eu não sirvo pra mais nada né? Foi aonde que eu pensei: podia fazer manutenção de aparelhos eletrodomésticos. Eu pensava nisto. Mas com aquilo do chuveiro fiquei pensando: se eu for fazer uma oficina de consertos, de reparos, não vou ter cliente, vou ficar a mesma coisa porque a mulher jogou o chuveiro fora, foi na loja e comprou um outro novo por dezesseis reais. Quanto ficara uma mão de obra para arruma um estragado? Quanto? Não tem, você vê ficou tudo, ficou tudo... como é que se diz ? Você não tem mais condições de homem fazer consertos. Antigamente eu tinha pegava uma enceradeira, um liquidificador, eu consertava...

625- Eram caros né.

626- Eram caros. Hoje você com uns trinta merréis você compra um ventilador, trinta reais né, então...

627- As vezes não compensa...

628- Outro dia mesmo quebrou ventilador e jogaram fora. Eu falei, mas o motor tá bom é só a hélice quebrada: “que nada, compra outro!” E comprou, trinta reais. Quer dizer vou montar uma oficina pra que? Então você sentiu que você perdeu o espaço, eu não tenho mais espaço, a tecnologia avançou muito e que deixa a gente de fora. Então aquilo te deprime, você fala: pô eu sou um mecânico, mas para que? Agora é época de informática, será que eu consigo aprender alguma coisa no computador? A gente pode tentar né, fazer alguma coisa e trabalhar, pegar serviço em casa. Ali perto de casa mesmo tem um SENAC né... eu posso aprender a fazer computação e fazer texto né, fazer texto e tal. Posso fazer texto né, cinqüenta centavos, vinte centavos a folha e é um dinheirinho a mais, eu tava pensando nisso aí. Outro dia eu vi na, eu vi no murinho lá do Largo do Rosário, nego escreveu assim: faça serviço de, em casa, de digitação, aí ganha até seiscentos reais e tal. É uma boa né, digitação. E outra, mesmo que você trabalhar, pra você trabalhar de ajudante de caminhão, carregar e coisa, você precisa de computação, o cara pede primeiro grau completo e computação.

629- Ah é ?

630- É.

631- Pra ajudante de caminhão?

632- A carregar caminhão, transporte de carga, carregar caminhão, essas coisa...Porque tá tudo informatizado. Você já vai..., você digita lá que tá levando né e o, a máquina passa no computador. Você pode ver, precisa de ajudante de caminhão, mas com digitação!

633- Engraçado...

634- Então pois é! Você vai lá, você essas coisas..., ajudante de caminhão, mas pô, ajudante de caminhão precisa de computação, falei: ah, mais agora? Ajudante de estoque ele tem que aprender computação, segundo grau completo e digitação, porque tudo que vai no estoque. Um colega meu que trabalha na (.....) , lá na engenharia, ele vai lá, você pede uma peça: “que numero que é ?” Aí você dá o número pra ele olha no computador e aí vai ver aonde tá a peça. Antes não, antes: oh, dá essa peça pra mim? Ele ia lá... e procurava pra caramba, voltava e falava: “você sabe que peça que é?”, perguntava. Quantas vezes eu ia lá: oh, dá uma peça? “Vai lá, pega lá, vai! Aí ia lá, pegava, luva.... Agora não. A gora você nem entra lá dentro. E outra, se você não souber o código, você nem pega, você nem sabe, pois o computador não localiza. Porque, tem muitos colegas meus que trabalham aí eles sofrem com isto pois tem gente, sabe,que não consegue ler direito.

635- Mesmo pra fazer coisas operacionais, precisa

- 636- Operacionais.
- 637- Porque trocar um registro é operacional, não tem muito treino né.
- 638- Mas agora tem que tirar e colocar a peça, mas registrar o número dele, você sabe? Aí o cara não sabe o número: “oh, eu quero um três quartos!” Mas que código é?” Aí, não sabe se é um três quartos com aplique de bronze, tem acabamento de bronze, acabamento bruto, acabamento torneado, então tudo isso os negos não sabem agora. Então teve uma vez que um colega meu falou: “Carlitão, esse como é que é, assento de bronze, assento teflon?” Aí eu falei: oh, Paulão, olha o código aqui e consulte lá...Mas que código? O cara não sabe nem escrever.
- 639- Então a atividade de um mecânico hoje é mais complicada?
- 640- O que tá complicando é você saber pegar a peça, saber pedir a peça, isso que tá complicando. Exige um outro tipo de conhecimento. Por isso que o desenho ajuda. Você vai lá, desenho mecânico no SENAI, ou o equivalente..., tudo agora tem que saber, entendeu ? Informatizado, você tá com um desenho na mão e você tem que saber, entendeu como é que é, tem que ser assim. A Universidade antes não abria né para as pessoas estudarem. Agora a Universidade abriu um espaço, tem que estudar. Mas casa de ferreiro, espeto de pau... risos.
- 641- Na hora de trabalho ?
- 642- Na hora de trabalho. E antes não podia. porque antes tinha que estudar fora do horário de trabalho. Quando eu estudei lá embaixo no básico eu vinha aqui oito horas, das oito ao meio dia, aí meio dia eu almoçava e vinha trabalhar. E pra aproveitar cedo eu vinha...
- 643- Era muito mais, muito mais puxado pra você, se você quisesse estudar você tinha que...
- 644- Agora não. Agora a (instituição) te obriga a estudar, se você não estudar você vai embora. Porque não tem mais aquele espaço de você subir degrau aqui dentro se você não fizer algum curso, alguma coisa. Tudo muda muito rápido na área da manutenção...e em outras áreas. Antigamente era tudo na base do papo né: “ah, fulano trabalha bem, tal, dá dois pontos, três pontos pra ele” . Por isso tem muita gente aí que hoje em dia não sabe nada.
- 645- Mas também tem diminuído o número de pessoas para execução da trabalho na sua área, não tem ?
- 646- Tem.
- 647- Por que que você acha que tem diminuído?
- 648- Justamente por causa disso né: o estudo. Hoje mesmo um colega me falou que mandou quatro embora. Os quatro que mandou embora já não tinha estudo nenhum, mudou um do, dois da elétrica e mandou um outro rapaz.
- 649- Carlos, nós falamos um pouco, lembra, sobre escola, lembra, sua escola primária, sua vinda pra cá, o estudo seu lá no
- 650- Dom Bosco.
- 651- Dom Bosco.
- 652- No SENAI também.
- 653- E depois o...
- 654- O Dom Barreto.
- 655- Dom Barreto é, Dom Barreto primeiro, depois Dom Bosco, depois você fez no SENAI
- 656- Fiz no SENAI.
- 657- Você acha que essa escola que você freqüentou ela preparou você para o trabalho ?
- 658- Ah, eu acho que preparou, acho que preparou. Eu acho sim porque o ensino antigamente, o fundamental, né, foi muito bem, foi muito bem elaborado, entendeu. Porque ali a gente aprendeu a como caminhar, que nem eu falei. Hoje em dia eles te dão esse livro aqui e fala vai completando. Ai eles davam pra você um quadro e você tem que chegar e decompor aquele quadro, fazer uma

descrição, um ditado. Hoje em dia você não vê mais criança fazer ditado né, professor hoje não dá ditado. Na época tinha que fazer ditado e você corrigia os erros e...

659- E era bom né.

660- Tem que saber escrever mesmo, saber ponto, vírgula, traço. Hoje em dia não, hoje em dia você não vê aluno fazer um ditado né, nego escreve errado adoidado aí, você não entende. A caligrafia, você não vê um aluno fazer caligrafia. Antigamente você tinha que fazer a caligrafia. Era bem puxado, letra maiúscula, letra minúscula né e a maiúscula sobe, a minúscula desce.

661- Você vê, percebe alguma relação entre a escola, a forma como o professor se comportava e o seu trabalho, especialmente quando você tava na linha de montagem lá da..., você vê alguma semelhança ?

662- De montagem como? Em relação ao trabalho na escola? ?

663- Na escola, é.

664- Não, eu acho que a semelhança é muito relativa, né, porque faz tempo que eu não estudo, eu não sei mais como que tá, porque agora que tá diferente né.

665- Não, não, não, Quando você estava na escola, aprendendo, trabalhando, fazendo as suas coisas, fazendo exercícios, aprendendo a desenhar a sua letra, né, logo em seguida você foi trabalhar como mecânico em grandes empresas e tal. Existia alguma semelhança entre a linha de montagem, a fábrica e a escola ?

666- Existia, porque uma andava muito junta com a outra né. A escola, que nem, por exemplo, a profissionalizante, o SENAI era junto com a firma. A gente estudava para o trabalho E a escola Arquimedes você se formava, formava para trabalhar. Tinha muito colega meu que não trabalhava porque tinha que estudar mecânica pra trabalhar. Então acho que tem relação a escola com o trabalho e um faz o outro. A escola leva você pra mecânica, ensina você, treina o cara e leva ele pra firma, entendeu? E hoje em dia, você pode ver. Meu filho, eu tiro uma base pelo meu filho, meu filho, enfermeiro. Depois que ele se formou ele tem serviço adoidado. Foi bem formado numa escola boa, rigorosa. Você vê, ele se formou, ele fez a colação de grau pra dar aula, professor, aí que aconteceu? Ele acabou de formar professor e foi da aula lá em Monte Mor. Tinha um curso, tinha uma escola de enfermagem, chamaram ele pra dar aula lá, ele foi dar aula lá. Até eu precisa levar ele, tal, porque ia de carro. Ajudava meu filho, pegava ele seis horas, chegava lá na escola. Aí depois ele saiu do centro médico e ficou no Samaritano, aí do Samaritano ele já arrumou pra ser professor do Objetivo. Eles fizeram um cursinho de enfermagem e ele foi ser professor. De professor foi que ele pulou pra coordenador, quer dizer, ele tá sempre assim crescendo. Você vê que a escola e trabalho é relativo, pois a escola leva você pro trabalho, é muito importante. A escola prepara você para o trabalho. Que nem eu, por exemplo, se eu não parasse no tempo, porque eu parei no tempo, não estudei mais, não fiz mais nenhum curso. Quando fiquei desempregado, isso que me deprimiu mais. Quando eu cheguei lá que tinha um aviso, preciso de mecânico, mas preciso de informática, mecânico, mas tem que saber computação. Falei: nossa, que que eu vou fazer? Falei: eu tenho computador em casa e se eu aprendesse? Se fosse lá, aprender computação? Porque o outro como tá fazendo faculdade de jornalismo ele tem que saber computação né, tem que fazer trabalho e pesquisa. Então o computador ajuda muito a pessoa, porque hoje em dia se você não tiver um computador pro seu filho estudar, você tá ferrado, você vai sofrer muito! Hoje mesmo, hoje mesmo, meu filho chega em casa, você pensa que ele vai dormir? Vai nada, ele pega ali o computador e vai fazer pesquisa no computador, vai pegar material de enfermagem, vai pegar coisas do jornalismo, tal, entendeu...

667- Seu filho tá em formação né.

668- Tá em formação. Estuda jornalismo e ele comprou um computador. Inclusive uma colega dele veio em casa pra fazer pesquisa porque ela não tinha. Então uma coisa empurra a outra, se eu

tivesse estudado poderia até ter mais chance né? Mas não sei trabalhar no computador. Então, quer dizer, é uma coisa que tem que pensar como é que eu vou fazer daqui pra frente. Então isso que tá deixando eu mais sossegado entendeu? **A gente conversando assim, trocando idéias, vocês me falando, é uma boa e tal, então isso vai ajudando a gente a ver melhor as coisas. . Eu entrei em contato com você e aí uma coisa puxa a outra e a gente vai clareando.**

669- Acho que as coisas não acontecem por acaso né, não foi a toa que encaminharam você pra psiquiatria ?

670- **Foi minha mulher, que não me agüentava mais, ela não agüentava mais (risos) entendeu? Ela falou assim: “você tá doente, eu vou mandar você pra psiquiatria que você tá ficando louco.” Falei: ah, você tá ficando boba, acha que eu sou louco ? Aí eu comecei a conversar...**

671- A médica que atendeu lá você foi a...

672- A Alessandra.

673- Alessandra. Ela falou que você não tinha absolutamente nada físico, tanto é que nem remédio ela quis dar pra você.

674- **É. Minha mulher: “não te deu remédio?” Não, não deu remédio nenhum, ficamos só conversando.**

675- Porque na realidade o seu estado depressivo não é uma coisa física. Era algo que você precisava ser trabalhada internamente por você... face a sua aposentadoria, sua nova fase de vida..

676- É, como que eu ia conviver com isso aí? Como ia refazer minhas coisas?

677- O Carlos, voltando aqui, quando você diz que a escola preparou para o trabalho, se a sua escola tivesse te ensinado coisas diferentes, outras coisas pra você, isso teria te ajudando hoje?

678- Bom, aí é relativo né, porque não sei se..., mas em muitos aspectos até poderia ser, não sei. Porque minha idéia...

679- Esporte, dança, teatro, artes essas coisa todas.

680- **A minha idéia era... Com esporte até sim, poderia ter ido jogar ou fazer um curso de preparação de educação física né, ter estudado mais e tal. Se eu fosse de melhor situação poderia fazer um curso de educação física né, poderia me preparar pro... Acho que aconteceu o seguinte, eu não me preparei pra essa fase minha. Achei que podia trabalhar a vida inteira. A vida inteira, isso foi o problema, entendeu. Por isso que eu falei, quando eu caí na aposentadoria eu fiquei perdido.**

681- Porque você só sabia fazer aquilo.

682- Só aquilo, só aquilo. Era em casa, o que eu falei, em casa do serviço, do serviço em casa. Domingo às vezes que a gente saía, ia num amigo, ia comer um, churrasco e tal.

683- Mas isso você continua fazendo sem problemas né.

684- **Sem problema né. Esse domingo mesmo eu fui na casa do meu filho lá e nós comemos um churrasquinho lá na boa, sossegado, tomando uma cervejinha e tal. Mas, na realidade é que eu estacionei né, falei, eu vou trabalhar aqui, tô na (.....), eu vou ficar aqui até morrer né, a (.....) não manda embora, mas tem um detalhe, eu aposentei, aposentei e tava correndo o risco de qualquer hora...**

685- Mas a (.....) podia numa determinada hora mandar você embora, aposentar você compulsoriamente.

686- **É. Então, aí, a realidade foi essa né, eu parei no tempo e fiquei, eu não me preparei pra minha velhice, isso que faltou pra mim.**

687- Também a escola nunca disse pra você que você ia ficar velho.

688- Eu fui e parei quando bem entendia né.

689- Ela disse pra você assim, você acha que ela disse, não abertante, diretamente, mas indiretamente que você tinha que trabalhar e só trabalhar...

690- Não, ela me falou pra fazer aquilo até o meu limite. Não fui além do meu limite, ela falou: “o seu limite é esse”. Aí é outra coisa, bom, então aqui tá bom, já tô preparado.

691- Mas também não se preocupou de você fazer alguma coisa depois que...

692- Ela falou: “seu limite é esse”! Mas tem além do seu limite né, vai buscar uma coisa além. Falei: pô, eu tô com os filhos criados, tudo formado, casa eu tenho, meus filhos tão bem, então agora qualquer negócio os filhos vão me ajudar.

693- Não tem mais perda.

694- É, não tem mais perda. Quer dizer, aquela preocupação que eu tinha antes não tenho mais, eu sei que os meus filhos, qualquer negócio eles vão me ajudar, eles...

695- E você também, bem ou mal, tem sua aposentadoria.

696- Tenho minha aposentadoria.

697- Se você juntar a sua aposentadoria e o trabalho da sua mulher dá pra você viver, só você e ela.

698- A gente, quer dizer, que nem eu pensei, agora eu peguei um pouco de mordomia, isso é óbvio né.

699- Mas também gasta menos né.

700- É gasta menos. É que nem eu falei, se a gente sair dali daquela casa e morar um pouco mais longe, mas mais barato. Agora, ela sempre fala: “é, mas se a gente sair daqui nós vamos gastar mais porque não tem ônibus e não sei o que” é tudo relativo.

701- Mas também você não precisa dizer isso agora, preocupar...

702- Ah não, eu não tô preocupado com isso aí.

703- Porque também, por outro lado, você não tem mais a despesa com os filhos...

704- Então foi mais, foi isso, o que mais aconteceu foi isso aí... (*terminou a fita...*)

705- , mas aí...

706- Aí então eu falei, meu limite é esse aqui, eu deveria ter ultrapassado né, ela me levou até ali, mas depois o que aconteceu? Tudo criado meus filhos né, tudo encaminhado, graças a Deus, tudo trabalhando, e eu esperando uma vida melhor...

707- Mas isso é uma coisa que não acontece só com você né,? Você tem outros colegas aposentados na sua faixa de idade né ?

708- Tem, tem.

709- O que que aconteceu com eles, foi mais ou menos igual ao que aconteceu com você ?

710- Eu não vi mais, eu acho que sim, porque tem um colega que trabalhava com manutenção na engenharia, ele falou: “puxa, eu podia não ser mandado embora agora, minha filha vai pra faculdade e eu tenho que pagar a faculdade dela e não sei o que, isso é muito ruim”. Aí esse problema eu não tive e ele já tem. Mas ele já tem o currículo dele que é pra ele poder trabalhar... Quer dizer, eu não sei como que tá, porque eu nunca mais me encontrei com esse pessoal. Cada um foi pro seu canto, pro seu lado e a gente nunca mais se viu.

711- Tá bom Carlos, eu acho que a gente tem aí um material muito bom. Eu queria deixar em aberto pra você, se a gente precisasse esclarecer alguns dados, coletar algumas informações, se você quiser me contar alguma outra coisa que não ficou claro, a gente pode abrir aí outro dia sem problema nenhum. Eu vou passar as suas fitas agora, vou sentar no computador e passar ela, então isso aí deve dar mais ou menos umas cinqüenta folhas.

712- É ? Puxa...

713- Mais ou menos umas cinqüenta folhas porque são duas fitas cheia e mais esse pedacinho né. Então eu devo demorar uns quinze dias pra fazer isso. Fazendo isso eu quero marcar com você de novo pra gente ler o trabalho. Eu tiro duas cópias a gente lê junto e a gente conserta aqui e se for necessário a gente clareia algumas coisas.

- 714- Por em ordem né.
- 715- Você queria escolher um apelido pra você, um outro nome pra colocar no lugar do Carlos ?
- 716- Não.
- 717- Você entendeu ?
- 718- Entendi, mas eu...
- 719- Não escolheria?
- 720- Não tenho, os cara me chamavam de muito apelido né, agora no momento me fugiu da idéia.
- 721- Não, mas aí se você colocar um apelido que o pessoal te chamava aí vão identificar você.
- 722- Ah então, não sei, escolhe um aí.
- 723- Posso escolher um qualquer?
- 724- Pode, pode escolher.
- 725- Eu vou escolher um então e depois se você não concordar a gente troca. Aí a gente corrigi essas cópias, eu tiro uma cópia e dou uma cópia pra você e você guarda se você quiser.
- 726- Tudo bem.
- 727- Talvez seja pros filhos, eles não sabem algumas coisas de sua história, o que dirá os netos né. E se você verificar bem Carlos, se você parar e ler com atenção, você vai ter a oportunidade de ler a sua história né e você vai poder ver a sua caminhada. De um garoto pobre, lá no interior de Itabuna, que vem para um grande centro né e consegue trabalhar, se formar, criar os filhos, educar os filhos e tá aí firme e forte procurando trabalhos fazendo planos.
- 728- É.
- 729- Se você comparar a sua vida né hoje ao cinqüenta e poucos anos e sua vida aos quarenta anos e sua vida aos dez anos, por exemplo, talvez ela tenha mais liberdade, mas por tinha muito mais dificuldades né.
- 730- Ah tinha, tinha. O que era pior do que agora, trabalhar e estudar, trabalhar e estudar, não tinha aquilo de hoje eu não vou trabalhar.
- 731- E isso foi computado, não foi ninguém eu te deu. Foi você, com sua história, com suas espertezas, com a sua luta do dia a dia. É por isso que é bonita a sua história. Você quer me dizer mais alguma coisa ?
- 732- Não, acho que é só isso mesmo.
- 733- Eu quero agradecer-lhe muito essa oportunidade e quero dizer pra você que é um privilégio conviver com você, você é um cara muito legal. Ta bom?
- 734- Espero que eu tenha ajudado né aqui, a fazer uma boa pesquisa e que você faça, o que eu detalhei aqui seja de bom proveito. Fico muito contente de poder ajudar. Eu tenho as pessoas mais novas que vem atrás de mim possam aproveitar alguma coisa..
- 735- Acho que essa que é a função mesmo da sua história né, as pessoas que vem atrás de você, que imitem você. Você tá trabalhando comigo nessa pesquisa pra pode entender melhor a vida e poder melhorar a qualidade de vida das pessoas.
- 736- É porque a vida também não é tão difícil assim também né, tem altos e baixos, mas a gente vai tropeçando e chega, vai sobrevivendo.
- 737- Tá bem Carlos, muito obrigado então, muito obrigado mesmo.

DEPOIMENTO ESTER

1. Esther, bom dia, eu gostaria, conforme nós já discutimos e conforme nosso termo de compromisso, que você falasse um pouco sobre sua vida e como ela se deu e como ela vem se evoluindo de quando você se lembra até os dias de hoje. Pode falar da forma como você desejar, tá.
2. Eu com 18 anos, fiz um curso de enfermagem.
3. Não Lia, eu desgravei o pedaço anterior,³ por causa de um problemas com o gravador, então temos que começar tudo de novo
4. Há!...Tudo de novo! Então tá...Conforme eu lhe disse né, aos 11 anos fiquei sem pai e tive que ir trabalhar.
5. A onde é que você nasceu mesmo, você me disse que ..
6. Uruguaiana, em 1929. 10 de setembro de 1929. E eu estudava de manhã...
7. E seus pais eram como? Você morava na Fronteira não è?
8. Meu pai era argelino, de descendência francesa
9. E por isto seu nome ...
10. Minha mãe não era brasileira. Então nos éramos quatro irmãos. Então a primeira que foi escolhida para trabalhar fui eu . Era muito espoleta, queria andar por aqui por ali , sair cheretando como dizia... então eu fui trabalhar. Estudava de manhã e trabalhar a tarde. A noite também... depois fui ficando mocinha...
11. Mas você nasceu lá, você era mais velha, não?
12. Não, eu sou a do meio. A terceira.
13. E lá, como foi a sua infância antes de você passa a trabalhar?
14. A minha infância foi boa. Foi muito boa. Graças a Deus, tive uma infância boa. Meu pai militar, era tenente do exército. Então a gente tinha uma vida mais ou menos assim, né, Muito dentro do quartel. Nos levava muito no quartel. E tinha aquela vidinha né, estudar...
15. Você estudava numa escola lá em Uruguaiana.
16. Não. Ai já ...16 estudava em Porto Alegre. Lá meu pai não queria a gente confundisse o português com o espanhol. Ou bem um ou bem outro. Bom ai eu fui estudar em um bom colégio em Porto Alegre. Lá eu fiz o ginásio..
17. E que idade você tinha quando você mudou para porto alegre?
18. Eu tinha 4 anos.
19. Então era pequenina ainda
20. Era pequeninha ainda. Eu ainda me lembro . As coisas ficam gravadas né...E depois mais tarde quando eu tinha 18 anos....
21. Antes de você pular lá, vamos dar um exploradinha aqui nesta questão...A você mudou para Porto Alegre e foi fazer o primário em Porto Alegre...
22. Fui fazer o primário e depois o ginásio..
23. Isto numa escola pública? Numa escola...
24. Numa escola particular. Uma escola de freiras...e...
25. Conta um pouco destas lembranças, como é que era, como...
26. Eram freiras. Colégio de freiras, né. Freiras franciscanas muito enérgicas, alemãs, aquelas bem rígidas. Então meu pai né me colocou interna no colégio. Só saia Sábado para casa. Eu gostava. Gostava daquela vida de colégio. Nós gostávamos bastantes. Depois mais tarde..
27. Como era a rotina do colégio. Era muito dura, muito severa?

³ Houve um problema com o manuseio do gravador e tivemos que recomençar a entrevista.

28. Era muito severa.; De manhã, as 5 horas da manha tinha que levantar..
29. Isto mesmo em Porto Alegre com frio...
30. No frio, gelado. Levantava e já tomava o banho, o banho era quente, se vestir com o uniforme do colégio, se pentear e depois vinha freira ver se tudo estava em ordem. Ai nós íamos ao refeitório para o café. Ai tomava o café. Ai, as sete e meia ira para a escola. Ia para a aula né. E neste tempo a gente tinha que fazer tudo muito rápido por que ela exigia que agente não chegasse atrasado um ninuto. Mas o que me revoltava era o que eu tinha que levantar as 5 horas da manhã...rezar e depois tomar banho e se vestir. Isto me revoltou muito com freiras. Eu achava que aquilo não era bom para a criança, vamos dizer assim ...ser tão rígida assim. Depois..
31. Eram só meninas lá?
32. Só meninas.
33. Eram muitas?
34. Eram oitenta e tantas. E como tinha moças também que já estavam fazendo já o normal, então nós ficamos lá na sala fazendo os estudos. A gente brincava também neste horário. Depois as duas horas nós tínhamos que rezar novamente. Ficávamos até a quatro. ai íamos tomar lanche e voltamos novamente para a aula. As 6 horas, a gente subia de novo, tirava o uniforme, comia de novo e ia para o quarto. mas como era muito assim, rígida: não pode fazer isto, não pode fazer aquilo, não pode sair, não pode fazer nada. Então a gente ficou reprimida. Eu me sinto reprimida. De tudo eu tenho medo. Tenho medo de chegar num lugar assim ...fiquei com aquele trauma. Mas, foi assim. Depois que eu estava mocinha...
35. E você lá ficou quanto tempo, lá neste colégio? Você fez o primário todo lá?
36. Todo o primário lá. E ginásio também. Depois mais tarde. Depois eu voltei para casa a minha mãe estava tendo dificuldade em pagar uma escola cara para mim, ai eu fui para casa.
37. Esta Escola era paga?
38. Era paga e muita cara. Ai eu fui fazer um curso de enfermagem na Cruz Vermelha...Lá a gente era interna também . Ficava na própria escola. Mas como lá era gratuito né.. agente levava os uniformes...
39. Isto tudo em Porto Alegre?
40. Tudo em Porto Alegre. Bom..eu já trabalhava no hospital. Lá..
41. Que idade você tinha?
42. Tinha 20 anos...Ai veio uma ordem de quem estivesse trabalhando nos Hospital tinha que Ter curso de enfermagem. Se não seria rebaixado. Ou ira para a lavanderia ou para a cozinha ou limpeza. Por isto que fui fazer o curso de enfermagem. Dois anos, lá não se paga, tudo estava muito bom . Ai eu fiz o curso de enfermagem. Trabalhei depois que terminei o curso eu fui trabalhar no Hospital São Francisco que é um anexo da Santa Casa, em Porto Alegre. Lá eu trabalhei uns seis anos, mais ou menos. Neste seis anos eu trabalhava fora também. Eu fazia meu plantão, de 8 horas, naquele tempo era de 8 horas, depois tinha tempo sobrando eu trabalhei numa drogaria. Trabalhava na drogaria até oito nove horas, depois eu ira para casa.
43. O que você fazia lá hospital e o que você fazia na drogaria?
44. Na drogaria vendia no balcão e no hospital, como eu tinha curso de enfermagem eu fazia todo o serviço de enfermagem. Trabalhei no pronto socorro também. Lá não se podia nem olhar para o lado, Tanto o movimento. Era baleado, era esfaqueado, era todo o tipo de acidente...o movimento era bastante grande e outras vezes vem bêbados que a gente primeiro tinha que dar um banho para depois levar para o médico para o médico examinar...Assim trabalhei muitos anos. Eu não estava muito contente no hospital por que era muito corrido e pouco pessoal e muitas vezes tínhamos que passar do horário e não pagavam as horas extras, não é? Então eu achei melhor ficar na drogaria. Quando estava na drogaria ...

- 45 Ai você saiu do Hospital?
- 46 Ai sai do hospital. Bom, mas ai um laboratório fui fazer um enquete na praça para quem tinha mais aptidão de fazer um curso de farmácia que o laboratório dava de graça. Um curso de Farmácia. Eu fui uma das escolhidas ai foi quando eu fui para Ribeirão Preto fazer ...mais era muito resumido pois era uma ano só...
- 47 Mas você estava em Porto Alegre?
- 48 Estava em Porto Alegre.
- 49 Ai veio para Ribeirão Preto, aqui em São Paulo?
- 50 Aqui em São Paulo. Eu fiz esta viagem de Porto Alegre a Ribeirão Preto...
- 51 Isto em trinta, trinta e pouco..
- 52 Eu não me lembro mais...
- 53 Que idade você tinha?
- 54 Tinha uns 23 anos mais ou menos...
- 55 Bom você nas em 29, então foi quarenta por ai...
- 56 Então eu fui.. e gostei muito de Ribeirão Preto...
- 57 Fui a primeira vez que você saiu de casa assim?
- 58 Sim, foi a primeira vez que sai de casa. A liberdade para mim...uma moça nè....sempre presa, a ai tinha mais liberdade para sair para passear com as colegas, ir no bailinho...
- 59 Lá em Porto Alegre, nada disto?
- 60 Lá em Porto Alegre quase não tive tempo. Só depois quando terminou em voltei a Farmácia de novo. O laboratório é que ia escolher que m ira trabalhar no laboratório.
- 61 No Labortário da Farmácia.?
- 62 Não. No laboratório onde se fazia o remédio. O laboratório Lilly. Ai eu fui trabalhar no laboratório.
- 63 Ai você saiu da Farmácia e depois foi para o laboratório?
- 64 É.Pro laboratório. E no laboratório também é muito rígido. De manhã , cedo a gente não pode chegar com a roupa de casa e ir trabalhar não. Primeiro entra, vai tomar banho vestir a roupa esterelizada para depois entrar na sala de esterelizada também, onde vai ser preparada o comprimido, onde vai ser preparada os injetáveis, em outra sala. Tudo é separado, os injetáveis, os comprimidos, a pomada tudo é separado, mas não se entra assim, primeiro tem que se tomar banho, se esterelizar bem vestir a roupa para depois ir trabalhar. Mas eu gostava muito daquele serviço eu gostava imensamente, gostava de aprender de tudo um pouquinho né, então eu .
- 65 O regime do laboratório de chegar, de ser rígido te lembrava alguma coisa?
- 66 Eu me lembrava o colégio. Eu então pensava eu me vi livre do colégio, de levantar cedo agora vim cair aqui. Mas como era ordem, né, no laboratório ganhava bem e depois o próprio laboratório tinha me dado o curso então o eu fazia por donde não atrapalhar ninguém. 66 Eu me lembrava o colégio. Eu então pensava eu me vi livre do colégio, de levantar cedo agora vim cair aqui. Mas como era ordem, né, no laboratório ganhava bem e depois o próprio laboratório tinha me dado o curso então o eu fazia por donde não atrapalhar ninguém. Assim foi. Bom, mais tarde eu – já fazia cinco anos de lá pra cá – olha o que eu fui fazer – fui ser propagandista de laboratório. O Laboratório me emprestava um carro e eu ia para os hospital, consultórios, viajava para aqueles lugares para fazer a propaganda dos remédios e levar as amostras grátis. Eu gostava.. Do Lilly, laboratório?
- 65 Do Lilly. Do mesmo laboratório. Lá eu fiquei uns tempos...
- 66 Você ia dizendo uma coisa que eu interrompi. Você gostava...

- 67 Gostava muito, gostava muito. Ia nos consultório, fazia propaganda do remédio, do produto novo que estava entrada na praça, então a gente tinha que fazer aquilo com toda delicadeza pro médico. A gente tinha uma aula antes para fazer..
- 68 Mas não era trabalho comum ...não era comum as mulheres fazer isto na época, era?
- 69 Não...
- 70 Não, né?
- 71 Não. Era pouca muito pouca as mulheres. Eram discriminadas, né. Mas como eu já tinha oportunidade de fazer o curso, e tudo, então quiseram que fosse novidade também. Eu acho até que fui a primeira a entrar ..
- 72 Está desconfortável para você aí? (a posição de sua cadeira de rodas estava muito próxima a mesa, daí a pergunta.)
- 73 Não....não...
- 74 A hora que você estiver cansada você me fala..
- 75 Não, eu estou muito bem obrigada. Ai então, me apareceu um namorado...
- 76 Hum...isto é bom...
- 77 (risos) é...apareceu um namorado...e você sabe como a gente é boba...
- 78 Você já tinha uns trinta anos...por aí...
- 79 É uns 28 por aí. Tinha sim. Eu tinha uma tia que morava no Rio de Janeiro. Ela tinha sido casada com um espanhol. O espanhol morreu e lá ficou uma herança para ele receber, na Espanha. Um dia ela disse assim para mim. Olha eu tenho uma herança para receber na Espanha . Eu não estou acostumada a viajar. Você quer ir comigo. Eu pago tudo para você , arrumo passaporte, tudo . Você quer ir comigo? Ah, seu eu queria!!!!.(risos...
- 80 (risos) uma boca livre destas ..(risos) eu disse eu vou, vou sim, como não!?
- 81 Ai eu fui me arrumar.
- 82 Você ainda morava no Sul?
- 83 Mova no sul. Ai chegamos lá, encontramos aquele brasileiro..
- 84 Chegando lá, onde?
- 85 Na Espanha, em Madri. Chegamos lá . Ficamos num hotel e então fomos tomar um café no patamar. Patamar é assim como um bar, com toldo na calçada onde ficam mesas e cadeiras. Então nós estávamos no patamar e chegou um moço moreno... Então a minha tida disse para mim “ este moço aí tem um jeito de ser brasileiro” e eu disse , “ não tia, deve ser espanhol, moreno, com o cabelo e muito preto, é espanhol.” A minha tia disse assim “ ele está olhando tanto para nós’... Ai ele passou na portaria e perguntou quem era aquela senhora com a filha...informaram que eram brasileiras do Rio de Janeiro. Ai, quando falaram que eram do Rio de Janeiro – ele era carioca também – deu tudo certo. Ai de noite ele telefonou, né, disse que queria conversar e tudo mais . Bom assim foi. Ele era médico e fazia um curso na Espanha. Daí alguns dias voltamos para o Brasil e ele ficou ainda. Quando ele voltou, né, já conhecia já logo foi procurar e logo queria casar, pois já não éramos mais crianças, já tínhamos idade suficiente ..aquela conversa, né. Bom eu aceitei ..eu aceitei né, mas eu tinha um medo que era da liberdade que tinha. Eu saía, passeava, ir dançar e pois eu ia me sentir presa em casa, mas não foi bem ao contrário. Ele gostava muito de sair também , tocava piano no restaurante também. Ele era médico. E assim foi a minha família, trinta e quatro anos de casamento mas muito feliz ..muito feliz. Tanto que nós viajamos a Europa toda , praticamente toda. E assim foi. Quando casamos nos moramos no Rio, uns tempos. Mas, não era bom para a medicina. Ai viemos morar em São Paulo. São Paulo ele abriu uma clínica, e lá ele trabalhou 26 anos, nas mesma clínica.. eu trabalhava lá também no escritório, na recepção, ajudava receber os doentes...assim foi a minha vida. Mas ai ele foi ficando doente, doente, né, e teve que aposentar. Não podia mais trabalhar. Ai um colega dele do Rio veio visitar e disse a ele

que Campinas era um lugar bom para morar, é tão bom, tão silencioso, podia-se passear, tudo, lá fica-se a vontade, Campinas é melhor do que o Rio, que o Rio é muito agitado. Ai nós viemos conhecer Campinas. E eu não gostei. Não gostei daqui, não tinha praia, não tinha nada ...eu não gostei. Mas, daí um mês viemos morar aqui. Alugamos uma casa e viemos morar aqui. Vivemos aqui, há 18 anos. Ele morreu há 5 anos passados. Ele tinha uma doença na cabeça que era incurável . Era um tumor. E por isto tentamos muita coisa. Muitos não queriam operar por causa da idade. A ai ficamos de hospital em hospital. Só hospital que conheci . Ele ficou internado em muitos hospitais, fazia transfusão de sangue e ai eu ficava mais doente que ele...ele muito lúcido, não perdeu a memória mesmo quando o tumor cresceu...Não teve nenhum problema de coluna...ai ele morreu no Alberto Sabin. Depois, logo um ano depois disto, eu tinha um apartamento alí no Bonfim. Mas o apartamento saia muito caro e eu não podia pagar. Então ai eu cai, fraturei a perna , fraturei praticamente todas as pernas, onde tive que fazer enxerto, plástica...fiquei internada um mês. Depois que o médico que deu alta ele disse assim, não pode andar, tem que fazer repouso, e não pode fazer esforço nenhum por causa da fratura na bacia. A moça que morava de lado falou assim eu sei uma casa muito boa, onde cuida muito bem, lá tem médicos, enfermaria, as pessoas são muito bem cuidadas. Ai ele me deu o endereço daqui ai ele telefonou para cá. A assistente social também telefonou e disse se ele puder andar a gente aceita. ,mas se ainda estiver acamada não temos vagas para uma pessoa assim pois temos poucos funcionários. Assim passei mais de mês e depois ela telefonou e falou ...” ele pode vir, esta bem melhor”. A primeira vez vim para a entrevista. Depois tive que passar pelo médico, de muleta mas vinha aqui. Tomei um taxi para falar com D. Regina, com o Nelson, ai quatro dias depois eu vim para cá...

86 Isto faz quanto tempo?

87 Há quatro anos. E aqui estou. Me dou bem aqui, me acho bem cuidada, me dou bem com todos, não discrimino ninguém, então minha vida é esta ... **uma vida que vivo lembrando do passado, chorando...não! por que ninguém tem culpa do que passei e** assim eu estou, graças a Deus, bem cuidada... Gosto muito...Acho falta quando não tem conversa com as pessoas, com a Psicóloga D. Regina... Mesmo quando só sr não vem eu sinto falta...O Jaime nem telefonou nada. Será que foi viajar...Era bom quando nós nos reuníamos nas quintas-feiras...assim é minha história de vida. Eu tive a oportunidade quando meu marido era vivo eu viajava bastante. Ele tinha congresso né, e então era passei mesmo. A gente ia de navio, naquele tempo tinha o Eugênio C, era uma dos melhores navios de passageiros. Fazia toda a costa . Era muito bom. Ele tocava piano e ia como músico... tinha a banda e ele fazia parte. Passamos trinta e quatro anos de vida boa...de vida muito boa. Não vou dizer hoje também que não tenho vida boa. Não posso dizer.. Não sou revoltada com meu estado de vida. Não sou. Não sou revoltada... O que tenho dá para minhas contas, dá para comprar alguma coisa ..não sou revoltada. Eu tenho a pensão dele e tenho a minha também ..

88 Você chegou a se aposentar então?

89 **Cheguei me aposentar com 30 anos de trabalho. Quer dizer, aposentar...e ficar sentada numa cadeiras de rodas. (risos) agente lembra e diz assim: meu Deus...quando se pensa em aposentar agente diz que vai fazer isto, aquilo , fazer aquilo outro...Nada daquilo aconteceu ...Sentada numa cadeira de rodas faz três anos Ah! O que a gente vai fazer né? Eu não aproveitei nada. Agora na verdade a gente saiu de casa para vir para aqui uma terrível, né. Muito, muito grande a diferença. Mas tive que me humilhar e ficar . (92)**

90 Você não tem filhos...

91 Não quando eu me casei ele já tinha três filhos ...

92 Já eram grandes?

- 93 Já. A menina tinha 12 anos, o outro tinha 14 e o mais velho tinha 17 anos...
- 94 Ele moraram com você?
- 95 Não. Não. A menina foi morar com a avó e o outro mais velho foi trabalhar e ficou independente, pagava, fazia as despesas dele, ficou independente, né. E o outro ficou interno no colégio. Um é advogado, o mais velho é advogado. O outro é contador, tem escritório na cidade...assim foi minha vida.
- 96 Ele não ficaram com você por uma opção sua e de seu marido? Eles mantém relações com você?
- 97 Não. Quando meu marido faleceu eles foram e contrataram um advogado para saber se eles tinha direito na aposentadoria do meu marido. Ele não tem, como homens mais de idade não tem. Então o advogado né achou que eu é que tinha direito, não eles, então por isto eles se ofenderam muito comigo por que também eu arrumei um advogado para saber meus direitos ...então eles se ofenderam muito e eu não quero amizade com eles, por que alguns anos atrás a – ela era contadora – a nora e ela fez uma negócio muito feio que eu tinha direito ao fundo de garantia, quando me aposentei, e ela fez eu assinar os papéis e ela ficou com o fundo de garantia e não me deu. Então, por isto eu fiquei muito magoada com isto e não quis mais procurar mais eles. Eu estou tão bem aqui, tenho tantos amigos e tenho muitas amigas aqui ..então a amizade deles...
- 98 Eles moram aqui em Campinas?
- 99 Moram. Moram, aqui em Campinas. Mas eu não preciso da amizade dele para nada. Quando eu tive que recorrer a alguém eu recorro a um amigo, uma amiga, para conversar e tudo...A gente desgosta de certas coisas, de certos procedimentos como ele fez. Eu estava na cama assinei e não li e ela recebeu o fundo de garantia e não me deu. Depois eu fui ao contador que sabia que ele tinha feito lá naquele contador, eu fui lá e ele disse olha: os papéis estão todos encaminhados e ela já recebeu. Era para eu ficar contente? Não era né? É...não me fez falta, graças a Deus ...Eu vou fazer uma pergunta indiscreta para o senhor...O governo já deu aumento de salário dos aposentados?
- 100 Só para quem ganha salário mínimo. Que não ganha salário mínimo não. O aumento será pela inflação.
- 101 Ah!
- 102 Então quem ganhava 156 reais passa a 180. Quem ganhava 190 vai continuar ganhando 190 mais a inflação.
- 103 Então eu vou receber.
- 104 **Você ganha um salário mínimo de sua aposentadoria?**
- 105 Sim, um salário mínimo.
- 106 Da sua aposentadoria?
- 107 É da minha aposentadoria é um salário mínimo.
- 108 Então nesse você pega o aumento. Você vai pegar o aumento.]
- 109 Um pouquinho mais.
- 110 Um pouquinho mais, 180.
- 111 E agora a do meu marido é três salários .
- 112 Ai já eu não.
- 113 Bom, mais você recebe pelo INSS?
- 114 Não eu recebo pela Sociedade de Medicina.
- 115 Bom, ai eu não sei. Estou falando em termos do INSS.
- 116 INSS eu não poderia receber dois pagamento pelo INSS. Então eu recebo pela Sociedade . Mas tá bom. Tá bom, graças a Deus.
- 117 Você me disse que antes de você se aposentar você estava fazendo uma série de planos, né? Que planos eram estes? Você se lembra?

- 118 Os meu planos...é...como eu trabalhava muito e além disto a ambição...eu era muito ambiciosa. Por isto trabalhava. Tinha boas roupas , tinha boas jóias...Ai eu pensava depois que eu me aposentar acho que vou ter um vida melhor ..ai eu vou procura fazer algumas coisa ...
- 119 Seu marido ainda estava vivo?
- 120 Já tinha falecido.
- 121 Mesmo depois dele falecido você continuou a trabalhar?
- 122 Não. Não. Trabalhava com ele no consultório. Então eu pensava, eu agora estando aposentada – eu era solteira quando pensava isto – agora vou Ter vida melhor, vou me aposentar, vou fazer isto , fazer aquilo, vou descansar mais, vou poder ir ao baile, ir ao carnaval. ..Fui tudo diferente. Tudo diferente, né? Até por que nada daquilo que planejava não aconteceu pelo seguinte: nesta ocasião eu estava já para me aposentar – eu estava no consultório e meu marido ficou doente. Então ai ele ficou doente né, não tinha mais jeito de eu ajudar a ele e ele teve que fechar o consultório eu cuidar dele, buscar tratamento, sair do país para ver se tinha cura, e ai gastamos todo o dinheiro. E eu não sabia como ajudar mais em casa. Ai eu fui costurar numa casa de noiva. Lá eu trabalhei seis anos naquela casa de noivas, aqui no bairro Pompéia ..
- 124 Não. Não. Trabalhava com ele no consultório. Então eu pensava, eu agora estando aposentada – eu era solteira quando pensava isto – agora vou ter vida melhor, vou me aposentar, vou fazer isto , fazer aquilo, vou descansar mais, vou poder ir ao baile, ir ao carnaval. ..Foi tudo diferente. Tudo diferente, né? Até por que nada daquilo que planejava não aconteceu pelo seguinte: nesta ocasião eu estava já para me aposentar – eu estava no consultório e meu marido ficou doente. Então ai ele ficou doente né, não tinha mais jeito de eu ajudar a ele e ele teve que fechar o consultório eu cuidar dele, buscar tratamento, sair do país para ver se tinha cura, e ai gastamos todo o dinheiro. E eu não sabia como ajudar mais em casa. Ai eu fui costurar numa casa de noiva. Lá eu trabalhei seis anos naquela casa de noivas, aqui no bairro Pompéia .. (124)
- 123 Aqui ou em São Paulo?
- 124 Aqui. Um bairro chamado Pompéia. Até um bairro bonzinho.
- 125 Ai você trabalhava como operária mesmo, como costureira, como modista, como...
- 126 Como costureira mesmo.
- 127 E não era estranho para a pessoas, você que era mulher de médico, uma mulher tão...como as pessoas viam isto?
- 128 As pessoas me viam assim: Por que ela trabalha? Por que ela é tão ambiciosa? Por que ela trabalha tanto? Mas, eu tinha que pagar o enfermeiro para cuidar dele por que não tinha muita força para talserviço.
- 129 Nesta altura a renda sua e a dela não davam para cobrir as despesas.
- 130 Não dava por que nós ainda pagávamos aluguel. Pagava aluguel e eu tinha muita despesas de remédio, de alimentação e tudo... Então eu fui ...Aos sábados por exemplo eu vestia as noivas que iam casar. Então...Me dava muito prazer aquilo.
- 131 Era algo que você gostava, né?
- 132 Eu gostava. Todo o serviço que fiz até hoje eu gostei. Sempre gostei. Lá, ir vestir a noiva e aquela coisa toda eu gostava muito daquilo tudo... e a dona da casa era muito boa. Se eu não estivesse lá ela me mandava me chamar ...Depois ele piorou muito e eu não pude trabalhar mais eu não queria deixar ele sozinho. Então ai fiquei em casa. Mas, neste meio tempo eu recebi da Associação ajuda. Todos médicos depois de uma certa ...certos anos de trabalho estando doente eles tem uma ajuda da Associação. Ai eu requeri esta ajuda a Associação e eles me forneceram. Conte a história que meu marido estava muito doente da cabeça...Meu marido trabalhou na Unimed aqui, trabalhou pelo INPS e trabalhava particular também. Mas teve que abandonar

- tudo. Depois ele teve derrame, ficou com dificuldade na mão, na perna...e assim foi. Não há...Um final de vida bem desagradável. O que a gente vai fazer né?
- 133 Depois que ele morreu você voltou a trabalhar?
- 134 Não. Depois não voltei por que já estava muito doente. Ai eu aluguei um apartamento no Bonfim e fui morar lá no Bonfim. Vendi a Metade dos móveis, tudo, vendi muita coisa... Fui morar no Bonfim e lá foi que tive o desastre da perna. Um ano e pouco depois que ele tinha falecido. Depois de lá é que eu fui para o Mario Gatti, do Mário Gatti foi que vim para cá.
- 135 Você estava também muito sozinha...
- 136 Fica muito sozinho. Quando eu estava no apartamento eu dava graças a Deus quando tocava o telefone e podia conversar com alguém. Você num prédio...Você mora em prédio?(138)
- 137 Já morei...
- 138 Os vizinhos todos dentro de casa, né. Ninguém sai para fora, nada né. A gente encontra no elevador, lá fora, né...mas todos fechados. Eu morava neste prédio que eu morava tinha muitas pessoas que saiam e diziam apenas boa noite, nem conhecia. Então por isto eu achei melhor vir para cá e a despesas para mim era bastante grande para mim pagar aluguel, condomínio, quando saia tinha que sair de carro sempre...E aqui tá tudo incluído, atenção médica, remédios ..
- 139 O que o Lar cobra de você?
- 140 Eles cobram meio salário. Só meio.
- 141 Meio salário mínimo?
- 142 Meio salário mínimo. Cerca de 80 reais. A gente consegue roupa lavada, consegue tudo. Nós não fazemos nada né. Nem querem que a gente faça. Eu venho trabalhar aqui (*A entrevista estava sendo realizada na sala da Terapia Ocupacional*).
- 143 Faz trabalho manual?
- 144 Faço trabalhos manuais aqui. Agora como meu médico mando fazer repouso por causa desta perna inchar muito, não tenho vindo. Mas eu estava vindo. Eu gosto muito de vir e fazer trabalhos manuais ...
- 145 Estou olhando aí e você está com um lençol de um motel aí, - do Stylus – (Risos...muitos risos) Onde você arrumou isto Lia?
- 146 (Risos a bandeiras despregadas) E eu falei para enfermeira: não me dá isto aqui! (risos...) Aqui, recebe muita doação ...
- 147 Eu sei, claro. Eu estava brincando com você...
- 148 E... então veio um monte de lençóis do motel...
- 149 Que bom.. É um lençol bonito...
- 150 (risos) As vezes eu brinco com as enfermeiras. Ah, não eu não vou fazer propaganda do motel não....(risos) ...Mas aqui recebe-se de tudo né? ...
- 151 Certo. Depois isto é bobagem né?
- 152 Aqui se recebe de tudo. As vezes a gente fala: é da falecida. Outro dia veio um senhora com um saquinho cheio de metade de perfumes. Nenhum cheio, tudo pela metadinha assim. “ Olha eu trouxe estes perfumes aqui para as vovós”...Ai eu falei para minha amiga assim. “ Isto é da falecida, né?” A falecida faleceu e ela trouxe para nós...Ninguém quis usar... Mas eu usei o meu. Era uma colônia boa...(risos)...Eu usei o meu, não importa que a falecida ...As pessoas doam muitas coisas para cá.
- 153 Há pessoas muito pobres aqui, não é, Lia?
- 154 Tem. Aqui tem algumas pessoas que pagam, mas tem pessoas que não tem nada. Eles tentam arrumar para aqueles que tem direito. Ele tem cerca de 170 pessoas...
- 155 É muito...Dá trabalho, atenção médica...Não são 170 pessoas que saem, vão trabalhar e voltam de noite...

- 156 Aqui não. Se você ver a enfermaria está cheia. As pessoas estão doente, em fase terminal, né...A gente aqui vê de tudo e passa por tudo né? Veja o Seu Raul por exemplo, está tão doente...Muitos muitos...há poucos dias faleceu o seu Francisco Galvão
- 157 E..o Sr. Francisco eu não conheci ..
- 158 Ah, não conheceu ele?
- 159 Não
- 160 A poucos dias ele faceleu.
- 161 Do nosso grupo só perdemos a Madalena ...
- 162 Ah..é.. foi. Só a Madalena.
- 163 E a Madalena estava fazendo regime para operar a catarata, não era? Lembra?
- 164 Lembro.
- 165 Ela estava contente por que estava emagrecendo...
- 166 Como ela era diabética, né, estava fazendo controle também para operar. Mas não Chegou.
- 167 Sei... Eu me lembro que ela reclamava da vista, tal...
- 168 É...Esta semana outra senhora também faleceu a Dona Augusta...Ele era estrangeira, alemã. O que tem falecido de gente aqui nesta casa!. Do ano passado morreu bastante ..Eu também devo star na fila também...
- 169 Você está preocupada com isto?
- 170 Não..! Não!...risos..
- 171 Você esta agora mais preocupada com suas história, com sua pernas (referência a situação de suas pernas em processo de recuperação)...
- 172 As minhas pernas para eu poder andar.. mas não estou preocupada. Eu digo que a hora que chegar ...É eu já paguei até meu enterro. Já paguei. Já tá pago. Por aqui tudo é difícil ...
- 173 Eu to olhando, controlando a hora lá.. são dez para a onze .. para não passar muito tempo e nos marcamos outro dia. Você tem ainda que ir a enfermaria e depois ao refeitório. Você esta indo ao Refeitório já? (o almoço é servido as 11:30)
- 174 Sim, tou.
- 175 Então levo você ...
- 176 Mas, vou direto ao refeitório. Não irei a Enfermaria....O que nós estávamos falando.
- 177 Você esta dizendo que você tinha preparado até o enterro ...
- 178 Já. Já paguei o enterro. Aqui é difícil. Aqui quando alguém morre vão procurar os parentes num lugar, não morram mais lá , nunca moraram, dão o endereço errado...é difícil, difícil né...quando as pessoas tem parentes lá fora...Então eu já preparei o meu com antecedência que é para chegar na hora não tem preocupação. Quem é que vai doar a urna, quem é que vai ajudar...
- 179 Mas esta preocupação é do outro e não é de você...
- 180 (risos...muitos risos... das duas partes)..Por lá eu não decido mais nada.... não to vendo vendo mais nada ...(risos)
- 181 Mas eu entendo sua preocupação com o outro, de não dar trabalho aos outros...você sempre foi uma mulher independente . E seus parentes, Lia?
- 182 Meus parentes . Eu tenho só duas sobrinhas em Porto Alegre casadas, com filhos. Como é muito longe elas não me procuram eu também não tenho condições...
- 183 Você numa mais escreve para elas?
- 184 Não. Não. Elas não me escrevo, também eu não escrevo. Eu só considero meus parentes aqui. Elas não me procuram eu também não vou procurar, né.
- 185 As suas irmãs já faleceram, né?
- 186 Já faleceram...
- 187 Das três irmãs, você tem apenas duas sobrinhas? Você as conhece?

- 188 Conheço. Só não conheço o sobrinho...
- 189 Filho da sua irmã?
- 190 Não filho dela.
- 191 Sobrinho neto?
- 192 É, sobrinho neto. Também mora em Porto Alegre. Tem suas casas. Eu telefonei algumas vezes, mas não era mais o telefone da firma. Tinham trocado a número. Não era mais. Ai eu não telefonei mais. Mas, graças a Deus, um dia...um dia tudo acaba né?. Mas eu já preparei..
- 193 Mas também um dia tudo começa...
- 194 Eu quero ser cremada.
- 195 Sei
- 196 O meu desejo é ser cremada. Por eu sou judia né...
- 197 Ah, você é judia, é? Nós não chegamos a falar de religião. Quem era judeu, seu pai ou sua mãe?
- 198 Meu pai. Eu, como dizia, quero ser cremada. O judeu gosta de ser cremado. E meu desejo é ser cremada. Só que eu tenho ainda passar pelo cartório, com testemunhas e tudo e eu quero ser cremada.
- 199 E já esta pago né?
- 200 Ah, não. Ai que eu fico livre....(risos...muitos risos...) A bomba fica para eles...A bomba vai ficar para eles...É assim..
- 201 Tem que ter autorização escrita, em cartório?
- 202 Tem. Em cartório.
- 203 Mas isto também não é barato, não é Lia. Tem que ir para São Paulo, entrar na fila..
- 204 Aqui por exemplo a funerária leva até sair o distrito de Campinas. Até depois....ai é por conta da falecida. Depois tem que chegar cedo lá. Crema no dia. Tem que ficar na sala e pagar a sala . Paga a sala. Pode ser no outro dia de manhã... Mas o pior é que se paga por quilômetros. De Campinas até São Paulo é por quilômetros, né. Ai é que é carro. O resto né...Então eu tenho dinheiro no Banco para isto. Agora se vão fazer não sei, né...
- 205 Mas tem tempo para você pensar nisto ainda...
- 206 Não sei. O negócio aqui praticamente anoitece e não amanhece...
- 207 Mas, não só aqui. Acontece em qualquer lugar.
- 208 Eu vou levando. A gente tem que tentar...Eu fui no Serra...
- 209 Quem é Serra?
- 210 Da funerária. Então eu fui lá e fiz o plano. Paguei tudo direitinho...pago por mês também tem pagar um taxa né.. Ai a moça de lá olhou para mim e perguntou: a pessoa que morreu vai ser enterrada hoje? E eu: não minha filha, a pessoa ainda não faleceu. É esta que está falando com você... A menina ficou branca, ficou amarela, talvez com medo de mim. Ai eu disse: Não minha filha sou eu mesmo. Mas estou viva, estou bem apenas quero conhecer tudo antes. Ai ela chamou um moço lá da oficina que e disse: esta senhora quer conhecer a oficina, onde fazem os caixões, o depósito... Ei eu descii. Cheguei lá eu olhei , olhei tudo, tal. Não me deu arrepio, não me deu nada . Para mim aquilo era natural. Um de cada cor, tudo, né. O moço perguntou assim: é para pessoa de idade? E para pessoa forte? E eu disse: é para esta jovem aqui! E ele tornou ficar assim....; Não é para a senhora, não! Eu disse: é para mim sim! Já paguei o enterro, tudo está pago, agora só me atualizando com os caixões. Eu não quero caixão preto, caixão roxo, não quero branco também. Quero uma corzinha ...Ah lá tem um amarelinho. Ah, é aquele que eu quero... Ah, me prepare um na hora, com esta cor que eu quero... A ele disse. Mas que coragem a senhora tem. Será que estou falando com a pessoa mesmo. Você não está falando com alma de outro mundo não. Meu filho... e Assim foi minha ida lá...

- 211 A sua odisséia lá no serviço...Mas quando isto aconteceu você ainda morava sozinha, ou já estava aqui?
- 212 Mora sozinha, no apartamento. Perto do quarte.l. Tem um quartel perto de onde morava....Eu não sou pessoa... eu já enfrentei tanta coisa na vida, tudo...então não tenho mais receio de nada...
- 213 Ah, Lia. São mais de 11 horas e sei que você tem horário. Deixa eu fazer um proposta para você: eu sugiro que a gente volte a conversar para gente terminar a nossa conversa. A gente pode marcar para Terça ou Quinta. Pode ser Quinta-feira.?
- 214 Se eu não tiver consulta na PUC.
- 215 Eu ligarei amanhã para Regina para verificar. Acho que mais uma entrevista a gente fecha nosso depoimento. Ai eu começo a passar ele à máquina para você ler, tá?
- 216 Sei
- 217 Eu gostaria de que na próximo encontro nos falássemos um pouco de como surgiu sua primeira depressão e a gente conversar um pouco por que você acha que aconteceu, o que houve, enfim, conversarmos de uma forma amiga, aberta, como nós estamos conversando. Você se sentiu bem na entrevista?
- 218 Me senti muito bem, por que me desabafei. Muita coisa me desabafei. Eu me sinto muito bem conversando...
- 219 Talvez seja a oportunidade de você dar uma olhada na sua história também...
- 220 As vezes os meninos da Unicamp vem aqui fazer entrevistas e eu gosto por que a gente conversa e lembra de muita coisa que aconteceu.
- 221 Então Esther eu ligo para Regina e marco com ela. Quinta feira se puder, nós falamos. Se não, terça feira que vem está marcado. Se puder será Quinta feira e não será Terça-feira que vem. Eu quero agradecer muito e fiquei muito feliz em conversar com você de novo.
- 222 Eu mais ainda pois estava com saudades do senhor . Passei horas agradáveis ..
- 223 Tá, muito obrigado.
- 224 De nada...

Segunda Entrevista

- 225 Esther, bom dia. Que bom que você está aqui de novo, a gente está aqui de novo. Quinta Feira não deu por que você teve que ir ao médico, não é?..
- 226 Foi, fui ao médico. A última palavra do cirurgião, o que tinha que fazer na minha perna, né, então ele sugeriu a operação e a plástica, enxerto... o caso é só este não precisa fica fazendo curativo que nunca vai resolver...então é isto. Já está marcado uma Segunda consulta para ver como está passando e depois vão partir para a cirurgia...
- 227 Ah, que legal. Eu espero que corra tudo bem.
- 228 Seu Deus quiser vai correr.
- 229 Esther, continuando nosso entrevista como nós tínhamos combinado e de pois de termos assinado o termo de compromisso, e você está com uma cópia, eu entendi muito bem a história de sua vida, sua dinâmica, tal, até o momento que você decidiu vir para Lar dos Velinhos. E eu disse a você no final de nosso encontro passado que talvez fosse bom você falar um pouco para gente sobre a sua depressão, o que você acha, o que aconteceu, como se deu isso, em fim que correlacione ele com fatos de sua vida e...fale e uma maneira livre. Se eu precisar de alguma coisa, eu pergunto para você...
- 230 Pois é ... a minha depressão, seu Jaime, começou quando eu cai e não pude mais fazer minhas coisas. Me tratei, melhorei. Depois começou novamente quando me disseram que eu vinha para um asilo. Quando eu telefonei marcando uma entrevista com Rosângela e ela disse que nós

iríamos conversarmos....Mas eu já tinha passado por outras casas de repouso e nenhum gostei. Tudo muito caro, eu não gostei, então eu vim aqui. Falei com dona Regina – Psicóloga – Dona Rosângela e Dra. Manoel que cuida da saúde. Ele me disse que eu estava com uma depressão muito forte, eu olhava para as pessoas e chorava, eu queria esconder de todo mundo, não queria ver ninguém, nada, por nada estava chorando ...mas por que to chorando? Por que deixei minha casa, que graças a Deus tinha uma casa, tinha o apartamento. Tive que vender tudo.. foi um choque para mim. Quando cheguei aqui, um mês depois, eu fui muito bem tratada, como estou até agora, por todos! Esta depressão eu fiz durante um ano tratamento, tomando remédio, melhorei... mas de vez em quando aparece novamente. Agora, por causa da perna eu estou muito preocupada, já comecei a chorar de novo. Estou tomando remédio, né. E assim eu estou. A minha preocupação agora é com a perna, não é de mais nada. E assim eu estou há quatro anos com isto. Gosto muito de sair de passear. Tenho muitas amigas. Mas não posso. Todos vão passear e eu não posso... Isto me deixa um pouco chateada ...

(neste momento entra alguém na sala... e tivemos que naturalmente interromper a conversar....)

231 Pare um pouquinho só, Esther...

.....(alguém pede para passar...)

232 Então eu vim aqui, fiz exames. Não tinha vaga. Um mês depois a dona Regina e a dona Rosângela telefonaram que tinha uma vaga e que eu podia vir naquele dia mesmo...O Sr. sabe que a gente (fala com muita emoção...quase chorando) fechar a porta e nunca mais voltar aqui... por que vendi tudo, não tinha mais nada. Sai puxei a porta, desci para pegar o taxi, aquilo é uma coisa terrível – né? - saber que não vai ter condições mais de alugar um apartamento, terrível. A quem foi acostumada sempre ter mais ou menos uma vidinha com empregada e depois acontecer aquilo comigo foi muito triste, é eu tenho que superar. Tenho que superar por que aqui é minha casa agora...Tenho que fazer tudo, tudo o que me distrai um pouco. Ah, está muito bom. Eu quando moça né eu gostava de passear, de um praia, gostava de baile , então eu lembro destas coisas. Gostava de trabalhar, ter meu dinheiro, resolver as coisas. Ah! São coisas do passado que não voltam mais para minha idade e nem para o meu fim de vida, então tenho que me conformar. Não é que não esteja conformada com a velhice, eu estou, eu sei a idade que eu tenho, tenho consciência e se agente, né, pensasse que vai voltar ser uma moça não tem mais jeito. Então esta é minha depressão maior. Fechar o meu apartamento, sem nada dentro...é... graças a Deus aqui todos são tão bons para mim que eu converso com uma, converso com outra. Aquela esperança de melhorar, se Deus quiser. E assim né, eu já foi a psicóloga fora também ...eu fui fazer um consulta fora com o médico e ele me disse que com tempo vai passando, mas que uma depressão não cura de uma hora para outra. Leva anos, né? Então espero melhorar.

233 Também você teve muitas perdas, não é?

234 Muitas...

235 A perda ...quais as outras perdas que você teve que estavam levando você este estado..

236 A perda de meu marido, né. Estivemos casados 34 anos. Então aquilo foi uma coisa que nunca hei de me esquecer. O sr sabe que sou praticamente sozinha. Sozinha, mas com Deus. Só tenho duas sobrinhas casadas. Não tenho mais ninguém. Hoje aqui é minha casa e minha família. Eu viajei muito, muito, graças a Deus tinha aquela vida mais ou menos. Agora. minha vida. Não vou dizer que minha vida é paupérrima. Não é! É uma vida que mais ou menos agente controla...E assim foi minha vida. Agora estou aqui.. eu venho aqui fazer uns trabalhos manuais que me distraem muito, gosto muito da Iris (TO) a gente sente muito a vontade no trabalho.

237 Você perdeu algumas coisas quando deixou o seu apartamento. Mas também ganhou outras...O você deve ter perdido em conforto, em privacidade. Mas aqui você ganhou espaço, companhia...

- 238 Ganhei. Estes dias estava contando algumas coisas para Dona Regina, coisas que acontecem aqui dentro. Como aqui o pessoal, principalmente...eu converso mais com as senhoras. Estas senhoras que estão morando aqui são pessoas que vieram de roça né, pessoas que não estudaram, pessoas que são analfabetas. Assim elas tem um palavreado muito engraçado. Outro dia duas senhoras conversando: Nossa fulana, hoje a janta tava maravilhosa, tinha isto, aquilo, tava muito boa a janta. E a outra: e você comeu bastante? Olha que é muito perigoso comer de noite pois pode dar conceição (risos)..Então estas coisas me divertem , me divertem muito, né. Não pode, não pode da congestão...em vez de dizer isto, diz da conceição. Estas coisas me distraem. E assim vai passando o tempo né. Eu gosto muito de ler ..
- 239 Você lê bastante?
- 240 Bastante...
- 241 Faz palavra cruzada?
- 242 Não. Eu não faço. Eu agora estou lendo a Divina Comédia de Dante. Estou gostando muito. Tanto que agora, há poucos dias, eu ganhei um livro, de uma amiga, que estou lendo. Gosto muito de ler. Eu gosto de ficar assim sozinha debaixo de uma árvore, lendo...
- 243 E você gosta de romance, de...?
- 244 Gosto de tudo que vem ...eu gosto. Aqui nós temos um biblioteca – até que não está pequena. – tem livros muitos bons. Mas as pessoas aproveitam pouco. Por a maioria é analfabeta. Tem pouco movimento e eu gosto muito de ler. Sempre gostei . Quando eu era solteira eu trabalhava muito, mas a leitura nunca deixei. Na hora do almoço por exemplo eu almoçava e ia ler meu livro... Eu sinto muito falta da leitura. O dia que está faltando a leitura eu não sei o que é... E assim é minha vida. Aqui não quer dizer que seja nenhum lugar assim...como asilo até que é confortável. Até que nós temos conforto, né, mas não é casa da gente, não é? Eu estou na enfermaria a 10 dias, ainda vou ficar mais alguns dias, até resolver a questão da perna...Estou esperando. Não estou feliz por que vou operar, ou com medo. Não. Para quem já passou 10 cirúrgias graves, esta não é nada...
- 245 E a probabilidade de acontecer outro desastre com você é pequeno por que todos que tinham já conteceram...
- 246 Todos... Acho que tudo já aconteceu comigo. Acho que já estou acostumado a entrar numa sala
- 247 Lia e as questões do trabalho. Tem saudade do trabalho, do tempo que você trabalhava, como isto? Quando você se aposentou, não tinha mais saída para o trabalho, isto deu uma falta muito grande. Você voltaria a trabalhar hoje....Você é mais feliz com o trabalho, sem o trabalho, como é?
- 248 Tudo de novo. Quando eu era solteira eu trabalhei no Hospital, na enfermagem, na Cruz Vermelha. E tenho uma licença do Departamento Estadual de Saúde para Farmácia, do curso que fiz em Ribeirão Preto. No próprio laboratório. O que me deu a bolsa de estudos, quando terminou o ano, em voltei e fui para o mesmo trabalho. No laboratório Lilly, era muito difícil uma moça que fizesse propaganda na rua. Eram os moços que faziam. E ai eu fui fazer entrevista com o gerente, com os Farmacêuticos e eles acharam que eu podia fazer serviço de rua, ir aos hospitais, consultórios e isto eu fui fazer. Como eu gostava! Pegava o carrinho que era do próprio laboratório. Eu pegava meu carro e enchia de amostras grátis. Aquilo era um prazer, para mim. Ia ao hospital, né. Então eu tive ainda algumas aulinhas para saber como se vai tratar, como se vai chegar, como se vai apresentar ao médico para fazer a entrega do produto.
- 249 Você sempre fui chegada a um médico, não é?

- 250 Fui... (risos) 256 Então ai para mim aquilo era um diversão. Gostava, pegava aquelas amostrinhas e mostrava com toda aquela delicadeza eu fui muito querida neste meio . Quando eu fui me despedir....
- 251 Por que você deixou lá?
- 252 Deixei por causa do namorado...(risos)
- 253 Ah, sim. Você já tinha conhecido ele?
- 254 Não, não tinha conhecido, não.
- 255 Mas você me disse que era por causa do namorado. Era do outro namorado?
- 256 Era...não. Foi do mesmo com que me casei. Como eu lhe contei eu tinha aquela tia que era casada com o espanhol...
- 257 Você não conhecia ele?
- 258 Não. Não conhecia. Fui conhecê-lo na Espanha...
- 259 Muito romântico né...
- 260 Esta história parece até de cinema.
- 261 E uma história de cinema...
- 262 Quando minha tia ira receber a herança, ela me convidou ...Ora quem é que não queria viajar com tudo pago, e ainda um dinheirinho para gastar? Eu fui. Aceitei logo...Lá ficamos passeando. Um dia estávamos tomando um soverte na esplanada, como costumam chamar...é aquela cobertura, lá ficam as mesinhas né. e nós estávamos lá quando apareceu aquele brasileiro. Sentou e ficou lá tomando um refresco... e a minha tia disse assim ...aquele lá é um cara muito simpático. E eu disse para minha tia é um espanhol...não quero espanhol, quero casar com um brasileiro...E ela disse assim: não mais aquele moço ali não está com jeito de espanhol. Não é espanhol. Deve ser árabe, pois tem o cabelo muito preto e com ondas muito marcadas. E eu disse assim, não. Não é espanhol. Ele está olhando muito para nós. Ai eu fiz de conta que não tinha visto. Quando foi na saída ele saiu primeiro por que ira para o trabalho e passou na portaria e perguntou para o moço lá quem era aquela senhora com a filha. Ele disse elas não são daqui elas são brasileiras, do Rio de Janeiro. Ai ele ficou todo feliz, do Rio, onde ele morava , ele era carioca né, e mandou perguntar se nós podíamos conversar por telefone, na hora que ele chegasse. Falei que sim...
- 263 A final de contas você não era nenhum boba...
- 264 Já era boba! Conversamos quando duas horas no telefone. Cada um deu seu atestado de vida tudo, né. Era ela um viúvo, com três filhos. Ai, aquilo já me deixou... Três filhos? Ai ele me explicou que os filhos não foram praticamente criados com ele . Ele ficou viúvo e levou a menina para avó e o menino também. Não tinha como eu pensar que as crianças iam me incomodar ou qualquer coisa a mais...Ele iria preparar os filhos e tudo. Mas, seis meses depois eu já estava casada...
- 265 Ai você voltou para lá (Porto Alegre) e pediu demissão, e...
- 266 Voltei. Mas eu não disse que ia casar, por que elas me chamavam de solterona, já tinha 32 anos, e os meu colegas de serviço sempre brincavam comigo, né, que eu era a mais velha mesmo. De toda a turma eu era a mais velha. Disse a eles que iria para o Rio de Janeiro, para a casa de minha tia , outra ora iria para a casa de minha mãe, dos meus irmãos...
- 267 Você não contou nada para suas amigas...
- 268 Não.. Não contei. Se não elas iriam fazer chacota de mim. Aquele segredo ficou. Bom quando foi perto do casamento ai então mandei o convite para todos. Ficaram tão admirados , compareceram ao casamento. Foram. O dono da farmácia. Por que foi uma pequena recepção. Então ai todos ficaram contentes ...
- 269 Foi em Porto Alegre ou no Rio?
- 270 Em Porto Alegre....Eu morava lá..

- 271 Você casou em Porto Alegre?
- 272 Não eu me casei no Rio de Janeiro. E ai eu fiz aquela história de despedida de solteira com todos os meus colegas. E assim foi, né. E foi uma despedida...que nunca mais eu vi ninguém...(fica emocionada) Fui um despedida triste, por eu nunca mais encontrei com um colega mulheres ou homem, né. Nunca mais! Mas eu me lembro bastante que até foi bonito, ganhei muito presente... Mas passou. Ai eu vim para o Rio e daí uns dias já estava tudo passado no cartório, meus padrinhos ...e assim foi meu casamento. E fui...ele tinha apartamento próprio. Já fui para minha casa própria né, E assim foi. Eu tive um vida muito boa , não trabalhei durante dois anos. Ele não queria que eu trabalhasse. Bom, depois ele foi feito um clinica né, mas era uma sociedade de médicos né, ele tinha um consultório separado. Ai eu disse para ele que em vez de pagar um funcionária para fazer este trabalho....então eu disse que eu poderia ir, ficar lá, posso fazer o trabalho e ficarmos os dois juntos lá o dia todo....E para receber os pacientes, cobrar, e fazer a ficha, bater a máquina a fichas. E assim eu fiquei 10 anos trabalhando com ele e era também para eu completar os anos para eu completar os anos que faltavam para a aposentadoria. Assim foi Quando chegou trinta anos eu requeri minha aposentadoria e aposentei. Graças a Deus né? ...
- 273 Parte de sua renda vem hoje deste trabalho?
- 274 Sim, vem.
- 275 Você sente saudades deste tempo de trabalho?
- 276 Muita. Muita saudades. Onde a gente trabalha a gente faz aquele amizade , fica tanto tempo junto né, brincadeira, é tudo...que a gente gosta quando moça. Ah, hoje vamos ver tal filme .. Vamos no circo hoje! Vamos! Ai ai toda a turma no circo! Eu gostava de passear né? E todos concordavam ... Vamos ao cinema?. Vamos! Hoje de noite vamos ao cinema. Vamos dançar? Vamos dançar! Tudo era ótimo, em companhia de tudo. Eu gostava muito daquela vida.Quando saí para casar, e saí e senti muito...muito..não por que tinha me casado ...elas me chamavam de solteirona...não foi por isto, foi por que apareceu o casamento, o destino né...mas eu aceitei o casamento. Larguei tudo...
- 277 Você não teve filhos, foi por opção?
- 278 Não. Eu tinha útero infantil. E depois, daí um anos, dois anos, de casada eu tive um mioma e ai tive que extrair e assim foi e eu não podia ter filhos né...Mas, não... seu tivesse boa, se tivesse saúde....
- 279 Não fui um decisão pessoal sua...
- 280 Não, não foi por causa de estar doente. Foi por isto né. Mas, graças a Deus passei bastante. Conheci toda a Europa e não posso me queixar da vida. A vida não me maltratou! Não!. Com tudo isto que eu tive na perna, os desatres que já tive, não posso dizer que o tempo me maltratou. O tempo me deu foi um lição de vida. Assim foi a minha mocidade e agora amadureci... Eu não me sinto velha, eu me sinto... Você tem que passar um creme...tirar as rugas.. Eu não! Não.. Eu quero é festa...tudo o que tem aqui no lar eu vou, não me sinto velha. Nem me sinto assim uma pessoa desanimada, triste não! Eu estou numa cadeira de roda há quatro anos. Eu não me sinto infeliz. Não me sinto.
- 281 Você consegue ter enfrentamento, né, desta coisas todas né.?
- 282 Eu enfrento com a cabeça levantada...
- 283 Eu conheço você a dois anos, mais ou menos. Já fizemos um trabalho juntos aqui e a gente percebe esta forma tranqüila como você enfrenta as dificuldades, mesmo nos momentos de depressão que você teve...
- 284 Enfrento sim. Agora eu estou na enfermaria há 10 dias..."Ah, não vai para o quarto, fica aqui com a gente.. " me dizem...Todos gostam, são bons para mim....
- 285 E quando está marcada sua nova consulta.?

- 286 22 ou 24 é por aí. Mais uma para ele ver como é que tá por que como eu não tenho muito circulação no pé, então ele quer ver como é que tá. Mas vou lá... se me cortarem o pé...(risos...) já me cortaram em tantos lugares então..
- 287 É claro que não vai precisar, você vai...
- 288 Não vai, como ele me disse para eu fazer exercício...
- 289 Você lembra que uma vez você não andava nada. Depois você voltou a andar e tal...
- 290 Nada... Voltei a andar! E agora espero voltar a andar de novo.
- 291 Tem que olhar com perspectiva positiva, né, estas questões suas.
- 292 Sei, até quando contei para o sr do acidente..
- 293 Quando a cadeira fechou?
- 294 É quando a cadeira fechou. Eu fiquei ... a cadeira me pegou aqui e eu não tinha força para tirar..
- 295 Como foi, você gritou.?
- 296 Eu gritei e para chamarem as enfermeiras com urgência que estava prensada. E este pé estava prensado nos dois pedais...ai prensou meu pé ali e eu vendo correr sangue perguntava, de onde está correndo tanto sangue... E elas se assustaram mais que eu.
- 297 Elas quem?
- 298 As colegas do quarto. Mais o que isto? E começaram querer me tirar.
- 299 Sei.. era pior né?
- 300 Era pior. As duas enfermeiras disseram: mas agora como é que nos vamos tirar . Puxavam. Mas isto mais cortava e mais profundo ia o corte . Depois um disse assim: olha, assim não tem jeito de tirar ela. Ela está imprensada nestes ferros da cadeira o que agente tem que fazer é amarrar bem ela, chamar a SAMU (ambulância) ... ai eu disse assim: olha não faz isto por que chegando lá, chegando lá no Mário Gatti ele vai dizer, não é para cárisos... amarrada numa cadeira de rodas só pode ser para o Juquiri
- 301 O que é Juquiri? Hospital Psiquiátrico?
- 302 Sim. O Juquiri era no Rio. Era um colônia...Eu acho que ainda existe. Depois que vim para cá não se mais nada do Rio. Então continuei com elas.. Não façam isto. Uma velha amarrada numa cadeira o que você acha: Não faz isto... Ai elas me disseram: Mas não tem jeito, ai a outra disse assim: mas o pano embaixo, a gente cortando, ela cai no chão e ai agente pode tirar...Ai abriram a cadeira, cortaram o pano de faca, pois não tinha tesoura ...quando vi cai no chão sentada.
- 303 Isto era de noite?
- 304 As 10 horas da noite.
- 305 Então foi a maior confusão?
- 306 Foi a maior confusão. Todo mundo se alertou no quarto. E depois elas ficaram nervosa pelo sangue que estava correndo. Ai eu olhei..
- 307 E você ficou nervosa?
- 308 Eu não. Não fiquei, não. Não fiquei. Ai elas rindo de mim por eu dizer para não ir para Juquiri...Quando eu cai não chão a cadeira abriu e ai ela me tiraram...Até hoje eu acho graça disto ..Eu acho graça...
- 309 É... depois que passou deve ter sido engraçado mesmo...
- 310 Foi engraçado por que quando elas me tiraram ali e me botaram no cobertor, no chã mesmo, né eu disse assim: mas o que é que aconteceu? E este sangue aqui? Eu não olhei para a perna, não doia e corria sangue ai eu disse assim, mas meu deus o que aconteceu? A cadeira. Cortaram minha cadeira. Eu gostava muito de minha cadeira que era muito boa. Vocês cortaram a minha cadeira? Tinham cortado ...Eu acho graça até hoje. Como que podia acontecer isto?...
- 311 E chamaram o médico para ver a sua perna?
- 312 Naquela noite eu fui direto já para o pronto socorro...

- 313 Colocaram você na ambulância e levaram...
- 314 Não. A esta hora não tem mais chofer . Ele sai as 6 horas. Chamaram um taxi né, enrolaram uma duas ou três toalhas na minha perna e me levaram logo para o pronto socorro do hospital da PUC. Eu já sou fichada lá por muito tempo..
- 315 O pessoal daqui tem preferência no atendimento?
- 316 As vezes tem. Tem médico que atende com preferência, né, as pessoas daqui. São pessoas idosas que não podem ficar esperando muito tempo. Naquela hora não tinha ninguém assim com urgência, assim eu fui a primeira urgência que chegou. Me levaram para a mesa logo que chamaram os médicos, foi quando chamaram o médico cirurgião para ver como estava. E ele já disse : aqui não tem mais o que fazer a não ser fazer uma limpeza e um novo enxerto. Ai ele perguntou: como é que aconteceu? Eu disse que foi um tombo que levei eu fraturei a perna e a bacia né. Fiquei toda quebrada. Ai fui no Hospital Mário Gatti que me fizeram isto. Tiraram um pouco de carne e me enxertaram. Eles fizeram tudo na mesma noite. Só não fizeram a costura pois minha pele é muito fina.. E assim foi. Eu hoje acho graça. Quando eu vejo e quando eu lembro quando eu estava no cobertor no chão e aquela cadeira toda rasgada ...
- 317 E você preocupada com a cadeira?
- 318 Eu estava mais preocupada com minha cadeira . Minha cadeira era linda...ai me puxaram as pernas e eu fiquei deitada no chão. E agora eu vou dormir aqui? Não senhora, ai trouxeram a maca me colocaram na maca e eu não estava assim ..como perdi o sentido nada... estava como estou agora „não perdi o sentido nada...Estava como estou agora... Mas disse: você estragam minha cadeira...olha ai o que vocês fizeram . Ai elas disseram: deixa a cadeira para lá. Vá cuidar da perna primeiro, olha a perna como está! Ai eu perguntei: o que tem na perna? Ai eu olhei era sangue que não acabava mais. Cortou vasos também ai ficou aquele sangue... Tive que ir ao pronto socorro para poder fazer o que tinha que fazer...Ai o médico perguntou: A cadeira fechou com a senhora? Fechou...A cadeira fechou e me imprensou toda. E depois o joelho que estava espichado veio parar aqui... Eu estava assim. Eu não dobro este joelho. Mas ele dobrou para fora e ficou assim....Até hoje eu não imagino como estava naquela cadeira. Mas eu acho graça...
- 319 Tinha alguém de nosso grupo no seu quarto?
- 320 Do nosso grupo? Não, não tem ninguém não. Lá tem umas novas que vieram há pouco tempo. Uma muito surdinha, a outra quase não fala, a outra não enxerga. São pessoas que estão
- 321 Você morava no Pavilhão que mudou? (Tinha havido recentemente uma troca de pavilhões...)
- 322 Não. No mesmo em que estava... Mas lá no fundo.
- 323 Mas seu lugar está lá? Você volta para lá?
- 324 Não por que como eu estou dependendo muito da enfermagem dia e noite eu estou aqui no primeiro quarto aqui onde se está mais próximo dos enfermeiros.
- 325 Então você já mudou já?
- 326 Já. Aliás elas que fizeram minha mudança. Mas eu ...
- 327 Quando pessoas ficam com você?
- 328 Oito. Em cada quarto tem oito. Agora como estão fazendo aquela mudança , aquela reviravolta, aquelas pessoas, senhoras que estavam doentes estão aqui, mais embaixo, no pavilhão Holanda, todas vieram para cima. Então tiveram que por todas mais juntas no quarto para poder acomodar aquelas que estão vindo do outro pavilhão. Lá era umas vinte e tantas então tem que arrumar . Eu vim para aquele quarto alí, que as enfermeiras estão mais próximas, também está mais próximo dos refeitórios ...qualquer coisa que se precise...
- 329 Mas você vai ao refeitório?
- 330 Vou.
- 331 Vai, né. Mas é bom isto!

- 332 Eu vou. Vou ao refeitório, converso, brinco ...queria que vocês tivessem uma máquina fotográfica na hora para tirar uma fotografia para ver como é que eu estava ...risos...dobrada na cadeira, imóvel...mas estava tão engraçado que a gente não sabia se era gente ou o que que era ...agarrada naquela cadeira.... Eu acho graça ... Até que eu gostaria de ver como é que eu tava. Eu sou assim , seu Jaime. Tanto sou triste como sou alegre, achando graça desta coisas... como isto ai era um caso grave. Eu achei graça quando ela me disse que ia amarrar e chamar a SAMU e levar para os hospital, ai é que disse: pelo amor de Deus não é para o Mario Gatti que eu vou , menina. Mário Gatti chego lá toda torta, amarrada, eles vão me dizer: não é para aqui, é para o Juquiri. Eu acho muita graça do que aconteceu . Eu sei que agente não pode pensar nas coisas tristes....gosto das coisas alegres...
- 333 E por que a nossa vida também é feita de coisas boas e coisas ruins...Bem Lia, acho que agente já tem dados suficientes para o trabalho, né. A gente vai continuar conversando um pouco. A gente pode continuar in off. Gostaria de deixa em aberto se precisar clarear algum dado eu voltar a você...
- 334 Pode voltar... Eu estou na enfermaria. Qualquer coisa é só ir lá ...
- 335 Tá bom. Muito obrigado e nós vamos daqui uns dias nos vamos nos reunir de novo para conversar com o grupo. Deixa apenas tomar o depoimento do Sr. Raul. Eu quero agradecer muito a você , a sua atenção, a beleza de sua história que reflete a mulher forte, interessante, inteligente que você é. Muito obrigado pela sua atenção.
- 336 Eu agradeço muito o senhor e tive muita honra de participar do trabalho que o sr. está fazendo comigo e quero aproveitar algumas palavras algumas coisas... eu agradeço muito...
- 337 A sua história transformou num trabalho acadêmico que vai ser distribuído ai pela universidades brasileiras. As pessoas vão conhecer a sua história em profundidade.
- 338 Tá bom seu Jaime. Espero que o sr aproveite alguma coisa.
- 339 É claro que vou aproveitar. E muito.
- 340 É muita honra para mim
- 341 Muito obrigado. Também é muito bom para mim estar conversando com você. Tá bem?
- 342 Muito obrigada.
- 343 Eu é que agradeço.
- 344 Um bom dia para o sr.
- 345 Um bom dia para você também.

DEPOIMENTO DE IRINEU

1. Bom dia Irineu. Como já conversamos e conforme nosso termo de compromisso assinado, vamos agora começar seu depoimento.
2. Você quer começar com alguma pergunta ou alguma coisa assim?
3. Não, eu acho que você poderia dentro daquilo que nós já conversamos sobre o objetivo de do trabalho que você falasse sobre um pouco de sua vida de uma forma livre. O importante é que fale de uma maneira livre contando sua trajetória de vida.
4. Eu sou de uma família humilde. Meu pai era motorista de caminhão. A minha mãe era das famosas prendas domésticas. Só tomava conta de casa. Não tinha trabalho remunerado, assim trabalhava em casa, mas ela não conseguiu aposentadoria. Hoje ela recebe como pensionista do meu pai. Como se o trabalho doméstico não contasse! E ela é quem fazia o maior trabalho. E acho que era ela quem fazia a maior parte do trabalho. Porque o trabalho doméstico é assim só parece quando não se faz, quando faz ninguém nota pois está tudo limpinho. Minha mãe ficou na tradição do sistema brasileiro – sistema machista. O homem era provedor de casa, a mãe, a mulher ficava sempre em casa - na verdade a mulher naquela época não era preparada para o trabalho. Eu sou da terceira geração de descendentes japoneses. Meus avós vieram para cá na segunda ou terceira imigração. Então meus pais já nasceram no Brasil. Mas a cultura, a criação naquela rigidez oriental apesar de que esta rigidez só é vista aqui no Brasil. No Japão também já mudou muito, sabe, se ocidentalizou tudo, lá. Então os costumes que os japoneses tentavam conservar aqui no Brasil são costumes que no Japão nem existam mais. Hoje mesmo já tem choque. Os japoneses que nasceram aqui, descendentes deles, e os japoneses que residem no Japão. Sabe, a diferença já é muito grande. Mas aqui, eu, eu sou o único filho, tenho 4 irmãs. Então sempre foi colocado dentro de minha cabeça que o homem era o responsável pela casa, que é o esteio da família, então foi colocado da forma de uma responsabilidade muito grande. Isto, no meu entendimento pesou muito nas minhas costas, sabe, na minha formação. Então, já tinha comentado também, que uma coisa que marcou muito na minha vida foi uma colocação que me pai fez: eu como homem da casa seria como o esteio da casa. Isto ele tinha colocado entre 10 ou 11 anos de idade. Ele me chamou e mostrou a estrutura da casa. Eu morava numa casa de madeira então não tinha forro então a gente via toda a estrutura do telhado. Ele me mostrou a viga mestra que sustentava todo o telhado me falou: “você é como aquela viga. Ela sustenta todo o telhado” Isto me marcou muito a minha vida, entende? Ai como te falei, isto me marcou tanto pessoalmente e profissionalmente, tudo e inclusive sexualmente. Depois mais pra frente posso comentar isto com você, se você achar interessante.
5. Você tem toda a liberdade para dizer aquilo que você desejar.
6. Tá. Então eu tive uma formação assim muito severa apesar de eu apesar não ter aqueles castigos que a turma fala. Às vezes a gente pensa que era severa, com palmatória, não, não... Foi uma criação rigorosa em termos de educação em termos assim de conhecimento da vida. Meu pai, no pouco tempo em que passava com a gente, ele tentava passar. Meu pai como motorista batalhava muito, era muito difícil. Hoje não porque tem boas estradas como a Castelo Branco, a Anhanguera...Mas no tempo em que meu pai era caminhoneiro a gente morava na cidade do interior da alta paulista e ai então para pegar uma rodovia assaltada meu tinha que andar 100 km em estrada de terra e as estradas eram mal conservadas, mal projetadas para a época. Pra época não: eram mal projetadas. Isto não faz tanto tempo assim, uns 40-50 anos. Então o meu pai quando fazia uma viagem para São Paulo ele ficava uma semana fora. Não é como hoje que num dia

vai a São Paulo e no outro dia está de volta. Naquele tempo ficava uma semana fora. O meu pai quando falava com a gente era prá nos repreender por causa das reclamações que minha mãe fazia. Minha mãe ficava dia a dia e quando meu pai voltava ele falava: ele fez isto e isto. Então era só repreensão e por que tinha muito medo do meu pai. Ele era muito rigoroso. O papel que meu pai representou, em minha vida, não fui de um educador, foi de um... um- .entre aspas pois não bem o termo – um carrasco – uma pessoa que só repreende! E como agente não tinha muito tempo para conversar com meu pai então consegui passar muito pouco pra gente, mais a gente entendia pelo que minha mãe falava. Minha mãe foi também uma pessoa muito sofrida por que o pai dela – o meu avô – era muito severo também, com formação militar no Japão. Minha mãe também ela já vinha de uma formação muita severa. Então a única coisa que nós sabíamos era que tinha tido uma formação muito severa, isto ela passou para gente também. Então a gente teve uma criação muito - repetindo outra vez – muito severa. Mais de transmissão do que de permissões. Mas apesar de tudo isto, a infância da gente foi uma etapa da vida que é mais bonita apesar de tudo. Então a gente conseguiu ser feliz, apesar de naquela época a gente não ter a situação econômica de hoje. Mas dentro daquela pobreza da gente a gente conseguiu ser feliz. Tanto é que a casa a onde a gente passou a infância - comentando entre nós irmãos – tudo a que a gente sonha a gente sonha com aquela casa . Era uma casa de madeira , não tinha forro, o chão era – não era de vermelhão – era de tijolos – o banheiro era fora, não tinha vaso sanitário nada, era fossa negra lá no fundo do quintal . O lote da casa tinha 20 metros de frente por 50 de fundos - eram lotes rurais. A gente chama hoje de lotes rurais. Então apesar de tudo isto a gente conseguiu ser feliz mas isto , por outro lado, ficou na vida da gente e agente trouxe isto para a vida adulta, para vida de casado. A gente eh...deve ter passado alguma coisa para os filhos também . Os filhos também às vezes reclamam da gente também . De mim, principalmente. Da minha mulher não. Minha mulher teve outra criação, outra cultura. A minha mulher, não sei se te falei, ela não é japonesa. Ela é desendente de italiano, também da terceira geração. Só os avós delas são italianos. A minha mulher é uma mistura. A minha sogra – a mãe dela – ela é de cor. Mas ela puxou pro pai ela branquinha, cabelo liso, castanho mas ficou com impressões italianas também. Ela é totalmente diferente pela criação. O relacionamento oriental é muito mais frio. Não é de estar abraçando na hora de cumprimentar. Trocar beijos, não existe isto! Até a pouco tempo não se via isto, mesmo entre os descendentes. Isto é uma coisa que também eu carrego, faz parte de minha formação e eu tenho muita reclamação de minha mulher por eu não conseguir me expressar assim em público e diz que eu me lembro dela só na cama. Coisas assim! Mas, não é bem assim não. Quando a gente namorava, eu já morava em São Paulo . Na verdade minha mulher é filha da minha madrinha de batismo. Numa destas visitas quando fui a casa de minha madrinha a vi pela primeira vez tinha nove anos de idade...

7. Sua madrinha não era de ascendência japonesa?

8. Não, não era não. Na verdade, os grandes amigos mesmos eram meu avô materno e meu padrinho. Eles que eram amigos, entende? E logo depois – você vê – é uma história muito complicada, por que se conheceram logo após a guerra. Como o japonês perdeu então teve toda aquela perseguição – por que japonês tinha que ir embora, japonês tinha que apanhar. Então quem protegeu meu avô quando

eles foram lá para aqueles lados das glebas de terra que eles tinha conseguido do governo quem o protegeu foi este meu padrinho.

9. Ah, sim..

10. E, em retribuição a este meu padrinho o meu avô me deu em sacrifício...

11. Você era o primeiro neto homem ?

12. Eu era o único neto homem...um sacrifício não, mas uma..uma homenagem. Então uma coisa muito significativa dar o primogênito para batizar e eu além de ser o filho único era o neto único. Eu sou neto único de meu avô...

13. Você era o único herdeiro...

14. Pena que avô era pobre se não eu estaria muito bem ..se não

15. Se fosse um industrial, dono da Toyota ...

16. Estaria bem hoje...

17. Esta entrevista estaria sendo dada no Astória, em Nova Iorque ou no George V, em Paris.

18. Ou em Tóquio, melhor ainda (risos)

19. Nos falávamos em nossa conversa que nossa história é uma coisa única que marca definitivamente a nossa vida e você que ele está imbricada nas outras histórias de nossos antepassados...

20. Isto mesmo. A turma fala que, de geração em geração, a gente muda. Mas, também fica muita coisa. Isto me marcou muito na vida hoje. Depois que fiz esta terapia, tenho a capacidade de reflexão de analisar a vida depois que passei e o que sou hoje. Se eu tivesse esta capacidade de fazer uma análise do que tenho hoje, se tivesse isto há trinta e cinco anos atrás, minha vida talvez tivesse sido diferente.

21. Talvez você também não tivesse maduro para fazer isto. Para fazer uma reflexão como esta, tem que entender a vida como um processo se amadurecimento, de crescimento. Você aproveita este momento excepcional de sua vida para concretizar isto.

22. O destino da gente, a vida da gente vai mudando. Na infância é uma coisa, na adolescência em outra, na puberdade é outra, na juventude é outra, na...depois vai só mudando só. Hoje meu objetivo é outro. O que me resta da vida, viver com qualidade. Vou tentar, pelo menos, viver com qualidade...Agora fiz uma mistura da minha vida..

23. Não tem problema, o seu depoimento é livre. A gente não tem compromisso de seguir um caminho de raciocínio. A medida que as coisas vão batendo a gente vai conversando. Mas você me dizia que viu pela primeira vez sua mulher quando foi visitar seu padrinho, ou coisa parecida...

24. Então isto veio por que eu comentei que minha mulher não é descendente de japonês, não é da minha raça..

25. Isto criou problema para você?

26. Ah , criou, criou, né...criou, na verdade criou ... na verdade criou problemas. Não tanto por que eu casei e eu já tinha uma irmã casada com não descendente de japoneses, aliás já tinha duas irmãs casadas, mas o grande problema eu é que sou o único, o primogênito e ia casar com uma.. uma.. que não tinha ascendência, mesmo sendo uma moça conhecida, filha de minha madrinha, sabe tinha também algum grau de conhecimento já que o pai dela representou para gente já que agente não sofreu aquelas perseguições, durante a guerra, no período que nasci, mas

27. Você nasceu logo depois da guerra, não foi?
28. Sim. Nasci em 1946. Mas ficou um certo tempo aquele mal estar, né, visto assim no povo brasileiro esta bobagem, esta bobagem. Naquele tempo só existia rádio, então as notícias vinham pelo rádio....Mas, as dificuldades foram por que eu era primogênito, mas apesar de tudo isto teve problemas sim. Outra coisa também que minha mãe sempre foi doméstica, ela prezava muito ser dona de casa então ela achava que a mulher era assim uma mulher boa se ela soubesse fazer as tarefas domésticas. Ela fala isto. A minha mulher quando comecei a namorar tinha 14 anos e eu tinha 23 ,entende? – nove anos e meio de diferença Ela dizia assim para mim: “mas como ela tão novinha assim ela não sabe ser capaz de tomar conta de casa”. A preocupação dela – como ela sempre fez as coisas para mim – como seu sou filho único e tinha mais 4 irmãs que faziam tudo dentro de casa e eu nunca fiz nada. Então ela achava que eu não iria ter o conforto que tive em casa na vida de casado. Mas ela, no fim, acabou-se se enganando rendondamente, quer dizer, minha mulher como dona de casa é ótima. Ela cuida de mim, faz doces, salgados, faz qualquer comida...empanada inclusive. Aprendeu a fazer comida japonesa, sabe aquele negócio de makizushi, aquilo ela aprendeu fazer , sabe aprendeu fazer sukiaki e yakisoba
29. Isto eu sei o que é o macarrão frito.
30. Ela aprendeu a fazer isto, seu Jaime. Então minhas irmãs apesar delas enfrentarem fogão tudo ai, elas não cozinham tão bem como minha mulher. Então isto minha mulher conseguiu fazer e conseguiu calar a boca de muita gente. Então é, a gente apesar da diferença, se casou estamos juntos há 25 anos de casados. Contanto com o namoro, temos trinta anos.
31. Quantos filhos?
32. Dois filhos.
33. Casal?
34. Um casal. O menino – menino? - para pai as crianças sempre é menino...menino ou criança que a gente fala - tem 24 anos, já é universitário, formou-se pela PUC. E a minha filha tem 20 anos é quartanista de jornalismo na PUC também . Todos encaminhados já. A gente tentou dar uma educação que a gente gostaria de ter tido . Não sei se é ideal o que existe em termos de educação, mas a gente tentou dar a educação que gostaria de ter recebido. A gente não tem a formação de educador, mas a gente tentou dar o melhor possível para eles . Então a gente conseguiu, não sei se conseguiu, mas tentou a melhor formação para eles, inclusive a formação escolar. Sempre pregava para meus filhos - eu não vou deixar nada material para vocês - mas pelo menos com o diploma da universidade que vou deixar para vocês isto ninguém tira de vocês . Se eu der uma casa para vocês podem cismar de vender. Posso dar uma fazenda para vocês ...a gente vê exemplos por ai que numa noite de carteado eles perdem tudo. Outros aprontam besteira . Então uma das coisas que eu falava para eles era que não ia deixar nada material para eles mas só iria deixar uma formação pra lutar pela vida, pois a gente por mais que queira não é eterno. Mas, se vão ficar sozinhos aí, tem que encarar a vida ...O importante é indicar o caminho para eles...
35. Este é o sentimento generativo de cuidar das gerações que vêm atrás de gente...
36. É verdade...

37. Mas quando você fala em formação, você na lá no interior. Quando convivia com suas irmãs, seu pai mostrava para você a importância sua na estrutura familiar e apontava o telhado e mostrava a viga mestra que segurava toda aquela estrutura e dizia que você era igual a viga mestra. Você desta forma absorve este de sua formação. Por outro lado como seu pai também trabalhava a sua formação escolar. Como era isto?

38. Então, lá no interior assim eu, naquele tempo que fiz o ginásio,

39. Mas antes de você fazer o ginásio você foi lá para o primário, não foi?

40. Pro primário...

41. Como foi isto? Em que idade?

42. Na idade normal. Entrei com 7 anos . O grupo que fiz em quatro anos, era um grupo para todos. Naquele tempo não tinha escola particular , pelo menos na minha cidade.

43. Mas era aberto a todos ou só aos descendentes de japoneses?

44. Aberto a todos. Todo mundo. Tinha branco, japonês, preto, pobre, rico, tudo mundo . Tinha gente que ia descalço. Não tinha aquela frescura de mãe levar até na porta da escola , não tinha gente de carro...Mas também era tudo pertinho. O grupo escolar que eu estudava ficava a cinco quadras de casa. Então eu me formei no grupo escolar...

45. E como foi isto, você sai de um grupo mais fechado ...como foi chegar na escola ter o contato com a professora , com aquela algazarra de crianças que não tinham das da formação japonesa ...

46. Foi complicada. É até nisto a minha formação japonesa pra mim foi assim prejudicial ..

47. Por quê?

48. Porque em casa, eu tenho o nome japonês então ninguém me chamava de Irineu – só...Hauou – Haruo - e japonês chama o irmão – o mano – de An-tian – é irmão . Os mais novos me chamavam de na-dian e os mais velhos de hauuo. Depois, todos já me chamavam de Harou. Então como eu sempre fui chamado de An-tian ou Harou . O primeiro dia que fui na escola – eles fazem a chamada? Voltei para casa e minha mãe perguntou: por quê você voltou? E eu respondi: porque ninguém me chamou! Até briguei com minha mãe: você não fez a inscrição na escola para mim, né? “Não, eu fiz.”!, ela me disse.Ela foi comigo, e aí: ta ta.ta.ta.ta... e resolver o problema. Foi sim que fiquei sabendo que meu nome era Irineu.

49. Até este momento você não tinha tido contato com seu nome...

50. Não, não tinha.

51. Se nome era Haruo...

52. Era Haruo...Então o meu nome era este mesmo. Então até nisto eu fui prejudicado, né?

53. Mas em compensação também é uma experiência ímpar...

54. É verdade..

55. Entre 10 milhões de brasileiros, um deve ter uma experiência com esta

56. É verdade. O japonês, assim, ele apesar deles registrar com nome brasileiro , até a época da minha irmã mais velha que eu, não podia ter nome brasileiro. O cartório não aceitava . A minha irmã mais velha não tem nome brasileiro. Ela tem apelido. As duas mais novas já têm nomes brasileiros.

57. Mas, você me dizia da sala de aula. Então no primeiro dia de aula você perdeu?

58. Eu perdi ...Mas não tinha muito problema não, sabe por que, Jaime? Por que meus pais como já eram nisseis, da segunda geração e eles já sabiam bastante português. Eles falavam entre sim em Japonês, tanto é que seu sei muito japonês. Eu sou o que mais fala japonês. Agora não muito porque eu perdi as pessoas... depois que eu me casei. O brasileiro é assim quando vê algum falar em outra língua eles acham que estão falando mal dele. Então para evitar isto e para não criar aquele clima de mal estar com minha mulher eu comecei a não falar japonês com minha mãe e com meu pai . Ai eu perdi o traquejo...Faz 25 anos já.. Então é muito

59. Mas, você pode recuperar isto..

60. Posso sim. Eu sei ...vocabulário eu sei muito..

61. Japonês é muito fácil, qualquer um aprende...(risos)

62. Mil e quinhentas palavras só.. que perto do chinês não é nada, pois chinês tem três mil e cacetada . O problema é que o japonês tem muitos sinais é ..tem simbologia também. Todo o alfabeto japonês é um alfabeto - o kandi - ele todo simbólico então a árvore é a palavra árvore lembra uma árvore mesmo por que ele feito assim ...(escreve árvore e me mostra...)...representa duas árvores. O rio é assim (apanha um papel e desenha o idiograma) lembra uma cachoeira. Então é tudo assim representativo. Então é como te falei, os meus pais já, antes de irem para a cidade, eles moravam em colônia , em fazendas, onde a maioria era italiana então tiveram que aprender, aprender um português “de ouvir falar”, muitas coisas eles falavam errado

63. Como os italianos também..

64. E falam assim um português italianado . O japonês também era assim, falava embolado..

65. Mais ou menos como um brasileiro no Japão que vai aprender o japonês de ouvido., ele deve falar um japonês horrível, né?

66. 66 - A turma fala, o Inglês é fácil. Realmente o Inglês é fácil, mas o Português e o Japonês são muito complicados. Então eu nunca tive dificuldade assim na escola. Relacionamento também não por que eu sempre morei assim numa casa e os vizinhos se não fosse cem por cento eram todos brasileiro, então eu tinha que falar português. Japonês só em casa...

67. Você se lembra de sua primeira professora? Você passou o ano inteiro com ela. Era uma só, não era?

68. 68 - Sabe? Eu fiz o primeiro ano- primeiro ano de grupo foi em Oswaldo Cruz, acho que 1954. Foi mesmo em 54, pois foi ano que Getúlio morreu – foi no dia 24 de agosto - eu estava na rua e vi o pessoal voltando. Ai eu perguntei eles me disseram que não esta havendo aula . O Getúlio morreu.. E eu: Oba!...Todo mundo comemorou por que não estava havendo aula. (risos)

69. Pelo jeito a criançada não gostava muito da escola ...

70. Ah, não! Por que gostava mais de ficar na rua. Naquele dia, me esbaldei, fiquei o dia inteiro na rua. Então não tive muitos problemas com a linguagem e nem com o relacionamento. Tanto é que meus grandes amigos mesmos foram brasileiros. Tinha algum amigo descendente de japonês, mas onde eu morei a colônia japonesa era muito pequena. A colônia japonesa grande mesmo era na

zona rural . Na cidade não tinha muito contato e outra coisa também japonês ele tem muito preconceito assim em termos de riqueza. Eles acham que japonês que é rico veio para o Brasil e progrediu , ou seja teve força de vontade . Trabalharam e progrediram, então eles davam valor as esses japoneses ricos

71. Isto que você está falando dos descendentes japoneses...

72. Não os descendentes, mas os que vieram .Os outros e a primeira geração, sabe os nisseis..

73. Os que ficaram ricos foram mais capazes porque eram mais trabalhadores? Segundo a opinião deles.

74. Segundo a opinião deles. Por que meus pais também conseguiram terras do governo, mas não tiveram sorte. Eles receberam uma gleba de terra, mas era mata virgem...Não era só começar a plantar e começar a colher...não era assim. Meus pais receberam uma gleba – meus pais não, meus avós - cada recebeu um gleba de 25 alqueires , paulista, mas 25 alqueires . É terra para caramba! Mas primeiro tinha que derrubar a mata, queimar, preparar a terra, sem nada por que naquele tempo não tinha trator não tinha nada ..

75. No braço, né?

76. No braço, machado, foice, facão. Então...

77. Eles viviam numa realidade que o japonês não vivenciavam muito por que as condições de vida no Japão deviam ser outras diferentes...

78. O meu avô veio do Japão ele era marceneiro lá, pai de minha mãe, e de mão cheia! Ele também era da guarda real do Japão, quando serviu o exército. Agora meu avô, pai do meu pai, não sei o que ele era...Mas não tinha jeito para isto ...

79. Você esta falando seu avô materno?

80. Materno.

81. O seu avô paterno não veio, ficou lá

82. Ele veio, ele veio também . Os dois vieram na mesma migração e ficaram em lotes vizinhos . Tanto é que ai o meu pai acabou casando com minha mãe por oportunidade..

83. Ah, tá bem, entendi...Vai!

84. Os dois eram vizinhos mas eles tiveram azar por que ai não deu tempo para preparar a terra para semear e quando semearam já tinha passado a época – e naquele tempo tinha que pagar a gleba, ela não era de graça. Só sei que no fim a história eles acabaram perdendo a gleba , tiveram que entregar ao governo e sobrou alguma coisa e ai que meu pai veio para a cidade. Meu pai, da família, era o único que tinha carteira de motorista. Ele é que carregava os produtos da fazenda para a cidade. O que sobrou da parte dele ele comprou um caminhão e foi ser motorista de caminhão...ai que nós viemos para a cidade.

85. Você me diz que isto separava os japoneses ricos dos japoneses pobres, pois entendiam que os pobres trabalhavam menos eram menos competentes...

86. Os japoneses pobres eram vistos como pessoas sem sorte e que não trabalhavam. Eram vagabundos por que não tiveram a capacidade de administrar o que receberam do governo. Então o meu pai, eu devo – eu nem tanto – mas o meu pai foi muito discriminado também.

87. Sei..

88. Não fazem conta da gente. Aí muita mágoa, pois os filhos do patrão dele diziam: “e ai quando você vai ter seu caminhão próprio” ? Como se fosse fácil

...como não tivesse desafio.. No fundo queriam dizer: “ quando é que você vai trabalhar?” E meu pai nunca teve medo de trabalhar. A hora que tinha que acordar - eu me lembro muitas vezes - que quando meu pai saía de casa saía de madrugada. A minha casa não tinha forro não tinha nada, então um grilinho fazendo um barulho a 500 metros de casa você escutava. Então eu ouvia meu pai pegar o caminhão esquentava e sair Naquele tempo tinha que esquentar o caminhão. Não é como hoje que liga e já sai. Então eu escutava até, bem longe...Ele saía de madrugada . É assim meu pai que lutava muito. Mas para eles, “não tinha força de vontade, não gostava de trabalhar...”.

89. Mas isto era com o conjunto das pessoas da colônia, pois com os brasileiros não tinha este problema...

90. Não, não..não tinha.

91. Bom, eu falo povo brasileiro, mas você também é brasileiro ...

92. Vamos dizer nativo, né? Pois japonês, preto e alemão, não tem jeito...(muitos risos)...Você pode tentar esconder, mas não dá.

93. Eu acho que com o japonês é ainda pior, pois se tem a marca nos olhos...

94. Não tem jeito!

95. O preto se casa com a branca, dá um mulato, não sei o que....como a população brasileira já mais mulata ...mais o japonês o olhinho fica...

96. E..é.. Meus filhos mesmo têm os olhos amendoados.

97. Mas voltaNdo aqui a escola , ai você se lembra que os 54 você entrou em Araçatuba, fez o primeiro ano lá...

98. Primeiro ano...

99. Primeiro ano e alfabetização ou já começou a estudar normalmente? Como é que foi?

100. Meu pai desde esta época já era motorista de ônibus. Ele trabalhava uma empresa que era sediada em Oswaldo Cruz e ele fazia esta viagem de Oswaldo Cruz a Araçatuba. Ele ia de manhã e voltava a noite. Dormia em casa e voltava no dia seguinte de manhã. A estrada não era como hoje, tinha muita ocorrência, atolava...era uma epopéia..Então como meu pai ele fazia esta linha de Oswaldo Cruz a Araçatuba. Então a gente mudou para Araçatuba. Depois, no segundo semestre , meu pai conseguiu a linha Oswaldo Cruz – Guararapes. Aí a gente mudou agente mudou para Gurarapes. Pois a linha terminava em Gurarapes. Então primeiro semestre em Araçatuba e o segundo em Guararapes...A gente fala que a primeira professora a gente não se esquece, mas eu esqueci...ou talvez a primeira boa professora que a gente não esquece. Já a Segunda professora eu não esqueço. O nome dela Dona Lourdes.

101. Isto já em Guararapes?

102. Já em Gurarapes, no segundo semestre. Em Guararapes, ficamos morando num bairro chamado Sapolândia . Havia por perto olarias onde tinha muitas lagoas nos buracos de onde se tirava o barro e ai tinha muito sapos. Depois voltamos para Oswaldo Cruz.

103. Por quê?

104. A linha já não estava dando mais nada, né, aí do dono da empresa ele acabou fechando a linha. Ai meu pai voltou para Oswaldo Cruz pois lá já morava um irmão de minha mãe. Então minha vó - na verdade a família de minha mãe - morava em Oswaldo Cruz. Então meu pai foi pra lá onde conhecia mais gente e ai

que pai começou trabalhar numa empresa que era cerealista. Comprava e vendia arroz, amendoim, e fazia transporte para outras cidades. Aí meu pai começou a trabalhar. Isto foi em 55. Ai eu fui para o Grupo Escolar de Osvaldo Cruz. Só que isto não era fácil, tinha que pedir transferência e isto quem cuidava era meu pai apesar de meu pai não Ter instrução nenhuma ele se virou e conseguiu.

105. E a escola era puxada, como é que era a dinâmica da Escola? Você consegue se lembrar?

106. Eu achei que para mim foi fácil e... até o terceiro ano de grupo eu passei em primeiro lugar da classe. Inclusive em Português. A gente tinha Português, Aritmética, História, Geografia, Desenho...era só isto que tinha. Depois aquele tempo o Brasil era muito diferente de hoje. Naquele tempo a gente era mais patriota então a gente cantava o hino nacional , o hino a bandeira, da independência a gente cantava até aquele musiquinha francesa “ Frère Jacques”

106 - Então, em Osvaldo Cruz, isto foi em 55, eu tinha eu tinha 9 anos de idade, foi nesta época que comecei a trabalhar Eu achei que para mim foi fácil e... até o terceiro ano de grupo eu passei em primeiro lugar da classe. Inclusive Português. Era Português, aritmética, história, geografia, desenho...era só isto que tinha. Depois aquele tempo o Brasil era muito diferente de hoje. Naquele tempo a gente era mais patriota então a gente cantava o hino nacional , o hino a bandeira, da independência a gente cantava até aquele musiquinha francesa “ Frère Jacques” Então, em Osvaldo Cruz, isto foi em 55, eu tinha eu tinha 9 anos de idade, foi nesta época que comecei a trabalhar

107. Com 9 anos?

108. Com 9 anos. Na frente de casa mudou um descendente de japonês que tinha uma serralheria. Ele ia em casa almoçar. Mas ele gostava de tomar café, tipo três horas. E não tinha carro, pois só tinha carro pessoas muito ricas. Aí ele me pediu que eu fosse só levar o café para ele, tomava e café e depois se tivesse alguma coisa eu ficava lá. Isto eu usava calças curtas ainda. Eu tenho ainda a marca de corte na minha canela, um marca de queimadura de estanho derretido porque eu aprendi a fazer a primeira coisa . As coisas que eu fazia era de lata de óleo. Eles desmanchavam as latas de óleo e montavam de certa maneira e fazia aquelas bacias

109. Soldadas?

110. Soldadas. Nas emendas tinha que se passar uma solda de estanho para não vazar, nem nada. E aquilo eu comecei a fazer ...a primeira coisa que aprendi fazer na vida, foi de lata, solda e estanho.

111. Cortava a folha para fazer a bacia?

112. Não, eu só soldava. Eu não tinha ainda jeito para isto...depois comecei a fazer estas bacias de lata . Depois comecei fazer...

113. Naquele tempo já reciclava lata...

114. A gente fazia isto também, fazia regador. Fazia regador com zinco já e eu soldava também . Então lá a gente fazia solda , esta porta ondulada de ferro, de aço. Um dia eu machuquei meu joelho lá. Eu fui passar por cima de uma que estava enrolada quando eu passei pisei e tive que soltar a perna ai ela voltou e me rasgou o joelho ...Este dedão também, olha aqui, veja está faltando uma parte aqui , ficou um buraco.

115. Mas é quase imperceptível

116. Mas chegou até quase chegou no osso. Eu tava limando uma serra. Na verdade um suporte de tranca de janela para colocar uma barra . Então eu tava esmerilhando para ficar redondinho assim para tirar as rebarbas ... e... o esmeril é assim: ele vira de assim... e suporte fica aqui você apoia mas o esmeril estava um pouquinho gasto e então ficou um folga entre o esmeril e o suporte...ai o ferro entrou nesta folga e meu dedo foi junto, né?
117. Sei, mas...
118. Foi a unha , foi o dedo..
119. Até você perceber e haver o reflexo. E você era menino...
120. É era muito mais rápido que hoje, mas mesmo assim ...
121. Mas isto você já estava trabalhando lá ou você após levar o café ficava sapeando por lá...
122. Não ai eu já comecei trabalhar lá..Levava o café e ficava trabalhando. Trabalhando mesmo...com responsabilidade, já sujando a roupa, chegava em casa todo sujo. E ele me pagava, não sei quanto..uma unidade lá qualquer. Eu sei que o que eu ganhei durante o ano inteiro eu guardei. Eu me lembro, até hoje, minha mãe me disse: você então compra o que você quiser no final do ano! Por que presente de natal a gente não ganhava não. Eu lembro uma vez só que eu ganhei um caminhãozinho, só. Então, a gente não foi acostumado. A gente foi muito pobre ...por que pudim de leite condensado minha mãe fazia – aquele de banho-maria – a gente comia só no natal. Frango assado só no natal. Tem um doce japonês que é feito com um feijão, tipo feijão preto...feijão preto eu não sei o nome dele aqui no Brasil, um feijão preto compridinho assim igual feijão carioca...minha mãe fazia e a gente comia só no natal. Então o que eu consegui ganhar durante o ano inteiro eu comprei um revolvinho da Estrela, sabe aquele de espoleta, preto (risos)
123. Preto.? Tipo Roy Rogers...?
124. Preto de cabo branco. Ah aquilo era muito bom
125. Deve ter feito sucesso na cidade..
126. Na vila eu era o mocinho, eu tinha o revolver...por que até então eu fazia aquele revolver de carretel...
127. Os revolvinhos de espoletas eram o sonho de toda garotada.
128. Ainda é..E ele era de repetição. Você abria o revolver e colocava uma fitinha de espoleta e cada tiro que você dava ele tinha um mecanismo que puxava o tiro seguinte e repetia o tiro.
129. (risos) O problema era depois comprar a espoleta.
130. Falar em espoleta tem uma história também de fogos de artifícios... depois eu te conto. Bem eu adorava colocar fogos de artifícios ...aqueles traques que a gente chamava...colocava vários, amarrava um barbante e amarrava no rabo do gato. Deve ter gato que está correndo até hoje...(muitos risos)...Deve estar chegando no Japão...
131. (risos) Você então estudava de manhã, levava o café para o seu chefe...
132. Eu saía às 11 horas, almoçava e depois lá pelas duas horas eu ia levar o café para ele lá e lá ficava. Então, até hoje o pessoal se lembra de mim. Fiz muita amizade com os filhos dele...
133. Ele mora ainda em Osvaldo Cruz?

134. Ele mora ..a mulher dele já faleceu. Os filhos estão todos crescidos. Então num bairro – a gente chamava de vila naquele tempo - nesta vila ai dava até para contar as famílias de japoneses que existiam. Tinha esta daí, tinha a família Nishimaru, que agora está em Campinas, tinha a família Sato que eram sitiantes...Fui um período de trabalho e de estudo de que eu guardo boas lembranças...

(Há uma lacuna da fita por ter acabado e eu não ter reparado)

135. Por falar em estudo, você continuou estudando sempre com a mesma professora, D. Lourdes de quem me falou?

136. Não. Porque ela foi minha professora em Guararapes...

137. Ah, é em Guararapes. Ai você foi para Osvaldo Cruz. Terminou seu grupo escolar lá?

138. Ai eu terminei o grupo escolar lá. Depois eu passei para o ginásio que era estadual em Osvaldo Cruz.. Chama-se até hoje Colégio Estadual e Escola Normal Benjamim Constant. Uma escola muito boa ...bom...era né? Na época que estudei escola boa era do Estado . Quem não queria nada com nada ia para a escola privada. Lá era uma escola de contabilidade. Era o Ditinho. Colégio Comercial São Benedito . Lá era pago né, então o negócio...o famoso papai pagou passou. Eram os três P. Então a vantagem minha de eu dominar o português é que naquele tempo o colégio estadual era bom e eu tinha uma professora ...o primeiro ano eu não fiz em Osvaldo Cruz. Fiz em Parapuã, uma cidade vizinha.

139. Por que?

140. Porque eu perdi a época de inscrição. Quando eu fui entregar meu requerimento lá no ultimo dia, tinha divergência na minha data de nascimento. Que até nisto também eu tive problemas. Eu nasci na verdade aqui numa cidadezinha pertinho de Ibitinga, chamada Cambaratiba. Meu pai me registrou lá. Ai então mudamos para Morã, uma cidade pertinho de Osvaldo Cruz. Ai meu pai quando chegou lá disse: bom, agora nos vamos apanhar o registro de Haruo. Mas o cartório tinha fechado. Então ele resolver registrar lá em Salmourão. Só que o prazo para não pagar multa, havia acabado. Sabe o que meu pai fez? Registrou com dois meses de atraso. E eu, quando foi fazer a inscrição para o exame de admissão - eu mesmo fui fazer - eu tive que preencher o requerimento lá e me falaram que não dava: “quem não tiver 11 anos quando for entrar no ginásio, não entra”. Então isto era sabe fins de dezembro, ou coisa assim, então o que eu fiz? como meu nascimento natural era 25 de outubro e se eu fosse colocar 25 de dezembro eu não tinha 11 anos ainda, então o que eu fiz? eu coloquei 25 de outubro.

141. Não deixava de ser verdade...

142. Claro que era verdade...mas mesmo assim eu não consegui fazer o exame de admissão na minha cidade. Aí, como Paranapuã tinha uma data de inscrição após, eu fui lá fiz, com 11 anos de idade. Eu viaja todos os dias. Eu tinha aula à tarde, só que duas vezes por semana eu tinha de educação física, isto era às 7 horas de manhã. O que eu tinha que fazer. Eu tinha que tomar o ônibus às 5:30 de manhã levava minha marmitinha e ai eu ficava o dia inteiro lá.

143. Aí você não trabalhava né?

144. Não. Nesta época, eu já tinha deixado a serralheria. Não podia trabalhar porque viajava. Também não tive problema lá na escola por que também tinha alguns alunos japoneses lá, mas eu também continuava igual e não tinha problemas nenhum. Naquele época tinha latim também.

145. Isto já no primeiro ano de ginásio?

146. Sim, na primeira série. Então, na primeira série eu passei com uns 10 anos. Voltando ao exame de admissão o patrão de meu pai falou assim: “oh. Haruo - ele sabia que eu ia passar, mas era um desafio - se você passar em primeiro lugar no admissão você vai ganhar um caneta Park 21”.

147. Parker 21?

148. Quem é que tinha uma caneta? Eu não tinha..só um doutor.. Depois veio a 51, nas naquele tempo era a 21 mesmo. Aí eu falei ah é, é?! E sabe que eu passei em primeiro lugar. Eu tenho a caneta 21 – a parker 21 - até hoje. Nunca usei ...Guardei de recordação. Está dentro do plástico.

149. Era uma caneta tinteiro?

150. Tinteiro. Naquela época não tinha esferográfica.. Era muito raro. Não tinha, não tinha . Esferográfica - quer ver? - ela apareceu, eu trabalhava no escritório. Eu comecei a trabalhar num escritório em 60. Ela apareceu a partir de 61, 62 . Eu me lembro que levava a minha no grupo que tinha aqueles tinteiros – era uma latinha assim - tinha uma saída falsa. Você podia tombar que não vazava. Mas era um saco a gente ir com aquilo por todo lado. Então, até nisto, era complicado...mas tinha o mata borrão.

151. Hoje se você falar para um cara de 30 anos em mata borrão, ele pergunta : o quê que é isto?

152. Então como eu trabalhei no escritório de contabilidade, não podia ter rasura e se trabalha com caneta tinteiro sabe o que se usava para apagar os erros e borrões? Hoje se chama cândida, mas naquele época era Q.boa

153. Água sanitária...

154. É água sanitária. Era o nome do produto...como o bom-bril hoje. Era o corretor. É o branquinho hoje, só que era um trabalho artesanal. Passava a Q-boia e tinha que deixar secar, pois sua ação continuava...você escrevia, sumia (risos, muitos...) ou você escrevia por cima e depois você tirava o que sobrava . A gente levava palito de dente...

155. Era um negocio de diagrama mesmo...

156. Fazia tudo na mão.. Fiquei 10 anos fazendo tudo na mão, o dia inteiro...

157. O japonês que é muito cuidadoso, desenha a letra. Você estudou japonês também?

158. 158 - Eu fui à escola...O japonês – ele lá no Japão – aqui não, mas aqui alguns mais antigos ele escreve a letra assim não é com caneta nem com lápis, mas pincel pincel próprio para escrever japonês

159. Como um pintura mesmo...

160. É, até o nome do pincel é meio – lá não, mas aqui é palavrão – o pincel cham-se fudê. É um pincel que tem uma ponta fininha e uns pelos assim e conforme você vira ele fica mais grosso, mais fininho...é o tipo daquela pena para escrever com letra gótica. Eu sou também letrista. Escrevo letra gótica..

161. Legal, cara. Legal. Letra gótica é uma coisa lindíssima..

162. Mas ninguém dá valor. Fica muito bonito no diploma, mas ninguém dá valor. Às vezes fazia alguns trabalhos... Tem a letra gótica alemã e a francesa.

163. Qual a diferença?

164. A francesa é mais redondinha, agora a alemã não é aquela toda enfeitada, mais cheia de detalhes . Eu tenho penas que comprei na época, porque eu tive na verdade umas duas aulas de gótica alemã no ginásio...

165. Ah você teve no ginásio?

166. No ginásio. Ensinavam isto lá nas aulas de desenho. Hoje...!?.Eu tinha canto orfeônico, tinha o latim, tinha o francês, o inglês; eu tinha também trabalhos manuais. Então, eu tive sorte que eu estudei na escola pública quando era boa, então graças a isto aprendi tudo isto. Eu fui na aula de japonês. Meu pai achava que deveria aprender para manter a tradição – eu fui três anos em escola de japonês... era à noite. A gente ia num templo budista. A mulher do sacerdote que ensinava para gente...

167. Em Oswaldo Cruz?

168. Em Oswaldo Cruz. Fomos eu e minhas duas irmãs mais velhas, a mais nova – também era novinha naquela época - Eu tinha apenas 14 anos. A minha mais nova tinha 9.

169. Deixa eu olhar a horas. São 10:46. Quer dar uma paradinha para não ficar muito pesado para você?

170. Não, pra mim é gostoso...Olha, esta terapia me serviu para uma coisa (refere-se ao processo de terapia que estava fazendo) Serviu para que eu passasse a gostar de falar de mim mesmo . Sabe estas coisas que eu passei na vida na época só passei por eles só passei em branco, agora estou vendo que tudo isto faz parte de minha vida e uma de maneira boa ou má me influenciou tudo até hoje .. e vai continuar me influenciando...

171. Isto é sua história...

172. Que deixou marcas

173. Quando a gente tem a oportunidade de dar uma olhada para gente mesmo descobre-se que há muita coisa que a gente não percebe...

174. Mas é duro a gente olhar para dentro...

175. Por que foi difícil o processo terapêutico?

176. Para mim, eu achava que terapia era - ou mesmo a ida ao psiquiatra – ela coisa de louco. Preconceito meu! Na verdade, é um outro tipo de loucura porque a minha mulher fez terapia e ela falava para mim: você não quer fazer, não? Ela via a importância do tratamento. Ela tinha visto isto. Ela achava que eu devia fazer... via por certo defeitos em mim. Tanto é que ela me acha melhor, que eu estou revendo certas coisas...Mas eu achava que não precisar e dizia: eu não sou louco! Eu já tenho uma certa dificuldade por ser descendente de oriental. Apesar de eu me considerar assim uma pessoa mais extrovertida do que a maioria dos orientais eu tenho um pouco de dificuldade. Eu tenho este preconceito ainda.: não sou louco! ...então este conceito eu tinha ...

177. Então como você se decidiu a se cuidar, face à sua depressão? Como foi isto?

178. Sabe, depois que eu fui fazer terapia, contar minha história à dra. Dione eu vi que toda a minha vida, tudo o que passei contribuiu para que eu chegasse a este processo . Foi depois a aposentadoria que eu entrei em depressão. Ai eu

cheguei a ficar ruim mesmo...Eu chegava num trabalho que tinha lá (ele fala de um outro trabalho que arrumou depois da aposentadoria) sexta-feira, à noite e só saía de casa na segunda de manhã para ir novamente trabalhar... Meu quarto começou a cheirar ruim, tinha cheiro de hospital... de hospital não, de Asilo. Sabe um cheiro de velho. Vivia fechado e eu ficava deitado. Eu comecei a emagrecer...Sabe este osso aqui do lado que prende a perna ...a pele começou a ficar grudada como se ficasse enegrecida com o perigo de virar gangrena por que não tinha ventilação, circulação, não tinha nada ...Comecei a ficar pálido, aí que chegou uma época que me deu uma crise muito forte minha mulher me encaminhou, fui para PUC, da PUC não sei para onde e depois comecei a ter o acompanhamento do psiquiatra...Se fosse no primeiro dia que eu tivesse tido uma consulta na psiquiatria eu não tinha passado esta crise...Eu não queria falar com ninguém. Como eu iria falar de mim? Mas aí, depois da medicação aí tive que... me conscientizei que tinha chegado a fundo do poço e que precisa me cuidar, por que se não sei lá... era meio passo. Também o psiquiatra me via quando eu já tinha condições de fazer terapia

179. Isto na Unicamp, já?

180. Não , ainda eu tava pela ...eu tenho assistência médica pela Fundação Cesp. Naquele tempo eu estava sendo atendido pela Fundação Cesp

181. Mas você já estava aponsetado?

182. Já. Depois de estar aposentado, eu ainda estava trabalhando. Depois eu fiquei 10 meses parado e depois disso voltei a trabalhar

183. Na Eletropaulo mesmo?

184. Não, não... como consultor. Aí eu tive que abrir uma empresa... mas já estava num processo degenerativo (risos) eu estava caminhando a passos largos. Mas aí, depois disto aí enquanto eu estava trabalhando ainda... Eu parei de trabalhar... terminou meu contrato, meu projeto lá, eu não renovei, eu não consegui...e mesmo se tivesse conseguido eu não sei como seria ...eu não tinha a cabeça para nada. .. não lembrava de nada ..não tinha vontade de nada... Almoçar, eu ir almoçar nos restaurante a quilo...não comia nada. Comia!?, Engolia! 200 gramas, 250 gramas. Eu tava virando um palito. Minhas calças nenhuma serviam mais. Sabe, sabe o que é, é que eu tenho uma mulher que ela é bem esclarecida e já passou pelo processo de terapia pois ela já tinha entrado em fase depressiva e eu não soube compreender . Achei que terapia era frescura. Ela já tinha uma outra visão dessa, dessa... depressão. Então disse que minha mulher é esclarecida, tinha passado por isto e ela é muito ativa e corria atrás das coisas

185. Desta forma, ela apoiou e empurrou você?

186. Empurrou mesmo (risos) que fui impelido, fui...foi por isto que decidi fazer esta terapia. Foi bom, por que.. na verdade, Jaime, eu parei mesmo... minha mulher até sabe o dia que eu dei o pulo do gato... foi dia 11 de maio do ano passado. A partir deste dia eu sou outra pessoa....

187. O que houve dia 11 de maio, o que aconteceu?

188. Olha! Eu comecei a sentir uma euforia muito grande, sabe queria fazer tudo ao mesmo tempo. Dia 11 de maio. Sabe? Eu estava elétrico assim

189. Sei...

190. ... sabe quando você toma um estimulante cavalariça ?

191. Sim...

192. Minha mulher falava assim: “ele só para quando desligar ele da tomada”. Eu não parava, Jaime. Mas tudo, tudo eu queria fazer . Sabe estes espelhos de tomadas, de luz, eu tirei todos , lixei, pinteí com spray. Comei a me sentir assim, não pensava em nada. A barba ficava três ou quatro dias sem fazer. É que eu tenho muita barba branca também sabe então se eu fico dois dias assim fica aparecendo bastante, apesar da ter pouca barba então ficava aparecendo assim com a barba e com um olhar de loução. Ficava assim na cama deitado. Só tomava banho assim o mais rápido possível. Então eu acho que passei a ter assim um complexo por limpeza. Então tudo que ia limpar...locais inacessíveis eu limpava com pincel com cotonete com, palito... A primeira coisa que eu senti eu precisava dar uma limpada, inclusive na minha vida..

193. Sei

194. A primeira coisa que eu achei era que minha vida estava muito suja. Imagina você ficar 2 anos, sei lá, 3 anos se sujando. Fica tudo encalacrado assim tem-se que passa a lixadeira, mini vacuum...estas coisas para tentar limpar ...

195. Para deixar as coisas mais translúcidas...

196. Menos sujas...menos opaca, né? Passar a limpo mesmo...

197. Legal. Você tem a oportunidade de iniciar um século novo, um milênio novo , pensando estas questões todas já que você propõe a trabalhar esta sua sobrevivida com qualidade, como você se propõe...

198. Sabe o que estava pensando? Na verdade, eu tenho duas mães. Uma que me gerou e tenho uma outra agora que eu acabei encontrando em fins de outubro ...esta agora...minha segunda mãe é a Dione. (Dione é psicóloga com quem faz terapia) Como minha mãe outra, a Dione é uma pessoa que nunca vou me esquecer...Eu tenho que creditar muito também a minha mulher...

199. Sua companheira de 25 anos de casado, como você diz.

200. Trinta de companheira .

201. Eu pessoalmente fico feliz de ouvir a sua história extremamente rica e que tem muita coisa pela frente ainda. Está sendo um privilégio para mim esta entrevista com você e que quero marcar, se você puder, agora outro dia para a gente continuar este papo....Também espero que isto não canse você...

202. Isto não está me cansado em nada. Eu peguei gosto mesmo de falar de mim. De mim. Contar para alguém bom a minha história de vida...

203. Como é que você está amanhã ? Quer aproveitar para continuar o papo amanhã?

204. Podemos.

205. Às nove horas, tá bom para você?

206. Nove horas, está bom para mim....

207. Eu quero agradecer sua atenção e até amanhã!

208. Então até amanhã, Jaime.

Segunda Entrevista

209. Bom dia, Irineu, está é nossa segunda entrevista, no dia 12-01 de 2000.

210. 2001, né?

211. Isto é o hábito que se tem de usar a data do ano passado. Até por que a gente jamais imaginava que o ano 2000 – quando a gente era criança – era um negócio impossível, muito longe, muito distante...
212. O ano dois mil foi algo assim muito particular. Mudaram quatro dígitos. Agora daqui para frente é um só dígito. O máximo dois...2099...Agora 4 só nos três mil agora. Nós tínhamos parado ontem no ...
213. Você estava falando um pouco ...
214. De quando eu estava no grupo escolar...
215. É...
216. Já tinha ido lá para o ginásio, na cidade vizinha...Lembro que você teve que fazer uma jogada lá por causa sua certidão do nascimento.
217. Até nisto eu tive azar também por que, por problemas lá na época de registrar lá, estas diferenças nas datas
218. E... mas por que você falou que teve azar?
219. E por que aí eu tentando seguir uma regra que eles tinham falado que precisaria ter 11 onze anos para prestar o exame de admissão, eu coloquei minha data de nascimento natural, aí quando foi confrontar com a data de nascimento da certidão de nascimento, não batia...aí o requerimento não poderia ter rasuras... e não havia a forma de correção que tinha hoje..
220. Só tinha Q-boa?
221. Só tinha Q-boa.. E eu só tinha o limpa tipo...
222. Mas o limpa tipo só servia para limpar o tipo da máquina...
223. Mas servia também para tirar a tinta...
224. Ah tirava também? A tinta da escrita?
225. E tirava, tirava ...Você também me disse que lá onde você teve no ginásio muita sorte por que você pegou o ensino mais denso. Você estudou latim, inglês, canto orfeônico, aprendeu fazer suas letras góticas, aprendeu a fazer trabalhos manuais...
226. 226 - Aprendi a fazer aqueles bonecos ...como fala --- pegava papel higiênico dissolia e colocava com gesso. Fazia uma massa e fazia um molde, a figura do rosto.
227. Isto no ginásio?
228. No ginásio. No ginásio do estado . Oficial da rede Oficial que hoje não ensina nada disto...
229. E era muito rígida a disciplina? Como que era a chegada, a saída, o respeito ao professor, o respeito...
230. O respeito era mais exigido. E a gente também tinha esta..esta. obrigação ... Não era obrigação...era da gente mesmo. Respeito... hoje não, a gente chega na escola e é: tia, tia, né? O professor era chamado pelo nome. Havia respeito. Hoje não. Qualquer colégio do estado toca o sinal e a turma já entra, já vai para classe. Na minha época não, antes de ir para classe, formávamos em fila, cada classe uma fila, e primeiro...então enquanto a diretora falava, servia também para os avisos ... Só depois disto é que o pessoal ia entrando por ordem decrescente de grau ... era um negócio assim meio militar apesar de que naquela época não era ditadura, mas ...isto, com o tempo, foi acabando. Naquela época também cantava-se o hino nacional, o hino à bandeira, o hino da independência...
231. Cantava todos os dias?

232. Todos os santos dias. Formava e cantava. Na verdade foi só no grupo. No ginásio não. Só se formava a fila para entrar, só. Naquele tempo também tinha a caderneta. Todo o dia o inspetor apanhava na entrada e devolvia na saída e carimbava. Tenho estas cadernetas guardadas até hoje, cadernetas de 58. Tinha as notas...comunicados para os pais...

233. As positivas e as negativas?

234. Só as negativas. As positivas estavam nas notas.

235. E como se fosse obrigação, ser exemplar...

236. É como a gente estudava gratuitamente o mínimo que a gente podia dar como uma resposta era o bom aproveitamento...

237. Então anotava-se na cadernetas as punições, as licenças... e tinha que levar para os pais?

238. Tinha que levar para os pais...Outras vezes tinha até a suspensão. A gente não. Eu nunca tive suspensão.Quando eu fazia a primeira série lá em Parapuã, 8 km de Oswaldo Cruz, e a gente no começo, meu pai tinha arrumado para mim ir de ônibus. A gente tinha passe escolar, pagava por mês era mais barato e aí depois também a gente descobriu o trem que funcionava e tinha horário de chegada e de saída. Era respeitado. O tempo da Maria Fumaça; era a vapor, não tinha a diesel ainda. E depois a gente abandonou estas duas opções e começou a viajar de carona...

239. A carona era de que?

240. Do que pintasse. Era caminhão, carro, caminhonete, jeep. Tinha muito jeep, naquela época. ..Naquele tempo mais era jeep. A gente adora pegar carona com um sr. que tinha um Land Rover? Ele tinha um jeep 51, mas ele corria tanto, na estrada de terra. Não sei como a gente não capotava aquilo mas a gente fazia a viagem rapidinho. A carona que a gente mais adorava este esta daí ou de um confeitiro que tinha lá perto. Normalmente a gente pegava a carona de volta e gente não precisa nem falar, por a gente comia doce feito louco lá carrocera. Naquela época em que a capota de lona tipo, baú Ele sabia que agente via comendo... era sobra.

241. Mas também não tinha hora para chegar em casa...

242. Não. Não. E não sei como minha mãe trabalhava esta minha ausência, né?

243. Mas ele sabia que você vinha de carona...

244. Sabia, sabia...De acordo não estava muito não...mas a gente vinha

245. Ela ficava preocupada...

246. Ficava, ficava. Então depois que fiz a primeira série do ginásio em Paranapuã eu consegui uma transferência para minha cidade. Ai eu voltei para minha cidade natal. Da segunda série em diante fiz em Oswaldo Cruz.

247. Natal?

248. Natal, no sentido afetivo.

249. Por que você havia me dito que havia nascido em outro lugar.

250. Foi em Itambaratiba.

251. Eu vou acabar conhecendo esta região de São Paulo toda, pela sua história.

252. É (risos). Itambaratiba é zona de Araraquara. Fica a umas duas horas e meia daqui. Então a partir da segunda série a gente foi para Oswaldo Cruz. A segunda série que eu fiz em Oswaldo Cruz eu repeti matemática. É que no ginásio não tem esta tal dependência. Se você fica numa matéria tem fazer tudo outra vez. Não sei

se foi por causa da mudança do estabelecimento de ensino, só sei que tive uma certa dificuldade de acompanhar.

253. Mas você repetiu a segunda série toda?

254. Todinha.

255. Não fez segunda época?

256. Fiz, mas não conseguir passar. Ai eu, começou a ter Inglês e, em Inglês eu nunca tive problema, sabe...

257. Mas quando você estava em Parapuã, você não trabalhava, só estudava?

258. Não. Ai eu não trabalhava. Aliás, eu não trabalha, não dava tempo. Antes também só trabalhava na parte da tarde. Entrava às 7 e saia a 1. Na verdade eu comecei a trabalhar quando eu estava na terceira série. Eu estudava de manhã e trabalhava a tarde. E como a gente era obrigado a fazer educação física, então eram duas aulas por semana. Então nestas aulas de educação física eram no estádio municipal de Oswaldo Cruz. Então fazia assim. De manhã ia lá pro colégio e tarde eu trabalhava nesta fábrica de brinquedos. Esta fábrica de brinquedos, depois de um certo tempo ele fechou, por que não teve aquele sucesso esperado, né? Acabou fechando. Ai eu passei, como essa fábrica de brinquedos tinha muita pintura, eu passei para área de pintura também.

259. Trabalhava com que? Madeira?

260. Fábrica de brinquedos de madeira. Fazia caminhãozinho... e aquelas estruturas pré-montadas, aqueles moldes... então a gente encostava os moldes na madeira e depois só cortar e montar. Tinha aquelas ferramentas para fazer as rodas, de madeira também. A gente ia montando. Tinha tudo preparado para fazer isto já, era uma produção em série. Então nós chegamos a montar a fabricar, montar esquemas para pronta entrega, sabe, e depois dos brinquedos prontos eles iam para pintura. Saíam pintadinhos também. Com as facilidades da maquinaria então o meu padrinho de batismo, ele me convidou para ir trabalhar lá. Ai eu fui, mas desde quando eu passei para a parte de pintura, é... era adolescente e quando então eu ia fazer educação física eu ia direto da oficina para lá. Sujo, né, com aquele macacão tradicional azul, azul marinho, com as mãos, com as unhas, tudo sujas de tintas. Então eu não me sentia bem, até que um dia eu falei para meu pai e ai meu pai arranjou este emprego lá no escritório de contabilidade.

261. Você tinha o quê.. quantos anos?

262. Tinha é... 12 anos.

263. 12 anos

264. 12 anos. É ... Em junho de 59 que comecei a trabalhar lá. Então tinha 12 anos. Eu tinha – naquela época também – no grupo aula tinha aula de caligrafia. Tinha caderno de caligrafia. O caderno tinha...as pautas eram três linhas. Uma básica, de baixo, depois tinha uma distância menor em cima, depois uma distância maior. A distância menor era para escrever as letras minúsculas. A maior era para escrever as letras maiúsculas. Então tinha que estar bem dentro daquela pauta...

265. Como se fosse um pauta musical, mais ou menos.

266. É. Exato. Então eu tive que...eu praticamente aprendi a ficar com uma letra melhor Eu também aprendi...Eu também tenho facilidade...

267. Isto tanto no ginásio quanto no grupo?

268. Não. No ginásio não. Só no grupo. Então no grupo já quem tinha que ter caligrafia bonita, já tinha no grupo. Se não, não. Então eu sempre tive caligrafia

bonita. Então eu falei, vou aproveitar né. Por na verdade, o meu pai, sempre... Quando em conheci meu pai ela já era motorista de caminhão. Era caminhoneiro. Era o Chauffeur.

269. Bem afrancesado...

270. Isto, a profissão meu pai veio dos barões do café. Eles tinham Chauffeur. Eu queria ser motorista de caminhão. É assim, quando a gente é criança, o pai da gente é o herói, é um ser supremo. Então o meu pai para mim sempre foi muito especial. Então eu queria ser o que ele era. Aí meu pai falou para mim assim: “não, de sofrer já basta eu. Você vai estudar!” Então o meu pai, dentro da limitação dele, de toda a ignorância dele, ele viu que aquela profissão não era a profissão tão boa... tanto é que quando meu pai quando foi jantar, teve um dia lá - por que caminhoneiro é assim, eles sabem dos restaurantes bons e dos que não prestam, meu pai falava assim: “onde tiver bastante caminhoneiro, pode parar que a comida é boa”- então o pessoal se reunia lá, depois do almoço descansa um pouquinho. Então meu pai ficava admirado quando encontrava um motorista com um pouquinho mais de instrução. Ele comentava comigo: “você vai estudar, eu gostaria que você estudasse para ser mecânico de aviação”. Mas, sei lá, minha vida tomou certa direção que as coisas mudaram. Depois eu queria ser arquiteto, pois gostava de desenho, da parte geométrica e não, não tinha possibilidade de desenhar a mão livre, isto eu não tenho, mas assim na régua, com instrumentos eu tenho muita facilidade. Então que queria ser arquiteto, mas aí que tá ...a arquitetura tinha só de dia e eu precisava trabalhar e eu era o meu próprio sustento. Então a minha vida, eu sou economista, não por opção, por exclusão. Depois que eu vim...me formei lá por... Bom voltando lá, eu estudei o ginásio, terminei aí depois eu tinha que optar. Seu eu quisesse continuar no ensino oficial do governo, não pago, só tinha o científico, agora colegial, ou o clássico, e o normal também que formava professores, magistério. Normal não queria, o normal não dava formação para tentar o vestibular. Outra coisa também, quando eu terminei o ginásio, eu comecei a trabalhar o dia inteiro, agora, se eu quisesse o científico eu teria que só trabalhar metade do dia. Teria que passar para a parte da manhã. Naquele tempo, não tinha noturno. Noturno só tinha a Escola Técnica de Comércio. A Contabilidade. A do Ditinho. A São Benedito, né... Era a PPP – papai pagou, passou. Aí eu fui para lá... pois também estava trabalhando no escritório de contabilidade na época então eu falei: bom, estou dentro da área, com o diploma de contabilidade eu posso assinar balanço, montar meu próprio escritório, então vou fazer técnico de contabilidade. Serviria para alguma coisa, se eu só fizesse colegial não me dava profissão nenhuma. Então eu fui fazer contabilidade. Que por sinal não tive dificuldade nenhuma. Eu sempre fui caxias. Não fui de estudar muito. Mas não perdia aula. Na época de provas eu já estava pronto. Então eu era caxias mesmo. Mesmo por que ...hoje... o futuro chefe de família. – o esteio da casa...

Fim da fita....

271. Podemos continuar

272. Como minha intenção era continuar os estudos, eu não tava a fim de freqüente estes cursos vagos, então minha intenção era ir pra São Paulo. Eu tinha ouvido falar muito da USP e da PUC. Inclusive o meu pai, - ele era motorista de caminhão e ele vinha muito pra São Paulo - então uma

época ele pegou prospectos pra mim. Pegou da Álvares Penteadó também. A Álvares Penteadó tinha Contabilidade, Mas até ai eu precisava ter alguma coisa pra bancar moradia, São Paulo. E eu não tinha parente nenhum em São Paulo. Eu também... e outra eu não queria incomodar ninguém, como eu sempre vivi sozinho.

273. Você tomou essa decisão pelo seu pai, pela sua família ou pensando na sua carreira ?

274. Eles sabiam que eu queria vir pra São Paulo pra estudar. E como sempre eu contribui com os meus rendimentos no orçamento da casa, esse último ano eu tive que, sabe, reservar, separar alguma parte pra que eu pudesse juntar alguma coisa pra ir pra São Paulo. Mas eu consegui juntar alguma coisa, acho que era cento e sessenta e alguma coisa... uma unidade monetária que não me lembro mais, teria que aplicar a correção monetária...

275. O complicado é descobrir isso né.

276. 35, 36 anos atrás, é complicado. A unidade monetária da época a gente não sabe. Então consegui juntar isso aí e no dia quatro de janeiro de 76, lembro até hoje, eu tomei um ônibus lá em Oswaldo Cruz, o famoso Expresso de Prata e eu vim pra São Paulo, com uma mala cheia de roupa né e o coração cheio de esperança. Aí vim pra São Paulo, sem ter onde morar, sem saber aonde eu ia morar, não conhecia nada da cidade, não tinha emprego nenhum ainda. Eu fiquei num pensionato lá em São Paulo, no Bairro da Liberdade, na rua Tamandaré, 304.

277. Trezentos e quatro. Existe ainda esse número?

278. Existe. A Pensão existe ainda. Agora tá pintado de vermelho, não sei porque pintaram de vermelho. Eu passei há dois anos atrás lá.

279. Sei.

280. Agora foi assim meio nostálgica. Você vê 35 anos passar no mesmo lugar, com a mesma cor, então foi uma coisa assim... Toda vez que eu passo lá... Passei uma fase boa, não teve nada ruim lá não. Sofri muito por que havia duas coisas: estava longe de casa e tinha terminado com minha namorada, isso foi...

281. Vocês terminaram logo que você decidiu ir pra São Paulo ?

282. É, porque eu cheguei a namorar essa menina de São Caetano do Sul em 1965, mas como era, sabe, longe , nós preferimos dar um tempo. Então eu fui pra São Paulo, foi, tava longe de casa, primeira vez.

283. Tava mais perto dela.

284. Mais perto , mas só fisicamente.

285. Sei.

286. Mas foi bom porque vindo pra São Paulo depois de..., aí foi aquela batalha de ter que arranjar emprego lá porque como eu tinha levado cento e sessenta e só o pensionato era cinqüenta e cinco. Cinqüenta e cinco eu não sei se era cruzeiro....

287. Uma unidade qualquer né?

288. É, não lembro a moeda daquela época.

289. Você estava com cento e cinco né ?

290. Cento e cinco, daí pra frente né. Se bem que o pensionato tinha almoço e janta.

291. Ah era pensionato mesmo, pensão completa.

292. Pensão completa. Só de Domingo que não tinha o jantar.

293. Sei.

294. E uma vez, uma vez por mês em um domingo não tinha nem o almoço nem o jantar.

295. Sei.

296. Era a folga da empresa, do pensionato. Mas graças também a visão do meu pai, dentro das suas limitações, eu tinha esta formação em contabilidade. Trabalhava ainda na contabilidade

manual. Mas já tinha mecanizado, que era aquela contabilidade feita assim em ficha tríplice, aquele sistema Rulf, naquele tempo.

297. Como se fosse aquelas máquinas de escrever grandes?

298. É, É... Os bancos usavam para atualizar os saldos. Todo dia, os caras atualizavam à noite. No dia seguinte estava atualizado o saldo. Então como eu, o sistema Rulf eu não conhecia, mas o sistema ficha tríplice eu conhecia. O importante é saber o mecanismo da contabilidade. Uma conta a débito, a outra a crédito e tem que bater no fim. O que é importante é você saber compatibilizar as contas, saber o histórico, como descrever o histórico e manipular os dados e fechar balanço Então ficha tríplice eu não tinha dificuldade nenhuma não.

299. O que é razão?

300. Razão é resumo da conta. É um pré-balanço.

301. Entendi

302. Então como eu não tinha dificuldade nisso não foi difícil também pra que eu arranjasse emprego. O primeiro emprego que eu arranjei foi um emprego de meio período, trabalhava e ganhava cem, cem unidades monetárias. Como eu tava estudando

303. Nessa altura você já estava estudando?

304. Tava matricula do num cursinho pra economia e administração.

305. Preparatório?

306. Preparatório.

307. Então logo que você chegou a São Paulo além de um emprego você já foi direto pra um cursinho.

308. Pro cursinho. Me matriculei. Meu objetivo era mais fazer universidade do que trabalhar. Eu não queria parar por ali, porque se eu tivesse parado por ali eu estaria, Jaime, até hoje trabalhando no mesmo escritório ou trabalhando prum banco, talvez tivesse passado prum banco que foi comprado pelo outro ou foi privatizado, tivesse entrado num banco qualquer da vida. Mas eu falei, não, eu não quero essa vidinha, eu quero pensar mais alto. Pensar mais alto não. Queria ir mais alto, pois pensando mais alto eu já estava. Então pra mim não foi difícil achar não foi, foi difícil procurar. Por que? Porque eu não conhecia nada em São Paulo. Primeira coisa que eu fiz pra procurar um emprego em São Paulo foi pegar o Estadão e sentar e procurar. E essa, essa minha ignorância da cidade fez com que eu perdesse uma vez um teste na..., na Sanbra. Não sei se você sabe o que é..

309. Sei sei. Sociedade Algodoeira do Nordeste..

310. A Sanbra se escrevia com N ainda, porque N de Nordeste.

311. Não tem nada a ver com o Anderson Cleiton que te dava carona? (risos)

312. Não, nada a ver.

313. Esse Anderson Cleiton era o nome do cara que você me falou lá atrás, Anderson Cleiton era da Sanbra.

314. Então, era esse nome. .

315. Você tava falando da dificuldade de conhecer a cidade.

316. Essa entrevista tinha técnica da Sanbra na rua Boa Vista, só que eu não achei essa rua.

317. Boa Vista é centro ?

318. É centro. É aquela rua dos bancos lá de São Paulo, mas eu não conhecia. Quando eu achei a rua lá o horário tinha passado. Então eu tive que me desculpar e marquei pra semana seguinte. Mas aí que eu encontrei essa empresa aí que trabalhava das oito até uma hora pra ganhar cem reais, cem reais, cem unidades, que dava pra eu me virar bem. Isso eu peguei porque...

319. E depois você ali um tempo livre né.

320. É. Só que eu não tinha o que fazer. Assim eu estudava a noite, fazia o cursinho a noite e a tarde eu ficava ali ou vendo alguma coisa. Mas eu trabalhei muito pouco tempo lá, porque nesse meio tempo, numa segunda feira depois que eu voltei da primeira excursão que eu fiz pra Praia Grande, aquele tempo Praia Grande era a coqueluche...

321. Você conhecia o mar ?

322. Não, eu tinha visto o mar, mas nunca tinha entrado. Uma vez eu fui com o meu pai pra Santos, na época que ele era motorista de caminhão, então eu fui lá, mas eu vi, sabe...

323. Da boléia.

324. Não, eu desci, mas eu vi da mureta só, um pouquinho mais de longe, eu senti a maresia só, mais nada, nunca tinha entrado no mar. Aí eu fui, voltei, aí nisso eu me lembrei, tem um quarto no pensionato em que moravam quatro e um deles tava no curso preparatório pra guarda civil em São Paulo e ele tinha um conhecido dele que trabalhava num escritório de contabilidade da secretaria da fazenda de São Paulo, na Rangel Pestana. O escritório de contabilidade ali, ele dava duzentas unidades. De cem pra duzentos tá bom né, vou pra lá né, eu tava precisando melhorar. Aí eu fui pra lá, falei: qualquer coisa depois se não der certo depois eu vejo o que faço. Naquele tempo eu não tinha risco. E aí falei vou tentar esse lugar aí. Só que chegando lá ele me apresentou: “ esse é o japonês que eu falei” Ele era descendente de Japonês, de Marília. . Chegamos lá, tal, começamos a trabalhar oito e meia, aí eu percebi que só tinha eu lá, eu e ele, o dono do escritório. Falei para o dono: e o resto do pessoal não vem ? E ele: “não, não, não tem mais ninguém é só nós dois!” Aí eu pensei: ah mês de janeiro, época de fechamento de balanço e eu sozinho, ah não! Chegou onze e meia ele falou: “vamos almoçar!” Falei: vamos! A que horas que a gente volta? “ a uma e meia”. Então tá bom, uma e meia! Ele saiu e: “então uma e meia aí! Falei: tudo bem, uma e meia estamos aqui! Só que eu não falei nem de que dia nem de que ano, até hoje eu não voltei lá.(risos) Trabalhei na verdade três horas lá.

325. Sumiu né.

326. Sumi. Aí eu voltei pro outro, falei assim olha, desculpa, eu fui viajar, tal, aí eu não consegui chegar no horário, tal! Aí eu trabalhei a tarde naquele dia. Aí eu continuei nessa empresa acho que mais uma semana, por aí. Aí tinha uma outra pessoa morava também no pensionato e que trabalhava numa indústria química, na Usina Colombina, você deve saber, aquele que fazia lança perfume de carnaval que depois foi proibido. Então ele falou que tava precisando de uma pessoa de responsabilidade. Aí eu perguntei pra ele: quanto que eles pagavam. “ Ah, não sei, vai lá conversar né”. Aí eu fui lá, fiz a entrevista, eles gostaram muito de mim lá, pra ganhar duzentos também, falei, ah, é pra já né. Aí eu fechei o compromisso lá. Larguei a outra empresa lá, falei: ó, aqui tá bom, eu tô trabalhando meio período, mas eu preciso ganhar melhor. Aí eu consegui acertar tudo lá, sorte minha que eles tinham dado adiantamento, adiantamento pra mim lá porque se não eles nem iam me pagar, porque os proprietários lá dessa empresa, que era uma confecção, eram judeus. Então eles não iam me pagar de jeito nenhum e ficou por isso mesmo por conta do adiantamento. Aí eu fui pra empresa Colombina, foi até bom porque na empresa Colombina, para quem tava precisando eles dava uma bolsa de estudos lá.

327. Ah é ?

328. É. Então de duzentos eu passei a duzentos e trinta porque eu pagava vinte e cinco de curso né, aí eu fiquei trabalhando. Mesmo nessa época eu pagava o pensionato, pagava o meu cursinho e mandava pro meu pai oitenta mil cruzeiros, eu lembro agora, oitenta mil cruzeiros eu mandava.

329. Oitenta unidades.

330. Oitenta unidades. Era cruzeiro naquela época. Então eu fiquei nessa Usina Colombina, na verdade eu fiquei de 18 de março até trinta e um de outubro, não, não, desculpe, foi dia 01 de março até 18 de outubro. Neste meio tempo aí o dono

da escritório em que trabalhei em Oswaldo Cruz, o sogro dele era sócio da Indústria de Óleo Vegetais

331. Deixa eu fechar esta persiana aqui, o sol está bem na minha vista e ai fico com os olhos...

332. Fotofobia, né? Também fico incomodado.

333. Desculpe-me. Você me dizia então que mandava oitenta unidades para seu pai e tal.

334. É. Porque naquela época meu pai tinha entrado num consórcio de dinheiro. Foi contribui com mil reais por exemplo. Quem quiser tirar cinco, chega no fim do mês, no fim do período, foi tem o ativo mais os juros que os outros pagaram porque tiraram o dinheiro antes do prazo.

335. Seria uma espécie de capitalização.

336. É. É mais ou menos como se fosse. Nesse meio tempo aí o dono escritório que eu trabalhava em Oswaldo Cruz ele, o sogro dele era sócio da indústria de óleos vegetais lá de (a fita deu um problema, eu não percebi e perdeu-se parte da conversa)

337. Bom dia Irineu, a gente está retornando a nossa conversa.

338. Eu não lembro direitinho aonde a gente parou.

339. Não, não tem importância né, mas eu me lembro que você falava, que você contava alguma coisa sobre a troca do emprego que você trabalhou numa outra grande empresa, tava com o Serpro o e ficou lá um tempo. Eu estou apenas fazendo uma ligação mas você tem liberdade de tocar a situação como você quiser né.

340. É que eu tô procurando acompanhar uma certa cronologia porque fica mais fácil, porque se não você indo e vindo, sabe

341. Mas depois se você quiser, mais a frente, a hora que você fizer essa sequência cronológica se você quiser resumir e voltar e inverter algumas coisas...

342. É nem tudo, nem eu me lembro de tudo né, na hora acaba lembrando. É que eu tava trabalhando na (NOME?) há quase três anos. Comecei em 69 eu tava, eu tava no segundo ano de faculdade. Aí a faculdade eu acabei terminando e aí eu tava na produção ainda e como eu fiz economia tinham outros, uma série de matérias né, inclusive estatística e tinham dois professores meus de estatística, professor e o assistente dele, trabalhavam na PUC. Então eu fiquei assim muito interessado nessa área e eu tava, tinha intenção de ir, de sair, terminando a faculdade, pra ver se eu me encaixava em algumas das matérias. Desde quando eu entrei na Faculdade, eu comecei da trabalhar na Philips eu fiquei sempre na mesma função.

343. Isto em ano, mais ou menos, Irineu?

344. Que eu me formei?

345. É. Deve ter sido mais ou menos nos 70.

346. 1971. Setenta e um eu me formei. Aí eu comentei com o meu gerente sobre o que desejava, que queria mudar de área porque eu tinha acabado a faculdade.

347. Você se formou então muito jovem.

348. Não foi muito jovem não, eu tinha 24 para 25. É que na verdade foi assim, eu repeti, hoje seria a quinta, a sétima série.

349. A segunda do ginásio?

350. É a segunda série do ginásio. Por causa de matemática, por causa de uma matéria. No ginásio era assim, você sabe muito bem. Ficava eliminado numa matéria tinha que repetir tudo de

novo. Repetir o ano é uma coisa muito chata. Não sei para quem era mais chata, na verdade chato pros dois né, aluno e professor. Então tive que fazer a sétima série outra vez e aí já perdi um ano. E também, como depois, depois que eu terminei o ginásio eu fiz a Escola Técnica de Comércio. Lá o nível do ensino era bem baixo, porque lá a Escola Técnica de Comércio era uma escola particular, paga e então era assim, não fazia assim muita exigência. O índice de repetência era muito pequeno. Então como o nível do ensino era mais fraco porque era mais voltado pra prática, sabe e pra concorrer a vestibular eu não tinha base. Então eu fiz dois anos de cursinho também, porque na verdade quando eu cheguei, logo que eu cheguei em São Paulo que quê eu fiz? Conversando com um colega meu que fez economia meu falou assim: Irineu você já fez, tem prática de contabilidade, você já é um contador formado, então ao invés de você fazer, sei lá, contábeis você somar reforço do que você sabe até hoje..., economia também é um curso que você vai fazer, tem uma outra área, se você não pretende atuar nessa área aí então é melhor você fazer uma outra carreira né. Então porque você não tenta direito? Então eu fui pra São Paulo lá, o primeiro vestibular que eu fiz, sem ter feito cursinho nenhum, eu tentei fazer direito, justo onde? na USP, São Francisco. Que vinha até gente do Nordeste fazer...

351. Mas já que tem que tentar, tentava na primeira.

352. Tentar a melhor né. Vir lá de longe pra fazer uma faculdade, sei lá, obscura, então não era o caso! Então tentei o vestibular de direito do Largo São Francisco, não passei! Aí eu voltei pro cursinho, fiz um cursinho pago pra economia mesmo. Fiz dois anos na verdade. Então eu perdi três anos, um ano que repeti e dois anos de cursinho. E eu ter me preparado pro curso que eu fiz... e foi bom porque muita coisa, só matemática em si mesmo, o que eu sei hoje eu aprendi no cursinho. As outras matérias não porque, português eu tive uma professora muito boa no ginásio.

353. Você já me falou dela.

354. No ginásio, muito boa. Então eu não tive problema, francês também. Inglês também eu tive uma professora muito boa. Então na verdade eu perdi três anos, então, até eu me formei não tão jovem não, vinte e quatro pra vinte e cinco, eu tinha vinte quatro, mas com vinte cinco porque eu faço aniversário em dezembro, então...

355. Mas também não era comum naquela época os alunos estarem muito jovens na universidade né.

356. Não, não era.

357. Hoje que isso é muito comum né, naquele tempo a média era vinte, vinte e dois anos né.

358. A minha filha por exemplo, ela saiu do colégio, tanto é que ela fazia um colegial muito bom, que é o Anglo, que dá uma base muito boa e ela tentou jornalismo aqui na PUC, lá na PUC e passou direto. Então ela entrou na faculdade com 17 anos. Esse ano ela completa vinte e um e logo tá se formando. Coincidentemente, não sei, essa coisa que fazem com a vida da gente, eu tive meu filho com a mesma idade que meu pai me teve e meu filho ele entrou na faculdade justamente..., ele também perdeu três anos e tá se formando assim como eu, se formou o ano passado com 24 anos. Agora este ano ele faz 25 também. Pela idade cronológica nós estamos empatados.

359. Parece, parece que vocês tenha uma história muito parecidas, né.

360. Pois é.

361. Só que você não morava, ele não nasceu numa casa sem forro, você não mostrou o esteio para ele.

362. Não, não, não mostrei porque acho que isso me pesou muito e acho que isso não era coisa pra falar. A gente procura passar alguma coisa de que ele é responsável pelas coisas que ele faz, responsabilidade e compromisso com as coisas que ele faz, mas não cheguei a nenhum dele e comentar isso. Então, eu na verdade, eu não me formei tão jovem, porque eu tive colegas de

faculdade que se formaram com vinte e três anos de idade. Então aí o....(a fita começou da dar problemas)

363. Deixa eu só ver a fita.....acho que é a pilha.

364. Eu acho que não dá mais. Gasta rápido.

365. Pronto. Arrumei!..Essa sua história é importante eu não quero perder nada.

366. (risos) Eu nunca pensei que na minha vida a minha história pudesse ser importante pra alguma coisa, sabe. Eu achava que essa minha história pudesse ser importante só pra mim ou pra, sabe, pra análise, reflexão, nunca pensei que servisse pra algum estudo.

367. Isto é sua história e tem uma lição de vida para as outras pessoas que lerem o trabalho.

368. Bom, mas tem... a gente tem, a gente podia tá fazendo essa analogia né porque isso pode se repetir, sabe, a história do meu pai pelo menos, tá certo eu não tive cinco filhos como meu pai teve porque a realidade era outra né, mesmo porque naquele tempo não tinha muita diversão né. (risos) Lá em casa a gente s comprou televisão quando chegamos em Campinas.

369. Tinha muito trem em Oswaldo Cruz? Moravam perto da linha do trem? (risos)

370. Não, nós não morávamos, morava muito longe, mas é que lá não tinha nada assim, sabe, silêncio e a casa como não tinha forro nem nada tudo que passava na rua ou qualquer coisa... e aquele tempo, a aonde eu morei, onde passei a maior parte da minha infância não era muro, sabe era tudo vazado de madeira- uma cerca de balaústres. Então como era tudo vazado qualquer coisa que você, tinha um barulho lá de fora você ouvia né. Então no interior não tinha assim cansaço mental. Era tudo calmo, a gente não tinha carro. Pra todo lugar que a gente tinha que ir tinha que ir a pé. Tinha carro assim só as pessoas muito abastadas né, médicos, o prefeito, juiz de direito, delegado, esses tinham carro. Então lá assim qualquer coisinha tava acordando. Então a minha história faz um repeteco da história de meu pai. Meu pai era muito atento. Sempre cuidava da gente, ficava preocupado com o futuro . A única coisa que o meu pai não quis foi decidir o que eu queria, queria não, - você quando é criança o pai é seu primeiro ídolo, então tudo que ele quer, que ele tem, tudo que ele faz... - e eu queria ser, naquele tempo, era o chofer de caminhão. Então eu queria ser igual ao meu pai e ele disse: não, de chofer já basta eu, você vai estudar” . Então a maioria das vezes ele teve essa iniciativa né, assim, dentro da ignorância dele, ele na verdade foi um sábio pra mim, queria que eu tivesse um emprego, tentar proporcionar pra gente o melhor que ele consegue. Ele apesar de não conseguir me manter ele me dava toda a tenção.

371. Seu pai anda é vivo ?

372. Não, não.

373. E sua mãe ?

374. Minha mãe ainda é. Então minha mãe tá acamada já, ela, há dois anos e pouco ela sofreu uma queda muito grande. Ela mora junto com a minha irmã. Minha irmã mora numa casa de dois pavimentos. Não é dois pavimentos A parte do nível da rua é a casa propriamente dita. Em baixo tem uma garagem, uma rampa lateral né, que é a entrada dos carros e tem uma garagem... e ali tinha lavanderia, tinha um quarto de empregada, tinha um banheiro e mas aí depois com o tempo o meu cunhado fechou ali e eles foram viver lá embaixo, meu pai e minha mãe, meu pai ainda era vivo. Então de um lado era uma rampa, com escadaria, mas antes minha mãe mais transitava era na escadaria. Apesar de ter corrimão era uma escadaria muito íngreme e tinha uns quarenta degraus. E minha mãe era... depois que o meu pai morreu ela ficou meio perturbada. Ficou meio desanimada, então começou a entrar num processo depressivo também e ela tava tomando medicamento. E minha mãe tava lá em baixo e oferecia perigo a ela para pegar o remédio. Então a minha irmão disse: “ a senhora espera aqui pois vou lá em cima pegar remédio” . Ah!, assim que minha irmã subiu para apanhar o remédio, ato contínuo minha mãe subiu atrás, só que ela não conseguiu chegar até o fim da escada, quando tava do meio pro fim ela se sentiu mal e ela rolou, foi rolando

até lá em baixo, então teve umas fraturas, ela inclusive cortou a língua, machucou a boca , não chegou a quebrar a dentadura, nada, mas ela sofreu uma batida muito violenta na cabeça, no crânio, então isso deu...teve um coágulo e operou, operou, depois disso já tava com hidrocefalia também, teve que operar e implantar um dreno. Mas ela ficou boa, mesmo assim, ela continuou dentro de casa, conversou comigo, foi em casa andando, mas ela teve que abrir outra vez porque o dreno não tava, não tava funcionando. O dreno é um material estranho para o organismo, daí a primeira reação do organismo é rejeitar. Rejeita, né!. Então teve um problema e teve que abrir a cabeça novamente né e aí depois disso ela ela perdeu o movimento das pernas. Ele perdeu também a facilidade da fala. Ela fala, a gente entende, mas fala muito pouco e com dificuldade também. Ela tá acamada já, há dois anos. Tudo ele depende dos outros até para comer. Usa fraldão e desde então e tá na cama. Minha irmã acho que inclusive comprou uma cama hospitalar, porque uma cama assim de uso cotidiano ela é muito baixa, então pra movimento de colocar na cama, levantar da cama, pra dar banho tem que dar banho com os aparelhos. Minha mãe está deste jeito. Eu não vejo assim, mas ta bem. Então meu pai, ele faleceu em 95, no dia 22 de dezembro. Foi assim uma coisa que a gente imagina, não dá nem pra imaginar o natal...

375. Eu sei como é eu também perdi o meu pai em dezembro, perdi um pouco antes, foi dia 12 , mas é bem.

376. Não dá tempo de você assim assimilar. A data muito bonita, mas é só isso! Mas eu perdi o meu pai...O problema todo, sabe, Jaime, que eu perdi meu pai numa fase, na fase, numa fase da minha vida que eu tava me dando bem com ele. Quando era assim nenê, que eu morei no sítio até os cinco anos, então nesse tempo era assim: meu pai saía de manhã, eu não tinha nem acordado ainda, ele ia pra, lá pra roça, ficava o dia inteiro lá porque minha mãe fazia a comida e levava na roça pra ele não perder esse tempo. E ele voltava casa só à noite. Porque? O relógio lá da zona rural, do agricultor, o que que é? É o sol! Enquanto tem luz é dia. Então ele voltava pra casa, só voltava de noite quando tava escuro, escurecendo, quando tava escuro ele voltava. Aí minha mãe até..., agora eu não sei, mas eu imagino que minha mãe até me colocava pra dormir pra ter que dar atenção pro meu pai sabe, preparar o jantar, tal. Depois quando a gente veio pra outra cidade, coube ao meu pai um caminhão, a tal da partilha lá.

377. Da gleba de seu avô, que tinha recebido em financiamento no período que chegou ao Brasil?

378. É. Como meu avô e não consegui, sabe, obter lucro naquele gleba que ela ganhou e ele teve que devolver.

379. Mas era muito difícil mesmo tirar dos braços o sustento da família e o lucro para manter o imóvel.

380. Pois é, naquele tempo chegaram ganharam umas glebas, aquelas glebas, mas era quase uma fazenda, vinte e cinco alqueires, agora vinte e cinco alqueires paulistas. São quase vinte e cinco mil metros quadrados cada alqueire.

381. É, muita terra.

382. É muita terra. E fazer aquilo lá sem implemento agrícola nenhum, sabe, desmatar, arar no braço, aquilo era mata virgem.

383. Se hoje ainda é complicado né.

384. Imagina naquele tempo né. Interior de São Paulo era tudo mata.

385. E os imigrantes que também não conheciam os outros costumes da terra, o tempo...

386. Mesmo porque o meu avô não era agricultor no Japão.

387. Ah, não?

388. Não, nenhum dos dois. Então, e outra coisa, agricultor no Japão é uma coisa, agricultor aqui no Brasil é outra. O clima é diferente, sabe, o tipo de geografia, tudo de tecnologia, no Brasil não tinha.

389. Não tinha tecnologia e não utilizava.
390. O que eles usavam no Japão aqui não dava né, porque o Japão não tem terra né, o Japão é um conjunto de ilhas. Tanto é que o alimento mais consumido no Japão é o peixe. Pais cercado d água por tudo quando é lado. Os canteiros lá no Japão eu imagino assim um tipo mezanino....
391. Eu vi uma reportagem uma vez lindíssima, um plantio de arroz fica numa encosta, a água assim vinha pela encosta, aos poucos.
392. Em degraus. O Japão tá muito de nossos dias está muito diferente agora.
393. Tem, existe um filme do Kurosawa, do Akira Kurosawa, muito bonito, se você quiser assistir, chama-se Sonhos. São pequenas histórias. O filme é composto de umas sete ou oito histórias, sobre..., não é longo não - sobre o imaginário japonês. Eu acho que..., inclusive tem uma das partes que é sobre a velhice, seria interessante se você um dia pegasse e desse uma olhada pois você tem um olhar diferenciado do meu pra ver um filme do Kurosawa, até porque você tem internalizado em você alguma coisa da cultura japonesa, da convivência com seus avôs, seus pais.
394. É que no Japão assim, no Japão é assim, o próprio idoso ele se sente assim, quando ele sente que tá chegando, que começa a ser mais um peso que ele não consegue cuidar de si, ou seja, tá dando mais custo do que benefício, então ele mesmo procura, ele quer na verdade dar fim na vida dele. É só ver a história daquela senhora também já velha então ela quebra os dentes, sabe, pra demonstrar a idade, sinal de velhice. Então tem e esse destino é assim, uma tradição que quando as pessoas ficam velhas, então filho mais velho tem a missão de levar assim nas costas o pai ou a mãe numa montanha lá e deixa lá pra que ele morra sozinho. Mas isso é uma coisa que o filho já tá imbuído daquilo, tinha aquilo como coisa natural, né...
395. Era como se fosse um processo natural, desejado e esperado.
396. Era. Quando chega numa idade e tem que aceitar aquilo. Mas aquele filho não, ele quer voltar, quer voltar, ele leva a mãe lá, reluta muito em levar a mãe porque é a mãe. Ele não quer perder, mas a mãe fala assim: “ não, eu sou sua mãe, mas eu sou uma pessoa, sou um ser humano, então, já acabei a minha função” Então esse filho reluta em levar, mas a todo custo ela consegue fazer com que ele aceite e ele leve até uma montanha e quando ele deixa a mãe dele lá. ele quer voltar, ele volta, a mãe até empurra, manda-o embora e diz: “ você fez a sua parte, você cumpriu a sua missão, agora é a minha vez” Então é um negócio assim, sabe, que no Ocidente não se pensa, pelo menos eu nunca tinha ouvido, ouvido nada. Mas os esquimós, o esquimó também é assim, quando a pessoa fica velha ela mesma se retira, vai lá numa montanha até que qualquer animal selvagem lá o devore. Quando ela se sente um peso pra família, e também tendo uma visão assim mais ampla pra sociedade né, quando ela se sente um peso ela mesma..., se ela não morre de problema de saúde..., na verdade é um suicídio, ela acabava...
397. É um meio muito terrível. Mas isso que você me conta não é a realidade do Japão todo, é apenas uma ilha?
398. É, essa história é numa ilha. Numa ilha, mas no Japão tem muitas ilhas né. Os japoneses, na verdade, tiveram tudo origem na China. Tudo é descente de chinês. Então, voltando lá, eu perdi meu pai numa fase que eu tava me dando muito bem com ele.
399. Você ainda tava trabalhando.
400. Eu tava trabalhando, mas tava aquele processo de, sabe, de tá havendo muita pressão. A Eletropaulo é uma empresa muito antiga, a Eletropaulo tem cem anos, então imagina que tem gente que tava lá trabalhando lá na Eletropaulo desde quando tinha quatorze anos. Tem gente que, tem muita gente que começou assim, lá na Eletropaulo com 14 anos, como contínuo, como aprendiz. Se formou lá ou, se não se formou, continuou como técnico lá nos projetos e os filhos, os filhos também entraram lá e continuou sabe. Lá tem um negócio, muito importante, tinha, tinha carreira,

tinha carreira, é uma empresa boa. E isso com a privatização acabou tudo, com a privatização virou empresa privada. visava lucro.

401. Cortaram o processo né de formação, de desenvolvimento cultural dessas empresas genuinamente nacionais.

402. É que eles pararam de investir no potencial interno, potencial dos empregados. Então, foi em 95, a gente já tava tendo essa pressão. Eu já tava assim já pensando em sair. E já era aposentado mas tinha uma cláusula que de acordo com sindicato de que , todo aposentado sempre tem garantia de emprego por mais, por um ano. Até que um dia esta cláusula mudou: garantia de emprego por um ano desde que não seja aposentado.

403. Naturalmente como uma própria estratégia da empresa pra fazer com que você se aposentasse.

404. É. Foi uma medida compulsória.

405. Então para os aposentados que continuavam trabalhando havia duas alternativas – estou pensando -: ou ficar e correr o risco ou aderir aos planos de saída voluntária.

406. Aí depois em 96 eles começaram com aqueles, com os PDVs, Plano de Demissão Voluntária. Mas então, e esse plano aí dava alguns benefícios, por exemplo, a gente podia continuar tendo assistência médica, só odontológica e psicoterápica que não...

407. Mas por quanto tempo?

408. É, mas na tese a gente continua pagando. Mas na verdade assim, a gente continua pagando o que pagava antes. Eu acho que eu tive sorte, eu tive sorte, a minha última empresa foi a Eletropaulo, quem me levou pra lá foi um amigo que eu trabalhei com ele no Serpro. Ele gostava muito do meu trabalho, né, então eu tinha falado para ele . Esse meu amigo chama-se Guerreiro. Ele gostava muito meu trabalho então..., porque eu falava pra ele, pois já fazia uns quatro anos que eu tava na Itaú seguros: eu não consigo mais progredir aqui, então que quero outra coisa.! Falava para ele...

409. Então do Serpro você foi pra Itaú seguros?

410. Ali na muvuca. É. Do Serpro eu fui dispensado e eu fui dispensado em dezembro. Em janeiro eu comecei na Itaú Seguros. Era na Barão de Itapetininga, 18. Em São Paulo, do lado do Teatro Municipal, do lado do Mappin

411.

412. É. Na muvuca. .

413. Esses dias eu tive na Agência da KLM, na Rua São Luis. Aquela área ali que eu não conhecia, a pé, mas é muito interessante, é muito interessante, eu fiquei encantado né.

414. Você sabe, você conhece a Barão de Itapetininga né, aquela rua que sai de lá e vai lá na Praça da República.

415. Eu devo conhecer, mas assim de nome eu num...

416. Em baixo de uma daquelas marquises sabe quem começou cantando na rua lá ? O Edson Cordeiro! Você conhece o Edson Cordeiro ?

417. Conheço o Edson Cordeiro.

418. Então, ele começou numa marquise lá. É, bem ali. Surgiu, sabe a história dele, ele cantando, ele começando a cantar lá. Lá tinha uma fauna, tinha assim muitos...

419. Tem umas ruas ali que..., uma rua que..., talvez seja essa, onde tem um comércio ambulante enorme, ela sai quase enfrente ao Teatro Municipal, hoje tem um prédio antigo que eles fizeram um shopping novo agora.

420. Ah, então é a vinte e quatro de maio.

421. Essa é a vinte e quatro de maio ?

422. Vinte e quatro de maio. Mas essa aí é de pedestre, de pedestre...

423. Quando eu mudei pra São Paulo essas ruas próximas a Barão de Itapetininga, a Vinte e Quatro de Maio, a Sete de Abril, a Conselheiro Crispiniano, a Dom José Gaspar eram todas ruas intransitáveis. Quando o Paulo Setúbal foi prefeito aqui de São Paulo ele fez um calçadão. Eu cheguei a passar de ônibus lá por lá, aquele lugar é muito bonito.
424. Eu fiquei encantado com aquela área. Pena que pela dificuldade do país tem os ambulantes, mas é muito bonito.
425. Tem de tudo ali, tem de tudo.
426. Mas aí você dizia que você trabalhou na Itaú seguros.
427. Aí depois eu peguei...
428. Ficou quanto tempo na Itaú ?
429. 5 anos. (interrupção a gravação)
430. Então, eu saí do Serpro dia 12 de dezembro de 1975, fiquei de férias até dia onze de janeiro, mas naturalmente eu não tava satisfeito. Apesar de janeiro ser um mês muito ruim...
431. Não sabia que era ruim. Em 75, em termos de desenvolvimento do país, era muito bom.
432. Era. A inflação era pequeno e tinha emprego. Não era tempo do Delfim ainda. Então no dia dezesseis de janeiro de setenta e seis eu comecei na Itaú seguros. Em termos de pessoal foi a melhor empresa que, antes da Eletropaulo é claro – a Eletropaulo foi uma empresa que me marcou muito, não sei se porque foi a última empresa que eu trabalhei com contrato assinado, com entrevista, mas a Eletropaulo me marcou muito Mas a Itaú seguros também foi um lugar muito bom, sabe, o ambiente era muito bom também. Foi uma fase que a gente tava produzindo muito. A gente brincava muito, mas trabalhava muito também. Quando eu entrei na Itaú Seguros eu tinha vinte e nove pra..., eu tinha trinta anos, não, vinte e nove. Eu fiz trinta em 76. Então foi uma época que a gente produzia muito ainda, trinta anos, então a gente produzia muito. Eu encontrei um pessoal muito bom e eu tenho contato até hoje com eles.
433. Contato com o pessoal da Itaú Seguros?
434. E com o pessoal do Itaú Seguros. No fim de noventa e sete a gente fez, sabe, uma reunião com o pessoal, esses da Itaú Seguros, então o pessoal se organizou e começou a contatar tudo as pessoas que trabalharam, ex funcionários...
435. 97?
436. É. 97.
437. Mas que legal. Quase vinte anos após você ter saído de lá.
438. Porque eu saí da Itaú seguros em oitenta e um. Dezesseis anos. Oitenta e um mas eu entrei na Itaú Seguros em setenta e seis. E sabe quantos o pessoal conseguiu reunir, Jaime? Em torno de cento e cinquenta pessoas. Então tinha gente lá que...
439. E cada um tinha tomado um destino diferente?
440. É, tinha gente que continuava na Itaú seguros, mas a maioria tinha tomado.
441. O que você acha que levou a esse, a tanta identificação entre vocês? O que acontecia lá?
442. Não, é, a gente tinha assim uma forma de se relacionar assim muito ingênua, sabe. Não tinha aquele clima de competição. Tinham uns que eram diferentes, tinha gente assim diferente, tinha gente que não fazia nada mas a grande maioria era muito boa, muito legal. Então foi uma época também que eu consegui aprender bastante também, eu trabalhei com gente assim, com profissionais muito bons. Pra você ter idéia o meu gerente ele tinha feito engenharia lá no ITA, então um crânio, ele era...
443. Era assim de primeira linha né.
444. 444 - É. Inclusive ele é descendente de alemães. Chama-se Carlos Bergman, Carlos Bergman Júnior. Ele até ironizava a própria raça dele. Ele achava que o alemão era muito atrapalhado, ele falava assim; “ o alemão é aquele português que aprendeu matemática!” (risos)

445. Essa aí eu nunca ouvi isto!
446. 446 - É, eu também nunca tinha ouvido. Mas era gente finíssima o cara, gente finíssima. Um cara cheio de dedos, sempre cheio de dedos, a gente brincava com ele, ele era assim, era um amor pra gente. Ele era muito competente, tinha uma capacidade muito grande. No tempo que eu estava lá na Itaú Seguros ele foi lá meu gerente de projetos. Ele tinha idéias muito avançadas sabe e ele tá muito bem hoje, ele tá como consultor do Itaú Sgueros agora. E e tá muito bem ainda.
447. Então ele continua na Itaú seguros ?
448. Como consultor. Então foi uma época que a gente desenvolveu muito, aprendeu muito e o relacionamento era muito bom, sabe, tinha gente muito boa com a gente, tinha gente, tem gente da PRODESP, tinha o Eduardo Golob.
449. PRODESP era processamento de dados do Estado ?
450. Do Estado era, do Estado de São Paulo. Ainda é né. Então tinha gente da PRODESP, da PRODAM, que é do município de São Paulo. Tinha esse Eduardo Lopes que havia feito administração de empresas na Getúlio Vargas, então um pessoal muito bom.
451. Bem formados, né?
452. É, bem formados. Tinham dois outros rapazes que tinham trabalhado num banco aí, não sei aonde que é, era um banco, um rapazinho novo, eu tava com vinte e nove e ele tinha uns vinte e cinco, rapazinho muito bom também, um magrelinho, de Ipatinga. Então a gente brincava muito assim...e como a gente aprontava muito com o outro, a gente começava a dar apelido, apelido não, chamava todo mundo de cobra. Tinha um lá que era o Mauro, de cabeça branca. E ele tinha vinte e nove anos, mas tinha o cabelo assim muito, sabe, muito branco, então a gente colocou o apelido nele de cobra velha, por causa do cabelo. O meu era cobra amarela, por causa da minha raça. Tinha um que era mais gordo, era o jibóia. O outro era de cabelo enroladinho, o Cláudio, e era pintadinho então chamavam ele de cobra pintada. Um aprontava com o outro. Mas foi uma fase que a gente brincava muito, aprontava um com o outro.
453. Você encontrava prazer no trabalho.
454. Mas como eu dizia assim eu gostava de trabalhar. Vivia aprontando né, mas era uma coisa assim muito sadia, do tipo enquanto o outro ia atender o telefone, chegava e enchia a mesa de pasta, pegava o porta lápis e enchia de água, quando ia pegar o lápis tava todo molhado. Brincadeiras a gente fazia assim, eu também fiz de monte! Não vou negar. A gente pegava fio de nylon, amarrava no pé da cadeira, depois por trás da mesa amarrava no porta lápis, depois quando a pessoa puxava a cadeira os lápis BLAUM! no chão, caía tudo. A gente fazia assim. Daí, porque eu fazia inglês também, depois quando em vim para Campinas eu fazia inglês aqui..
455. Você morava em Campinas?
456. Morava em Campinas. De 1973 pra cá eu sempre morei em Campinas e trabalhei em São Paulo, mesmo quando eu tava no Itaú. Eu comecei a fazer isto quando trabalhava no SERPRO. Eu fiquei em São Paulo até estudar. Estudei depois eu ia para casa só para dormir. Naquele tempo que eu trabalhava e morava em São Paulo – em me formei em 72, né? 71. Fiquei 72 inteiro sem estudar. Falei: eu vou descansar um ano e depois faço pós-graduação. Moral da história, deixei esfriar a cadeira, eu fiz pós graduação só em 90..
457. Nove anos depois?
458. Dezenove anos depois. Aí eu falei, bom, eu vou descansar um ano e depois eu volto pra fazer pós-graduação. Mas nesse meio tempo eu tava morando numa república lá. Na verdade, eram quatro irmãos que me convidaram pra formar, montar uma república, eu tinha muita amizade, eu conhecia o mais velho deles.
459. Eram da colônia japonesa, ou não ?
460. Eram, não eram da minha cidade não.

461. Tá bem, mas eram...
462. Eram japoneses puros iguais a mim.(risos) Puro de descendência.
463. Não haviam ainda outras raças.
464. Não, não havia não. E ele acabou casando com uma japonesa mesmo. Uma irmã dele, acabou casando-se com um brasileiro.
465. O que não aconteceu com você, você já casou fora da colônia.?
466. Eu casei fora da colônia. Então como tinha essa república e eu morando lá e..., aí, eram duas meninas, duas irmãs e dois irmãos e eu que era só um, extra familiar. A mais nova ela acabou casando e saiu da república. Uma outra lá, como ela estudava na USP e era muito longe, então ela também foi morar lá perto, montou uma outra república lá também com colegas de faculdade. Aí ficamos só nós três. Aí o irmão mais novo também aí foi morar com o outro irmão, aí só ficamos os dois, aí acabou, com a saída das meninas acabou com a nossa cozinheira. Todo dia tinha que sair pra jantar.
467. Quer dizer que as meninas é que ralavam?
468. É.
469. Não tem isto das japonesas não irem pra cozinha?
470. Bom, elas iam pra cozinha, também não dividiam as despesas. As despesas eram divididas por três pessoas, três porque os homens não cozinhavam, então as duas que cozinhavam...
471. Ah tá bom.
472. Tinha que fazer alguma coisa democrática.
473. Elas eram sorteadas pelo trabalho, mas em compensação elas pagavam pouco. É justo!
474. Só o aluguel que não, o aluguel cada um pagava uma parte. Eu pagava um quinto. Então, parece brincadeira, como acabou a cozinheira então nós passamos a jantar fora todo dia. Aí este meu amigo aí se casar, já tava com casamento marcado e tudo, então o que aconteceu? Ele não ia morar lá, ele ia morar perto da casa as noiva dele que morava em São Bernardo do Campo. Então eu ia acabar ficando sozinho lá e eu não podia, eu não vou bancar sozinho e tava ficando um negócio meio chato, porque toda vez tem que sair pra jantar e eu naquele tempo não gostava de sair sozinho. Então eu esperava e ele não tinha horário pra voltar, por ele estava como responsável pela contabilidade lá então ele não tinha horário. Ele era responsável pela contabilidade da Ultra Fértil. Empresa grande, né. Naquele tempo também, nesse mesmo período o SERPRO tinha, eu trabalhava numa unidade que era o CTI, Centro de Tratamento de Informações que era na rua Paulo Souza, antiga Rádio Bandeirantes, ali na zona cerealista. O SERPRO estava construindo em Osasco, ali atrás do Club de Golf São Francisco, ali pertinho da Cidade de Deus. E depois, em 1973, ele comprou esse prédio aí, então nós fomos transferidos pra lá. Mas aí quando tava ali na zona cerealista eu tomava um ônibus só, eu ia a pé lá. Eu já tinha comprado um carro também, a gente deixava o carro por ali, tal. Aí quando a gente mudou pra Osasco já era muito longe, aí nem de carro. Aí eu falei bom, eu vou, mesmo que eu for de carro eu tenho que sair de casa umas seis e quarenta e cinco pra chegar oito horas. Mas como começou a ter ônibus falei, bom, eu vou de ônibus, mas o ônibus passava perto de casa seis e meia pra chegar oito horas. Aí falei bom, eu tava dormindo cedo né porque acordar seis e meia, seis horas porque tem que andar um bom pedaço a pé porque o ônibus passava numa avenida, ali pertinho, no comecinho da Anchieta já, ali chama-se Alto do Ipiranga. E como demorava muito, aí eu falei bom, pensei, como meus pais já moravam aqui em Campinas, moravam ali pero da rodoviária, falei eu vou começar fazer um teste. Vou ficar lá uma semana, duas semanas. Pensei eu saio de casa, lá da casa dos meus pais, eu vou até a rodoviária, tomo o ônibus, venho até aqui e depois daqui tomo um ônibus e vou até Osasco. Aí eu sei que tomando o ônibus seis e vinte dava tempo de eu chegar lá pelas oito horas, oito e dez, oito e quinze.

475. Você gastava o mesmo tempo!.
476. Mesmo tempo. E outra, não precisava ficar parado naquele trânsito. Aí então juntou duas coisas...
477. Além de comer a comidinha a comidinha da mamãe.
478. À tarde, à noite eu jantava em casa, voltava pra isso. Aí que eu mudei pra Campinas. Voltei para a casa de meus pais.
479. Seus pais devem ter gostado.
480. Ah sim! Eu tinha saído de casa assim muito, muito novo e perder o filho único...
481. Mais ou menos quanto tempo depois você saiu, dez anos ?
482. Não, não foi tudo isso não, eu saí de casa em 66. .
483. Você terminou a faculdade né, é o período que você tava estudando mesmo né.
484. É porque eu fui pra São Paulo em sessenta e seis, comecei a faculdade em sessenta e oito, famoso sessenta e oito, me formei em 71.
485. Você já se deu conta de quantas coisas você fez nesse período né.
486. Pois é.
487. Período de curto de sete anos, quanta coisa né.
488. Quanta coisa. Eu, outra coisa né, Jaime. Eu era sozinho, por isto gostava quando chegava lá na república, mas também os outros também tinham a mesma vida que eu, trabalhava de dia e estudava a noite. Então porque esse meu colega, ele é de Dracena. Ele também era de uma família assim que tinha um pouco de dificuldade. E ele tinha um outro agravante também porque ele não tinha pai, o pai dele tinha falecido quando o irmão mais novo dele era muito criança. Então a mãe sempre foi doméstica né então ele começou a trabalhar muito novo, como eu Então a gente tinha quase os mesmos problemas né. Então eu fui muito só sabe, eu sempre tive que tomar um monte de decisão sozinho, errado ou não, mas tinha que tomar, muitas vezes acertei, mas muitas errei.
489. Faz parte da caminhada da vida.
490. Faz parte do aprendizado da gente. Eu, nesse tempo assim, esse período de São Paulo foi de uma muita valia pra mim. Forçosamente tive que aprender muita coisa. Dei cabeçada? Eu dei também. Mas aí, voltando na seguradora, a gente aprontava muito, sabe. Tinha um que eu gostava de tirar sarro dele porque ele ficava nervoso. A gente ficava lá numas baias, tinha umas divisórias baixas, tinha uns aquários, então daí a gente via todos os outros. Eu trabalhava do lado desse Eduardo. Ele todo dia tinha – por isto que é ruim a gente ser metódico porque a gente dá a primeira chance para o ladrão, ou cara mal intencionado - ele tinha um cabide, sabe aquele de pressão que pendura assim grudando no vidro. E le chegava a primeira coisa ele tirava o paletó e pendurava no cabide, então o que eu fiz ? Peguei aquela parte que pressão e furei com alfinete. Então, na hora fica preso, mas com o tempo vai caindo por causa do peso, ne. Então eu punha ali e chegava e pendurava o paletó e quando via : parrblaunnn! Caía. Ele levantava, pegava e pendurava de novo. Ai no segundo dia eu coloquei no mesmo lugar o cabide só que coloquei um lixo embaixo. Ai o paletó: parrblaunnn! no lixo. Ah, ficou bravo. Aí, não pendurava mais, botava na cadeira. Ai eu peguei o paletó, o cabide, coloquei do outro lado, sabe, virado, de frente. Ai num ato mecânico ele pegou o paletó e pendurou... ai não tinha nada. Ah!, caiu no lixo. Ele saiu pisando forte e foi lá pegou o cabide, puxou, colocou e ficou. No quarto dia, cheguei lá eu tirei o pininho,
491. Ele não sabia quem era?
492. Ele não sabia quem era. Aí eu coloquei sozinho, sabe, aí a mesma coisa... Ficou mais bravo ainda. Aí ele tava na outra mesa, aí ele jogou fora o cabide, então passou, mas sabe. E tinha esse Eduardo Peel que era santista. Ele era não, é ainda! Ele não morreu.
493. Ah tá bom.

494. A gente fala era, como força de expressão. Ele tinha vindo da PRODAM, um cara muito legal... Então ele foi chamado por um outro xará dele, Eduardo Kozma. Esse é russo.
495. Também aquilo ali era uma empresa do mundo né.
496. Aquilo era só..., tinha japonês, tinha um português, - o D'Aquino - então tinha uma fauna muito grande.
497. O outro lá que era o descendente de alemão e agora mais esse russo.
498. Então, o russo, tinha um inglês, que é esse o Eduardo Peel.
499. Mas ele era nativo ou...
500. Não, não, na verdade ele era neto.
501. Neto.
502. Porque o pai dele já tinha nascido aqui.
503. Como você...
504. Então esse cara aí um que estava lendo o jornal e botaram fogo no jornal e aí esse Peel pegou o jornal, saiu correndo pro banheiro para jogar dentro do vaso senão não apagava mais, Então eram essas as brincadeiras, sadias né e a turma achava que eu que aprontava mais. Tinha esse o Jibóia lá que era, Luís Augusto Rodrigues. A gente dizia que tinha um pai tão inteligente que nem colocou o nome na mãe - a mãe dele era Parrela. Então ficou como Luís Augusto Rodrigues. Ele dizia: "oh meu pai também, tinha que ser português, porque você não colocou Parrela"? Quebrava um pouco os homônimos. E esse cara era muito inteligente, apesar de português (risos).
505. Ele devia sofrer na mão de vocês.
506. A gente tirava sarro de português, português. O melhor programador que eu trabalhei era português .
507. Essa nossa coisa com o português é por causa dessa pecha de colonizador.
508. É, acho que é raiva deles, acho que é raiva deles. Então esse, o Peel, eu aprontava muito e eu fiz uma vez lá uma com o Luís Augusto. Ele trabalhava, tinha um dia da semana que ia fazer uma, tava fazendo um curso, ele era formado pela FEI. Ele gostava de tomar Yakult, Tinha um entregador que todo dia deixava o Yakult pra ele. Então, esse cara aí ele tomava todo o dia Yakult. Chegava correndo na hora do almoço e tomava. Tomava até andando para ir almoçar com a gente. Era um aperitivo antes do almoço. Então eu peguei o Yakult, virei de ponta cabeça assim, peguei no fundo, furei com um alfinete e pus um durex, sabe aquela bolinha? Colei e coleí em cima - naquele tempo tinha cartão perfurado... Então, eu coloquei esse Yakult colado em cima da caixa de cartão. Ele chegou atrasado naquele dia, ele pegou aquele Yakult e começou vup, vup, vup avazar...não sabia o que fazer. Eu não sabia que ele ia ficar tão bravo. Aí deu um ataque nele, ele encheu os copos de todo mundo na sala assim de água, molhou todas as cadeiras, ficou louco da vida...
509. Era o que você queria. Como é que era o nome dele ?
510. Luís Augusto Rodrigues. Ele era muito engraçado e era também muito esquecido. Era gordinho era a cobra gorda. Foi ele que uma vez aprontou: eu tinha uma calça verde, naquele tempo não usava terno, só usava conjunto sabe? Então eu tinha uma calça verde assim e tinha um terno, um paletó que usava assim que combinava. Então eu comprei uma gravata, naquele tempo usava aquelas listradas. Deixei, comprei tudo e fui pra casa chegando lá falei: ó eu comprei uma gravata assim que vai combinar com a calça verde. No que eu abro, que gravata que nada! Ele tinha trocado a gravata; ele tinha uma gravata rosa que ele usava, sabe, o nó já tava pronto, era só colocar, porque tinha que trabalhava com gravata né, mas tava imunda a gravata, eu fiquei..., joguei fora!
511. Você sabia que a gravata era dele né.
512. Sabia, só ele usava aquela gravata.
513. Então ele ficou com a sua gravata?
514. Não, ele devolveu.

515. Ah, devolveu?
516. Era só pra encher o saco. Então a gente colocava..., como todo mundo era cobra, tudo traiçoeira chamava, colocou o apelido de cobra, ele era jibóia porque era o gordo da turma. Então esse cara aí, ele acabou namorando, casando com a Catarina.
517. A Catarina trabalhava lá também ?
518. Não, não, Catarina é aquela professora, coitada, era professora.
519. Por que coitada ?
520. Ganhava tão pouco né, ganhava tão pouco (risos)
521. Eu pensei porque era por ela ter que agüentar o jibóia lá, né?
522. Não o Jibóia, não. Ele era legal. Quando ele foi casar ele falou assim, chegou lá com a Catarina a tira colo, chegou lá pro tio dele e falou assim: tio você dia tal, dia tal você tem algum compromisso? Aí o tio falou: “ não, eu não tenho nada não por quê”? Não, é porque eu queria convidar você pra ser padrinho do nosso casamento. Que dia que vai ser? o tio perguntou Dia tal, aí a Catarina falou assim, dia tal por quê? É o casamento meu bem, o nosso casamento, respondeu Luís.. Só se for o seu porque eu vou casar da tal. (risos) A data do casamento ele esqueceu! Então não é comigo: esse casamento vai ser com outra, respondeu Catarina. Só se for você, porque eu vou casar dia tal. Ele levou uma dura! Ele ia num casamento, não sei de quem. Chegou na casa da noiva dele, aí a Catarina falou assim: oh bem, faz o seguinte: já que você, tem que ir pra sua casa faz o seguinte: pega o meu carro, vai lá, você toma banho, troca, vem pra cá” Ele foi pra lá, tal, pegou um taxi, voltou de táxi... Ele foi na casa dele, tomou banho e esqueceu que foi de carro...
523. Largou o carro lá.
524. Largou carro lá.. Teve que pagar outro taxi pra pegar o carro que ele tinha ido. Você vê, o cara é tão desligado. É até hoje. Outro dia o Mauro me contou uma história, ele mora no horto florestal, lá naquele, lá perto da Mantiqueira. Ele fez um casa lá, no meio do mato, tudo à vontade. Então ele não gosta de, ele é assim, ele tem um carro, o carro dele ia até desmanchar, depois virava pau de galinheiro, de tão desligado. E ele fazia assim, ele saia de casa de chinelo de dedo e chegava na estação do metrô aí e que ele calçava o sapato, porque ele não gosta de sapato.
525. Sapato pra trabalhar, então...?
526. É, sempre foi assim. Ele sempre ia trabalhar de calça Lee, calça jeans, uma camisa social e a gravata. E todo dia ele tirava o chinelo, colocava o sapato e ia trabalhar. Aí um dia, chegava sempre atrasado. Um dia deu um curto né, cadê o Luís, cadê o Luís; ele não tinha chegado ainda, aí daí a pouco ele chegou, chegou, tal, aí depois contou a história, que ele todo dia ia de chinelo e tinha o sapato no metrô. Mas este dia ele esqueceu o sapato. Ele teve que comprar um sapato, o sapato tava machucando, um sapato novo, chegou atrasado, então ele continua esquecido até hoje. Mas ele legal pra caramba. Então no dia do casamento dele a gente foi no casamento dele. Ele ficou muito preocupado: “como é que vai ser meu casamento? Então a gente aprontava muito assim. E o casamento dele a gente fez aquela lista de casamento e cada um deu um X de um dinheiro lá, só que a gente fez uma sacanagem: ele pegou o dinheiro todo e trocou tudo em moedinha do menos valor, de um centavo hoje, Jaime deu, sabe caixa de cartão perfurado? Deu duas caixas daquelas de moeda, duas caixas não é nada e o peso, ele não conseguia nem carregar aquilo e ele levou, tinha que levar né. Pior que ele trabalhava no décimo sexto andar porque aquele prédio da Itaú Seguro lá na Praça Ramos ele tem, na verdade só tem quatorze andares e tem dois andares que são de escadas. Então o elevador não vai até o décimo sexto andar. Então tem-se que subir dois andares de escada. E ele levou carregando duas caixas de moeda pra casa dele, mas ele devolveu aquilo lá, porque Silvio foi o nosso gerente de desenvolvimento de sistemas casou e ele devolveu as mesmas caixas ele devolveu que ele recebeu
527. Cheio de moeda.

528. Cheias de moedas. A gente aprontava mil e uma coisas. Tinha um baiano, ele chama Audálio: uma vez ele ia viajar, ele trouxe uma mala pra tomar o avião no aeroporto. Chegou na hora que ele tinha que ir, procura a mala, cadê a mala, cadê a mala, cadê a mala? O que a gente tinha feito? Amarrou uma corda na mala, pendurou fora do prédio e deixou amarrada no pilar do prédio (risos). Lá em baixo, lá em baixo a Barão de Itapetininga lá em baixo assim, cheia de gente que passava...

529. E a mala pendurada...

530. A mala pendurada. Ele ficou louco da vida.

531. Ele não achava mesmo.

532. Não achava, não tinha jeito, tava, não tava escondido, tava lá só não dava pra ver, né? Mas foi uma fase assim muito boa, sabe?

533. Mas engraçado que essa história que você me conta ela marca uma relação com o trabalho, você disse que tinha muito trabalho, mas também uma relação muito saudável.

534. Saudável.

535. Na relação com o trabalho, tanto é que vocês conseguem se reunir quase vinte anos depois né.

536. Era mesmo.

537. Como é que vocês organizaram essa festa, vocês organizaram, uma pessoa organizou, foi em São Paulo, vocês alugaram um clube, cada um pagou um...

538. É, tinha que pagar m X, era pouca coisa. E era assim, a gente fez um negócio muito bom. Todo contribuinte teria que ir para uma conta bancária...

539. Depósito?

540. Depósito. Agora, cai um depósito na sua conta: você sabe de quem que é? Não sabe, né? Então foi assim: pela lista ele colocou essa coisa; o primeiro deposita, sei lá, dez reais e um centavo, o segundo dois centavos, três centavos, então o máximo que o cara..., como tinha cento e cinquenta pessoas, o último depositava um real e cinquenta centavos a mais, sabe. Esse centavo no fim do depósito, era para identificar quem fez o depósito.

541. Não fazia diferença nenhuma.

542. Nada, nada né, a não ser que tinha aquela, nem que tivesse mil pessoas, então como era pouca gente era assim. Então tinha que depositar..., o seu era ta ta tá e trinta e quatro centavos.

543. E funcionou muito bem.

544. Funcionou muito bem. Depois ele me levaram numa choperia que tinha em Moema, ali perto do shopping, shopping Moema e nós fomos lá, era choperia. Começou às oito horas. Naquele dia eu fui de carro. Acabei saindo de lá quase à uma hora.

545. Eu queria retornar com você nessa próxima entrevista..., quantas horas?

546. Quinze pras onze.

547. Quinze pras onze, voa né, o tempo voa.

548. Você aí que tá com mais pressa, Jaime.

549. Não, não, não, você tem toda a liberdade... queira retornar a você. Então vamos marcar agora pra quando você puder. Você tem toda a liberdade de ir e vir nas coisas que você julgar importante.

550. Tá bom.

551. Você quer falar mais alguma coisa ?

552. Não, não.

553. Muito obrigado e a gente vai marcar então, remarcar.

554. Eu é que agradeço.

. Continuação da entrevista

555. Bom dia, Irineu . Vamos continuar nosso trabalho. Hoje já são dois de fevereiro...

556. Poxa é mesmo.

557. Mas nós estávamos falando, Irineu, da sua vinda pra Campinas.

558. Ah, quando eu vim pra Campinas.

559. Seu retorno, à casa de seus pais, depois destes anos todos

560. É isso já foi porque quando eu comecei a trabalhar, que mudou pra Osasco então o tempo de viagem que eu perdia né pra chegar lá era quase a mesma coisa. Eu fiz aquele teste de duas semanas dormindo na casa da minha mãe né e tomando o ônibus e dava pra conciliar isso.

561. Além de você estar sozinho lá em São Paulo.

562. Então eu já tava doido e eu e o Renato, que é esse meu amigo que morava no pensionato, que eu morei na rua Tamandaré, perto do Anglo quando eu fui pra São Paulo. Então e ele também já tava com o casamento marcado, aí eu falei, bom, aí eu vou ficar sozinho né e outra, eu ia ficar muito em casa pra, vamos dizer assim, um capricho muito caro né ficar sozinho e ficar sozinho também, então falei: não, vou unir o útil ao agradável. Então eu mudei pra cá e aí eu passei a viajar.

563. Quanto foi isto?

564. Isso foi em setenta e três, ia fazer vinte e sete anos, eu não sei. Ia fazer um ano que eu tinha me formado na faculdade, eu não estava estudando nada a noite, então dormitório por dormitório só mudava o dormitório, né? De São Paulo pra Campinas, aí eu comece a viajar todos os dias. E nesses tempos eu já namorava essa minha esposa.

565. Mesmo em São Paulo você já namorava ela aqui?

566. Já namorava: minha esposa é de Bauru, filha de minha madrinha de batismo e eu namorei a minha esposa, começamos em 70. Então, antigamente tinha aquele negócio de semana sim, semana não, no portão. Era o namorado Ultragás: cada quinze dias eu ia pra Bauru. Então cada quinze dias, sexta feira eu mudava a minha rotina: ao invés de ir pra Campinas eu ia pra Bauru.

567. E voltava como ?

568. Era mais ou menos tranqüilo por que como eu era já afilhado do futuro sogro então eu dormia lá, tomava as refeições lá, então como se eu fosse da casa, assim que eu chegava já..., quando ia de carro não tinha problema, mas quando ia de ônibus então quando eu chegava eu já comprava a passagem de volta, no domingo à noite né? Eu tinha até um esquema montado já, eu conhecia também, fiz amizade..., cidade pequena é outra coisa, eu fiz amizade com um motorista de taxi, então ele já sabia, quando eu chegava lá eu já ligava pra ele, ele ia me buscar na rodoviária e depois já sabia, no domingo tal hora me apanhava, então eu tinha um esquema montado. Aí eu fiquei lá sozinho até setenta e três, setenta e quatro. Em setenta e dois a gente, eu e minha mulher, nós já tínhamos ficado noivos já, aí nós já marcamos o casamento, primeiramente a gente tinha marcado pro dia vinte e oito de dezembro de setenta e quatro, mas quando chegou não deu pra gente se casar, ficou pra setenta e cinco. Foi em setenta e cinco que eu me casei, aí nós viemos...Vinte e seis anos, vinte e seis anos, já fiz bodas de prata o ano passado, mas o ano passado eu tava, tive problema de saúde então eu não tinha cabeça pra nada, passou em branco na verdade, esse ano eu fiz algumas coisas. A data mais importante foi a do ano passado, mas...

569. Você já estava num estado depressivo?

570. Tava.

571. Tava.

572. Eu tenho a data direitinho marcada, foi dia onze de maio que saiu o estalo...chama de o estalo de Vieira, né?

573. Estalo de Vieira...

574. Então, então eu quis... então aí a gente tinha combinado, aí a gente acabou casando no mês de fevereiro de setenta e cinco. Eu já tinha arrumado tudo aqui em Campinas, tinha alugado um apartamento na Rua Ernesto Kulmann, 124. Por que eu fui morar lá? É que minha irmã já morava no décimo terceiro andar, ela tinha casado um ano antes, então ela já morava num apartamento lá, aí ela falou que tinha um apartamento vago, na verdade tinham dois apartamentos vagos, um tava pra vagar e outro já tava vago, aí eu tava de olho nos dois. Na verdade o que eu queria mesmo a moça acabou enrolando muito lá e não deu certo, aí eu decidi fechar o contrato com aquele apartamento. A partir daí, a partir daí eu comecei, a vida começou normal, continuou normal, todo o resto de setenta e cinco, aí em setenta e cinco ...

575. Você já tava casado?

576. Já tava casado.

577. Já tinha filhos ?

578. Não, minha mulher tava grávida já, tava esperando o Thiago já. Mas eu continuei fazendo, descia na rodoviária, tomava ônibus... Quando ela me falou que ela tava grávida, sabe, eu não tive aquela reação, ah!, oh! aquela euforia toda, ela até me comenta que a minha única reação foi: ah, é, e? Ela ficou super decepcionada, foi tão inesperado sabe quando sai assim de surpresa. A minha reação foi outra né, foi até gozado. Então ela tava grávida já, aí..., mas foi só o tempo de eu entrar de férias assim e logo em seguida eu arranjei esse emprego na Itaú seguros. Eu saí do SERPRO dia 12 de dezembro e e no dia 16 de janeiro eu comecei.

579. Menos de um mês.

580. Menos de um mês. A única coisa que mudou é que ao invés de eu ir pra Osasco eu comecei a ir pro centro a cidade, na Barão de Itapetininga. Aí eu comecei a tomar o ônibus pertinho de casa, porque eu morava na rua Ernesto Kuhlmann, aí tinha que pegar próximo na rua José Paulino, com a Glicério. Depois tem a Barão de Jaguará eu descia até lá pra tomar o ônibus, aí eu subia, aquele tempo eu subia a própria Campos Sales porque a Campos Sales era mão dupla aquele tempo, agora não: agora é só uma mão, naquele tempo era mão dupla, o ônibus ia até a estação da FEPASA e pegava depois quem ia pra São Paulo.

581. Mas, naquela época ainda não havia o terminal Tietê.

582. Não era no Tietê. Mas eu tomava um ônibus fretado.

583. Ah você pegava ônibus fretado.

584. Fretado e servia principalmente pro pessoal da FEPASA. Ele deixava o pessoal na FEPASA e depois ia lá pro centro da cidade, terminava lá no Largo São Francisco, o Largo São Francisco era o ponto final. Então isto facilitava a minha vida; não precisa tomar ônibus nenhum pra dentro de São Paulo e e eu descia na Barão de Itapetininga em frente a Itaú Seguros. Naquele tempo o Setúbal não tinha feito o calçadão ainda. Então o ônibus entrava na Ipiranga, subia a Barão de Itapetininga todinha, passava pelo Viaduto do Chá, pegava a Líbero Badaró e depois saía no largo São Francisco, então...

585. Era confortável, né?

586. Era confortável. Aí depois, dia doze de maio desse mesmo ano nasceu o Thiago; eu continuei trabalhando na Itaú seguros. Mas aí quando minha mulher ficou grávida, mudamos de apartamento e alugamos numa casa, porque ia nascer a criança, tal, aí tinha problemas, o apartamento não tinha área de serviço, ela tinha que secar a roupa dentro do banheiro, o banheiro parecia uma linguiça, comprido, comprido, parece que foi projetado próprio pra estender varal, sabe. É, era uma área de serviço conjugada. Então pensando, sabe, eu assim como minha mulher nós somos interioranos, criados assim, nasceu e cresceu em liberdade, casa térrea, brincando na rua, brincando com os amigos e na cidade grande você não pode ir atrás disso que é meio problemático né. Mas aí de qualquer maneira eu pensei em mudar pra casa pra ter liberdade, pra criança ter

onde pular e viver mais em contato com a natureza, né?. Aí nós fomos numa casa lá, conseguimos achar uma casa lá, inclusive foi a minha mulher que foi atrás, com aquela barrigona enorme ela ia atrás dessas coisas, sem conhecer Campinas porque a gente casou em 75 e ela veio pra cá e em 75 ela engravidou né. Aí ela nem sabia onde era, acabou conhecendo uma casa lá que os proprietários moravam numa edícula e alugavam a casa da frente. Era um casal de meia idade, sem filhos e faziam isto para aumentar a renda do casal. Então, era gente muito legal, depois se tornaram meus amigos. A gente sempre manteve contato, mesmo depois que saiu e ela falava pra todo mundo que nós fomos os melhores inquilinos, sabe daquela casa, era meio puxa saco, mas...

587. Mas, verdade também, nem Irineu?

588. È na verdade, até pode ser. Porque o seu Lázaro, que era o proprietário, o marido ele adorava o meu filho, ele voltava do trabalho, ele trabalhava numa casa de material de construção na esquina. Ele voltava do serviço, do jeito que tava mesmo, pegava o Thiago assim no ombro e ia passear com ele sabe, então tinha o maior carinho.

589. O Thiago também gostava!

590. Nossa! O Thiago tinha tudo de bom em casa, tinha carinho, tinha..., só que não andava ainda, ele ia engatinhando lá em cima pra comer arroz, feijão com ovo do seu Lázaro, ele adorava o seu Lázaro. Então ele chegava e o Thiago tava dormindo, ele chegava assim: oh, Thiaguinho!!!! Gritava assim. Aí, mulher dele falava assim: “não vê que ele tá dormindo”? Mas o Thiago tava sabe pedindo a Deus que ele viesse porque era a maneira dele passear, antes de eu chegar em casa. Eu chegava sete e meia, oito horas em casa. Seu Lázaro, por volta de cinco e quinze, cinco e meia ele tava em casa.

591. Fazia o papel de avô.

592. Avô por tabela. E lá perto de casa tinha um campo de bocha, então ele ia levar no campo de bocha, seu Olavo ia tomar a pinguinha dele num barzinho que ia lá e...

593. O Thiago ia junto.

594. O Thiago ia junto, não devia, mas...Nem naquele época...

595. Mas você tinha toda a confiança no seu Lázaro.

596. Tinha, tinha. A gente só não deu pra batizar porque ele já tinha sido batizado. Porque nós escolhemos, como eu sou afilhado do meu sogro, então por assim, por gratidão, por agradecimento, falei assim: o padrinho vai ser seu pai. E meu sogro gostou muito, sabe, porque o sonho dele, como bom italiano era ter um filho homem e ele acabou não tendo, teve só duas filhas, tanto é que ele criou assim sabe..., a minha mulher era a caçula, a última filha que nasceu, então ele criou assim meio tipo homem, ela gostava de brincar com coisas de homem, então pro meu sogro foi uma coisa assim muito gratificante ter um neto, um neto homem.

597. Ele não podia falar que você era filho dele porque nascer um filho japonês não ia dar certo.(risos)

598. (risos) É, ele era italiano e a minha sogra era de assim de cor.

599. Sei.

600. Então italiano com negra...

601. Não ia dizer que teve um filho japonês...(risos)

602. (risos) Não dava...

603. Gostaria de você falasse falasse um pouco da parte final do seu trabalho na Eletropaulo e depois com a aposentadoria e um pouco sobre seu estado depressivo. Você falasse livremente o que você quiser, fazendo os liames aí, colocando as impressões que você desejar né.

604. Então na Eletropaulo foi a última empresa né que eu trabalhei como empregado mesmo, como celetista, como a gente costuma falar. Então eu saí, da Itaú Seguros era dia vinte e sete de

fevereiro de oitenta e um, aí foi aquela famosa sexta feira do carnaval, passamos um carnaval ótimo aquele ano. Nem imaginar muito né pra curtir o passeio. Mas coisas se passaram aí, teve que assimilar, não teve outro jeito, mas... Então saí de lá em fevereiro, no dia treze de abril do mesmo ano eu comecei na Continental. Continental aquela empresa, instituição financeira de crédito imobiliário, A sede era lá, era lá em São Paulo. Tinha uma parte que, tratava dos mutuários. Tem esses mutuários até hoje. Eles financiavam a compra de casa própria além, da poupança, a poupança a comum tinha a chamada poupança programada, você tem que mês a mês depositar um valor X. Então, além da poupança, eles tinham também o crédito imobiliário. Então dentro dessa Empresa Continental lá, lá no centro, lá no centro, na Avenida São Luís, São Luís esquina com a Ipiranga. Só que lá eu fiquei pouco tempo porque assim, enquanto eu tava na Itaú Seguros eu também tava me sentindo desmotivado por que fazia 5 anos que eu tava lá e não passava de analista né. Então, pensei aqui eu não vou fazer carreira né, e eu já tava lá com mais de trinta anos de idade já, aqui num, não vai ter, não tem futuro. Então eu já tinha falado com um analista de sistemas com quem eu tinha trabalhado no Serpro.. Ele era gerente de um departamento lá de informática lá da Eletropaulo. Então, em fins de 81 ele me chamou, falou assim ó..., me chamou, não, me ligou, ele tinha meu telefone, falou assim: tem uma vaga pra lá, assim, assim, assim, assim: Neste tempo ele era Superintendente de Informática “ tem uma vaga lá, tal e como analista, salário X. Eu tava interessado no salário, numa empresa de um porte maior e que tivesse chance de subir né. Aí eu no ato eu já falei: ta bom, quero. Ele me pediu que eu fosse lá levar o meu currículo e fazer um entrevista. Então eu fui lá, era pertinho, era lá na Xavier de Toledo, era do lado do antigo Mapping e ele tava esperando por mim, então eu fui lá, fiz a entrevista e isso foi entre o natal e o ano novo. Aí fiz a entrevista, tudo, aí, bom, agora tem que esperar né. Aí me chamaram em maio, até lembro o dia que foi, foi dia dezanove de maio. Eu tava num curso, fazendo um curso pela Continental, na Rua Sete de Abril. A minha mulher me ligou. Daí eu fui.

605. Aquela época não tinha celular ainda né?

606. Não tinha celular. O recado era para eu estar no dia seguinte no departamento de recursos humanos, no RH, né?. Aí fui lá, tal, fiz a entrevista e tudo bem. Como eu tinha já férias vencidas porque fazia mais de um ano que eu tava lá, então eu ia tirar férias proporcionais né, era proporcionais, o décimo terceiro proporcional também. E lá na Continental como o dissídio coletivo era em junho, então eu deixei pra pedir demissão em junho né porque assim quase dois dias...

607. Sei.

608. Então eu pedi demissão lá da Continental, no dia 2 de junho de 82. . No dia 4 de junho de 82 comecei a trabalhar lá na Eletropaulo. Aí como também era mais ou menos o mesmo estilo de trabalho lá do Sepro, né, porque o Superintendente foi funcionário do Serpro também. Então ele implantou uma metodologia e inclusive os computadores eram iguais. Então eu não tive muita dificuldade não. E encontrei uma turma muito legal. Então me dediquei muito bem lá na Eletropaulo. E eu trabalhei lá por quatorze anos, foi a empresa que eu trabalhei por um período maior. Só aposentei porque teve aquela mexida nos tempos de aposentadoria pois tinha a aposentadoria compulsória: ou você aposenta ou aposenta. O governo queria implementar a reforma da previdência a qualquer forma e a gente não sabia como ia ficar... havia muito medo e muito receio...

609. Eu me lembro bem disto.

610. Tinha uma cláusula lá que mudava um pouquinho o teor da nomenclatura. Eu teria garantia de emprego por mais um ano desde que eu aposentasse. Era uma coisa meio, meio não, imperativa né. Então eu tive que sair, falei: não vou arriscar não. Já pensou se perco tudo?

611. Dessa forma a decisão de você se aposentar é uma conjunção de coisas, não foi nem decisão da empresa e nem decisão só exclusivamente sua.

612. Foi uma situação de conjuntura.
613. Como é que você percebe..., como é quando você vê isso hoje em dia, como é que você analisa essa conjuntura e essa decisão sua de se aposentar ?
614. É. Eu...pra falar a verdade eu fiquei com um certo receio sabe de..., é tava. Também aquela época já era de muita incerteza Aquela idéia de que eu poderia perdeu tudo, pois eu tinha que trabalhar por três anos, só precisava saber como que era né...A empresa visa a produtividade né, produziu tá dentro do esquema da empresa, não produziu tá fora do esquema. Então eu fiquei com aquilo sabe de, eu tinha conseguido conquistar alguns benefícios através da Eletropaulo, passei a contribuir com fundo de pensão , então eu fiquei com um certo receio de perder essas, essas conquistas. Então eu fiz um cálculo aproximado, bom, com o que eu vou receber isso, mais o INSS dava pra se eu ficasse sem trabalhar, pra não ficar apertado, dava pra encarar as despesas que eu tenho em casa, então eu optei por aposentar.
615. Isso foi em que ano?
616. Foi em noventa e seis.
617. Noventa e seis. Então são...
618. Cinco anos porque eu sai da Eletropaulo no dia trinta e um de maio de 96. Noventa e seis. Trinta e um de maio, aí que...Depois com aquele...
619. Quase quatro de junho.
620. Quase quatro de junho. Então porque na Eletropaulo também eu tinha galgado muitas posições lá dentro, posição de melhora salarial, galgando por postos maiores dentro da empresa. É que na Eletropaulo ele sempre tinham um plano de carreira. Então você começava como aprendiz até chegar nos níveis mas altos eram os especialistas né. Pra você ter idéia eu entrei na Eletropaulo, Jaime, como analista três, era três.Então eu não entrei lá no início de carreira, eu entrei assim..., mas é porque eu tava já dentro da minha vida profissional e dentro do programa de mercado. Então eu não entrei mal. Podia ter entrando melhor? Podia, mas lá também tinha problema de vaga, era muito controlado pelo governo, pelo governo do Estado com o qual a Eletropaulo tinha muita ligação. Ela era do Estado. Eu entrei lá como analista de sistema três. Isto foi em 82. Em 85, então você vê, dois e anos e pouco depois surgiu uma vaga de analista de sistema quatro, que era o último no nível de Análise Sistema né, então o superintendente que era o Guerreiro, lá,sabe aquele do QI, ele me indicou pra essa vaga aí...
621. Era um cara que trabalhava com ele, né?.
622. É.
623. Não ia também indicar uma pessoa qualquer porque se não ia encerrar o trabalho dele.
624. Não foi de graça! Eu já até fazia por isto. Eu não tinha hora pra sair. Sempre ficava mais tempo. Eu nunca saía às cinco horas, então o ônibus...
625. E mesmo morando em Campinas às vezes você ficava?
626. Eu ficava. Eu ficava, muitas vezes. Olha eu cheguei mesmo pular a roleta pra pegar o último metrô. Sabe, não tinha mais metro após a meia-noite. Fechavam a roleta... é que o metrô à meia noite sai um trem de cada terminal, é o famoso corujão.
627. Aí é o último trem?
628. É o último.
629. Perdeu...
630. É o último bonde, então ficam esperando. Então muitas vezes eu tomei esse trem pra eu conseguir chegar na rodoviária até meia noite e meia, que tinha um ônibus do Cometa que fazia Poços de Caldas, esse era o último e tinha um da uma hora que fazia até Campinas só, mas aí eu tinha que descer na rodoviária, tinha que tomar um ônibus, aí depois eu chegava o que...
631. Você já morava ali no Jardim Santana.

632. Já morava ali, morava lá. E quando eu mudei pra, quando eu passei pra Eletropaulo eu já morava lá.
633. Ah sim, é verdade.
634. Eu mudei em setenta e oito né. Entrei na Eletropaulo em oitenta e dois, eu já tava morando ali. Então tinha esse problema de..., a minha mulher tinha criança pequena, porque a Juliana tinha, a Juliana nasceu em oitenta, ela tava com o que? om três, quatro anos.
635. E ali, você saltava ali perto da CPFL?
636. É. É só tinha a linha perto de casa ali, porque o Cometa ia até Poços de Caldas, daí eu saltava perto de casa. Minha mulher não gostava. Um dia eu tomei um ônibus, só que o cara não sabia, eu comprei a passagem até Mogi Mirim porque eu gostava de viajar lá na frente e para Campinas eles vendia os bancos de trás. Só sei que fiquei com número três, eu gostava do número três, e era pra Mogi Mirim. Então como eu já tava na frente eu comprei a número três e eu não sei se eu via lá, que aquele ônibus era direto, não entrava em Campinas. Então que que ele fez ? Passou direto a Bandeirantes... Quando eu vi ele tava no trevo de Mogi Mirim e eu às três horas da manhã de terno e gravata e pasta de couro, no trevo. Aí tive que dar uma cantada no motorista que foi muito legal e entrou para me deixar lá do outro lado e aí ele me deixou lá próximo à minha casa.é...
637. Você foi pra Mogi Mirim.
638. Tive que descer dentro do trevo e ir a pé.
639. É perigoso, é madrugada.
640. Então, eu não tinha horário pra sair. Então muitas vezes eu não tinha hora para sair e era uma pessoa esforçada. Eu também entendia da informática naquela época, porque a informática naquele tempo era a macro informática...
641. Então esta questão de que funcionário público não trabalha, é vagabundo....
642. Nada, é nada! É um sistema muito político e mexe com muita gente, mexe com todo mundo. Além de mexer com todo mundo, mexe com teu bolso, pois muitas vezes não sabia aonde vai cair seu pagamento, então de forma... Então a gente tinha que fazer isso, tinha, época de acordo sindical e às vezes mudava alguns parâmetros de cálculo no decorrer do mês assim então, a gente tem que adaptar o sistema ao cálculo, as novas normas. Então eu não tinha hora pra voltar, não tinha hora pra sair. O Guerreiro sabia que eu era um cara esforçado. Eu, muitas vezes dormia na sala dele, a sala dele tinha um sofazão bonito, gostoso, sabe? Dava para esticar todo o corpo..
643. Não dava pra você vir pra Campinas.
644. Não, porque você vinha, mas você não sabia que horas que ia fechar, a gente falava que ia rodar o sistema, então você não sabia, a uma, às sete, às nove... Pra rodar às vezes demorava bastante tempo pra rodar, então tinha um problema...,
645. Mas nem era questão de tempo, era questão de acompanhar, rodagem ...
646. As vezes podia dar problemas, e ai em Campinas. Por telefone não dá; você tem que ir lá, tem que estar presente, pois se der zebra... Em oitenta e seis veio uma promoção espontânea. Tinha uma gradação das funções de analista de sistema: treinee, júnior, chamava de júnior; depois passava pra analista um, dois, três, quatro e depois especialista de análise de sistema um, dois, três e quatro. O quatro era o último, era o último nível. Então esse o júnior passa para o um, então, é a história das posições do baseball. Você vai pro um, o cara tem que sair, não dá pra ficar ali.
647. Não pode os dois ali, né.
648. Não pode, não pode ficar dois. Então assim, um passou pra dois, dois pra três, três pra quatro e quatro passou pra especialista um.
649. Tá.
650. Entendeu ?
651. Entendi. Passar para uma nova categoria.

652. Aí eu ia passar pra uma outra, uma outra classificação... Para passar para especialista um apenas com o aval do superintendente. Então eu subi muito na Eletropaulo. Então veja bem, eu passei, eu entrei como analista três e quando, depois em outras, em oitenta e oito eu fui pra uma outra superintendência...uma outra diretoria. Eu tava na superintendência de informática que era ligada diretamente com presidente da empresa, era um órgão do Estado, e eu tinha pedido transferência para a outra diretoria – a diretoria financeira - e acabei não indo, eu fui pra uma diretoria de distribuição. Então, a gente todo ano a gente tinha, tinha lá uma reclassificação, então aí contava o tempo de casa, contava os cursos que você fez, os cursos extra-curriculares, pós-graduação, contava também, esse monte de coisa né. E eu continuei fazendo os cursos lá, então fui, sabe, sendo promovido né.

653. Você teve nenhum cargo de chefia?

654. Fui funcionário mesmo...Veja bem, a minha trajetória dentro da Eletropaulo, foi o lugar que eu mais fui promovido. Então eu cheguei a ser, ao me aposentar especialista em análise de sistema três, é o último nível. Aí eu poderia até assumir um cargo de superintendente.

655. Não fosse essa ameaça que você coloca anteriormente né da privatização, da perda da estabilidade, tal, você estaria na Eletropaulo hoje ou você já teria se aposentado mesmo?

656. Não, não, assim..., porque eu unia o útil ao agradável. É que eu tava pensando em passar pra você. Eu fui galgando tudo, eu cheguei ao último. Dali, só... porque veja, era assim: tinham níveis salariais do 01 até o 66. Eu já estava no nível 59 já. E..., tinha chance de chegar no sessenta e seis, eu tinha. Mas aí com aquele fantasma da privatização: eu não sei, porque não me aposento?” Havia riscos. Se tiver que haver um corte o que você faz primeiro? O salário mais alto. A Eletropaulo mesmo poderia dizer, Irineu não está no cargo de chefia e está com salário muito alto. Então eles poderia ver que era um com cargo muito algo para empresa e pesa muito. Cada departamento tinha sua verba para as gratificações. Então era assim tantos por cento divididos igualmente pra todos os gerentes dos departamentos. Cada aumento representava três por cento. E cada nível que você subia isso representava cinco por cento do seu salário. Então pra você subir um degrau você tinha que, como era uma tabela, você tinha que ter um aumento de cinco por cento. Só que cinco por cento no salário, no nível três representava muito, comia muito daquela verba que o departamento tinha para gente.. Então eu não era uma pessoa assim muito bem vista nesse aspecto, então gera um ciúmeira, as vezes um desconforto. Pra fazer este benefício aí e atender você, deixaria de atender uns três ou quatro. E com isso promoção eu não tinha mais, promoção por esforço, que se chamava de mérito, mérito entre aspas. Colocava dentro daquela cota ..Eu tinha a promoção automática porque eu tava com tempo de casa, que contava também, então tinha que ser automática. Então pra essa, pra essa promoção automática aí a verba não contava, mas essa por merecimento, a por mérito, contava, então eu nunca tive, porque eu tava com nível alto. Um dos mais altos. Porque acima de mim só tinha uma gerente de divisão e o outro engenheiro especialista. Esse engenheiro, ele ganhava tanto, igual eu, era o mesmo nível na época. Aí numa delas ele teve uma promoção porque ele tinha sido gerente de divisão por algum tempo e o gerente de departamento que era acima do de divisão achou que ele teria mais direito ao mérito do que eu porque ele foi um dia gerente de divisão. Então foi por isso que ele passou para um nível a mais do que eu. Eu saí com 59 ele com 60. Então eu tive uma, foi uma carreira de muito..., nesses termos, houve muito progresso dessa forma.

657. Você achava que tinha compensado pelo seu esforço, você tava, você tinha essa sensação? .

658. Tinha. Sabe por que? Em outras empresas empresas eu também fazia a mesma coisa porque o papel de analista era esse. Hoje não, hoje você encontra os PCs, os micros, as empresas aí né, então pagam um prrrr, passa rapidinho né? Não é igual mais como antigamente que tinha aquilo demorado.

659. Fazer programas?
660. Não, hoje também faz programas, sabe, Jaime, mas é assim uma coisa mais imediatista né. Hoje não, hoje é uma coisa mais assim, mais a curto prazo, né. Tudo corre muito rápido, tudo progride muito rápido. Então a função do analista era essa, então, em todas as outras empresas eu também fiz isso daí, só que depois eu não fui reconhecido. Não sei se o pessoal não gosta do meu jeito, sabe, então, o que foi que aconteceu, então na outra empresa eu não fui recompensando.
661. Talvez a própria, a própria cultura das empresas, a própria forma também de como valoriza o funcionário, tal.
662. Eu achava que..., a Eletropaulo foi a melhor empresa que eu trabalhei, em termos de estrutura, em termos profissionais.
663. Quando você decidiu e pediu a aposentadoria, aí quando foi no dia...
664. 31 de maio.
665. Neste dia você recebe a sua, a sua chancela de aposentado. E como é que foi isso, nesse último dia e como é que foram os dias subsequentes, os meses subsequentes ?
666. É...porque a Eletropaulo é uma empresa muito organizada. Inclusive tinha um psicólogo que trabalhava lá na área de RH e eles montaram, nesse departamento, eles montaram um curso pra prepara o pessoal..., porque o pessoal da Eletropaulo era um pessoal meio já antigo. A Eletropaulo era assim uma empresa antiga...,É que esse psicólogo veio da Ligh. Então tinha gente que começou a trabalhar na Eletropaulo e era do tempo da Light ainda, com 14 anos. Aposentou-se lá. Então tinha muita gente, tinha plano de carreira mesmo, quem entrava lá tinha intenção de seguir carreira, né?. Então não se pensava assim: “ah vou aprender aqui depois eu saio”. Mesmo porque a Eletropaulo assim na parte técnica é uma empresa assim uma empresa muito especial e também é muito limitada, para quem trabalha na mesma cidade. Que outra empresa de eletricidade tem no Estado de São Paulo? Então dentro da Eletropaulo tem a CPFL e tem a CESP e só! Então não tem muita opção, sabe? Não é igual um bancário que tem opções mil aí, sabe, trabalha com marketing, sei lá, com psicologia, psicólogo na empresa ou psicólogo em outras né, mas na Eletropaulo a parte técnica já é bem específica. Então não era assim, as pessoas que trabalhavam num banco tem outras possibilidades. Lá tinha que ter a carreira para a pessoa ficar, crescer. Então preocupava com o pessoal que tava precisando de renovação. A folha de pagamento deles tava envelhecendo e tava ficando.... Então eles tavam preocupados com a idade do pessoal. Então o que eles fizeram? Fizeram num programa que é um curso, uma semana que a gente ficava afastado, em um centro de treinamento. Eles elegeram lá um local que foi a usina de Piratininga. Então, a gente ficou uma semana lá. Esse curso chamava-se PRA, Plano de Reflexão sobre Aposentadoria. Então entrava psicólogo, entrava o pessoal do RH, ia o pessoal da folha de pagamento, ia pessoal de recreação, sabe, essas atividades pra preparar as pessoas pra um outro estágio da vida.
667. Pra mostrar o lado positivo da aposentadoria?
668. Positivo da aposentadoria. Porque o lado negativo, pra não sentir as dificuldades, pra não sentir uma pessoa assim, um peso, uma pessoa que não tem mais atividade, tem que continuar, tem que..., na verdade tem que alterar, modificar o ritmo das coisas. Então na verdade pra preparar a pessoa, que financeiramente vai ficar com isso, problemas de saúde vai ter, a própria regeneração do organismo né, então tem que fazer isso, tem que fazer aquilo; não pode mais fazer aquilo, não pode mais isto. Então a maioria era, a lista maior era do que não podia fazer mais ou pra não chegar nisso tem que fazer, tem que fazer uma, adotar medidas de prevenção, tem que cuidar do corpo, fazer caminhadas, tem que cuidar pra não sofrer, não ter problemas de infarto. Então fazer tudo né os exames necessários no departamento médico. E a Eletropaulo é uma empresa muito boa, era, hoje não sei mais como esta, faz muito tempo que eu não vou lá e quando a gente conversa com amigos que eu tenho lá até hoje, você não vai ficar perguntando das coisas. Tinha um departamento

médico muito bom, tinha tudo, tinha especialista em cada área, parecia assim um hospital, até porque pequenas cirurgias faziam lá. Então abreuografia a gente tirava lá mesmo, teste ergonômico, uma porção de coisas. Então esse programa de reflexão era pra preparar a pessoa pra isso Eu fiz esse curso.

669. Você foi lá pra a reunião de Piratininga...

670. Fui, fui. Fiquei uma semana lá e...

671. Você já tinha, você já tinha se decidido a aposentar?

672. Não, ainda não É que era assim...O curso era dado para aquele que tinham mais de trinta anos de contribuição.

673. Tá.

674. Esse curso assim foi em 92. Eu já tinha 34 anos de contribuição. E como o coordenador, um dos coordenadores do grupo, era passageiro do ônibus com que eu viajava, ele trabalhava na Eletropaulo, então eu fiquei sabendo. Aí eu falei pra ele: oh, Léo, você não pode me inscrever? Falou assim, posso, você quer fazer? Eu quero! Aí ele colocou lá, colocou o meu nome. Então aí teve convocação e tudo. Então, apesar da gente receber essa preparação uma coisa é na teoria outra quando você fica na frente. Agente que tem uma certa experiência sabe, ne. Então no começo, depois que eu aposentei, então foi, sabe, aquele oba oba, então em vias de me aposentar foi assim um negócio muito corrido, então não deu tempo de eu sentar e falar, tô me aposentando sabe? Foi um dia assim, no dia seguinte deu um certo vazio sabe, tipo assim, você tem todos os compromissos do mundo hoje, agora, daí um minuto você não tem mais compromisso nenhum, dá um, dá um vazio, sabe. Tem até de levar até o lado bom da coisa e não ter mais horário pra acordar, sabe, não ter que acordar cedo, não sou obrigado a tomar banho aquele horário pra me aprontar, eu não precisar mais me aprontar pra tomar o ônibus, eu não precisava estar no ônibus, não preciso estar preocupado sabe, um monte de imposição do trabalho, um monte de obrigações que inconscientemente, a gente tinha a gente passa a não ter. Por um lado é bom porque passa a ser uma vida sem compromisso, do outro lado é uma coisa assim de você não tem obrigação de mais nada. Então você pode passar a dedicar todo o seu tempo pra você ou pras coisas que você pôde fazer ou dedicar o tempo pras coisas que você sempre quis fazer e não fez porque não tinha tempo, sabe, mas sobra muito tempo. Eu vi um ditado assim: se você quer que uma coisa seja feita você dá uma pessoa atarefada! Pois ela sempre arranja um tempo e faz. Mas se a pessoa se não tem pressa..., então dá pra uma pessoa que não tem nada pra fazer, nem isso ela faz. É exatamente o que acontece com a gente, porque enquanto eu tava trabalhando, eu trabalhava ali perto do Ibirapuera, ali na 9 de Julho, dali era pertinho do Ibirapuera. Em dez, quinze minutos..., em quinze minutos eu chegava no Ibirapuera. Então de segunda, quarta e sexta eu e mais um amigo, nós ao invés de almoçar a gente ia correr no Ibirapuera. Tem coisa mais saudável que isso? A gente arranjava tempo pra fazer aquilo, tanto que não almoçava, a gente corria lá, fazia alongamento, corria lá vinte minutos, meia hora, parava, fazia alongamento outra vez e tal, tomava banho, tomava um suco lá naquela lanchonete lá dentro do Parque Ibirapuera, voltava e trabalhava à tarde. Se eu fazia isso sempre que eu trabalhava e não tinha tempo, qual que era a tendência normal depois, quando eu tivesse aposentado? Fazer isso todos os dia. Agora você me pergunta quantas vezes eu corri depois que eu aposentei? Nenhuma! É gozado, é que quando se tem tempo a gente não faz nada, você quer fazer tanta coisa e só de ficar pensando você não faz nada. Então assim, quando, em vias de aposentar eu não tinha notado isso, aquela coisa angustiante de, ah, aposentado..., depois chegou, sabe. Mas aí também eu recebi uma certa quantia em dinheiro, que era uma, era um incentivo, de acordo com o tempo de casa recebia assim x, x vezes o seu salário, então eu recebi isso aí,. Alem disso eles tinham liberado o fundo de garantia também. Então eu recebi e continuava recebendo pela Fundação Cesp que também não me deixou de mão abanando. Então onde foi que eu me

aposentei e continuei fazendo... Os meus filhos, naquela época lá meu filho estava com dezesseis anos, a minha filha tava com doze. Então estava naquela fase que eles saiam muito. A minha casa não tinha grade, tinha entrado ladrão em casa, dentro de casa inclusive né e tinha sempre ladrão entrando no quintal, roubou uma calça do meu filho... Aí que é que eu fiz ? Peguei e fiz uma reforma em casa, fechei na frente e com isso aí, isso me tomou o tempo, sabe, então, aí passei de analista de sistema pra fiscal de obras. Fiquei dez meses fiscalizando essa obra. Acabou a obra em dezembro. Ai em janeiro, eu fiz aquela viagem que eu te falei né, fomos lá fazer aquela travessia dos lagos andinos. Aí voltamos de férias e aquela quantia em dinheiro que eu tinha recebido na hora de aposentar eu tive uma redução dessa complementação, por que pra aposentadoria integral, você quem que ter três condições: ter mais de trinta e cinco anos de contribuição no INSS, ser sócio fundador da Fundação Cesp e ter mais de cinquenta e cinco anos de idade.. Então nessas condições só tinha um com mais de 35 de INSS, trinta e seis, 37, acho. Eu não tinha..., eu não era sócio fundador. Sócio fundador quem era? Sócio fundador era aquele que era sócio desde 1974 , quando começou a Eletropaulo, quando passou para a fundação. Antes disso a Eletropaulo também tinha uma, um fundo de pensão que era sede lá no Rio, a Brasliht, uma junção da Light do Rio e a Light de São Paulo. Pertenciam a mesma empresa e fundação era a Braslight. Então quem que era sócio fundador? Quem era da Braslight e passou para Fundação Cesp e quem entrou na Fundação Cesp, em 74. Eu entrei em 83. Eu não pude me associar porque, porque só podia se associar só quem tinha menos de trinta e seis anos de idade e eu tinha mais de trinta e seis quando eu entrei. No ano seguinte cortaram essa condição, aí eu me associei. Só que eu não era nem sócio fundador e nem tinha cinquenta e cinco anos de idade. Então, aí essas duas condições aí me reduziram o salário em quarenta e cinco por cento. A complementação vinha só com sessenta e cinco, isso bruto. Ainda tem o desconto da própria fundação, que eu apesar de aposentado eu continuo contribuindo ainda e tem imposto de renda também.

675. Mais ainda é infinitamente melhor do que se você tivesse só com o INSS.

676. Muito melhor, muito melhor! É porque do INSS eu recebo mil e cem reais, é o teto. Tem quem ganhe mais, mas se aposentou, a média dos últimos 36 meses, o máximo hoje deve ser mil e duzentos. Então, da fundação, quando eu aposentei eu recebia bruto seis mil reais. Hoje bruto eu recebo quatro mil e setecentos, bruto, então na verdade hoje se eu fosse somar os dois brutos dá o que eu ganhava quando eu me aposentei....Mas quando eu saí, quando eu saí era, foi um baque. Eu senti depois, porque no mês a mês...

677. Um baque financeiro?

678. Um baque financeiro. Então e como estava aplicado tudo, conforme saía da conta corrente eu fazia um e chegou um dia que não tinha mais condição, porque a minha despesa era maior que a receita – meus filhos não trabalhavam naquela época ainda, minha mulher trabalhava mas ganhava menos, então mesmo somando as duas rendas não dava para cobrir a despesas. Então foi delapidando o capital que tinha. Ainda tinha a reforma. Eu fiz a reforma e ainda comprei um carro para meu filho, esta coisas que se pensa e faz. Na verdade só deveria pensar. Então eu falei: bom eu sou aposentado e eu tenho direito de um carro para mim exclusivo, apesar do aposentado ter todo o tempo do mundo, pode andar de ônibus, apesar de eu não ter direito a esta lei municipal do que aposentado não paga mais passagem de ônibus. Na verdade é vale idoso, por aposentado eu sou também, só com menos de 65 anos. Então eu não tenho este direito. Vai demorar onze anos ainda. Mas tenho todo o tempo do mundo para andar de ônibus. Mas, quando acabou este mês foi quando eu pus o pé no chão e falei: vou ter que trabalhar. Felizmente achei um contato que mantinha ainda, um amigo meu do Itaú Seguros, o Cobra Velha, então tinha uma consultoria aí fui lá acertei com ele. Foi assim: eu fazer entrevista na quinta feira da semana santa, na sexta não pois era feriado e começar na segunda feira em São Paulo, na grande São Paulo, Osasco. Osasco, não, Barueri, em

Alpha Ville. Então fui comecei a trabalhar, ganhando um salário bom, ganhando um salário bom por que foi em 97, era quatro mil cento e vinte e oito. Era um salário muito bom para...Ai eu tive que abrir empresa, então tive que voltar a trabalhar e comecei tudo bem, por que eu sabia que o projeto era um projeto para dois anos. Eu sabia que durante dois anos esta sossegado, mas neste dois anos a empresa também que eu tava passou por diversas crises, sabe. Então ela começou a ir delpidando seu patrimônio, pois eles quiseram enfeitar o pavão, mudaram para um prédio na Faria Lima, lá em local nobre nos Jardins, alugaram um prédio inclusive com heliporto para pouso do helicóptero do dono empresa, então enfeitaram tanto o pavão e depois isto não deu certo e ai começaram a cortar o pessoal, começaram perder muita... e assim diminuiu a qualidade do produto. Ai começaram a cortar contratos e ai depois no fim eles estavam saindo de lá também por que o aluguel lá era muito caro, eles estavam pagando aluguel, então mudaram lá para Pirituba . Também para mim era muito complicado, mas neste meio tempo, Jaime, também tava a ponto de ... estava o contrato chegando ao fim. Eu tinha um contrato pela empresa. Era uma pessoa jurídica. Por que era assim, agente tinha um contrato lá por tempo indeterminado que podia ser renovado ou rescendido a qualquer momento. Então quando acaba o contrato...foi exatamente nesta época que eu comecei a perceber que lá dentro da empresa já não tinha mais chances e tal. Por que? Porque foi uma coisa natural o que aconteceu. Natural, entre aspas. Por que depois que eu sai da Eletropaulo do Setor Folha de Pagamento eu fui para um lugar que era assim mais para desenvolver sistemas. Nessa época estava passando, era aquela fase de transição da macro para a micro informática e não fiz eu não acompanhei esta transição de perto. Então a parte de micro informática eu não conheço a fundo eu não entendo muito. Se você parou um certo tempo em informático você nunca mais consegue acompanhar. E tudo muito rápido. Você não consegue mais acompanhar. Então, sabe, isto começou a me dar um certo medo, na verdade, porque eu estava fora do mercado e eu achava que eu tinha condições de continuar trabalhando, por que? Porque financeiramente também eu dependia ainda, na verdade eu precisava trabalhar. Há dois anos atrás eu não tinha os problema que tenho hoje. Sabe eu não sou de trabalhar assim. E eu não soube discutir isto com ninguém, não sou discutir isto com minha mulher. Depois de aposentado eu passei a não ter contato com pessoas do meu nível. Ai tinha meus vizinhos, mas você sabe a vizinhança como é que é. Só aposentados, operários, tinha aposentados da área de energia elétrica, lá que era de empresa, mas não técnicos qualificados. Tem aposentado, vizinhos meus lá, aposentados por invalidez por que ele era pedreiro, o outro trabalhava na FEPASA, técnico de manutenção. Então eu tinha que começar a introverter os problemas ali, sem ter com quem discutir. Então, outra coisa também que me encaminhou, me levou para este processo depressivo também foi eu tava perdendo a satisfação de eu ficar sem rendimento além da aposentadoria, eu estava perdendo sabe aquele papel que eu sempre tive desde a minha adolescência que era a de provedor. Eu sempre fui uma pessoa assim em termos financeiros, independente. Eu nunca cheguei para meu pai e disse assim: oh, pai eu preciso de tanto para ir ao cinema, tanto para comprar isto, tanto para comprar aquilo. Então, meu cinema eu pagava, as minhas roupas eu comprava. A escola de Contabilidade que eu fiz, eu pagava . Eu sempre fui auto suficiente. E depois que eu casei...

679. Você então se mantinha?

680. E mais ainda, eu ajudava o meu pai, ajudava minha família em casa.

681. Financeiramente?

682. Financeiramente. Aí eu também eu num..., só que também eu não me desgrudei da minha família, porque eu saí de casa aos dezenove anos, eu fiquei uns tempos longe deles, via apenas quando ia lá. Mas em 67 quando o meu pai já mudou pra Campinas todo fim de semana eu ia pra lá, então eu praticamente eu não desgrudei.

683. Continuou ligado, ligado não é? .

684. É, ligado, financeiramente também porque mesmo assim..., meu pai morava em Oswaldo Cruz e eu ajudava meu pai a pagar a conta dele lá no consórcio. Todo mês ia pra casa, apesar de Campinas a Oswaldo Cruz ter quinhentos e oitenta quilômetros, eu ia todo mês pra lá. Naquele tempo eu não namorava ainda, é porque a minha vida sentimental foi assim, eu não tive namoradas, eu tive muito poucas namoradas. Então tem aquele problema também de, eu tinha aquela mentalidade, sabe, interiorana, tinha não, acho que eu devo ter ainda, sabe, aquela de, se a gente casar é..., casar não, se vai namorar é pra casar, sabe?. Então eu não tinha muita vontade, tava em mim aquele negócio, então namorar uma pessoa pra passar o tempo e tal, então eu achava que não era correto. Aí que tá, reflexo do meu pai!. Meu pai também não casou muito novo, não era de namorar novo pra casar novo. Então assim, vida assim amorosa será o que tiver que ser, a vida amorosa da gente não era muito volumosa. Então todo fim de semana eu ia lá pra casa dos meus pais lá e... Gostava, é claro, saía assim pros barzinhos, tinha amigos lá, também saía, dançava, ia pros lugares lá, mas nada de compromisso! Enquanto eu tava lá era só dançar, procurava não assumir compromisso nenhum. Então esse papel que eu tive - eu assumi esse papel - de ser o principal provedor, então ficou muito marcado, foi muito marcado na minha vida. Então essa possibilidade de eu perder esse papel também mexeu muito com a minha cabeça. Sabe, eu tinha assim esse medo também de que com o que eu ganhava não ia dar pra pagar, cobrir as despesas, aí ainda tinha a casa que eu consegui comprar, que eu ia deixar pra minha mulher, pros meus filhos, eles iam ter que vender se eu não conseguisse pagar. Sabe? Então vinha muita coisa, eu ia ter que vender o carro, ia ter eu mudar daqui. Aí tinha até pensado que a minha irmã ela tinha uma casa lá no Botafogo, que ela conseguiu comprar enquanto ela era solteira e aquela casa tá lá porque ela tentou alugar e no fim só dá problema, então ela decidiu deixar a casa vazia. Aí eu até pensei, sabe, apesar de a gente não tá se dando mais, porque quando aconteceu aquele problema lá com o meu pai, que ele faleceu, eu cortei relacionamento com as minhas irmãs. Mas, mesmo assim eu tinha pensado até em pedir pra morar nessa casa, sabe. Aí tem que fazer..., uma coisa assim, ter eu me humilhar né pra chegar lá e pedir um favor. Ter que submeter a minha família a essa humilhação também. Então isso mexeu com a minha cabeça, então aquilo foi criando um turbilhão e..., em resumo foi tudo isso, sabe, fez sentir..., fez com que eu entrasse nesse processo depressivo.

685. Você entender isso hoje, porque às vezes o fator principal no desencadeamento do seu...

686. É, de eu perder assim o meu papel de provedor. Porque antes assim, tudo..., tudo dependia de mim, sabe, assim, não, será que eu posso comprar isso, posso comprar aquilo? Chegou, aí chegou uma certa altura que já não tinha mais posicionamento, ou seja, eu comecei a perceber que eu tava perdendo esse ponto de referência...eu era um sanador de dúvidas. Será que eu tô fazendo isso e isso dá pra fazer? Então esse papel de provedor que eu tava ameaçado de perder, então sabe, isso me pesou muito. Então você precisa colocar na cabeça que você também é limitado, como qualquer ser humano, nem de tudo você é capaz. Você só é capaz até certo ponto, mas além disso você não é capaz. Além de você colocar na cabeça isso, se conscientizar disso, mas que você também tem que chegar a essa conclusão, que você também não é todo poderoso. Então isso mexeu muito. Também mexeu aquela situação que o meu pai me colocou, quando disse que era o esteio da casa...aquilo tive que carregar nos ombros a vida inteira

687. Talvez você tenha percebido nesse momento uma transição real na sua vida em que você deixava de ser esta viga mestra.

688. É. Então a sensação de que...- aí que tá né, - que tudo na sua vida, os valores mudam e você precisa estar preparado ou você tem que assimilar essa mudança, que você um dia não é mais aquele atleta que faz cem metros em dez segundos, não é mais aquilo lá, não é mais aquele, aquele cara que vai na praia e dá pra ficar de sunga e mostrar que tá inteirão, não é mais o que mais sabe dentro de casa. No mundo acelerado mas o que mais sabe é o que entende a globalização, com

internet da vida que te coloca conectado com todo mundo né, inclusive pra você que tá dentro da sua casa... Então essa perda é muito, muito significativa, se você não souber assimilar, se você não conseguir entender e superar. Isto mexe muito com a gente. . Aí acumulou um monte de coisa né, a gente é um ser humano, tem um corpo humano, com um monte de ossos e isso vai sofrendo uma degeneração natural. A lei da gravidade é igual pra todo mundo, em tudo: nem tudo sobe como subia antes né. (risos) Essa lei é implacável, ninguém muda, a não ser que você fique de ponta cabeça. Você pode inverter tudo, mas você não muda a lei da gravidade. Então tem também o lado, o lado sexual da gente também e o lado sexual também eu te falei que ia te contar também, né? Queira ou não eu tenho dentro de mim, alguma coisa muito forte. Eu sou o único filho homem em casa, então eu tive que dar exemplo, sabe? Eu tinha que ser exemplo pros meus pais, não só pro meu pai não, mas eu sou o neto único também por parte de pai. Então eu tenho que dar o exemplo, o meu avô me adorava, por parte do meu pai. Então sabe essa coisa de não poder decepcionar, então isso também pesou muito. Ai então a pressão para me casar. No fim a pressão era casar mediante a apresentação dos noivos, né? O Japonês chama de miai. O cara tá encalhado aqui, a mulher tá encalhada lá, então o pessoal vestiu a camisa lá pra tentar juntar os dois. Então como eu fui, fui travestido dessa obrigação e eu não podia ser, sabe assim, não poder dar desgosto pros meus pais. A gente, lá no interior, nosso tempo, a gente dá as transadas aí só com mulher da zona, só mulher de zona, então eu tinha muito medo até pegar doença venérea, então quando eu ia nessas zonas de prostíbulos, zona das mulheres de vida fácil né e a zona era perto da delegacia, lá em Oswaldo Cruz pelo menos era assim, a zona era encrava entre o cemitério e a polícia.

689. Havia demarcação mútua ai (risos)

690. (risos) É. Então eu tinha muito medo... Então a gente tinha muito medo, sabe, de pegar doença venérea, naquele tempo era sífilis, gonorréia.

691. Naquele tempo não havia AIDS, o perigo de agora.

692. Mas, naquele tempo tinha hepatite C, B também, porque exame de sangue não apontava estas infecções. Então eu tinha muito medo, sabe, então na verdade, sabe, praticamente, eu casei virgem sabe, saía com as meninas pra dar um amasso, mas ter relação sexual não, tinha outras maneiras...

693. Se você casou-se virgem, então intimamente sua mulher foi a primeira mulher da sua vida.

694. Primeira e única, primeira e única. Então o negócio de ser exemplo, então, sabe esse negócio de não querer decepcionar ninguém – especialmente meus pais - é que eu fiquei muito exposto sabe. Eu tinha quatro irmãs, eu tinha que..., tinha não, eu achei que tinha que dar exemplo, que, sabe, não ser assim promíscuo, ficar namorando uma, namorando outra, eu achava assim. Eu assumi muito o papel assim de irmão, sabe. E pensava: eu não vou fazer com essa menina o que eu não quero que façam com as minhas irmãs. Tanto é que eu não namorava nem menina japonesa. E acabei casando com uma não japonesa. Sabe por que?, Eu achava que namorando uma japonesa era como se tivesse namorando uma irmã minha, então isso pesou muito. Eu vou citar, eu hoje consigo analisar isso, mas na época não, na época isso vinha inconscientemente. Porque eu fiquei muito exposto, filho único do meu pai, neto único do meu avô, isso da parte familiar. Meu pai também no tempo em que ele era jovem ele morava no meio de uma colônia de italianos e minha mãe falava que o meu pai era o maior ídolo das italianas. E assim, o meu pai - eu soube assim que ele. - ele apesar de ser motorista podia ter uma mulher em cada cidade - mas eu nunca soube nada, sabe, de traição. Meu pai também, eu acho que a minha mãe foi a única mulher também. Nunca soube nada dele. Uma pessoa muito correta, muito direita, honesta. Então tudo que ele fazia pra gente, eu ficava com medo de decepcioná-lo. Porque japonês é assim, japonês tem muita vergonha na cara, então tudo que faz passar vergonha, faz ele não fazer. Isto tá na gente.

695. Faz parte da cultura né.

696. Faz, Faz .É... Você nasceu no Brasil, vive no Brasil, não sei o que, mas eu não sei. Eu vi um ditado assim, “não faça de um gato nascido no forno um biscoito” (risos) Não é verdade, você não vai ver o gato como biscoito. Então japonês, preto e alemão não tem jeito. Japonês vai sair sempre com os olhos puxados, preto na cor e o loiro vai sair sempre alemão, loiro é alemão. Pode ser theco, sueco, vai ser sempre alemão. Então isto também. Eu falei para Dione, eu comentei, ela sabe disto também de minha formação de minha vida sexual. Isto me marcou muito. Isto sempre me deixou muito vulnerável. Eu fui o primeiro filho, são oito, que saiu de casa pra estudar fora, fui o primeiro a fazer faculdade, fui o primeiro a me formar, então eu sou o primeiro, primeiro, primeiro então muita coisa pesou em mim né. Então, aí o que eu falei pra você, tudo pra mim foi um desafio, até o patrão do meu pai falou pra mim: “Olha, se você passar em primeiro eu te dou uma caneta Parker 21” sabe, então isso...fui o primeiro.

697. Você ainda tem essa caneta ?

698. Tenho, tá em casa, tá em casa, eu vou te mostrar, na outra vez que a gente vier eu vou trazer pra te mostrar. Ele não me deu na caixinha, mas me deu dentro do plastiquinho, aquel plástico antigo, de celofane, tá dentro do celofane ainda, só coloquei numa caixinha pra conservar.

699. Pra conservar.

700. É. Eu tinha comprado uma caneta Pilot. Então também eu sou muito saudosista, eu gosto de guardar as coisas antigas, sabe, então eu tenho assim uma lapiseira banhada a ouro da Parker, era grafite 0.7, eu tenho até hoje, o meu tio me deu, meu tio, irmão da minha mãe. Ela tinha dois irmão, um já faleceu. Inclusive num ano novo ele veio em casa, ele me deu essa caneta, eu morava em Oswaldo Cruz ainda. Veja bem, eu saí de Oswaldo Cruz em 76, então eu tenho essa caneta aí já há mais de trinta anos. Pra você ter idéia, eu quando eu tava na faculdade eu comprei esse chaveiro, eu tenho até hoje, esse retrato de São Paulo. Eu comprei esse chaveiro se não foi em 68 foi 69 .

701. Com o símbolo da PUC.

702. É da PUC.

703. Mesmo..., a medalha é original, mas mesmo essa parte aqui é original ?

704. É original.

705. Tudo, tudo é original ?

706. Tudo original, ainda é, ainda é. Você vê que tá meio esgarçado aqui... Então se não foi 68 foi no ano seguinte que comprei. Então eu mantenho essas coisas.

707. Algumas coisas são simbólicas pra você né a caneta, chaveiro, tudo, tudo é simbólico.

708. Tem certas coisas que eu guardo. Tem até desenho que eu fiz. Foi assim aquelas técnicas de fazer desenho quadriculado, você pega uma figura pequenininha, você quadricula e você faz um quadriculado maior, então você transfere. E eu tenho quadros que eu pintei com lápis de cor, com canetinha, não sei se Crayon, tinha Crayon era francês, é importado porque a gente não tinha acesso, eu pelo menos não tinha, do daqueles esquilos do Walt Disney, o tico e o teco, eu tenho até hoje ainda. E esse desenho eu fiz em 1958, lá em Parapuã ainda, cidade que eu quis estudar fora...

709. No primeiro ginásio.

710. Primeiro ginásio.

711. Primeiro ano do ginásio.

712. Então, esse negócio de ser primeiro é um negócio meio complicado. Lá em Oswaldo Cruz, no segundo ano do ginásio, eu passei em primeiro lugar, no terceiro ano de ginásio, do grupo aliás, no terceiro ano eu passei em primeiro lugar, só o quarto ano que eu passei em segundo lugar. Mas a professora gostava tanto de mim que..., a dona Ilda, Ilda de Freitas, lembro até hoje e ela fala de mim até hoje, pra minha irmã, porque minha irmã, mora lá em Oswaldo Cruz ainda. E essa dona Ilda viu que..., o pessoal lá, os professores do quarto ano de lá se reuniram, foram ao juiz de direito pra pedir para ser paraninfo da turma. E você sabe que ela me chamou e não chamou o cara que

passou em primeiro lugar, me chamou pra ir lá na casa do juiz de direito como representante da classe, justo aquele dia, Jaime, eu não esqueço...Porque, o meu pai era motorista de caminhão, tudo, mas a gente, sempre, foi uniformizado pra escola, com sapato, com tênis, cuidado... E tinha um pessoal que ia lá, por não ter condições, ia descalço para escola. Eu adorava. Queria por que queria ir descalço para a escola. Mas aquele dia tanto que eu enchi o saco da minha mãe que ela falou: “ não, tá bom, vai, já que já acabou a aula, acabou o exame, você passou, então você vai, vai descalço”. Justo esse dia que a professora ia chamar e eu fui de descalço, sabe, calça curta e descalço. Mas mesmo assim a professora me chamou. Então eu sempre fui o primeiro. No exame de admissão fui o primeiro, primário eu sempre fui o primeiro. Na primeira série do ginásio não passei em primeiro não. Fiquei em terceiro lugar, , porque tinha dois Chicos que eles eram muito bons, sabe.

713. Dois o quê?

714. Chico, dois Franciscos, dois Franciscos, um depois do outro e eles passaram na minha frente, mas fiquei entre os primeiros. Então esse negócio aí, ficou uma coisa assim, foi muito marcante de não poder decepcioná-los. Era assim, eu tinha que ter alguma coisa tinha que ser o melhor ou um dos melhores. Se eu faço uma - hoje é assim - se eu faço uma coisa eu tenho que fazer assim, sabe, não perfeita, mas o mais próximo disso. Então eu faço aquilo com a maior dedicação possível. Então uma coisa que eu vou pintar eu não pinto uma vez só e rápido, eu pinto, passo, faço outra vez, fico alisando; lavar carro, por exemplo, me enche o saco porque eu gasto três horas pra lavar o carro, mas é o meu jeito. Fala, ah, mas passa uma aguinha só, se eu passo a aguinha hoje aí na outra semana ao invés de gastar três horas eu vou gastar seis porque eu vou tirar o que ficou da semana passada, então é assim. Até anteontem eu fui lavar o carro, rasguei uma tampa (mostra a mão) ...

715. Um bife aí.

716. É, que eu fui lavar debaixo do paralama aí...

717. Rasgou tudo.

718. Aí eu fui passando, aí eu senti que tava ardendo, quando eu fui ver já tava sangrando e a pele já tava solta, essa pele não vai grudar mais e continua ardendo. Então assim eu gosto de fazer as coisas bem direitinho sabe. Eu limpo muito bem as coisas e gosto de deixar guardado as coisas. Então, a cama que eu comprei quando eu saí do pensionato, que eu dormi, fui morar na casa, no escritório onde trabalhava, esta cama eu tenho ainda. O guarda roupa ainda está com a minha irmã. Na época que eu mudei de lá, quando vim pra casa da minha mãe, só que a cama eu trouxe. A cama quando eu casei aluguei uma casa de dois quartos, então eu levei e minha cama lá. A cama é laqueada assim, jacarandá da Bahia, Agora tudo é mogno. Então é a cama de solteiro, com criado mudo conjugado e a escrivaninha que eu comprei pra estudar tá com o meu filho hoje. Então você vê, eu comprei essa escrivaninha em 67, eu tenho a escrivaninha hoje, eu tenho a cama, tenho o guarda roupa, só não tenho o colchão porque o colchão aquele tempo era colchão de mola, acabou estragando, então são coisas que eu fico guardando.

719. Que também fazem parte da sua vida, né?

720. Fazem.

721. Mas, aí você me dizia que você achava que tava desmoronando aquele sentimento que você tinha durante a vida porque você já não dava conta mais de algumas coisas que você achava que tinha que dar conta né.

722. É que assim né, oh, Jaime, enquanto eu tava trabalhando o meu tempo eu gastava no trabalho, então em casa não tinha.... O que sobrava tempo, quando sobrava tempo, até no Sábado e Domingo, era pra passear, fazer compra no mercado. Naquele tempo o mercado fechava as seis horas, não tinha mercado até dez horas. Sabe, então..., e eu me sentia importante porque eu chegava

em casa, tomava conta das crianças, dava banho, trocava fralda, esquentava mamadeira, chazinho. À noite, quando acordava eu que ia lá, sabe, até hoje, quando as crianças me chamam de noite não é manhê! é paiê! aí grita paiê!, então estão me chamando, então isso ficou né. Gozado, oLázaro, a gente morava na casa do lado dele, lá no Parque Taquaral, era casa alugada e o Thiago era pequenininho. E o Thiago ele tinha, ele chorava muito, como a gente era marinheiro de primeira viagem, a gente não sabia o que era. Então de noite quando ia tomar a gente dava chá né, como chá é calmante, então tomava chá e dormia. Mas só que toda noite acordava. Mas sabe o que era que ele tinha? Era fome, a gente não sabia. (risos) Eu não sabia, porque a minha mulher chegou uma época que tinha pouco leite sabe.

723. Sei.

724. Aí, o Thiago mamava, mamava, mamava, depois dormia, bom, tá satisfeito, dorme. Mas ele dormia de cansaço, ele chupava, chupava, chupava, chupava e não vinha nada, ele dormia de cansaço. Aí de madrugada acordava, por que? Fome! quem dorme com fome? Ninguém né?.

725. Aí dava o chazinho...

726. Aí dava o chazinho ele dormia porque enchia a barriga, não é que é calmante

727. Como vocês descobriram isso?

728. Ah, depois que, quando foi no ginecologista lá que o pediatra da minha mulher acabou descobrindo isso. Era fome que ele tinha. Então esse chazinho, voltando a história lá, chegou de madrugada, chegava de madrugada era eu que tomava conta, aí dava chá de madrugada. Aí peguei o Thiago no colo assim né, aí falei pra minha mulher, - eu chamava ela de Re - depois que começamos a chamar de mãe e de pai porque o Thiago começou e me chamar de Ra e a minha mulher de Re. Aí é que nós começamos a chamar de mãe e pai porque aí, pra se acostumar. Numa noite fui procurar o chá e não achando falei: Re, onde é que você, cadê o chá, cadê o chá do Thiago? Ela falou: chá? Falei: chá do Thiago! Mas que chá? Ah, você não fez o chá do Thiago? É, tá na janelinha. Janelinha, tá na janelinha. Falei: janelinha da onde? Lá da cozinha! Na janela da cozinha não achei nada. Aí fui pra sala, nada! No quatinho dele nada! Aí fui até a janelinha do banheiro e nada! Aí voltei lá e falei: mas eu não eu não achei a mamadeira do Thiago!. Mas tá na janelinha! Mas que janelinha? Ué, mas... Aí ela falou assim, o chá, o chá do Thiago não...Ela acabou dormindo. Aí no dia seguinte à noite porque de manhã eu saia cedo, à noite eu perguntei pra ela: mas onde ficou esse chá,? Ah, eu procurei a beça e aí eu falei pra ela assim: eu perguntei pra você, você disse que tinha deixado na janelinha! Ela falou: mas que janelinha? Pois é, na janelinha! Ah, eu lembro, é que eu tava sonhando com janelinha, eu tava andando de trem, a mamadeira tava na janelinha do trem “ (risos)..

729. Ela respondeu pra você, você deve ter entrado no sonho dela né.

730. É.

731. Coincidiu né, coincidiu.

732. Eu entrei, ela achou que tava junto com ela no trem e tava no trem. É engraçado, eu devo ter entrado no sonho dela.

733. Que legal né. Agora, isso não é comum da cultura japonesa os homens cuidarem dos filhos né. I sto não tá tá mais ligado as mulheres?

734. Sim. Tá mais ligado às mulheres.

735. Mas isso é uma coisa sua mesmo, né?, de ser o grande provedor, né?

736. É, é. Porque eu achava assim, sabe, quando eu casei, a minha mulher tem dez anos a menos do que eu.

737. Sei.

738. Eu casei com vinte, vinte e oito, a minha mulher tinha dezoito, eu comecei a namorar ela tinha quatorze.

739. Era bem jovem.
740. Jovem. Eu tinha vinte três pra vinte e quatro e ela tinha quatorze. Então a minha mãe achava ruim: “vai casar com uma menina tão nova, não vai nem poder, não vai nem saber, nem saber e nem conseguir tomar conta de casa, não sei o quê”. Então o receio da minha mãe era esse, de que ela me..., eu ia passar mal dentro de casa me casando, porque em casa eu tinha tudo né, eu tinha cinco mulheres praticamente empregadas de mim, então eu ia ter uma só e que era nova.
741. E a criação das mulheres nesse momento é pra servir, eu posso imaginar que seja pra servir mesmo o homem, cuidar.
742. Você viu as mulheres japonesas quando saem com os marido ?
743. Ela anda atrás dos maridos?
744. Andam atrás e com mão aqui atrás. (mostra como é)
745. Não, com a mão atrás não, vi que anda atrás.
746. Um passo atrás, essa é a norma. Mas, no Japão não, no Japão não tem mais isso.
747. Não tem mais.
748. Não tem, é só aqui, esses tontos que pensam que ainda estão lá, com os hábitos de antigamente.
749. Eu trabalhei uma época no Vale do São Francisco, aqui no interior da Bahia e eu também achava muito estranho, quer dizer, não tem nada de japonês, a mulher ia atrás. E eu já vi coisa pior, o marido ia trás no lombo do burro e a mulher ia a pé, atrás, carregando o filho, no colo e comendo a poeira que o cavalo levantava. (Risos)
750. Então é... coisas assim. Então minha mãe ficou muito preocupada, aí depois..., até hoje a minha mulher fala que conseguiu provar pra ela, pra elas que o filho dela não ia ser mal tratado, não ia ser descuidado em casa. Porque minha mulher faz salgado muito bem, doce muito bem, sabe, bolo ela faz, ela aprendeu até a fazer comida japonesa e ela faz comida melhor que as minhas irmãs. É que minha mãe também, a gente não, eu preciso reconhecer, eu falo pra minha mulher, se minha mãe não sabe lá fazer as comidas é porque ela não teve condições, sabe fazer comida bem se, se faz as comidas assim quando eu vou assim, com os ingredientes certos. E minha mãe quando casou, tudo, meu pai também não tinha condições.
751. E a comida japonesa é uma comida cara pros nossos padrões.
752. Aquela alga, alga marinha, o tempero, os temperos são todos importados.
753. Talvez seja barato lá, mas aqui é cara.
754. É cara, é cara. Então como a gente é de família humilde assim, então não dava..., minha mãe não foi criada num ambiente assim que não tinha comida fina, sabe, a gente assando churrasco. Agora você vai nessa famílias assim mais tradicionais tá acostumado com comida mais fina, talher mais fino. Então depende do nível, então a gente fala, minha mãe não foi, meus pais não descendem de família de posse. Então a minha mãe fazia aqueles bolinhos de arroz, fazia aqueles doces de feijão, fazia...
755. Camarão empanado? .
756. Nada de camarão. A minha mãe acho que comeu camarão quando a gente começou levá-la pra praia.
757. Oh, Irineu, eu queria que nós encerrássemos por aqui, hoje eu acho que nós andamos e já esta quase na hora do almoço. A gente marca, eu acho que a gente pode fechar essa parte, mais um encontro nosso dá pra fechar, a gente vai terminar o trabalho, porque...
758. O trabalho só tá começando.
759. Eu vou repassar isso tudo da fita para o papel e vou dar pra você ler. Depois, voltamos a conversar.
760. Tá bom.

761. Como eu disse, talvez a gente vai precisar, que você passe por uma entrevista com o psiquiatra que tá registrando alguns dados e confirmar seu diagnóstico de depressão, como eu já lhe falei...
762. Ah tá.
763. Você compreendeu? Tá bom ?
764. Tá bom.
765. Então a gente podia marcar, pode ser quinta feira, pode ser sexta feira, qual é o melhor dia pra você ?
766. É que essa semana eu tenho formatura do meu filho, tá meio complicado.
767. Ah, tem formatura ? Ah não, mas a gente pode fazer na sexta feira que vem.
768. Então tá bom.
769. É melhor pra você ?
770. É porque Quinta feira eu tenho a formatura do meu filho.
771. Não, não entendo. Você tem que curtir o filho.
772. Tem aquele negócio: é o primeiro diploma...
773. Tem que curtir, Então vamos marcar pra sexta feira, dia treze.
774. Treze.
775. Pode ser nove horas ?
776. Pode, tá bom, tá bom. Assim dá tempo de eu cuidar dos passarinhos. Hoje eu já tratei dos passarinhos.

Continuação

777. Bom, Irineu, nós deixamos na última conversa nossa nós dissemos que a gente ia tentar fechar hoje nosso papo. Mas isso não quer dizer que a gente vai fechar o nosso ciclo de relação. Ainda tenho que apresentar a você o trabalho, os dados transcritos e outras conversas, além do chopp que a gente vai beber depois, um dia desses, se você bebe chopp, se não bebe você bebe chá.
778. Se tiver chopp sem álcool. Não, mas é que nos dois últimos anos que eu fiz aquele exame de hepatite B e já negativou. Então eu posso tomar assim, mas moderadamente.
779. Não, é bom, é bom não porque o álcool pode trazer complicações. É só pra gente sair e comemorar.
780. Tá bom.
781. Então nós achamos que talvez você pudesse falar um pouco né de como está hoje você, porque que você acha que isso aconteceu, enfim né. Nós já temos algumas pistas, mas gostaríamos que você falasse livremente e depois me falasse o que você quisesse, tá aberto pra você.
782. Como eu já relatei aqui, tudo na minha vida. Houve muitas pessoas, familiares e outras pessoas que tiveram dificuldades também, no desenvolvimento da sua formação. Porque pra mim foi tudo desafio, inclusive aquela história lá do patrão do meu pai me desafiar que se eu passasse em primeiro lugar eu ganharia...
783. A caneta Parker, você trouxe ela?
784. Não, eu esqueci, mas eu vou trazer. Então tudo pra mim foi um desafio, em casa também, eu como sendo filho único tradicionalmente eu seria responsável pela família. Quando meus pais envelhecessem e não tivesse condições de se manterem sozinhos eu teria que ser o, sabe, o que, o que ficaria com eles, o que acolheria os dois na velhice, o que acabou não acontecendo porque eles acabaram indo morar com a minha irmã. Minha mãe também teve esse problema de depressão. Passou dois anos indo pra Itapira, internava, voltava, ia, voltava. Foi nessa época que eles

resolveram morar junto com a minha irmã, uma imediatamente mais velha que eu. Então pela formação, pela cultura oriental, então foi muita, então colocaram assim muita responsabilidade nas minhas costas, sabe. Foi e eu também, o culpado de ter colocado nas minhas costas, eu podia nem ter assumido né essas responsabilidades, mas eu acabei assumindo e assumindo, mas a solução não foi assim rápida e me deixou traumas. E na época eu nem sabia que era trauma, mas depois com o decorrer da vida da gente a gente vai percebendo que tudo, tudo tem a ver né. Meu pai, que não teve muito contato, mas depois que eu casei, aí eu comecei a sentir muita falta do meu pai e numa época que eu já tava assim me dando muito bem com o meu pai, que ele me entendia e eu entendia também foi a época que eu perdi meu pai, foi em dezembro de noventa e cinco. E isso fala assim, não, mas influenciou. Depois, eu vi o resultado depois, eu vi a influência depois.

785. Depois, quando ?

786. Depois que eu me aposentei também. Aí foram dois baques assim, um que eu perdi meu pai, mas acabou e outra que depois que eu me aposentei, não imediatamente depois porque mesmo que depois que eu me aposentei eu ainda trabalhei dois anos e meio. E quando eu tava no fim do contrato com essa empresa que eu atuava como consultor todas essas coisa começaram a vir à tona. Por que? Porque eu tava pressentindo que eu não ia conseguir renovar o contrato com a empresa, então eu tava perdendo aquele, aquele papel que eu sempre, que eu sempre venci e eu dava a importância disso sem se dar conta disso, que é o papel de provedor da família. Então..., pra tudo né, eu como ia trabalhar sem precisar ia de terno e gravata e me sentia importante, sabe, me sentia assim útil na empresa, me sentia importante assim dentro de casa porque eu era o maior provedor de casa. Os meus filhos dependiam muito de mim ainda, tavam em formação ainda. E assim também por tabela a minha mulher também dependia porque ela fez, começou a fazer faculdade depois de uma certa idade, ele entrou na faculdade em oitenta e sete, já tinha trinta e um anos, tinha trinta anos, era trinta, fez trinta anos em junho, ela tinha trinta anos e ela dependia muito porque..., como eu sou muito bom em português todos os textos que ela fazia, eu fazia resumos pra ela e fazia correções de textos, digitava também, inclusive o tempo, pro trabalho de conclusão de curso, o TCC, eu que digitei todinho, imprimi, fiz os gráficos, fiz tudo pra ela. Então eu me sentia importante e útil, até pode ser que eu me sentia... Então a morte do meu pai foi uma perda muito grande e esse papel também de provedor, eu estava sabe me sentindo ameaçado de perder e também isso foi um somatório pra que eu visse que, pra que eu mergulhasse nesse processo aí. Aí foi, sabe, foi um processo muito lento e até chegar na crise, eu não sei quanto tempo foi que passou, só sei que eu fiquei dois anos bem depressivo, mas..., foi um conjunto de fatores. Fui influenciado também pela morte do meu pai, perder o papel de provedor, perder o papel de, principalmente esse papel importante, que eu me sentia importante, eu me senti assim um tipo de um orientador pros meus filhos e pra minha mulher. Isso gradativamente foi influenciando pra que eu entrasse e outros fatores também, tipo assim, meu pai falava assim, não, você, como filho único dentro de casa é o esteio de casa. Eu tinha quatro irmãs. E apesar de ser uma coisa velada eu me preocupava com o destino delas, tipo assim, não queria que elas fossem enganadas por outros homens, então como eu não queria que acontecesse isso com as minhas irmãs eu não fazia também com outras pessoas, ou seja, não brincar com os sentimentos dela. Então para mim o namorar nunca foi um namoro para passa tempo... sempre foi um coisa séria...

(A fita terminou e teve-se que muda-la)

787. Desculpe-me...Perdemos outro pedaço novamente. Tive que mexer na fita de novo...pode continuar

788. E ..falando deste meu amigo ele é casado com uma loira de olhos azuis. Ai é como você falou, o mais velho tem o cabelo mais escuro assim, mais liso também, porque japonês tem cabelo liso, só que o mais velho saiu assim...fala que o japonês tem olho preto, mas olho preto não existe, por que não enxerga nada ...Então, é castanho escuro. E o mais novo não. O mais novo tem o cabelo mais claro mais tendente para o loiro da mãe e os olhos claros da mãe. Não tão claro quando o dela, mas sabe castanho bem clarinho. Então saiu mais ...com olhos amendoados. E o mais velho é magro e o mais novo puxo mais o pai é mais baixinho e mais atarracadinho. Então é, voltando aqui, ao casal que a a gente alugou a casa. A gente ficou dois anos lá e eu já comecei a ver uma casa para comprar. Partir para a casa própria, ai nos começar ver... Antes de a gente ter mudado, a gente começou ver. Uma destas, foi naquela época lá...nem sei quanto... Dei três mil cruzeiros... e fiz uma proposta para uma casa na lá Jardim Nova Europa e achei que era boa tal, né.. só que ele tava morando lá ainda. Ainda eu fiz uma proposta lá, só que a imobiliária lá,colocou uma cláusula de multa. A parte que desistisse pagaria um por cento do valor da transação da casa. Eu sei que naquela época lá, esta multa daria seis mil reais, seis mil cruzeiros. Representava bastante por que se fosse fazer uma projeção para hoje, seria acima meu fundo no cheque ouro era dois mil cruzeiros. Eu paguei três mil. A casa tinha um valor de trezentos mil. Aí fazendo as contas tal a gente acabou desistindo. Ai tinha assinado aquela proposta e eu tive que pagar. Ai foi aquele prejuízo. Aí começamos procurar outra casa e tal. E achamos... Caímos na mão de corretor outra vez. Ai nós achamos um corretor, um dos honestos. Fomos lá e vimos o preço. Ele me disse tanto, aí nós fomos lá falar com o proprietário. O proprietário era um dentista, mora no Jardim Nossa Senhora Auxiliadora. Formos lá. Eu fiz a proposta e tal e ele não aceitou. Bom: ai não em jeito! . Ai ficou por isto. Dali alguns dias, o corretor me ligou: Irineu, sabe aquela casa do São Quirino? Ela está pra vender. Eu falei: aquela casa não é para meu bico não. Eu já tinha visto aquela. Está só no reboque ainda, mas tava já toda montada, o telhado estava pronto já, ja tava com muro. Aí eu falei para ele: esta casa é boa. Mas não dá para comprar. A outra não deu para a gente comprar. Ai o corretor falou: “ Eu vou falar com o construtor. Ele foi lá e tal, tal.. E aceitou a proposta . Então ai a proposta foi: tinha que dar meu fundo de garantia – eu tinha comprado um terreno aqui em Barão Geraldo pro sugestão do meu pai pois eu tinha vendido meu fusca e u ia comprar um chevete. Ai eu vendi – comprei um chevete e vendi meu fusca. Era 69. Isto foi em 73. Vendi meu fusca por doze mil cruzeiros lá. Naquele tempo o chevete era vinte e dois, um chevete zero. Vendi o fusca por doze mil, ai meu pai falou assim: ficar com este dinheiro parado ai, investe em terreno. Ai eu fui lá ver com meu pai o terreno, era 10x33,5m.. eu fui comprei este terreno por onze mil. Este terreno entrou no negócio. Então ele me pagaram até um preço muito bom. Eu pedi vinte mil e eles pagaram. Eles disseram: “o terreno não vale isto mas a gente vai aceitar o negócio”. Então está bom. Melhor ainda. Aí os dez mil cruzeiros que tinha que ser em dinheiro, eu não tinha e então, naquele tempo eu tinha muito bom relacionamento com minha irmã mais velha do que eu, imediatamente após. Aí eu mostrei a planta da casa e minha irmã falou: “ Mas você vai comprar um

mansão!”. Mansão eu não sei, mas eu quero comprar um casa. E disse para ele: empresta ou não empresta, né? Mas, minha irmã, sabe, naquela época ela tava grávida, esperando a minha primeira ...o primeiro nenê, então meu cunhado falou assim: “Não podemos porque ela esta grávida ai e então a gente... – acabou negando né - agora não dá eu não quero que ela fique com preocupação...” Eu fiquei muito chateado sabe, cheguei até chorar lá, ficar nervoso. Mas minha irmã disse: “ah, mas ele é assim mesmo. Não dá, não dá. Acabou né!” O corretor voltou lá em casa E eu falei: eu não consegui!. – Nesta época eu já tinha telefone. Tinha comprado no plano de expansão da Telesp, em 72, pagava centro e cinquenta cruzeiros de prestação...

789. Mas mesmo assim era muito caro...

790. Era caro. Muito caro. Poucos compravam. Minha mãe é que falou: “ vamos comprar?” e eu falei: vamos né? E aí nos compramos...Então eu falei para o corretor. Olha eu não consegui os dez mil cruzeiros . E ele “ o que você pode fazer? “ Eu falei; dez prestações de mil cruzeiros”. Ele falou: “ Tá bom! Foi falar com o construtor, lá” Ai ele foi lá e depois veio em casa e: “oh, eu fui lá e tal e falei, a única coisa que este dez mil não dá para fazer em 10 de mil cruzeiros. Dá para fazer em cinco de dois.” Então, você pode bater o martelo hoje mesmo. Ai, sei que rolo que ele fez, deve ter descontado da comissão dele, sabe receber depois, como se fosse comissão, e ai ele recebia em cinco de dois. Ai acabei ...deu para fazer tudo direitinho. A casa não estava pronta, estava em construção ainda, ai fizemos o contrato com a construtora, comprometendo a terminar, explicando que seria azulejo até o teto, nos banheiros, com gola de gesso, com lustres, globos, tudo. Portão, tudo sabe. Inclusive em baixo era assim... três mourões assim, depois entre os mourões foi colocado grades com pontas. . Eu falei assim: olha, eu quero um grade lisa. Ai eles serraram as pontas. Meu filho nunca subiu no murro, mas queria prevenir. Ele me entregou a casa com tudo pronto, com calçada, com lustres na sala, simples mas lustres. Globos em todos os pontos de luz, é...no banheiros também com tudo. Entregaram os banheiros com Box, com chuveiro instalado....e outra, todo encarpelado. E com o carpete a mulher ainda escolheu a cor. Inclusive quando a gente mudou para lá, estava sem Box ainda. Ai ele falou; “ não, pode ficar sossegado que vamos colocar” E ele foi lá instalou direitinho.

791. Ai você entrou para uma casa zero km.

792. Zero quilometro! Com três dormitórios.

793. E aonde você mora? O local é muito bom lá.

794. O construtor que fez aquela casa foi para vender. Se eu tivesse feito, teria feito diferente. O Terreno é caído para o fundo. E o meu muro, Jaime, lá no fundo, começa onde termina o murro do vizinho. Você vê que altura que ele aterrou. Embora tenha uma caída para os fundos ele fez a casa 40 cm acima do nível da rua e depois aterrou o resto. Se ele tivesse feito mais meio metro para cima teria feito a lavadeira em baixo, inclusive a garagem. Mas, por pouca coisa, pois lá no fundo é muito alto. Mas não dá para fazer uma coisa por baixo agora, por que vai ficar, sabe, 1,5 m, 1,40cm. Ai fica muito baixo. Mas a casa é muito boa, a minha casa – é por que você não entrou em casa – mas lateralmente minha casa é muito alta. Da minha janela eu consigo – agora não por que levantei o murro – o chão do quartos dos fundos da casa do vizinho. Então a minha casa é bem alta, sabe. Lateralmente pega o vento, por enquanto, por que não tem nada construído do lado. Mas, pelo

menos uma parte, pelo menos o meu quarto não. Do outro lado pode fazer um sobrado e perder um pouquinho a ventilação. Mas, eu tenho dois metros de corredor de fora a fora. A minha janela abre assim, podia ter colocado vitrô, mas é de dobradiça. Eu acompanhei algumas coisas. Não tinha feito encanamento ainda quando comprei. Acompanhei tudo. Colocaram PVC nos encanamentos. Então para mim foi ótimo. Primeiro me apertou muito o financiamento, mas no fim, mesmo com a correção eu tava pagando mixaria. Se fosse que nem hoje, eu estaria pagando assim uns trezentos e cinqüenta reais de prestação. Mas ai em 91, o Collor fez o favor – você sabe... entre algumas coisas ele disse que quem fosse quitar a casa própria usando o fundo de garantia, teria 50 por cento de desconto. Então eu quitei a casa, então eu tinha feito um financiamento para 18 anos, então com 16 anos eu quitei a casa. Então hoje está quitada a casa. Então a gente mudou para lá e depois que a gente mudou para lá, foi em 78, eu já tinha saído do SERPRO já trabalhando na Itaú Seguros. Então eu tinha que sair do Jardim Santana para o centro da cidade para tomar o ônibus para São Paulo. Ai, de 78, no dia 4 de março de 1978, já tinha comprado a casa, tinha fechado o contrato em agosto de 77. Não ficou pronto porque aquele ano, choveu tanto, Jaime, nunca vi chover tanto, como naquele ano. Então os pedreiros não podiam fazer nada né. Mas, em março, acabei mudando para lá.

795. Mas também a diferença de tempo foi pouca.

796. E foi pouca. Mas o problema era que meu aluguel está vencendo. Assim que venceu eu falei : vamos mudar né. E ai fomos. Mas não tinha algumas coisas lá. Não tinha Box, não tinham algumas coisas ainda lá. Naquele tempo. Naquela tempo o volume de processos na Caixa, onde fiz meu financiamento, era muito grande. Assim, meu financiamento que era só para sair em dezembro de 77, só saiu em 03 de agosto de 78. Então eu fiquei março, abril, maio, junho, julho e agosto, morando naquela casa sem pagar nada. Nem aluguel nem prestação. Ai pelo mercado imobiliário na época, a construtora tirou um base de aluguel daquela casa e eu paguei para ele daquela casa.

797. Era justo, né?

798. Só que ele me cobrou três meses só... Ai fiquei do três meses morando de graça.

799. Estes construtores parecem pessoal muito legal, muito honestos!

800. Muitos honestos. Pessoal muito honesto. Dei muita sorte. O cara é tão bom que ele foi presidente da Habicamp. É o Antônio Serra. Um português. Ele começou junto com o pai dele montando armários embutidos. Ah, tinha me esquecido. Ele me entregou a casa com todos os armário embutidos. Hoje isto não acontece mais. Você compra a casa e você põe o armário. Ninguém vai te dar o armário. Ou então coloca o armário, só a frente. Dentro não tem nada. Ele veio com gaveteiro, com calceiro, com todos os acessórios. Tudo envernizado. Ele ia passar aquela pintura...Eu falei: eu não queria não. Se você envernizassem eu gostaria mais. Ai ele fizeram. Laquearam só os armários da cozinha. A do banheiro da emprega também. O cara muito bom, muito sério. Eu peguei um corretor muito bom também. Inclusive ele é xará meu. Então eu dei muita sorte com este pessoal. Na minha rua tudo também é proprietário. Tenho uma senhora que mora lá há trinta anos.

801. Ali ainda é um bairro novo. Você pegou ele em formação?

802. Peguei ele em formação. Até que meu pai falou assim: “você está morando tão longe, está morando num sítio!”. Ai eu falei: papai, e único o lugar que podia comprar a casa.

803. Mas é tão pertinho da cidade...

804. A minha mulher falava assim: “olha, seu pai comentou isto comigo que você iria morar num sítio..” Ai minha irmã acabou comprando uma casa a oito quadras de casa. Depois a outra minha irmã também acabou comprando um terreno perto de casa. Na verdade, não fui para um sítio. Na época até foi. Mas a cidade cresceu também para gente. Aquela área ali é muito boa. Ali tem tudo. Tem supermercado, pequeno mais ali perto. Mas tem o Carrefour ali na Dom Pedro. No Carrefour tem tudo. Estou lá há 23 anos. Meu filho fez o segundo aniversário lá. Meu sogro ainda era vivo. Meu sogro morreu no ano que fui para lá, em 1978. Então meu filho cresceu ali. A Juliana nasceu ali. De forma que conheço tudo ali. Às vezes saio, cumprimento o dono do supermercado. Conheço todo mundo ali. A Avícola Ramalho. Os filho que são hoje cada um gerente de uma filial, eles brincaram com meus filhos, numa época em que fazia festa junina ele vieram nos convidar. Então é tudo assim. A gente vai – depois que eu fiquei deprimido acabei não indo – mas eu tinha aula de dança de salão, eu e minha mulher, a gente ia toda quinta feira. Depois aquela parou e nos fomos para outra escola de Paulínea e a gente ia às segundas e às quartas. Com este dono da Avícola Ramalho a gente ia em forró. A gente foi muito naquela no Peninha Show, ali na Anhanguera. É uma granja que transformaram em casa de show. É forró lá. Então a gente ia muito lá. Como a gente ficou muito tempo no bairro a gente ficou muito conhecido. Eu sou conhecido lá como japonês ou chinês.

805. As pessoas não sabem distinguir .

806. Aí então é : aí Chinês, aí Japonês! . A gente ficou muito conhecido na favela lá. Era tudo de barraco mesmo. Hoje esta urbanizado, graças ao Chico Amaral, com casas de alvenaria. Tinha uma vizinha minha, naquele tempo ela tinha 10 anos, 12 anos. Ela estava numa rua com a outra menina quando uma veio correndo gritando que um cara estava arrastando ela para o mato, pois não conseguia arrastar a duas. Ela entrou correndo dizendo: “estão levando a Lúcia, estão levando a Lucia!”. Aí, o irmão dela saiu correndo e me avisou. Eu estava lavando a minha moto. Naquela época eu tinha moto. Aí o pai dela também já saiu e nos fomos correndo atrás... era véspera de carnaval. Era sexta feira. Aí pegamos o tarado, deixamos lá imobilizado, eu fiquei segurando. Telefonaram para a polícia. Mas você sabe como é que é... e o pessoal juntando ali...

807. Querendo dar um pau no cara..

808. Queriam linchar o cara. Aí eu falei assim: não, ninguém vai mexer nele aqui não. Vamos entregar ele à polícia. Agora, se alguém de vocês quiser pegar ele aqui, eu vou soltar. A polícia demorou hora e meia. Já pensou ficar aquele tempo todo agüentando a pressão. Aí eu fiquei conhecido no Bairro. Como eu sou mais alto que a maioria dos japoneses, eles me chamam de chinês. Então é a casa do Japonês, do Chinês. Eles pensam que pratico luta marcial. Apenas lutei três anos de Judô, mas não quis continuar, ou fazer carreira. Fiquei na primeira faixa, a branca.

809. Apenas coisa de garoto.

810. É. Mas eu ia, aos 9 anos; ia sozinho. Numa mão o quimono e na outra uma vara para espantar os cachorros. Eu tinha medo de mordida de cachorros. Deixei porque ele mudaram os treinos de domingo de manhã para domingo às duas horas. Como tinha a matinê no cinema, tive que escolher. Fiquei com a matinê. Meu pai tentou me encaminhar para um esporte. Futebol nunca gostei. E os outros esportes eram caro, para meu pai. O Judô era baratinho e minha roupa minha mãe fazia com saco de farinha. Era o esporte que dava para meu pai bancar, né. Tinha o basquete mas tinha que comprar tênis, calção, sunga..tinha que comprar tudo e meu pai não tinha possibilidade. Vôlei naquele tempo não tinha. Vôlei depois da geração de 74 Tinha também lá em Oswaldo Cruz o basebol. Mas este também era caro. Mais caro ainda. Só a luva - , quando meu filho entrou no Tozan - paguei 50 dólares. Só a luva, que era importado... então durava muito. A luva é primordial para o jogador de basebol. Todo os jogadores usam luva.

811. Pensava que era só o receptor.

812. Não. O receptor tem uma luva diferente, por que tem ser mais forrada, mais reforçada, para assimilar o impacto né, por que os jovens, em geral o lançador, jogam a bola a 120, 130 km por hora.

813. Isto lançado com mão?

814. É com a mão.!Tá certo que a bola é pesadinha. Agora imagina se fosse com a raquete. Mas, a força no Basebol é com mão Os brasileiros aqui, tem um que foi para a liga norte americana de Basebol. Ele jogava no Toyota de São Bernardo de Campo. Ele que era juvenil!

815. O Japão joga basebol.

816. Joga. O basebol foi para o Japão na época da guerra. Mas é mais americano mesmo!.

817. Mas, este cara que foi para lá era colega seu?

818. Não. Não! Foi colega de meu filho. Da mesma turma de meu filho. Mas ele grande sabe. Naquele tempo ele tinha 14 anos e já tinha 1,90m. A gente ficava em pé perto dele, mas parecia que estava sentado. Então este rapaz ai, chamava-se José Pecci. A mãe e grande o pai também é grande. O pediatra que acompanhava este rapaz dizia que, pela evolução, ele iria chegar a 2,18 m. Então está jogando lá. Este rapaz ai ele arremessa a bola - ele é arremessador – no ataque é arremessador. Ele lança a bola a 130 km/h. Você vê a força que ele tem, né? (Ai ele me explica a mecânica e a lógica do basebol, numa longa e precisa explanação) Eu gostava muito de basebol. Mas olha eu aqui falando disto...

819. Pois é, quando se vê nos aqui falando de Basebol você esta falando de sua vida, pois isto faz parte de nossa história.

820. Faz sim. Eu gosto disto. Mas é... é isto que tinha para falar. Que talvez tenha significado. Para mim minha depressão mudou minha vida. E hoje sou outro cara. Aprendi prestar mais atenção em mim. Cuidar melhor de mim, rever minhas coisas...Então, Jaime. Parece. Contando em poucas palavras, parece que a causa é muito pequena para gerar esta situação. Se a gente começar pensar: só isto que fez com ele entrasse em depressão? Mas, é toda a história de minha vida que foi, foi, foi...e um acúmulo de coisas. E é, culminou com a morte do meu pai e aposentadoria. A aposentadoria nem tanto, mais o fato de gente perde este papel de provedor, né? Dentro de minha casa. Felizmente eu consegui me conscientizar disto, graças à minha mulher que forçou para que eu me sujeitasse a este

tratamento. Eu sempre achei que coisa de psiquiatra, de psicólogo era coisa de doido. Agora que a gente está mais apurado, a gente consegue pensar mais sossegadamente, a gente vê que há uma linha muito fraquinha entre a lucidez e a loucura, né? Então a gente vai chegando às raias da loucura. Loucura que a gente fala é alguém não mentalmente sadia. Então tem distúrbios.

821. Agora isto está mais claro para você que conhece sua história e pode dar sentido a estes melhores anos de sua vida.

822. E porque agora eu consigo analisar as condições que mesmo numa época, antes de eu ficar deprimido, eu não teria condições de me analisar. A situação que estou vivendo agora, eu consigo analisar e tirar proveito dele, porque antes eu não tinha condições disto. E na fase de depressão, muito menos, pois não tinha vontade de nada, só tinha vontade de ficar deitado. Eu queria ficar no meio de gente, mas não queria participar. Eu queria gente perto de mim, conversando, sabe brincando, mas não tava comigo. Era um mero espectador, sabe. Agora não. Agora não. Eu consigo me relacionar e com qualquer tipo de gente.

823. O próprio aceite do convite para colocar sua história a serviço de uma pesquisa, mostra mesmo como você está caminhando e buscando o aproveitamento total deste momento.

824. É que hoje, Jaime, e já me sinto bem, conforme já falei. Mas, já tenho a capacidade de falar não para certas coisas que não condizem comigo. Agora quando não concordo, sou capaz de dizer não.

825. Sua família notou diferença?

826. Ah, notou. Todos notaram a diferença. Antes era passivo, agora posso rebater as coisas; não deixo dar bola no chão, conforme vem já emendo de primeira. (risos)

827. O que quer dizer isto? Como sua família reage a esta nova etapa de sua vida?

828. Sabe o que é quê, podiam meus filhos dizer: “ Meu pai está tão assim!” Não! Eles passaram a me respeitar mais. Sabe não é qualquer coisa que vem falar comigo. Eles selecionam as coisas, os problemas para trazer para mim. Eu to numa fase assim. Nem tudo compensa. Nem tudo compensa você perder tempo. Ai fico mais tempo selecionando as coisas. Colocando qualidade nas coisas que e manipulo. De primeiro era um saco de coisas. Agora você vai separar o que lixo e o que não é. Só que lixo você nem vai perder tempo com aquilo. Agora eu to assim. Então certas coisas que eu falo para pessoas lá em casa. Eu falo para mim mãe – ela é muito preocupada com tudo – Então eu falo para ela, certas coisas você compensa, compensa você perder, gastar os neurônios para resolver aquilo. Mas muita coisa tem que ser. É como reunião, 725 você pode jogar fora, não é?. Você é que tem que escolher o que vai de trazer alguma coisa de útil, aquilo que lhe dá prazer. Então eu tô assim agora. Então eu estou assim agora. É, a fase de depressão foi ruim? Foi. Foi muito ruim, para todo mundo. Deixou todo mundo preocupado, minha família, minha sogra, minha cunhada, minhas irmãs que eu não tinha mais assim vínculo tão grande como tinha antes, por que na época que meu pai faleceufoi um briga muito grande.

829. Você me disse que tinha ressentimento de sua irmã...

830. É que a minha mãe estava muito descontente de estar morando com minha irmã e com meu cunhado, apesar deles terem ajudado muito. Então eu achei que

ele, achei não, eu acho que ele não foi grato, ele não foi assim com a gente. Por quê? Quando a minha irmã começou a namorá-lo e era assim considerado a classe rica da cidade. O japonês tinha este preconceito, né. O rico era o japonês que veio para cá para o Brasil e tiveram força de vontade, entre aspas, né?, e conseguiram progredir. Os pobres não, os pobres meio que – como foram dadas condições iguais para todos – então eles achavam que os que tinham força de vontade conseguiram subir, conseguiram progredir. Os que não tiveram condições, sabe. Então eles, os pobres eram os japoneses...

831. fracassados...

832. menos bons. Então, a gente, nós estávamos neste meio aí. Então quando minha irmã começou a namorar este que é meu cunhado hoje meu pai já era motorista de caminhão. Então este namoro desta minha irmã com este meu cunhado não era bem visto pela família dele. O pai nem tanto, sabe não ligava muito, mas a mãe era muito...

833. Mesmo ela sendo da colônia?

834. Mesmo sendo da colônia. E por ironia do destino a minha sogra morreu justamente no apartamento de minha irmã. Quando vieram para cá porque a sogra de minha irmã estava com problema de saúde e tal... Estendendo um pouco mais a história, tem um irmão imediatamente mais novo que meu cunhado lá, ele como sempre foi criado assim, como tendo muito dinheiro à disposição, então nunca teve que trabalhar fora, nunca encontrou dificuldades, então ele tinha muito falta de dinheiro e aí ele assassinou um casal de velhos. A mando né... Tinha gente que devia para este casal de velhos e como não tinha condições de pagar, numa coisa arranjada, ele chegou lá e “apagou” dos dois. Mas, a neta que morava junto, viu. Aí ele foi preso, condenado. Nesta época que estava em julgamento, contratar advogado, não sei o que, nesta época já estavam mal das pernas já – o sogro de minha irmã..

835. Financeiramente?

836. Financeiramente. Eles estavam mal das pernas. Quando ele viu estava fazendo um investimento meio assim – eles trabalham com uma máquina de beneficiar café, arroz, amendoim. E tinha uma indústria de óleos vegetais, numa cidade perto onde eu morava, que deu toda a produção amendoim para eles. E esta fábrica aí pediu concordata. Então em dois anos não se pagava nada, né. Tinha muita coisa empatada lá. E outros investimentos ruins. Compraram terras em Mato Grosso que não valiam nada, sabe e compraram duzentos alqueires. É terra para caramba! E acabaram vendendo estas terras aí a troco de banana. Banana podre. Por isto estavam mal das pernas e aí veio este problema com o irmão de meu cunhado. Aí a sogra de minha irmã ficou abalada física e mentalmente e veio para casa de minha irmã passear e veja bem, na casa de minha irmã que era desafeta para ela. Antes disto, o meu cunhado estava estudando Engenharia Química em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná. Era gratuito só o ensino. Mas, estadia e alimentação tinham que sair do próprio bolso. Nesta época minha irmã estava namorando, ele começaram a namorar quando estavam lá na cidade, na minha terra natal, então a minha irmã, neste tempo ela já ganhava bem na empresa que ele trabalha até hoje ainda – isto faz 34 anos que ela trabalha nesta mesma empresa.

837. Aqui em Campinas?

838. Aqui em Campinas. Na casa Campos. Ela chegou aqui para Campinas. Ela começou a trabalhar com o Benedito Campos que era o avô. Trabalhou com Guilherme Campos, que é o pai. E agora trabalha com o Guilhermino – o Guilherme Jr. – que é o neto. Então ela já trabalhou com 3 gerações. Naquela época ela já ganhava bem, então o que ela fez: ajudou este meu cunhado a pagar suas despesas, a se formar, a terminar os estudos. Ele estava no terceiro ano de Faculdade...

839. Era namorado dela?

840. Era namorado dela. Então teve o terceiro, o quarto e quinto ano. Foram três anos que ela ajudou e com ele e assim... a briga foi assim. Meu cunhado sempre tratou mal, não tinha paciência com gente da casa. Depois que ele morou com os pais deles e quando eles ficaram mais pobres não sabia trabalhar esta parte. Então não tinha paciência com meu pai, com minha mãe. Destratava. Minha mãe estava muito descontente lá. Várias vezes, fui na casa dela, onde ela estava, ela chorou para mim. Aí eu propus para que os irmãos fizessem um vaquinha e alugassem uma casa para eles. Vamos arrumar uma casa, simples, mas que desse para duas pessoas. A gente paga o aluguel e rateia as outras despesas. E resolvia o problema. Mas isto a gente tinha combinado, quando voltamos para fazer a operação minha mãe não quis mais. Então o meu pai., o sonho dele era ter a casinha própria dele. E meu pai para não deixar minha mãe sozinha, ficou lá com ela. Isto influenciava muito negativamente meu pai, pois ele não queria ficar lá. O meu pai estava já com quase 80 anos e outra coisa também que ajudou muito meu pai ficar depressivo. Desde da fazenda ele era motorista. Quando ele fez 78 anos eu não consegui renovar a carteira. Foi reprovado, não conseguindo a renovação da carta, pois já na exergava direito, não tinha mais reflexo, não tinha mais força física, mais nada. A visão dele também era muito ruim, do olho direito não enxergava mais. Com isto ele não conseguiu a renovação da carta. Com isto ele ficou mais triste ainda. Isto foi muito ruim para ele pois não tinha a casa própria para ele e o cantinho dele, para terminar a vida dele, junto com minha mãe.

841. Continuavam morando com sua irmã?

842. Eles continuavam morando com esta minha irmã, a contra gosto de meu pai. Meu pai tinha diabetes. As pessoas com diabetes vão enfraquecendo mais rapidamente que uma pessoa normal. O médico falava para ele que ele já tinha 90 anos, por causa da doença: o senhor tem que morrer andando. É preciso andar todo dia. Ele também era muito rigoroso e se o medico dissesse a ele: o sr. precisa dar três respiradas por minuto, ele dava três. Ele não queria morrer. Na verdade tinha a relação do que ele podia comer, porque era mais fácil, do que tudo o que não podia fazer. Ele cumpria. Caminhar ele caminhava todos os dias. Eu saía de casa às cinco e meia e encontrava meu pai andando na rua.

843. Ele morava mais ou menos perto de você?

844. Ela morava a oito quadras de casa. Então meu pai era muito rigoroso, com ele mesmo. Para comprar pão de manhã ele ia na padaria lá longe, só para ter que andar. Então todo o dia ele fazia isto. No começo ele ia com minha mãe, mas minha mãe as vezes não ia. Ele ia sozinho, mas ia. E com isto ele vivia fazendo aposta, comprando tele sena, comprava outros bilhetes, esperava ganhar uma bolada, comprar a casa dele e ir cuidar da vida. Ele sempre tinha ciúme das coisas dele, das caixas de ferramentas, desde o tempo que era caminhoneiro.

845. Na casa de sua irmã eles moravam onde? Num quarto?

846. Primeiro eles moraram num quarto lá em cima. Por que a casa da minha irmã tinha três dormitórios. Enquanto meus sobrinhos eram novos, - minha irmã tem um casal – então dois moravam no mesmo quarto. Mas depois quando as crianças cresceram a minha sobrinha começou a ficar mocinha antes disto meu pai já falou em morar lá em baixo, onde tinha uma edícula. Tinha lugar para uma sala, banheiro, um quarto. Ai eles foram morar lá em baixo. Isto dava maior independência tanto para minha irmã como para eles. Na verdade eles vinham só para tomar as refeições, desciam e ficavam o dia inteiro só os dois. Então eu achei que meu pai estava desgostoso com a situação e tal . Depois com o agravamento da doença de meu pai. Meu pai ficou com isquemia cerebral. Ficou internado e eu passei 15 dias com meu pai. Eu dormia todas as noites lá, no hospital. E ele não tinha condição de ficar sozinho. Alguém tinha que ficar com ele. Eu ficava a noite inteira e depois, durante o dia, ficava uma das minhas irmãs lá. Eu nestes quinze dias que fiquei lá eu vi todo...toda a agonia dele. E ele falava: “quando é que eu vou para minha casa?” Lembrava de coisas muito antigas mas que coisas atuais ele não lembrava. Então eu acompanhei todo o sofrimento dele. Ele estava indo para baixo, para baixo. Até depois eu discuti com minha irmã quando meu pai voltou assim com alguns instantes de desespero. Então uma vez que ele voltou a ter em alguns instantes de lucidez eu falei para ele: papai quer ir morar com alguém quando sair daqui? Quer morar lá comigo, né? E ele: “ eu quero” ! A minha irmã falou assim: “ você fica falando as coisas pro papai enquanto ele está doente ainda”. Não. Eu falei com ele enquanto ele está lúcido. Depois quando eu – aliás tudo mundo – estava estressado. Na verdade ele ficou um mês assim. Ficou 15 dias no hospital, como eu já não ia mais na casa da minha irmã por conta disto, os problemas que aconteceram, quando ele foi para casa da minha irmã eu não fui mais lá. A minha irmã me ligou só no dia que meu pai...” papai esta agonizando e se você quiser ainda ver ele em vida, deve vir logo!”. Isto era uma hora da manhã. Eu falei: ah ta bom! E desliguei. De manhã, às 9 horas, a outra minha irmã já me ligou que meu pai tinha falecido e que estava sendo encaminhado lá para fazer exames. Depois eu cabeí indo só no velório. Então é ..uma coisa que me marcou muito também, a perda de meu pai, daquele jeito e na situação que ele morreu. Ele não precisava ter morrido daquele jeito. Depois é que minha mulher falou assim: “oh, ele queria tanto uma casa dele que ele queria comprar um casa só para ele”. Na verdade ele foi para o túmulo dele que comprou em vida, tinha pago todas as despesas de funeral – aqueles planos que tem ai. E ele foi para o lugar que era dele. Para casa dele. Que ele tinha comprado, né? Então por conta disto aí, eu também...uma que eu perdi meu pai e outra..eu perdi meu pai no dia 22 de dezembro, muito próximo ao meu aniversário. Perder meu pai assim pertinho de meu aniversário, então não tem como você esquecer o natal sem se lembrar de meu pai. Então agora eu lembro mais de meu pai, no natal. Inverteram os papéis. Foi por isto que eu tive aquele arranca rabo com meu cunhado. Meu cunhado diz: “ não, o Irineu é meu amigo. Eu não tenho nada contra ele!” Claro que não tem nada contra mim, eu é que tenho contra ele! Ele não pode ter nada contra mim, né? Então depois tem certas coisas ai que a gente não...eu não concordo. Porque a casa que a gente morou lá no Botafogo, meu pai e minha irmã, ganhou – comprou do Sr. Benedito – que era o avô – o sr. Benedito Campos. É tão antigo que o Benedito

dele se escreve com C – Benedicto! Tem uma rua com o nome dele, lá na saída para São Paulo. Esta casa do sr. Benectido era muito antiga, mas plenamente habitável. Para você ter idéia, lá no Botafogo, pertinho da Rodoviária! Bem pertinho daquela antiga Mogiana. A casa era tão boa, tão boa que uma vez precisava derrubar umas paredes não conseguir derrubar. Meu cunhado que é engenheiro disse, se você mexer nesta parede vai mexer em toda a estrutura da casa. Era compacta. Então, o sr Benedito, disse para minha irmã: “você quer comprar? Eu te vendo por tanto”. Foi um valor simbólico. Seria hoje uns vinte mil reais, ou coisa assim. Comprar um casa no Botafogo, por vinte mil reais...

847. E naquela época o Batafogo devia ser muito bom.

848. Era muito bom. Essa casa, a minha irmã comprou, pagou em suaves prestações e ela comprou quando era solteira. Depois de uma época que fui lá na casa dele lá, ai eu vi pelo IPTU que a casa estava no nome de quem? Dou um biscoito de você acertar! Estava no nome de meu cunhado. Ah, isto me deixou louco! A coisa que ela comprou quando era solteira estava no nome dele? Pelo menos podia de ter deixado meu pai com o nome. Ah, a casa é minha, então, meu pai, toma para você!

849. Eles moraram na casa?

850. Na verdade moravam, mas só como usufruto. Não passou para eles de papel passado, nada. Passa para eles.! “Eu estou na casa que minha filha me deu!” É diferente de você falar: estou na casa que minha filha está me emprestando. É diferente, né? Então, são coisas que foram sabe, na minha cabeça, foram acumulando, acumulando, até que eu passasse a ter outra imagem de meu cunhado. Na época também meu cunhado tinha um carro que ele tinha comprado e ele falou para meu pai: pode ficar usando o carro. Este carro é seu. Mas, quando meu pai morreu, o carro ficou para meu sobrinha, agora. Então não era de meu pai. Tudo era assim, muito, fantasiado as coisas de meu cunhado com meu pai. Meu cunhado também humilhava meu pai. Coitado; tinha certas coisas que meu pai não entendia. No começo não. No começo até que gostava de meu cunhado. Mas depois mudou. Dizia as coisas como se fosse: “seu burro não está vendo o que é isto aí?” Mas, no ano que passou ele ganhou um troféu da empresa, como a pessoa mais inteligente. Então aquilo, deve ter subido mais do que rojão em festa de São João. Então ele se achava assim o “the must”! Então foi isto. Se bem que eu acho que meu cunhado não foi uma pessoa grata, pelo menos com meus pais. Casou-se com a filha dele e a filha dele tinha feito muito para ele. Minha irmã fez isto com o conhecimento de meus pais. Agora, a gente pode pensar porque a minha irmã também não chegou e falou com meu cunhado. Ela não podia falar nada, porque ele é marido dela. Tem que puxar brasa para a sardinha do marido, por que ela agora só considerava o marido. Pai e Mãe não tinham vez. Então, isto daí também me deixou muito chateado, pois meu pai com todos estes contra tempos teve que continuar morando lá. E tudo isto foi deixando marcas. Quando fui passar com ele os 15 dias do hospital, pude sentir todos os problemas de lá. E eu achei que meu pai não devia ter morrido. Ninguém é eterno, mas podia ter morrido de uma outra situação.

851. De uma outra forma, né?

852. É de uma outra forma.

853. A morte de seu pai vem como um rompimento de um processo...

854. A morte de meu pai veio num momento em que a gente estava se dando bem, né? Ele sabe, estava reconhecendo o valor que eu tinha. Eu tava também reconhecendo o valor que ele tinha feito na minha vida. Coisas boas. Na inocência dele ela falava coisa que só agora eu via. E isto me deixou certo trauma. Mas, foi uma coisa muito pesada. E eu falei com minha irmã, então enquanto o papai estiver morando aí eu não vou aí. Ai foi, ai mais para frente minha mãe estava preocupada – minha mãe sempre gostou de mim – então ela falava: este é meu filho, meu filho. Ela ficou preocupada, ela tinha já idade e estava sozinha e vinha em casa e levava as coisas que costumava levar. Cebola curtida, doces, levava par mim. Leva até frutas, sabe? Sempre soube que eu gostava de certas frutas e levava para mim. Ela trazia frutas de Oswaldo Cruz, caqui chocolate. Aqui em Campinas não tinha quando vim para cá. Então ele trazia só para mim. Depois com este processo de depressão ela ficava e eu não queria conversar com ela. Não via hora dela ir embora. E ela começou a perceber isto e ficou muito preocupada. Ela não queria que eu morresse antes dela. Ela falava: “a coisa natural era eu ir antes..” E quando se despedia, chorando ela falava assim para mim : “ vê se você não vai antes de mim”. Eu fiquei magérrimo. 68 kg. Minhas roupas não serviam mais em mim. A camisa o colarinho, cabia três dedos. Igual colarinho de palhaço. A calça assim fazia dobra, na cintura. O paletó ficava enorme. Eu perdi mais de que 10% do meu peso. Nem quando eu era solteiro eu pesava 68. Pesava 69 kg quando me casei. Ai eu passei a ter dores musculares por causa da fragilidade. Eu não conseguir fazer assim por que este músculo aqui não puxava. O pé esquerdo não levantava, o pé direito ficou solto assim. Ficou sem coordenação. Não comia nada. Nada tinha gosto. Nem água tinha gosto. Mas, nem água. Não ligava para minha higiene, para tomar banho assim era um inferno. Veja bem: para tomar banho! Agora que eu sei. Porque não dava coragem. Eu tomava banho sexta feira de manhã, por que eu ia trabalha e depois eu ia só tomar segunda feira de manhã para trabalhar. Voltava do serviço sexta feira...

855. Você trabalhando já estava deprimido.

856. Estava. A minha mulher falava assim: Oh, se você continuar assim eles vão te mandar embora. Aquela velha história, a gente quando está no fundo do poço

857. Mas você quando chegava no trabalho, você... Era o trabalho de consultoria?

858. Era o de consultoria.

859. E você chegava lá dava para trabalhar?

860. Dava. Mas eu não tinha contato com o cliente. Os contatos só por telefone...

861. Você chegava lá e dava conta das suas tarefas?

862. Dava. Dava mas não estava assim tão concentrado como era antes. Eu esquecia muita coisa. Eu estava assim muito avoado.

863. Você acha, Irineu, que a sua depressão pelas questões que você já me disse aqui, tem a ver com a educação formal que você teve. Você acha que tem uma correlação entre estas duas coisas.

864. Hoje que eu percebi. Isto também estou falando agora para você. Eu to percebendo que o relacionamento entre professor e aluno da minha época é diferente de hoje. Apesar de hoje este negócio ser muito mais dinâmico, faz com que o estreitamento seja menor. Por, no caso da educação formal, a minha formação dentro de casa e a cultura que eu carregou eu não tinha muita intimidade. Não que eu não tinha: eu não conseguia com as minhas professores – hoje as tias.

Hoje por exemplo, o meu filho, na formatura dele, ele foi leva o convite para sua professora do pré-primário. Foi levar convite para a diretora do pré-primário. Então ele não lembra do colégio, do primeiro grau. Mas a do pré primário, ainda tem escola hoje, em 79 ele entrou, são 21 anos. Ele foi levar o convite para ela. Aquilo marcou muito ele. Eu não tive isto, sabe? É muito maior hoje.

865. Você acha que aquele escola exacerbou em você, aumentou mais a responsabilidade que você tinha pela sua educação informal dentro de casa?

866. No fundo sim sabe, Jaime, naquela época lá, antes de entrar na formação geral, a gente era obrigado a cantar, cantigas de época, cantigas em Francês, mas também teve, não sei se para despertar o sentido de patriotismo, dever cívico, não sei o que, eles ensinavam para gente este negócio do hino nacional, do hino da pátria. A letra aprendi na formal, que era do estado. As minhas filhas não aprenderam o hino nacional. A gente não. Eu aprendi quando era moleque. Tinha sete, oito anos.

867. Como é que era a rotina da escola? Como era o dia a dia da escola?

868. No grupo era só ir a aula, assistir a aula volta para casa só. Tinha dever de casa que a agente chamava de tarefa. Hoje não é mais tarefa. Então dava tarefa para gente fazer, a gente fazia em casa e voltava. Então a escola era só o local de aprendizado. E prender aritmética, português, história, história do Brasil, Geografia, um pouco de ciência. Fora isto, a parte de formação psicológica também da gente. Lá também a gente aprendeu a cumprir o dever, ser respeitoso, cumprir a regra. Isto eu já tinha dentro de casa, pois a educação japonesa é muito severa. Naquele tempo não tinha escolas sem ser as oficiais do governo. Particular só tinha do segundo grau para frente só. O primeiro grau era tudo do estado. Naquele tempo ainda né, de instruir o povo e imbuir aquele dever cívico, né? Não era ditadura ainda não. Na verdade era ainda ditadura pois o Getúlio Vargas, era época dele. Então para entrar na sala era então formar fila, quietinho, entrava um por um na sala, primeiro os mais antigos, e depois os mais novos como qualquer formação de fileira de estilo militar. Então o governo estava mais preocupado ai de instruir o pessoal de dar formação. Isto depois com a ditadura a gente percebeu que enfraqueceu muito com o ensino oficial, tanto é quem faz a escola do governo não tem base para disputar nenhum ...salvo exceções. Quem faz escola ai, não consegue...você não poderia disputar com nos exames com o pessoal que faz os COCs⁴ da vida ai. Então eu acho que é isto aí, sabe? Mas que o ensino era melhor, era. Tinha muita coisa ainda da influência européia, aprendi o Francês, além do Inglês. No científico estudava o Espanhol e eu tive aula de Latim, também.

869. Você acha que escola preparava o indivíduo para o trabalho? Para o trabalho assalariado?

870. Não. Se era uma escola profissionalizante?

871. Não. Não..

872. Dava uma formação cultural.

873. Você acha os conceitos de organização, você acha que ajudava preparar para ser um trabalhador assalariado?

⁴ Rede de colégios particulares com ensino voltado para a preparação para o vestibular.

874. No momento, na minha época, pelo menos para mim, eles não deram esta formação não. Formação nem algum outro tipo de informações sobre isto. Não preparava para o trabalho assalariado.

875. Preparava para que?

876. Só para cultura mesmo.

877. Irineu você quer me dizer mais alguma coisa, voltar a outras etapas, falar alguma etapa, falar alguma coisas que você queira dizer?

878. E o que queria falar é a minha opinião que, apesar de eu ter tido, lá na última vez que tive na Eletropaulo...A ultima vez que trabalhei, tinha aquele curso preparatório, uma programa de reflexão sobre a aposentadoria, né, e apesar de ter sido claro, eu senti muito. Na época a agente acha que vai proceder como eles falam para proceder. Tenta-se evitar o que eles falam para evitar, mas ai depende de cada um. Por que não é só aquilo. Tem todo um histórico de vida e isto influi, positiva ou negativamente, no processo todo. Você perder o papel de provedor. Apesar d'eu não trabalhar mais, de estar aposentado, a fonte maior de renda era minha e...mas isto não pega para gente. Felizmente, por uma via ou outra eu tive acesso a este tipo de tratamento , a terapia que eu fiz na Unicamp, eu consegui sair disto. Eu tive sorte, tive por que eu consegui me aposentar e tendo uma fonte além do INSS – porque o INSS não dá nem para pagar a faculdade das crianças - e de sorte que eu tive acesso a este tratamento, por que contribui que eu saísse desta crise ai. Sai deste poço que eu entrei, não por minha vontade mas, por circunstâncias né? Eu conseguir sair do poço, agora eu to... não estou muito longe do poço ainda por que faz pouco tempo que sai...Não deu tempo para distanciar muito do poço, né. Mas, eu tive sorte, graças a Deus. Encontrei uma boa médica e uma psicóloga muito boa também que conseguiu. Dois profissionais muito bons? A psiquiatra, Dra. Renata e a Psicóloga Dra. Dione. 878 E o que queria falar é a minha opinião que, apesar de eu ter tido, lá na última vez que tive na Eletropaulo...A ultima vez que trabalhei, tinha aquele curso preparatório, uma programa de reflexão sobre a aposentadoria, né, e apesar de ter sido claro, eu senti muito. Na época a agente acha que vai proceder como eles falam para proceder. Tenta-se evitar o que eles falam para evitar, mas ai depende de cada um né. Por que não é só aquilo, ne? Tem todo um histórico de vida e isto influi, positiva ou negativamente, no processo tudo ne'. Você perder o papel de provedor. Apesar de que, eu falei, eu não trabalhar, estar aposentado, a fonte maior de renda era minha e...mas isto não pega para gente né.? Felizmente, por uma via ou outra eu tive acesso a este tipo de tratamento , a terapia que eu fiz na Unicamp, eu consegui sair disto. Eu tive sorte, tive porque eu consegui me aposentar e tendo uma fonte além do INSS – porque o INSS não dá nem para pagar a faculdade das crianças - e de sorte que eu tive acesso a este tratamento, por que contribui que eu saísse desta crise ai. Sai deste poço que eu entrei, não por minha vontade mas, por circunstâncias né? Eu conseguir sair do poço, agora eu estou... não estou muito longe do poço ainda por que faz pouco tempo que sai...Não deu tempo para distanciar muito do poço. Mas, eu tive sorte, graças a Deus. Encontrei uma boa médica e uma psicóloga muito boa também que conseguiu. Dois profissionais muito bons né? A psiquiatra, Dra. Renata e a Psicóloga Dra. Dione

879. Também você estava disposto a encaminhar sua vida, rever a sua vida...

880. É

881. Como um processo. Ao mesmo tempo que alguém é fruto de um processo ele também é capaz de alterar este roteiro.

882. Isto mesmo. É sim.

883. Irineu eu quero primeiro agradecer pela sua generosidade de abrir ai sua vida para servir de base para minha pesquisa. Agora eu vou transferir sua fita para o papel e quero que daqui mais ou menos duas semanas eu possa deixar na sua casa, para você ler e para ver se está tudo correto o que nós trabalhamos. Também eu gostaria de deixar aberto a você a possibilidade de falarmos outras vezes para complementarmos isto, ou mesmo para batermos um papo mesmo enquanto duas pessoas que tem destinos comuns. E... quero agradecer muito a você.

884. Então Jaime., eu quero também deixar em aberto a minha casa, você sabe onde é. Pode bater lá que será muito bem recebido...

885. Obrigado. Também devo um café para você em minha casa. Aqui a gente veio para coletar seus dados, para que institucionalmente a gente tratasse e deixasse claro que a gente esta tratando de seu caso, institucionalmente. Mas, fora disto, temos uma relação, já comum e eu terei o máximo prazer em receber você em minha casa...para um café, um chá..

886. Apesar de não ser inglês...(risos) mas japonês também gosta muito de chá.

887. Tá bom? Você quer me dizer alguma coisa?

888. Não. O que eu tinha que falar... Se eu lembrar de coisas eu faço um complemento ai. Ai eu telefono para você... Seu eu lembrar de uma coisa mais..

889. Mais um vez, muito obrigado....

DEPOIMENTO DE JULIO

1. Julio, bom dia. Nós estamos continuando nosso trabalho , trabalho que já começamos há algum tempo atrás, e agora eu estou conversando, como já expliquei a você, individualmente com as pessoas. Eu gostaria de saber se você gostaria de fazer seu depoimento de vida da forma como você deseja, de uma maneira livre a aberta e se você me autoriza a gravar os seu depoimento.

2. Pode, pode gravar sim.

3. Tá bom, Julio. Então você tem toda a liberdade de falar como você quiser, falar de sua coisas, de sua história daquilo que você se sentir bem, como foi sua trajetória. Você está hoje com ...

4. 86

5. 86 anos. E olha que não são 23, são 83. Eu me lembro quando nos conversamos ai no grupo, sei que você teve uma vida muito ativa, muito profícuca, foi um cara que conviveu na *high society*, freqüentou churrasco com Juscelino Kubscheck, o que não era para qualquer um e coisas assim.

6. Aquilo foi acidente. Quem sou eu para ser convidado pelo presidente. Mas um amigo meu tinha dois ingressos. Não morávamos no mesmo prédio e o outro cara amigo dele foi viajar. então estava sobrando um convite. Ele me falou “ você não quer ir?”. Eu gostaria de ir apertar a mão do presidente. Então, tudo bem. E ele com aquele força de expressão, com aquela agilidade mental que tinha, ele começou a conta uma parte da vida dele que eu achei interessante que eu gosto sempre de reproduzir quando aparece uma oportunidade ...

7. Isto foi o presidente que contou?

8. É. E eu gostei desta história e gosto de repetí-la. Então ele estava no churrasco naquele festa tudo, então eu queria muito apertar a mão dele e consegui e naquele papo, começaram a usá-lo, no bom sentido, para tirar dele informações... então ele começou dizendo que ..fazendo um elogio... e perguntaram a ele se ele achava o povo brasileiro um povo inteligente. Ele falou “que e um povo que tem a maior hipófise do mundo e conseqüentemente inteligentíssimo...agora...se tiver algum advogado aqui presente, que me perdoe mas o advogado por exemplo, ele estuda, disseca uma lei até para não usá-la. Então ele descobre um jeito que a lei não possa atingir qualquer cara que faça alguma coisa e que não queria que outros tomem conhecimento” E ai, ele contou isto...

9. Isto ele falando numa roda de pessoas, não é?

10. É. Lá no churrasco. No Rio, em Jacarepaguá. E ele fez uma menção por exemplo de uma pessoa que está mais aqui. Sérgio Bernardes, arquiteto. Então ele falou Sérgio Bernardes tinha a inteligência e a versatilidade do brasileiro. Sérgio Bernardes ganhou um concurso de arquitetura internaciona e certa ocasião houve uma exposição das obras arquitetônicas dos maiores do mundo e Sérgio Bernardes tinha um *stand* montado no interior da feira, então ele , o Sérgio Bernardes ganhou este concurso, ele era na época o melhor arquiteto do mundo, mas lá na exposição a entrada da exposição era suntuosa, uma coisa indiscreível e Sérgio Bernardes pediu ao governo brasileiro a liberação para poder participar da coisa mas o governo brasileiro pagou a cota que devia então não podia participar. Então o rei da Bélgica deu um terreno acidentado, era um dente, aquele buracão lá na base, totalmente acidentado. Então ele falou para Sérgio se quiser usar isto ai está às ordens. Sérgio Bernardes usou aquilo e criou um negócio lá na naquele espaço acidentado de tal maneira que a entrada da exposição em vez de ser lá pela frente passou a ser por trás, pela obra do Sérgio Bernardes. Graça a isto a inteligência a versatilidade do homem. Só o fato de mudar a entrada...

11. A glória!

12. A glória!

13. Não precisava mais o prêmio, né...
14. Daí a versatilidade...
15. A impressão que você me dá quando fala assim de Juscelino Kubtechk, parece que Juscelino acreditava no brasileiro, né?
16. Muito...muito...muito. Uma fé no brasileiro. Foi um visionário. Ninguém queria saber, pelo custo ninguém queria saber de fazer Brasília, mas a visão dele já imaginou hoje no Rio, no Catete, o Distrito Federal? Então mudou o DF para brasileiro com acomodações úteis está aquela beleza...Hoje Brasília está como curiosidade turística. Todo mundo quer conhece Brasília..
17. Pela arquitetura, não é?
18. Pela arquitetura, pelo espaço dela...
19. Muito interessante isto que disse. Você nasceu onde, no Rio? Você viveu no Rio não.
20. Vivi
21. Mas, você nasceu lá, não?
22. Não. Nasci em Serra Negra.
23. Ah, você e paulista.
24. É. Ai, numa destas, ninguém acreditou...mas o brasileiro é assim, só acredita depois que acontece....Imaginar o Rio hoje com aquela pobreza, a capital mundial da violência, segundo dizem. O é Rio de Janeiro onde está o quartel general da máfia Ela é uma organização... eles são muito bem organizados, é uma máquina.... e ai tudo ficou no domínio da máfia e quando um cara sai da linha ele é morto a machadada. O *cappo* Maior – Carmino Galante – foi picado a machadinha. Veja bem o *cappo* maior...
25. Esta era a lei da Máfia?
26. A lei. Eu praticamente eu li muito sobre isto. A máfia tem uma organização que é uma máquina perfeita . Agora o cara saiu da coisa, paga com a vida. Então eles vivem da disciplina e do rigor da organização que não obstante os membros da máfia saberem que se eles fizerem alguma fora da orientação da máfia eles pagam com a vida, mesmo assim tá aí ela. Eu achava – até eu li, gostei muito de ler a vida deste homens - Al Coppone, esses bandidos. Ele foi – todos eles – gênio. Gênio é força de expressão. Mas geniais...genais. Então tomaram conta e fizeram aquele quadrilha, na época da lei seca, derrubaram aquela lei que fui uma estupidez daqueles religiosos fanáticos. A gente respeita todas as religiões, mas estes crentes foram fazer um negócio deste foi um desastre. E nós sabemos bem o que aconteceu né...
27. Você esta falando da Lei Seca americana, né?
28. É
29. Foi em que época, você se lembra?
30. Lá por vinte ou trinta...Eu tenho até os livros do Alcapone...Então eu achava que no Brasil, e agora, se você ve a televisão – O Jornal Nacional - não há uma vez que não cite algum desfalque em algum lugar que está submetido a CPI . Toda a vez que se diz que é um país de ladrões – e é mesmo – desonestos . O Fernando Henrique tá endireitando – mas ele não tem espaço - - também é um cara genial também . Ele não tem espaço. – agora aqueles que ele não confia ele reservou um grande verba para a pobreza e fazendo a reforma agrária – também muito inteligente – conhecendo perfeitamente o país que ele governa. Então criou uma verba num determinado – em diversas cidades do Brasil – inclusive no Estado de São Paulo – para a agricultura. Então o cara se quisesse algum dinheiro para tocar sua roça ele tinha. Era só – quando chegava o dinheiro no Branco - ele ir lá documentado para ele ter o crédito dele. E já houve uma advertência ai, aconselhando não utilizar o intermediário. Não dê dinheiro para ninguém por que este dinheiro está lá, é de cada um e é um dinheiro sagrado por ele vai aplicar na rocinha dele...Então os malandros, sabiam que o dinheiro estava lá, chegava para o cara e dizia: “eu

conheço um negócio lá só me dar autorização” Ai as pessoas caíam. .. E nesta programação – na Hora do Brasil – eles faziam uma advertência “Não dê dinheiro para ninguém por que não tem intermediário é só a pessoas levar e identificar e o dinheiro estava liberado”. Lá na alta cúpula , estão sabendo que iam tirar dinheiro – o malandro – e começou fazer também pra pobreza. Mandava uma verba para alimentos para a regiões bem mais pobre do país , em diversos estados – no Brasil inteiro – e estes alimentos sumiam. Os caras estavam morrendo de fome lá e iam continuar morrendo por que passavam a mão neste dinheiro sagrado. Uma vez no Jornal do Brasil, aparece uma coisa que houve roubo...

31. Julio, você está contando uma coisa que a gente tem visto todo dia, na televisão, a questão dos roubos , dos desvios, etc... Quando você nasceu há oitenta anos atrás, as coisas aqui no interior de São Paulo eram diferentes? Como eram?

32. Para se ter uma idéia, no tempo que a gente era... Dizem que a gente é saudosista. Claro que sou saudosista! Um tempo igual aquele que se deixava o carro aberto e com a chave no contato. Quer um mundo melhor do que este? Era assim né. Havia uma coisa interessantíssima: as pessoas quando estavam na cozinha e faltava alguma coisa elas iam lá vizinha, já sabia onde era a dispensa, entrava e tirava o material que ele precisava.... Isto era a solidariedade humana ...

33. As casa eram abertas..

34. Totalmente. E não havia necessidade de fechar . Não se ouvia de ladrão. O ladrão, de antigamente - ladrão vem desde a instituição bíblica - desde quando começou o mundo né, então tudo aquilo que aconteceu no Gólgota foi uma coisa , uma mensagem exata para o mundo e uma análise já feita do mundo do jeito que está e do jeito que irá se não mudar a conduta. Então o sossego que não tem era sempre grande. Havia também o ladrão, mas o ladrão de cavalo. Hoje é ladrão de bicicleta, de moto, de carro, estas coisas...

35. Mudou o cavalo...

36. Naquele tempo era cavalo. Eles roubavam cavalo e ia vender noutra lugar. Tinha estes ladrões . Então, geralmente de boas famílias. Por que há pouco tempo atrás usava-se o pré nome composto de dois próprios. Eu sou José Julio ...Era comum, naquele tempo. Então nas famílias – não precisava ser rico – dificilmente aparecia um cara só com nome. Todos tinham nomes compostos. Então estes ladrões tinha o nome das famílias – toda família tem um ovelha negra – Esse era a ovelha negra

37. Você me disse que nasceu em 1918, aqui no interior de São Paulo, em...

38. Serra Negra.

39. Você se lembra um pouco de Serra Negra, da sua infância, de seus pais de sua vida tranqüila em Serra Negra.. . como foi isto?

40. Eu fui criado em berço de ouro.

41. Descende de uma família de posse?

42. De posse! Meu pai tinha cartório lá e era jornalista. Fundou o Serrano – jornal de lá. Eu tinha um cavalo - meu pai me deu um cavalo – que chamava Soberano e um empregado lá de casa , chamava-se Carolino. Então o Carolino tinha, além das outras coisas que tinha para fazer, que me levar a passear no cavalo...

43. Você era pequenino não andava ainda sozinho, né?

44. Não. O cavalo era muito bonito. E eu era pequeno e ele ia junto. Meu pai mandava para ter cuidado. Garoto já quer galopar...E ele ia como o anjo da guarda da gente, o Carolino. Ai, que não sei bem o que aconteceu – o papai não falou e agente não perguntava – nós viemos para Campinas por causa dos filhos. Lá não tinha colégios bons ... nós viemos então par estudar. E eu cheguei com 6 anos aqui em Campinas, no tempo de entrar no currículo educativo . Cheguei no tempo da matrícula.. Então ganhei um ano por ter nascido em janeiro...

45. Quando você disse que você veio, você e seus irmãos? Você tem mais irmãos?
46. Sete irmãos. Todos vieram para cá para estudar, né. Tenho 5 irmãs falecidas, professoras. Uma ainda é viva tá de cadeira de rodas..
47. Mora onde?
48. Aqui, em Campinas. A gente se vê quando o filho dela faz um almoço na casa dele e mãe tá lá então ele sempre me convida... agente sempre usa este final de vida dela, vamos ser realista...
49. Ele é mais velha que você?
50. Não. Ela é a caçula. Quando ele nasceu e já estava na ginásio. Então ela é minha filha e minha irmã... Eu cuidei dela, deste pequenina, levava no parquinho, e tal, aquela coisa toda.. Ela ficou assim... na formatura dela eu fui padrinho e hoje ela está assim....
51. E aí você veio para cá com seus irmãos e seus pais?
52. - Aqui estudei no Culto à Ciência...Naquele tempo o Culto à Ciência os estudante, quando colavam grau, eles tinha emprego garantido. Para mim quando estava no quarto ano, veio um emprego na Castellões – Uma companhia de cigarro – eu tava com o lugar garantido....A educação era severa e os professores competentes..
- 52 - Aqui estudei no Culto à Ciência...Naquele tempo o Culto à Ciência os estudante, quando colavam grau, eles tinha emprego garantido. Para mim quando estava no quarto ano, veio um emprego na Castellões – Uma companhia de cigarro – eu tava com o lugar garantido....A educação era severa e os professores competentes..
53. Era muito severa a educação na época?
54. Era. Não muito. Era severa. No primário, era o tempo ainda de bater no aluno.. de castigar. No primeiro ano primário, uma das professoras fez de cartolina uma orelha de burro e uma língua. Bem, feito, de cartolina. Então o aluno falava muito ela dava a língua. Ele ficava com a língua lá para quando o diretor entrasse. Quando não entendia a coisa ele punha a orelha de burro.
55. Eu pensei que isto era história?
56. Não.
57. E como os colegas reagiam?
58. Rindo, debochando né...Eu por exemplo eu peguei não só a língua como a orelha. Um dia eu peguei língua e orelha, ao mesmo tempo.
59. Que você andou fazendo, Julio?
60. Coisas de crianças... menino de 6 anos de idade o que pode ser? E elas incompreensíveis. E havia uma que tinha sinais de bexiga, complexada, brava. E ela levava um ponteiro, grande, parecia um taco de bilhar e ela ia mostrando a lousa...e às vezes ela batia com aquilo na cabeça e pior... as vezes ela quebrava aquilo na cabeça. Ajoelhei no milho.
61. Os pais sabiam?
62. Sabiam.
63. E não se importavam não?
64. Fazer o quê? Com isto não podiam nem mexer. Era a autoridade máxima de educação. Então ficou deste jeito. E eu para poder cair no agrado desta dona Ondina...aquela que tinha marcas de bexiga Era uma fera né....Eu queria mesmo um atençãozinha, um afeto, né?. Eu gostava muito de broa e antigamente tinha umas broas grandes assim, hoje acho que ainda tem, broa de milho eu gostava daquela broa e comprova sempre uma pra mim. Naquela ocasião comprei duas. Uma pra dar para ela. Tava embrulhadinha num papel, e ela: “deixa aí!”. Não agradeceu, nem nada. No final da aula, quando terminou a aula ela saiu na frente e eu passei olhei a cesta de lixo a broa tava lá. Foi um choque. Eu chorei, senti aquilo... Poxa a vida! Não queria mais ir à escola.
65. Por que a iniciativa tinha sido sua, né? Você é que teve a iniciativa de comprar com seu dinheiro, né?

66. **Eu queria conseguir um pouco da atenção dela.** Ai em vim embora, terminou o quarto ano, fizemos uma festividade e por que tinha uma pirâmide humana. Eu era magrinho, tanto é que nas competições de remo, no Rio era patrão de auto remo. Qualquer canoa eu fui patrão..
67. É aquele cada que fica sentado lá na ponta do barco?
68. É.
69. Dirigindo, né?
70. É. Gritando com o cara, para fazer equilibrar as remadas.
71. É aquele cara que nas competições, nas olimpíadas fica sentado lá na pontinha.
72. Exatamente!
73. Ele fica de frente, não sei se fica de frente ou de costas...
74. Fica de frente para eles... os remadores para poder ver o andamento do barco. O que podia São Paulo no Tieté, quantas vezes havia muito competições de remo. Mas o Tieté era outra coisa.
75. Pera ai. Me conta.. isto eu quero saber legal, para ai...Esta questão do remo é em São Paulo. Depois você volta aqui..
76. Volto, sim.
77. Então conta para mim.
78. Ai eu fui em São Paulo e as canoas, os barcos que era o patrão eu não perdia uma.
79. Você disse que fazia no Tieté?
80. Quando o Tieté dava para beber água e pescar.
81. Ali na Marginal, hoje?
82. To dizendo!
83. Incrível!
84. É uma coisa impressionante. Digno mesmo de ser historiado.
85. Tem um clube ali perto. O Tietê não é ali perto?
86. Tem. Era ali que ficava. Eu fui militante do Tietê. Aqui do Regatas eu sou sócio remido.
87. Regatas também tinha...
88. Remo? Tinha no Atibaia. Ali perto de Souza. Souzas mesmo. Então eu me destaquei a tal ponto que uma das olimpíadas, não me lembro bem qual, eu fui convidado. Já estava com o lugar acertado para ser o patrão do barco que ia disputar a olimpíada. Ai meu pai não deixou. Não consentiu que eu fosse. Ai, perdi esta chance. E eu gostava também do que a minha equipe já era educada com a gente..
89. E você como se interessou pelo remo?
90. Acidentalmente. Faltava gente para ficar patrão quando saia de exercício . Todo Domingo eles faziam exercício e o barco saia da garagem para eles... Então não tinha que ficasse. Eu mesmo não quis. Eu tinha medo de patroar. Tinha medo por que ..
91. Não deve ser uma coisa fácil não....Deve ser complicada.
92. Não é fácil, mas também não é difícil. A gente tem que conhecer os remos de cada um. Então quando a gente via que o barco estava afastando em determinado trecho ali a gente vem qual é a posição , nome científico da coisa... ali tem acertar as remadas...A gente gritava, mais forte, mais forte ai.... : agora manera, não sai desta! Olhando de lado lá e o barco ia...No Tietê, eu nadei muito bem e nadava de peito, em piscina, então fui campeão do estado durante 5 anos...Não caiu....pelo clube Regatas e pelo Tietê. Campinas só tinha este. Eu não sei se tinha mais algum. E o meu recorde, de 200 metros, 3, 16. Me lembro até hoje meu tempo. Hoje qualquer menininha faz este tempo. E depois de 5 anos, apareceu um cara lá e tomou o título. Então parti lá para outras atividades inclusive bola ao cesto. Tem um clube aqui dentro do Regatas. Ai veio a Marinha, foi desenvolvida dentro ...por que estava achando que estava havendo um clube dentro do outro clube. E de fato num perdíamos de ninguém...

93. Isto causou inveja né?
94. É. E eu na minha vida...gozado... eu sai sempre campeão, especialista, só num bom lugar...Eu parei com 18 anos. Quando eu o braço. Eu cai na bola ao cesto, no campeonato estudantil, quadra de cimento. Numa bola alta eu jogava... o cara abaixou me fez um cama de gato eu cai. Ai fraturei o braço. Parei né. Parei, mas quem é que para? Naquele tempo fizeram coisa de papelão para entalar o braço. E eu ia com uma mão só a clube e jogava também, fui muito feliz nisto. Fui cestinha. Fui muito feliz na feitura da cesta lá. Meu nome era bola ao cesto. Antigamente. Hoje, é basquete, né? E ia lá na quadra mexer com bola né. E fui desenvolvendo de tal maneira que fui mal que fiquei ruim e o diagnóstico do ortopedista era que eu devia cortar o braço. Com 18 anos e uma dessa! Falei para meu pai. Pai eu não fazer isto não. Ele não disse nem a nem b. Senti também mas não disse nem a nem b. O problema era meu. Respeitava tanto nós. Então fui levando, até que Deus me deu uma pessoa que a ele devo estes dois braços. Professor de Educação Física . Tinha uma chapa de Raio X e ele era professor de Educação Física. Eu ia diariamente lá, por quase dois anos, fazer a massagem. Colocava meu braço nas axilas dele e ele me levantava assim para esticar. Que dor horrível. ..
95. Ele fazia com você o que os fisioterapeutas fazem hoje, né?
96. É. Aquele ..ele sabia usar... E este homem, um jogador de futebol aqui do Guarani, tal de Nene, naquele tempo *center four*, ele tava com diagnóstico de lesão no menisco. Naquela ocasião, um médico daqui foi para a França, justamente fazer um curso de dado sobre menisco. Ai eles aqui operaram o Nene, era o menisco. Quando este médico retornou ao país ele viu o caso do Nene e disse...”eu fui para França, mas eu queria saber quem é que fez esta diagnóstico e mandou fazer a cirurgia? “... E pegou o menisco do Nene que tava num vidrinho e ele ficou espantado... Tive vontade há tempo ressuscitar esta história dele não Rádio, mas
97. Qual era o nome dele?
98. Alceste Comucci.
99. Era um professor de Educação Física?
100. Era.
101. Era um pouco mais velho que você?
102. Era...
103. Deve ter nascido lá pelo ano 1900, 1901.
104. Por ai. Era massagista do Guarani e de outros clubes. Conheci ele acidentalmente por que quando eu ia cortar o braço papai foi conversar com ele. Ai ele olhou aquilo e falou para fazer assim, assim. Levei dois anos...Depois carregando tijolo, fazendo exercício.
105. E seu pai aqui, continuava no Cartório..?
106. Meu pai aqui foi fiscal num posto de expurgo de café e jornalista. Escreveu no Diário do Povo, com dois pseudônimos: Eduardo Penna e Rui Tiberê.
107. Bom retornando aqui, com o trabalho do Alceste você pode recuperar seus braços de novo, né.?
108. É. Fora o que eu assisti.
109. De certa forma, se as pessoas não se lembram do Alceste, mais né, vai ficar este depoimento ai. Pouquíssima gente hoje sabe...
110. Eu tive vontade de ir a rádio para dar esta passagem Ela não podia ser esquecida.
111. E você tentou?
112. Não. Foi há pouco tempo. A gente não tem jeito de ir né. Eu não tenho mobilidade.
113. Eu posso mais tarde passar um e.mail para o pessoal que trabalha com esporte – e.mail é um correio eletrônico via computador – e dizer que tem uma pessoa aqui do Lar dos Velinhos que conhece a história do Alceste, e tal....

114. Do Nenê. Por que eles fizeram uma reportagem sobre o Nenê.
115. Nesta história do Nenê, eles falaram alguma coisa do Alceste?
116. Não. Ai que tá, não.
117. Nenê é vivo ainda?
118. Não. Faleceu faz tempo. Era um jogador famoso, goleador, *center four*.
119. Na época em que se jogava futebol direito né?
120. Ah, naquele tempo era futebol.
121. Julio desculpe eu estar interrompendo ai, mas eu estou achando a conversar assim super legal, entendeu. Você sabe que você tem um papo delicioso, as suas histórias...
122. Obrigado.
123. Retorna aqui para mim .. você estava terminando de me dizer lá do primário. Quando terminou o primário, teve um festinha e que ai vocês foram fazer um pirâmide humana e que você que era magrinho você entrou ... me conta lá o que houve. O que aconteceu?
124. Eu subi. Eu fui encarregado de pisar no ultimo cara e com dois galhos de café cruzar assim. E a pirâmide eram formada um pisando no outro e tal... e ai ela foi abrindo e desamanchou e eu vim direto né, e veio um cara que estava na base – chamava-se Aimoré – e esta com a mão assim. Um cara desceu e pisou na mão dele com a queda, saiu a tripinha e voltou para dentro tudo cheio de terra. Ai tratou depois ...
125. Saiu a tripinha o que? Saiu o nervo?
126. Acho que é o nervo...E ficou esta festa que foi fotografada e tudo, um fiasco. Acho que a gente estragou com o divertimento.
127. Mas o pessoal de ter se divertido muito. Deve ter rido á beça...
128. Muito...claro e principalmente o Monsenhor Loschi.
129. Você conheceu o Monsenhor Loschi? Ele é famoso né?
130. É . Conheci sim. Eu fui escoteiro católico. Ajudava na missa quando era ainda de latim. Eu como escoteiro era sacristão né. E católico apostólico romano, batismo, primeira comunhão na igreja católica. Eu tenho duas tias freiras e minha mãe era irmã do santíssimo. E como escoteiro católico, depois mariano, que é já um adulto, dentro da igreja católica eu fui subindo de posto... até que a vida mudou o destino da gente né...Quem conhece esta bagagem me permitiu entrar na faculdade...Havia um preconceito muito forte entre católicos e protestantes...Então só aceitavam alunos documentados que eram católicos mesmos.
131. Na Universidade?
132. Quando começou era assim. Um rigor tremendo.
133. Na PUC de Campinas? Então eles só aceitavam católicos?
134. Só. E eu, escoteiro católico, mariano, tia freira, mãe irmã do santíssimo tinha uma bagagem que ninguém tinha igualo a mim. Entrei na Faculdade.
135. Então assim que você terminou seu curso Científico você entrou na Faculdade.
136. Sim. Tudo em Campinas. Ai foi. Tive informação das cadeiras que eles tinham. Queria estudar psicologia. E um dava uma aula outro dava outra e eu ia a todas. Mas nenhum era especialista da matéria. Nenhum padre. Enrolava lá, tal e coisa. E a gente já percebia as coisas.
137. Afinal de contas você não era bobo, né?
138. E era no tempo quem lia Freud estava excomungado pela Igreja. O padre no púpilto dizia que Freud era uma devasso, um louco ...ela falava assim: imagine você matar seu pai – Por que o Freud mandava matar o pai....
139. Não mandava matar o pai, ele dizia que era simbólico a morte do pai.

140. É. Mas este matar o pai é a bengala, o apoio que se tinha para superar o pai. E eles não entenderam . E nós fomos...na casa de um médico que tinha um clinica aqui, na casa dele a gente ia ler o Freud. Ele era médico psiquiatra. A noite. A gente passava a noite...
141. Escondido?
142. Ah! Enrolado num pano a coleção de Freud....
143. Olha eu jamais, se você não me dissesse isto, jamais eu ia achar, eu ia pensar que as pessoas que tinham que ler Freud escondido.
144. Crime!
145. Crime para a Igreja só. Para o estado não tinha problema, né?
146. É. Podia ser excomungado. Ela a glória do quem se metia a falar em público do Freud.
147. Mas era rígido assim?
148. Era uma coisa impressionante. E como a gente ia cursar alguma coisa neste tempo? Então eu fiquei cinco anos lá. Recebi o título de acadêmico honorário...Um diploma também. Eu lá dentro fui fundador do teatro universitário , teatro de estudantes, eu lidei com isto. E na Faculdade o cara lá cismou de fazer um teatro já pulando lá em cima: o Édipo Rei. Imagine aquele apanhado da Grécia Antiga, o coral que tinha que Ter...O Teatro do Estudantes também cismaram de leva a Escapina de Molière.
149. Eram peças críticas, né? Edipo é clássica e Molière faz ainda faz um crítica severa a toda sociedade...e não tinha problema de apresentar lá na PUC?
150. Ia para o teatro Municipal! Lotava o Municipal. Pareci que era um... fizeram lá. Havia dois grupos de teatro. Um dos estudantes e outro dos universitários. Eu tava lá no meio disto.
151. Você foi um cara que teve uma vida muita ativa enquanto jovem estudante, né?
152. Não tinha tempo para nada. Assim eu fiquei trabalhando lá. Colégio de Religiões outras ia fazer um teatrinho entre eles lá para arranjar um dinheirinho na hora da exibição. Eu ira lá, dirigia, acertava tudo, tudo de graça, tava ocupado com o teatro dia e noite. Fazia para ajudar aquelas organizações... foi assim, até quechegou o momento de parar e ai eu não segui a carreira de teatro não de medo de passar fome. Naquele tempo, era complicado. Ficou tudo no passado não tem ninguém que viu para contar isto ainda e ai ficou esquecido, né. Para que lembrar um negócio deste? O Valor queeu tenho um auto conhecimento. Tenho prudência em entrar dentro de um território sem conhecer, pelo menos uma informaçãozinha devo ter...e
153. Você tem prudência, mas não tem medo.
154. Medo não... tem que ter a prudência né. O Escapino foi feita uma análise do guarda roupa da época e Molière foi amigo de um compositor chamado Lilly e diziam que ouvir a música de Lilly era mesma coisa que ver a peça de Molère. E vice-versa. Vendo a peça de Molière, a gente ouvia a música do Lilly, tal a amizade entre os dois e afinidade. E este disco veio de Paris para cá. Pus este disco para tocar na peça...
155. Como se chama este músico? Você sabe com escreve o nome dele?
156. Chamava-se Lilly, mas não sei como escreve .
157. Mas era um compositor contemporâneo de Molière.
158. De Molière. Amicíssimo de Molière. Vivam juntos, conviveram juntos...
159. Você aprendeu Francês na época?
160. Só “ mon père” “ ma mère” (muita tosse)
161. Você está com a boca seca? Quer parar um pouco?
162. Não.
163. Mas não temos que parar daqui a pouco por causa de seu almoço. Seu almoço é as onze e meia?
164. (tosse)...É. Mas pode ir até meio dia. Dá, chegou atrasado, tem comida até o meio dia.

165. Não. Vamos fazer o seguinte. Para não cansar muito você, eu sugiro que a gente dê uma parada, são onze e dez - o tempo passa né? - e a gente continua a história - a sua história. Engraçado Julio que eu convivi com você aqui uns seis meses, toda terça feira a gente vinha e sentava, conversa no grupo como um todo. Mas eu não sabia que sua história é tão rica assim...
166. Acha?
167. Eu acho. Nossa Mãe! Você imagina no início do século você trabalhando coisa intelectuais, dirigindo um grupo de estudo, grupo de teatro, ajudando as pessoas, nadando, sendo um esportista, vencendo as dificuldades, né do seu braço quase você fica sem ele, escondendo lá do padre que você lia Freud lá com o pessoal - como se Freud fosse um ladrão safado, não é?. Já deu um parada e pensou na riqueza da sua história? Acho assim muito, muito legal, estou assim encantado...
168. Obrigado.
169. Eu gostaria da gente continuar ela devagar, falando sobre detalhes, por exemplo, esta questão do massagista... a gente resgatar a memória dele...
170. É um favor, um dever que você faz...
171. De resgatar a questão do Freud que a maioria dos psiquiatras, psicólogos, dos psicanalistas - eu não sou criança, tenho 54 anos - jamais poderia imaginar que o padre brigavam no púlpito...
172. Excomungando...
173. Excomungando?
174. ... e não permitiam que os estudantes universitários pudessem ler isto. Ai daquele que fizesse isto!
175. Isto não está escrito em lugar nenhum. Então, está na memória de pessoas como você e se você ver bem as pessoas que estão hoje na faixa de sua idade, - oitenta e poucos, noventa - nem todos, ou a grande maioria, não tiveram a oportunidade que você teve de estudar como você estudou.
176. É ...E depois cheguei ...eu queria terminar. Tinha uma moça muito bonita, hoje avó, avó, e ela tava magrinha, magrinha, e pai dela achava que, como ela. Eu estava na psicologia e ele achava que eu podia fazer alguma coisa pela filha dele. Ai eu, primeira coisa que eu fiz, usei o bom senso. Pedi os exames ...resultado. O exame deu dela deu ameba. Então tratou da ameba e ficou um moça bonita. Casou bem e tudo...
177. Não precisa de psicólogo...
178. Não.
179. Eu eu fiquei com um cartaz ! Precisava andar correndo dos outros.
180. Ela é vida ainda?
181. Não sei.
182. Sabe de uma coisa que gostaria que você me falasse depois? Você também viveu neste período da revolução constitucionalista de 32?
183. Foi. Entregava de bicicleta a correspondência.
184. Depois eu queria ouvir um pouco sobre esta questão.
185. Tinha 14 anos na ocasião...Já mocinho...
186. Era um menino. Já usava calças compridas?
187. Não. Ainda não.
188. Esta história também que eu gostaria de falar um pouquinho, essas coisas que as pessoas de hoje não sabem. Eu ainda cheguei a usar... A questão da calça comprida. O que isto significava esta transição.
189. No homem, né?
190. No homem. Num determinado momento antes de você receber a primeira calça comprida.
191. Mudava de infância para adulto.

192. Vamos então dar um parada aqui por causa do tempo e eu vou falar com a Regina ali para ver se nós podemos marcar para a fuinta-feira.
193. dia que você quiser. Desculpe-me chamar de você.
194. Não.... Mas é de você mesmo. Eu prefiro que você me chame de você , pois apesar de todo o respeito que tenho eu também não quero chamar você de senhor. Prefiro chamar de de você, por que...Não cabe mais...
195. Primeiro por que não sou tão criança assim, depois que sua história de vida, pela forma que você toca as coisas.
196. Não cabe mais..
197. Julio fui super legal encontrar com você de novo, ver você ai firme e forte..
198. Obrigado.
199. Muito obrigado. Eu vou desligar.
200. Não por isto...

Segunda entrevista

201. Julio bom dia. Legal você estar aqui... Espero que você esteja gostando do Guaraná ⁵.
202. Tá ótimo.
203. Vou servir mais um pouquinho para você...
204. Grande idéia.
205. Já que não dá para bebermos uma cerveja, bebemos um guaraná.
206. Lógico. Uma cerveja e um guaraná, não tem nada que substitua. Eu não sabia que tinha pequenino assim.
207. Você tem armário para guardar?
208. Tenho uma armário que não cabe quase nada.
209. Seu eu trazer algumas garrafinhas para você pode guardar lá, não pode?
210. Eu posso pedir para deixar na geladeira e amanhã a gente toma.
211. Não eu trago fechada. Este você pode levar. Depois trago umas duas ou três fechadinhas para você e você guarda lá. Quando você tiver com vontade você bebe.
212. Tá bom. Obrigado.
213. Julio, você estava me contado, né, como você estudou, onde você estudou, depois foi para PUC, onde você fez o curso universitário, lia Freud escondido dos padres. E Depois, fomos conversando e tocando as coisa e você acabou tocando da idéia da revolução de 32. Naquela época você disse que era garoto ainda de calça curta, e ai eu levantei a questão, você disse que entregava, de bicicleta os telegramas. Você quer falar um pouco sobre isto. Este seu período de adolescência...
214. Ai eu me lembro bem. Era menino. Tinha 14 anos. Eu estava no ginásio, no Culto à Ciência - foi indo até quando cheguei no quarto ano eu tinha um lugar garantido. Este Ginásio foi famoso, a direção de categoria, todos doutores né, e então quando chegava na quarta série vinha gente de fora e convidava para trabalhar com eles. E a mim, eu tava no quarto ano, veio um cara da Cia de Cigarros Castelões. Eu trabalhei nesta companhia, no escritório.
- 214 . Ai eu me lembro bem. Era menino. Tinha 14 anos. Eu estava no ginásio, no Culto à Ciência - foi indo até quando cheguei no quarto ano eu tinha um lugar garantido. Este Ginásio foi famoso, a direção de categoria, todos doutores né, e então quando chegava na quarta série vinha

⁵ Trouxe um guaraná para bebermos durante a entrevista e algumas latinhas para ele levar para seu quarto.

gente de fora e convidava para trabalhar com eles. E a mim, eu tava no quarto ano, veio um cara da Cia de Cigarros Castelões. Eu trabalhei nesta companhia, no escritório.

215. Como era o trabalho? Muito puxado, muito rigoroso?

216. Bastante. Tinha muito serviço . A gente não tinha tempo.Mal dava para ir ao banheiro...

217. Era muito rígido o controle das chefias? Como era?

218. Americanos. Ele queriam tudo ali em ordem. E funcionava bem. Eu fiquei até o encerramento das atividades desta Companhia. Ela fechou. Fui indenizado. Todos nós! E eu ainda ganhei um relógio. Bonito do relóginho dela. De bolso. Naquele tempo, eu não tinha noção de ... não tinha relógio de pulso. Então eu ganhei um relógio de bolso, Ômega. Um relógio bom....

219. Isto por volta de 1940...

220. Ai veio a guerra. Eu já estava com a idade de... Já tinha feito o tiro de guerra. E eu fui convocado, eu e todos os colegas, a ficar na reserva para seguir para a guerra . então fiquei aquartelado em Itaúna, aqui no Estado de São Paulo, onde tem um regimento. Fiquei lá eu e os outros que fizeram o tiro, né. Com o maior medo. Sofri o que você não pode imaginar.

221. Você não queria ir.

222. Eu não. Matar quem? Não conhecia ninguém daqueles... e para que matar? Deixar apenas órfãos! E acabou a guerra porque eles sabiam que eu ia, ai disseram: o Julio vem ai é melhor parar. (risos...) E parou.

223. Vem a bomba atômica do Julio...(risos)Todos tinha medo ou era só você? Você conversavam entre vocês sobre o medo...

224. Os que faziam tiro de guerra, e mesmo o que serviam o exército, eles também não estão preparados . O homem brasileiro não é preparado para isto. E nunca será..

225. Ainda bem, né.?

226. Ainda bem! Daí acabou a guerra e tal. Toda aquela situação difícil, para todo mundo, para todos os lares. Havia dificuldade alimento, alimentos sumiram para os caras elevarem o preço. Aquela malandragem que é o comércio né. Ai passou a fase. Quando eu terminei o ginásio, não havia esta possibilidade de Faculdade né. E faculdade, aquilo que eu já relatei, e aquele preconceito de religião, onde não admitia protestantes. Então tinha que ter um currículo. Eu fui na minha infância da Liga de Menino Jesus e sacristão, de ajudar a missa. Fui escoteiro católico, depois mariano. Lá em casa, mamãe irmã do santíssimo, duas tias freiras e papai morreu como secretário da São Vicente de Paulo. Então o meu (currículo) estava em primeira lugar de cartaz com provas para poder entrar. O resto, tinha que comprovar né. E fui indo aquela mistura de aulas. Os professores que não eram do ramo, quebravam o galho, iam numa sala lá e dava uma aula lá ...um papo.. ia para outra as vezes os mesmo padre. Faltava professores né e era sempre por intermédio deles . E nenhum deles que eu me lembre tinham se especializado naquela cadeira né. Aí a situação. Com o tempo eu fui, fiz o teatro Universitário, fui um dos fundadores, já vinha com uma bagagem dos teatro dos estudantes, já com o clássico Édipo Rei, levado até ao Teatro Municipal.Naquele tempo era Faculdade e não universidade. Pelo que me consta, eu não tenho certeza, este prefeito Chico Amaral fez direito lá. E saiu para fazer outra Faculdade, pois lá não dava. Era ruim. Depois fizeram um movimento e a raiz cresceu e virou isto...uma boa universidade,

227. E hoje é um boa universidade, não é? Hoje a PUC de Campinas é uma boa universidade..

228. Respeitável.

229. É Respeitável. O curso de Direito é muito bom.

230. Todos.

231. Quando você terminou seu curso universitário. Voltando aqui um pouquinho. Quando você terminou seu ginásio você recebeu a proposta de trabalhar na Castelões. E trabalhou lá na Castelões, por quantos anos?
232. Antes de me formar. Três anos.
233. E você continuou estudando enquanto trabalhava?
233. E você continuou estudando enquanto trabalhava?
234. Lia muito. ..Fiz o curso científico parte trabalhando e parte só estudando. A Castelões permitia que agente assistisse aulas diurnas. Eles cuidavam de preparar o pessoal.
235. O rigor de que você fala no trabalho lá no escritório da Castelões, ele te lembrava alguma coisa. Tinha a ver alguma coisa com o rigor com que os professores tratavam os alunos? O rigor de que você fala no trabalho lá no escritório da Castelões, ele te lembrava alguma coisa. Tinha a ver alguma coisa com o rigor com que os professores tratavam os alunos
236. Não. Não. As vezes eram muitos fechados, os chefes da Castelões. A gente acostumou com isto. Lá na Faculdade era diferença do dia para noite...
237. Mas eu estou falando enquanto você estavam fazendo o ginásio, o científico. Os professores não eram rigorosos com você?
238. Eram. Mas não com aquela... Não havia ainda organizado as disciplinas. Então ficou estilo variado. Eu fiz tudo quanto era curso que tinha lá...
239. Mas isto na Faculdade.
240. É.
241. Eu to falando no ginásio e no científico. Os professores eram muito rigorosos tinha que fazer exercícios, dever, tinha castigos,, tinha.... Como era?
242. Tinha tudo isto. Era rigoroso né. Mas, não aquela coisa férrea... No primário era mais. Castigos eu tive no primário, conforme já citei, varadas, orelhas de burro, lingua... Mas depois disto não lá, felizmente, não teve nada disto.
243. Mas tinha obediência, horário, respeito....
244. Ah, isto tinha. Eram rigorosos nisto. Não podia deixar de trazer o trabalho que era para fazer em casa, se não eles dobravam do dever e tinha que trazer dois. Um já era meio pesado, dois então... um castigo.
245. quem que você acha que era mais controlador. La na Castelões ou no Culto à Ciência?
245. Quem que você acha que era mais controlador. La na Castelões ou no Culto à Ciência?
246. No Culto à Ciência.
247. Era mais controlador?
248. Muito mais. Muito mais contraladores.
249. Interessante... Bom..
250. Então veio a guerra e a gente acabou....
251. Julio, desculpe-me, mas antes da guerra, você fez sua universidade, ganhou seu diploma, lá você militou, fez teatro, lia muito... Neste período você trabalhava?
252. Não. Meu pai me mantinha. Depois quando me formei fui trabalhar. Ganhar o pão nosso de cada dia. Ai eu entrei – prestei exame para a companhia – Paulista de Estrada de Ferro e trabalhei lá no escritório também. Foi um Companhia de primeiro mundo que não sei como foram deixar acabar. Trem Azul. Chamavam o Trem Azul. Eram estradas do primeiro mundo. Bem dirigidas. O tráfico de engenheiros ali era ...coisa de primeiro mundo. O trem azul era um trem que ... A diferença da segunda para a primeira era muito pouca. Confortável os carros de segunda. A primeira então já era melhor. Cadeiras giratórias para ver a paisagem naquela quadrão do vidro. Ai a gente chamava o garçon por campanha... Nada de Psiu, ou isto e aquilo quando o cara ia passando. Era Campanha. Eu gostava de tomar um cerveja viajando. Eu fiz muitas vezes a viagem

única e exclusivamente para pensar. Fiz Campinas a São Paulo. De São Paulo a Barretos. Era o fim da viagem. Então dava tempo para eu almoçar, no restaurante, com muito boa comida. Um troço inacreditável, um crime que eles fizeram...acabaram... incompetência

253. Ou safadeza.

254. Também pode ser. O que mais leva a pensar é isto. Venderam-se os vagões... Continua como hoje. Não mudou nada... os larápios. Trabalhei lá uns três anos. Naquela época não tinha telefone, não tinha nada. O Telegrama quando chegava era uma choradeira. O telegrama era para comunicar morte. Era um tal de ...quantas vezes vi uma mulher chorando e eu com o telegrama para entregar. Era assim. E fora a vizinhança A gente tocava a companhia e sabia que era o mensageiro, tinha um bonezinho, um farda né, paletó azul marinho...já sabiam que a gente era o entregador...

255. Isto você esta falando durante a guerra, né?

256. Não. Depois da guerra. Lá na..

257. Ai eu não entendi. Você foi entregador também, mas você me disse que era menino.

258. Fui até... não. Depois ...eu fui trabalhar na Cia Paulista. Fiquei até o inicio da decadência, né. Ai fecharam, eu fiquei em São Paulo, em diversos empregos. Num deles, fui gerente de vendas da editora delta. O meu acanhamento, a minha personalidade não dava para ser vendedor, né, e eu não vendia nem maconha para viciado....risos...

259. Engraçado, você vinha me contado isto e sempre achava que você era um cara esperto, conversador, você foi diretor de teatro. Você era tímido era?

260. Para vender? Era. Mas consegui, indo, indo...Fiz carreira, fiquei chefe. Virei chefe de vendas. Ai passei, superei esta fase fui à chefia, o gerente reconheceu meu trabalho e fiquei formando equipe. E ele orientando eles só. Por que tinham um livro – 15 volumes – O Mundo da Criança. Eu ia explicar no Caetano de Campos, um colégio, para os professores por que era uma coleção. E vendia muito. E ai surgiu o Caldas Aulete, um dicionário, enciclopédia, em cinco volumes. O Caldas Aulete era um professor de Português. Ele morreu quando fazia a Letra. Ele fez todos os vocábulos com A, como lista telefônica. Então havia outros dicionários que faziam, a maioria deles eram por exemplo: Ao cair da tarde, na letra A, Ao romper da aurora, isto tudo era... O Caldas Aulete suprimiu. Este dicionário dava a origem da palavra até a gíria. Era maravilhoso. Então, por exemplo, a palavra *dama* no dicionário com caráter de enciclopédia ele dava até o retratinho da dama, jogo de dama. E no Caldas Aulete, em vez da origem da palavra até a gíria. Esta palavra *dama* então, por exemplo, ele citava como exemplo lá no dicionário – para se ter uma idéia do resto – a dama em certos lugares do norte e nordeste e Goiás, mais alguns estados, tinha o significado de prostituta. Então a gente nunca podia dizer que a a mulher do presidente da república era ...

261. Uma dama?

262. Uma primeira dama.

263. Dizer que ela era a primeira dama era dizer que era a cafetina, nè?

264. Pois é! Era a Cafetina.

265. Por isto a expressão mulher dama...

266. Rampeira.

267. Engraçado eu nunca tinha pensado nisto...Mas isto só em determinadas regiões.

268. Ele pesquisava pelo valor da obra. Pesquisava tudo isto.

269. Você está falando do Caldas Aulete?

270. Do Caudas Aulete. A palavra, por exemplo, cabaço. O que significava aqui e em Portugal. A palavra cabaço, lá em Portugal, (tosse...)

271. Esta com um pigarrinho, né? Quer parar um poquinho?

272. Não... Então lá, significava o rompimento de noivado, então a gente encontrava com uma moça ele se ela brigou com o Joaquim ela dizia: dei o cabaço a ele. Significava rompimento de noivado. E aqui, o rompimento do hímen.
273. É. Por isto a expressão tirar o cabaço, deflorar....
274. E. Isto mesmo. Então do dicionário era desta linha. Ai começou a vim.. tinha cara que lia o dicionário. Eu começava ver as reclamações...Coisa de judeu, né. A reclamações o cara vinha lá naquelas páginas...
275. Por que coisa de Judeu?
276. Macete deles só para ganhar dinheiro. Então tinha um professor que dizia lá...(*Muita tosse, o entrevista estava muito encatarrado, as vezes com dificuldades de falar.*) Ele apontou, num papel que havia uma ilustração errada, palavras erradas. E muitas outras coisas que não eram consertadas. E assim muitos outros problemas. ... Foi onde eu pedi demissão...
277. Por que as reclamações vinham todas para você?
278. Vinham todas comigo. E eu fiquei sabendo destas coisas todas que um dia eu cheguei para o gerente e falei: Olha, isto aqui é um crime !. Uma obra desta, com esta dinâmica, da etimologia da palavra à gíria, atualizada, isto é um crime que se faz com a obra!, falei. Ele era Judeu também. Ai eu sai. Ele propuseram até um aumento da comissão, né, para eu ficar. Eu tinha aberto praças do interior com vendedores viajantes... e vendi o que tinha para vender e eles enriqueceram com isto. Ganharam muito dinheiro com o Mundo da Criança e o Caudas Aulete. Ai começou a peregrinação de empresas. Entrei pela minha ingenuidade, pela minha pureza, digamos assim, que herdei de minha mãe isto. Entrei numa companhia de vender ações. Era uma companhia chamada Petronorte. Usava este nome da Petrobrás, que depois foi proibido. Então....
279. Ela, naturalmente, já usava de propósito, né?
280. Vendas. Para vender. Eles acharam que iriam ser construídos aqui postos de gasolina, ficando para o brasileiro uma fonte de emprego infinita...E eu entrei nesta. Vendi até para minha família. Uma S.A., uma S.A. quando estoura, você vai reclamar com quem? Como esta igreja ai, a Igreja Universal do Reino de Deus. Uma ação contra ela, se houver, vai com quem? Se quiser fechar esta igreja vai usar quais os canais? Não tem.! A Igreja Universal onde é sede dela? E este pastor dela foi genial. Ele descobriu o mapa da mina e se enriqueceu e tá naquela boa vida boa que tem, propriedades particulares, inclusive lá nos Estados Unidos, Miami, Orlando, com apartamento de luxo, assim... Então um dia fechou a Petronorte e um dos fundadores em um picareta – um advogado – Carlos José Inojosa de Albuquerque – e ele ...
281. Você tem uma memória prodigiosa. Você consegue guardar os nomes das pessoas ...
282. Então ele formou uma companhia para fazer filmes virgens aqui no Brasil. Uma imagem de venda que qualquer um faz. Eu tinha um cargo com ele na diretoria e – era laranja como dizem ..
283. Naquela época não chamava laranja, não é?
284. Laranja é hoje...Então ele me deu um cargo e eu fui para São Paulo. Também fui a Salvador, naquele quadrimotor que faz aquele barulhão que se ouvia tudo para também vender. O projeto da Fábrica para fabricar filmes aqui o projeto era de Sérgio Bernardes, como já citei ele havia ganho o prêmio mundial de arquitetura. E a imagem que vendida é que fábrica será com projeto de Sérgio Bernardes. E vendia. Vendia mesmo. Então nos ficamos, trabalhamos uma semana em Salvador. Chovia a cântaros, não podíamos sair, mesmo de carro era uma dificuldade. Ai, terminou lá e ele achou que eu devia ficar em São Paulo. Fiquei lá vendendo ações e dirigindo, orientando os vendedores. Então eu tinha três turmas. E eu fazia tudo... Mas ai eu cai fora. De lá eu fui...
285. Você ficou quando tempo com eles? Você era empregado ou sócio da empresa?
286. Era empregado. Comissionado, ne. Sem carteira assinada, pois não queria nada assinado, era como um laranja. Mas era empregado. Ai, lá começa a porqueira lá... até hoje tem gente vendo se

recebe. Estourou tudo. Malandros, né. Malandros e inteligentes. O Dr Caio, não sei onde anda ele, ficou rico, milionário. Ai, lá no Rio, eu ...como eu fui orientador de vendedores, eu fazia um quadro, um esquema, mais ou menos assim....Tem um papel e um lápis? (demora para desenhar algo...) O esquema é universal. Eu usei isto...Aqui é a chefia geral, os setores, com equipe de vendedores cada um, ai vai até o infinito, seja o que eles vendem. Agulha ou navios. Então isto ai..o leque ia abrindo infinitamente... Se aqui tinha 10 vendedores, só dez cada uma né porque o inspetor, comissionado também e vendedor, ele saía com cada um de manhã e a tarde. Então dos dez ela dava assistência todo o dia para não sobrecarregar.

287. 287 Isto era um método de trabalho seu?

288. É.

289. Um método que você criou?

290. Não sei onde aprendi, desenvolvi lá e deu certo. Então, dez aqui né, fazendo...que cada um venda um, e era possível vender, então fazia mais dez aqui. Assim 10, 20, 30 40, 50....100. E assim...

291. Você tinha quantas equipes que quisesse.

292. É Exatamente. Era flexível.

293. Por que era chefia geral e cada núcleo de 10 vendedores tinha um inspetor. É isto?

294. Isto. E você podia Ter quantos núcleos quisesse. Se cada um do núcleo fizesse um venda por dia você teria 10 vezes o número de equipes que você tinha...Chegava no final o número era muito alto. Isto era para venda de ações? É para venda de ações. Este um grande empreendimento Como fui vítima fui vítima do vigarista eu passei procurar negócio sério. O shopping Center já me conhecia como vendedor...

295. Que Shopping Center você está falando?

296. Shopping Center. – Popularis era o nome da firma – ia fazer um shopping na Gávea.

297. O da Marquês de São Vicente? Perto da PUC.

298. Sim. Então o shopping ia ter um edifício, tendo garagem estas coisas de shopping. As cotas eram vendidas ...tinha 40.000 cotas. Um e quarenta mil avos que dava direito, como era um negócio imobiliário, a um quarenta mil avos do imóvel, que dava direito a construção e a renda. Então o cara quando terminava de pagar ia no registro de imóvel, registrava aquilo então ele tinha um bem de valia. Ai, começou aquela febre de vendas...

299. Isto era um coisa nova, não era?

300. Foi.

301. Que ano isto, você se lembra?

302. Por volta dos anos 60.

303. 60, né? Este shopping é o Shopping da Gávea?

304. É

305. Ele existe ainda. Um bom shopping. Eu conheço.

306. É bastante popular.

307. Você então foi o coordenador de vendas das ações do shopping?

308. É.

309. Que legal.

310. Ai a organização era a seguinte. A pessoa falava bom, mas a renda...a renda o comerciante é desonesto e não vai dar certo. Então bolaram um forma que existia de fato um controle na máquina registradora que registrava o movimento das lojas, com vários rolos. Um rolo ficava com o dono da loja, o outro ia para direção do shopping, outro para o fisco. Então a honestidade do negócio era que estas cotas levavam a chancela do fisco e não tinha perigo de que houvesse trambiques..

311. Era um investimento seguro?
312. Neste sentido era seguro.
313. Em termos de possível retorno.
314. *É. E eu entrei nesta com muito ardor, com entusiasmo pois era um negócio honesto...*
315. Até por que você já tinha experiências da empresas anteriores...Como chamava a empresa anterior?
316. *Du Film era o nome da empresa anterior.*
317. Você quer eu omita na transcrição este nomes ou pode deixar?
318. *Não, não. Pode deixar.*
319. Pode deixar, sem problemas?
320. *Pode, pode.. faz tanto tempo que...E o primeiro shopping foi na Gávea, ensejou Pedro Matias que fez o Iguatemi, em São Paulo. Ele foi o pioneiro. Então ele fez no Meier. O nosso era na Gávea. Então fizeram este golpe de inteligência. Sacanagem mas de inteligência. No Meier você comprava ...comprava a mercadoria no shopping do Meier e eles contabilizavam no Shopping de Botafogo. Um roubo legal. Então a renda do shopping do Meier era pequena e caiu na descrença pública..*
321. Ou seja, deixa eu ver se entendi. Este pessoal que era concorrente eles tinha um shopping no Meier e outro em Botafogo. Então o pessoal que comprava no Meier tinham suas compras contabilizadas no Shopping de Botafogo que era legal, né, e o investidor do Meier, ficou lesado. É isto?
322. *É isto. Ficou lesado.*
(a fita terminou. Ao trocar a fita houve problemas com o gravador que não funcionou por erro na manipulação da máquina perdendo grande parte da entrevista. Expliquei o fato ao Julio e tivemos que retornar ao início do entrevista.)
323. Julio a gente está recomendo a repor a entrevista, já que nós tivemos problemas, nós não, eu! (risos) Você havia me dito sobre a venda das cotas do shopping dentro daquela previsão que você e do problema do shopping do Meier. Em seguida você me falou de como você conheceu sua mulher, até o momento que ela foi para o Estados Unidos. Você poder retornar a estas questões da forma como você quiser.
324. Eu um dia estava num barzinho lá, famoso no mundo inteiro, é o Castelinho de Ipanema. Estava tomando meu chopp e tal e o carioca sempre quando está na mesa contígua puxa papo com a gente. Ela estava em companhia da amigas lá também e ela olhando para minha mesa.
325. Ela, uma moça? Você não conhecia?
326. Não. Ela olhando para mim também eu fiquei lá...quem sabe é alguém que eu conheço, pensei. Daí um pouco eu convidei-a para vir a minha mesa. Ai ela incontinentemente veio.
327. Bem ao jeito carioca?
328. *É. Ai começou o papo, ela contou ...eu perguntei para ela o que ela fazia. Ela me respondeu que ela era professora, em Laranjeiras, naquele tratamento famoso Instituto de Surdo e Mudos. Ela ensinava aqueles alunos a aprenderem o alfabeto e conseguia alfabetizá-las. E a vida dela se resumia nisto. Eu como tive cinco irmãs professoras primárias, cinco, conhecia bem o que era uma professora primária ganhando um ordenado desumano. Então eu falei com ela: porque você preferiu o magistério? Ela me respondeu que estes que estão em Laranjeiras precisam mais de uma professora como ela do que os outros. Foi por esta resposta que me casei com ela. Achei o sentimento dela em ajudar os infelizes muito bonito. Daí a seis meses nós casamos.*
329. Isto, seis meses a partir do encontro de vocês lá no Castelinho?
330. *É. É. Então fizemos o casamento, como todo o casamento a família estava reunida...Ela era carioca da gema. É. Então fizeram aquela festinha modesta mas foi comemorada. Então..*

331. Você naquela época, você estava trabalhando a onde?
332. Na Venda do Camping de Brasília. Estava sediado no Rio, mas havia ficando uns tempo e m Brasília. Eu larguei lá por que não tinha seriedade ...havia roubo e tudo...
333. Tá, eu entendi. Mas, você estava no Rio ou estava em Brasília?
334. Eu fiquei uns tempos em Brasília..
335. Mas neste período você estava no Rio?
336. Já tinha voltado. Bom, então eu com aquela convivência muito legal. Ela tinha instinto de maternidade, muito comum nas mulheres. As mulheres só pensam em nós. Ela era sensível ao ponto de quando passava uma mulher com criança ela pedia a criança emprestada para fazer um carinho, este instinto de maternidade. E eu via aquilo. E não perdemos a esperança, ela...as vezes ela desconfiava ai... um dia eu disse: “Era bom você fazer um exame”. Ela me disse, “já pensei nisto. Vou fazer sim, por que até agora não tivemos filho?”Foi fazer os exames, aqueles exames horríveis para as mulheres se submetem e ela se submeteu a tudo isto. Então, dizem que num acontecimento deste tipo os médicos dão a solução do caso, o diagnóstico, para o cônjuge. Eu achei isto estranho. Sabe, aí ele quis falar comigo, ela me deu o recado. Eu fui lá em Laranjeiras, conversei com o diretor lá do estabelecimento e ai ele me deu o resultado dos exames. Ela nunca mais poderia ter filhos. Ai eu... e agora? “Agora você conta a ela que este resultado ...isto compete ao cônjuge dizer a mulher”... Aí em pensei... puxa ...jogar esta responsabilidade em cima de mim mas fiquei com aquela incumbência...Então eu fui tentar... pensando, pensando dia e noite, sonhando com o problema e pedindo a Deus que me desse uma luz, para sair desta né. E fui atendido. Nós estávamos na praia e me veio a luz que pedi argumentar com ela o problemas. Então, Deus foi condescendente para comigo e me deu. Foi o seguinte, ela louca fazer atividades lá em Laranjeiras. Então para o resto da vida ela ia ser paramédica, nada mais. E isto expliquei para ela. Ai ela .. falei com ela e tal, expliquei o que tinha para explicar e ela ficou assim meio chocada e tudo , mas restabeleceu o estado emocional . Então para poder chegar nela e contar isto. eu expliquei para ela que o paramédico, no caso ela tinha poder seguir em Laranjeiras, mas sendo médica e fazendo especialização. Ai eu falei, você entra na faculdade e faz Medicina, com o intuito de dar a resposta que o médico pediu que eu desse e ela sozinha poderia descobrir. Entende? Então chegou a oportunidade e eu disse, por que você não faz medicina? E ela imediatamente me disse: E o neném? O neném, brinquei com ela, a gente cria em São Paulo, aqui ou na Febem, brincando né. Ficou nisto. Ai ela prestou o vestibular, três, naquele tempo era muito difícil entrar. Passou nos três. Era muito inteligente, muito aplicada. Tinha um diretor de colégio que também tentou e ela passou tudo mundo e foi aprovada. Ai, ela foi para Uberaba. Eu conhecia o Ministro da Educação e fui falar com ele. Ele me disse que quando ela tivesse terminando o segundo ano ela poderia ser transferida . Então eu falei, tá bom então a gente espera. Ai chegou a ocasião de voltar...
337. Então ela foi fazer medicina em Uberaba?
338. Em Uberaba. Então quando ela chegou de volta ao Rio, eu arranjei vaga na Faculdade, para ela cursar o terceiro ano. E houve um problemas. Não conseguiu bater o currículo da faculdade do Rio com a de Uberada então precisava fazer o segundo ano, Rio e o terceiro junto.
339. Sabe em que escola ela estudou no Rio...
340. Sei. Mas minha cabeça hoje não está muito boa...⁶
341. Sem problemas, Julio. Fiquei a vontade. Você mudou-se para Uberaba ou continuo no Rio?

⁶ Naquele dia, Julio estava muito debilitado. Tinha passado duas semanas do depoimento anterior, além de eu ter perdido a gravação da semana passada. As vezes ela ficava claudicante no que dizia, mas como me havia falado com muito clareza na semana anterior, conseguia entender claramente o que me dizia

342. No Rio
343. Você ia visitá-la?
344. Nós nos víamos uma vez por mês. Eu ia do Rio a Uberaba uma vez e ela vinha de Uberaba ao Rio uma vez. Esta era a luta dela. Então ficou lá na Faculdade para fazer...
345. Enquanto isto você estava no Rio trabalhando?
346. É
347. E trabalhando no quê?
348. Ainda havia um resto do Camping que estava para receber e não recebia...
349. Voltando aqui, para não atrapalhar muito você... ela veio estudar no Rio e teve que fazer o primeiro e segundo anos juntos?
350. segundo e o terceiro. E foi aquela luta. A gente se via também esporadicamente no Hotel, em Uberaba, a noite. Um vez a mostrar meu documento lá no hotel o diretor lá falou. Ah, mas estranho, são casados? Sorriu... Então eu fiquei na pesquisa que Faculdades podiam aceitar e admitir no terceiro ano. Procurei, procurei e tinha um faculdade em Vassouras, Estado do Rio, mas não estava homologada...Mas, com está duvida deixei Vassouras de lado. Então ela ficou fazendo no Rio mesmo. Ai, um dia eu estava uma tarde só em casa, estava esperando o resultado e fazendo meus cálculos do Shopping Center, ela apareceu lá em casa, chorando, desesperada, me abraçou, chorando que mal podia falar, ai eu pensei: o que será que está houve agora? Eu abracei ela. O quê o que houve? falei para ela. E ela: “Julio me orgulho de haver casado com você. Por que veja em vez de você me ficar escondendo que eu não podia ter filho, você me fez cursar uma faculdade de medicina para eu ficar sabendo”. Foi o que aconteceu. Quando ela estava terminando a Faculdade ela ganhou uma Bolsa para os Estados Unidos, ai foi providenciar as coisas, arranjar dólar, coisa e tal. Como passar do tempo e de acordo com a lei dos Estados Unidos, casado não pode ficar num lugar e marido no outro. Em certo ponto eu dou razão por a pessoa fica aflita com o cônjuge... mas isto foi bom por que solucionou o problema, né.⁷..Então ela foi viajar. No dia da viagem lá Aeroporto do....
351. Do Galeão?
352. Do Galeão, obrigado. A partida, aquilo tudo que pode acontecer com um homem pela separação, né? e a família dela inteira dela ai então... Eu voltei para a casa ...maior choradeira. Com razão. Ai foi passando o tempo e ia almoçar com a família dela todo do domingo...
353. Então a separação que vocês fizeram foi só de arranque?
354. É. Só para ficar documentado. Um Juiz amigo nosso fez o desquite...Até que passou os dois anos. E eu na casa dela, comecei a desmamar o pessoal, comecei a ir não mais com aquela continuidade. Sempre alega um coisa verdadeira que era o shopping ...então eu foi afastando até que afastei, desmamei. Afastei definitivamente.
355. Mas você continuava sozinho, ou tinha outra namorada, outra?
356. Sozinho. Nada, nada. Sozinho. Vivi muito tempo sozinho. Por ai a gente agüenta. A lembrança dela me dava força para enfrentar a solidão...
357. Você chegou a ir nos Estados Unidos visitar ela?
358. Não. Ai fui indo, foi indo venceu os dois anos. Foi aquela festa na casa dela. E lá, ela me deu um esclarecimento que eu não tinha vida. Os países, todo, compram inteligência, compram. Quando ela estava na época de vir embora, eles falaram para ela assim: “bom, se você quiser ir você vai, mas agora tem uma coisa, se você quiser mais dois anos você tem tal título, além de tal

⁷ Julio estava confuso, no início pensei num confusão mental motivado pela infecção que tivera. Somente mais tarde, quando me falou de sua militância, *in off*, é que consegui entender melhor a história com sua mulher, sua ida para o Estados Unidos, o divórcio, a relação com o trabalho.

título também a parte financeira”. Ela estava com uma carreira que, quando a pessoa quer estudar, quer evoluir é quem mais agradece. Ai enfrentou...

359. Ela ficou lá?

360. Ficou lá. Enfrentou com muita capacidade.

361. Ela chegou vir ao Brasil?

362. Não. Ele estava muito bem acomodada lá, recebendo muito bem, até que veio outra oportunidade, depois de terminado este tempo, ela também tornou a ficar. O desejo dela esta estudar era grande. Estudou e quando começou a trabalhar ela viajou com um cientista e disse o homem que naquela ocasião eles estavam cogitando, se organizando para fazer um Hospital, no Brasil, que superasse Clínica Mayo no Estados Unidos. É uma clínica famosa, né. Ai, então, ela se alinhou com estes cientistas e começou a trabalhar. Até hoje, se está com este pessoal eu não sei...

363. Ela é viva ainda?

364. É.

365. Mora no Estados Unidos?

366. Atualmente ela está na França. Em Paris. Ela correu o mundo.

367. E você mantém contato com ela?

368. Não. Como eu não podia incluir endereço eu optei pela *Posta restante*. E funciona. Funciona mesmo.

369. E você recebe carta dela ainda.

370. Pela posta restante? Absolutamente. Daí mais um período nos resolvemos suspender também as cartas. Ela viu a realidade do futuro dela, não havia esperança...não havia um jeito se eu estivesse lá... ai interrompeu a escrita não tinha outro jeito de concordar. O que me valeu disto tudo foi que todos os estudantes que fizeram bolsas de estudos ficaram por lá....Ai eu vi por que. Todos os países mundo fazem isto. Estudos cursos de Inglês, Espanhol, Italiano não é outra coisa do que a busca de talentos para comprar. Eu não sabia disto. E ai é isto, é isto, eles fazem mesmo isto. Depois eu li a respeito. Então todo o país do mundo, compra determinada inteligência, de qualquer outro país do mundo. E aqui, exploraram o Brasil. Tem escola até hoje...Tem escola de monte de exploradores.

371. Então você não tem contato mais com sua mulher? Qual o nome dela?

372. Isa.

373. Se você hoje está com 84, com quantos anos ela estaria hoje, mais ou menos?

374. 71, mais ou menos. Agora havia um detalhe que eu queria omitir. Mas para você não vou omitir.

375. Você que eu desligue aqui para você falar?

376. Não é preciso. Você faz o uso que quiser, mas gostaria que não usasse isto.

377. Tá. Temos um compromisso de você, você está contando isto na hora que eu for transcrever a fita eu tiroeu apago isto. Bom, vamos então desligar e você contar apenas apenas para mim, se realmente quiser.

378. Tá bom.

379. (O gravador foi desligado e a conversar está no diário de campo, após a autorização de Julio de utilizar estes dados..).

380.
.....

381. Julio, estou ligando agora. Estamos retornando a entrevista já que você me contou uma história extremamente interessante, *in off*, que neste momento continua sua e minha e que eu

assumo o compromisso de não utilizar de forma nenhuma esta história que você me contou, a menos que você me autorize mais tarde. Então estamos retornando a conversa e você está me dizendo que sua vai para a França e você continua no Rio, trabalhando, etc...

382. Então eu já tinha voltado para São Paulo onde aconteceram coisa interessantíssima, alto e baixo. Aqui em Campinas, havia um tal de Seminário Diocesano. Em frente tinha outro complexo das freiras e foi bolado.

383. Você estava em Campinas? Em que ano, você se lembra?

384. Ah, nem me lembro. A vinda aqui foi uma contingência. Meu primo, um deles, somos primos irmãos. O pai dele e o meu pai casaram com com duas irmãs. Então nos ficamos primos irmãos de fato, verdadeiramente. E ele trabalhava num dos cartórios e como eu estava em São Paulo eu vim trazer um problema para ele. Havia um processo em nome do Serginho. Tinha o nome dele num processo e o Serginho tinha sumido. Procurei saber. O que era pois estava também envolvido. .. Foi o primeiro insucesso na vida. Um apartamento e um carro - um galaxie – que eram dele, financiados pelo Silvio Santos, estava sendo tomados. Coitado dele, ai, não pagou nem o condomínio, o galaxie nada. E os oficiais de justiça atrás de mim. O chefe lá da empresa também conhecia a história me chamou e disse: o negócio está em seu nome. Você é dono deste galaxie que é da firma e deste apartamento de Guarujá que também é da firma, em nome está em seu nome. Então, para sair desta, deu até polícia atrás de mim por causa do galaxie que ele não pagou. Ai....

385. E você não queria saber nada de polícia, pela história anterior, né?

386. Não. Ai o que eu fiz. A ASPA, uma financeira, ela financiou o apartamento lá para mim - meu crédito, graças a Deus, permitia que eu fizesse isto – mas era deles. Eles sabia disto e usaram minha boa vontade, ingenuidade mesmo, pois todos eles não tinham crédito nem para um palito. Ai, eu assinei diversas coisas e tive que assumir. E a ASPA atrás de mim também.

387. Quanto você falou de Silvio Santos, uma loja do Silvio Santos?

388. Naquela financiadora do Silvio Santos.

389. Ah, tá.

390. Mas isto é outra história que meu primo me ajudou resolver e resolvi. Ai ele me disse do projeto que a Caritas estava tentando fazer. Ai, eu fui falar com a Caritas que estava cogitando fazer uma ligação do seminário para este outro imóvel, mas via área. Um passagem por cima da rua...Então, um amigo meu deu estudos e eu acreditei que se fizesse o contato com duas irmãs do imóvel, isto virava um cidade de modo visceral. Seria uma obra fenomenal. Então trabalhamos para ver elas concordavam de assinar o contrato. Ai, Marino Vigiatti, bom arquiteto, fez um planta estudo e eu levei para São Paulo para eles verem que era possível fazer a passagem..

391. Para eles quem?

392. Os advogados, que estavam advogando a causa das irmãs. Ai, que negócio de Burro. Estúpido que fui! Pegar um negócio deste significava a gente ia ficar milionário. Entrou gente da empresa que eu trabalhava no meio e ainda eles foram indo, relaxaram, engavetam o processo Advogado na profissão dele não vi gente tão enrolado, como advogado, convivi com eles um bom tempo...(longo silêncio). Ai a minha desdita. Precisa comer. Pelo menos um PF⁸ por dia. Então eles me dava dinheiro e eu ia comer lá na coisa...eu não passei fome...

393. Você estava desempregado nesta época?

394. É...tinha largado tudo.

395. Largado tudo no Rio.

⁸ PF= prato feito.

396. E aqui não podia pegar nada por os amigos eu não queria comprometer. Meus amigos, então no meio dos advogados eu tinha maior segurança...
397. Por causa de sua história anterior?
398. É. Uma das passagens que eu, voltando atrás, ...aquela mania de teatro, cinema, tudo, aquela coqueluche da época, o Sérgio assistiu um filme, com um título sei lá, para o Sérgio escrever um filme. Eu não assisti o filme. Com um amigo poeta Eládio Brito, não sei se ainda é vivo. Ele escrevia. Ai ele disse: Sério, você vai fazer o seguinte. Você me conta desde quando apagou as luzes, me conta tudo, quando apagou as luzes o que que apareceu. Ele foi contando e o Eládio anotando. Com aquelas anotações, lá mesmo na casa do Sérgio, ficamos lá terminando o trabalho de escrever a filme dele para leva para o congresso. Levou lá e o trabalho tirou em primeiro lugar.
399. Você que fez?
400. Fiz. Fiz, com meus amigos. Queríamos fazer o filme. E todo mundo me aconselhando a vender o carro, o imóvel para poder ter feito. Mas a minha filosofia de vida a formação que eu tive no decorrer de minha vida, não me permite um negócio deste...eles não eram meus.
401. E agora a compra deste apartamento, deste carro, que você fez, para estas pessoas, estas pessoas não tinham nada a ver com o partido?
402. Nada.
403. Foi depois de você voltou do Rio para Campinas. Isto?
404. Eu tinha interesse em que se acontecesse alguma coisa com alguém do partido eu tinha minha defesa. A turma chamava de laranja. Não sabia o que era laranja. E eu fui muito anos. Eram amigos que pediam e eu auxiliava.
405. Sim. Leva isto na base da confiança com eles, né?
406. Ingênuo. A ingenuidade que eu herdei de minha santa mãe. Era de uma pureza, duma ingenuidade, acreditava em tudo.
407. Julio, quando é que você retornou a Campinas.? Sua mulher foi embora e tal, e você ficou sem ela, desmamou a família dela e tal e você morava no Rio. E o negócio do Camping que não estava dando certo e tal e você ..você me falou na entrevista passada, na gravação que não aconteceu, que um dia você resolveu voltar para Campinas. Você lembra quando foi isto? Tem uma idéia?
408. A data não tenho.
409. Mais ou menos o ano, quantos anos faz isto...
410. Foi antes de 1964.
411. Foi antes de 64, há mais 30 anos atrás...Eu fiquei na casa de minha irmã, esta que é viva ainda e está em cadeira de rodas, que é caçula. Fiquei lá uns tempos procurando emprego. Os íntimos, tempo que ele tinha marmoraria, ele tinha muito recursos e um velho conhecido dedicava-se a um curso de escultura. Ele veio para cá e fez um exposição só. No Rio eu conheci o Copacabana Palace e então fiquei morando lá.
412. Você chegou a morar no Copacabana Palace?
413. Eu fui tomar conta da exposição dele.
414. Ah, tá bem. Você fazia uma administração da exposição dele?
415. É. E ai e as vezes cuidava das obras, aquele coisa toda. Fiquei mais de um mês. De lá eu tive, se quisesse as mulheres linda que apareciam por lá. Aventureiras. Uma queria ter um cópia de uma escultura que ele deu o nome de Samba. Muito bonita. Era uma mulher com coisa, dançando samba. Ela queria esta escultura mas não tinha dinheiro, e assim ela me conquistar e que era dono da coisa, e ai ela queria ficar comigo no Copacabana....
416. E levou a escultura? (risos)
417. Não...

418. Bom Julio, a gente vai ter que parar. São 11:15. Ainda tenho que levar você lá, daqui a pouco é seu almoço, né?
419. Ainda vou fazer curativo...
420. Você vai fazer curativo né? Então nos vamos continuar , vamos marcar. Se der a gente continua na quinta feira, se você puder. Muito obrigado ai pela sua atenção.
421. Vamos marcar então para quinta-feira.
422. Tá marcado então para quinta feira.
423. Combinado.
424. Até quinta então
425. Julio, bom dia. Eu fico extremamente contente de estar novamente com você e hoje nós vamos conversar sobre aquele período que você conheceu sua mulher, namoraram e tal, a viagem dela para os Estados Unidos, para a França, esta história toda que vai emendando ai e que na ultima gravação nos não gravamos, lembra né? Você pode falar, contar como você quiser.
426. Eu estava no Rio, no conhecido e famoso internacionalmente Castelinho de Ipanema. Ali é um lugar maravilhoso, onde a gente sentia-se a vontade, o chope muito gostoso, tira gosto que também eles inventaram, muito bom. Havia na mesa em frente uma turma de garotas também tomando chope.
427. Que idade você tinha na época?
428. Não lembro. Então trocamos olhares e convidei-as para sentar na minha mesa, ele veio e começamos a conversar. Então ela contou-me que professora no Surdo e Mudos de Laranjeiras, um estabelecimento com fama internacional devido desenvolveram muito bem métodos de cuidar de surdos e mudos. Ai quando falou que era professora lembrei-me que eu tive cinco irmãs professoras. Eu sei o que é isto. Por que você fica no magistério. Por que era menos trabalhoso, menos responsabilidade, uma rotina, acho ne'... Ela falou: "não! Eu fui ao magistério por que estes precisam mais do que eu. Precisam mais de mim do que qualquer coisa , qualquer outra coisa" Então eu falei, não, realmente eles precisavam mais, uma atenção melhor. Ai eu optei de ficar lá" . Isto com o tempo né eu conseguindo desenvolver um ramo muito interessante que era levar as pessoas a conversar como eu converso com todos" Com esta resposta dela de que aqueles infelizes precisavam mais de um afeto, me impressionou e por causa desta resposta dela eu resolvi casar me com ela. Uma pessoa interessante, uma moça que tem capacidade de atender os outros e tal ...
429. Julio, deixa-me perguntar um coisa. Você está com muito frio, quer que vá pegar um cobertor para você?⁹
430. Não, não..
431. Não tá mesmo?
432. Tô, mas não precisa
433. Deixa eu botar o casaco na sua perna, você põe assim em cima da perna. (coloque o meu casaco sobre as pernas dele). Vê se melhora. Daqui a pouco esquenta.
434. Então, resolvi casar-me com ela. ..
435. Vou chegar sua cadeira um pouquinho para trás para você ficar mais no sol. Pera ai...
436. Tá bom...
437. Melhorou né?
438. Melhorou....Esta tosse que não passa...
439. Eu também to com uma tossinha... Ai você resolver casar com ela?

⁹ Fazia muito frio aquele dia. Ventava. O Sr Julio veio da enfermaria apenas com um blusa de lã. Como estava muito magro, tremia de frio, especialmente nas pernas que tremiam. Ele estava numa cadeira de rodas, pois não estava podendo andar de tão fraco que estava.

440. É. Casamos. Ele tem um espírito de maternidade tão acentuado que chegava ao ponto de passar uma mulher com uma criança no colo ela pedir a criança para segurar no colo. Espírito de maternidade e o desejo de ser mãe. Ai não vinha o filho e que nós desejávamos. Eu também, desejava , não veio e ai resolver tomar providência de fazer um exame mais profundo, e ele submeteu-se as piores coisas que uma mulher poder submeter. Para ver a causa de não poder ter filho. Então, os médicos que cuidaram dela, vieram falar comigo. Eles falaram comigo o que era. Eu não me lembro as palavras científicas que eles proferiram. Em conclusão ele falaram “agora você fala para ela que é este o diagnóstico”. Então de imediato eu disse ao médico: Eu falar com ela? E ele “é Isto compete ao marido”. Mas eu disse: eu não sou médico, o quê que eu vou falar. Eu não posso. São vocês os médicos que devem falar, né. Ai empurraram para mim. E eu falei bom já que não querem e acham que não são eles neste caso devem falar, e acham que é o esposo eu fiquei pensando, pedindo a Deus que me desse uma luz para ter um solução no caso. E esta luz Deus me deu. Ai eu falei para ela, numa das ocasiões, você também nesse negócio ai como paramédica. Você vai ficar o resto da vida paramédica porque você não estuda medicina, uma coisa correlata. A primeira resposta dela foi : e o nenen? O nenen nós criamos, em São Paulo, no FEBEM em qualquer lugar, não tem problema. *(houve um grande acesso de tosse)*.

441. Tá difícil, né Julio? Você quer parar?

442. Não. Não.

443. Você quer.. você não bebe café, bebe?

444. Bebo.

445. Você quer um cafezinho?

446. Não. Então ela aceitou a idéia. Na época prestou três vestibulares e passou nos três e não havia vaga na Universidade do Rio. Ai começou a procurar né. Eu fui a Vassouras, que tinha uma Faculdade lá. Havia realmente uma Escola, uma faculdade, mas não estava homologada. Ai eu pensei , vai fazer cinco anos, depois não homologa...ai eu deixei vassouras para lá. Ai procura aqui, procura de lá tinha em Uberaba, Minas, um boa universidade até hoje, famosa né e ingressou lá. Ai ela indo para lá aonde ficar? Eu arranjei uma casinha com uma empregada para cuidar dela , fazer as refeições que ele precisava e acomodei bem a ela. Então, nós nos víamos duas vezes por mês. Uma quando ela vinha para o Rio. A outra quando eu ia do Rio pra Uberaba. Então nos víamos apenas duas vezes por mês.

447. Você continuava no Rio trabalhando lá na venda do títulos?

448. Ai..

449. Julio ela sabia de outra história? Não precisa dizer qual a sua outra história?

450. Qual história.?

451. Vou desligar aqui.... *(desliguei e disse a ele do que falava e que não precisava dizer se não quisesse....)* Ela não sabia então das suas outras atividades? .

452. Ignorou totalmente. Eu fiz tudo para evitar.

453. OK.

454. Ai, no Rio, um amigo que foi até ministro da Educação, Hildo Brandrão, me falou. Que depois do segundo ano completo numa universidade, a cônjuge tem o direito automático de estudar onde mora o esposo. Muito bem. Passaram os dois anos eu falei, bem é um alívio. E ai ela veio. Entrou na Faculdade, num determinado tempo o Diretor falou conosco que havia uma incompatibilidade de estatutos diferentes de Uberaba e que ali ela tinha que fazer – ela tina passado para o terceiro – mas ela tinha que fazer o segundo ano inteiro novamente e depois fazer o terceiro e ir embora. Veja que situação, ne. Mas, enfrentamos, mesmo no sacrifício danado, pois não tinha tempo para nada . Quando chegou a prática de pronto socorro e aquela coisa toda...Inteligente foi assim e foi até o fim. Colocou grau e nesta ocasião, houve um concurso de

bolsa de estudos para a classe médica, principalmente para os recém formados e tal. Bolsa de estudos e ela muito estudioso e boa cabeça ela candidatou-se e também por três vezes, interessante este número três, três vezes teve que fazer a prova para a bolsa e conseguiu. Havia até um diretor de faculdade que também estava pleiteando isto e ela conseguiu .. uma glória ter a possibilidade de desenvolver no caminho certo a profissão. Então, veio o problema de ir para o Estados Unidos, aquela providência de dólar , de um montee de coisa, arrumou tudo e ele seguiu. No aereporto foi dolorido ver o avião decolar. Foi passando o tempo e ela muito bem sucedida no curso. Terminou os dois anos. Então ficou, eu vi o truque que eles usam no mundo inteiro para segura inteligências. Ai falaram: “bom terminaram os dois anos, foi muito bem, tá laureada, tem isto e aquilo...agora se você quiser obter um título de...”não sei o nome que dava... “você vai ficar num ambiente muito mais avançado, ganha melhor, tem melhores condições de dar andamento a sua vida... “ Ela aceitou. Muito bem preparada a conversa dos caras, faz parte da troque deles, conseguir inteligência.

455. Neste período, você não viu ela nem uma vez?

456. Nem uma vez... Ela não veio e nem eu fui. Eu naquela que ela havia terminado o curso e eu aquela esperança dela voltar. Mas ele ficou. Então apareceu n o problema do casamento dela. Ele não permitiam... que ele estivesse casada aqui. O que eu ia fazer nos Estados Unidos? Não tinha nada. Então não permitiram que o marido num lugar e mulher no outro . Tinha que ficar sozinha. Fui obrigado a optar pelo divórcio. Optamos. E o divórcio, era um dos primeiro, na lei daquele senador...qual era o nome dele?

457. Nelson Carneiro?

458. Nelson Carneiro. Obrigado. Então pedi mais a Deus para não sermos os primeiros né. Destacava muito. Ai foi feito num instante, por que no nosso prédio morava um Juiz...

459. Ela lá e você aqui...

460. É. Ai, um Juiz amigo nosso, ele falou bom. Tem que fazer o desquite, depois do desquite o divórcio. Enfrentamos tudo. Ai conseguimos o divórcio legal, papelada tudo certinho e tal e ela foi até o final da carreira.. nunca é final e ela seguiu com mais facilidade de desenvolvimento pela condição conjugal.

461. Você sentiu muito esta perda?

462. Ah. Muito. Muito mesmo! Mas, com pensamento elevado. As vezes perguntavam, ué, mas você vai ficar sem a esposa? Aqueles infelizes lá da Surdo e Mudo, de Laranjeiras, eles precisam mais de uma pessoa como ela do que eu com um esposa. Eu não podia prender em casa uma mulher simplesmente com o nome de esposa, comum a todos casais. Então tive que assumir. A humanidade precisa mais de médicos do que eu de uma esposa. Eu não podia jamais segurar uma moça desta em casa com este valor, e assim foi... Então sozinho lá né. Ai eu criei aqueles laços familiares. Eu ai todo do domingo almoçar na casa dos pais dela. E eu continuei indo. Sempre havia uma sessão de choradeira e tal e ai eu pensei eu vou ter desmamar a família, já que juridicamente estamos separados, vou ter que sair. E fui, devagarinho, paulatinamente, deixando de ir até desmamei total. Ai eles ficaram para lá e eu nunca mais eu os vi, nem tive notícias, nem queria, ele também da minha parte a mesma coisa. E assim deu certo, né. Então, a carreira dela, a gente se escrevia pela *posta restante* dos correios. Uma coisa muito bem feita. Tem uma pessoa que quando está sujeito a mudar-se já tinha um canto só para ter notícias...

463. Você também escrevia para ela:?

464. Escrevia.

465. Ela tinha endereço, ou também usava o *posta restante*?

466. Não. O dela também era *posta restante*. Tanto o meu quanto o dela. Então ficamos assim por muito tempo.

467. E você tem alguma carta dela ainda?
468. Tinha. Muitas coisas dela. E eu...tudo acabou. Ficar com um peça adorando a peça isto é doença. Até hoje estamos assim.
469. Onde ela mora hoje. Você sabe?
470. Hoje ela está em Paris.
471. Você nunca teve vontade de falar com ela, escrever para ela?
472. Não. Cortou. O negócio perigoso vira uma doença.
473. Acaba fazer você sofrer né?
474. Agi bem. Na minha opinião eu agi muito bem.
475. importante é você estar tranqüilo em relação a isto.
476. E lá, numa passagem do Rio, ela veio para casa, chorando desesperada. Me agarrou, tremia de convulsão. Eu pensei, Chi, meu Deus e agora o quê que é isto ai? E ela então, em lágrimas, soluçando, ela falou para mim: “ Julio, eu tive orgulho de me casar com você, por que você me fez estudar medicina para eu saber o que tinha, por que ninguém podia dar reposta. Achei grande isto de você ter feito isto. Então eu fui saber e fiquei sabendo...”
477. Você não pensou em se casar depois, arrumar outra pessoa?
478. Não. Eu tive, como todo homem, diversas mulheres...Esta gratidão dela me marcou muito. Ai eu disse: uai. Me incumbiram de um negócio que não era para mim. E Deus me deu esta idéia, então faz o curso, forma-se e vai saber por que.. Não me contou porque, mas entendeu porque. O problema era dela. E eu, fiquei incubido de poder ter feito isto. Uma obra...ai eu pensei: tudo mundo fez alguma coisa na vida, uns são artistas, escultores, músicos...eu fiz uma médica .na minha vida fiz isto. Agora que eu tenho pessoal minha, só minha . E achei isto até que raro, mas não é não. É normal. Então eu tenho na minha vida é isto... que eu forneci, ajudei a fornecer ao mundo uma pessoa do ramo de medicina que pudesse ser útil à humanidade. Isto é um consolo. Foi e será eternamente um consolo. E com relação as outras mulheres, como homem não vive sem mulher, tive muitas amizades no Rio fui reconfortando e servido como homem pela mulheres... eu parei vim para São Paulo.
479. Você lembra o ano que veio para São Paulo?
480. Não me lembro não. Eu tratava ..
481. Foi antes ou depois da revolução de 64?
482. Foi antes. Vim e deu certo...Eu fui vivendo?
483. Veio direto para São Paulo ou para Campinas.
484. Vim para a Capital. Aqui só vim quando eu adoeci. Morava sozinho. Aluguei uma casa lá sozinho.
485. Em São Paulo, trabalhava em que?
486. Em bebidas. O depósito de bebidas chamado Quente e Frio. Quente era Uisque, vinho, etc. .frio era cerveja, guaraná...Acontecia um negócio que até hoje tem.... Dava para ganhar pouco, mas certo. Acho que a fábrica lá tinha fila pronta com nota fiscal e tudo Então, só de cerveja, exclusivamente. E a fábrica, quando você compra cerveja, eles empurram pinga, uma porção de coisas.. a chamada venda casada. Nesses caminhões tinha só aquilo. Pagava outro preço, mas tinha negócio. Então a gente vivia disto.
487. A gente, quem você fala?
488. A firma.
489. Você era empregado da empresa? Como é que era?
490. Eu era interessado nesta parte de relações públicas, procurar, já vendia por telefone..
491. Você continuava em vendas né?
492. É. Por telex. Fazia muito bem.

493. Era mais ou menos o mesmo trabalho que você fez lá no shopping, no camping, né, esta questão de relacionamento das pessoas, né? Você tinha carteira assinada em São Paulo?

494. Não.

495. Não, né. Por que você não queria?

496. Não. Queria ser independente. Autônomo. E vivi muito bem. Não ganhava fortuna, mas ganhava pouco e sempre. Nunca me faltou dinheiro para nada. Até que eu adoeci. Eu adoeci. Eu tava lendo jornal, caiu meu óculos quebrou o vidro e eu fui arrastando falar com a vizinha. A Vizinha telefonar para minha amiga, gerente de venda lá. Ela veio me atender, com a filha dela no volante, muito nervosa e tal . Fomos para o pronto socorro do Santo Amaro. Em Santo Amaro eu estava mais preocupado com a filha dela, uma mulher uma moça bonita sozinha no volante de um carro. Santo Amaro foi e ainda é considerada um zona de alta periculosidade. Ali era tremendo. Mas, ela conseguiu determinada hora consegui voltar para casa avisou a mãe, veio lá avisar a mãe e ela ficou comigo lá. Até que quando fui atendido, eu tava mais preocupado com a filha dela do que comigo..

497. (risos) Inverteu a situação, ne?

498. É. Foi. Ai quando eu fui atendido , lá no pronto socorro de Santo Amaro, o médico nos liberou . Ela me levou para a casa dela. Dormi lá na casa dela. Fiquei uns dias e ela queria por toda a lei que eu morasse lá com ela. Mas, Jaime, três moças, numa casa , um estranho, tira a liberdade dela, tira a liberdade, não era normal e outra coisa, a minha preocupação é com a morte. Sempre foi. E eu pensei se eu morro aqui. Você imagina o problema que eu vou ser. Você recebe na sua casa uma pessoa que você gosta e esta pessoa morre na sua casa. Você fica lá com um defunto, apavorado, não sabe o que fazer e tal....aquela situação né. Ai ela avisou meu sobrinho aqui em Campinas. Ele é professor de Biologia de uma faculdade ai e ele e ela, a mulher dele. Avisou ele e ele foi lá me buscar. Eu não tinha onde ficar. A casa de minha irmã, ela estava com derrame.., até hoje na cadeira de roda, está liquidada. Na casa dele muito menos. Morava também o sogro dele que estava doente, em tratamento de saúde que eles moram em Minas, tem um sítio lá em Minha. Então procura daqui, procura de lá, ele veio falar para mim.: tio, você sentiria ...você aceitava a ficar num asilo. E eu: é o jeito né? Para onde que eu vou? Ficar de baixo da ponte? Então é o jeito. Pelo menos seu eu morrer, aqui, tá tudo preparado, não tem problema. Ai eu vim para cá. De lá para cá...

499. Você está aqui há quantos anos?

500. Quatro. A situação de saúde, teve um período que fiquei muitos dias na PUC pois estava evacuando sangue. Um período difícil. Evacuando sangue daqui eu fui para PUC. Fiquei lá em tratamento até.... E esta parte cessou, graças a Deus. Não se repetiu mais. Acho que é coisa do intestino meio desaranjado né, então fiquei tratando neste tempo todo...só tratamento. A última vez que tive doente, na enfermaria lá, tive pneumonia. E estou em tratamento, com os médicos, né, Agora estou com uma comichão um pouco de coceira...

501. Está melhorando isto.

502. Tá.

503. Hoje você coçou menos a cabeça...

504. Graças a Deus . A aplicação na cabeça, no banho, e depois do banho passo na pele um óleo com base de amêndoa ..eu passo o óleo e tal e venho dando certo. Quase que não tem mais nada. Isto foi minha vida . Adoeci aqui. Impossibilitado de sair por causa do medo, e ainda estar sujeito à crise...vem uma vontade tanto de defecar, como de urinar e a vontade e junto já a saída, não dava tempo de nada. Tive que ficar muito tempo usando calça plástica, coisa e tal...tô até hoje assim, né. Este cuidado, então eu sair aonde? Nesses passeios que eles fazem, se me acontece um negócio deste...

505. Você fica preocupado, né?
506. E com razão!
507. Eu entendo, eu entendo a sua preocupação. Até por que a sua vida sempre foi marcada por preocupação com as outras pessoas, né.?
508. É. Ai, tô aqui. Confinado, tô confinado aqui. E aceitei a condição , não posso sair, nem quero sair. Você vê como é que é o negócio. No dia primeiro de janeiro, deste ano, na casa de um cunhado dele,
509. Dele quem?
510. Do meu sobrinho, a casa muito bonita, com churrasqueira, tinha um peixe, peixe bonito, assando na churrasqueira. E eu, ele convidou para o dia primeiro do ano para participar do churrasco. O peixe disse que era uma maravilha. Não sei qual é. Então quando estava quase pronto o peixe, me deu a cólica...foi um vexame viu. A roupa toda ...para limpar, meu sobrinho, coitado...Estava sem calça plástica. Não sabia que era para por isto aí não. Foi este vexame no dia primeiro do ano.
511. Deixou você chateado, né
512. Ah!..... Até agora e não aceito convite para ir a casa de ninguém...
513. Mas, quando você aceitar você bota um calça plástica. Um fralda daquelas práticas. Se acontecer qualquer coisa, você se segura e pede para ir embora.
514. Bom, é...Não é?
515. É
516. Hoje tem tecnologia para a gente não ficar muito preso.
517. Se ele convidar você de novo, você disse que sim, bota um calça e vai...
518. É.
519. Bom, eu penso assim. Mas é você quem decide.
520. Não, assim mesmo.
521. Você desculpe de eu estar dando opinião, mas é que estamos conversando..
522. Não é assim mesmo. Eu to fraco. Eu tô sentindo ...eu vou ficar aqui esperando a morte. Mas não desanimado, não triste por causa de minha desdita, não. Chegou em mim, pois não era para você era para mim. Então vamos enfrentar...
523. Mas você também tem uma história de luta, não é Julio? Não é uma vida vazia, louca. É uma história de luta, uma história de dedicação às pessoas.
524. Mas, não foi fácil não.
525. Se um dia você me autorizar mesmo a ... e me der um depoimento sobre aquela outra parte de sua vida aí vai ficar muito claro. Só são pessoas despreendidas, mesmo que são capazes de lutar e se sacrificarem por uma causa que está muito mais a serviço do outro, do que a serviço de você mesmo. . Você não ficou rico, você não ganhou dinheiro com isto. Você pelo contrário, você só doou, doou, doou, só perdeu.
526. É . Mas também doar é receber.
527. Legal.
528. Também é receber. To muito conformado. Aceitei tudo normal. Não, não alimento idéias negativas de jeito maneira. Isto me dá força de viver. Mas ando triste. Deprimido por não Ter como viver minha liberdade, exercer meu trabalho, mesmo que as vezes fosse enganado.
529. De viver, de estar aqui, de estar fazendo este depoimento, né até pelo laço de amizade que a agente criou., nè?
530. Claro.

531. Eu não vejo Julio como um morador do lar do Velinhos de Campinas, eu vejo Julio como meu amigo, como um cara que gosto dele, que me lembro dele, né...Estou lá casa, me lembro, que converso com mulher - o Julio, né!? – por que existe uma afinidade
532. Claro. Você tem sensibilidade. Tem sensibilidade. Escolheu a profissão certa né.? Adequada para você. Você entende o psicológico. Quero crer que você seja feliz, nesta profissão sua, e que agrade muito... a idéia de avançar na coisa...se você está satisfeito com a profissão está evoluindo....
533. Eu também Julio quero agradecer muito você, né? A gente já se conhece há dois quase, mesmo o trabalho que nós fizemos aqui¹⁰ e agora este trabalho mais próximo, por você ter me dado este depoimento, por ter autorizado a eu utilizar estes dados na minha tese e por me permite conhecer a beleza de sua história, que é sua, que é única. Que dá a marca indelével de Julio. Vou estar sempre a sua disposição e quero voltar outras vezes para conversarmos, não mais sobre a pesquisa, mas sobre aquilo que você precisa. Eu vou deixar meu telefone com você, o telefone de minha casa e o meu telefone celular. Se você precisar de alguma coisa quiser conversa comigo, quiser me contar alguma coisa, quiser, um favor ai fora para eu fazer, você me liga. Ne?
534. Tem ai com a Regina?¹¹
535. A Regina tem, mas eu vou de dar. Vou escrever e vou te dar. Você quer me dizer mais alguma coisa?
536. Não.
537. Tá bom Julio, eu vou te ligar e qualquer coisa eu volto a ligar.
538. Perfeitamente.
539. Muito obrigado.
540. Muito prazer em colaborado com você.¹²
541. Muito bom estar com você aqui de novo. Hoje são dia 23 de maio
542. 24.
543. 24 de maio. Hum! tá ligado!. Eu to atrasado um dia.
544. Quinta-feira.
545. Quinta. E conforme nos conversamos ontem, você tinha me contado algumas coisas *in off*. Tinha me contado algumas coisa que você não queria que eu publicasse ou que eu... Você tinha contado para mim, enquanto seu amigo. Depois eu falei com você que era importante você é decidir, pensar e me contar isto abertamente, por que serviria para outras gerações que vem para saberem quanto é importante a gente lutar por uma idéia por um ideal e quanto é que a gente pode se sacrificar as vezes para proteger o outro, coisa que você fez sua vida inteira. Se eu etendi bem ontem, você disse que iria me contar isto e que você... e que eu poderia gravar isto e poderia escrever na sua história depois que mostrasse, que lesse com você seu depoimento. É isto mesmo? Eu entendi isto?
546. É isto.
547. Está claro para você?
548. Está claro.
549. Você está me autorizando então a gravar esta parte de sua história?

¹⁰ Referia-me ao Grupo de Reflexão do qual Julio participara, no ano anterior.

¹¹ Regina é a psicóloga do Lar do Velinhos.

¹² Após a entrevista, conversei um pouco com o Julio sobre a parte de sua história que ele me revelou *in off*. . Pedi a ele que pudesse me contar novamente para eu gravar e que me autorizasse a publicá-la, pois isto daria unidade a sua história e já não ofereceria mais perigo para ele, já que estávamos em plena democracia e liberdade de expressão. Ele anuiu e disse que sim Que eu poderia utilizar os dados. Por isto, marcamos nova entrevista para o dia seguinte.

550. Total.

551. Tá bem. Então, muito obrigado. Eu quero ter agradecer novamente. Muito Obrigado pela sua confiança e dizer a você que eu vou usar estes dados com o maior carinho, com a maior atenção. E que vou omitir, a menos que você diga que não, eu vou omitir o seu nome. Ne? Isto a gente já esta acertado, está cominado dentro do nosso contrato que nós fizemos. Então o Julio, você pode contar agora, de certa forma, as coisas que você viveu e nunca contou, abertamente, livremente, talvez começando aí por quando você era menino quando você começou a fazer sua universidade, e quando você se reunia lá para ler Freud, vai ver que não era para ler só Freud. Né? Tá bom?

552. Esta parte nós já narramos do aspecto daquele tempo da interpretação de Freud. E...tempo é uma borracha que apaga tudo.

553. Bonito isto!

554. E só fica algum indicio se for, se quiserem. Se não quiser apaga tudo. Eu tive um revés na minha vida que eu vou contar para você pela confiança que você me inspirou e uma coisa é raríssima acontecer. Não sei...eu tive um revés e não tinha onde morar . Eu estava em Santos. Foi logo depois que vim do Rio. Já estava sozinho e buscava um lugar para ficar, para trabalhar e para sobreviver, eu cheguei a dormir... eu usava muito os necrotérios e depois, devido também a onda de assalto, eu ia lá para pousar este tempo todo fora da praia... Ai eu dormir (tosse, muita tosse...)

555. Você está com frio?

556. Tô.

557. Quer que eu peça um cobertor?

558. Não. Então eu ai para o necrotério. Descobri isto. Veja só. E fui olhando, não era conhecido, nada. Só para eu ficar lá até...para não ficar na praia, sozinho, devido aos assaltos lá. Então eu ia observar, tem diversos corpos, eu observava lá quem era e descobria as pessoas que eram parentes dos mortos. Com que intenção? Por que ia trocar idéia. Por exemplo; eu sabia quem era o morto que estava lá. Então eu chegava, entrava com um comentário que já é chavão –“ Pois é a vida é esta! “– aquele comentário padrão necrológico. Então, com que finalidade? Por que o cara tinha carro e eu dizia que a pessoa (muita tosse...) ¹³ Ai eu identificava a pessoa e falava que estava esperando mais um parente que vinha de longe e não havia chegado ainda. Então o cara me dava uma carona e eu dormia no banco , junto com ele. Ele dormia no volante ...dormia descansava...

559. Mas eu não entendi, Julio. Você se aproximava da pessoa e ai? A história do carro ficou truncada.

560. Para eu poder dormir, não sentado no banco do Cemitério, eu consegui este estratagemas e o cara me permitia.

561. Mas, qual o estratagemas...

562. Consegui... (muita tosse) um lugar para dormir. Chegava de manhã ..

563. Mas o que você dizia para o cara?

564. Aquele comentário, que tinha que ter coragem, ter paciência e tal... Até consolava o cara dizendo que tinha um morto lá e que esperava um parente de vinha de longe...Pegava. .

565. Ah sim...!

566. De manhã quando a nós acordávamos e lá tem uma lanchonete, como em todo cemitério, e agente ia tomar um média com pão e manteiga e ele me pagava, dava uma de malandro!. Eu falava que estava sem dinheiro e ele dizia: não que isto isto e tal – O estado psicológico que o cara tava....eu passei a tomar a média. Então dormia bem...

¹³ Este dia estava especialmente difíceis para o Sr. Julio. Esta muito encatarrado e tossia muito.

567. Naquela época você estava sem trabalho e você também tava....
568. Não sei como eu fui cair nesta. Tava sem trabalho e eu não queria trabalho de carteira assinada. Tinha medo de me identificarem, irem atrás de mim.
569. E você também continuava fugindo da...
570. Foi um acontecimento. Ai eu tomando café de manhã...(muita tosse..)
571. Você quer que eu pegue um papel para você ou você tem lenço.
572. Quero.
573. Pera ai...vou apanhar...(espaço) O Julio este aqui é papel toalha. Este aqui é papel higiênico, é mais macio. Veja o que você quer?
574. Toalha mesmo. Eu....
575. Este período você estava voltado para São Paulo? Estava divorciado?
576. Estava tudo livre.
577. Você estava livre. Você estava voltando para São Paulo, né?
578. É. Eu estava em Santos. Fui parar lá. ..agora.
579. Você já tinha morado no Rio, já tinha se divorciado?
580. Tinha acabado tudo.
581. Esta história já tinha ficado para trás?
582. Isto ai nos omitimos na ocasião. Eu queria contar a você, como estou contando agora. Então tinha o problema de comer um PF por dia. E eu ia buscar de qualquer jeito um PF. Cai, numa revista picareta, que eu não acreditava. Para pegar anúncio nos comerciante, picareta pura, tremenda!
583. Para vender anúncios?
584. Vender anúncios. E a entrada era da agência. Com esta entrada eu defendia o meu PF. Não acreditando no negócio, eu vendia, ainda assim conseguia vender e ganhava meu PF, com o suor do meu rosto. Fui comendo assim, nesta base até que veio a oportunidade de eu passar para – do critério desta revista ignorante – para uma melhor. Ainda lá no cemitério, havia um cadeira do INPS e o guarda a noite, naturalmente vendo que eu sentei naquela cadeira para dormir... e o guarda noturno me permitiu que eu dormisse nesta cadeira. Aquele negócio lá do INPS. Chegou um ponto que ele falou para mim: eu não posso permitir que o sr. fique ai, por que eu sou um empregado e eles não permitem. Se eu for largar assim eu perco meu emprego. Então eu falei para ele não. Para que dois desempregados. Deixa um só que sou eu. E agradei. E assim foi esta coisa. Fiz uma amizade, amizade, não contato nesta revista de má fé, um cômodo, na entrada da casa que eles alugaram. Havia um sofá, uma mesinha do malandro e um sofá. Um dia abri este sofá. Ah, em baixo tinha uma tapeçaria, no térreo. Na tapeçaria eu consegui também um lugar no meio daquele monturo de tapeçaria. E eu andei dormindo até que bem..
585. Julio isto por volta de ano mais ou menos?
586. Ai que tá. Quero falar para você mas não consigo.
587. Não consegue?
588. Não.
589. Faz muito tempo isto?
590. Faz... não posso responder isto. Eu lutei para minha sobrevivência. E não fiquei angustiado com o acontecimento. (muita tosse...)
591. Hoje está muito difícil, não é Julio?
592. Tá. Então dormi em baixo na tapeçaria. A onde eu estava no escritório tinha um sofá. Este sofá, era em cima. A tapeçaria era em baixo. Tinha um comunicação entre eles para entrada e saída. Ai havia, nesta secretaria um chuveiro, um banheiro, no fundo. Eu tomava banho, a toalha era esta aqui... (mostra-me sua mãos) ..

593. Eram sua mãos, né?
594. Eram de qualidade. Só meu. Ai eu enxugava tudo...
595. E que ainda em uma vantagem. Você pode levar para onde você quiser, né?
596. Claro. Sempre comigo. Ai, teve um período que eu tomava banho e na praia de Santos que você deve conhecer aqueles sanitários para se tomar banho depois do banho de mar. Eu tomava banho na praia. Até chegar a esta conversa deste chuveiro lá na tapeçaria... Então, ia levando assim. E foi pelo menos... eu consegui eu gostava duma pinguinha para almoçar e gostava de cerveja. Então consegui produzir vender aqueles anúncios me permitiam tomar uma cerveja. Ai eu fiquei nesta vida uns tempos. Fiquei por ali mesmo. Consegui também só trabalhando com bandido, incrível, trabalhava, fazia o que podia e ...suportei tudo isto. Fazer o que? Brigar? Até que eu vim - estava na Praia Grande – até que vim para Santos. Em Santos, na zona cerealista, eu fui penetrando lá para fazer alguma coisa, tomar conta do escritório, tomar conta de algum depósito. Eu consegui no depósito a chave, tomava meu banho. Muito rato. Dava veneno para matar o rato. Nunca rato nenhum me pegou né. Dormia bem, tomava meu banho, fazia minha higiene e ia tocando a coisa tomando conta de depósito. No depósito, eu arrumava sempre um jeito de dormir. Ficava com a chave. No depósito tinha lá a mercadoria que era vendida, eu tomava conta daquilo, anotava a quantidade de bebidas, para prestar contas. E fui ganhando também o suficiente para sobreviver melhor. Então eu ficava produção, tomava conta da coisa, entrada e saída da mercadoria. Prestava conta do dono da lá coisa e tava tudo bem. Passando o tempo eu vim para São Paulo e vim cair numa firma de picaretagem também. O patrão era genete de um dos depósitos. Golpes impressionantes. O que o cara arrumava com os bancos, tudo papel, abertura de firmas, para levantar dinheiro...picaretagem pura. E eu não sei até hoje que fim deu o Almir, era o nome dele, até hoje. Então, eu permacei ali com ele, até que ele tava destivando os depósitos. Ai eu fiz uma amizade lá com um picareta que já teve até o irmão dele preso, um comerciante legal, mas este irmão era um picareta, sem vergonha. Então ele ia sempre onde eu estava no depósito e ai conversar e tal e tinha o objetivo de abrir um depósito dizendo de cereais empacotados, um supermercado – e convidou-me para ir nesta, em São José do Rio Preto, e lá fui eu.
597. Nesta, em todas estas relações você não tinha carteira assinada. Era só de boca? Por que você não queria? Ou não podia?
598. Eu não queria. Eu não importava. Eu queria era defender o meu prato de comida. Fiz muito força e muita coragem para conseguir e consegui. Ai este bandido veio. A mercadoria vinha em sacos e tinha um conjunto de mulheres que punha nos sacos, em pacotinhos, pesava punha a data de validade com carimbo. E aquilo ficava na prateleira. Era arroz, feijão em saquinhos. Vinha num saco grande a moças punham em saquinhos. E foi indo, fui indo, foi indo e ele comprava em São Paulo, fazia amizade por causa do irmão dele, mas o irmão não dava colher de chá para ele, e não pagava. Ia levando, levando, malandro, até que chegou um dia, o pessoal que servia crédito a ele de mercadoria chegaram até com a polícia lá. E este bandido fez um dívida enorme. Comprou uma grande quantidade de saquinhos saquinhos plásticos para por a mercadoria. Fez um compra grande e não pagou. E os caras cobravam e eles fugindo. Os cara de Catanduva. Não pagou nem a gasolina do posto. Nem isto.
599. Nem, você. Como é que se virava? O pessoal não apertava você? Você era empregado dele, não era?
600. É. Minha saída era a realidade. Fulano de tal está em tal lugar, em outra coisa e tal. Chegou uma hora que o cara de São Paulo que vendeu a mercadoria, o dono do depósito lá que cedeu a mercadorira para ele - uma fria - então o cara da matéria plástica, lá dos saquinhos – era ele. Então ele chegou e veio retirar aquela sacaria, ficou um monte de saquinhos para poder

encher de mercadoria . Uma compra grande ele fez. O cara que veio, não sei se era dono ou gerente desta fábrica de plástico. Chegou ele, invadiu, com PM , invadiu o depósito e tirou toda a mercadoria e inclusive levou de volta , com a PM. Então eu liguei para o cara. Ele para ele. Ele tinha um primo lá em Resende que era advogado. E eu ia prestar esclarecimentos lá na , na o próprio PM que estava lá no armazém, eu contei para ele que não era meu que estava só tomando conta e que na realidade e ao mesmo tempo eu liguei para este supervisor que era primo dele para dizer o que estava acontecendo. Ia ser preso e tal...Ai, o primo dele me ligou e deu um jeito lá, na habilidade dele lá de advogado picareta e deu um jeito. /ai a polícia deixou o depósito que foi desativado, ele não pagou as funcionárias que envelopavam a mercadoria e eu....

601. De novo né Julio?

602. A minha sina. Trabalhar com picareta.

603. Julio e você tinha preocupação quando a polícia ameaçou de prender você, você tinha preocupação de ser preso?

604. Essa. Muito remota.

605. Mas você tinha medo. Me lembro que você me falou quando fecharam a sede do partido e você se mandou, você tinha medo desta perseguição, não tinha?

606. Eu sabendo a tortura dos companheiros, eu não queria ser torturado. Eu não admito apanhar, ser agredido para poder contar alguma coisa. Não admito isto. Felizmente não tive isto.(606)

607. Mas você se escondeu. Você não mostrava sua identidade...

608. Ah, sempre escondi. E neste período parei um bons tempos.

609. Também você abandonou a militância, né?

610. Total. Peguei esta profissão para poder viver. Fiquei até a que foi fechado, não pagou ninguém, nem a mim e às moças todas pobres, coitadas. Situação terrível. Ninguém ganhou dinheiro. Até que chegou... Ai eu voltei para São Paulo e eu arrumei um outro depósito onde podia ficar, dormir e tal e ganhar um dinheirinho. Ele me pagava um dinheirinho. Chegou um fim do ano, Natal, ele estava pagando o pessoal né, e ele, falou: quanto você precisa? Falei, você que sabe e tal, né. Ele me deu um dinheiro, em cheque, eu fui ao banco, saquei e deu para eu fazer uma festa sozinho. Então, eu à noite, tomei duas garrafas de champanhe.

611. Você fez uma festa de natal só para você?

612. É. E quis escrever o acontecimento...esta carta ficou lá, não peguei ela.

613. Você chegou a escrever este acontecimento?

614. Cheguei.

615. Deste natal sozinho que você passou?

616. Fiquei lembrando minha família. Por onde a família estava...Para minha família para eu não dar satisfação eu tinha diversos motivos para não me aproximar deles. E também eu gostaria , como sempre fazia,nos tempos em que foi lançado a Caloi 10...

617. Uma bicicleta?

618. É. Uma coqueluche naquele tempo, eu consegui, dei ao meu sobrinho, a Caloi 10 para ele. Ele gostou. Guardou isto até há pouco tempo...

619. Você veio aqui trazer? Ou mandou entregar?

620. Eu comprei, paguei e ele retirou.

621. Quando você escreve dando uma satisfação aos seus irmãos, a sua família, que você tinha vários motivos para não procurá-los, que motivos eram estes Julio?

622. Diversos. Primeiro estava desempregado. Eles queriam saber como eu ia. Eu mentia. Sempre dizia que “ não vou poder ir até vocês por causa do meu emprego e tal...”

623. Então você dar a Caloi para seu sobrinho, foi um forma de dizer que você estava bem também.

624. Ah. Isto mesmo. Era caro a bicicleta e pouca gente tinha. Ele foi um dos primeiros a ter. Foi um festa. Em paguei.

625. Quais eram os outros motivos? Um era a questão do emprego. Você não queria dizer para eles que você estava mal. Quais os outros motivos?

626 O principal era este. Eu mentia. Dizia que estava em tal lugar, que não podia ir passar Natal com eles lá... e fui levando assim. E também saiu uma TV ai...para mãe dele dei um máquina de lavar, ela tem até hoje, e também um aparelho de TV que ela tem até hoje. A mãe dele. Minha irmã. Dei para ele, aquela festa, tudo. E eu sempre dizendo, estou viajando, correndo o mundo e tal...Engoliram. E este comentário que fiz por escrito das minha situação, dava todos os detalhes que eu fiz, não me lembro muito bem que fiz um pauta para chorar... chorei..¹⁴. Mas, escrevi a carta e tinha um dinheirinho que eu recebi pelo meu trabalho, não do décimo terceiro, mas um achego de natal. Com isto ai eu consegui ficar uns tempos lá na zona cerealista de São Paulo, no Brás, fiz umas amizades lá e penetrei no negócio que os comerciantes tinham dificuldade. A cerveja tinha um critério. Você ia a fábrica comprar cerveja e vinha junto pinga e outras coisas que era chamada de venda casada. Então, fora disto havia a possibilidade de pegar só cerveja e as fábricas tinham um fila de carreta, já lonadas, e eu ai pesquisar aquelas carretas tudo lá fora da fábrica, aquelas grandes no pátio, na Fábrica da Antártica, eu conseguia, através da amizade, passei a fazer por fax e telefone. Então muito bem relacionado e levando direitinho as coisas então eu ia na carreta com a nota Fiscal de lá ai em comprava a carreta lonada, e dava para eu ganhar um parte da comissão. E a minha vida ia indo assim, maravilhosa, sobre o ponto de vista anterior que eu estava, eu ganhava pouco, mas sempre estava com dinheiro do bolso para fazer o que eu quisesse, comendo bem, o que eu quisesse comer, então a pizza por exemplo eu gosto até hoje...pizza. Então eu ia numa pizzaria e pegava um pizza grande com azeitona pretas, também pedia uns patelzinhos prontos e uma garrafa de vinho. Então...

627 . Você gosta de vinho? Vinho tinto?

628 Gosto. E é um alimento. Eu li numa ocasião. Eu lia o Jornal do Estado e do Diário Popular, diariamente. Saiu um notícia dizendo que o vinho do ?Brasil estava entre os dez mairões vinhos do mundo. Este nosso vinho que o brasileiro não dá valor...não gosta de vinho... então me alimentava muito bem, por exemplo o bacalhau. O que eu tive de ...havia uma firma, existe até hoje, um restaurante - *Bacalhau, Pão & Vinho* - Então eu ia tomar, ia comer o bacalhau e trouxe o vinho branco, era gelado, então tinha uma posta de bacalhau, grande, alta, uma beleza..

629 Hum tá me dando fome está na hora do almoço....

630 Comi. Me alimentei bem. Eu já estava com a situação bem melhorada, né, até o ponto final. Eu fiquei no ponto final do negócio deste picareta. Não tive problema, não era meu, não assinei nada. Neste novo depósito eu vendia por telefone e por telex, cheguei a este ponto. O trabalho era um lugar relativamente pronto, comerciante em ordem. Ali fiquei até terminar, encerrar o ultimo depósito lá na zona cerealista. E eu passei então a morar sozinho. Aluguei um casa, nos fundos, eu não gosto morar vertical, só horizontal. Ai aluguei esta casa, fui pagando, pagando, pagando até que se dissolveu o último depósito e ai eu comecei atrasar o pagamento e o dono era um português dono de uma padaria lá perto. O pai dele era um daqueles portugueses grossos, não conhecia ele, encontrei ele dentro do ônibus, veio falando alto, dizendo que a padaria era do filho dele e que eu tinha que pagar, se não ia tirar minhas roupas e me por fora então à moda portuguesa. E eu, pedi ao dono que era um jovem até, um bom comerciante, uma padaria boa, pedi a ele um crédito de confiança. Falei: o senhor não vai perder nada comigo. Eu não vou lhe dar prejuízo em nem um tostão. E aquela amolação, me cobrando, coisas do gênero...Até que,

¹⁴ Ficou muito emocionado neste momento, chegando às lágrimas.

por fim, eu joguei no bicho e ganhei nove mil e duzentos cruzeiros. Paguei tudo e falei na frente do pai: eu prometi ao sr. que não iria dar prejuízo de um centavo. Então tá aí a coisa...A minha palavra foi cumprida e o sr. recebeu. E sobrou um dinheirinho ainda. Eu já estava livre de cobrança na porta e todos ficaram sabendo que eu paguei. Tava indo tudo bem. 630 Tava lendo meus jornais, uma hora eu caí. Quebrou o vidro do óculos e eu então me arrastando pedi a vizinha que ligasse para uma gerente – ela era gerente de venda de uma distribuidora de cerveja. E ela foi chefe de vendas...

631 Ela era sua amiga, ou sua patroa?

632 Ela era colega de trabalho, uma amiga. Eu pedi socorro a ela. E ela me levou ao pronto socorro de Santo Amaro. Me levou lá. A filha dela estava guiando e ela ficou comigo aguardando a vez de ser atendido. E a menina ficou lá. Eu estava mais preocupado com a filha dela por que Santo Amaro, era e ainda é um local de nível de criminalidade avançada. Há bandidos lá. E eu preocupado com ela. Todo mundo vendo um carro, não do ano, mas um carro bom esperando uma resolução do pronto socorro. Fiquei pedindo a Deus por ela. A menina conseguiu vir embora. Falou com a mãe e retornou para casa dela. Quando eu fui atendido a mais ligou para lá e ela veio nos buscar e eu dormi na casa dela. Não me deixou dormir na casa. Dormi muito bem na casa dele, conforto

633 Então depois que você foi atendido ela telefonou para filha e ela foi buscar com você e você foi para casa dela?

634 Com ela.

635 Com a senhora.

636 Ela queria muito, muito mesmo que morasse lá, as meninas dela, uma amoros todas elas, mas a minha preocupação, Jaime é com a morte. Imagine eu, dentro daquela casa, morria, ficar com meu corpo lá.

637 que você teve Julio.

638 Coração. Estava com o coração dilatado...Três moças, não ia ficar bem Jaime, três moças e eu morando lá como estranho. Não ia dar certo.

639 Mas ele não tinha convidado você para ficar lá?

640 Tinha, mas meu problema era a morte. Tinha que pensar como penso até hoje. Até que com este acontecimento ela ligar para meu sobrinho aqui em Campinas. Este sobrinho foi me buscar. Trouxe para cá. Eu não casa dele não podia ficar. Fiquei uns dias na casa dele, fiquei uns dias lá e ele trabalhou com a influência dela, ele é bioquímico, está lecionando bioquímica, conseguiu um lugar aqui para mim.

641 Foi por isto que você veio para cá?

642 É.

643 Isto mais ou menos a 4 anos atrás, né?

644 É. Foi . A casa dele era pequena e não havia condições. Então vim para cá. E antes, quando sentira falta de ar, ele me levava a qualquer pronto socorro e dava lá o tratamento e passava. Até que eu fiquei definitivamente aqui, neste paraíso que Deus deixou para nós. O Lar...

645 Você gosta mesmo daqui, Julio, ou você tá naquela compensação. Como não tem outro lugar aqui está muito bom mesmo. O você gosta mesmo de estar aqui.

646 Gosto. A tábua de salvação. Era um naufrago. Naufrago na vida. Isto aqui foi minha tábua de salvação. Tenho que adorar

647 Julio como você fez com sua aposentadoria?

648 Tinha como provar que trabalhei e trabalhei muito. Ai arrumaram para eu receber uma ajuda. Dou um parte para o Lar e fico com o resto. Não tenho despesa, assim dá muito bem.

649 Como foi para você deixar de trabalhar? Me disse que simplesmente deixou de trabalhar depois que ficou doente e teve que vir para a casa de seu sobrinho que foi buscar você em São Paulo.

650 Foi muito ruim não pode trabalhar mais. Foi péssimo mesmo. Talvez a pior coisa da minha vida, pois passei a ser dependente...mesmo quando ganhava pouco podia fazer o que queira. Muitas vezes fui explorado por picaretas, mas nunca deixei de cumprir minha obrigação ou então passar eles para trás...nunca. Nunca tirei isto. Sempre aprendi, em casa e na escola que a honestidade é algo que deve se preservar, custe o que custar. E hoje me sinto um cara honesto. Sempre desejei o bem a todos.

651 Mas, você nunca teve carteira assinada, não foi?

652 Não. Nunca quis, por motivos outros. Mas era como tivesse. Sempre tive chefe a quem obedecia e ajudava. Nunca nenhum deles reclamou de mim, pois fazia tudo que mandavam. Quando não concordava com as picaretagens, pedia demissão. Parar para mim foi horrível. Acho que fiquei mais deprimido por não poder me manter do que pelas doenças e pela minha vinda para cá. Procuro enfrentar isto com coragem, pois não tenho outra saída... estou totalmente dependente...

653 Julio, são 11:05. As 11:30., serve o almoço, não é?

654 É

655 Nós vamos ter que parar para você não perder seu almoço.

656 Isto.

657 Nós já conversamos bastante, mas eu gostaria de voltar a conversar com você, pois tem um pedaço da história que não gravei. Aquele período que você conta que você me disse : olha eu não quero que ninguém saiba.. e tal. Depois você reconsiderou. Quando você começou aqui a militar, depois a sua fuga, etc. Você quer me contar isto para eu gravar?

658 É esta a história!

659 Você acha que não precisa acrescentar mais nada?

660 Não. Não tenho mais a dizer. Apenas queria falar sobre o Lar, sobre a glória..

661 Tá bem, Julio. Então vamos marcar outro dia. Obrigado.

662 Vamos

663 Julio, bom dia.

664 Bom dia

665 Então Julio, no último encontro que nós tivemos você me disse não precisava mais de dizer muita coisa que você já havia me dito as coisas que você havia me contado. Mas que você queria falar comigo sobre sua estada aqui no lar do velhinhos.

666 É.

667 Então está aberto a você. Eu queria dizer que sempre é bom estar com você.

668 Eu hoje revendo este acontecimento em perspectiva, o que o Lar me proporcionou só um rico podia fazer. *Check up* a toda hora. Exame de sangue, urina, fezes toda hora. Cuidado com...como vou explicar isto... todas especialidade. Eu tive um tratamento aqui...então eu fiquei milionário.

(Um senhor aparece na sala e está perdido, não sabe por onde sair. Isto interrompe o conversar e vou lá, indicar a porta de saída para ele. Ele deve Ter entrado pelo outro lado para ir ao banheiro da sala anexa e se confundiu. Isto atrapalho o andamento da conversa, num dia em que Julio parecia muito abatido)

669 Julio me desculpe, mas ela perdido ai e eu tive que mostrar a porta para ele.

670 Não tem problema não. Então, eu fiquei milionário não, mas adaptado para poder pagar serviços. Quer ver um coisa. A gente expande o dinheiro (*muita tosse mesmo...*)

671 Continua ainda com dificuldade, né? Quer um toalha de papel.?

672 Não, obrigado. E fizeram tudo. .Agora o dermatologista, que não tem aqui, eu gostaria de eu pagar o médico. Isto não custa nada. Apenas a gasolina da Kombi para me levar até lá ¹⁵ Até agora não falaram nada.

673 Não deram respota né?

674 E esta um horror a coseira.

675 A gente saindo daqui, a agente dá um alô pra a Rosângela¹⁶ ali, para ver o que está acontecendo.

676 Toda a noite eu ficava só com a claça plástica, tirava toda a roupa para me coçar, do peito do pé a até a cabeça. E os lugares da costas que eu não alcançava eu coçava com bengala. Até agora não tive e eu acho que não precisava e o caso da pele só pode ser um especialista e o que ele cobrava eu posso pagar, mas, continuo esperando...Eu percebi isto este estado que me tirou, me atacou a glândula do humor, eu não fiquei chateado, aborrecido, mas é desagradável né, tanto tempo...

677 E Desconfortável né Julio?

678 Desde quando que eles fizeram estudo, até agora um sofrimento que não precisava, na minha opinião. Eu acho que a medicina tem todos os ramos e tem os médicos separador para poder atender. Não há nada que eles não atendam até agora. Isto teve algumas conseqüências, perdi o apetite que atribuo a isto...ao nervosismo...chateado eu não podia estar rindo, mas também não fiquei chorando. E ter que tomar a iniciativa eu tenho muito medo, muito mesmo. Então eu achava, acho e acharei que para cada coisa, cada doença deve consultar o facultativo especialista nesta doença. Achava, acho e acharei que é assim que deve ser as coisas. ..Eu fiquei desgastado, perdi peso, estou muito magro, não como direito. A única coisa que eu como é banana prata. Eu comprei, Dona Alice¹⁷, queijo prato com presunto fatiado. E com isto que eu alimentava. Com banana prata eu comi, depois ia deitar e dormia. Por que a noite eu não dormia. Aqui na cadeira, desde quando eu ia lá para o Hospital, na cadeira eu dormia na cadeira, como dormia aqui no sol, tomava sol, dormia na cadeira até me chamarem para alguma coisa. Então eu resolvi reagir e resolvi comer um pouco. Em comia salada e alguma coisa que tivesse. As salada é preciso, folha né é preciso. Ai comendo assim um pouco e depois me retirava e ai eu já ia para cama. Ai eu comecei a chupar laranja cravo que este japonês¹⁸ trazia ai. É laranja com aquele sabor dela ajudava a dentadura e os estômago. Facilitava. Eu me sentia alimentado. Com tudo isto eu estou pele e osso. Minha preocupação e esta. Eu não estava assim. Não estava. Cheguei aqui, estava com peso normal. Da saúde é a única coisa era o coração que é dilatado eu preciso tomar todos os cuidados para ajudá-lo a palpitar. Então, o que aconteceu lá, na tarde em São Paulo, ela me orientou até me deu uma linha rápida que eu devia dormir do lado direito para ajudar, para não forçar o coração e dar um chance para ele dele trabalhar. Racional isto e deu certo. E nesta que estou estava dormindo do lado direito eu caia da cama e deu um azar. Eu senti a batida aqui atras. Fiquei com medo. Tenho sempre pavor de cair. Por que sinceramente, particularmente entre nós. Tem uma turma que está usando roupa branca, no caso as enfermeiras, com sinceridade, mereciam trocar a indumentária e ser faxineiras e não enfermeiras. Ignorantes... a ignorância, semi

¹⁵ O Lar mantém um médico geriatra, diariamente. Os especialista e os casos de emergência são encaminhados ao Hospital da PUC. Os idosos que desejam um médico particular, especialista, e que podem pagar a assistente social providencia.

¹⁶ Rosângela é a assistente social.

¹⁷ Funcionária que vai a rua e traz as encomendas dos residentes que não podem ou não querem sair.

¹⁸ Referia-se a um voluntário que diariamente, na parte da manhã, trabalhava no apoio a na atenção aos idosos do pavilhão onde estava o Julio. Tratava-se engenheiro aposentado, descentende de japoneses. .

analfabetas, sabe, uma má vontade...Eu tô num lugar a aqui, passava uma e eu falei você pode me levar isto aqui?...”Já vai , num minuto” Foi, não levou e não voltou mais.

679 Mas, são todas? Não?

680 A turma que eu tenho medo é da uma hora. Ai tem a Ester, a Nadir e Odilia.

681 As que você tem medo ou as que você gosta?

682 Que eu respeito e gosto e prefiro. O resto é fato. Deus me livre! Deus me livre!. Que horror! Moças incultas, sem escolaridade nenhuma, sem educação também. Gente pobre. Pode ser pobre não é pecado mas pode ser educado. Uma tristeza. E isto tudo me prejudica o meu humor a presença delas. Eu descobri não sei onde, que a gente deve fazer tudo, tudo que precise para alimentar as glândulas do humor. E ela representa a base da saúde física e mental. Não sei onde eu achei isto e venho fazendo. E de resto tenho aqui conforto que você me proporcionou. Falar com quem? Com a parede? Então tem que Ter um pessoa que faça, não que seja carente, que não tivesse isto esta oportunidade com você eu ficava do jeito que eu tava. Não me deixava afetar por nada, não dava confiança, fazia que não era comigo e pronto. (*tosse, muita, tosse*) .Esta tosse foi o mesmo. (*muita tosse*) Desde janeiro(*tosse novamente*) dia e noite, também sem solução até então. E estas coisas até para gente , por que a pessoa eu gostaria, tem hora que eu gostaria de ignorar um monte de coisa do que ficar sabendo do que eu fiquei sabendo. De noite eu acordo tossindo, tenho que escarrar com dificuldade. Tenho que pegar a prótese de cima, se não ela vai junto. Pego a prótese, ponho num copo com água com um desinfetante que eu comprei. E para fixar eu uso um pó né. Eu falei para o dentista, antigamente, inclusive minha mãe, tinha dentadura e para parar na boca, era um pó. (*muita tosse*). Tá me preocupado a perca de peso. Estou ficando em pele em osso. (*tosse...*) O que eu podia fazer para com você.pela sua bondade, tem respeito, tem paciência com este meu estado de estar interrompendo uma coisa que eu não posso evitar...(*tosse...*)

683 Julio, isto não tem problema nenhum, nós estamos aqui conversando eu tenho o tempo que precisar depois eu volto novamente para conversar com você. Não fique preocupado com isto. Tá bem?

684 Tá bom.

685 Tá bem? E assim é que a gente esta colhendo esta história e a gente aproveita o tempo para conversar um pouco, Não é?

686 É. Isto faz bem.

687 Então fique tranqüilo.

688 Isto faz bem.

689 Mas, neste momento você também esta bastante debilitado estes dias. A pele, está com muita coceira, você...a sua perda de peso, a sua tosse, sua queda da cama. Foi quando? Foi ontem?

690 Domingo para Segunda.

691 Foi Domingo para a Segunda. Estas questões todos têm deixado você muito chateado, né?

692 É. Preocupado né?

693 Julio, você havia começado me dizer que você tinha vindo para casa, aqui para o Lar dos Velinhos e aqui tinha tido um tratamento de uma pessoa de classe média, e tal, né assim, não de rico, pela atenção médica, tal, mesmo com as dificuldades que você está me mostrando. O que mais, como é que foi o Lar dos Velinhos para você. O que representou isto a sua vida para cá, você que sempre foi um homem sempre independente, né,

694 Um choque...m choque. Fui totalmente, fui muito mal recebido pelas pessoas do pavilhão que eu fui levado.

695 Por que você acha que foi mal recebido?

696 Por que não me levaram em consideração! Não me trataram como um sei humano...

697 Isto você está falando de quem? Dos profissionais ou dos colegas...

698 Dos colegas...Ele me irritavam e não permitam um diálogo com eles, nada. Eu não tive outro jeito que não fosse aceitar. Sempre pensando (*muita tosse...*) E toda esta mesquinês. Pessoas mesquinhas né. Acima de tudo são tolos e por resto da vida, no lar. Raça....

699 lar que você está falando é o casa ou o Lar dos Velinhos?

700 lar dos velinhos.

701 Por que isto Julio ? Por que sempre você põe e porá em destaque o lar?

702 Por que não tem outra coisa. Nunca conversei na vida o que estou conversando com você. Nunca. Contava com amigo, amigas inteligente, cultas, pois eu fazia meu ambiente. Você me entende. Tudo isto que perdi de ter vindo para cá ...então agora....O pessoas tinha muito interesse em conversar comigo.

703 Que pessoal?

704 De São Paulo. Gostavam de conversar comigo. Eu sempre estava nesta roda. Era tão bom. Em São Paulo, no Centro de Convivência, tinha um cardápio, entre aspas, com todos os autores, a música, a parte da música, você sentava numa cadeira confortável que tem, e quando for atendido, você enfia lá na tomada para começar lá escutar a música que você pediu. Coisa mais maravilhosa! Mais maravilhosa do mundo. Eu não ai ao teatro aquela época. Já tinha assistido as peças que já tinham passado e até hoje aquilo é um paraíso. Uma pléidade de intelectuais, cultos, desinteressados, a não para aquilo que eles pudessem mostrar e servisse de uma útil para nós. Quer dizer como Robson Crusué, com um radinho de pilha, não dá, né?

705 Alias, você viveu na sua vida, muitas vezes esta siotuação de Robson Crusueé, não viveu?

706 Vivi.

707 É difícil?

708 Passei por ela, né?

709 É difícil?

710 O quê?

711 Viver com Robson Crusé.?

712 Passei por ela...

713 Passou, né.

714 Todas as coisas que eu tenho que passar, e os outros achavam que era difícil tudo, eu graças a Deus passei

715 Qual das situações você achou que foi mais difícil? Destas, Julio, onde você teve solitariamente passar...

716 Não entendi.

717 Qual das situações que você acha da sua vida que foi mais difícil, como Robson Crusué, passar por ela.

718 *Eu via sempre, paulatinamente, os acontecimentos. Com minha fé, eu tinha em que saber que ela era inquebrável... Mesmo nos momento de grande depressão, quando sentia que não havia mais saída, ainda assim eu tentava (tosse) acreditava...*

719 A sua fé inquebrável, né?

720 Por que eu tive contato com as maiores cabeças do mundo. Pelo que eu li deles, até hoje, o que eu faço, Jaime, é o seguinte: os bois à noite, vive sempre mascando, à noite. Não sei se você já viu algum boi...

721 Já, fica ruminando né?

722 Ruminando. Então eu segui o exemplo dos bois. Eu ruminando capim fresco. Saudável, nutritivo das coisas que me aconteceram. Não achei nada melhor do que isto. Acho que este é meu jeito de vencer a tristeza quando ela bate.

723 Então as coisas que aconteceram para você elas são como alimento, fresco, bom?

724 É uma realidade da vida. E agente não pode fugir da realidade da vida. A vida é impostora, ela impõe. A gente sempre seguiu. Quando estive mal quando vim para cá e sabia que não podia mais trabalhar, me manter, mesmo assim, tentava olhar minha vida como coisas positivas...

725 Você me dizia que convivia , sempre conviveu com grandes homens, especialmente de seus escritos, seus livros. Você lembra de algum?

726 Todos. Vitor Hugo!. Vitor Hugo foi considerado, na época dele, como um outro Jesus Cristo que estava na face da terra. Os miseráveis, tem uma passagem, que eu amo muito, um personagem. Jean Vadin, foi condenado a trinta anos de masmorra, de trabalho forçado, trinta anos de pena..Chegou um tempo, desceu e foi posto em liberdade. Ele saiu da prisão com um policial acompanhando ele, dia e noite. Agora, trinta anos de masmorra, trabalho forçado e tudo. O que podia dar este homem depois que saiu? Fazer o que? Um curso de Informática, e coisa e tal? Nas andanças dele, bateu da porta de um frade. Pediu pousada. O Frade, quando chegou de manhã, ele saiu, com o policial atrás, encontrou um castiçal de ouro na sacola de Jean Vadin. Então ele deteve o . Levou o – Jean Vadin – e falou para o Frade. Este cara dormiu aqui esta noite? E o Frade: perfeitamente, dormiu. E pegou a sacola dele e: ele levou isto aqui, de outro. O Frade falou: não. Ele não roubou, eu dei para ele. Dali a ressurreição de Jean Vadin foi impressionante por que ele fez da coleta uma história maravilhosa. Uma palavra, no momento certo, faz mais do que trinta anos de masmorra que não adiantou nada. A palavra do Frade provocou a ressurreição. A ressurreição nossa do homem. Você troca de história . Todos nós precisamos de uma ressurreição que está aqui dentro de nós mesmos. E onde a gente vive melhor. Estamos ressuscitados por nós mesmo. E a ressurreição de Lázaro é um símbolo. E coisas assim me tocavam, me tocam e me tocarão. Quando ele surge comigo. A ressurreição do homem está em cada um.

727 Bonito isto, Julio. Muito bonito isto que você me diz.

728 Stravinsky, um compositor russo, fez um música que até hoje tá aí. Uma sinfonia. O nome é a Primavera Quando a música foi, caiu no comércio, foi divulgada. Aí a crítica disse. Como a primavera? Que primavera é esta? Inquirindo Stravinsky. Não se houve o canto dos pássaros, o sussurrar das folhas das árvores e diz que é primavera. Aí, Stravinsky respondeu a esta crítica: Eu fiz esta sinfonia não para mostrar tudo isto. A mim há música é a primavera do homem. Quer dizer o homem, tem que ter sempre a primavera, por que é lindíssima na escala das estações. E a resposta de Stravinsky foi esta. Ele fez a música a primavera do homem. Coisa deste tipo eu tenho uma porçãozinha delas. E constitui para mim, como para o boi o capim, constituir para mim material para ruminar isto. Isto é bom, saudável, eu gosto por que são coisas que eu gostei, coisas consagradas. E dá para viver tranquilo.

729 Então você, você, ruma mais hoje que antigamente do quando era mais moço, trabalhava...

730 Sempre ruminei. Sempre procurei descobrir a exemplo dos bois em adotei isto para mim. Eu achei bonito e útil.

731 Lar dos Velhinhos não tirou isto de você?

732 Ninguém tira. Ninguém. Ninguém tira de mim. Ninguém. E é bom doutor. Eu não preciso. Um consolo. Um calmante. É uma esperança. Se bem que a esperança é a última que morre. É um erro catastrófico! Quem tem a esperança não morre. Ela é eterna. Não é a última que morre. Ela é eterna. E como tal a gente fica com uma esperança sensata, não utópica. A esperança

de eu sarar. Errado? Estava com esta esperança? Então é assim tudo, né. (longo silêncio....)
Quando eu estava no pronto socorro eu achava que era o fim...

733 Quando isto?

734 Antes de eu vir para cá. Eu fiquei doente lá .

735 Lá onde? Em São Paulo?

736 É. Estava na UTI. Fiquei 25 dias, perdi um quilo por dia. Perdi uns vinte e cinco quilos. Ai, lá, a gente fica nas mão, lá no fundo todos nos somos cobaias, ai vinham os médicos recém formados, ou próximos a colar grau, vinham para estudar as...ver se encontravam alguma coisa em alguém. Ai lá, um médico, um deles fez uma pergunta de quanto tempo eu tinha aquilo. Falei, que não me lembrava o tempo exato mas que fazia muito tempo. E o que fazia para isto: eu nadava. Ai ele começou a fazer experiência. Mandou abrir e fechar este olho. Eu só via silhueta. Ai o médico chegou para mim e falou: “olha, o que você tem você vai precisar tirar este olho, estado num estado que se progredir você vai ter que fatalmente perder a vista por que você está no limite. Não há meio regredir. Você pode piorar e ela desenvolver e ficar na iminência de atingir o meio de cérebro. E se tal acontecer, você vai ficar louco” E ai eu: qual é o caso? O que tenho que fazer? Ele falou que eu tinha...Doutor, qual é a solução? Ele disse; “você tem que extrair a vista”. E eu: “tá com o bisturi ai? Então vamos lá”. Ele extraiu...

737 Você então tirou seu olho direito? Você estava ainda no Hospital com aquele crise do infarto que você teve?

738 Sim. Ai ele fez um desenho, ficou muito bem, eu assimilei tudo. E eu: “perfeitamente, pode marcar a cirurgia”. Não me afetou...eu tenho medo de falar, pois as pessoas podem pensar que eu quero ostentar minha fala de valente. Precisava tirar, pois tira. O negócio é esse. E tirou. Fiquei sem a vista, mas sem o risco daquele ferida se agravar e ai atingir o hemisfério do cérebro conforme ele me descreu eu ia à loucura. Então eu falei: preferível ficar cego de um olho do que dois. Fiz. Todo mundo se espantou. Os amigos: “Oba, pera ai!” E era isto que tinha que fazer. Se fosse hoje, eu também responderia a mesma coisa. Depois começou com ele mesmo um tratamento pós operatório.

739 Da vista?

740 Em São Paulo.

741 Mas você continuava internado ainda por causa do coração?

742 Já tinha saído. Estava cuidando da vista a posteriori. Depois que terminou a operação. Esta vista, quero supor, que ele tinha feito um esforço maior para compensar a outra. Então, hoje não enxergo direito, não posso ler, recebi de presente aqui da dona Isa, outro dia eu mostro para você, ela mandou fazer um negócio para eu por um livro para eu ler. E Regina me deu também algo para eu poder ler. Uma coisa maravilhosa. Eu trago da outra vez. E só que eu não posso usar.

743 Por que?

744 Eu não enxergo. Mas para mim não foi por causa da operação. Eu não fiquei triste por perder a vista. Tinha consciência que se não operasse, podia ficar louco. O que me deixou mesmo triste foi não poder mais cuidar de minha sobrevivência pelo trabalho. Sempre trabalhei, com picaretas, sem carteira, muitas as vezes escondido como você sabe, tinha medo, não queria criar raízes....melhor não podia. Hoje escuto rádio.

745 Você tem um radinho. Ele toca fita?

746 Não? Ele é só o rádio.

747 Se você tivesse um toca fita, alguém podia ler para você. Mas não é mesma coisa né?

748 Não. Não é a mesma coisa. De jeito maneira. Por que você lendo, os elementos de assimilação da aventura, são lindos. Então só mesmo lendo um período, as vezes você volta atrás

pensa, repensa, vai para frente... vai fazendo. Agora estou conseguindo um pouco que um médico amigo me deu. O Sermão da Montanha. Está comigo.

749 E este a letra é grande? Dá para você ler?

750 Não. A letra é normal. Mas eu gosto de ler alguns capítulos. Mas depois não deu mais. Eu gostaria...

751 A letra maior você lê, não lê?

752 A letra garrafais eu leio.

753 Mas o Julio, como você classifica este tempo que você está aqui no Lar dos Velhinhos, em relação a sua vida toda?

754 Eu classifico que o Lar... eu era um naufrago e o lar foi minha tábua de salvação. Esta sendo até agora. Eu estava no fundo do poço. Deprimido, sem saída, sem alternativa. Mesmo enfrentando a vida, achava que estava no fim e que a morte talvez fosse a solução. Os elencos que tem formado aqui, agora com a inclusão de você, faz com que os pacientes possam suportar, sem desânimo, sem desespero a situação de cada um. Entendeu? Fiquei naquela época muito deprimido. Precisei de remédio de atenção especial, pois tudo estava muito confuso. Pedi minha liberdade de ir e vir, de pode trabalhar, de defender meu PF, minha sobrevivência. É isto Silvio, perdão Jaime. Silvio. Ele falou de mim agora.

755 Sem problema. Quem é Sílvio?

756 É um amigo.

757 Ah, sim. Mas é bom que você me confunda com seus amigos.

758 Não. Não é não.

759 É bom, por que de certa forma, eu represento de certa forma não mais um entrevistador só, um psicólogo, mas um amigo, né...Tenho um carinho, por que me lembro...

760 Por que eu posso conversar com quem me reconhece, me respeita. A gente precisa.

761 E entende a sua história, o quanto você tem dentro de você.

762 A sua sensibilidade. Por que você, modéstia parte, por que as coisas há os que entendem e os que não entendem. A humanidade está dividida nisto. Metade entende. Metade, não.

763 Eu sempre achei sua história muito forte. Muito densa, muito bonita. Então quando você me conta a segunda parte de sua vida que você não tinha revelado para ninguém, de sua militância no Partido Comunista, na sua fuga, na sua anulação para proteger as outras pessoas, é claro que eu acabei admirando mais você por causa disto. E respeitando mais...

764 Fui iludido né. Bobo...

765 Você acha que não valeu a pena o Julio, esta sua incursão toda...

766 Conheci gente boa. Quase todos inteligentes. Quase todos perspicazes. Todos aqueles do cemitério de Perus. A nata da sociedade, a ditadura ferroz....

767 Tanto a de Vargas como a Militar de 64?

768 A ditadura em si. Só que ela muda de nome, por causa do período.

769 Qual foi a mais dura. A de Vargas ou da de 64? Da qual você tinha mais medo?

770 A de Vargas. Era mais perigoso. 64 os militares. Militar é bitolado.

771 Você nunca chegou a ser preso?

772 Não. Nunca fui preso. Também me cuidei para não ser.

773 Julio, mas devia ser um negócio muito tenso. A todo momento você não tinha, você não conseguia estabelecer raízes então. Você nunca podia ter um emprego seguro...

774 Ah, não!. Não podia. Se pediam uma ajuda para você... a polícia ia atrás de você e de sua família. E perseguiam as famílias e eu queria proteger minha família .

- 775 Teve um período mais tranquilo, com a deposição de Vargas, depois com alguns governos, até 1964. Você me disse que neste período, você se casou. Você já me contou isto. Sua mulher sabia de sua militância?
- 776 Não. Ninguém. Só contei para você.
- 777 Quando você casou-se ainda militava?
- 778 Militava. Acreditei na coisa ne. Como todo os outros. Aquela campanha do Petróleo é Nosso, Você se lembra?
- 779 Me lembro. O petróleo é nosso. O Fernando Henrique, Monteiro Lobato, aquele pessoal todo...
- 780 Fernando Henrique, subia em poste, para fazer discurso contra ...
- 781 A internacionalização.
- 782 Contra o Imperialismo.
- 783 Hoje ele pensa bem diferente, né?
- 784 Passou para outro lado.... Mas muito inteligente e honesto.
- 785 Ele é pouco mais novo que você .Fernando Henrique deve ter quanto? 77 , 75 anos?
- 786 Ele é mais novo que eu.
- 787 Você chegou a conhecê-lo pessoalmente?
- 788 Não. Com quem eu conversava, abraçava postes juntos era o Jânio Quadros.
- 789 Jânio também era nacionalista?
- 790 Era. Foi consagrado acima de tudo filólogo.
- 791 Conhecia profundamente a língua.?
- 792 Opa!
- 793 Você conheceu Prestes?
- 794 Eu fiz o discurso dele. Preparei para ele ler na Rádio Janela.
- 795 Rádio Janela? Este pedaço eu não gravei. Você se lembra disto. Você tinha me contado e só depois você concordou. Pode me falar dela? Era uma Rádio que tinha aqui em Campinas, né?
- 796 Era um Prédio, no terceiro andar, ocupando um cômodo, de frente para a rua. Na praça Largo do Rosário. Toda a bagunça que havia, havia debates, programas musicais...
- 797 Por que chamava Rádio Janela?
- 798 Era um janela com um alto falante.
- 799 Não era rádio então? Olha que legal. Era como se fosse um estúdio de alto falante do interior?
- 800 Exatamente. Isto mesmo.
- 801 Era do Partido Comunista?
- 802 Não. Era um serviço comercial, puramente.
- 803 E vocês usavam a rádio Janela?
- 804 Só aquela vez que Prestes chegou. Nós saímos da FATEC
- 805 Nesta altura você me contou que você também trabalhava na célula aqui, na representação do PCB. Você era Secretário lá? O que era? Eu não me lembro mais...
- 806 Era um militante, destacado. Tinha procedimentos com eles. Lutei, pus a minha vida a serviço. Isto ai.... ¹⁹ Depois eu não quero mais falar nisto. S e você me permitir queria não deixar passar despercebido um feliz, grande estágio de minha vida, que foi quando eu conheci um cientista, no Rio. Ele fizeram, hoje chama Radônio, mas na época era Radon. O Radon é um gás

¹⁹ Julio mesmo me autorizando falar da questão, se esquivava de dar maiores informações. Notava-se que ficava tenso e só respondia aquilo que efetivamente perguntava. Parecia que ainda o medo estava presente, apesar da confiança colocada em mim. Respeitei este seu tempo e esta sua forma de dizer as coisas.

nobre emanado pelo elemento atômico Rádio. Então, era controlado a aplicação, em caso de varizes, reumatismo e monte e coisa, se der em uma outra entrevista conta para você.

807 Você conviveu com este cientista no Rio?

808 Dois anos?

809 De onde eles eram, você se lembra?

810 Fizeram uma companhia. E atração do dinheiro, com ações para poder fazer. Em outra oportunidade eu gostaria de contar isto.

811 Tá. Então nos vamos marcar um outro dia, e você me conta esta passagem.

812 Tá.

813 Para você ainda não é muito fácil falar da sua militância. Do período que você esteve escondido, não é isto? Você ainda tem medo não é?

814 Teve um tempo que eles inventaram alguma coisa e invadiram o escritório que pertencia ao partido. Eu tinha a carteirinha do partido e o retrato de Prestes comigo...

815 Você ainda tem medo, né?

816 Ficou. Sei o que passei.

817 Por isto a sua restrição em falar. Mas eu acho, aliás já te disse isto, quando nós conversamos e você me contou a história a parte. Eu acho isto muito interessante, nesta capacidade de poder se dedicar aos outros. Você estava acreditando numa causa e lutando por esta causa...

818 E era bom para você saber qual é a função da radiatividade em benefício do ser humano.²⁰

819 Você esta me dizendo do Radônio, né? Eu entendo este desvio de assunto ai que você fez. Tá bem. São onze e cinco. Nós vamos fechar o nosso papo ai a gente continua em outro momento. Você tem a história do radônio para me contar.

820 É uma satisfação. Eu temo ficar amolando você.

821 Não Julio, é um prazer conversar com você.

822 Eu sei disto. Tenho certeza. Isto me deixa a vontade.

823 Você está se sentindo melhor agora? Achei você hoje muito chateado.

824 Estou me sentido mais leve.

825 Tá bem Julio, muito obrigado por sua atenção, estou desligando o gravador.

826 Obrigado eu digo.²¹

²⁰ Ele novamente se recusava a falar no assunto e mudava o ritmo da conversa. A tosse tinha cessado, estava tranqüilo. Tinha controle da situação.

²¹ Julio não consegue contar-me a história do radônio. Sua situação física piorou e foi interna Quando retornei na semana seguinte, visitei-o na enfermaria. A situação era crítica: estava muito magro, abatido. Ficou feliz em ver em me ver e disse-se que minha presença lhe fazia bem. Fiquei um pouco a beira de seu leito, limpo, bem cuidado, mas de um asilo, simples, de lençóis doados, de cobertores surrados como ele. Neste momento, pude ver a falta de seu olho direito, que sempre estava tampado com uma cuidadosa bandagem. Fundo, lá em baixo, próximo s cérebro. Sai e disse que voltaria na semana seguinte para ouvir a história do radônio que ele queria me contar. Na quinta feira, deu-me um vontade muito grande de ir vê-lo, mas não o fiz. Quando cheguei na terça seguinte, seu leito estava vazio.

DEPOIMENTO KAREN

1- Karen, boa tarde...

2- Boa tarde.

3- É um prazer receber você aqui. Nós terminamos de assinar o termo de compromisso. Quero que você esteja extremamente à vontade pra falar um pouco de sua vida. Você tem liberdade para falar. Você pode usar uma ordem cronológica desde quando você nasceu e ou então de uma maneira livre. Se eu não entender alguma coisa eu pergunto e você tem toda a liberdade de responder. E em algum momento você quiser me dizer alguma coisa que não queira que apareça na fita você só me avisar que eu desligo o gravador.

4- Tá certo.

5- Tá, então bem vinda né.

6- Obrigada. É um prazer estar aqui para falar com você e poder contribuir com sua pesquisa. Você quer que eu comece ou você quer me perguntar alguma coisa?

7- Não, gostaria que você...

8- Eu vou começar do comecinho... Desde o nascimento. E olha que eu tenho uma vida até bonita, viu. É uma história bonita. E, mas..., Como que eu, eu..., agora tô assim meio perdida, começar por ordem né, onde eu lembro, como era a família.

9- Fale das coisas que você, que a sua família viveram. Eu sei que você nasceu no interior...

10- É, em (.....). Em Minas né...

11- Karen, como eu falei, o que for aparecer para identificar você eu irei mudar, para as pessoas não identificarem Ta bem? .

12- Ah, tá bom, daí eu fico a vontade. Vamos começar pela família, porque com a família que vem a base de tudo, né. Eu tenho nove irmãos agora. Somos ao todo, na verdade, doze e agora só tem nove. Tenho pai e mãe ainda vivos. Meu pai tem oitenta e sete, minha mãe oitenta e dois. Minha família foi uma família feliz. Eles têm cinco genros, cinco noras, acho que em torno de uns cinqüenta netos, bisnetos. É um número muito grande pessoas pra viver em paz, né? Porque aonde tem muita gente, principalmente em grupos de família, você tem umas encrencas. E isto é uma coisa que conosco não tem. Todos vivem muito bem. Cunhadas com as cunhadas e cunhados. A gente vive muito, muito em paz. Minha infância foi uma infância muito feliz até um determinado momento. Meus pais são pessoas muito humildes. Meu pai batalhou muito porque ele..., eu acho ele um vencedor. Ele é uma pessoa que ficou órfã aos cinco anos. Ele teve uma vida difícil. Mas assim, chegou o casamento com a minha mãe, que também teve uma vida difícil porque aos onze anos ela perdeu o pai e a partir daí minha avó se desestruturou e num tempo que passaram muita necessidade. E juntou a necessidade do meu pai e a necessidade da minha mãe e eles acabaram se conhecendo, se casaram e formaram essa família que eu falo que é uma família feliz. Então eu me lembro muito dessa, assim, muito, muito, quando eu era muito pequeninha, eu tenho boas lembranças. Eu era muito bonita, loiríssima, olhos muito azuis.

13- Não, você não era muito bonita, você é bonita.

14- Eu acho, eu não me acho feia não. Mas eu era assim uma graciosidade de uma criança, né? Então era assim, eu me lembro, as pessoas ficavam encantadas. E... era uma casa feliz, grande, tinha quintal e árvores e a gente vivia muito solta. Hoje em dia, as crianças da cidade não são tão soltas quanto a gente era. A rua era a nossa. Então total liberdade, a gente lidou com todas as doenças de criança, com toda a falta de saneamento, a gente vivia entre porcos e galinhas, árvores. Então, eu acho que foi muito gostoso, tenho bastante recordação boa desse tempo. Até que aos cinco anos minha mãe teve um problema de saúde e teve que ficar sozinha porque ela teve

tuberculose, nós éramos em..., quantos? Sete nessa época, nós...Eu já tinha 5 anos. Era a quinta filha.

15- Você é a quinta filha ?

16- A quinta filha. E o filho mais velho já tinha doze e o mais moço tinha um aninho. Minha mãe ficou em Campinas e daí nasceu O irmão do meu pai que eles viveram muito junto né, ele era o irmão mais novo do meu pai. Então meu pai levava ele pra onde ele ia trabalhar né, ele tava com cinco, seis anos. Ele ia ajudar na fazenda então ele carregava o irmão, pra muitas vezes o irmão ter o que comer, enfim, então eles viveram juntos. E esse irmão de meu pai, meu tio, veio pra Campinas mocinho procurar trabalho. Meu ficou porque ele já estava casado. Ele se casou com uma campineira que vive também até hoje. E os meus laços com Campinas começaram por aí. E através desse meu tio foi que minha mãe chegou ao tratamento aqui de tuberculose. Mas também trágico porque há cinquenta anos atrás tuberculose era tanto pior quanto a AIDS hoje né e nós...

17- Talvez morresse mais de tuberculose naquela época do que...

18- É, é, porque hoje a AIDS tem um controle já. E eu sei que a minha mãe ficou assim seis meses pra cá.

19- Isso você se lembra ou é que a família que conta para você?

20- Eu me lembro, eu me lembro, eu me lembro bem. Então foi muito dolorido pros filhos. Eu acho que na faixa etária, eu, minha irmã mais nova, todos ficaram abalados. Eu acho que quando a gente fala sobre a vida um pouquinho essa fase ficou meio marcante na vida da gente. Porque ela foi embora, mas o meu pai entrou em depressão, que hoje a gente conhece, né? Ficou barbudo, não penteava cabelo, andava descalço, ficou assim, sofrido, muito magro e tal. Então ele se perdeu, não perdeu a fibra de trabalho, nem da família, mas ele deixou de cuidar dele porque ele era vaidoso, até hoje ele é muito vaidoso. Na minha cabeça, por exemplo, eu não sabia direito o que que estava acontecendo com a minha mãe. Ela foi embora? Ela morreu? Mas ela não morreu porque alguma coisa tava presente dela assim, porque ela mandava bilhetinho, mandava algumas coisas, um docinho, essas coisas assim. Eu não entendia. Depois ela apareceu, bonita, diferente de quando ela foi. É uma fase pra se entender, ela saiu magra, doente e voltou restabelecida né.

21- Saudável.

22- E..., mas assim foi um tratamento longo. Durou cinco anos, ela viajava de trem, né, de Maria fumaça. Doze horas de viagem. Além da doença, a dificuldade do – o perigo era ainda forte, né? - o perigo de contágio, enfim, então foi difícil pra ela. Mas ela também foi forte. E nós ficamos assim meio, meio que jogado às traças, né?. De uma casa muito organizadinha, tudo muito limpinho, tudo muito cheiroso, asseado, simples, mas bem, bem arrumado, virou uma balbúrdia porque meu pai não dava conta de sete filhos e a família sumiu, a família do meu pai. Até então meu avô tinha uma outra mulher e o próprio medo da doença afastou os amigos da família. Então, meio que ficamos assim, a meninada fazia o que bem queria (risos). Tinha assim, tinha dias que tinha lençol pra forrar a cama, tinha dia que não tinha porque você vai sujando, vai, vai e não tinha quem lavasse, até que a gente mesmo dava um jeito, lavava mal lavado. De repente, aparecia uma alma boa, aí cuidava da casa. Isso foi até a minha mãe retornar e depois desse tempo e com a presença dela as coisas foram tomando um rumo né de novo.

23- E ela ficou direto assim em Campinas?

24- Foi direto assim. E depois ela ia assim tipo uma vez por mês né, então isso durou cinco anos até que ela teve alta total.

25- Campinas era então muito falada na sua casa, né? Campinas era muito presente.

26- Muito! Essa tia, que vive ainda hoje, enfim, ela era uma pessoa muito gostosa porque ela não tinha filhos, então ela passava tempos lá em casa muitas vezes. E ela é uma tia assim que era

muito carinhosa conosco né, tinha muita afinidade com a minha mãe, de quem era afilhada, e elas viveram assim uma amizade muito, muito bonita. Depois de muitos anos ela resolveu...

27- Ela era afilhada da sua mãe?

28- Afilhada da minha mãe. E o casamento dela não...

29- Nem era cunhada era concunhada né ?

30- Concunhada, é. Mas ela resolveu..., família toda aqui, ela resolveu, o marido ficava lá e ela ficava aqui. E...

31- Não, eu não entendi.

32- Então, assim, essa minha tia ela, quando ela se casou ela veio pra cá, morava aqui.

33- Sim.

34- A minha mãe veio fazer tratamento aqui, quando a minha mãe voltou essa tia foi acompanhar a minha mãe e como meu tio era de lá também foi junto. Ai resolveram mudar pra lá, morar, transferir a residência pra lá. Aí ele abriu um comércio e eles viveram muitos anos lá. Só que o casamento dela balanceou. Ela não tinha filhos, por isso também que ela paparicava muito a gente, né? Ela dava uma assistência muito grande pra gente, dava muito carinho, era muito atenciosa. Então o meu tio ficou lá e ela mudou pra cá, hoje ela vive ainda. Então foi assim, uma fase meio difícil, mas as coisas foram voltando normalmente né, aquela coisa gostosa de antes né. Minha mãe teve mais não sei quantos filhos a partir daí, nós éramos em doze, depois de sete, mais cinco filhos (risos).

35- É, mais cinco.

36- Apesar que não eram gêmeos. E era muito gostoso porque eu e a minha irmã mais velha nós é que cuidávamos das pequeninhas, das crianças que nasciam. Minha mãe, aí ela teve uma vida de rainha porque tudo já tinha passado e...

37- Vocês estavam maiores...

38- A gente tomava conta dessa coisa. Meu pai restabeleceu a alegria e ela tinha empregada pra tudo, enfim, então ela paria e a gente cuidava (risos). Tanto que a minha irmã mais nova tinha um aninho, quando a irmã que é três anos mais velha que eu se casou. Essa minha irmã mais nova só tinha um aninho. Mas não teve jeito, ela casou chegou da lua de mel pegou a minha irmã e levou pra casa e é até hoje, é como se fosse mãe dela, né. E a minha mãe na verdade faz hoje o papel e avó da própria filha né, mas isso é muito bem trabalhado entre elas. E a gente se dava, se dava muito bem. Tive um irmão excepcional, esse que era gêmeo. O outro gêmeo dele nasceu morto e ele teve microcefalia e foi outro transtorno na vida da minha mãe e de todos nós. Não foi fácil conviver com o problema dele, justamente pros meus pais porque aí então eles já estavam mais velhos, né, e ele durou trinta e sete anos. Deve ter uns quatro anos que ele faleceu e foi assim uma, uma bênção na nossa vida, apesar de tudo né. Porque ele era uma pessoa totalmente limitada e ao mesmo tempo que nos ensinava muita coisa dava muito trabalho. Tem que se ter uma estrutura boa né pra isso. A gente lamenta, que tudo que foi feito não resultou em nada né, pra nós foi um grande..., um final muito trágico porque ele tava todo atrofiado, pra evacuar tinha que precisava daquele sistema de lavagem intestinal. Viveu a vida inteira com um coletor de urina, cheirava mal, era um menino assim que com todo o cuidado que a gente dava e a própria condição era muito difícil. Andava todo torto, então isso foi muito duro pra todo mundo né, mas nós aprendemos muito com ele. Mas exceto isso, os irmãos são todos casados. Só um se separou, depois de vinte e cinco anos. Nossos maridos, por exemplo, eu falo nossos maridos porque o meu, das minhas irmãs é assim. O mundo de hoje tá tão difícil, o casamento assim com todos os problemas, com todos os lamentos das mulheres, é preservado. Então a gente vive muito bem, graças a Deus. Gostamos muito uns dos outros, somos muito unidos, os maridos das minhas irmãs. É engraçado porque as

famílias deles eles são meio assim, a família são meio enciumada porque eles fizeram da nossa família a família deles. Claro que não convive bem com todos, mas...

39- Mas tenta...

40- É, assim...O cunhado daqui por exemplo de Campinas ele não tem irmão, só tem uma irmã e o meu irmão ficou como irmão dele e ele gosta muito, faz muita questão de tá junto. Com os outros cunhados é a mesma coisa. Esta minha irmã que mora aqui e a depois de mim. Um, dois, três né. Essa que é dois anos mais velha do que eu. E essa minha irmã é uma outra história assim que também nós vivenciamos. Essa minha tia, que eu relatei pra você, era a que nos paparicava muito quando a minha mãe veio fazer esse tratamento. Ela é madrinha dessa irmã mais nova que eu tenho. E com a ausência da minha mãe, cada filho teve um problema de saúde. Por exemplo, essa irmã mais nova ela não queria comer, ela não comia, tudo que fazia não queria e ela foi ficando fraquinha, fraquinha. Então ela ficava deitada ali, levantava e deitava aqui. Então essa minha tia, que é madrinha dela, com a autorização da minha mãe disse, “olha, eu levar pra cuidar dela ela que ta com problema de saúde....

41- Levar pra cá?

42- Levar pra casa.

43- Não, levar pra cá, pra Campinas.

44- Não, nessa época - eu vou voltar um pouquinho atrás - essa minha tia já tava morando lá. O primeiro contacto que a minha mãe veio fazer aqui em Campinas pra procurar o tisiologista, ela veio com minha tia que foi levá-la. Ela já morava lá na mesma cidade. Com a demora no restabelecimento da minha mãe, ela foi ficando com essa minha irmã e ficou como o caso daquela minha irmã que levou a mais nova para morar com ele. E essa irmã que mora aqui eu tenho muita afinidade com ela, desde criança, talvez porque a gente ficou um tempo assim meio afastado, porque aí ela ficou de vez com essa minha tia. E a gente morava na mesma cidade, era praticamente vizinhos né e..., mas chegou uma época que ela queria estudar, então voltou pra Campinas e eu me casei e fui pra São Paulo. Então nós ficamos um pouco meio, meio que distantes. Ela veio pra Campinas antes mesmo, muito, uns dois, três anos antes do meu casamento. Depois que eu fui pra São Paulo, aí ela também se casou e aí nós nos encontramos de novo aqui. Não que a gente se separou, mas assim....convivência de criança da gente ficou, ficou um tempo longe, justo na nossa adolescência. E aí ela casada, e eu também e a gente não largou mais uma da outra, até hoje. Então por isso é que quando eu fico assim só com a minha irmã é porque ela já teve uma casa, se eu puder, a hora que eu quisesse eu entrar também, agora a gente vive assim.... E tudo isso, a família tem problemas né, como qualquer pessoa tem, eu tenho um irmão que mora em Belo Horizonte, tem oito filhos, é um irmão mais velho e é uma gracinha de pessoa, ele é a alegria da casa, ele passa muitos problemas, porque oito filhos homens, oito noras, a...

45- Oito filhos todos homens?

46- Todos homens. A mulher dele, a minha cunhada ela tem problemas de...psicológicos, muito difíceis, mas ela é irredutível, ela não aceita nada... um tratamento, mas a gente tem que ter traquejo pra lidar. Eu me dou muito bem com ela, gosto muito dela, todos né, mas, sabe essa é a que eu tenho mais paciência com ela. Ela é assim, notadamente ela me prefere mais né assim no caso, discutir alguma coisa, pedir opinião, enfim...Os outros irmãos... tenho dois irmão aqui em Campinas, tenho um em Franca, eu atualmente estou lá né na cidade, com mais três irmãos que moram também. Mas, assim, na síntese da família, vivemos bem, com problemas ou sem problemas a gente chora junto, briga junto e ri junto, só que nós rimos muito mais do que choramos ou brigamos né. A gente fez muita farrá de dançar pois tem o violeiro, tem o batuqueiro, tem uma dupla que se chama *esperma e tozóide* (risos). É porque são dois que são vasectomizados. Aí a gente faz muita brincadeira com isso. Nós criamos uma sátira lá pra eles.

Mas eles tocam violão e outro batuque...Nossos filhos, meus filhos, e todos, são muitos próximos, não tem briga, não tem encrenca, não tem nada que possa desabonar. Eu não sei, lá assim..., esse período de infância que eu relato da doença da minha mãe por muito tempo me perturbou, sabe. Até que chegou um tempo assim que eu disse: para, chega, acabou, passou, não vou mais levar isso consideração. Porque eu tinha um problema, morando em São Paulo. Era só eu morando em São Paulo, pois o resto tava tudo em outros lugares. Quando eles vinham pra minha casa, quando eles iam embora eu me sentia muito mal, eu ficava muito triste, sabe. Eu ficava muito arreada, mas eu começava a analisar, eu sempre fui muito de me avaliar, desde criança eu me auto analiso, sabe. Eu tenho uma crítica muito grande sobre mim mesma. E eu falava: eles vieram, eles não moram aqui, eles tem que vir passear na minha casa, enfim. Mas eu não gostava quando eles iam embora, mas eu sentia a mesma falta que eu sentia quando a minha mãe foi embora. Só que um dia eu falei: pera aí! Isto já passou há quarenta, cinquenta anos, sei lá, chega!. Aí eu trabalhei isso, falei, acabou, eu não quero mais!

47- Também você é muito atenta a essas coisas né?

48- E assim...Bom, casamento eu acho que eu me considero uma pessoa bem casada. Trabalhei..., fiquei quatro anos sem, sem nada né, fui, casei, fui e não trabalhei, não estudei, não fiz nada.

49- Que idade você se casou?

50- Casei com vinte e um anos.

51- Vinte e um anos. Namorou muito tempo?

52- Namorei quatro anos.

53- Você tinha dezessete anos quando você começou a namorar?

54- É, por aí, dezoito anos, eu completei dezoito anos. E meu marido é uma pessoa assim, ele é nordestino e é muito alegre.

55- Eu ia perguntar do *aperriado*, você falou *tô aperriada*, eu pensei: isto é nordestino...

56- Tô aperriada (risos), por causa dele.

57- ...aí eu fiquei imaginado: será que ela teve colega de trabalho que era nordestino, aquela coisa...

58- Não, não, mas isso é por causa dele. Porque eu brinco muito quando, quando ele tá meio, eu digo: você tá aperriado né? Apesar dele não ter, ele tem um pouquinho só de sotaque.

59- Não, mas não é o sotaque, é a palavra.

60- Foi a palavra.

61- Aperriado é meio nordestino.

62- Mas ele, ele..., eu tenho uma história muito bonita com ele né, também ele pode falar, que vem muito de encontro com as, com as, com a filosofia né que eu comungo, em termos de ciência, filosofia..., ciência, filosofia e religião né, espírita kardecista. E ele é..., tem uma história bonita que ele fala assim: "ah, você faz mandinga"! ele brinca né. Você quer que eu conte essa história dele?

63- Fique a vontade, se você quiser contar...

64- É que ele tinha um namoro. Eu não conhecia ele não. Eles vieram de Alagoas, a família. O pai dele era químico em Alagoas e transferiu pra minha cidade. Lá na minha cidade tem duas usinas de açúcar né e naquele tempo era só açúcar mascavo. Então o pai dele lá em Alagoas já trabalhava nas usinas de lá e ele veio pra (.....) pra poder transformar o açúcar mascavo no cristal. E eles vieram, ele veio com doze anos, mas eu não conhecia ninguém, não tinha acesso e tal. Aos dezessete anos, eu fui convidada a ir passear nesse lugarejo porque lá era muito organizadinho né, o pessoal que trabalhava morava ali.

65- Na usina?

66- Na usina. Então eles eram alegres, faziam muitas festas e tal, mas eu nunca tinha ido. E eu fui. Eu cheguei lá, de repente tavam três primas e eram primas assim, aquelas moças danadinhas: nós vamos arrumar um namorado! E você tem que arrumar um namorado também porque se não você vai ficar segurando vela pra gente, não sei o que. Mas eu era meio quietona, eu sempre fui muito quietona, ponderada com tudo. Mas eu vi esse rapaz, eu vi esse rapaz lá e eu olhei, eu vi, não senti nada por ele, mas eu intuitivamente eu sabia que ele era meu marido.

67- Não passou despercebido

68- Não sei, não sei, não sei. O que você disse ?

69- Você não sentiu nada por ele, mas também não passou despercebido?

70- Não, não, eu não senti nada, eu acho, foi assim a primeira, a segunda coisa que aconteceu comigo assim até então que me chamou a atenção porque eu tinha tanta certeza absoluta, eu olhei e parece que alguém falou alguma coisa, disse: “olha, vê aquele rapaz, presta atenção, ele vai ser seu marido”. A vida transcorreu assim diante de tudo e realmente aconteceu. Eu só achei aquilo estranho. Eu nunca tinha visto aquele moço, não era nem meu tipo assim né. E ele passava de lá pra cá de mãos dadas com uma moça bonita, sabe. E eu vi que ele tinha uma aliança de noivado né e eu disse: quem é aquele rapaz? Aí eu queria saber quem era o rapaz e o rapaz era noivo a moça dona da casa né. E ele já tava pronto pra se casar daí um mês. (risos)

71- Dona da casa, a usineira?

72- Não, dona da casa da festa.

73- Da casa.

74- Que tava dando a festa.

75- Da colônia?

76- Da colônia. E ela era a professora lá da colônia né. Bom e me falaram: ele vai casar. Isto é coisa de..., certamente, eu estou alucinando, né?

77- Você ouviu isso, você tem a sensação que você ouviu ?

78- Eu não ouvi. É como se eu tivesse lembrando de um fato. Mais ou menos isto.

79- Tá, tá.

80- Bom, um mês depois, eu recebi um outro convite para conhecer a casa de uma outra pessoa lá da colônia que já havia casado e que tava residindo na minha cidade e essas minhas primas conheciam. Cheguei lá, era, não era essa moça, não era esse casamento. Mas eu deparei com esse rapaz lá: ué, o quê que ele tá fazendo aqui? Ele é irmão do dono da casa. Ele tá passando uns dias aqui, porque ele brigou com uma noiva, ele desistiu do casamento e..., não sei que que houve, terminou, mas ele tá aqui até... Sei lá, até hoje eu não sei como é que. Aí me apresentaram aquele rapaz e aquela intuição de novo: “prepara o enxoval!” e eu..., daí uns seis meses tava namorando, noivei, casei e tô com ele até hoje. Aí eu brinco que é uma história bonita porque eu acho de fato que é. Não foi nada doloroso, não tomei marido de ninguém, nem nada e a coisa veio a acontecer. Mas a gente veio pra São Paulo. A família dele mora em São Paulo e são pessoas assim que eu amo. Ele também tem nove irmão, todos vivos e eles me adoram e eu adoro eles. Gosto muito deles, sinto muita saudades deles. Aí fiquei quatro anos sem trabalho, sem estudar, aí eu rodava e eu conheci São Paulo porque ele saia oito horas da manhã e chegava oito horas da noite. Longe do meu *habitat* né, aí eu falei: não, eu não vou entregar os pontos, não vou chorar, não vou...to com a pessoa que eu quero, não quero voltar, não vou estragar a vida profissional dele! Porque era assim: eles moravam (.....), o pai fez o trabalho químico dele, viveu muitos anos lá, mas ele enfartou e eles vieram embora. Na época que eles vieram de Alagoas, dois, três filhos mais velhos, mais velhos, irmãos do meu marido, ficaram em São Paulo para trabalhar e aqui ficaram. Então com a morte do pai dele a mãe desgostou, não quis mais e veio pra São Paulo. Então por isso quando ele desistiu do noivado ele morava na casa aonde os pais moravam. Quando ele desistiu do

noivado ele não podia mais morar naquela casa. Ele tinha que entregar a casa para a colônia e aí ele foi morar com o irmão que havia casado recentemente, que mora lá até hoje...E aí ele, ele veio, também logo, dois, três anos de namoro ele resolveu vir pra São Paulo, porque ele teve uma oferta...E nesse meio tempo ele ficou até morando com o irmão. A partir daí resolveu ir embora e eu fiquei lá, em (.....). Ele veio para São Paulo e montou a casa, enfim. E a gente veio experimentar a vida em São Paulo, a gente tinha muito pouco contato. Então eu fiquei quatro anos assim sem trabalhar, sem estudar, sem fazer nada, mas tava bom...Aí eu andava o dia inteiro em São Paulo, eu pegava um ônibus aqui e ia até não ter ônibus... conhecia tudo... aí pegava um outro e voltava. Hoje eu conheço muito bem São Paulo, graças...

81- Naquela época, podia andar de ônibus sem medo né?

82- Podia né. Sem medo né. Eu não tinha telefone. Não tinha nada aqui, eu mal sabia o horário que ele ia chegar em casa. E ele dizia: mas você é corajosa, ficar andando de ônibus assim! Ah, não dá, ficar em casa olhando pra cima né, então... **Aí eu resolvi trabalhar e não parei mais.** Morei de aluguel quatro anos e depois nós já compramos um apartamento. Não tivemos filho até doze anos. Não vinha, investigamos, ele tinha um problema. Na época, a tecnologia era muito atrasada. Já existia a inseminação artificial, mas nós optamos em adotar. Eu tenho dois filhos que são adotivos e..., sei lá... a gente vive muito bem. Tem brigas né, qualquer casal tem sua encrenquinhas. Eu sou mais chata. Ele é muito amoroso, paciente. Ele é mais animado, mais positivo, mais..., enfim, ele é mais pra cima, sabe ? E eu já sou mais, meio medrosa pra algumas coisas. **Não sou muito atirada não, em tudo! A vida profissional também..., eu trabalhei esses anos todos no mesmo lugar.**

83- Aí depois de quatro anos lá você resolveu trabalhar.

84- **Eu resolvi trabalhar, trabalhar.** Porque essa minha irmã que mora aqui, ela estudava nessa universidade, que na época não era universidade, era uma escola, era um curso. Ela fazia um curso de fonoaudiologia. Então, pra gente poder passear, eu saía de onde eu morava, que era na Freguesia do Ó, e ia até a Vila Mariana, esperava minha irmã sair da escola e para gente ia ao teatro, cinema. E quando a minha irmã começou a trabalhar eu fiquei meio perdida, falei: eu vou sair com quem agora? Porque essa irmã é assim, ela veio, ela já morava aqui em Capinas né, lembra que eu falei, aquela mocinha? Aí eu fiquei lá e ela veio pra cá pra fazer cursinho e tal. Logo em seguida, eu casei e fui pra São Paulo, ela passou na faculdade e ela foi morar comigo em São Paulo, porque ela fazia faculdade em São Paulo.. E no lance de ir até a faculdade pra buscá-la...existia um centro de recursos áudio visuais lá. Era um trabalho muito fácil, delicioso de fazer. Eu tenho facilidade com desenho, eu gosto de desenhar, eu pinto tela, eu gosto muito de arte, eu gosto muito, eu gosto muito de fazer desenhos, inventar coisas e de tudo que se lida manualmente. A Escola tinha vários cursos, tinha fono, enfermagem, medicina, ortótica, enfim, tinha vários cursos da faculdade. Mas a enfermagem, que é o peso maior de meninas né, então o grupo todo da faculdade havia muito..., muita mulher, então óbvio que tudo chovia ali. E o ponto de encontro da minha irmã era na enfermagem e aí eu comecei a conhecer profissionais né e tal. E tinha esses recursos, esse centro de recursos áudio visuais, que apesar de ser, ela do curso de fono ela pegava muito material lá de anatomia pra fazer estudo e tal e eu conheci a menina que trabalhava lá. E essa menina que trabalhava ela...

85- Então você tinha vinte e cinco anos por aí.

86- Por aí. E ela trabalhava lá e o sonho dela era fazer odontologia, mas ela já havia prestado assim umas duas vezes e não conseguia passar no vestibular. E logo, esperando a minha irmã ela, um dia ela me chamou, entra aqui: “vem cá, vamos ver como é eu é o trabalho!” Fui ver como é que eles fazem. Tinha uma mesa do tamanho dessa, aquela mesa do engenheiro que levanta a tampa assim e ela trabalhava, com muita régua, muito lápis e eu ficava meio enamorada com aquilo né e ela fazendo o trabalho. E era preguiçosa, ela trabalhava, era muito novinha, era pra

passar o tempo porque o ideal dela era fazer faculdade de odontologia então aquilo lá era uma distração só. E ela descobriu que eu tinha dom pro negócio e ela falava assim: “você não quer fazer isto pra mim?” Ela sempre fazia o álbum seriado. O professor dava a aula, então ela preparava a aula em folhas de cartolina imensa, mas ela tinha uma letrinha pequenininha. Volta e meia eu presenciei o professor dando a bronca: “mas não pode, você usa muitas cores, a técnica é assim..!”.... Ai um dia eu peguei um cartaz pra fazer. Minha letra é bonita, é toda contornada, bem assim, bem trabalhada, simples, um pouquinho inclinada, assim que eu escrevo. E eu fiz um trabalho pra ela lá, pra uma professora que era bem exigente e ela falou: “olha o trabalho tá bom, ela vai saber que não fui eu que fiz, mas eu vou...”(risos). E dito e feito. No dia seguinte, que eu fui encontrar com a minha irmã, de novo eu já me dirigi ali, eles não proibiam das pessoas entrarem lá né, porque lá era o templo e era uma biblioteca que você podia entrar e sair. Era aberto ao público. Aí ela disse assim: “olha, Karen, vem cá! olha o que a professora trouxe pra mim”! - porque o dia anterior ela tinha levado uma bronca e agora tinha um bombom..., uma bombonière cheia de bombons - “pra mim, mas não, eu tenho que dar pra você”. A professora trouxe porque a bronca valeu.

87- E ela não falou que...

88- É, ela não falou. A professora falou que falou para ela: “a bronca valeu, então por isso eu tô te premiando, assim que se trabalha, olha a coisa bela que você fez”! ...e não sei o que. E ela falou para mim: “eu não ia falar que não fui eu” Aí ela me deu o bombom.

89- Sei

90- “Ainda bem que você apareceu, pois eu não quero”, falou. Ai me fez aceitar a caixa de bombom. Ela comeu um bombom só. Mas, no dia seguinte, eu não apareci e a professora levou um outro trabalho e queria que ela fizesse em tanto tempo. A moça passou mal e ela falou que arranjou uma dor pra ela não ter que fazer aquele trabalho até que ela conseguisse me mandar um recado. Eu morava na Freguesia do Ó (risos).

91- Eu conheço pouco São Paulo. É distante Vila Mariana da Freguesia ?

92- Muito distante, é como daqui a ..., muito mais do que Paulínea, deve ter uns vinte quilômetros. É longe, é muito longe. E eu sei que, ela, não sei como ou pela minha irmã, não me recordo, mas ela me mandou um bilhete pra mim, “compareça urgente que tô precisando”. Era pra fazer o tal do desenho. E o pior de tudo é que o trabalho que era pra ser feito era um trabalho de técnica de aplicação de injeção e a professora falou: “você tem que fazer assim, olha, você faz isso, a mão é assim, mostrava pra ela né”. Como é que eu vou fazer um trabalho desses? Ela trouxe assim, um xerox né, a professora deu xerox, mas muito pequenininho e a moça não sabia reproduzir, não tinha mecanismo nenhum pra ela usar a arte dela. E eu sei que eu falei: ah, será que eu dou conta? E eu fui fazendo, fui fazendo, olhando naquilo lá e fui desenhando, fui olhando...fui desenhando em nanquim. E eu corria pra umas coisas lá que, que ela tinha de orientação, como trabalhar com nanquim, como...

93- Que você também não conhecia a técnica né

94- Não, não conhecia. Até então nunca tinha pintado nada, nunca, nunca havia me despertado né.

95- **Você chegou na escola a trabalhar essas coisas ou não?**

96- **No primário, ginásio assim a gente trabalhou, mas era muito fácil né, era uma coisinha muito simples.** E eu falava: ah, não você não pode sair no prejuízo...o que eu posso fazer? Eu sei que eu fiz o álbum inteirinho, inteirinho, cada técnica tinha que ser numa folha de cartolina, no tamanho do desenho né, a proporção do braço, desenhar o braço. E eu falei: e agora, meu deus eu tenho que ajudar essa moça! E a moça tava em prantos, como é que eu ia fazer pra contar a verdade que ela não sabia fazer aquilo (risos). E eu fiz o trabalho. Aí vem outros aplausos pra moça. Aí chegou um ponto eu a moça teve que falar: “olha, não sou que tô fazendo, é ela que tá

fazendo. É a irmã da N.... que está fazendo”. “Mas quem que é essa pessoa?” Aí deu um rebu, porque como é que podia entrar aluno para poder consultar a biblioteca, para solicitar orientação do professor e ir trabalhar? Ninguém podia exercer ali! Só sei que deu um *rebu* danado. E eu sei que..., mas não mandaram a moça embora nada, mas queriam saber quem era a pessoa que tava ali....Aí eu me apresentei. Elas já conheciam a minha irmã né, pois a Escola, na época, era muito pequenininha, pouquinhos alunos. Tinha o quê? Dez, quinze alunos de enfermagem, a coisa bem controlada...Enfim, eu sei que acabei conhecendo todo mundo, a diretora da escola, morrendo de medo também, muito sem graça... e a moça continuou lá. Mas daí, seis meses depois ela passou no vestibular da USP. Ai, correram atrás de mim, “não, agora é você que vai trabalhar”. Então eu comecei a trabalhar assim. E eu achava, meu marido dizia, “não, você não vai trabalhar, tem que tomar dois ônibus, dependendo três ônibus, sabe? Se um atrasa tem que tomar o terceiro pra chegar lá sete horas da manhã e eu tenho que sair de casa quatro e meia. Então, não, não vai” Sabe o machismo, como é que dizem, não era falta de dinheiro e tal. Mas eu falei: não, bem, olha, eu tô muito sozinha né, deixa, eu gostei do negócio...! E eu fui. Aí ele falou: “então vai né, você fica chorando aí, vai porque eu chego tarde mesmo” e não sei o que. Só que eu já fui grávida, porque nesse meio tempo nós ainda não estávamos controlando, não usávamos método anticoncepcional. Mas não aparecia gravidez. Ai acabei através dessa minha irmã consultando um ginecologista, onde eu descobri que o meu marido tinha um problema. Ele fez um tratamento e eu tava grávida e não sabia, porque eu menstruava e nem, nem, não tinha nenhum outro sintoma, sonolência, nem enjoô, nada né. E eu não era de repousar e a coisa foi ficando. E eu fui contratada e tal. Vinte dias depois eu comecei com um sono tão grande porque eu levantava muito cedo, uma sonolência muito grande, depois do almoço eu não agüentava. E eu trabalhava tipo assim, das sete a uma, mas a gente tinha que fazer o almoço tipo onze horas, pra controlar a entrada da funcionária da tarde e... Mas tava incontrolável o meu sono, incontrolável.

97- Você achava que era por causa de levantar cedo e tal.

98- Por causa de levantar cedo. E assim eu perdi peso, mas eu achei que era porque comia muito cedo e como eu não tava acostumada e eu comia uma fruta, comia uma coisinha, depois quando eu chegasse em casa eu ia fazer uma boa refeição, eu achei que era por isso. Mas as enfermeiras da época, a diretora, elas eram enfermeiras, freiras italianas. Elas vieram pra dar uma levantada nessa escola de enfermagem e eram enfermeiras validadas, experientes. E a diretora, então, um belo dia entrou lá no fundo de recursos áudio visuais e eu tava encostada com a cabeça na parede e dormi, dormi, apaguei. Ela chegou, sentou, ficou me olhando, olhando, olhando, mas ela estava me observando. Quando eu deparei com aquilo eu fiquei muito sem graça, falei nossa, irmã me perdoa, porque eu levantei muito cedo...

99- Era escola de freira?

100- Era, essa escola de enfermagem era de freiras. E ela disse assim, “não, isso não é sono de levantar de manhã, não. Não de jeito nenhum!” Aí ela falou assim, “deixa eu ver o seu seio” e eu muito inibida pensei por que ela quer ver meus seios...Mas por que? perguntei. “Deixa eu ver”. Porque tem no seio essa auréola chamada falópio, acho que é qualquer coisa assim, trompa de falópio. Não, não sei direito o nome. Acho que é de eustáquio, não sei, não sei, tem um nome interessante. E ela: “não, é porque eu quero ver a auréola que chama assim, não sei o que, deixa eu ver”! E ela era uma irmã francesa, muito moderna, muito jovem assim. Ela mesmo levantou a minha roupa, “deixa e ver”. E ela bateu o olho e ela falou assim, “ah, já sei pra onde vou mandar você”,! Ih, agora ela vai me demitir né. “Vai falar com a dona Clara, vai falar”. Aí ela pegou o telefone, ainda tinha aquele telefone desse tamanho né, aquele assim.

101- Preto né.

102- Grandão! pegou aquele telefone e tocava e tocava e tocava. Quando atendeu ela: “olha, amanhã eu vou mandar uma funcionária minha de manhã, você faz teste de não sei o que”, era teste de gravidez, mas eu não entendia. Era muito ingênua inclusive na questão sexual. A minha mãe não era..., nunca foi de orientar, pá – pá- pá. Eu era meio ingênua. E ela falou, “você faz, faça o teste tal!” mas eu..., meu Deus! será que é teste de loucura, é o que é isso...? Mas ela falou, “não, amanhã nós vamos limpar essa história” (risos). Sete horas eu tava lá, cheguei lá, pra colher a urina, tal, daí a pouquinho ela vem com o resultado lá, trouxe o médico. Trouxe o médico lá do ambulatório, porque aí eu fui fazer o teste lá na escola de medicina. E ela veio com o médico e ela e o médico com as mãos pra trás e disse... “pessoal veja, veja, eu quero ver a cara dela, se ela vai ficar alegre ou triste porque o resultado é positivo”. Ela fez uma festa enorme e eu não tava entendendo que festa era aquela, né?. Eu via aquilo tudo, pensei tô com doença, qualquer coisa né, que que positivo aí? (risos). “Menina, você tá grávida, não sabe que tá grávida”? E eu falei, grávida? Mas eu menstruo! E eu estava inclusive menstruada. Aí descobri que a sonolência era da gravidez. Mas não durou quinze dias e eu abortei, mas eu já estava grávida, caminhando para o terceiro mês né, já estava avançada. Eu vi que os meus seios estavam rígidos né, tava mais volumoso, mas nem me passou nada né. Meu marido também achou que era engano na época (risos) e eu acabei provocando aborto espontâneo. Em duas situações aconteceu coisa semelhante, mas só nessa foi constatado gravidez. Numa anterior eu também tive um momento difícil em casa, eu não trabalhava ainda, eu senti uma dor muito grande abdominal e..., mas era uma dor estranha porque quando a gente tem uma dor, cólica de barriga né, mas era diferente. Não era intestinal. Intestinal, não, era uma dor estranha, mas eu não tava menstruada, não era, parecia ser cólica...

103- Menstrual.

104- ...menstrual, mas eu não estava menstruada. Isso foi bem antes até de eu fazer, começar a fazer o tratamento de esterilidade. E eu sei que eu me contorcia, mas eu tava sozinha em casa e eu falei: quem sabe eu quero evacuar e não tô conseguindo. E conforme eu agachei no vaso sanitário eu senti que a dor aliviou um pouquinho, mas não saiu nada, daí eu levantei né, me limpei, levantei, enxuguei porque eu fiz só xixi. No que eu levantei a cólica veio de novo, sabe quando ainda..., sem a calcinha eu fui, eu fui segurar a barriga porque a dor era forte e eu senti uma coisa assim, parecia que tinha um, dentro de mim, sabe, ai fez um barulhinho, fiquei tão surpresa porque era tão pequenininho, era..., parecia um monte nata de leite e conforme que eu pegava a nata de leite assim, branquinho, limpinho e eu falei; gente, o que será isso? Eu já estava, já estava sendo acompanhada por um ginecologista. Aí eu peguei aquela substância, coloquei num papel e falei: amanhã eu vou levar, eu vou levar pro médico. No dia seguinte fui lá, porque eu notei que não era anal, era vaginal...(interrupção da gravação)

105- Eu , é que eu apertei e ficou sem gravar. Pode continuar.

106- e você fica lá descobrindo coisas no computador, computador estressa, estressa, eu tomei uma birra de computador, eu tenho em casa, meu filho usa, mas eu..., de vez em quando eu vou lá, ligo a internet um pouquinho, mas não tenho paciência mais. Fiquei assim..., computador pra mim parece que é um, aquele alimento que você comeu de mais, com muita boa vontade e depois fez mal, então (risos). E para isso a visão, a visão ficou muito ruim porque eu uso lente trifocal e aquela luz de computador, aquele brilho, aquela tremedeira da tela, aquela... e junta a minha ansiedade também, com certeza, né. Eu devo ter ficado muito ansiosa, eu fiquei muito perdida em configurar, sem orientação nenhuma. Agora, o trabalho eu gostava muito, muito, muito do que eu fazia. Eu era uma pessoa assim que a vida toda eu fui muito simples. Talvez eu não tenha aprendido a dizer não. Mas, lá era uma família muito grande porque eu entrei lá em setenta e..., setenta e nove, não sei... Junto comigo tinha várias pessoas que entraram como alunos. E esses alunos acabaram passando pro corpo docente e a gente conviveu e convive até hoje. A

gente tem uma amizade. Eles vão passear na minha casa. Mas assim é um grupo de pessoas que nós trabalhamos tantos anos, praticamente juntos. Embora sejam tantos departamentos e cada departamento tem as suas disciplinas, mas é um prédio de três andares e o térreo e que a gente trabalha lá e cá e... E eu fiquei, quando eu sai da disciplina Saúde Pública, porque lá, eu até brincava, eu falava: aqui o departamento parece o governo, não troca, só troca as pastas, mas os indivíduos são os mesmos. Os indivíduos estão sempre no governo, o que eles fazem é trocar de pasta, não é assim? Na minha idéia é assim, ah, o ministro tal saiu, mas foi ministrar outra coisa e assim por diante, mas o governo ele não sai, né?. E eu brincava: o departamento é assim, essa velharada não sai, a gente não sai, ninguém sai né de lá e não sai mesmo e nem troca de pasta porque quem é da saúde pública é da saúde pública, quem é... De vez em quando tinha uma troca, por uma encrenca qualquer um professor da saúde pública pedia transferência pra outra disciplina e assim por diante. Mas as chefias do departamento grande, elas acabaram sendo grande parte da saúde pública porque a saúde pública é que era a disciplina mais titulada. Então saía de uma, entrava outra da mesma disciplina por causa de titulação pra ir pro departamento tinha que ter a titulação, até que as outras...Hoje já tem uma diversificação e as outras disciplinas foram atrás de fazer mestrado e doutorado. E além do mais era aquela coisa, eu acho que eles acostumaram comigo, eu com eles porque mesmo que eu tivesse em outro lugar eles iam atrás de mim pra eu fazer alguma coisa. Eu sabia tudo do departamento, talvez por ser uma funcionária antiga e eu sempre gostei muito de saber, não é porque eu era da saúde pública que eu não tinha interesse em saber o que a pediatria tinha, como funcionava, como é que ela trabalhava, como é que era o esquema, como é que..., então eu gostava de saber né. E aí qualquer que chegava lá a Karen tá, a Karen que fala, Karen ia não sei o que... E tinha o porteiro, aí tinha o jardineiro, aí tinha o zelador, aí tinha umas pessoas muito limitadas e aí vinha o zelador e dizia, “Karen, olha, tá vazando lá, não sei o que, que que eu faço?” Fulana, vai lá no setor né, manda um memorando pra..., “ah, mas como é que eu faço um memorando?” Você acha que eu vou pegar a mão dela, fazer, então deixa eu fazer

107- Sentava e fazia.

108- Sentava e fazia. E assim, eu sou meio assim, sabe? Eu sou...é até ruim falar porque parece que assim que é demagogia, mas não é não. Eu tô bem quando eu tô servindo alguém, aí eu tô bem. À medida que eu paro de servir eu fico meio chata, meio idiota, meio...não importa que seja você ou seja um estranho. Meu marido fala: “isso é perigoso, você tem que ficar mais esperta. Olha cuidado com as coisas! Pensa...toma cuidado com aquilo que você...!” Alguém entra e: “ah, me dá um copo d’água?” Eu não sou capaz de pegar a água e levar lá no portão. Então eu falo: entra aqui, vem tomar um copo d’água, mas a gente sabe que não pode né, hoje em dia não pode.

109- Potencializa-se alguns riscos, não é?

110- É. Mas eu sou assim. Era assim também no meu trabalho é esse. **Chegou um tempo que eu senti muita, muita necessidade de crescimento acadêmico, porque eu fiz o segundo grau e eu fiz outros cursos, eu fiz secretariado...**

111- Você quer falar então das suas, da sua trajetória escolar, aí preciso retornar lá a (.....).. Como é que foi o seu processo de alfabetização?

112- De alfabetização...

113- ...o primário, como é que foi?

114- **O primário foi bem. Eu nunca fui muito estudiosa, não, engraçado né? Hoje eu tenho consciência disso, eu nunca fui muito estudiosa. Porque eu não sei, parece que as coisas aconteciam pra mim assim, eu me sentava e elas vinham, aí eu..., sabe? É uma coisa meio, bem estranha. Mas assim, no grupo naquele tempo se fazia de primeira a quarta série no grupo. Eu entrei na escola aos sete anos. Lembro, me lembro do primeiro dia de aula, como era a sala, como**

era a professora, o que eu fiz, era...primeiro dia que eu sentei lá na carteira e a professora falou: “olha, vocês vão copiar isso que tá aqui, pega lápis de cor, de cor laranja, aliás da cor que você preferir.” E eu peguei um laranja e um amarelo. Aí eu fiz bolinha, fiz cobrinha, fiz chapeuzinho, tracinho, pontinho. “Agora vocês vão fazer uma bola colorida!”. E eu lembro dessa bola. Fiz uma bola maior e eu dividi as partes da bola e eu colori de azul, de amarelo, vermelho e não me lembro a outra. E daí foi, daí o A, o B, eu aprendi logo. Entendi, já escrevia logo. Depois saí do quarto ano, a gente fazia o admissão...

115- Você gostava do grupo, era bom, como é que era, era muito rígido?

116- Era muito gostoso, só que era... Não tinha rigidez nenhuma. Era fácil, tinha pouco né... Meus pais mesmo, quantas vezes eu falava: ah mãe eu não tô com vontade de ir à escola não, porque eu ficava só pensando na brincadeira né, na mangueira, na laranjeira (risos). E ela: “não! Tem que ir na escola! E não sei o que” e eu: não, não vou! E ela: “tá bom, então não vai”. Era assim.

117- Você tinha uma relativa liberdade de...

118- Muita liberdade, muita. Mas na escola, não. Tinha uma professora chamada Diana, que era muito brava e ela...

119- Em que série?

120- Era de todas... porque era assim, a professora lecionava da primeira a quarta. Não tinha muito rodízio.

121- A escola não tinha divisão de turmas?

122- Tinha divisão. Mas era assim, por exemplo, quem lecionava na primeira série muitas vezes lecionava na quarta, quando eu chegava na quarta era a mesma. E elas davam reguada, mas na carteira, né. Ela, quando ela levantava a asinha do nariz assim, lá na frente, sai de baixo porque só vai...Ela era aquela que chegava perto e metia medo. Ela não agredia fisicamente não, mas ela fazia um estardalhaço que amedrontava a gente. E aí nós tínhamos professora de canto, tínhamos a merenda que normalmente era sopa de fubá e eu não comia porque eu comia muita sopa de fubá em casa e a que a minha mãe fazia, era deliciosa e lá era uma coisa meio lavada, eu não gostava. Eu ficava assim, eu tinha um amiguinho que é meu vizinho, hoje em dia ele mora fora, mas nós crescemos juntos, e tal. Ele era inteligente, ele sabia tudo e eu ficava assim meio com inveja dele porque ele estudava e eu levava assim, né, mais na flauta. Mas, eu fui bem, fui bem, sem bomba, sem nada. Não levava muito a sério, mas o pessoal também não levava muito a sério né. Havia repetência, muitos alunos repetiam, mas eu passava, raspando, mas ia (risos). Mas era muito gostoso, eu tenho muitas lembranças saudáveis desse tempo né. Tinha muita paquera, a gente tinha os paquerinhas, os meninos mais bonitinhos e tal e eu era uma menina assim que eles viviam me rodeando muito, talvez, pelos olhos azuis...

123- A Karen fazia sucesso.

124- (risos) ...pelos olhos azuis até pode ser. Porque eu tinha um cabelo enorme assim, tipo..., não sei, sabe? Aquele cabelo...

125- Claro...

126- E volumosos, muito claros, até doze anos eu era muito loira e até um pouco mais. Quando surgiu a Marta Rocha eles começaram a me chamar de Marta Rocha porque ela era muito loira e eu ainda tinha o cabelo muito loiro, depois deu uma pretejada, assim meio espontâneo. Hoje eu tinjo, hoje (risos)..Depois dá uma branqueada de novo e assim vai...

127- Eu também quando era, até os meus doze anos era completamente loirinho, depois deu uma pretejada e agora deu branqueada de novo.

128- Meu pai, meu avô paterno ele tem o cabelo vermelho e olhos muito azuis. Ele é descendente de português e ele tinha uma postura assim bem européia e meu pai tem os olhos

muito claros. Minha mãe já é morena. O pai dela era negro, bem mulato. Então eu tenho um irmão moreninho, bem mais moreninho que eu, tem eu assim com essa característica, tem olho verde, tem olho castanho, tem olho cor de mel, eu tenho tudo na família. Mas é bonito, cada um é de um...

129- Isto é típico das famílias brasileiras, você não tem um padrão só.

130- Mas voltando a escola, a escola era muito gostosa. Eu não faltava muito não porque a gente se divertia muito, era muito gostoso, a merenda que a gente levava de casa. Meu pai gostava muito que a gente levasse guaraná, tinha umas garrafinhas pequenininhas e ele já comprava aquela garrafinha de guaraná pra gente levar. E tinha a pastinha de levar lanche e eu tinha sempre, eu usava pasta pra carregar os materiais, que não tinha como a de hoje aquela mochila sintética, era pasta de couro e eu adorava aquelas pastas, que elas tinham divisões, aquele cheirinho de couro novo. Meu pai encerava as pasta da gente, então isso tá sempre presente no meu nariz, na lembrança. Quando eu vejo qualquer coisa de couro imediatamente já vem a pasta escolar. Eu até preservo uma pasta, uma, uma...de quando eu entrei no departamento, lá na escola de enfermagem e eu fui pra saúde pública eles tinham terminado com um trabalho de assistência domiciliar, e de assistente de enfermagem domiciliar porque não tinha verba. Enfim. Mas eles tinham um mundaréu de pastas que eles carregavam, os alunos carregavam e era uma pata de couro, semelhante a que eu tinha na escola, com duas, três divisões e ali elas guardavam tudo, termômetro, fita crepe, tudo que era necessário...

131- Material.

132- Material. E aí eles distribuíaam aquelas pastas e eu guardei uma em função da pasta de escola..

133- Que legal né, parece que você faz uma ligação entre o seu tempo de escola, o seu tempo de trabalho, né?

132 Material. E aí eles distribuíaam aquelas pastas e eu guardei uma em função da pasta de escola..

133 Que legal

134- Isso. Então essa pasta eu tenho ela há uns vinte e cinco anos guardada. Hoje, elas querem de volta porque eles tão fazendo um museu lá e ninguém tem. Eu tenho e eu falei eu não vou dar (risos) .Mas eu vou acabar dando né, pro museu eu dou.

135- Porque eles vão preservar.

136- É.

137- Agora me diz, você vê alguma correlação entre a sua escola e o seu trabalho?

138- Ah, eu acho que sim. Na escola era assim - minha mãe o máximo que ela fez foi o quarto ano também e não tinha muita, muita. O meu pai também fez por aí. Tem o quarto ano, não estudou, além disso. Então eu tinha que buscar recursos, tipo assim: como é que eu vou fazer um trabalho de escola? Eu tinha que fazer um mapa, um mapa do Brasil, vamos dizer. Mãe, como é que eu faço o mapa do Brasil? “Ah, minha filha, eu não sei.Faz você...” Ela era muito carinhosa com as coisas e ela é uma pessoa intelectual e ela era estudiosa, pelo que ela conta ela parou de estudar por questões de orfandade. Mas casou e ninguém exigia. Mas ela não tem muita paciência de ensinar as coisas. E aí eu ia tentar fazer. Então a relação que eu tenho com o meu trabalho é que realmente eu aprendi muito, sozinha, porque eu não fui fazer um secretariado, em nível de faculdade. Eu fiz o secretariado, era um curso profissionalizante, eu aprendi muito e eu ensinei muito. Tudo, tudo que surgia na minha frente chegavam, “olha é isso”! Um dia o médico da neurologia: “olha, eu soube que você desenha e que você tem facilidade e eu tô precisando disso.” E eu: não, mas eu não posso, eu não sei, eu nunca vi uma hipófise, eu não tenho nem idéia como é que ela é! “Não tem problema, eu te dou a diretriz”. E deu e eu fiz, né. Era assim.

138- Ah, eu acho que sim. Na escola era assim - minha mãe o máximo que ela fez foi o quarto ano também e não tinha muita, muita... O meu pai também fez por aí. Tem o quarto ano, não estudou além disso. Então eu tinha que buscar recursos, tipo assim: como é que eu vou fazer um trabalho de escola? Eu tinha que fazer um mapa, um mapa do Brasil, vamos dizer. Mãe, como é que eu faço o mapa do Brasil?. “Ah, minha filha, eu não sei. Faz você...” Ela era muito carinhosa com as coisas e ela é uma pessoa intelectual e ela era estudiosa, pelo que ela conta ela parou de estudar por questões de orfandade. Mas casou e ninguém exigia. Mas ela não tem muita paciência de ensinar as coisas. E aí eu ia tentar fazer. Então a relação que eu tenho com o meu trabalho é que realmente eu aprendi muito, sozinha, porque eu não fui fazer um secretariado, em nível de faculdade. Eu fiz o secretariado, era um curso profissionalizante, eu aprendi muito e eu ensinei muito. Tudo, tudo que surgia na minha frente chegavam, “olha é isso”! Um dia o médico da neurologia: “olha, eu soube que você desenha e que você tem facilidade e eu tô precisando disso.” E eu: não, mas eu não posso, eu não sei, eu nunca vi uma hipófise, eu não tenho nem idéia como é que ela é! “Não tem problema, eu te dou a diretriz”. E deu e eu fiz, né. Era assim

139- Você, você, você acredita que a escola que você estudou por ser pouco rigorosa, por deixar vocês mais livres e tal, tenha influenciado nessa sua capacidade também de criar, de ser mais livre, de descobrir as coisas?

140- Hum...não sei...nunca pensei nisto...porque de repente também... Sei lá. Mas, porque que eu não cheguei ao terceiro grau? Devia ser difícil pra chegar, eu já questionei isso. Será que é porque eu sempre na minha vida escolar as coisas as coisas foram acontecendo mais ao meu bel prazer do que talvez se a escola fosse mais rígida e os pais fosse mais rígidos... Porque meu pai - até, até eu foi assim, com a minha irmã mais nova - ele era diferente. Essa minha irmã mais nova foi morar com a minha tia, minha tia já tinha uma vivência de Capinas, que é uma cidade maior, mais culta, mais cheia de... de coisa. Ela cobrou da minha irmã, né, então já a minha irmã já conseguiu, já estudava. Ela tinha que fazer dever, cumprir todas as tarefas, se esforçar. Ela já saiu do grupo já foi pro ginásio e do ginásio para continuar...e assim foi né. Em casa, o meu pai deixava correr. Agora, dessa irmã pra cá, os que vieram já seguiram outro caminho, tiveram uma educação mais cobrada, a confiança deles também.

141- Mas você me disse que, aí você fez o primário lá, tal, conheceu algumas professoras mais bravas, mas que era muito prazeroso, tal. E depois, como é que foi ?

142- Então. Depois do grupo, aí fui para o curso de admissão. Faziz um ano de curso de admissão, era uma escola técnica de contabilidade. Você tinha, na época tinha e ainda tem um colégio estadual, que era um colégio de ensino assim muito bom na época...

143- Isso lá em (.....) ?

144- Sim era em lá. Tinha o colégio Imaculada Conceição, que é um colégio que ainda tem.

145- De freira ?

146- De freira. Particular. E tinha uma escola Wenceslau Bráz que era, que era uma escola, hoje é do município, mas ela era estadual e a escola comum, de primeira a quarta série só. E tinham outras...

147- Estilo grupo primário.

148- Antes do grupo primário. Este colégio estadual é que abrangia toda a cidade porque ele é uma escola grande. E a demanda era assim... Hoje todo mundo estuda, mas naquele tempo nem todo mundo estudava né. Aí...

149- Também tem uma coisa que as pessoas falam, “ah, o ensino antigamente era muito bom.” Mas era bom pra poucos né. Mesmo que todos quisessem estudar não tinha vaga pra todos.

150- Não, tinha, não tinha. Então..., hoje não. Hoje tem muitas escolas né, mas a qualidade não satisfaz

- 151- Mas de toda forma existe uma chance mais, maior hoje...
- 152- Então. Mas eu por exemplo, o fato de não estudar eu acho que é má vontade mesmo, é preguiça, porque...Bom, aí eu fiz a admissão nessa escola técnica. Depois eu fiz uns anos de colégio estadual Ai eu parei, não me lembro porquê. Posso até repensar, parece na oitava série..., não tinha incentivo, não sei, não me lembro. Aí comecei a namorar, me casei. O segundo grau terminei de fazer.
- 153- Tá. Aí você foi e o segundo grau você já fez em São Paulo.
- 154- Ah sim. Mas aí eu já tava com um outra consciência. E fiz, optei em fazer curso profissionalizante, é o que me chamava a atenção. Fiz publicidade e gostei muito. Tinha cursos de desenho, vários cursos eu fiz... Porque aí eu descobri que eu gostava de desenho e que gostava de mexer com cores e então...
- 155- Nessa altura você já tinha tido sua experiência lá na Escola de Enfermagem...,
- 156- Lá no recurso áudio visuais. E justamente, enquanto eu trabalhava com eles, foi quando eu fiz o curso de publicidade, porque a gente acabava fazendo publicidade lá né, porque tinha que fazer...
- 157- Tinha que criar coisas...
- 158- É, mas assim, tipo: “ah, vai ter curso ajude a chamar a atenção do aluno!” Então tinha que chamar atenção lá no meu material didático, entendeu ?
- 159- Ah tá bem. Entendi. Não era curso como de álbuns seriados, mas
- 160- Não, não, não. A gente fazia álbuns seriados...a gente fazia muita coisa lá, fazia...,montava a aula, com flanelógrafo, conhece flanelógrafo ?
- 161- Conheço.
- 162- Aí a gente montava com flanelógrafo, painéis...
- 163- Hoje não se usa mais isso, né?
- 164- Não, não usa, não usa. E tinha oficinas de trabalho que os alunos faziam, na saúde pública, além de outras coisas. Aí eu tinha que fotografar aquelas oficinas. Aí eu já comecei a lidar com fotografia. Ia fotografar pra depois fazer uma exposição de trabalhos. Aí os eventos que escola começou a fazer, a gente já tinha bolar como é que vai divulgar esses eventos.Saía até umas coisas muito interessantes, muito bonitinhas. E assim, por isso que eu falo de publicidade. Aí eu me vi que eu tinha que aprender alguma coisa de como chamar a atenção do aluno, chamar a atenção dos transeuntes do hospital que fazia parte da escola. Tinha que fazer o cartaz e grudar. Então eu picava tudo e eu vivia fazendo o mesmo cartaz, né, porque não tinha como xerocar, não tinha nem xerox na época. Era tudo na mão mesmo. Então, ah, curso de tal, período né, duração, enfim, qual o objetivo. Quantas vezes se fazia folhas e folhas e folhas, aí tinha o... e o próprio aluno saia colando aquilo ali nas imediações.. então era uma publicidade assim.
- 165- Era uma publicidade. E tinha resultado?
- 166- Tinha.
- 167- Ah, então era uma boa publicidade!
- 168- Tinha resultado! Aí, com o curso de publicidade eu aprendi a lidar mais com a cor, né.
- 169- Quando você fez publicidade, você já tinha terminado o seu segundo grau ?
- 170- O curso é muito assim profissionalizante. Não era nada assim muito formal, de nível técnico. Era um curso assim... E eu fui ficando bem com isso. Eu não sentia falta e a instituição não cobrava currículo, assim acadêmico. Ela queria..., ela cobrava claro, que eu que eu soubesse cada mais e mais para fazer as coisas bem feitas, né. Aí eu fui fazer secretariado. Aí quando eu saí do áudio visual que eu fui para a disciplina de saúde pública. Também já fiquei meio assim né: eu tenho que aprender alguma coisa! Mas, aprender o que? Então secretariado. Então existia, na época, o curso técnico em secretariado. Não existia faculdade de secretariado.

171- É verdade. O curso é muito recente.

172- É. Então eu falei: ah, mas eu vou fazer o segundo grau de novo? Porque ele era um curso de segundo grau e ai fazia o segundo grau de novo. Ai eu descobri uma escola lá em São Paulo que dava em quatro anos. Fazia três anos de matérias gerais e o quarto ano era de secretariado. E aí, surgiu escolas lá que fazia só esse ano, o último ano. Ai eu fui fazer, aí eu aprendi redação, aprendi várias coisas, como lidar com arquivos, correspondência, tudo que uma secretária precisava. E eu fui ficando, fui ficando. O departamento foi crescendo e claro tudo que inova você tem que acompanhar e eu procurava. Quando eu tinha dificuldade e eu ia atrás de literatura. Falava: ah, meu Deus a minha ortografia será que tá péssima? Ia lá e eu andava com uma ortografia em baixo do braço. Então eu acho assim que eu aprendi muito academicamente. Eu acho que não tá certo porque você tem que...

173- Mas por que que você acha que não tá certo ?

174- Não, porque eu acho que a gente aprendendo com o outro a experiência flui. E aí, bom, nesse meio tempo surgiu a faculdade de secretariado. Foi quando o presidente era o Sarney. Acho que foi um pouco antes dele assumir que surgiu a faculdade de secretariado. Era no Morumbi e era uma escola que facilitava o acesso à minha casa. Andei lendo pra ver, fui lá ver como é que era. Eu tinha um interesse, mas eu não tinha os meninos ainda e o meu marido dizia: “você sai de casa sete horas da manhã e vai chegar uma hora, duas horas, eu acho que é muita loucura”!. Ele não foi contra, mas assim, também achou que eu não devia fazer uma coisa que me prejudicasse. Depois São Paulo já era perigoso e agente ainda sozinha né. Ai juntou com a preguiça e eu falei: não vou fazer nada! A hora que o departamento falar assim: “precisa” eu ia fazer, mas ele nunca cobrou. Mas eu sentia necessidades, nos últimos tempos, eu sentia porque a coisa veio meio né... eu fiz inglês, fiz dois cursos de inglês. E chegou num tempo que eu tava, eu não sabia nada de línguas, eu fiz também por necessidade, mas não gosto muito, eu gosto do francês, mas eu fui fazer inglês

175- Ah, eu gosto mais do francês.

176- É. Eu gosto do francês, não sei nada de francês, mas é a língua que me atrai, eu gosto.

177- Pode estudar francês agora.

178- É, posso. Na época do ginásio, a gente tinha como currículo o francês. Mas não sei nada, não me pergunta nada que eu não sei. Depois eu fui estudar inglês porque a minha profissão me obriga a estudar inglês e agora eu tô entendendo bem. É, a gente vai chegando né num ponto que precisa. E eu fui, fui sentindo dificuldade porque aí o departamento já tinha com contato com o exterior e muitas pessoas ligavam lá e eu tinha que saber o básico de inglês: alô, tudo bem, quem é você? Que que você quer? E eu sei assim, que eu fui pressionada, mas por mim mesmo. O departamento não cobrava. Porque elas me ajudavam muito, as professoras lá, sabe? Elas fizeram pra ganhar o lugar delas, fizeram mestrado, doutorado, inglês...enfim, mas a gente quando a coisa apertava eu chamava uma delas que sabia, que era mestre. Elas colaboraram sempre, mas eu senti que eu precisava conhecer muito mais. Eu vivia fazendo cursos, mas aí já tinha os meninos Ai era aquela cobrança, meus meninos já ficaram na escola..., o mais velho ficou dos quinze dias de vida até quatorze anos de idade ...

179- Você não quer falar um pouco sobre os filhos já que você falou neles? Ai você resolveu adotar né, já que você...

180- É. Ai ao invés de fazer a faculdade eu resolvi adotar. Tava mais ou menos na época e aí eu falei: ah, quer saber? Porque meu marido lembrou na época e falou: imagina você... você trabalha oito horas por dia, vai fazer faculdade de noite. E a adoção que tá preparando?

181- Vocês já estavam pensando em adotar?

- 182- A gente já estava pensando. E eu falei: que faculdade que nada, eu vou adotar! . Adotei. É uma história muito bonita com o filho mais velho. É mais a nível..., se pra você não tem importância nenhuma, pra mim tem, que é a questão de filhos assim meio espirituais.
- 183- Se você quiser contar eu quero ouvir.
- 184- É uma questão muito linda com ele. Ele é um menino assim especial, de filosofia espiritual comigo. Ele veio, ele surgiu assim..., se tiver oportunidade é uma história muito longa, essa história espiritual comigo e com ele...
- 185- Se você não quiser contar hoje...
- 186- Não, posso contar.
- 187- Mas, se achar melhor a gente pode especificamente sobre isto no próximo encontro.
- 188- Também pode falar.
- 189- Aí você conta linearmente a história toda e depois...
- 190- Porque é uma questão de crença e de certeza. E como tenho certeza eu posso falar. Mas ele veio e veio... e três meses depois eu quase o perdi. Ele teve um problema cardíaco muito sério e daí a medicina dizia: “ele não vive além de um ano, dois anos, três anos”... Outros diziam: “não, vive um pouco mais, mas vai ser..., ele não vai crescer, não vai desenvolver, não vai”. Aí é que é a história espiritual longa. E hoje ele tem vinte anos, um metro e oitenta e seis, oitenta e sete, cem quilos. É maravilhoso, é um menino muito bonito, tá fazendo cursinho. Acho que me puxou porque ele não tem, ele estuda, mas ele não é aquele que racha não, não é estudioso não. O mais novo também é a adotivo, veio sete anos depois, também tenho certeza que...
- 191- Quando você adotou o segundo, o primeiro tava com sete anos ?
- 192- Sete anos.
- 193- Sete anos né.
- 194- E foi meu companheiro quando fui buscar o segundo.
- 195- E você foi, você foi buscá-los ou eles apareceram, como oportunidade?
- 196- O primeiro apareceu...Ele apareceu assim, o segundo também. Porque eles não foram adotados através de mim, porque quando eu optei em adotar eu queria os filhos. Para eu ter filhos biológicos eu acho que..., a única coisa que eu precisava era de um ato sexual. Por isso que eu achei que fazer uma inseminação ela não é natural. Então para filho, pra ter filho, tem que ser adotivo né? Essa era a minha maneira de pensar. Então se já não veio natural por que não adotivo.? E o primeiro de repente, o segundo também veio de repente. Sem eu esperar, um telefonema: “vem, olha, tal, pode pegar em tal lugar”. Eu fiquei meio balançada e meu marido falou: “não, o outro..., a saúde do outro, vamos espera o outro se firmar...”. E eu falei: não, não tem essa, vamos lá, vamos buscar, vamos! Ele ficou meio irredutível: “não, não, não é assim que as coisas se resolvem, nós queremos...”. A gente tinha programado tudo e ele falou: “não, mas eu dou plantão, você fica o dia inteiro...”. Ele era mecânico, ele trabalhava numa empresa de ônibus e ele tinha um esquema de plantão. “Não posso, o plantão porque...”, eu falei: meu filho, eu quero ser mãe, tô indo atrás do meu filho! Catei o meu filho mais velho e fui quinhentos quilômetros...Lá peguei o meu filho e trouxe. Ele ficou meio bravo, sabe assim: “o que que é isso, o filho é só teu?”. E eu: quero ser mãe de novo, independente de você querer, você não querer, eu respeito, mas eu quero ser mãe de novo! Ai eu cheguei em casa – tenho até um foto dele - e botei o menino no colo dele.
- 197- Toma que o filho é teu!
- 198- Toma que o filho é teu! E ele ficou meio..., daí ele tava com raiva. Era de mim, não era do menino, a foto tá meio assim, ele olhando meio..., sabe? Eu fiz uma musiquinha pros meninos, então a musiquinha eu conto mais ou menos isso aí, que eles foram chegando de mansinho, mas é, logo ele já se apaixonou também e foi muito bom. Então, mais aí esse meu filho assim, acabou que

ele tá bem, é um moço muito bonito, saudável não tem problema. O problema que ele apresentou de vez em quando ainda me passa um susto porque ele sente geralmente alergia e vem aquela aflição...

199- Você tá falando de qual filho? Do segundo ?

200- Do segundo. Mas, é um menino assim espertíssimo, espertíssimo.

201- Que idade ele tem ?

202- Tá com treze anos. Muito parecido comigo. Fisicamente ele lembra mais a família, a minha família. O primeiro parece muito com a família do meu marido. Ele tem traços assim perfeitos. Assim, ninguém diz que não é, que não é familiar.

203- Mas não são familiares?

204- Não são. Mas assim, é como se fosse. Parece que Deus traz as coisas magníficas pra eles e daí a semelhança. É claro que a gente convive com as pessoas e a gente pega as manias e os filhos são muito o que os pais são. Mas eles são muito parecidos. Eu acho eles muito parecidos assim, fisicamente eles são iguais, não tem coisa muito diferente não. E eu sei que acabei de encontrar os meninos, não fui fazer o terceiro grau e..., mas chegou um ponto, voltando ao trabalho que eu falei: não, eu tenho que parar!.

205- Porque você, você havia me dito que eles foram criados na creche.

206- Na creche.

207- Você não teve licença maternidade?

208- Não.

209- Você pegou eles num dia e no outro dia eles estava na creche e você foi trabalhar.

210- Não. O primeiro eu tive quinze dias de licença médica como se eu tivesse problema de saúde. Aí com quinze dias ele já foi pra escolinha, pra creche, com umbigo e eu fiquei apaixonada porque o umbigo caiu lá na creche, não caiu comigo, não fui eu que achei. Aposto, pensei, que elas guardaram o umbigo dele pra mim. O segundo ele já...

211- O que quê você fez com o umbigo dele ?

212- Guardei, tá guardado, dos dois. E aí, bom, todos os problemas do meu filho, ele respondeu bem ao tratamento, foi bem acompanhado. Aí, como ele não agarrava coisinhas e tal o pediatra já ficou vigiando. Eles nasceram numa fase assim de grandes problemas: o problema da AIDS. Também e eles tiveram problemas e eu fiquei assim meio, quando o pediatra falou: “Karen, vamos fazer um exame de HIV”. Eu chorei, mas ele falou: “você tem que ser corajosa, onde é sua coragem?” Ele até me animava muito: “vamos lá”!. Mas eu não. Ia resistindo. Quando o exame veio ele disse: “não, felizmente deu negativo”. Mas a sífilis tinha. Aí esse mais velho com uns dez meses o pediatra chegou a conclusão que ele tinha uma variação mais profunda. Podia ser e HIV quanto da sífilis. O HIV descartou, mas de treponema ele tava infestado né. E daí teve que fazer um tratamento muito doloroso pra ele.

213- Treponema é o que, é o da sífilis ?

214- É da sífilis. Como é que ele chama ? Não é vírus, não é bactéria, não é..., eles chamam de treponema. É o bichinho lá que... que ataca. E, inclusive no sistema nervoso. Por isso que ele tava apático, por isso que ele era limitado, ele não..., Ele perdeu as fase melhores da vida dele que é engatinhar, ele não engatinhou, ele não sentou, assim aquela fase do bebê com uns seis meses não teve. Então quando ele tinha dez meses a gente fez um tratamento com penicilina hipotássica. Tinha que ser dez dias de tratamento, de oito em oito horas. Foi muito duro pra ele e pra gente porque ele tinha que ficar hospitalizado e o pediatra não queria hospitalizar porque ele tinha uma limitação e tava controlada, que era o problema cardíaco. Tinha problema de sífilis que era tratável, se colocasse ele num hospital público ele podia contaminar com outras viroses, outras coisas. Levar prum hospital particular ficaria caríssimo, na época. E ele falou: “você não vai ter

condições de fazer isso, como é que nós vamos fazer? Nós temos que fazer um jeito”. Aí a escola entrou de greve. Ai ele e eu andamos atrás da ação de médicos e enfermeiras e nós montamos uma unidade no meu departamento lá, onde eu trabalho. Lá só tinha enfermeira, cada uma ficou, tal hora eu que fico, tal hora, de madrugada a gente posa aqui, a zeladora cedeu o quarto dela e nós montamos unidade.

215- Você levou ele pro seu trabalho?

216- Levei pro meu trabalho. Eu morei no meu trabalho dez dias e a gente fez o tratamento lá e foi maravilhoso, graças a Deus. Foi terrível pro menino, porque a penicilina é, por ser cristalina ela, ela dilacera os vasos, mas ela é indispensável, ainda mais num bebê. E aí pra ele não ser muito puncionado o médico lá se propôs e um médico vascular introduziu um cateter na veia dele...É muito desgastante pro pai, pra mãe, pro bebê Porque criança é muito difícil, então o que que eles fazem? Eles mumificam a criança, mumificam mesmo pra ela não ter como se mover...

217- Entendo... e para ela não arrancar...

218- E só deixa essa coisa exposta. Aí deita a criança numa mesa de cirurgia e na cabeça põem um presilha , na cabeça da criança assim de lateral pra ela chora, chorar, chorar pra dilatar aqui, (*mostra a veia no seu corpo*) pra pulsionar...Não pode sedar porque ele tem que chorar. É bravo, aí eu falei: não, eu vou ficar do lado, não me tira do lado dele, eu vou ficar aqui. Ele disse, “mãe, você vai ficar aqui?” Claro que eu vou, eu não vou sair do lado dele, porque que eu vou sair. Não vou! E eu fiquei alisando lá - o que? - a múmia dele né porque eu não tinha nada próprio dele pra eu tocar.

219- Mas você estava do lado dele, olhando pelo lado dele você estava presente, não era...

220- Sim, mas eu estava toda mascarada.

221- Sim. Olhando pelo lado dele, você enquanto mãe estava presente, mesmo mumificado ele sentia a sua presença.

222- Porque assim, puseram uma toca, uma fronha na cabeça, a cabeça não estava mumificada. Mumificam do ombro pra baixo. A cabeça estava livre, mas..., é um..., parece um capacete de motoqueiro pra pressionar pra prum lado. No outro estava cheio de aparelhos de oxigênio, porque se fosse necessários já tava ali, então não tinha como fazer carinho nele..

223- Mas ele, mas ele via você.

224- É, Talvez. Mas acho que ele não via nada porque tava chorando de olho fechado. Ele chorava muito porque aquele negócio no olho dele lá e aquela veinha lá e aquilo puncionado, e o sangue e eu falava, eu pensava: pronto, agora vão matar meu filho, mas eu tenho que ficar tranqüila!

225- Eu tô aqui encolhido na cadeira.

226- Eu toda mascarada, de máscara, de luva porque... eu vou tocar ele, no único lugarzinho que podia tá..., não dava porque eu tava de luva e tudo né, enfim...

227- Isso é no centro cirúrgico né.

228- É, mas é rapidinho, foi rapidinho e colocou e o cateter que durou cinco dias e obstruiu duas vezes e é muito sério quando obstrui porque se não tem uma pessoa ali, na hora, pra desobstruir e com precisão ela pode levar ao óbito porque o próprio coágulo, o coágulo da própria medicação. Como ele é cristalina ela cristaliza, ela corre o risco de fazer isso e aí se parar de pingar o soro é sinal que obstruiu e aí você tem correr.

229- Então tem que ter a urgência.

230- E aí duas vezes aconteceu. E a perícia dos profissionais ali com aquela pressa. onde que tá, vem cá, corre, vê..., deu certo. Mas durou cinco dias, daí não dava pra colocar outro cateter porque é muito agressivo né. Aí tem que funcionar, o resto do tratamento tem que funcionar.

231- Então, mas como funciona ?

- 232- De oito em horas, por mais de cinco dias, uma dose
- 233- Dava quatro ao dia.
- 234- Quatro ao dia. E aquilo dói, aquilo dói, é como tomar uma benzetassil de oito em oito horas, então funciona. Aí conforme você vai aplicando a injeção ela cristaliza, aí torna e vai e perde.
- 235- Tem que puncionar de novo.
- 236- Aí puncionava e aís e os cuidados que se tem que tomar. E ele foi e raspa a cabeça e pulsiona na orelha, pulsiona no meio do dedinho, pulsiona na... Por tudo que você possa imaginar e eu assistindo. O pai não teve coragem e falou: “não, não vou, não vou!”. E depois, ele tinha que ficar com três microgotas por minuto de soro. Quando ele tomou o intratác, teve o intratác pra tomar a medicação via soro. Porque aí chegava na hora introduzia na, na mangueira. Mas ele tinha que ficar com o soro pra lavar. Mas ele não podia, além de ser micro, três microgotas por minuto por causa do problema cardíaco. E eu fiquei, fiquei dez dias chocando aquela hora, aquele soro, pra ver se parava de pingar. E aquilo, aquela gotinha...você não faz idéia como é pequenininha, sabe e eu fiquei ali. E não comi dez dias, não evacuei, não urinei, não bebi água, nada! E passou, não dormi, não deixava ninguém tomar conta daquilo. Eu falei: não, eu cuido, eu cuido porque se ela para aí e não vê, sou eu, não é ninguém! Mas passou, venceu, passou, acabou. Depois disso ele recuperou bem e hoje em dia ele... ah o problema cardíaco que ele teve não é nada mais, nada menos do que infestação pelo treponema também nos músculos né, como atinge o sistema nervo, por isso que ele recuperou bem. O outro..., graças a Deus, aí passo e eu passei assim cinco, seis, dez anos meio aflita, tinha medo né dele ter uma crise mais forte...
- 237- Isso é natural ...
- 238- Mas o cardiologista dizia: “não, a vida normal, a vida normal, põem ele pra fazer o que tem que fazer.” Aí veio o segundo, sete anos depois também de supetão assim: “ó, vem cá que o seu filho tá aqui!”. E eu, meu Deus, mas que que é? Vamos lá, vamos lá! E nas mesmas condições do outro: eu quero, eu vou buscar, é meu filho. Ai o registro é por minha conta e eu, enfim, eu não tô atrás de negociar.
- 239- Eles foram registados como filhos legítimos?
- 240- Como legítimos, como parto domiciliar
- 241- Mas eles sabem que são, que não são seus filhos ?
- 242- Sabem, sabem. Aos oito anos eu contei mais velho porque quando eu adotei o mais novo ele foi comigo buscar né, eu peguei o carro e nós fomos. Fomos nós dois. Meu cunhado quando viu que eu fui sozinha, aí ele mandou a mulher do outro irmão dele porque ninguém tava disponível e foram os dois pra fazer companhia pra gente e tal. No hospital mesmo, disse: “ó, você quer?”. Quero, posso levar nessas condições? “Pode!”. Assim que quero porque eu não tô negociando, não tô comprando, não tô roubando, eu quero...
- 243- Entendi
- 244- Eu não tenho nada contra, por exemplo, a questão judicial, eu acho que é legal, mas a gente vê tanta barbaridade, tantos problemas...
- 245- Quando eu perguntei isso, eu perguntei pra entender um pouco da relação. Entendo perfeitamente, não precisa me explicar. Eu acho até muito bonito e muito corajoso da sua parte de responder a um chamado da forma que...
- 246- Não importa. Eu, eu..., os meninos eu até vi como é que eles eram quando eu cheguei lá. Eu nunca quis saber: é preto, é branco, é perfeito, tem uma anomalia qualquer? Não me interessa! É esse aqui! Olha, o seu filho chegou, chegou! É como se fosse a maternidade - eu nem me lembrei de perguntar: ele é bonito, não é bonito? Não me interessa! Até o mais velho, é engraçadinho. Ele teve icterícia, ficou todo amarelinho e aonde eu fui buscar ele vestiram um

macacãozinho amarelo nele. Ai ele já ficou meio amarelo, o cestinho que puseram ele até eu chegar era amarelinho e ele tinha os olhinhos assim rasgadinho, bem rasgadinho assim, o cabelo espetado, quando eu bati o olho naquele menino...

247- Parecia filho de japonês...

248- Eu falei: Antônio de Deus! –Antônio é o meu marido - eu falei olha: pode ser moreninho, pode ser bonito, mas japonês eu nunca peguei! Eu falei: Antônio, nós vamos ter que engolir um filho japonês agora. (risos)

249- Aí os amigos já diziam, abre o olho Antônio.

250- Abre o olho Antônio! (risos) Tem fotografia da hora que eu cheguei em casa, aí o meu marido batendo fotografia, ele em pézinho parecendo um japonês, escrito né, mas não é japonês não.

251- Eu tô fazendo as brincadeiras...

252- **Abre o olho!. Mas eu conto pra eles, pros meninos, falo: Carlos, olha, você não era... “Mãe, mas eu tinha cara de japonês, que é um barato”!** E o mais novo também foi assim, chegou e foi um escândalo, tudo. Pena que a gente foi assim, foi trabalho, trabalho, trabalho...É eu queria cinco, mas aí eu parei nos dois porque daí começou a história. E até cinco anos e felizmente eu tive a creche na nossa escola. Tinha uma creche que nós mesmo montamos Então a gente tinha acesso às crianças, é como se eles estivessem conosco. Só que a partir daí eles tiveram mesmo que ir embora do meu seio, aí complicou.

253- Afinal de contas, Karen, filho cresce não é?.

254- Cresce. O mais velho meu Deus, eu fiquei assim muito apreensiva porque com o primeiro é sempre a gente é meio bobona né?. Não tem muita experiência. O segundo a gente tá mais familiar. Mas daí vai pra onde? Vai pra escola mesmo, particular, período integral. Aí a gente gasta muito porque realmente. Esse negócio de pagar uma empregada, uma pessoa que cuide eu nunca tive condições e achava muito perigoso. Eu morava no prédio - é um prédio pequeno, três andares, não tem elevador, mas uma ambiência muito gostosa, janelões, sabe, coisa mais antiga e eu tenho até ojeriza de grade. Eu não gosto de grade em casa, em lugar nenhum. Pra mim ninguém tinha que fazer grade, colocar grade em lugar nenhum. E lá o apartamento não tem grade até hoje e eu criei eles sem grade. Mas eu não deixava eles saírem com ninguém porque eu tomava os cuidados e..., então eu preferi gastar tudo que eu pude com escola. Mas aí chegou, o mais velho com quatorze anos e falou: “mãe, você me dá um presente de aniversário?” Falei: ah, depende, a gente nunca dá o que a gente quer não. “Ah, mãe eu acho que não quero mais período integral não”. E lá ficava até a oitava série. Porque não você quer? “Não, eu quero ficar em casa!” E aí arrumei uma pessoa - ele já era grandinho - uma pessoa que pudesse me ajudar e fazer companhia pra ele e eu tirei férias e falei: bom, então o esquema vai ser o seguinte, você vai ter que aprender a andar de ônibus porque eu te deixo, mas na hora de ir embora você vai ter que voltar... Aí eu tirei uns quinze dias de férias e ficamos andando de ônibus, e explicava a ele: então é esse e tem essa estação e tem aquela. Ele amou porque ele queria liberdade. E ele até melhorou na escola, sabe, teve um rendimento melhor porque...e aí, a partir daí, ele não teve mais que ficar em horário integral. E com o mais novo eu já fui mais esperta, como tinha ele e como tinha essa moça que fica comigo, falei, “você quer ir pra período integral?” Ele ficou uns dois, três anos lá, depois ele não quis mais. Os dois vinham sozinhos pra casa.

255- E nessa altura você já estava pensando em se aposentar.

256- **Já, eu já tava meio cansada, que é aquela história de tá meio saturada né.**

257- Nós vamos, nós vamos ter que dar uma parada porque já são quatro e quarenta e cinco.

258- Quarenta e sete.

259- Como tempo voa né.

- 260- É.
- 261- Eu gostaria de retomar com você, neste ponto que nós estamos falando, aí quando aconteceram essas coisas né, a não ser que você queira completar alguma coisa.
- 262- Não, não, eu acho que até assim, aquilo que também não é de interesse, porque como você falou, a gente vai falar da minha vida né, a vida, as coisas que
- 263- No início disse que você tinha toda a liberdade de você falar aquilo que importasse a você. Se fosse necessário eu perguntava alguma coisa.
- 264- É, mas também você fica a vontade em dizer: não, isso não interessa muito pra pesquisa...
- 265- Tá bem! Claro que essas coisas me interessam porque é sua vida e é sua história e é isso que é importante, tá bom Karen? Você quer me dizer alguma coisa ?
- 266- Não.
- 267- Perguntar alguma coisa ?
- 268- Não, é só pena que acabou (risos).
- 269- Ah tá bem, eu quero agradecer a você e nós vamos agendar agora ainda para essa semana se você puder, tá bom?
- 270- Tudo bem.

segunda entrevista

- 271- Karen, boa tarde.É bom que você esteja aqui para continuarmos conversando como nós estávamos, de uma forma aberta e uma forma livre, dizendo aquilo que você deseja me falar. Nós conversamos um pouco, você vinha me falando da história com os seus filhos né, como é que se deu essa construção, não foi ?
- 272- Isso.
- 273- E hoje se você quiser completar um pouco isso tá aberto. Mas eu gostaria que você falasse um pouco do seu processo de desligamento da faculdade onde você trabalhava, da discussão que você teve, discussão no sentido positivo, que você com o marido no sentido de buscar uma outra alternativa de vida, da sua aposentadoria, como é que isso se deu e ainda da falta ...
- 274- Eu acho que, inclusive houve descuido, né, da..., nessa entrevista eu acredito que seja muito mais profissional do que familiar, vou repensar.
- 275- O objetivo dessa entrevista é ouvir a sua história de forma livre, de forma aberta, onde a gente vai pensar algumas coisas.
- 276- E aí..., é até bom pra eu ficar solta e porque eu devo ter bastante coisas para falar. Mas seria bom que você perguntasse.
- 277- Karen, eu acho que quanto mais livre for, melhor será pra você falar também um pouco de você, seus sentimentos e aproveitar pra dar uma olhada na sua, nessa sua trajetória, inclusive já que é um momento tão importante pra você.
- 278- Então, mas voltando ao trabalho eu cheguei a aposentadoria. Eu acho que foi precoce porque não eu não contei até dez. Eu senti muita vontade de parar. Havia aquela cobrança dos meninos que estavam crescendo e eu fiquei assim meio assustada um certo dia que eu cheguei em casa, meu filho mais velho tinha, ele tinha levantado muito cedo e eu acho que ele tava meio indisposto. E quando eu cheguei ele não veio me encontrar - isso normalmente não acontecia porque quando, nessa ocasião, um pouquinho antes da aposentadoria, ele já estudava de manhã.

Eu o deixava na escola, mas ele voltava pra casa sozinho e eu já não tinha aquele processo de buscá-lo...

279- Então você deixou ele na escola, no externato?

280- Isso. Mas então assim, foi o primeiro chamamento assim, tá na hora de parar. E eu cheguei e normalmente eles são assim, eles eram até assim: “a mãe chegou”!, já descia a escadaria e vinha fazia aquela festa. Ele sempre muito grandão e vinha e carregava a sacola... Ele não desceu, neste dia. E eu cheguei, tava tudo muito quieto e eu falei: ih, tem coisa errada!., Meu marido tinha ido até a padaria, mas ele tava dormindo, dormindo mesmo. Foi que eu vi o tamanho que ele tava, os pés pra fora da cama, já era um rapaz quase, porque com treze, quatorze anos ele era muito grande, ele desenvolveu fisicamente antes da hora, tava parecendo assim muito maduro, muito pronto pro mundo. Ai eu falei: meu Deus como que eu não vi esse menino crescer desse jeito né! Ai eu falei: não, pra mim não dá mais porque as vidinhas deles, todas as coisa, e eu não vi, como eu não vi cair o umbigo, não vi outras gracinhas! A não ser quando eu chegava em casa, por isso eu cobrava muito de mim, o lado doméstico meu pesava muito. E juntou com o que? Juntou com a dificuldade que eu mesma enfrentava porque eu relutei muito em fazer uma faculdade, justamente pra não roubar o tempo deles.

281- Você me falou sobre isto. Você quis fazer noturno, aí você não sabia e...

282- Eu falei: eu não vou fazer!. Mas no fundo, no fundo eu ficava meio decepcionada comigo porque outras mulheres conseguiam fazer e não era bicho de sete cabeças, mas foi e acabei não fazendo. E juntou a pressão não do próprio departamento, mas eu me sentia pressionada, por mim mesma né pela...O departamento cresceu muito, aí veio especialização, veio pós-graduação, lato sensu, estrito sensu e vem e coisas e vem coisa e eu acho que devia de acompanhar, mas fazendo também pra entender bem o departamento que tava crescendo. Eu também tinha que tá fazendo os meus cursos, embora não fosse necessário, mas eu queria entender quando alguém falasse alguma coisa mais profunda eu queria entender. Então essa pressão, pressão familiar, pressão governamental porque aí veio aquela época de mudança da legislatura.

283- Da legislação da aposentadoria...

284- Da legislação da aposentadoria e veio.... Foi um tumulto na universidade, todo mundo indo embora né e meu marido também do outro lado pressionando porque ele queria voltar, ele já estava estruturado pra voltar.

285- Ele já tava aposentado?

286- Já estava. Tava só me aguardando. Aí ele falou: “olha faltam dois anos agora mas agora você pode aposentar”. Aí juntou tudo isso, eu não pensei, não contei até dez vezes e pedi a aposentadoria. Achei que foi muito bom, um momento assim de ficar em casa porque aposentadoria no processo público é rápida.

287- Super rápida.

288- Eu não sabia que era assim. De repente eu entrei ontem, daí uma semana: “vem cá, ah tá aposentada já desde três de...” Eu falei assim: o que eu faço agora? Vou embora, não vou embora?

289- Você teve a sensação de que?

290- Nossa, que coisa terrível! O que é isso, né, de você..., não, que que você faz? Você não é mais funcionária, ao mesmo tempo e aí? Como é que faz, eu cato tudo que é meu e vou embora? Mas aí eu ainda fiquei uns quinze dias porque até sugerir que um ficasse no lugar. A gente tinha uma idéia de trabalhar um pouco com essa pessoa, aí eu trabalhei de graça porque não era nada...eu não me importei com isso.

291- Você não tinha feito planos? Também não queriam que você ficasse?

292- Não, não, não e ela, não queria que eu fosse: “Eu gostaria que você ficasse”. Assim, pelo menos uma semana, uns quinze dias, organizando tudo pra outra pessoa que não tinha tido acesso,

era funcionária do setor, mas, assim, não conhecia bem como é que era. Fiquei e... eu fazia alguns exercícios no centro acadêmico como natação, alguma ginástica, depois do expediente. Enquanto esperava pra ir buscar as crianças sempre fazia alguma coisa. Então eu fiquei assim uns seis meses indo todo dia na universidade por conta disso. Ai no meu trabalho, tomava lanche, quer dizer, eu estaria indo até hoje sem problemas! Não senti nada assim de aborrecimento, nada. Um belo dia eu deparei de frente com o departamento e eu não entrei. Alguma coisa me chamou atenção, eu passei pra ir embora e não entrei. E eu olhei pro departamento, sei lá o que e eu pensei, gente, mas que coisa incrível que é isso né?. Trinta anos eu entro e saio daí, e agora eu passo como se fosse uma coisa desconhecida. É difícil, é meio estranho, essa coisa meio afetiva assim. Hoje é estranho, mas eu não, eu procurei não ficar muito ligada nesse aspecto. Então eu entro e saio. De vez em quando olho, que coisa..., mas sem sentimento nenhum mais. A vida é assim, tudo é passageiro, agente tem isso, de repente..., família muda, né, como meu filho. Assim eu olhei pra ele: é um homem já! E eu nem vi isso acontecer, né, mas tudo na vida é assim. E daí o meu marido falou né : “agora é a minha vez” e já foi embora, porque ele tinha montado uma firma...

293- Você estava se desaquecendo e ele já estava desaquecido há muito tempo.

294- Já, há muito! Porque nesse tempo que ele ficou em casa ele..., então, eu ensinei ele a cozinhar, lavar, passar, porque ele falou...

295- Ele ajudava você...

296- É. Ele já fazia, mas assim, não fazia muito, porque essa menina que morava comigo casou, logo que ele aposentou. Ela casou, daí ele falou: “eu não vou arrumar outra pessoas porque eu não vou trabalhar”. Ele é taxativo. Ele trabalhou trinta e cinco anos e muito e trabalhou mesmo muito, o serviço dele era muito grotesco né e ele falou, “não vou trabalhar mais assim!”

297- Ele dava plantão né, as vezes trabalhava a noite, não?

298- Hã?

299- As vezes trabalhava a noite

300- Eu ?

301- Ele.

302- Ele? Trabalhava

303- As vezes?

304- Não era.... O plantão era rígido. Ele ficava triste era domingo, feriado, porque ele trabalhava. Descansava um domingo sim e outro não, um feriado sim e outro não, das oito da manhã as oito da noite. Um bom tempo da vida foi assim. Depois ele foi, foi pra chefia, não sei o que, e acabou aliviando um pouco. Mas mesmo assim, aí piorou porque era muito tenso, de muita responsabilidade. Às vezes ligavam a noite: “ olha, tem um problema lá do câmbio não sei do que, então, não tão dando conta aqui como é que é”? E lá ia ele... Médico que é assim, mas agora um serviço desse não tem cabimento.

305- Ele era médico do automóvel, do ônibus (risos).

306- (risos) Era. E a empresa era muito grande, enfim. Mas ele, ele falou: “ó, você tá mais descansada, eu vou ver o negócio lá que eu vou montar...”

307- Há quanto tempo ?

308- Há quanto tempo? Tem...

309- Quanto tempo você aposentou ?

310- Olha! Eu não sei se foi em noventa e seis ou em noventa e sete, por aí.

311- Tem uns quatro anos.

312- Tem uns quatro, cinco anos. Não, faz cinco anos. Eu sei que ele foi embora e eu fiquei com os meninos e ele vinha todo final de semana.

313- Você ficou aonde? Em São Paulo ?

314- Em São Paulo. E aí eu não pude fazer as minhas atividades porque um entrava na escola de manhã e o outro a tarde. Quando o outro tava chegando o outro tava saindo... e o mais novo que estuda a tarde, eu não ia deixar ele vir sozinho, a pesar de ser perto né, ele até poderia, mas imagina São Paulo. Mãe boba, vai deixar um menino de sete, oito anos... né, atravessando? ... Nem o mais velho eu não deixava cuidar dele. Acabei assim que eu não fiz mais os exercícios e difícil. E eu esperava até chegar o fim do ano pra gente mudar de vez, né? Foi uma alegria assim muito grande porque a família que tá lá é..., apesar de a cada quinze dias eu ia pra Minas Gerais. Mas uma coisa é morar e arruma, arruma isso, a mudança foi e eu fiquei mais uns dois dias lá. Nós agendamos de forma que dava pra fica até pegar as crianças. Quando eu cheguei na minha casa tava toda a família, minhas irmãs minhas cunhadas, receberam a mudança, organizaram e eu cheguei só pra deitar e dormir, então foi muito gostoso. No mês seguinte, sabe, eu morava em apartamento, de repente eu chego de noite com gato, cachorro, passarinho porque os meninos: “ah, vamos pra uma casa e vamos mudar então vamos arrumar um gato, pegou um cachorro” Sabe e tinham, eles tem um canário, um periquito, tudo dentro de casa e isso foi comigo. Meu marido veio de ônibus e levou a gente. Até que eu cheguei e eu tive que esperar dentro do carro, esperar o meu marido ir até a casa dos meu parentes pegar a chave da casa...

315- O seu marido foi e veio com vocês?

316- No carro com gato, cachorro e cachorro passando mal e a gatinha passando mal, e foi uma festa!

317- De São Paulo a (.....) quantas horas, umas oito horas ?

318- Tava assim que a gente não podia mexer no carro.

319- Umas oito horas foi.

320- Não, é três, quatro horas.

321- Ah, quatro horas.

322- Quatro, cinco horas. A gente para um pouco por causa dos animais. E foi até divertida a viagem, foi diferente do que a gente tava acostumado até então. Nós chegamos a noite e eu quis ficar esperando porque é perto, eu quis passar primeiro na casa que ia morar e ele deixou a gente lá e foi pegar a chave, enquanto isso eu olhava assim pra casa e eu dizia: meu Deus, a minha vida...

323- Você já conhecia a casa ?

324- Já. Fui eu que escolhi, eu que aluguei, eu que..., mas me deu um choque, sabe ? Eu não sabia se entrava lá. Pra mim eu tava chegando de viagem na casa de alguém, que eu tava esperando abrir a porta. Aí entrou, eu conhecia a casa, meu marido conhecia, os meninos não, ah, eles fascinaram, porque a vida inteira morando em apartamento. Não era uma casa de quintal grande, mas a casa em si era grande, muitos armários, os meninos tinham preocupação de armário porque tinha uma de fato uma acomodação muito boa no apartamento e eles falavam: “mãe, vai ter lugar pra guardar meu brinquedo, meu livro, meu CD, meu” e não sei o que, não sei o que. E quando eles viram que realmente a casa que eu tinha alugado tinha todo conforto que eles estava acostumados, muito mais até, porque eram coisas muito mais sofisticadas, ah, aí foi aquela..., nem lembraram de São Paulo. E soltaram o cachorro e soltaram os gatos e..., o cachorro ficou cheirando tudo e o gato, muito esperto, viu a casa - essa casa aqui não é minha, que que é isso - porque dizem que gato se apega não ao dono e sim a casa né, não sei. Já o cachorro como se apega ao dono ele tava com o dono e não ligou, mas ele passeou a casa toda e o gato ficou meio arredio, arrepiava todo, miava, ele estranhou. Os canarinhos também ficaram meio desconfiados, nós já penduramos em um lugar que deu pra pendurar, que agente sabia. E daí choveu irmão, sobrinho, pai, mãe, “ah, chegou!?” , aquilo foi uma noite de tumulto né, porque eu queria que o povo fosse embora pra eu dormir, pra eu ver que aquilo tudo era verdade né (risos)

325- Parece até a cena de um filme...

326- Olha dá uma história bem legal. Aí eu morei um ano nessa casa e foi gostoso, foi muito bom, estanei, até hoje. Olha, honestamente, resolvi sair porque dá impressão que não é minha casa. Talvez pela, pela..., o apartamento ele é um, meu apartamento é simples, mas ele é bastante confortável porque ele é grande, tudo muito grande né. E eu morava aqui na região da USP, Butantã ali, então a disposição dele, aonde eu chegava, em qualquer janela que eu chegava eu tinha, eu dava pra aquele arvoredo da, do Butantã, ali da USP. Então eu tinha uma visão ampla de São Paulo. Já casa, lá em Minas, não! A casa é térrea e o bairro é muito plano. Era uma casa assim, que a quadra que eu morava tinha três casas só porque em frente é o Batalhão do Tiro de Guerra, que era muralha. Na outra esquina era uma muralha imensa da Brahma, que era um depósito da Brahma. Então eu chegava numa única janela do quarto ou da sala eu olhava aquela muralha, aquilo me incomodou, sabe? Fez com que eu me acostumassem logo que a coisa havia mudado. A gente tinha planos de construir, morar um ano e nesse ano a gente tentar construir a casa morar nela.. Não deu certo porque..., a gente quer mesmo algumas coisas que acaba não realizando. E o aluguel era muito alto porque assim, um ano eu achei que garantia né, um ano a gente paga aluguel. O aluguel do meu apartamento, o valor de aluguel eu pagava lá. Por isso que eu optei por uma casa mais confortável,. Mas aí São Paulo começou a fracassar. Não dava muito certo na questão de você tá tirando do seu provento pra pagar o aluguel. Aí compramos uma casa mais simples. Compramos ela pra terminar, achamos lá um negócio, até que foi bom pra terminar da forma mais corrida. E ver mesmo, decidir o que eu ia fazer agora. Era uma casa até gostosinha, casa de mineiro mesmo né, toda de pedrinha no chão, ardósia e continua com gato, cachorro. Os canarinhos roubaram (risos). Mas eu ainda tenho dificuldades sabe, de achar que é a minha casa. Eu ainda acho que a minha casa era o apartamento. Eu não sei se é apego ou se é porque eu gosto muito do apartamento, gosto muito de São Paulo né. Então meu grande grilo de aposentadoria não é nem por parar de trabalhar. Eu acho que foi essa partida que eu fiz aí, sabe.

327- Essa ruptura né que você fez de São Paulo pra retornar ao interior.

328- De São Paulo pra lá. E assim, hoje eu sou literalmente doméstica e tenho uma grande atração por isso, sempre tive, embora trabalhando fora teve algum, um período da vida me ajudou, mas eu que dava as coordenadas, eu que gostava de fazer a comida, eu gosto muito de fazer pão, rosca doce, essas coisinhas, sempre fiz, a organização do apartamento sempre eu gostei de tá, eu mesma tá fazendo, e tal. Isso me atrai, mas por outro lado acho que também mudou muito, com a questão profissional da questão doméstica. Há uma grande diferença entre papeladas que eu sempre gostei. Tinha muitos papéis e hoje eu lido com outras coisas, panela, panela, panela, roupa, roupa, roupa, enfim. Mas eu sei que é assim, tem hora que eu fico triste, mas eu até brinco com eles, eu falo: olha, de secretária executiva à gata borracheira, o negócio é sério!. (risos). Aí eles: “mãe que que é isso?” Mas assim, a aposentadoria eu acho que mexeu bem mais devido a mudança de local do que propriamente parar a atividade profissional. Eu tenho impressão que se eu ficasse em São Paulo eu não ia ficar tão assim chata, porque aí eu fiquei meio chata, sabe. Juntou todos esses problemas que eu vim queixar, de neurologia. E já, isso já existia em São Paulo e lá também, eu fiz uma avaliação muito profunda porque eu também não achava que não era nada e fui levando a coisa e fui levando.

329- Você acha que eles aumentaram depois que você parou de trabalhar?

330- As minhas dificuldades aumentaram sim depois que parei de trabalhar, com certeza.

331- É. Você poderia falar deles pra mim?

332- Não, ficou terrível, ficou terrível, eu a ponto de assim...

333- O que ficou terrível?

334- Essa, essa vibração muscular do lado direito porque o lado esquerdo intacto, ficou perfeito. E como a gente sabe que alguma coisa que acontece fisicamente ou é de ortopedia, se você quebra um braço é ortopedia né, se você tem um problema de trombose então você vai no vascular. E como eu comecei a apresentar isso, tontura, começou com tontura, isso ainda em São Paulo...

335- Mas já aposentada?

336- Não, não, não.

337- Você ainda trabalhava?

338- Trabalhava. E começou com tontura, muita tontura. Não era nem desequilíbrio, eu ficava assim fora da órbita sabe, é uma coisa meio... Como eu tinha que dirigir, aquilo me preocupava porque eu não sabia como eu conseguia dirigir. Começou com tontura, muita tontura. Logo após veio após a minha esterectomia, que eu fiz. Aí, estômago ruim, a comida não fazia digestão, aquela azia né. Fiz endoscopia normais, problemas, enfim. Aí o ginecologista: “isso aí deve ser hormônios, vamos injetar hormônios”. Mas quando eu fiz a esterectomia meu ginecologista disse: “olha, agora, os seus ovários estão intactos, preservados, a menopausa vai demorar um pouco né, porque até então parecia que estava tudo bem em questão hormonal. Dois meses depois, eu começo com problema hormonal, aí eu não, não sabia se isso é possível, não é possível. Bom, era um problema hormonal! É. “Vamos entrar com reposição hormonal” Entra com reposição hormonal, a coisa fica, permanece. Depois assim, começa com vibração mesmo, é uma vibração terrível do lado direito. Não é dolorosa, atualmente ela é dolorosa. E daí então fui a neurologia. Cheguei a fazer uma tomografia, eu não recebi nenhuma outra orientação que pudesse dizer: “olha, então vamos avaliar o emocional ou vamos avaliar a questão renal, vamos né fazer alguma coisa”. Não!

339- Diziam que tava normal?.

340- Normal, acabou. E eu fiquei uns três anos assim, então...

341- Convivendo com isso.

342- Convivendo. Aí fui ficando e eu sempre fui assim. Desde solteira, desde menina, as vezes caía, machucava toda, mas eu andava, eu..., sabe, suportava, não tá doendo. Eu toda a vida fui assim. Eu não ligo pra essas coisas de dor. Eu tive um problema de pedra de rim, meu rim direito ele é parcial eu tenho uma perda parcial direita. O cálculo era um cálculo muito grande, mas eu convivi com cólicas assim, sabe, normal. Quando eu chegava no pronto socorro eu dizia: eu tô com cólica renal! E eles diziam: “mas cólica renal com essa cara?” Até duvidavam. Mas, o negócio era muito doloroso. Mas eu sou resistente a dor. Muito, muito resistente à dor. E eu não tenho dor, sabe, as dores que eu tive foram muito pouco tempo de cólica menstrual, muito poucas, às vezes essa renal. Fora isso não tenho dor de cabeça, não tenho dor de dente, não tenho nada. Mas, esta dor de lado, no meu lado direito me aborrece muito. É, eu não sei né se isso é normal, mas deve ser. E com isso foi passando os anos. E com a mudança pra Minas, chegou um ponto de ficar terrível mesmo, porque aí começou, além da vibração, é como se pegasse os músculos e puxasse, puxasse e depois soltasse. Formigamento nas extremidades, nos pés. Tem dia que assim, a sola de meu pé é como se eu tivesse aderido alguma coisa qualquer, bem áspera, isso é o dia inteiro, só que...

343- Só de lado direito?

344- Só do lado direito. O lado esquerdo também tem, mas é muito discreto, como eu fico muito assim preocupada com o lado direito eu acabo esquecendo o esquerdo. Eu já perdi tudo na minha vida, prazer também... tenho hesitado muito. E eu falei: não, eu vou embora pra algum lugar! A sensação assim: agora eu vou a óbito! Porque é assim tão sério o negócio de eu falar: eu vou deitar e vou morrer em paz!. Não sei, eu realmente não sei explicar o que é isso não, isso vem um pouco diferente, nunca é a mesma. Por exemplo, se eu passo uma semana vibrando as vezes ele vibra

mais leve, mais intenso e tal. Em baixo da omoplata direita é como se pegasse um polegar imenso e pressionasse em um determinado lugar, aí realmente me amolece inteiro. E é engraçado porque eu ando, eu faço trabalho, quando eu vejo que eu vou ficar assim aí eu vou limpar a casa, eu vou..., eu não paro. Mas tem dia que eu choro, aí eu choro, aí eu choro e penso: que que é isso? Será que ninguém vai descobrir o que é isso? E aquilo pressiona terrivelmente. Eu já pensei: será que é porque mudou a vida, será que... Aí fui atrás de médicos, de especialistas e nada. Até que vim para Campinas e resolvi também consultar a neurologia. Aí fizeram todos os exames e nada! Aí me mandaram para cá... To me tratando aqui e jamais iria pensar que era um problema psíquico...mas ainda não tenho certeza... às vezes fico pensando é um problema físico mesmo que ainda não descobriram...Um vez fiz uma cirurgia e fiquei pensando que talvez o problema estivesse aí, apesar da tecnologia que hoje tem

345- Quanto tempo ela foi feita ?

346- Foi feita há uns trinta anos.

347- Trinta anos.

348- É. E eu fiquei pensando: quem sabe tem aderência, né?. Eu já consultei até Atlas de anatomia porque eu falo, que mesmo...

349- Encontrou alguma coisa?

350- Ah, tem um monte né, mas eu não conheço a coisa, então não adiantou nada. Mas persiste a impressão. Aí fico pensando: de repente esqueceram uma peça dentro de mim que agora, com tempo tá se manifestando. É uma sensação de que do lado direito eu sou um arco que só falta lançar a flecha. Quando lança a flecha parece que o negócio melhora, mas é uma sensação mesmo de contração muscular ou sei lá, que fica, fica, fica até..., parece com este barulho...(fala do barulho do ventilador)

351- Tá atrapalhando você ?

352- Não, não, não, é que...

353- É um exemplo.

354- É a vibração, que é aqui não está vibrando, mas se você tocar lá o local onde tem o motor você vai sentir a vibração.

355- E aí você resolveu vir pra Campinas investigar melhor isto...

356- Aí eu resolvi, eu vim pra cá.

357- Há quanto tempo você tá aqui?

358- Eu tô sempre aqui. Mas assim, de vim pra ficar eu vim no início do ano por que o meu filho veio fazer o cursinho e eu vim, ficou assim. Agora, eu conversando com essa minha irmã daqui, ela disse: “ah, você não pode continuar desse jeito, tem que ter um caminho né”. E aí a gente foi buscar o caminho até chegar aqui.

359- Mas que caminho foi esse ?

360- Nós conversamos com alguns médicos aqui em nível particular, mas eu vi que não ia resolver. Mais tarde também a nível ambulatorio também não resolveu. E essa minha irmã faz um trabalho também de pediatria, parece que ela...

361- Pediatria da Unicamp?

362- Da Unicamp.

363- A sua irmã é... ?

364- Ela é Fono.. E daí ela soube de um tratamento e me falou: “olha, me parece que tem um médico lá que é neurologista, é neurocirurgião, quem sabe né?” E coincidentemente foi um dia que eu tinha passado com dor, no dia anterior e eu, eu tava muito chata, porque aí eu fico chata com as coisas porque não melhora.

365- E quando você fica chata, você fica chata com os outros ?

366- Eu fico chata comigo mesmo...

367- Com você mesma.

368- ...Porque eu fico assim, aí eu choro, eu falo: “gente que que é isso?” E choro, aí choro, choro, choro, mas tô chorando por quê ? Não, não vou chorar, não tem motivo, não tô com dor, então não chorar. Não morri, então não vou morrer também, quantos anos que eu sinto isso. Mas eu fico chata porque eu queria fazer coisas, eu não consigo, eu queria fazer um pão e não consigo, eu queria fazer um negócio, sabe? Aquilo tá me incomodando, eu fico chata porque antes era discreto ou eu não prestava muito atenção, agora eu, a coisa não é tão discreta e eu tô incomodada com isso, podia continuar não ligando pro negócio, deixa acontecer, foi a óbito foi, entendeu? Aí na hora eu marquei, eu vim né porque como é que ia..., ela marcou pra mim. E assim, eu insistia em neurologia por isso, talvez ele me dissesse o porque dessas coisas. Eu tô lidando com vocês, aqui da Unicamp, já não é hoje. Então pra lembrar algumas coisas muito recentes que são até corriqueiras é meio complicado. Às vezes uma notícia da TV, eu presto atenção, não é que eu não prestei atenção, eu presto atenção, quero contar mais tarde: olha, ouvi isso assim. Eu sei do fato, mas eu não consigo lembrar pra falar como é que é. Não, eu sei como é que são essas coisas. Mas isso é muito freqüente e não era assim. então juntou isso e juntou essa vibração muscular e agora, de uns seis, sete meses pra cá, vem acompanhada de ardor no muscular, queimar muscular, e ultimamente câibra. Eu fui fazer hidrogenástica porque eu falei: quem sabe fazendo né uma, um exercício gostoso e tal. Mas eu mais não faço do que faço, porque eu entro, acompanho bem os movimentos, todos os exercícios. Mas já aconteceu de num movimento, alguma coisa nas costas dói, depois câibra e amolecer o lado direito e aí com câibra, tudo contorcido, são os dedos, não é a panturrilha, são os dedos, mas a perna fica literalmente sem apoio, sem nada. Aí eu tento sair da água, aí eu falo: gente, é neurológico isso! Aí..., mas tô assim, ando, dirijo, como, durmo bem, namoro bem, faço trabalho em casa, brigo, exijo, enfim... Não entendo de onde vem isso, o que é isso, que resultado vai ter isso. Me dizem: é nada, não é nada, é emocional - não é! Até então eu não pensei de ser um fator psicológico, psiquiátrico, eu não me preocupei com isso, embora eu sei que essas áreas são muito complicadas né pra... Eu sei que um comprometimento psicológico, psiquiátrico, físico vai dar uma ressentida, mas eu não sei porque eu fiquei muito assim, presa na neurologia. Porque no ortopedista eu cheguei a consultar, tirei um raio X de coluna cervical, lombar... enfim. E..., mas agora, no fundo eu acho que ele não prestou atenção- não conheço nada – mas o médico não me orientou também com relação isso, ele falou: “não, a coluna tá ótima, olha, não te escoliose, não tem isso, então tá bom, não tem nada”. Então tá bom né! Se ele dissesse também: “olha tá pintado, tá pintado aqui” eu acho que ele diria. Ou quem sabe o raio X também não mostra ele também não tem como ver, aí teria que ser um exame mais minucioso.

369- Acho que a primeira pessoa que mostra um outro lado pra você é o Jaime, o neurologista. *(O neurologista também chamava-se Jaime)*

370- É.

371- Só olhando um lado só de sua vida, eu disse pra você, na primeira entrevista, o que não caberia dizer agora, fazer uma interpretação. Agora fazemos a coleta de sua história para discutir outras coisas - a questão da aposentadoria, por exemplo. Mas de certa forma a gente pode dizer algumas coisas por alto ou mesmo apontar pra você um outro lado seu que você não tinha prestado atenção e que talvez possa estar aí a chave e a resposta de algumas coisas suas.

372- E aí eu fiquei, fiquei feliz mesmo porque até a minha vinda pra cá, ficar aqui fazendo tudo isso é porque eu estava em Minas Gerais... Foi, foi, embora eu tô morando lá e cá, mas eu tô muito mais lá do que aqui porque aqui tá tudo sobre controle né, então lá como a minha mãe é mais idosa e...

373- Talvez o seu lado esquerdo...

374- ...a minha casa, a minha casa também está lá.

375- Talvez o seu lado esquerdo, o seu lado preferido lá, não é.

376- E eu tinha que vir pra cá e eu não vim porque foi um dia que eu vim, que eu não tava bem e que tava me incomodando muito. Ai eu falei: ah, eu não vou dirigir, muito menos vir sozinha de ônibus. Ai essa minha irmã falou: “não, não é possível, você não pode continuar desse jeito”. Ai ela ligou, dois dias depois e falou: “olha, esteja aqui tal dia que eu já marquei um médico pra você e você tem que vir”. Eu tava ótima, sabe (risos), tava ótima, ai eu falei: ah, não vou! mas assim resolvi. Dois dias antes que tinha que vir, tava com macaca, vamos assim dizer. Eu rezei bastante, porque eu adoro rezar, mas eu rezei e eu falei, falei com Deus mesmo, falei: olha, ou você seja camarada comigo ou abra meus horizontes”. Que é isso? Eu não sou ignorante, eu não sou uma pessoa difícil de se lidar, eu sou uma pessoa que passo por cima de dor, de corte, disso, porque a minha característica assim, eu não entrego os pontos, eu não sou mole, eu não tenho empregada, eu não tenho uma pessoa que me ajuda - uma que eu acho que hoje em dia uma empregada doméstica tem que ganhar muito bem e pra isso eu tenho eu ter condições, então pra pagar – então eu não tenho e até podia pagar razoavelmente, - mas eu acho que trabalhar em casa não é um servicinho qualquer não, e outro fator é que eu gosto, eu prefiro estar fazendo alguma coisa do que ficar inerte, não dá pra ficar assim né, então é por opção. Faço todo o trabalho de casa, não tenho vergonha nenhuma por tudo que eu já fui, já fiz né. Mas..., sou caprichosa com as coisas. Então eu conversava com Deus e dizia: olha, dá um horizonte colorido, tem dó né, não venha me testar minha paciência, tem que me dar um retorno imediato porque se você também não me der um retorno imediato, então eu vou virar as costas pra você, não quero saber de você mais!. E daí minha irmã ligou, entendeu? E eu gosto muito dessas coisas ligadas assim a intuição. Quando ela ligou e disse: “olha você deixa de ser teimosa, deixa de ser orgulhosa, de achar que você vai resolver”. Eu achava que eu que tinha que resolver, tudo isso. “Já marquei, você esteja aqui tal hora, tal data, tal não sei o que, bem ou mal você vem, se você não tem quem traga você, você pega um avião, pega o que você quiser mas vem”. É um sinal assim lá, pelo menos pra clarear. E daí eu já vi que existe o outro lado que eu não me preocupei também, pode tá em jogo né. E agora eu já armei um esquema lá na minha casa, com todo mundo, meus meninos já são grandes, meu marido sabe fazer de tudo, eu falei: agora até logo, eu não sei aonde eu vou morar agora, se é lá ou se é cá! (risos). Então assim, é pra ir pra lá eu vou, pra vir pra cá eu venho! Acho que é até bom porque isso é dinâmico também. Você vai pra lá, vem pra cá...

377- E você tá aí na sua busca?

378- É, é a busca realmente, busca de, eu não quero me omitir. Eu achei que um dia qualquer clínico chegar e diz: “olha, você tem um problema sério assim, assim, assim”! Tudo bem, problema qualquer um tem, de saúde qualquer um tem. Mas eu quero saber o que que é. É um tumor? Problema do tumor? Tem solução, não tem solução? Isso a gente vai ver depois, mas eu prefiro saber: “olha, não é nada mesmo. É psicológico, então tem que tratar o psicológico”. Se eu fico muito, é de neuro, é de, de nefro, é de gineco, enfim, tem que ter uma solução, tratável ou não, né? O que não dá é, você tá bem, de repente eu olho lá pra trás quando eu volto já tá tudo complicado, porque é assim que se age né. E aí é o que eu penso, entendeu? Eu achava que é bom, de repente eu tô assim estruturada e eu olho pra cá tá desestruturado o negócio? É estranho, né?

379- Tem dia que é difícil pra você passar o dia? Você sente falta do seu trabalho? .

380- Não sinto. Não sinto. Eu ligo de vez em quando porque eu tenho contato sempre com eles. A gente tem um laço de...de amizade e é meio irmão numas coisas. Então eles ligam e: “tudo bem, como é que você tá”? Mas não tenho, não tenho mesmo. Eu não sei se isso é camuflado ou se não. Agora conscientemente não, não tenho falta, não sinto saudades, eu sinto muito mais falta sabe do que? Sinto mais falta do trânsito do que do meu trabalho.

- 381- Mas você sente falta de São Paulo?
- 382- De São Paulo eu sinto, de São Paulo eu sinto.
- 383- Você sente mais falta do trânsito do que do seu trabalho por que? O que acontece?
- 384- Porque eu acho que eu tenho liberdade demais agora, sabe, eu tô livre demais, (risos), tô livre de mais né. E talvez seja isso.
- 385- Não tem uma rotina que prenda você né.
- 386- Não, tem, tem uma rotina, tem.
- 387- Mas essa rotina você pode dar conta dela a hora que você quiser, você não é amarrada.
- 388- Assim, não, até que tem porque por exemplo, acordar, eu acordo no horário costumeiro porque toda vida eu gostei de acordar muito cedo, toda vida, independente de tá trabalhando ou não, feriado...
- 389- Que horas você se levanta ?
- 390- Ah, eu acordo quinze, vinte pra seis, com relógio ou sem relógio.
- 391- No inverno e no verão?
- 392- Todo dia. E eu gosto, eu adoro a manhã, então não tenho preguiça de levantar. E tem dia que eu falo:ah, não tem o que fazer, então eu vou ficar na cama, vou ficar na cama!. E eu viro pra lá e eu viro pra cá e eu viro pra lá, viro pra cá: ah, não, não dá, cama não dá!. Não sou muito dorminhoca assim de, de passar tempo da minha vida dormindo não. Mas olha, tudo que eu queria fazer era chegar em casa, por o pé pra cima durante o dia, assistir sessão da tarde, aí eu sento lá, mas não tenho paciência, aí eu vou fazer um bolo, vou fazer um pão, vou fazer..., sabe.
- 393- Até porque aí você pode fazer né
- 394- É, eu posso fazer. Aí a vizinhança toda sente o cheirinho e fala: “o que quê tem hoje?”
- 395- Não, eu tava brincando, você pode fazer o bolo, mas eu tava dizendo, aí você não quer ver a sessão da tarde é porque você pode ver, você queria ver quando você não podia né.
- 396- É, isso é verdade, é.
- 397- Tá bom o Karen, eu acho que a gente podia fechar aqui hoje né a nossa conversa, você vai estar no ambulatório amanhã né.
- 398- É, amanhã, eu espero que a Carol não fure o outro...
- 399- Não, não vai furar. O Humberto, o dr Humberto vai conversar com você, mas uma outra, um outro tópico, uma outra conversa que tem nada a com que nós estamos conversando, claro, mas não tem o objetivo deste nosso papo... Depois a gente vai ver, você vai ao ambulatório novamente só na outra segunda feira.
- 400- Na outra segunda.
- 401- Certo ?
- 402- É.
- 403- Aí lá no ambulatório, na segunda feira, eu acerto com você e marco a última etapa do depoimento se for necessário e se você quiser. Eu acho que você ainda tem algumas coisas pra me dizer.
- 404- Ah tá bom.
- 405- Eu acho. E se você quiser e puder, tá bom ?
- 406- Claro, claro.
- 407- Você queria me dizer alguma coisa, quer esclarecer alguma coisa ?
- 408- Não, não tenho nenhuma dúvida não.
- 409- Tenho que novamente agradecer a você, a disposição de você estar aqui, de perder uma hora aqui comigo...
- 410- Imagina.
- 411- E de colocar a sua vida, a sua história em função aí da ciência.

- 412- Certo.
413- Muito obrigado, Karen.
414- Até segunda....

Terceira entrevista

- 415- Hoje são quatorze de maio de dois mil e um e nós continuando a nossa conversa com a Karen. Karen bem vinda, estamos no ar novamente.(risos)
416- Estamos no ar ,né. (risos)
417- Vocês quer colocar suas bolsas, suas coisas quer colocar as coisas aqui ?
418- Não, aqui tá bem.
419- Como é que você está ?
420- Eu tô bem.Eu fui pra São Paulo. E passei de uma semana bastante desagradável para uma outra bastante agradável. Eu perdi uma pessoa que eu gosto muito. Mas, na verdade, eu fui pra resolver um problema de vazamento no apartamento. Mas foi um horror em termos de solidão, lembrança né, aquela coisa muito solitária. Só eu e a bagunça do pedreiro, então foi muito chato. Eu fui pra ficar um dia, dois, no máximo, mas acabei ficando a semana toda. Aí a coisa começa novamente. Não dava pra ficar né com o pessoal, comprar o material. Mas aquele dia eu fiquei sozinha, não foi muito agradável não. Mas foi bem. Curti um friozinho em São Paulo, e né, fiquei muito presa no apartamento.Não deu pra dar uma passeada, só ali assim, pela janela curti um pouquinho, mas não foi muito gostoso não de ficar lá sozinha, principalmente pela falta dos meninos. É engraçado que o companheiro fica meio de lado, o que sobra a gente... ah, que saudades do meu filho, meu Deus né. Doida pra ir embora hoje, sem falta, chegar em casa.
421- Que horas que é o ônibus?
422- Vai sair as oito horas.
423- Oito horas. Aí chega o que, meia noite?
424- Aí por volta de meia noite...
425- Aí vai ser uma festa.
426- Ai, que delícia (risos). Mas tá tudo, correu tudo bem.
427- Nós estávamos conversando no último encontro sobre sua trajetória de vida. Falamos um pouco sobre o trabalho, sobre o seu envolvimento. Depois a sua ida pra (.....) e essa transição que faz neste momento entre Passo e aqui. Falamos um pouco sobre, sobre essa disfunção, eu não quero chamar de doença, essa disfunção que eu espero seja momentânea... enfim. Gostaria que você continuasse e que você falasse simplesmente aquilo que você quisesse e que a gente voltasse numas coisas que não tivessem ficado claras pra gente poder fechar nesse momento. Então você tem toda a liberdade de ...
428- Eu gostaria que você fizesse perguntas, sabe, porque de repente você prefere que eu fale mais a respeito do trabalho...
429- Eu gostaria que você falasse um pouco mais da sua questão vivencial, deste seu sentimento de instabilidade. Gostaria também que você falasse mais de sua relação com o trabalho e ao mesmo tempo com sua relação com a educação que você teve, de preparação para o trabalho..
430- Não é melhor você questionar algumas coisas, perguntar algumas coisas e eu responder? Porque se eu for falar do trabalho né, por exemplo, agora neste período que eu fiquei em São Paulo, eu poderia voltar ao meu trabalho porque todas as pessoas que trabalharam lá sempre voltaram e eu já voltei várias vezes, mas eu agora não tive a menor vontade de voltar...
431- Voltar ao, voltar ao...

- 432- Ao meu setor de trabalho.
- 433- Pra...
- 434- Pra visita né. Porque lá já tem muitas pessoas que ficaram e a gente tem, eu tenho um relacionamento muito bom com elas né por telefone, elas vão até (.....) de vez em quando, mas assim eu não...
- 435- Elas quem, suas amigas?
- 436- As minhas amigas que são professoras, que são proprietárias, que são desde jardineiro até, até... Mas assim, eu não sinto a menor vontade de voltar lá. Ficou assim uma questão secundária né, não era primordial. As primeiras vezes que eu estive aqui em São Paulo realmente eu já me direcionava primeiramente lá, depois eu ia tratar das minhas coisas. Mas eu não senti a menor necessidade de ir, não sei se isso é bom, ou se é ruim. Eu não sei se eu já cheguei a comentar com você, uma das coisas que acelerou a minha aposentadoria é que eu tava me sentindo muito improdutiva. Eu não sei se eu estava, eu já tinha esta crítica. Eu sempre vi e aquilo tava me esgotando muito, forçando muito e eu tava ficando muito ansiosa com aquilo. Ninguém descobria e a coisa foi agravando, enfim e aí eu já não tava mais produtiva né. Se eu tinha *ene* coisas pra fazer num dia. E ficava a metade ficava e antigamente era assim..., porque a gente... eu costume chamar produção assim, não que numa escola tenha produção quantitativa como numa indústria né, você apertou tantos parafusos por dia, não, mas eu fui ficando meio esquecida das coisas. O computador já me irritava né e eu sempre fui assim um funcionário que não admitia fazer coisa errada, não chegar depois do meu horário, não faltar, eu, essas coisas não aconteciam. Então eu tinha tempo pra me aposentar, ficando trabalhando ou não e foi quando eu acelerei o processo de aposentadoria: eu dou o lugar pra alguém que tenha mais pique do que eu. Eu achei que tava na hora de parar um pouco, ficar mais com as crianças. Aí realmente decidimos voltar pra (.....). Trabalho..., eu sinto vontade até voltar a trabalhar, fazer alguma coisa ligada lidar com papéis, né?....
- 437- De forma, de forma assalariada?
- 438- De forma assalariada... é.
- 439- Com horário de sair, de entrar?
- 440- Com horário, é. É engraçado! Eu nunca fui uma funcionária que quisesse conquistar cargo de nome, domínio e tal. Eu sempre gostei de ter direito a nada, de ser cobrada, de ser submissa ao trabalho. Até na minha casa eu não sou uma pessoa autoritária nada. Eu prefiro que meu marido, meu filho, que eles tenham um pouco mais de autoridade do que eu. Sei lá né, eu tenho uma amiga que diz assim: “isso é comodismo, né?” (risos). Eu acho que não, cada pessoa sabe e acho que nasceu pra determinada coisa né. Eu jamais seria um professor, eu não sei ensinar.
- 441- Mesmo tendo trabalhado dentro de uma universidade?
- 442- Mesmo tendo trabalhado lá. Eu sou capaz de aprender sozinha, mas ensinar nada. E é em tudo. Se eu vou ensinar fazer um bolo - em casa eu procuro ensinar meus meninos a cozinhar, limpar - eu não tenho didática nenhuma pra ensinar, nenhuma. Mas eu tenho facilidade de aprender. Bati o olho eu sei o que é que tem que ser feito. E a vida inteira eu trabalhei assim, meu chefe, a minha chefe, que normalmente foram mulheres, elas não precisavam me falar o que tinha que fazer, qual era a função, como é que tinha que ser feito, então eu ficava tranqüila também porque elas pesavam e eu já, eu já sabia o que elas queriam.
- 443- Elas devem ter sentido quando você se aposentou.
- 444- Ih, tudo mundo diz que senti muito, né, porque realmente foi assim muito fácil trabalhar comigo. Mas eu sempre fui muito exigente comigo, com a outra pessoa não.
- 445- As pessoas foram exigente com você? Especialmente nos seus compromissos escolares ?

446- Não. Ninguém, nem pai, nem mãe, nem os meus próprios, tias. Eu é que trabalhei muito..., é coisa minha. Eu me vigio vinte e quatro horas por dia, eu tenho uma auto-crítica assim que é minha. E com o trabalho então é inadmissível pra mim, chegar um minutinho atrasada, aquela coisa *caxias*, aquela... Era uma hora de almoço e se eu saísse um pouco mais pra resolver algum problema a tarde eu compensava sem que ninguém pedir ou cobrar. E eu nunca bati cartão, né, não tinha esse esquema. O meu cago era livre, mas era muito exigente, eu tenho consciência disso. E igual o trabalho é na minha vida, na minha casa. Eu até sentei ali e tava vendo essa revista que eu peguei pra ver umas mensagens muito sérias, achei interessante, eu vi a chamada na revista, comprei pra ler eu gosto muito de lidar comigo, e tô sempre me massageando, tal. Mas eu tava pensando: gente eu tenho que chegar em casa, eu deixei meu armário meio bagunçado, então eu tenho que chegar e arrumar. Essas coisa foi... e no trabalho eu...

447- Você deve ser uma pessoa muito organizada.

448- Não sou.

449- Não? Não é ?

450- Não. Mas pior de tudo é isso, é que eu não sou organizada, mas eu fico me cobrando né, é engraçado.

451- Isso deve dar uma tensão interna muito grande, por que você se cobra. Não é organizada e quer ser organizada ?

452- Não, não, eu não sou organizada. Até no meu trabalho eu não era organizada, mas eu, às vezes, ficava aborrecida comigo. Como que eu não me organizava se eu sabia todos os caminhos da organização e me cobrava, mas eu não me organizava. Mas depois eu vi que eu sou assim mesmo, eu vou e vou conviver comigo assim. Não vou mudar e nem acho, nem tenho porque mudar também né. Mas o meu trabalho é isso. Eu acho que foi um período muito gostoso, com todos os problemas que a gente vivenciou, porque não é fácil, quando você trabalha, lida com outras pessoas, com outras idéias, tem choques. Mas eu tinha consciência né de tudo que a gente..., que acontecia por lá. Era até assim, bastante interessante porque em local que predomina mulher, as mulheres já são complicadas, eu nunca trabalhei assim diretamente com homem, mas eu acho que eles são mais fáceis de lidar. A mulher é complicada, então tem divórcio, tem as encrencas familiares, os filhos, enfim. E aí uma secretaria é como um ímã. Nela caí todas as pedras possíveis (risos)

453- É.

454- Mas, mas mesmo assim eu gostava, e, se fosse pra fazer tudo novamente, eu faria. Então eu acho que eu gostaria de continuar trabalhando, produzir alguma coisa, servir pra alguma coisa.

455- É, isso pode ser um caminho nesse momento que você vem buscando um reafirmar as coisas.

456- Apesar de que o outro lado assim pesa muito, sempre pesou. Eu tinha deveres assim de ser doméstica, sabe, cuidar das crianças, estar junto com eles na hora de ir pra escola, de chegar da escola. Isso acontece hoje, só que eu tenho, parece que eu não tô sabendo lidar com isso.

457- Mas também já não são mais crianças né.

458- Não são mais crianças.

459- Já não precisam mais da sua atenção tão grande. Os pais às vezes atrapalham.

460- Tanto que essa semana eu tô sozinha pra cá. Eu tenho certeza, eu vou fazer falta, porque o pai é mais severo, sabe. Ele é mais assim, tem que fazer, tem que fazer, acabou!. E aí eu não sei né o quê que é importante pra você, eu...

461- Não, é essa conversa mesmo. Nós estamos acompanhando a sua história de vida, a sua forma de pensar, a sua forma de ler essa sua vida no trabalho. Eu não tenho um roteiro de perguntas pra fazer, apenas algumas coisas sobre o que gostaria que falasse...

462- No trabalho, uma coisa assim que eu relembrando em casa e me atormentou muito é justamente essa coisa que apareceu em mim e que eu, sei lá, eu busquei recursos, eu procurei médicos na época, eu passei por uma avaliação até muito boa, mas eu não tive nenhum, nenhum diagnóstico que diga: “é isso!” Eu fiquei no meio do caminho, nenhum neurologista afirmou: “olha é isso”! Problema de neurologista. Nem, ninguém sugeriu que eu fizesse uma terapia né? Como opção, nada! Até que eu parei com tudo, aí eu mudei e a coisa continuou. Então isso me preocupa muito né. O que foi isso? O que é isso? Existe realmente isso, eu criei esse tipo de coisa? Principalmente agora que eu vim pra cá, que eu tô conversando com você, então eu tô descobrindo coisas novas e aí, de repente, fisicamente não existe nada, existe essa sintomatologia, mas ela continua. Não melhorou nada, ela continua.

463- Até porque isso é processo mesmo...

464- Agora, em São Paulo eu chequei, eu vi, observei e estremei várias vezes, daquela vibração queixosa, tive dificuldade de caminhar porque tive que andar muito entre uma casa e outra de material de construção, enfim, eu tive dificuldades. Mas, também de repente passa e...

465- E você vai descobrir esse caminho, né?

466- É, eu tô descobrindo.

467- Você me falou do trabalho, dessa sua organização, dessa maneira de ser certa, objetiva, fazer tudo a tempo e a hora de uma maneira muito completa. Você diz também que o seu lado doméstico, você sabe que você gosta. Na realidade você foi educada, pelo menos nos seus primeiros anos de vida, no início de sua adolescência pra trabalhar ou ser uma dona de casa?

468- Na realidade eu fui educada para ser dona de casa. O gosto de meu pai era que as filhas e os filhos, aqueles que iam pro casamento, morassem com ele. A idéia dele era ampliar a casa, cada um que casasse ele ampliava a casa. Só que ninguém quis, é claro, ninguém foi pra isso, mas ele é uma pessoa assim bem, bem, ele e a minha mãe eles tem essa coisa de tá puxando pra eles né.

469- Juntar os filhos.

470- É. Eles acabaram ficando sozinhos. Hoje ele tem quase noventa anos e eles são sós. Moram na casa deles, porque eles também não saíram pra morar com ninguém. Mas a gente foi, principalmente as meninas, foram educadas pra casar, pra procriar e ser dona de casa, mas nenhuma não trabalhou fora. Não trabalharam quando moças, mas hoje em dia o tempo que passou e a necessidade.

471- Você quando tem essa necessidade, esta vontade de trabalhar, começa a fazer cursos mais voltados para ao trabalho você já era casada?

472- É...Quando eu comecei a trabalhar?

473- Não, quando você começa a continuar seus estudos e pensando em trabalho e tal...

474- Já era casada... Mas, eu estudei até o ginásio, eu fiz o ginásio.

475- Em (.....) ?

476- Em (.....).

477- Em (.....).

478- Depois, eu comecei o segundo grau que parei pro casamento. Aí parei um tempo e terminei o segundo. Depois comecei a trabalhar, depois de quatro anos, fiquei quatro anos em casa e aí foi que despertou, eu disse: não, mas eu tô fazendo o que aqui? Eu não tenho porque de tá olhando pras paredes o dia inteiro!.

479- É.

480- E daí eu fui procurar. Daí tinha o concurso, eu prestei o concurso, fui aprovada e achei o trabalho.

481- Você já tinha feito secretariado, não?

482- Não, eu fiz depois.

- 483- Ah, você fez depois. Você já tava trabalhando quando você fez secretariado?
- 484- Isso.
- 485- Tá.
- 486- Eu comecei no setor de recursos audiovisuais.
- 487- Sei e...
- 488- Eu fiz um concurso pra esse setor.
- 489- Sim. Você começou lá por acaso né...
- 490- Foi é, porque...
- 491- Você ia passando lá...
- 492- Isso. E depois pra efetivar... eu acabei trabalhando assim uns seis meses como contratada. Mas, aí teve um concurso que não era público porque a escola então não era pública ela era particular.
- 493- Uma seleção.
- 494- É, era uma seleção. Então aí abriram realmente a vaga, eu fiz a seleção fui aprovada e mais tarde é que eu fui prestar o concurso pra quando ela foi federalizada.
- 495- Então você é aposentada pelo governo federal?
- 496- Pelo governo federal. E daí foi que eu já prestei o concurso pra secretaria, porque... lembra que eu te falei que o áudio visual, porque já era um sistema meio arcaico...
- 497- Lembro-me. Você disse que brincava de trabalho né porque comprava até lixa...
- 498- É, lixa e... Tinha aquele esquema né muito artesanal. Enfim, era muito gostoso, mas não muito confortável. Eu sentia assim, nossa esse negócio aqui tá tão atrasado. Já tinha coisas mais novas no mercado. E depois, aí eu já fui pra secretaria e não saí disso. Comecei com a secretaria de disciplina e depois fui pro departamento geral. Na verdade era uma escola, chamamos de departamento, mas era uma escola.
- 499- Era um departamento de enfermagem que...
- 500- Ela não perdeu a característica de escola. Antigamente ela era escola de enfermagem, aí passou pro governo...
- 501- Só mudaram a sigla né, mas na realidade.
- 502- Mas ela não perdeu a característica dela.
- 503- Os cursos, as atividades continuavam as mesmas.
- 504- É.
- 505- Como é que foi esse seu retorno? Então você tá voltando às suas origens, ao mesmo tempo que tem o seu pé em São Paulo: seu apartamento, as suas lembranças. E no meio disso tem o trabalho. Parece que ainda deseja uma trabalho assalariado, ou algo assim apesar de curtir o trabalho doméstico... Como é isto?
- 506- Eu não sei, mas eu não sei, assalariado eu não sei, eu preciso até pensar, acho que no fundo no fundo eu gostaria de ser uma doméstica como eu era profissional porque quando eu trabalhava..., então, minha atividade no trabalho, quer queira quer não, ela saia. A doméstica, quer queira quer não, ela não tá saindo do jeito que eu gosto (risos). Então acho que o meu grande problema, a minha grande ansiedade é isso. Eu esperei, eu esperei bastante esse momento, sabe, ir pra casa e curtir a casa mesmo, mas eu fico enrolada o dia inteiro, das seis da manhã – já que eu não perdi o pique de acordar cinco e meia, quinze pra seis com relógio e sem relógio. E acordei, eu levanto, eu não tenho isso de ficar rolando na cama. E daí quando são dez horas da noite e eu olho pra trás eu falo: meu Deus, eu não fiz nada, não! apesar que eu fiz muita coisa, eu limpei, eu varri, lavei, cozinhei né, mas pra minha exigência eu não fiz nada. Então eu queria..., parece que não existiu.

507- Talvez a falta que sente no seu trabalho anterior, que tinha um outro espaço, uma outra forma, deu a você um entendimento errado...

508- É, pode ser, pode ser.

509- ...como você acorda cedo, levanta, cozinha, lava, passa, não sei o que, chega no final do dia e diz: “eu não fiz nada de produtivo!” É como se o trabalho doméstico não fosse produtivo.

510- É e muito produtivo, além de produtivo é cansativo.

511- Você acha que as pessoas são preparadas, são formadas, são educadas só pra trabalho assalariado e não pra esse tipo de trabalho que desaparece, some no ar ?

512- Sei lá. Eu acho que tinha que ser educado pra um e pra outra e saber fazer bem tanto um quanto outra né? Não sei. Mas eu gostaria de saber que bicho me mordeu então, o que que há né. Meu marido fala assim, ele brinca assim: “Karen, deita e rola Karen, relaxa e goza...”, ele brinca né. 512 - Sei lá. Eu acho que tinha que ser educado pra um e pra outra e saber fazer bem tanto um quanto outra né? Não sei. Mas eu gostaria de saber que bicho me mordeu então, o que que há né. Meu marido fala assim, ele brinca assim: “Karen, deita e rola Karen, relaxa e goza...”, ele brinca né.

513- Sei.

514- “vem ver televisão, senta aqui” Televisão só tem bobeira, mas ele fala, “senta aqui, vem ver umas coisas aí, olha tão ensinado fazer pratos gostosos, senta aqui”. Eu não sento, não sei sentar e assistir uma TV assim, sabe, por os pés pra cima, eu tô sempre esperando alguém, tem que dar conta do trabalho.

515- Tá sempre no departamento. (risos)

516- Eu acho que é, eu tenho que dar conta do trabalho. Mas quando eu penso assim, mas é o departamento? Não, eu não sinto nada por ele.

517- Entendo

518- Ah, é engraçado porque a minhas roupas, as vezes que eu abro o armário, eu falo: gente, que é que eu vou fazer com essas roupas? Porque não comporta mais usar, em casa pra ficar..., claro que eu nunca fico de qualquer jeito na minha casa né, mas aqui eu posso usar uma bermuda, eu posso usar um chinelo né, uma coisa confortável, lá é muito quente. Aí eu abro o armário só tem roupa executiva né, aí eu falo: meu Deus o que que eu faço com isso? Dizer que eu vou jogar isso fora, não posso, dar pra alguém também não é roupa que dá pra qualquer pessoa porque é capaz até de ofender a pessoa mais humilde dar uma..., não é nada chique, não é nada como a Karen grande lá né. É o que ? É um *tailleur*, é uma roupa de linho, é um...

519- Sei, é uma coisa mais elaborada.

520- Que até aqui minha preocupação. Eu tava sentada esperando e pensava em dar um jeito no meu armário, acabar com aquilo, eu não tô usando mais. Não tem sentido né, eu tenho que achar alguém pra distribuir aquilo né, que não ofenda, que não que va humilhar a pessoa que vai ganhar essa roupa, porque lá a gente tem o serviço social que a gente fala né. Eu trabalho numa casa espírita e a eles tem um trabalho social, então chegando inverno eles recolhem agasalho, sempre se distribui alimentos, enfim... mas assim, a gente tem que ter muito cuidado. Eu não sei se eu fico muito presa, lembra a história que eu te contei do álbum imperial, eu não posso fazer pruma periferia colocar lá um filé mignon, um frango assado...

521- O frango até dá...

522- É a mesma coisa né. Assim a roupa, a gente não pode distribuir também pra pessoa muito humilde uma...plumas e paetês né, é uma coisa meio chata. Então vai ficando lá, eu falo pras minhas irmãs, “vocês querem?” Porque o estilo delas não é o meu estilo. Eu sou mais clássica e elas são mais diferentes, então... não faz meu gênero e vai ficando. Mas complica porque, porque

eu acho que ainda tem muita coisa ligada ao trabalho que eu tô querendo acabar mesmo, desde roupa até...

523- Mas isso também é muito recente em sua vida né Karen.

524- Mas cinco anos já, já era tempo né pra, pra...

525- Você tá há cinco anos aposentada?

526- Cinco anos.

527- É.

528- Mas assim, eu admito que mudar pra, dar uma guinada assim. Pode ser que a partir de agora, vindo aqui, a gente trabalhando bem esse lado eu entenda. foi bem complicado, talvez não quisesse assumir até então, mas é um negócio que é complicado (risos), por mais que eu quisesse não foi o que eu pensei que fosse, não..., eu fiquei surpresa comigo mesma. Por outro lado a aposentadoria tem um cheiro da impossibilidade. Parece que a gente foi cortado, foi punido, foi..., a nossa produtividade...Eu assim, com muita consciência eu não achei, pode ser que o inconsciente aja, porque também a vida que eu falei, “gente, eu não tô bem pra trabalhar. Comigo mesma eu dizia: eu não tô, eu não tô mais a profissional que eu era, eu não tô mais dando conta de todos os processos que eu tenho que dar andamento! Aquela vibração era muito grande, aquilo me incomodava, aí eu disse: “não, ou eu passo bem ou eu largo”. A medida que eu larguei acabou pra mim né, eu tenho consciência, mas hoje eu sei, eu deixei por opção. Ninguém me pressionou, ninguém me cobrou, ninguém disse: olha você tem tempo pra começar a cair fora!”. Nada disso, muito pelo contrário.

529- Queriam que você ficasse.

530- Eles queriam: “não, não faça isso, aguarda mais um pouco”! Mas eu: eu não tô dando conta, tem pessoas que vão dar conta melhor do que eu, eu não vou ficar segurando lugar! E me aposentei. Se fiz bem, se fiz mal (risos), isso depois eu vou descobrir.

531- Certo.

532- Mas assim, eu só queria realmente agora como dona de casa. Fazer tão bem quanto no tempo do meu trabalho, mas eu sempre acho que tá ruim, não tá bom. Agora, os meus sobrinhos que moram lá e os que estudam fora e quando chegam feriado e férias eles vão pra lá, eles só vão pra minha casa. A vida inteira a minha casa é uma casa cheia de gente, eles..., tanto do lado do meu marido, quanto os meus sobrinhos, eles gostam da nossa casa, talvez porque eu goste desse lado doméstico, eu sempre gostei, eu gosto de cozinhar, eu gosto de fazer bolo, pudim e docinhos e..., falou que é pra agradar a menina, a moçada eu perco tempo mesmo, eu faço e daí eles ficam lá, porque eles sabem que lá eles vão passar bem.

533- Você mesmo já tá colocando um indicador que mostra sua eficiência enquanto dona de casa.

534- Pois é, mas eu ainda acho que é pouco (risos).

535- Porque você queria fazer também isso e mais aquilo.

536- É. Outro dia uma amiga minha chegou em casa. Foi um janeiro que tinha lá um bando de moleques, aqui de Campinas. Eles ficam na casa da avó, mas não sai da minha casa. E daí eu falei: não, vocês não vão subir, eu vou prepara um café pra vocês! Já tinha feito bolo de cenoura, coisa comum né?. Mas eu tinha acabado de conversar com essa minha amiga, dizendo: ah, eu tô muito improdutiva, eu não tô conseguindo, não sei o que...”. Arrumei um café. Mas eu gosto de além de fazer as coisas é servir bem. Jamais você vai na minha casa e eu sirvo você de qualquer jeito. Não, eu gosto, tenho tudo muito simples, mas eu gosto de fazer um prato colorido que a pessoa coma mais pelos olhos do que pela, pelo paladar. Eu sei que eu pus a mesa, chamei a menina, coloquei o bolo num prato. Normalmente, cada um corta o seu. Mas comigo não. Eu já corto, desenho losango, círculo, ponho no prato, aí eu fiz um creme de chocolate, aí ficou caindo

pelas laterais, todo contrastando, bem com o amarelo e com o marrom. Mas eu tenho um sobrinho e ele me chamou a atenção, porque quando ele viu o prato né que eu entreguei pra ele, mas ele lambia assim e aí a minha amiga falou: “olha, tá vendo, isso é produção”! (risos) “Você falou que não produziu nada hoje! Eu não sei produzir um negócio desses, olha os olhos desse menino!”.

537- E naturalmente a sua amiga não é psicóloga?

538- Não, não é, não é. Ela falou, mas imagina, isso aí não é produção não? Que que é isso? Eu não sou capaz de produzir uma coisa dessas, até eu vou comer esse bolo, eu não pude comer, mas eu vou comer pela beleza do bolo. Será que isso é produção? Nunca tinha pensado: isso é produção? Sei lá, eu acho que produção pra mim é eu fazer mil e uma coisas, chegar a noite dizer: nossa eu trabalhei. Mas agora eu falo eu passei, acariciei, pinte e... Mas pra minha cabeça preciso pensar hoje eu vou fazer isso, hoje eu vou fazer aquilo, vou fazer isso, quando eu olho pra trás eu fiz uma coisa. Por isto eu acho que trabalhar fora, você automaticamente você produz porque tem alguém cobrando, faz isso, aquilo, olha pro outro, olha..., ninguém tá me cobrando.

539- Tem um supervisor em cima de você. (risos)

540- Mas muito sou eu mesma, ninguém me cobra.

541- Talvez o seu planejamento mental não de conta da dinâmica quanto doméstica, como dava enquanto departamento, lá vinte e cinco anos atrás, mais ou menos...

542- É. Muda muito.

543- E numa casa onde não há supervisão. Talvez você pudesse fazer um exercício de tentar planejar isso. O que imaginou passar pro papel como um roteiro para depois você comparar o seu dia...

544- É um meio de adaptar..., a minha cabeça ela pede tanto num trabalho quanto na arte doméstica. Ela trabalha muito, muito, muito, mas o corpo não, ele vai ficando bem aquém da mente, a mente tá pensando, pensando o dia inteiro, mas o corpo fica meio pra trás.

545- Mas pode-se pensar em outras coisas, (.....) não tem faculdade? Passo não tem centro de artes?

546- Ah tem.

547- De letras, essas coisas parecidas.

548- Tem, vários cursos.

549- Talvez você seja precisando o Karen..., - desculpe, tá fora da nossa entrevista, mas a nossa relação acabou imbricando em algumas coisas né? . Talvez você precise buscar algo que você possa enfrentar essa sua fervilhão mental, esta fervura mental, vamos chamar assim.

550- É, você usou um termo que é isso mesmo, tem hora que falo, ah, vai explodir aqui mesmo.

551- Canalizar isso pra estudar artes, pra letras, estudar, mesmo que você não ganhe dinheiro com isso, porque você vai ajudar as crianças, as crianças pobres fazer os deveres escolares, vai ensinar as crianças a fazer redação né, eu acho que você pode pensar em algumas coisas assim.

552- E você acha que a questão profissional, por exemplo, a medida que eu disse assim: não! Oh! Karen, para e pensa, você não tá legal no trabalho, você não tá produzindo no trabalho, quem sabe tá na hora de você cair fora. Eu não sei, será que foi correto...?

553- Eu acho que não existe coisas certas ou corretas. Existem caminhos que a gente trilha, que a gente escolhe né? E você escolheu esse caminho, certo ou errado, você escolheu. Tem coisas negativas, acho que tem; tem coisas positivas, acho que muitas.

554- Mas assim, numa coisa eu tenho a consciência muito..., pode até não me atingir porque eu transformei a atividade e não estou fazendo também de acordo, por essa questão vibratória que atinge também. Por que o que que me, me agonia? Se eu vou varrer eu não varro tão bem pela questão vibratória; se eu vou lavar eu sinto que antigamente era diferente, eu levava com muito mais esperteza o negócio, hoje a coisa tá meio complicada né, isso é que tá me tirando do sério.

- 555- Antigamente é antigamente. Antigamente a gente podia correr cem metros em três minutos, hoje...
- 556- É, pode ser isso né...
- 557- Hoje...
- 558- ...eu esqueci que eu não tenho vinte anos, pode ser.
- 559- Nós temos mais ou menos a mesma idade...
- 560- Eu tenho quarenta e seis...
- 561- Talvez a gente continue imaginado que temos trinta anos e não. E isto faz diferença né.
- 562- É, pode ser, eu nunca parei pra pesar.
- 563- Essa questão de você levantar as seis horas né, seis e meia - eu também me levanto cedo. Quando você, quando você chega as dez horas, onze horas você tá com vontade de enforçar aquele que levantou as onze, não é? Às vezes a gente acaba não se adaptando a uma nova situação. Quer repetir, repetir outras coisas e acaba não se adaptando mesmo né a um novo momento de vida.
- 564- Sim.
- 565- Não pensamos numa nova idade, a uma idade mais zen. Agora você fala disso né, de estar mais zen. Mas, continua com aquela pressão de ter a mesma performance de um departamento. Uma coisa é quando você entrou no departamento há vinte anos, outra coisa é hoje, né?
- 566- É, eu acho que eu tô meio sem direção mesmo né do que é bom daqui pra frente. Quando eu tava lá, eu queria de fato assim, não preocupar com mais nada lá fora, eu gostaria de chegar ali fora...
- 567- Que que é lá fora, que é isso ?
- 568- Lá fora do Departamento. Não fazer mais cursos e nem crescer culturalmente, vamos dizer assim. Eu queria dedicar agora cuidar bem das coisas internas... Como não pude eu parei pra isso e eu queria cuidar bem do trabalho, mas eu não sei...
- 569- Mas você só pode cuidar bem disso quando você cuida bem de você. enquanto não está tão preocupada com a outra Karen, né?
- 570- É engraçado. A outra Karen: eu sou Kátia e sou Karen.
- 571- Por que?
- 572- Porque Katia é meu apelido, Kátia surgiu quando eu era menina e ficou Kátia e sou Karen. Mas é engraçado, se você falar Karen, não sei o que , não sei o que, falou isso Lá em casa para meus irmãos eu sou Kátia. Mas as coisas sérias, as coisas responsáveis, as coisas que tem resolver é a Karen. A Kátia é alguma coisinha que eu não decifrei e, agora você falou de ser uma e outra, não foi isso que você falou?
- 573- Que você não pode ser uma e outra. Você é uma coisa só...
- 574- E eu não sabia disso e isso... **No meu trabalho era, eu era Kátia e Karen também.** Um dia, mandaram fazer umas placas. Inovaram lá e mandaram fazer umas placas, como todo mundo me conhecia como Kátia, a da minha sala era Kátia. E já havia uma com meu nome. Ai eu disse assim: “ gente, mas vai gastar dinheiro pra trocar uma placa?. A placa é cara, de acrílico, não sei, com bronze, não sei o que...”... Ai eu falei “eu atendo por Kátia, deixa lá.” E tinha uma professora que trabalhava e frente a minha sala que era muito assim, uma pessoa muito rica, mas ela tinha muita amizade comigo, enfim. E ela, um dia ela disse, “eu fico aqui da minha sala prestando atenção, porque se eu falar assim, Karen, você atenda rapidamente, se digo Kátia você também olha: você quem é, é Kátia ou é Karen ?” Eu falei, êpa, agora sou Karen”. Mas de repente eu fico assim, será que eu tô nessa bagunça toda, profissional, doméstica, será que é por isso, eu sou Kátia, eu sou Karen, não, mas eu sou Karen, né, eu sinto lá no fundo eu sou Karen. Kátia é uma, é uma... consequência. . Daí surgiu o assunto assim de., eu ou alguém, sei lá, não sei como é que você usou a expressão, foi quase..., mas aí eu lembrei da tal da história: Kátia e Karen. Todo

mundo, a vizinhança, ligam de São Paulo, ô Kátia, você tá bem, não sei o que..., mas quem esta respondendo é a Karen (risos). De repente eu tô meio complicada pela uma e outra né.

575- A gente vai ter que marcar uma nova entrevista pra discutir essas duas versões.

576- Duas versões.

577- Karen, eu não sei porque está tão surpresa com essa dualidade que você vive no momento né, você sempre teve essa dualidade.

578- É verdade, é verdade.

579- Eu não sei porque você está sofrendo tanto com isso.

580- De repente, acho que a hora que acordar. Ah, eu fiquei tão angustiada anos a toa né? Mas assim, a Karen é aquela pessoa que gosta das coisas bem feitinhas, bem organizadas. No trabalho é aquela pessoa né que todo mundo chama de carola, não admitia erro no trabalho, principalmente no trabalho, na minha casa podia errar quantas vezes fosse... Eu no fundo não gostava, mas eu me desculpava, agora no trabalho não, tudo tinha que ser feito bem. E daí, de repente também, da conversa de hoje eu não fui muito bem preparada com certeza né, porque...

581- Não entendi, não foi ou foi ?

582- De repente eu não fui bem preparada, também de uma conversa nossa, será que nós fomos preparados pra fazer tal coisa e tal coisa. Eu acho que assim, a medida que alguém vai fazer uma faculdade de administração ele vai aprender administração, então se ele vai arrumar um trabalho numa área de administração ele tem, ele aprendeu, ele avançou nesse aspecto né. E na época que eu fiz o concurso era, não foi exigência nenhuma, depois, posteriormente eu tive que fazer cursos de secretariado né por conhecer mais coisas que surgiram na secretaria, enfim. Mas de repente tudo vira. O computador aparece e o departamento encheu de computador, colocaram o computador na minha sala. “Olha você liga aqui, o botão é esse e você procura o que você quer, ele vai te ensinar como lidar”, me disseram. Eu aprendi, mas hoje eu tenho computador em casa e eu não olho no computador porque ele me desgastou, porque ele dava muita informação e a muita informação... e aí você tinha que..., tinha um tempinho pra, pra lidar com a coisa, então a idéia de digitar na máquina vai pra digitar no computador, isso era fácil, mas eu queria conhecer as informações dele, mas eu não tinha tempo de fazer isso, então ele me estressou né. Hoje eu não acho graça nenhuma o computador mais, ele é maravilhoso, mas ninguém vai viver sem essa tecnologia mais, mas ele é uma chatice, esse negócio de ficar navegando na internet, não gosto, sabe, é muito, é muita informação ao mesmo tempo e eu acho que não dá ficar, sabe...

583- Acaba confundindo a Kátia e a Karen. Confunde as duas?

584- Confunde as duas. Eu acho uma coisa mais chata. No trabalho por exemplo, você tá fazendo uma pesquisa você tem que lidar com essa informação, buscar, descobrir. Agora, eu simplesmente sentar lá pra descobrir lá no Japão com quem eu possa falar, eu acho isso uma bobagem, isso me esgota, sabe, eu não gosto, eu não gosto, Karen não gosta. E de repente não sei porque eu não vejo mais graça. Isso aí não é pra mim. Agora, fazer um bolo, fazer uma torta bem quentinha, bem bonita aí eu gosto, só que o trabalho...eu gosto, eu gosto mesmo. Agora o computador eu acho que não combinamos mais não. E daí, você queria saber mais alguma coisa do meu trabalho?

585- Você tem uma história que eu acho interessante, muito rica, muito vibrante né, eu quero fazer uma proposta pra você né. Nós estaríamos fechando hoje porque eu tenho o quadro da sua, da sua trajetória né, eu queria transcrever as fitas agora, assim que tiver as fitas transcritas eu daria uma cópia pra você e eu vou ler tudo de novo né. Lendo eu talvez, se for necessário, eu gostaria de voltar a conversar com você.

586- Não tem problema.

587- Pra clarear uma ou outra coisa e mesmo pra eu dar um feedback pra você, dar um retorno a você de como ficou e como está. Você vai continuar conosco aqui na psiquiatria ainda uns dois meses, não vai ?

588- Com certeza, com certeza. O dr. Humberto me disse que teria uns dois atendimentos, parece-me que hoje é que realmente começa a terapia, mas ainda vou ficar um tempo.

589- Tá bem, mas eu tenho seu telefone, você tem o meu telefone. Eu quero agradecer muito a você a forma generosa como você me oferece aí o seu caso, seu depoimento para minha pesquisa. Depois de transcrito, e após você ler, eu vou trocar tudo quanto é Karen e Kátia, a menos que você deseje que fique como está. Eu só tenho que agradecer mais uma vez...

590- E eu espero também que eu tenha atendido, porque de repente eu misturei alhos com bugalhos.. Existe uma coisa assim, que eu acho que é positiva em mim. Eu gosto de analisar tudo que tá acontecendo, tudo que as pessoas falam, tudo que sugerem. Eu não sou radical de dizer, “não, meu pensamento é o único”. Não, eu aceito né opiniões, críticas, eu acho que isso é bom...

591- Pra construir.

592- É.

593- Nas entrevistas passadas eu me mantive muito neutro né de dizer, devolver algumas coisas pra você. Hoje eu devolvi algumas porque eu achei importante até pela história comum que a gente tem mesmo e de eu estar acompanhando o seu processo aqui no ambulatório. Mais uma vez obrigado, Karen

594- Eu é que agradeço esta possibilidade de falar sobre minha história, que nunca pensei serviria para uma pesquisas...(risos)

595- Se houve necessidade de retomar alguma coisa falo com você.

596- Tá bem. Você tá com telefone aí da minha irmã, qualquer coisa...

597- Tá Karen, muito obrigado. Obrigado mesmo.

598- Eu que agradeço.

DEPOIMENTO OLÁIA

1. Então você concorda em falar um pouco de sua vida? Você me autoriza a gravar e publicar a história da Oláia? Eu não vou usar o seu nome, a não ser que você queira. Posso usar um outro nome diferente pra que ninguém identifique você.
2. É. Autorizo. Pode usar outro nome diferente, não tem importância.
3. Mas você quer que saia como história de Oláia.
4. Quero
5. É, você prefere isso?
6. Prefiro.
7. Prefere? Você tá me entendendo?
8. Tô.
9. Tá entendendo?
10. Se não pode por o meu, põe o nome da minha avó... minha avó chamava Olaia Rodrigues.
11. Oláia?
12. É. Oláia Rodrigues..
13. Como se fosse a história sua?
14. É.
15. Tá bem. Vou usar Oláia. Você teve uma ligação muito grande com a sua avó, né? Você se lembra dela?
16. Lembro, eu queria ter ela viva, nem que fosse pra mim carregar ela no colo, mas eu queria ter ela junto comigo.
17. Sei.
18. Ela e minha mãe, as duas. A minha avó morreu com noventa anos, mas o que matou ela foi dor de cabeça. Agora a minha mãe já foi mais triste, minha mãe teve derrame três vezes.
19. Sei.
20. Mas eu queria mesmo, queria ter as duas velhinhas junto comigo. Mas fazer o que? Tem que ter paciência, se conformar. Minha avó pra falar a verdade pro senhor, minha mãe casou, depois ficou com minha vô. Eu puxei o gênio da minha mãe, minha mãe. Eu também casei e não quis largar da minha mãe, nem de minha avó. Fiquei com minha mãe. Quer dizer que minha mãe teve três filhos, o único que ficou foi eu. Os dois morreram. Morreu os dois, meu irmão Augusto e minha irmã Maria. Meu pai, falar a verdade pro senhor, ele tão bom, tão bom – para não dizer ao contrário - que ele era ele pegou, olhou na minha cara e foi lá no cartório e lá me deu o meu nome da minha irmã que já tava morta e eu fiquei no nome de minha irmã.
21. Então Olaia era o nome da sua irmã?
22. Não, o meu nome era pra ser Olaia, minha irmã era Maria.Maria. Que morreu. E ele pôs meu nome de Olaia. Aí minha mãe, quando foi...
23. Pôs o nome da sua irmã em você ?
24. É. E sumiu. Aí quando foi pra mim casar, minha mãe foi no cartório e falou que eu não era registrada. Aí o moço do cartório falou assim: não, mas aqui tem uma Maria, Maria Olaia”. Porque oh?,, minha mãe falou. Olha Olaia não tem registro. Aí quando a gente foi descobrir que ele pôs o meu nome, Maria Olaia, mais é eu, e era da minha irmã o nome.
25. E, e então você não conheceu seu pai?
26. Eu não senhor.

27. Não, né? Ele, ele botou o nome, ele registrou você e sumiu? Nunca você ouviu falar dele, sua mãe nunca te disse nada?
28. Quando minha mãe soube dele, tinham matado ele. Ele tava no Paraná. Foi um senhor da... da... de lá – do Paraná. Meu pai chegou lá - pro senhor vê como ele era tão bom, - muita bebida deu em morte. Ele chegou lá começou a namorar a filha do dono. Ele começou a namorar uma moça lá, que era sobrinha desse homem. Aí o homem foi falou; ué, como que ele vai casar com fulana que, se ele tem filho, tem muié e tem filho? Aí depois o homem veio embora, dizem que mataram ele lá, morreu matado. Eu não conheci meu pai não.
29. E você chegou a conhecer seus irmãos?
30. Não, eles já tinham morrido também quando nasci.
31. Aí ficaram você, sua mãe e sua avó, né? Morava as três, as três juntas?
32. E meu tio, que hoje é falecido, meu tio também moravam com nós. Minha vó tinha só sois fios, só um casal, minha mãe e um tio que era irmão de minha mãe. Chamava João. Morava na Usina Éster. Era lá que a gente tava.... Ficava aqui pra dentro de Cosmópolis. Eu fui criada lá, depois que vim morar pra cá.
33. Sua avó, sua mãe, seu tio trabalhavam na Usina?
34. Eles trabalhavam na fazenda. Minha mãe era lavadeira e quando que faltava cozinheira minha mãe cozinhava também. E minha avó, quer dizer minha mãe e minha avó morreu aqui em Campinas, meu tio morreu lá.
35. Você me disse na reunião que você lavava e passava, né fazendo o serviço que sua avó fazia.
36. É, ajudava. Naquele tempo que usava - agora não usa mais - aqueles terno engomado de homem, branco de linho, né.
37. Engomado, branco? Mas também o cara usava uma vez só.
38. É uma vez só pra ta tudo sujo. Roupa branca... porque ele já morreu. Ele chamava Teixeira, o filho do patrão. E ele viva todo arrumado e vinha atrás de mim dizendo: “Oláia, passa bem minha roupa, não quero ver minha roupa amassada”. E com esta coisa aprendi trabalhar, cê não sabe? Isso eu aprendi trabalhar...(silêncio) Se eu conhecesse meu pai.... que ele desse, naquele tempo de duzentos réis, trezentos pra mim comprar um doce eu tô mentindo. Ele nunca se importou com nada, nem com filhos, nem com a casa. . Minha mãe sempre falava isto que ele era muito bagunceiro, o senhor sabe. Conheci a parte da família da parte da minha avó conheci tudo, mas ele mesmo não conheci. Tô hoje com noventa e tantos anos. Tô com 95 anos.
39. Você que tá com noventa e cinco anos você nasceu em 1904...
40. É.
41. 1904, né, início, início do século.
42. É. No tempo antigo.
43. O seu pai, e a sua mãe também eram negros? Sua avó também ?
44. É.
45. Eles chegaram apanhar, pegar o período de escravidão ?
46. Não. Tanto a minha avó minha mãe já eram livres. Agora a mãe do meu pai chegou a pegar. Minha avó pro lado do meu pai, era escrava.
47. Era escrava, né. Quem te disse isso, o seu pai, a sua mãe... ?
48. Minha avó mesmo, porque minha avó, pra falar a verdade pro senhor, ela morreu com noven..., com noventa... com... cento e vinte anos... e ninguém dizia.
49. Sei.

50. O pai dela era forte. Ela era parteira, ela pegou todos os netos, os bisnetos. Do meu mesmo, das minhas duas crianças foi ela que pegou. Ela morreu de repente.
51. Então a sua avó depois que ela deixou de lavar e passar, ela passou a ser parteira ? Ou ela era parteira também ?
52. Não, minha avó, a mãe da minha mãe não era parteira, a mãe de meu pai é que era parteira.
53. Ah, sim. Então seu pai foi embora, mas você conheceu a sua avó.
54. Conheci.
55. Conhecia. Você se dava bem com ela?
56. Se dava. Conheci tudo as minhas tias. Agora se eu falar delas pro senhor nem sei se tão vivas porque faz, muito tempo que eu não vejo mais eles, meus parente da parte do meu pai. Faz muito tempo, eu nem sei se é vivo ou se é morto. Eles moram tudo em Cosmópolis, mas eu quase não vou lá. E depois que morreu esse meu tio último e aí eu não fui nem mais pra lá. Fui lá na morte dele... O irmão de minha mãe que me ajudou a me criar. Aí não fui mais pra lá. Aí falei pra minha prima: o que que eu venho fazer mais aqui? Falei pra ela: não acho graça de vim mais aqui! E não fui mesmo! Porque eu ia lá? Pra falar a verdade pro senhor, eu ia lá mais por causa dele, o meu tio João. Falei: ah, não vou mais! Não fui mais! Porque esse meu tio foi um pai pra mim. Minha tia tá vivendo lá. A minha prima falou: é você custa aparecer aqui, quando você vem ver minha mãe, quer ir embora logo! Mas quando vai na casa do pai, não volta, não quer sair de lá da casa dele e só sai de lá pra vim pra cá. Falei: escuta, ele tá só ele mais a Natália e aqui na sua casa tem mais gente! Tem você, tem seu marido, seus, seus enteados e lá não tem ninguém! Só eu e ele tamos em três só. Ela disse: ah, então você vem pra cá por causa do pai ? Falei: é! Eu não deixo as coisas pra depois não, o que eu tenho que falar tá falado. O senhor sabe, né? Minha prima, depois dela casar tinha três rapazes mais ela e o marido. Depois o marido dela morreu e ficou só ela, ela e os dois, os três enteados porque ele tinha filhos quando casou com ela. Mas nem sei se ela tá viva. Ainda falei pra ela, quando eu fui lá, quando ela perguntou pra mim: cê volta logo? Falei: qualquer dia eu venho, daqui quinze dias eu quero voltar. Eu já tava aqui no Lar dos Velinhos..., daqui em Cosmópolis é poucas horas, né...
57. O Olaia, você disse que nasceu lá na fazenda, lá na usina e sua mãe, sua avó, todo pessoal trabalhava lá e você me disse que a sua mãe, a sua avó, sua avó materna trabalhava, lavava e passava para o pessoal da família dona da usina. E seu tio?
58. Ele trabalhava na roça.
59. Você se lembra da sua vida de criança, como é que era, né ? Quando você, a primeira lembrança que você tem de menina como é que é ? Como é que era a vida da criança na fazenda?
60. A vida das crianças na fazenda - vou falar pro senhor a verdade - Nós brincava com boneca de sabugo. É, enrolava o sabugo de pano e fazia... botava a toquinha assim e fazia (risos) fazia o modelo de uma criancinha, era assim. Quando não tava brincando, tava perto de minha mãe, procurando alguma coisa para fazer... Minha mãe não deixava fazer e falava: vai brincar, menina! Ia com a minha avó, dizia: ah vó deixa eu deixa eu fazer um pouco... lavar esse prato pra senhora...a senhora ta cansada e a senhora não pode fazer esse serviço. E ela me deixava, foi assim que eu aprendi a trabalhar.
61. Tem alguma que você se lembra assim que é legal da infância, que foi bom pra você ou que muito ruim ?

62. Não minha infância não foi ruim. A única que coisa que foi...minha mãe não deixava eu ir em festa.Só na festa São João... Aí... e brincar com outras crianças também ela não gostava, minha mãe não gostava. Ela dizia: cada qual na sua casa, que você ganha muito mais.
63. Vocês moravam..., vocês tinham a casa de vocês ?
64. É.
65. Que era do dono da...
66. Da fazenda. Era casa de... era de barote, mas era coberta de sapé.
67. O que é barote ?
68. Era assim aqueles pedaços de barote . A casa assim, hoje põem a taquara assim e vai fazendo que nem tijolo. Era coberta de sapé. A casa da fazenda era de sapé, depois que começaram a fazer casa de tijolo.
69. Sei. E vocês não pagavam nada pela casa, pagavam ?
70. Não.
71. Não. E como é que o fazendeiro pagava vocês, como é que era ?
72. Ele pagava. Naquele tempo cinco mil réis era dinheiro, né, agora não é mais.
73. Você ganhava cinco mil réis?
74. Ganhava. Cozinheira da Fazenda era dez mil reis por mês. Lavar roupa era cinco mirréis por mês.
75. E dava? .
76. Se dava! Dava. Pra falar a verdade pro senhor, era difícil o domingo que eu não tava com um vestidinho de chita novo no corpo. Que cortava e fazia. Agora nem tem mais.
77. Você comprava o tecido e fazia. Quem fazia ?
78. Minha mãe, minha mãe costurava. Ela fazia só pra mim, pra mim, pra minha avó e pra ela. Camisa pro meu pro meu tio. Calça meu tio comprava feita, né. Naquele tempo já tinha, naquela época lá fazia calça feita, então...
79. E a escola como é que era ? Você quando menina, você ia a escola, como é que era ?
80. Eu fui na escola, eu fui só uns dois dias. Eu tava escrevendo, baixei a cabeça e fiquei assim...daí a professora falou assim: que que você tem, tá doente ? Falei: não! Minha mãe tinha muito trabalho ai eu pensei: eu não venho mais. Vou ajudar a mãe a trabalhar. Trabalhando ela me dava, todo domingo, um vestidinho novo, eu sempre ganhava um vestidinho. Aí, quando foi no outro dia minha coleguinha foi me chamar - eu tinha só uma colega - ela mora aqui em Campinas e faz muito tempo que eu não vejo ela. Aí ela foi me chamar pra ir junto com ela para escola e eu falei pra ela: ah, hoje eu não vou! A minha mãe perguntou: por quê? Falei: ah, mãe a senhora - falei pra ela - óia quanta roupa que a senhora tem pra passar, lavar. A senhora tá esperando a vó que tá lá no rio. Disse: ah, se a senhora deixar eu pegar no ferro eu pego, se não vou ajudar a vó no rio! Minha mãe olhou bem pra mim e não disse nada. E eu não fui mesmo mais pra escola. Peguei a bacia de roupa e fui embora. Minha mãe falou pra mim: mas você precisa aprender! Disse para ela acho que a gente trabalhar nunca é demais, né mãe? Eu falei assim pra ela. Minha mãe falou assim: tá bom! Aí a professora mandou me chamar, aí minha mãe foi lá e falou que eu não ia mais, que não queria. Aí a professora falou assim: ó, se ela tem vontade de ajudar a senhora deixa, ela que ajude, que ela aprende a trabalhar! E eu fiquei ajudando a minha mãe. Eu não tenho medo de serviço, vou falar uma coisa pro senhor, não tenho medo de serviço de jeito nenhum. Sempre trabalhei. Larguei o serviço só para vir pra cá... 80 Eu fui na escola, eu fui só uns dois dias. Eu tava escrevendo, baixei a cabeça e fiquei assim...daí a professora falou assim: que que você tem, tá doente ? Falei: não! Minha mãe tinha muito trabalho ai eu pensei: eu não venho mais. Vou ajudar a mãe a trabalhar. Trabalhando ela me dava, todo domingo, um

vestidinho novo, eu sempre ganhava um vestidinho. Aí, quando foi no outro dia minha coleguinha foi me chamar - eu tinha só uma colega - ela mora aqui em Campinas e faz muito tempo que eu não vejo ela. Aí ela foi me chamar pra ir junto com ela para escola e eu falei pra ela: ah, hoje eu não vou! A minha mãe perguntou: por que ? Falei: ah, mãe a senhora..., falei pra ela, óia quanta roupa que a senhora tem pra passar, lavar. A senhora tá esperando a vó que tá lá no rio. Disse: ah, se a senhora deixar eu pegar no ferro eu pego, se não vou ajudar a vó no rio! Minha mãe olhou bem pra mim e não disse nada. E eu não fui mesmo mais pra escola. . Peguei a bacia de roupa e fui embora. Minha mãe falou pra mim: mas você precisa aprender! Disse para ela acho que a gente trabalhar nunca é demais, né mãe? Eu falei assim pra ela. Minha mãe falou assim: tá bom! Aí a professora mandou me chamar, aí minha mãe foi lá e falou que eu não ia mais, que não queria. Aí a professora falou assim: ó, se ela tem vontade de ajudar a senhora deixa, ela que ajude, que ela aprende a trabalhar!. E eu fiquei ajudando a minha mãe. Eu não tenho medo de serviço, vou falar uma coisa pro senhor, não tenho medo de serviço de jeito nenhum. Sempre trabalhei. Larguei o serviço só para vir pra cá...

81. Você..., não faz muito tempo que você tá aqui, né ?
82. Faz um ano, fez um ano em maio. Até o ano passado eu trabalho, morava sozinha num barraco aqui em Campinas
83. Morava sozinha? .
84. É. Eu e Deus.
85. E você trabalhava numa casa de família?
86. Trabalhei sempre. Aí eu fique um pouco adoentada e , larguei mão de cozinhar ,lavar e passar.
87. Mas vamos voltar lá pra gente entender um pouco a história, né. Aí você, foi para a escola. A escola era na fazenda ?
88. Era na fazenda. Fui apenas alguns meses. Não me lembro, mas não chegou a um ano. Minha professora Chamava Leoninta, era casada, era boazinha. A família dela morava aqui em Campinas, né. Ela sempre falava: um dia eu vou levar você na casa da minha mãe, proceis conhecer minha mãe! Agora não sei se eles vieram mesmo, porque eu nunca vi o que ela falou, pois não ia lá na casa dos outros. Eu não ia, não saía... por que a minha mãe não deixava mesmo. Quando nós morava aqui, aqui também não podia. Minha mãe não deixava eu nem olhar as festas. Apenas eu ia era uma vez por ano, era num lugar chamado mijolinho, era um sítio e o nome era mijolinho.Tinha muita festa, de Santo Antônio, São João e São Pedro. Naquele tempo tinha a dança da cadeira, da mesa tocando sanfona e fazia fogueira no campo. Minha tia chegava e lavava o santo.
89. Como é que é essa história de lavar o santo?.
90. Ela - era tia de meu pai - chegava meia noite, parava o baile, ia no rio, lavava o santo, aí quando vinha dava comida pro pessoal fazer. Depois a festa continuava .
91. E qual o santo, Santo Antônio, São Pedro, São João, lavava todos os três ou lavava um só?
92. Lavava os três.
93. Lavava os três. Cada um no seu dia ?
94. É.
95. Chegava, molhava ele na água, jogava...como era?
96. Molhava a mão e passando a mão nele.
97. E porque lavava o santo, cê sabe?

98. Não sei. Chegou um dia eu falei: mãe - porque eu chamava ela de mãe - pra que a senhora lava o santo ? Então, ela falou: mas porque que você quer saber? Você é muito curiosa, eu não vou falar. (risos). Daí ela ficou brava comigo, nunca mais eu perguntei, nunca mais eu perguntei nada pra ela.

99. Então você não sabe o por quê.

100. Não sei. Eu fui xereta, fui querer saber as coisas. Ela disse: por que coe quer saber, eu dou um tapa nocê já, já! Eu nunca mais perguntei nada pra ela. Às vezes eu olhava ela ameaçando e pensava: ela vai bater em mim!. Eu tinha medo de apanhar. Minha mãe era brava. Minha mãe, ah! ela era. O senhor já viu que aquele tempo o pessoal mais véio corrigia os filhos com o rabo dos óios? Minha mãe só olhava... O pessoal corrigia os filhos com o rabo dos óios, né.? Só olhava. O senhor sabe que a gente podia estar com fome e a minha mãe, às vezes quando saia pra lá numa visita, dizia: olha, nós vai em tal lugar assim, assim. Se dar comida, vai esperar por a comida no meio do seu prato – se agente não almoçou. E se quiser outra vez você não vai pegar ou pedir, porque chega aqui em casa de vorta e você sabe como é que é!

101. Ou seja, ia na casa de uma pessoa, ela punha comida no prato você comia, se oferecesse de novo não podia aceitar.

102. Era assim, mesmo.

103. Mesmo que a pessoa insistisse, tal.

104. Não, nem que fosse parente. E assim eu fui criada e criei meus três filhos assim, o senhor sabe. Meus filhos... eu bati nos meus filhos uma vez só por causa de reinação. Eles vinham brincar aqui no, onde é o campo do Guarani tinha um moinho de café. Eles foram brincar lá na parte de café. Fui , fui lá peguei eles, levei pra casa, cheguei em casa dei neles uma vez só. Esse meu filho, último que morreu, ele sempre falava quando eu ia na casa dele, ele falava pros menino dele: olha, sua avó bateu em mim uma vez só e ocêis a gente tá falando, bate e você tá do mesmo jeito! Ainda pensei bem cê não sabe corrigir filho. Um dia levei o menino pra ver o desfile. O menino era triste de se agüentar.

105. O menino que você tá falando, que menino é?

106. Meu neto.

107. Filho do seu filho.

108. Porque meu tio não queria que eu fosse morar com ele. Ai eu pensei eu vim mora aqui com esse moleque desse jeito? Falei, eu digo memo - eu não tenho paciência! Meu filhos morreram todos. Tá tudo com Deus. Um... esse que morreu por último, fez onze anos o ano passado, esse morreu acidentado. E os outros morreram... meu segundo, caçula meu, morreu... ele tava com...os médico falou que ele não ia durar nem um mês, no fim ele morreu com cinqüenta e cinco anos. Tinha uma lesão no coração. O outro filho meu nasceu e morreu. Este meu filho caçula, não casou. Ele não quis casar. Ele dizia: mãe, eu não vou casar porque se algum dia eu morrer, posso ter filho, fica aí jogado.

109. E ele viveu esse tempo todo o que, com você. Ele morava com você?

110. Morei com ele, depois eu fui embora. Ele morou comigo parte da vida dele. O pai deles também era um grande... - um bom homem também – para não falar o contrário. Para falar a verdade pro senhor, que ele era triste de viver, da bagunça.

111. Seu marido?

112. É. Mas nós não tava mais juntos, quando morava com, meu filho pois eu pus ele pra correr de casa por causada safadeza dele. Sabe, o que eu casei, ele não quis trazer minha mãe para morar comigo. . Não quis saber não. Falei pra ele: não quer minha mãe, então vou morar

com você. Aí fui morar com minha mãe e fiquei morando com a minha mãe...ai ele foi atrás de mim.

113. Mas isso foi uma decisão sua mesmo, ou você discutiu com a sua mãe, com a sua avó este sua volta para casa.

114. Não, minha mãe nunca falou nada pra mim. Ela via o que eu tava falando, ela via muitas coisas que acontecia e eu perguntava: a senhora acha que tá certo? Se ela achava que tava certo, ela falava, se tava. Se não achava, ela ficava quieta. Quando eu via que ela ficava, não dava resposta, eu dizia para mim mesmo: não tá bom! Aí, eu falei pra ela assim: eu sei bem o que eu vou fazer. Ela falou: você é quem sabe. Ainda a minha avó depois me falou que eu tava com o pensamento ruim. Eu falei: não mãe! - u chamava as duas de mãe - tenho certeza do que vou fazer. Aí quando meu marido chegou do serviço, jantou bem, trocou de roupa, eu peguei e fiquei esperando. Quando ele saiu porta pra fora, na hora que ele passou o portão, fechou o portão, falei: escuta, vem cá, quero falar uma coisa. Quero perguntar um negócio procê. Aí ele falou: que é? Falei de forma bem forte, olhando nele: a porta da rua é a serventia da casa! Aí ele falou assim: por quê? Falei: porque sim. Falei: eu não quero mais saber de ter home! Então pode ir embora. Aqui já tenho meu tio. É demais dois homem aqui dentro de casa, pois nós morava tudo junto, né. Meu tio olhou bem na minha cara e ainda só olhou na minha cara e baixou a cabeça, não disse nada pra ele, porque ele via que eu tinha razão. Aí ele, o safado do meu marido, pegou, foi na casa do pai dele contar para meu sogro. O pai dele conhecia a bagunça dele. Ele foi lá na casa do pai dele, contou da que eu mandei ele embora. Aí o pai dele falou assim pra ele: hoje eu não vou lá, porque já tá noite, minha nora precisa dormir cedo porque ela tem serviço! É, meu sogro falou assim pra ele! Aí no outro dia de manhã cedo, levantei, fiz café, quando eu tava tomando café bateu na porta, eu tava só com a porta da cozinha aberta e abriu a porta... e eu primeiro perguntei: quem é que tá aí? Aí meu sogro falou: sou eu Casimiro veio que tá aqui, minha nora. Aí eu abri a porta...

115. Seu sogro se chamava Casimiro?

116. É, ele chamava Casimiro, já morreu há muitos anos.

117. E por que Casimiro veio?

118. Ele falava assim.

119. Ah, não tinha outro Casimiro.

120. Não, era só ele Casimiro.

121. E seu marido como se chamava?

122. Meu marido chamava Bastião.

123. Bastião?

124. É Bastião. Aí, ele sentou, falou: senta aqui minha comadre – ele tinha batizado o primeiro meu menino. Aí falei: toma café, papai. Daí ele tomou café, aí ele falou: olha comadre eu vim pra tomar um café com a senhora, mas eu sei o que me falaram não é o certo. O certo vai ser o que a senhora vai me falar. É o que vai ser certo, porque eu sei bem o jeito do Bastião e do jeito que ocê vive. Aí eu contei pra ele. Ai ele disse: óia não vou tirar a razão da senhora comadre de jeito nenhum, a onde se viu um homem trabalhar, saber que precisa comprar as coisas e o dinheiro não aparecer, não cuidar da casa e deixar tudo por conta sua, de sua mãe e de seu tio? Ele trabalhava o mês inteiro nunca deixava dois tostão pra mim, se eu dizer que ele me deu um tostão pra comprar um pedacinho de pão eu minto. Eu falei pro meu sogro, falei: olha eu sei bem do trabalho dessa casa velha, ainda falei...outras coisas.

125. Ai ele foi embora.

126. Foi nunca mais apareceu. Depois muito mais tarde ainda tive que cuidar dele, pois aquilo não prestava mesmo ...ele só sabia da bagunça, de boa vida. Chegava só para comer e beber,

Chegava, comia, não sabia quanto custava um quilo de arroz. Naquele tempo, era o tempo do tostão, né. Trabalhava o mês inteiro e... cansei. Chegava, jantava bem, dizia que tomava banho no serviço, não sei se tomava, se não tomava porque eu não via..., jantava e saía e ia bater perna e só voltava a hora... às vezes amanhecia o dia e ele aparecia de manhã cedo, na hora de ir em hora trabalhar. Falei: espera um pouco. Chega! Não to para sustentar home.!

127. Mas antes de você se casaram ele era assim, ou depois ele ficou assim ?

128. Eu não sei, o senhor sabe.

129. Não sabe?

130. Não podia saber. Eu sou bem mais nova. Ele tava com trinta anos quando que casei, quando nós casamos e eu só tinha 16 anos. Naquele tempo sabe, nós ia casar cedo.

131. Você era uma mocinha, né ?

132. Eu era grandona, do mesmo tamanho que eu sou, mas não tinha idade. Eu falei...

133. Você, você devia ser uma menina muito cestrosa, né, uma mulher bonita. Você ainda é uma mulher bonita, no alto dos seus 96 anos.

134. (risos) O Senhor é muito educado... Mas sempre trabalhei muito. Nunca descansei meu corpo. A gente ia trabalhar na roça. Eu fui trabalhar na roça um dia, mas eu não agüentei. Eu tava acostumada a lavar e passar. Eu resolvi trabalhar por que eu tinha só duas colegas, eram duas irmãs. Uma mora aqui, não sei se ela é viva, ela mora aqui em Campinas. Era eu ela, e as duas irmãs e eu. E ela trabalhava na roça. Um ainda me falou: vamos Olaia, deixa de ser boba, fica aí lavando roupa! Eu dizia: mas minha mãe..., será que minha mãe deixa? Ah, sua mãe deixa sim, não ganha muito, mas ganha dinheiro. Lavar roupa você cansa muito e sua mãe dá só um vestidinho pra você e a comida. Eu dizia: mas chega o domingo e eu tô vestindo um vestidinho novo, né? Peguei e fui. Era mês de setembro. Ai meu Deus, enquanto o sol não tava quente tava bom, mas quando o sol começou a esquentar minha mão ficou cheia de bolha d'água comecei chorar. Chorei, chorei... Dei graças a Deus quando o dia terminou. Eu disse para Georgina, minha amiga: minha roupa tá lá, minha calça branca engomada tudo direitinho e eu aqui olha minha mão como é que tá! Dei graças a Deus de chegara hora pra me mandar embora...joguei aquela porcaria lá e fui embor! Minha mãe falou assim: bem feito, quem mandou você..., não falei pra você que você não ia agüentar? E não agüentei mesmo!

135. É porque sua mão como era de lavadeira devia ser fina, né.

136. É, era fina. O ferro de passar dá calo, mas não dá muito. Mas a enxada, Deus me perdoe! Aí nunca mais quis saber... Para quem está acostumada não tem problema, mas para quem não tá é muito ruim. Falei: deixa eu começar a lavar roupa ou se não ser pagem de criança... Aí minha mãe cozinhava lá pra eles e lavava roupa lá pra eles e eu ajudava, era eu, minha mãe e minha avó no trabalho de lavar passar e cozinhar. Aí quando minha mãe ia na fazenda que faltava cozinheira ela cozinhava, minha avó lavava e eu ajudava.

137. E era muita roupa ?

138. Não era muito. Era só roupa deles. Eram três filhos e a mulher e o marido, era pouca gente. Eu aprendi porque ia lá ajudar minha mãe.

139. Aí você, você ficou... foi nessa fazenda que você se casou ou foi aqui em Campinas ? Foi nessa fazenda.?

140. Foi nessa fazenda, né.

141. Aí lá você cresceu, ficou mocinha, né, tentou ir à escola, mas não deu.

142. Eu tinha que cuidar da minha mãe, né. Então, mas acho que não fiz nada de mais não. Porque ajudava minha mãe lavar roupa e passar e eu tava ali sentada, eu não aprendia nada de mais. A gente aprender precisa, mas também mas trabalhar também precisa.

- 143 Vocês ficaram na fazenda um tempo?
- 144 Aí depois eu falei assim pra minha mãe: eu acho que eu vou mudar pra Campinas, vou trabalhar lá e de lá eu arrumo um quarto e nós vai embora ...eu venho buscar a senhora.. Aí minha mãe falou assim pra mim: ocê sabe o que vai fazer...
- 145 As crianças tinham mais ou menos que idade, você se lembra ?
- 146 Eu já esqueci, pra falar a verdade é melhor ficar quieta....
- 147 Não, não, quando você resolveu vir, as crianças era pequenas ?..
- 148 O mais velho tava com seis anos e outro com quatro.É. aí eu falei: eu vou pra lá, eu arrumo um quarto, eles podem vir pra cá. Aí eu vim pra cá, arrumei um emprego.
- 149 Aí você veio sozinha ?
- 150 Vim eu e Deus.
- 151 Sei. E você já conhecia aqui em Campinas?
- 152 Conhecia porque eu tinha uma, uma..., minha mãe tinha uma, parente longe que morava aqui, né. Ela até já morreu. Aí eu fui na casa dela, porque ela sempre ia lá, me buscava, eu ficava uns três dias aqui e depois ela ia me levar de volta. Aí eu peguei, vim pra cá. Fiquei lá na casa dela. Chamava ela de tia. Falei: tia, será que a senhora num pode arrumar um serviço pra mim? Aí ela disse: eu vou arrumar! Pode deixar que você não vai ficar parada não! Falei: é que eu tô precisando trabalhar pra mandar dinheiro pra mãe, ainda falei assim...
- 153 A mãe era sua avó ?
- 154 Era. Aí, ela saiu, ela foi na casa dessa conhecida dela e arrumou pra mim. Aí ela disse: óia, teu emprego já tá arrumado. Falei: tá certo! . No outro dia de manhã cedo, fui lá e ela me apresentou a cozinheira. A cozinheira também morava lá na casa. Ela me disse: essa cozinheira é muito boazinha. Falei: tá bom e fiquei...
- 155 Aí você foi trabalhar na casa de quem, você lembra? .
- 156 A mulher chamava Dona Paula, era viúva, mãe e filha. Moravam tudo junto e tinha só um moço que chamava José, que a véia tinha criado ele.
- 157 Sei. Eles moravam aqui em Campinas. Você se lembra aonde ?
- 158 Moravam lá no Bonfim. Fiquei lá tempos lá.
- 159 Sim, mas você morou na casa dela, na casa da patroa, ou morava...
- 160 Morava no emprego.
- 161 Morava no emprego, né. Você tem idéia quanto tempo você trabalhou lá ?
- 162 Trabalhei lá quatro anos.
- 163 Quatro anos, né, bastante tempo. E que que você fazia lá ?
- 164 Eu era arrumadeira, lavava, passava e arrumava a casa. Eu acabava meu serviço que eu tinha pra fazer e ainda ajudava a lavar a louça pra cozinheira, pra não ficar parada.
- 165 E como é que foi essa experiência, você sair lá da fazenda e vir pra uma casa a cidade, morar um espaço menor, longe da sua mãe, da sua avó, do seu tio, como é que foi?
- 166 Falei: ah meu Deus! Falei: eu aqui preciso viver, trabalhar! Precisava mandar dinheiro para minha mãe e para meus filhos. Naquele tempo a roupa era lavada a um tostão a dúzia. Pro senhô vê quanto tempo faz que acabou, né? . Mas ficar assim, trabalhando e lavando roupa a dúzia, pensei bem, não ia dar certo, não ia dar pra viver.
- 167 Dúzia de roupa porque qualquer peça contava uma ? Podia ser um paletó, uma cueca, era a mesma coisa.
- 168 Era, doze peças de roupa... qualquer peça. Aí peguei e fui embora pra casa desta mulher que falei pro senhor.
- 169 O que você comprava com um tostão ?

170 Naquele tempo o tostão, o senhor sabe, dava pra gente comprar muita coisa e ainda sobrava. A gente ia na venda com cinco mirréis, como falava o caipira, comprava dois sacos assim de coisa. Agora a gente vai na venda, leva dez e não traz nada. Aí eu peguei, vim embora pra cá, arrumei um serviço, arrumei um quartinho.

171 Aí você ficou lá, lá trabalhando com eles, trabalhou e morou na casa da patroa por quatro anos, né

172 Mandava, o dinheiro para minha mãe. Quando dava certo eu ia pra lá. Se não dava, tinha um senhor de lá, que já morreu, ele ia lá saber como é que eu tava, que a minha mãe mandava perguntar. Aí eu pegava um dinheirinho e mandava pra minha mãe.

173 E seus filhos quando via eles?

174 Só quando ia lá. Depois disso... eu arrumei outro emprego.Quando eu saí do meu quarto, aí achei um que pagava mais um pouquinho, aí passei pra outra casa.

175 Sei, pra outra casa. Deixa eu voltar aqui um pouquinho Olaia, como é que era a relação lá nessa casa, era boa, o pessoal era legal, você tinha liberdade ?

176 Eles eram bons. Só a mãe da mulher era, ela..., uma coitada, ... mas era brava. Ela era andava na cadeira de roda. Acho que ela tinha nervoso de não poder andar, ela ficava braba, mas nem eu nem a cozinheira dava ouvido pra ela. Às vezes a gente tava fazendo o serviço, ela vinha, olhava...e dizia: isso não tá direito não! Aí a cozinheira falou assim: a gente tem que ter paciência com ela porque ela...,ela coitada, ela só fala porque está nervosa! Falei: ah, deixa ela! Falei: ela já tá de idade! Falei: a gente não sabe o fim da vida da gente, ainda falei assim pra moça, falei: a gente não sabe o fim da vida da gente como é que vai ser. Ela vinha examinava tudo e dizia: isso não tá direito, torna a fazer...! Eu desmanchava e tornava fazer. Às vezes tava arrumando a cama e ele ficava perto: este lençol não tá direito! Eu fazia tudo de novo e dizia pra ela: tá bom? E ela: agora tá bom! Agora estende bem a colcha, bem bonitinha em cima da minha cama, quero minha cama bem arrumadinha! Falei: tá certo dona Paula!

177 Ah, ela chamava Paula ? Você tem uma memória assim impecável.

178 Eu ?

179 É.

180 Eu tinha paciência com ela porque... um dia eu falei pra cozinheira: sabe, a gente não sabe o fim da vida da gente e a gente não sabe como é que vai ficar, falei assim. A cozinheira retrucou e eu falei: às vezes pode ser que a gente fica velho e pode ser que a gente morra antes de ficar velho, ainda falei assim. Se a gente não tem paciência com uma pessoa de idade com quem que vai ter? Eu tive paciência muita com essa mulher, trabalhei lá na casa dela, as vezes ela dizia que o serviço não tava bem feito, olhava bem na cara e tornava a fazer outra vez e foi assim... minha vida...Aí eu saí de lá e arrumei outro quarto como eu tava falando...

181 Sei.

182 Fui buscar minha mãe e minha avó. Eram dois cômodos.

183 Dois cômodos, né. Onde era você se lembra ?

184 Era lá perto da... ai meu Deus!, naquela rua que passa, que passava o..., que vai pro Cambuí, lá pro... esqueci o nome da rua porque faz muitos anos que eu não passo lá.

185 Aí você alugou um quarto, esses dois cômodos, foi buscar a sua avó e a sua mãe.

186 É.

187 E seus filhos ?

188 Eu trouxe eles junto. E veio uma prima minha que era minha xará, veio junto também.

189 Era quatro, cinco, seis pessoas em dois cômodos ? E dava?

190 Dava. O meu quartinho tinha caminha pequena, os dois moleques... esse que morreu depois, esse não largava da minha avó. Aí, ele só dormia com a minha avó, minha avó falou:

deixa, vem dormi aqui comigo! A minha avó também era agarrada nele... E eu dormia numa outra cama com o outro menino e minha prima dormia com a minha mãe. Era três camas. O meu quarto não era pequeno, tinha espaço, então...

191 E aí você arrumou um emprego numa outra casa. E aí foi fazer o que nessa casa?

192 [Aí lá, eu cozinhava, lavava e passava.](#)

193 Sei. Aí, mas aí você trabalhava mais.

194 [É. E ela, a mulher - ela também trabalhava como dentista, - o dia que ela ia depois do almoço ela limpava a casa, quando ela não ia eu tinha que limpar. Mas era, a casa era pequeninha. Dava bem. Fiquei com ela mais de cinco anos.](#)

195 Cinco anos. Aí nessa altura os seus filhos já estavam mocinho...

196 Já tava...: né, com dezessete, dezoito anos, né. Tinha um senhor que dizia pra mim: olha, quando o seu menino crescer mais, - porque ele engraxava sapato - vou levar ele lá pra ele aprender a trabalhar. Falei: pode levar. Aí ele levou, os moleque, era melhor do que engraxar sapato.

197 Você me falou de um tio seu que era muito, que era muito importante, tal..., quando você veio pra cá pra Campinas, esse tio veio junto ou ficou lá na fazenda ?

198 Não, ele ficou lá na fazenda, mas uma vez por mês ele vinha visitar minha mãe, minha mãe e minha avó. Essa menina que chamava Olaia que veio com nós era filha dele.

199 Então essa prima sua também chamava Olaia ? Eram duas Olaia?

200 Era. Ai eu resolvi ir embora. Eu fui embora pra São Paulo porque aqui ficou ruim. Não tinha quase emprego e o salário era baixo. Aí uma colega disse assim pra mim: uma coisa eu vou falar pra você, emprego tá ruim aqui mas eu vou arrumar um lugar pra você me São Paulo porque lá pode-se ganhar mais. Eu falei: se for pra trabalhar eu quero. Falei: cê me leva, eu vou! Aí fui, aí fui embora pra lá. Ai ela me levou lá, fui lá e lá eu fiquei. Lá fiquei mais de oito anos em São Paulo.

201 Sei. E você foi pra uma casa em São Paulo.

202 É. Lá eu morava na casa..

203 Como é que era ? Como é que foi isso, você sair de Campinas que era uma cidade pequena, tal e ir pra São Paulo, que já era muito grande.

204 Ah, eu estranhei, naquele tempo não se via a cara do sol. Um dia eu falei pra mocinha, pra dona Jandira, falei: mas aqui não tem sol? Ela disse: tem! Falei: mas desde que eu tô aqui não tô vendo a cara do sol! Eu falei: lavar roupa com esse chuvão não dá certo. Era um frio danado que tinha lá, agora não sei porque já faz muito tempo que não vou lá. Quando eu fui pra lá, eu estranhei por causa do frio, dia e noite com frio. Falei: credo! Porque falavam e eu não acreditava. Fiquei lá mais ou menos uns oito anos.

205 Como é que era a relação com você, boa, você tem alguma recordação boa, alguma recordação ruim ?

206 [Não, pra mim... eu sempre falei, todo o lugar que eu trabalhei, tanto aqui como lá, não tenho queixa de ninguém.](#)

207 Mas também você devia ser uma pessoa boa de trabalho.

208 [Ah, eu trabalhava, não enfeitava serviço não. Quando saía eu dizia: ah, vou em tal lugar! Quando eu voltava dava conta de todo o serviço. Quando entrava numa casa, eu trabalhava e fazia todo o serviço. Aí eu chegava pra patroa e dizia, quando terminava o serviço: agora a senhora vem ver. Se tá bom a senhora fala e se não tá a senhora pode falar! Podia falar mesmo eu não me importava. Um dia numa casa – aonde foi? – foi na Dona Dedé. Ela me falou: mas por que que você fala isso ? Eu falei : não, pra saber se tá bom o serviço. Isso que eu quero saber, porque se não tá bom...a se senhora não é dona da casa ai a senhora fala! Mas](#)

ela falou assim: mas ocê é uma pessoa esquisita, né? Eu falei: não, eu digo mesmo! Aprendi com a minha mãe, minha mãe que me ensinou a fazer isso. Ela disse: ah, tua mãe então era trabalhadeira? Era , mas não gostava que desfizesse do o serviço dela. Ela queria saber do serviço quando tava bão. Se não tivesse ele fazia de novo. Eu quero saber se tá bão.. A senhora pode falar e se não tá também pode falar, que eu não vou ficar zangada! Falei: porque a senhora paga e se vai querer o serviço mal feito?. Falei. Ela ficou bem olhando pra minha cara.

209 Por que você saiu de lá?

210 Ah porque eu falei: ah deixa eu ir pra lá perto de minha mãe outra vez! E quando...

211 Mas o Olaia, me conta uma coisa, você me contou uma vez, até no grupo você contou que você tinha uma amiga em São Paulo e que vocês moravam juntas...

212 Ela era a cozinheira da família. Ai ela foi pra São Paulo, eu encontrei com ela no salão de baile...É. Aí ela chegou: oh, mas graças a Deus que encontrei com você! Falei: por que ? Ela falou: você vai morar comigo! Aí eu falei assim: então tá bom, eu vou! Aí fui morar com ela. Ela falava: minha filha vai casar e eu vou ficar sozinha no cômodo. O cômodo é grande, dá muito bem. Aí eu fui pra lá.

213 Mas você continuava trabalhando no mesmo emprego ?

214 No mesmo emprego. Falei para a dona lá e aí fui. Comprei uma caminha de solteiro, comprei uns dois lençol, era tudo barato, né, comprei, falei: devagar vou acabando de me arrumar. Aí eu fui morar com ela, a filha dela casou ficamos nós duas, só eu e ela. Mas eu não gostava da safadeza. Ai falei assim comigo mesmo: como pode não cuidar da mãe?.

215 Que safadeza !

216 De fica em dúvida. Ela não sabia o que ia fazer com mãe se mãe melhorasse. Ai pensei: se nós ficasse doente quem iria cuidar de nós? Agora o senhor vê, se um filho falar assim pruma mãe imagina pros outros...Falei: ocê tem que fazer que nem eu fiz com a minha mãe. A minha morreu no meu colo, eu falei! Ainda falei pra ela assim: ela morreu no meu colo e eu queria ter ela nem que fosse pra mim carregar, mas queria ter ela viva. Se ocê não cuida de sua mãe, não vai cuidar de uma amiga.

217 Sim.

218 Eu queria mesmo, falar pro senhor porque mãe é mãe.

219 Essa mãe que você tá falando que morreu no seu colo é sua avó ou sua mãe ou a Maria?

220 Minha mãe.

221 A Maria?

222 E. A minha avó, ela morreu de dor de cabeça, quem viu a morte dessa minha avó foi esse meu filho José, que não largava dela. Foi ele que viu a morte dela. Ele falou que ela morreu de noite.... Eu tava em São Paulo trabalhando. E ela nesse dia diz que ela fez janta, jantaram. Ele lavou a louça, ele lava a louça pra ela, as vezes. Depois ela falou assim: bom daqui um pouquinho nós vamo deita porque já tá ficando tarde. Aí foram deitar ela... - essa minha prima tava lá e os dois menino -. Meu filho contou que ela falava assim: já contei procês, cês presta atenção no que que eu tô falando...se você vê que a conversa é boa você escuta e se você vê que não é boa, que você não gosta, você sai daí! Ai ela disse assim: porque eu vou embora! Ela, pra ela , sabia que ela ia embora. Aí ainda ele ficou com ela e ela disse: eu vou embora, hoje eu vou embora! Aí deitaram, dormiram, quando ela acordou ela foi, chamou ele, fez ele levantar, ela falou: quero água pra beber, vai buscar pra mim! Aí ele levantou, ele deu água pra ela beber, aí ela falou: cê escutou o que eu falei antes de nós dormir, que eu vou embora, eu vou e é já! Então ela pegou a caneca da mão dele e fechou os olhos. E pra isto contar ele chorava coitado.

- 223 Ele era muito ligado a ela, não era?
- 224 Era
- 225 Na sua avó. A sua avó era brasileira ou era africana, você se lembra ?
- 226 Minha avó era descendente de africano. Mas ele nasceu no Brasil. Na Bahia.
- 227 Todos na sua casa eram pretos ou tinha mistura com brancos ?
- 228 Não, tudo, tudo cor, só teve negros. Tudo negro, né. Porque algumas, algumas, algumas famílias são mais misturadas, né entre o preto e o branco tal. Meu marido era preto também.
- 229 Mas aí você, vamos voltar aqui. Estou perguntando muito pra só poder entender algumas coisas que não ficaram claras. Nós já falamos muito, conversamos, né, você desculpe de eu estar falando bastante.
- 230 Ah, imagina.
- 231 Aí quando você morava com essa sua amiga lá São Paulo, ela ficou doente e foi embora e você continuou morando sozinha no quarto ?
- 232 Aí eu fiquei morando.
- 233 Sei. E continuou trabalhando na mesma casa.
- 234 Na mesma casa. Aí depois eu falei...
- 235 E que você fazia além do trabalhar ?
- 236 Quando chegava do serviço ?**
- 237 É.
- 238 Se tinha alguma coisa pra costurar eu sentava costura, senão eu deitava, meu colchão eu deixava tudo arrumadinho no meu quarto. Se tinha roupa pra passar, aí já passava, já guardava...Depois resolvi deixar a casa e voltar para Campinas.**
- 239 Voltou pra Campinas, né ?
- 240 Ainda falei pra, pra..., falei dona da casa: vou embora pra Campinas porque lá é minha terra! Ela disse: por que? Falei: porque sim. Falei: eu fui criada lá. Aí vim embora pra cá. Fiquei oito anos em São Paulo. E nunca mais botei os pés pra lá, nem sei do jeito que tá lá gora.
- 241 Mas pelo que você falou no grupo lá você aproveitava, você dançava, ia...
- 242 Dançava bastante. Quando meu marido morreu eu tava lá ainda em São Paulo. Isto ninguém pode falar. Eu ainda vi a morte dele porque meu telefonou pra mim falando que ele tava doente e que ia ser internado. Mas não falou que era meu marido, falou que era ele. Mandou uma carta primeiro. Ainda eu fui e falei pra minha patroa: ah, eu não vou nada não! Ainda minha patroa falou: você tem que ir pra saber se a pessoa vai ser internada. Eu falei: então eu vou! Falei: mas hoje, agora já não dá mais!, porque naquele aqui tinha ônibus só das oito horas, depois não tinha mais. Se viesse chegava em Campinas e não tinha onde dormir. Aí peguei no domingo cedo eu vim pra cá. Peguei o ônibus e fui embora pra, lá pra onde nós morava. Cheguei lá tinha guarda na porteira, aí...
- 243 O que é guarda na porteira ?
- 244 Eles ficavam vigiando a porteira quando passava carro de carroça eles abria a porteira.
- 245 Ah, a porteira da fazenda?
- 246 É, aí eu fui lá na casa dele, perguntei pra ele: o que te aconteceu?. Ele falou assim: nada! Ele falou que não era ele que ia ser internado. Aí ele falou assim: quem tá vai não vai é seu marido. Falei: que marido? Que marido o quê? Falei: então eu vou embora, já que tão tudo

bão aqui na sua casa! Eu vou voltar lá na vila pra pegar o ônibus pra ir pra São Paulo. Meu tio falou: não, você tem ficar aqui, você vai lá em casa...!

247 Esse seu tio que você tá falando é aquele que morava com você quando você era menina ?

248 Era . Aí ele disse assim: vai lá! Ele disse assim: lá tem bastante serviço pra fazer! Ele falou pra eu assim que ele morava sozinho e que tinha duas filhas, tinha a Natália que morreu e tinha a Júlia, duas não, três, tinha a Natália, a Júlia e uma outra menina que tava com ele. Aí eu falei: e ela porque não cuida dele? E ele: mas ela não faz o serviço direito. Aí, ele falou: cê vai lá em casa, fica la. Faz tempo que eu não como a comida que você faz o armoço, eu armoço e depois eu levo você lá pra você ver como é que ele tá. Eu falei pra ele: eu vou fazer o que lá? Se ele tá ruim a outra muié que cuida e não eu, não sou muié dele! Mas, fui para casa do meu tio, fiz o almoço. Aí meio dia ele saiu do serviço, almoçou e falou: às seis horas nós vamos lá. Eu falei: tô indo embora pra São Paulo, eu não foi ficar, hoje tem baile,. Ele me disse: vai ficar sim!

249 Você ia muito ao baile em São Paulo ?

250 Eu vou falar para o senhor uma coisa: eu não sabia quando começava e quando os bailes Eu dançava a semana inteira.

251 Mas a semana inteira o que que é, todo dia ?

252 Todo dia. Todo dia. Tinha baile de sábado e domingo, de domingo até oito horas.

253 Sei. E que horas era o baile ?

254 Começava as nove horas e acabava meia noite.

255 Sei.

256 Lá no vinte e oito.

257 Esse é um clube em São Paulo ?

258 É.

259 Em que bairro era em São Paulo, você se lembra.

260 Era...ai meu Deus, eu já esqueci dos nomes de tudo.

261 Na hora que você lembrar você fala.

262 Não perdia. O baile era aqui e aonde que eu trabalhava era como lá em cima.

263 Sei.

264 Dançava mesmo, dançava todo dia, eu não perdia de no baile. Eu levantava pra fazer café, que meu patrão era tenente, via quando eu chegava e levantava pra fazer o café pra ele. Ele dizia: você dança, do jeito que você dança, e não perde hora! Falei: perder hora? Falei: quem tem que trabalhar sou eu. Sou eu que tem que deitar pensando no serviço, ainda falei pra ele.

265 Ia trabalhar pensando no baile ?

266 Eu pensava no baile.

267 Mas aí você, voltando lá pra gente não perder o fio da meada lá com o seu marido com o Bastião. Aí você foi lá visitar ele, mas falou: pôxa, eu vou perder meu baile hoje.

268 Eu tava com raiva de perder o baile. Mas ai fui lá. Ele tava deitado conversando. Aí olhei bem, fiquei com raiva e para tacar na cara dele, falei: mas, escuta e o dinheiro que você ganhava, que você trabalhou, onde você pôs? Nem cama você não tem! Aí disse ainda: pois eu tenho! Aonde eu moro, eu tenho tudo, falei por que tudo era meu mesmo. Aí eu falei pra ele, eu chamava ele Bastião: ah! eu tenho cama, tenho isso, tenho aquilo. Ele falou resmungou qualquer coisa e eu falei: eu pus com o meu dinheiro!. Aí meu tio disse: você tá pensando

nisso, Olaia? Falei: eu to! Naquele tempo, as coisas eram baratas. Eu falei assim, eu falei: não paguei muito caro, mas é meu e eu não tô com vontade de voltar aqui nesse lugar mais.!

269 Mas naquela época você morava com a sua patroa, você morava no quarto com a sua amiga ?

270 Minha amiga já tinha morrido faz tempo.

271 Ah, sei você tava morando sozinha lá.

272 Tava eu e Deus no quarto. Mas eu não tinha medo. Era um cortiço grande, tinha muita gente lá, mas eu não tinha...

273 E por que você não voltou pra morar com a patroa, você não gostava ?

274 Ela era muito boa, mas queria viver no meu quarto. Eu digo no meu quarto por que se eu tiver que fazer lá eu faço, se eu não quiser eu deixo, era assim.

275 Bem voltando aqui...

276 Aí peguei, guardei minhas coisas e guardei, outras deixei lá no meu quartinho lá dentro. E vim cuidar dele. Não queria não, mas vim. Meu tio exigiu isto dizendo que a obrigação era minha. Ai dei algumas coisas pra ele pois não tinha nada. Ela dormia no chão, mas taquei na cara dele, ah taque: ué - falei pra ele - escuta agora você vai dormir em cama, fique sabendo que esse colchãozinho aí custou meu dinheiro, essa caminha custou meu dinheiro! Digo: tudo que tá aqui custou meu dinheiro! Dei cama, mas eu fiquei morando na casa do meu tio, não quis dormir lá. E aí eu falei pra ele, falei: eu não vou fica aqui não, eu vou dormir na casa do João, que era meu tio. Ele ele que disse: mas por que ocê não fica aqui? Eu falei: eu não! Eu ficava o dia inteiro lá, enquanto o João tava trabalhando, mas eu vinha, dava comida pra ele, arrumava a cozinha, pegava e ia embora pra casa do meu tio. Mas meu tio dizia: qualquer coisa você vai lá, fica lá! Aí o dia que ele arruinou mesmo foi o dia que amanheci lá. Aí ficou ruim e um menino foi lá me chamar, aí meu tio foi junto comigo, Aí eu fui lá. Quando cheguei lá ele tava na cama gemendo. Aí quando foi no outro dia cedo tive que avisar meu tio fui, para chamar o médico. Ele tava morrendo. O médico chegou, disse assim pra mim: olha, uma coisa eu vou falar pra você, ele não vai ter cura. Quanto tempo faz que você não tava morando junto com ele? Você tá na casa do seu tio, mas vão dizer que você deu alguma coisa pra ele. Falei: o senhor tá certo! E falei: eu tô morando na casa do meu tio, não tô morando aqui não! Ai ele saiu de lá as nove, as oito horas e quando foi dez horas ele morreu. Ainda mandei dizer uma missa de sétimo dia. Falei: eu vou é embora e voltei para São Paulo.

277 Voltou pra casa da mesma patroa ?

278 Aí, porque a minha patroa sabia, fui na casa da mesma patroa. Ai fiquei morando com ela de novo. Um dia eu falei: agora eu vou embora pra Campinas. Aí vim aqui pra Campinas. Morei um tempo no emprego outra vez, depois que eu aluguei quartinho.

279 Mas aí você não foi morar com a sua avó a com a sua mãe ? Você morava sozinha ?

280 Aí a minha avó já tinha morrido e minha mãe... e os meus filhos tavam na casa do meu tio, la na fazenda.

281 Na fazenda, né. Aí você ficou morando sozinha em Campinas.

282 É... Aí eu falei quem sabe minha mãe vem morar comigo. Aí um dia eu fui lá e falei pra minha mãe: eu vou ver se eu arrumo uma casinha lá. Minha mãe falou: Ah, eu tô tão bem aqui com o tio, eu quero trata de fica morando com tio enquanto eu trabalhaio por aqui. Eu disse: ocê quer morar aqui, mora. Ai ela ficou com o meu tio.

283 Olaia e aqui você trabalhava, se divertia sempre sozinha, você nunca arrumou um namorado, nunca...

284 risos... Eu ia no baile, arranjava lá, ah mas quando o negócio começava ficando sério aí...eu pensava mas vamos, mudar de baile...

- 285 Sei. Você nunca quis compromisso com outro homem...?
- 286 Eu não! Falei: chega! Eu disse: carreguei uma cruz, vou carregar outra? Falei: eu não! Assim foi minha vida até hoje. Gostava de dançar, conversar, brincar, mas só. Tinha um rapaz lá em São Paulo que chamava...ele era de corpo de bombeiro...que morava na Bridageiro Tobias, lá... . perto do...
- 287 Da rua Brigadeiro Tobias? Que bairro é, você se lembra ?
- 288 Era quase perto do mercado. Agora se eu for prá lá fico perdida. Depois quando eu vim de lá nunca mais voltei pra lá. E nós ia dançar...era eu, e uma baianinha. Eu só tinha duas amigas, mais do que duas eu não tinha. Nós ia no baile junto, ele, o bombeiro, ia também. Quando ele tava de forga do serviço ele corria lá e ia pro baile, ai a nós ficava dançando...Quando ele não tava de forga, ele queria me buscar quando acabava o baile. Ele dizia: você me espera pra eu vim te buscar! . Eu falava: tá certo! Mas, quando acabava o baile eu dizia pra Joana, minha amiga. Olha: eu vou por aqui e ocê vai por ali. Se ele encontrar e perguntar de mim ocê fala que ocê não sabe... risos...
- 289 Você não queria saber nada...
- 290 Ele era bonzinho e tudo, mas eu não queria. Eu sempre pensava comigo: quem sofre uma vez não quer ficar sofrendo. Só uma vez depois...Conversava ali, às vezes nós ia pra...ia eu ela, ele, um outro rapaz, nós ia pra Santos, mas era amizade. Chamava ele de irmão. O outro chamava eu de tia. Era assim. A outra chamava ele de tio, era assim...
- 291 Você é de alguma igreja, alguma religião?
- 292 Não.
- 293 Não, né, nada, nem igreja nada.
- 294 Nem igreja. Isso eu posso falar procê, a igreja eu entro quando eu ia pra Aparecida do Norte, pelo contrário...Agora, numa igreja que eu fui agora quando nós saímos de excursão. Foi na Igreja Nossa Senhora de Lourdes. Nós entramos na Igreja, mas a santa nós não vimos...
- 295 Sei.
- 296 Nós não entramos lá no altar...
- 297 Então você nunca frequentou, foi assim religiosa, de ir na igreja ?
- 298 De tá na igreja todo dia, não.
- 299 É, não. Você gostava mesmo é de um baile, de um, de um arrasta pé.
- 300 Gostava muito de ir em samba.
- 301 Sei. Você, você me disse uma vez no grupo que você participava num monte de cordões aí, né ?
- 302 É, aqui em Campinas...Eu pulei carnaval em tudo quanto foi cordão. Eu já começava dançando antes do dia do carnaval. Naquele tempo, eu fiquei me divertindo, quando eu comecei a trabalhar de novo, uma colega minha falou pra mim: Ah, Oláia vamos participar do Carnaval, tem ensaio toda semana. eu falei: vamos. ai eu ia ficava até de madrugada. Depois vortava e de manhã tava de pé para trabalhar. Nunca deixei de cumprir minha obrigação... Ai a gente ir para os cordões e ensaiava a semana inteira. Dancei neles todos aqui em Campinas. Cada ano um. Eu gostava muito...risos..era passista.
- 303 Mas, você disse no grupo que hoje não dança mais, nos bailes do Lar.
- 304 Eu não. Já dancei muito. Agora não quero.. fico sentada só oiando. As vezes alguém vem me tirar e eu falo: não, to cansada. O que tinha que dançar já dancei..Nos cordão era diferente. A gente era livre, fazia o que queria. Ninguém ficava falando: óia isto, óia aquilo. Também se implicasse comigo e com minha amiga, nós ia embora. Nós só queria mesmo divertir, dançar...
- 305 E namorar...

- 306 risos... As vezes. Minha amiga era mais interessada... mas eu não queria home atrás de mim. Quando ficava assim...querendo isto, aquilo eu mudava de cordão ou de baile... Um dia minha vizinha me convidou para ir ao Centro espírita. Ai eu comecei a ir lá.....Eu gostei de ir, gostei... e aí ia lá todo dia
- 307 Mas o que tinha no lá centro espírita, não era carnaval ?
- 308 Não. Tinha...eu ia pra escutar o que falava lá. Eu gostava. As vez eu não entendia muito, mas gostava.
- 309 Esse centro espírita era um centro kardecista?
- 310 Senhor?
- 311 Este centro era de umbanda, ou um centro espírita de pregação, de passe, onde se ensinava Allan Kardeck...
- 312 Não era de macumba não. Era um salão em nós rezava e liam os livros lá. Era tudo muito calmo.
- 313 Ficou muito tempo lá?
- 314 Fui uns tempo só. Depois deixei de ir. Também deixei de ir aos cordões. Já tava cansada e tinha dançado muito. Mas eu gostava muito. Ir na rua ver os cordões. Uma vez sentei na beira da calçada, aqui dentro de Campinas. Estava cansada, as perna dói. Sentei no meio das crianças. Senhor sabe que um soldado veio invocar com a minha cara, ele disse: a senhora não pode ficar aí! Falei: tá certo! Ai ele desceu lá pra baixo. Eu fiquei no mesmo lugar. Quando ele voltou: mas a senhora é teimosa, ainda não saiu daí! Aí eu falei pra minha colega, falei assim, eu vou embora antes que eu xingue esse homem! Ai comecei a ficar cada dia menos interessada. Ai deixei de ir, pois as coisas começa a ficar difícel para gente, quando começa a ficar veia...
- 315 Você chegou a se aposentar, Oláia?
- 316 Não, senhor. Quando vim para cá ele arrumaram para receber uns trocados. Mas dá muito bem. Não tenho despesa. Sempre trabalhei e me sustentei. Mesmo antes de vir para cá eu trabalhava. Passava roupa para uma senhora. Morava num quartinho que eu pagava. Lá eu cozinhava para mim. Mas já tava cansada. Tinha dia que não agüentava ficar de pé o tempo todo. Eu não tenho nada. Só minhas pernas é que dói, às vezes.
- 317 E como você veio para cá?
- 318 Um dia eu fui na venda, perto de casa, comprar alguma coisa para comer. Tava com dificuldade de andar naquele dia. Ai tinha uma muié lá, uma senhora bem vestida, bonita. Ai ela disse: tudo bem com a senhora? Eu falei: tudo. Só com dor nas pernas. Ai ela falou: e fica andando por aí? E falei: oh, se eu não fize quem cuida de mim? Ai ela quis saber o que fazia, onde morava...e passou lá pelo meu quartinho. Ai ela falou para mim que era perigoso ficar sozinha e se seu não queria ir para um lugar para as pessoas velhas. Eu falei que tava bão. Ela apanhou meu nome e endereço e um dia uma doutora foi me visitar e depois eu vim aqui com ela. Ai, depois de alguns dias eu estava aqui...
- 319 E como foi para você vir para cá.?
- 320 Para mim tudo ta bão. Gosto muito daqui, o pessoal é muito bão, todos cuidam de mim com atenção. Às vezes as outras ficam falando isto aquilo. Mas eu não dou confiança. Cuido de minha vida, fico quieta oiando o que passa no meu lado. Não falo de ninguém, não me meto com ninguém, não imprico com ninguém...
- 321 As pessoas do grupo gostam muito de você. Você me parece uma pessoa muito boa.
- 322 risos... o senhor é muito elegante.
- 323 Você teve depressão alguma vez, Oláia?

324 Não senhor. Nunca fiquei doente. Só a perna que dói, mas não ligo. Ando, faço minhas coisas... não fico reclamando. Às vezes vejo as outras tristes, com depressão, com raiva, com saudades... Eu não. Não sinto e nunca senti nada disto! Eu nunca fiquei triste. Nunca precisei tomar remédios. Vivo hoje a minha vida. O que passou, passou. A gente não muda as coisas. Vivo como posso. To bem.

325 Você está com quase cem anos. 95 anos, não é? Ta ai lúcida, inteira, bem. O que você acha disto?

326 Risos... o senhor acha mesmo?

327 Claro que sim. Você sabe como admiro sua forma de ser.

328 Risos... Sempre vivi assim. Nunca falei mal dos outros, nunca aturei home vagabundo, sempre gostei e cuidei de minha mãe, das duas. Sempre trabaiei e muito...mas também sempre diverti...dançava, saia, passeava...namorava assim... risos – já contei para o senhor...Aqui não trabaio mais por que não precisa e as pernas não ajuda.

329 Oláia, tem alguma coisa que você queria me falar e não falou?

330 Não senhor...

331 Quero agradecer a você a atenção e a paciência comigo..

332 risos... Paciência. Foi tão tão fala com o senhô!

333 Estou sempre disposto a ouvir você, quando você quiser.

334 Sim, senhô.

335 Então Oláia, obrigado e fique com Deus.

DEPOIMENTO DE ULDA

1. Ulda, bom dia.
2. Bom dia.
3. É um prazer estar aqui novamente aqui com você.
4. E é muito bom. É muito bom. Eu sempre perguntava para a D Regina²². Esqueceram de nós.
5. E você sabe que as fotos que nos tiramos na festinha de natal estão ai. Depois eu vou trazer.

²² Psicóloga do Lar dos Velhinhos.

6. Oh, que bom.
7. Eu trago na terça feira para você ver.
8. Tá bom.
9. Uida, posso perguntar a sua idade.
10. Claro que pode.
11. Pronto, que idade você tem?
12. Eu fiz 79 no dia 5 de março, agora. Sou nascida em 1921. Nasci na Lituânia.
13. E você veio para o Brasil pequena?
14. Com sete anos de idade.
15. Você se lembra disto?
16. Eu lembro que nem um..Mas eu lembro alguma coisa. Eu lembro da Lituânia, eu não lembro direito não. Mas eu me lembro do Brasil. No navio a gente, no navio eu me lembro da alguma coisa. Muito bom. A gente ficava tudo junto. Tudo muito bom, muita comida muito boa, tudo novo. Nos viemos num navio cargueiro. Ele andava muito devagar, parece que passamos trinta e três dias no mar. A mamãe contava, agora eu não tenho muita certa. Ai chegamos no Brasil. Chegamos na fazenda, foi uma alegria só...
17. Você vieram já como imigrantes.
18. Como imigrantes para trabalhar no Brasil. Nos descemos em Santos. Nós viemos para a Fazenda do Estado de São Paulo. Perto de Franca, fazenda Cachoeira.
19. Foi a primeira fazenda que você foi?
20. **A primeira fazenda. Nós trabalhamos, no meu tempo suave, por que as crianças pequenas iam para escola, o fazendeiro deixava todos ir para escola. A escola era uma escola boa e a professora e tudo era muito bom. Tinha que estudar. Era muito bom. Quando ficamos maior trabalhávamos. Trabalhava na roça na fazenda né. Mas era muito bom.**
21. Mas trabalhava você e o que fazia lá
22. **Fazia tudo. Plantava, apanhava café, tudo, capinava café, roçava pasto, tudo o que precisava. Mas tudo era muito boa. A comida muito boa. A gente comia na fazenda, nos jantava, as crianças ficavam na fazenda, e o pessoal tudo jantava lá. A escola muito bom, né..**
23. Jantava como? A fazenda dava alimentação?
24. Dava alimentação. O pessoal que já vinha da roça já ira para fazenda, num salão enorme e então já comia lá.
25. Tinha uma cozinha na Fazenda que cozinhava para todo mundo?
26. Tinha cozinheira que cozinhava para todo mundo, que trabalhava e as crianças também comiam lá. Na escola tinha merenda, tinha, como é - na escola é merenda? , né?
27. É merenda! Você estudava de manhã, de tarde?
28. **O que?**
29. Você ia para escola de manhã ou de tarde?
30. **De manhã. Por que as crianças bricavam de tarde. Era muito bom.**
31. As crianças não trabalhavam?
32. **As crianças não. As crianças precisavam estudar. Era muito bom por causa disto. Os pais iam trabalhar na roça, meu pai, minha mãe trabalhavam na roça. Trabalhava também minha irmã mais velha, trabalhava minha tia, que meu pai criou. Trabalhava quatro pessoas na roça.**
33. Você eram quantos? Seu pai, sua mãe...
34. Papai, mamãe, minha tia Constância, minha irmã Ana, que já é falecida, meu irmão Bruno, eu, e a finada minha irmã Petrônia. Só. Quatro trabalhavam e eu, Bruno e finada

- Petrônia ia para a escola. O meu irmão é mais velho do que eu um ano. E minha irmã é mais nova um ano do que eu, a Petrônia.
35. O Bruno ainda é vivo?
 36. É. Mora em São Paulo. Tenho ainda um irmão nascido no Brasil. No Brasil nasceu uma irmã e um irmãozinho. A minha irmã chama Alice e meu cunhado que faleceu há pouco tempo chamava Vicente...E outro irmão chamava Antônio José. Nasceu na Fazenda Cachoeira e morreu com meningite. Naquela fazenda Cachoeira dava muito febre tifo naquele ano. Tinha muita febre tifo. Faleceu muita gente lá.
 37. Naquele época tinha muita febre..?
 38. Febre tifo. Mas meu irmãozinho morreu com meningite. Resultado da febre. A minha mãe também ficou muito doente. Entre a vida e a morte. Se salvou por Deus. Teve tifo. A mãe era muito forte. Eu era menina, tinha oito, nove anos. Mas eu ajudava a fazer as coisas. Trabalhava, ajudava e ia para escola.
 39. Mas, não na roça
 40. **As crianças não trabalham na roça, iam estudar. Mas quando ficava com certa idade a gente tinha que ir trabalhar. A gente ia trabalhar e ia na escola a noite. Mas, com nove dez anos, podia começar a ajudar um pouquinho. Colher café, rastelar a sobra do café, o troco do café a gente faz o serviço leve, vai rastelando, para o outro rastelar mais firme, fazer o serviço mais pesado. E era muito bom. Muito bom no Brasil**
 41. Você se adaptou bem, no Brasil?
 42. Nossa! Com a comida. Era uma comida diferente, mas que gostava. O arroz com feijão, que gostoso! Adorava. Comida bem temperada, bem gostosa. Tinha carne e na Lituânia era mais difícil. Eu não me lembro bem, mas deve ser mais difícil carne na Lituânia...
 43. E seu pai gostavam, se adaptaram bem?
 44. Adaptaram, todos, todos. Eu fui criada, com meus irmãos no Brasil. Papai era muito doente né. Papai era sempre com bronquite, mas se eu conseguisse uma fotografia eu ia trazer para você...Papai era forte, alto, forte. Acostumamos muito bem aqui no Brasil, graças a Deus. Minha mãe adorava o Brasil.
 45. Ai você ficou lá na fazenda Cachoeira, até mais ou menos que idade.
 46. Não. Na fazenda cachoeira, ficamos três ou quatro anos, por aí, deixa eu ver. Vou contar no dedo o tempo que nós tivemos. Quatro anos. Depois, meu pai queria mudar e já podia mudar, pois o contrato permitia, a gente ficava com pena, já estava acostumado lá na Fazenda Cachoeira. Depois viemos para Fazenda Boa Esperança. Lá..
 47. Era de outro dono?
 48. **De outro dono, de outro fazendeiro. Não era do mesmo dono. Eles pagavam por empreitada. Eles deixavam nas casas melhores os que trabalhavam mais. As pessoas que trabalhavam mais tinham casa melhor. Então o número de pessoas era importante. O meu pai tocava doze mil pés de café, doze, treze, por aí. E a gente dava conta de tudo. A gente trabalhava muito. Eu não sei bem o contrato que fazia, mas trabalhava na roça. Só sabia que ele era responsável por doze mil pés de café ...**
 49. Mas quem é que trabalhava nisto? Só a família de seu pai ou tinha outras pessoas que trabalhavam com vocês?
 50. Só nós!
 51. Doze mil só vocês?
 52. Parece que é isto. Não me lembro direito detalhes, mas era cerca de doze, treze mil pés só para nós.
 53. Como era o nome da família?

54. R.U.D.V.E.Z.I.C.I.U. S . Rudvezicius. É fácil.
55. Bonito o nome, heim? Quando vocês chegaram as pessoas não ficavam assim: mas que nome difícil, né?
56. Tudo mundo até agora, a agente tem que soletrar para ele escrever, ou então eu escrevo e depois dou para ele fazer...
57. E seu nome, escreve Ulda mesmo.
58. Ulda mesmo. Em lituano escreve Ulda mesmo. Do mesmo jeito que se escreve aqui em português. Apenas fala-se Albiná. Aqui deu Ulda. O meu irmão é Branius, minha irmã Petrônia. Petrônia é idêntico. Ana, também igual e minha tia Anastácia Vanalka.
59. Era só então os Rudivezicius que cuidavam do café? Quanto eram?
60. Era. Naquele tempo era. Só nós. Era sete.
61. E dava conta de todo estes pés?
62. Acho que dava sim. Parece que sim Eu ouvia mais ou menos que papai falava. Mas deve ser isto. Não tenho muita certeza.
63. Agora, dava muito trabalho, né Ulda.
64. Mas a gente trabalhava bastante e era bom. Todos tinham saúde né? Papai é que era meio adoentado né. Depois de certa idade a gente fazia na fazenda paiol. O papai ficava mais em casa e depois a mamãe ficava em casa, fazia paiol, fazia galinheiro, fazia horta. Lá dava um agrião muito bom.
65. Além do trabalho lá no café, ainda cuidava da horta, cuidava das galinhas..
66. Papai é que cuidava. E dia de domingo a gente lavava roupa para mamãe, na mina, na minha d'água, né?
67. Então não tinha descanso, Ulda.
68. Mas a gente gostava de trabalhar. A gente sabia que era obrigação, a gente fazia tudo ...
69. Trabalhava sábado o dia inteiro, também?
70. Sábado o dia inteiro, também... As vezes quando alguém adiantava o serviço, sábado a gente trabalhava meio dia, mas não era sempre... ai ia para a minha lavar roupa. Minha tia, eu minhas irmãs.
71. E quem cuidava das crianças?
72. Não tinha mais criança. Quando o Toninho este nosso irmão que nasceu no Brasil eu não trabalhava na roça ainda. Eu cuidava dele. Do meu irmãozinho. Depois com a idade comei trabalhar na roça...
73. E como era o trabalho? Levantava a que horas? Como era o dia?
74. Ah, quando o dia clareava mais, o dia mais cedo que clareava, a gente levantava. Minhas tias levantavam faziam café, tomava café e ia trabalhar. E passava o dia inteiro no cafezal. Levava comida e depois levava almoço, uma ficava para levar almoço, a mamãe, depois, com certa idade a mamãe que fazia almoço e depois quando alguma ficava para levar. Quando mamãe podia ela levava. Mas as vezes não aguentava. Então ficava uma e depois ficava lá com nós. Mamãe também quando levava. Levava no embornal, levava merenda e tudo. Ficava o dia inteiro. As nove horas tinha que almoçar. Tinha minha água, tinha um carotes água lá..
75. O que é carote?
76. Corote á aquele coisa feita de madeira. Que nem aqueles coisas que vende aqui. Carote.
77. Uma vasilha?
78. Vasilha., Tinha que levar dois carotes. A gente bebia muita água.
79. E como se fosse um garrafão?

80. É isto, só que de madeira. As vezes meu irmão ir buscar. Então era eu . Mas, nos cafezais tem sempre mina. Nas fazendas tem sempre minha Almoçava as nove horas, descansava um pouquinho e depois ia continuar trabalhando outra vez. Apanhar café, quando era colheita do café, rastelar, quando sobrava muito café no tronco do café, ira rastelar e abanar o café. Quando começamos a trabalhar, papai fazia um rastelinho e restalava no tronco e depois eu apanhei muito café....
81. Abanar o café para separar o quê?
82. Pedras, folhas, galhos. Com peneiras. A gente já tinha um prática já. Eu já abanei muito, rastelei muito.
83. Aquilo não cansava muito? Não doia as costas?
84. Eu não sei, por que a gente não sabia o que dor de coluna. (risos... risos...) Mas era muito bom. Muito bom. Eu tomava banho até no Rio, logo que chegava em casa, trocava de roupa... Os rios daquela época eram muito limpos.
85. Naquela época não se usava agrotóxicos?
86. Não. Nada, nada, nada, nada. Só a natureza mesmo. Feijão milho, tudo, arroz, não tinha nada disto. Que coisa mais.. agora tanta coisa, tanto veneno...
87. Você se lembra então que era responsável por doze mil pés de café..
88. Por ai...
89. ... o cara pagava como salário, ou pagava como..?
90. Com o administrador. O fazendeiro. Ele faz contrato, tinha um livro, eles fazem tudo direitinho o contrato e o pessoal que é muito trabalhador a gente tomava toda a empreitada e o administrador dava ainda ainda fora da tarefa, para plantar...
91. Como se fosse um extra, né?
92. É. O administrador se não o fiscal, chamava quer fazer isto aqui, tem bastante lugar para carpir, para qualquer coisa e pagava por isto. As vezes colheita de algodão, qualquer coisa que a gente fazia era pago. Pagava por fora. Tudo. Era norma. E era muito bom. Sempre tinha coisa para fazer. Era muito bom. Se vestia muito bem, não chique, chique né?... (risos). Vestido de pano de colheita de café que sobrava e mamãe fazia, costurava. Muito bom. E tinha saúde. Não sabia o que era dor na coluna... (risos).
93. Também você era mocinha!
94. Era. Eu também não sinto nada por causa disto.
95. Hoje você não sente, né?
96. Não.
97. Ai você ficou nesta Fazenda da Boa Esperança..
98. Depois, o papai ficou mas a fazenda não dava para comer, por que o café é assim e no meio plantava milho, feijão, arroz, e lá naquela fazenda Boa Esperança, não dava mantimento né...
99. Nem comida?
100. Nada. E também não se colhia nada. Papai não ganhou nada com isto. Depois ficou um ano e depois fomos para outra fazenda.
101. E por que você saíram?
102. Por que não dava para agente viver, né? E depois o papai mudou para a Fazenda Macaúbas. Macaúbas foi tudo por papai. La na fazenda ficamos lá cinco anos. Lá minha irmã casou. Também tinha muito maleita.²³ Papai pegou maleita. Papei ficou bem ruim,

²³ Maleita era malária. A febre malária.

- né. Ficou com pneumonia dupla. E nós ficamos cinco anos lá. Depois fomos para a Fazenda Macaúbas. Eu contei né?
103. Não, você vai contar agora...
104. Fazenda Macúbas, perto de Batatais também... Na.....Fazenda Lajes também pertinho de Batatais
105. A onde sua irmã casou? Em Lajes ou Macaubas?
106. A minha irmã casou na Fazenda Lajes...
107. Você foram na Macaúbas ou na Lajes primeiro?
108. Pera ai, eu vou pensar bem....(risos..)
109. Não faz mal, isto é detalhes...
110. Parece que na Lajes, depois da lajes ...acho que na Macaúbas. Não.. foi na Macaúbas. Não foi na Fazenda da Laje. Na Lajes que minha irmã se casou então. Agora está certo. Mas, na Macaúbas era bom. Papai tratava de um quarteirão de café e tinha ...
111. Ulda, vou pegar uma água para você...
112. Não, não, não se incomode, não....²⁴
113. Ulda, lavei direito o copo com sabão para você...
114. Eu vi...Eu falei, esta cuidando mesmo... (risos muito risos...)
115. Oi?
116. Obrigada!
117. Não, por que as vezes as pessoas pegam o copo lá direto e eu não ia fazer isto como minha amiga.
118. Obrigada....Na fazenda Macaúbas...
119. Tá difícil para você?
120. O quê?
121. Falar estas coisas, lembrar estas coisas.? Deixa você tensa, fica nervosa?
122. Não. Não. Estou conversando com um pessoa assim tão legal..
123. Ih, muito obrigado. Assim, você me deixa...
124. Eu falo, o Jaime é legal, cara bom, conversa com gente, muito educado, tudo bom ele falo para eles. É bom a gente conversar né?
125. É bom a gente contar nossa história. É o que a gente tem de melhor, né?
126. O! Bom na fazenda Macaúbas, tinha uma estação de trem pertinho. Nós estudava de manhã cedo. Vinha professora de trem, nós esperava na estação. Nós ficava esperando lá... e depois do almoço nós íamos trabalhar na roça.
127. Você se lembra do nome da professora?
128. A primeira professora dona Iria. Um mulher mais de idade, brava, mas nós era muito obediente. Nunca saia da linha. Ela era muito brava. Mas, era boa. Nossa Senhora! Dava lanche. Ela não batia. Mas ela foi embora da escola por causa de algo que aconteceu lá. Era brava, sua palavra era ordem e ninguém desobedecia. Se fosse homem seria adminstrador da fazenda. Depois veio a Dona Iolanda
129. Foi com D. Iolnada que você aprendeu a ler?
130. Ah, oh! Ganhava presentinho. Fazia desenhinho, gostava de estudar. Quando vinha diretor, depois dava lápis de cor para fazer o desenho. Dava caneta, qualquer coisa. Mas cada uma era muito diferente uma da outra. Eu estudava mais. Meu irmão e minha irmã estudava não gostava que ela iam chamar a atenção. Mas ele não batia não. Deixava, deixava de

²⁴ Ulda está com a boca muito seca. Estava tensa, não estava muito a vontade, apesar de todo o meus esforço para deixá-la a vontade. O gravador, provavelmente, a intimidasse, já que no grupo era muito expansiva...

castigo ficava fazendo lição para não comer merenda. Na hora da merenda não ia, quando não fazia a lição. Mas ela era muito boa...Então, estava muito bem na fazenda Macaúbas, o fazendeiro era muito bom. A fazendeira, dona Lidia, parece eu não me lembro direito... Lá na fazenda Macaúbas tinha estação de trem. Tinha a Igreja de Santo Antônio, um capela bem grandinha de Santo Antônio...Ele que construiu para colonos. Fez promessa e construiu com os colonos. Era muitos bons, mas não tinha a fartura que tinha a primeira. Agora não dava comida para os colonos. Lá tratava os colonos que estavam fazendo o trabalho, como Fazenda Cachoeira. E está muito bom. Tinha o catecismo. Era outra professora. Dona Iolanda. Era jóia, fazia presetininhos, colarzinhos. Nós esperávamos na estação também. Era muito boa.

131. Você se lembra como ela era?
132. Era gordinha, não era muito alta, né. Era nova não era de idade não. Trazia presentinho para nós, muito bom. A gente ficava esperando ele, nossa! O dia dia que ela não vinha a gente ficava com saudade, mas era difícil faltar. Estudava, ajudava a arrumar as cadeiras as coisas e depois ficava até meio dia e depois íamos embora, comia e ia para a roça. Depois eu...
133. O que estudava na escola, você se lembra?
134. Ah! estudava...estudava tudo. Tudo. Matemática, não estudava tudo, caligrafia, desenho, aritmética, leitura, contas...fazer contas né. E só isto. Depois eles não precisam saber mais naquelas fazendas. Como a gente estuda sessão A, sessão B, Sessão C depois sai. Mas, dá para ler e escrever muito bem, graças a Deus. E foi muitas professora, muito boas mesmo. Nossa!
135. O gravador tá inibindo você?
136. Não!
137. Hoje você esta meio, meio murcinha, não tá?
138. Tá o que?
139. Tá meia murcha...
140. Murcha?
141. Você é sempre alegre, fala, ri...Tem alguma coisa preocupando você?
142. Também estou alegre de ver você.
143. Ah, sim. Muito obrigado. Eu também estou muito contente de estar aqui com você.
144. Então...
145. Você é um pessoa muito forte, muito bonita, muito disposta...
146. É isto é que tudo mundo fala. Por eu tenho amizade com todo o pessoal. Tenho amigos e amigas. A gente ajuda qualquer coisa que pode precisar, a gente..²⁵ A gente precisa ajudar um aos outros. A gente ajuda, Graças as Deus. As pessoas mais idosas não..
147. E sua amigas lá seu quarto? Dependem muito de você ainda?
148. Não. Elas não. Lá não tem nem uma que precise de ajuda. No nosso quarto não tem.
149. Mas voltando aqui, você ficaram na Fazenda Macaúbas. Quando você foi para lá você já era mocinha?
150. Ah, já era mais grandinha...
151. A sua irmã já tinha casado?
152. Sim. Tinha quinze anos. Naquele tempo se casava novinha.
153. Casava-se muito jovem naquela época.

²⁵ Ulda é uma pessoa muito disponível. Sempre ajuda um e outro. No pavilhão onde mora, muitas vezes está sempre ajudando as outras mulheres na resolução de seus problemas do dia a dia.

154. Casava jovem. Qualquer coisinha falava, você vai ficar para titia...(risos....) mas ela tinha um marido muito bom. Se conheciam já, eram vizinhos da Fazenda Macaúbas, tudo eram da colônia italiana. Se davam muito bem. Família mais ou menos grande. Gente muito boa. Muitos filhos, mas família muita boa.
155. E você não namorava lá, não tinha...
156. **Ih. (risos...) não tinha namorado não. Eu só trabalhava...**
157. Mas, nem um paquerazinha?
158. Não. Nada... (risos)... acho que não, né.. (risos). O meu irmão falava assim: o fulano quer namorar com você...(risos) fazia de conta que eu não escutava. Ficava brava ainda com ele...(risos)... A vida é assim mesmo.
159. Não queria muita conversa com namorados?
160. Não, não, não...Eu não queria nada de conversa. Tinha um menino lá que queria... (rios) mas eu nem olhava para o menino (risos)...
161. Era de vergonha ou por quer...
162. Sei lá! Era de vergonha...(risos)... era assim a vida da gente, sr. Jaime.
163. E ele era bonitinho?
164. Quem?
165. O garoto que queria namorar você?
166. A família do Baltazar... (risos)...Era bonitinho, noreninho né...(risos) me lembro que era colega do meu irmão, vendia doce, quando era festa. A mãe fazia doce e ele vendia...
167. Você não pagava nada?
168. Não.. (risos)... eu não como muito doce. Eu gosto mais de salgadinho (risos)...Viu seu Jaime, é assim a vida da gente... (risos)... e eu não casava com os colegas dele...
169. Mas sua irmã, já não pensava e não era como você...Ela já gostava de um namorinho?
170. Desde... ela já namorava com 12 anos já o meu cunhado. Minha mãe dizia “pode casar”!. O meu pai não queria de jeito nenhum, mas minha mãe falava, pode casar. Família boa, tem um marido muito bom tem uns filhos muitos bons, muitos educados, não é por que são meus sobrinhos. Meu cunhado criou os filhos muito bem. Trabalhadores... Já faleceu o pai e mãe, minha irmã e meu cunhado.
171. E seus sobrinhos moram aonde?
172. Moram em São Paulo. Moram em Batatais.
173. E trabalham em que, em Batatais.
174. Agora faz tempo que não falo com eles. Um trabalho no caminhão, outro trabalha em posto de gasolina...
175. Não trabalham mais na roça?
176. Não. Na roça agora é tudo trator. Tudo máquina. Você já viu o que saiu na televisão? Uma máquina faz e faz o muitos homens faz. Agora não tem mais. Agora todos querem a cidade. É assim... Depois de Macaúbas mudamos para fazenda Lajes. Depois papai mudou da fazenda da Lajes. Fomos morar na Fazenda da Flores, perto de Cravinhos que existe até hoje. Era um fazenda enorme. A fazenda da flores, muito bonita, bastantes colonos, muita fazendas vizinhas. Lá também passava o trem. Lá era muito bom. A gente criava porco, criava galinhas, bastante verduras... era muito bom lá na fazenda das flores. Nasceu minha irmã. Nasceu o meu irmão nas fazendas da flores. Aquela caçula. Era muito bom...
177. Você gostava de lá?
178. **Mas olha, lá era a melhor fazenda que agente já morou. Dava muito mantimento, muito café, muito bom, muito trabalho gostoso, ninguém apertava, a gente faz por que agente**

- tem que... tem obrigação para fazer e é bom trabalhar. Até o padrinho do meu administrador é padrinho de minha irmã?
179. Da Alícia?
 180. Da Alícia. Nos ficamos na fazenda da flores muito tempo. Já era mocinha. Papai depois..
 181. Estudava de noite?
 182. Não ia mais a escola. Acho que lá não tinha escola não. Mas era muito bom. Tinha criação, tinha bastante mantimentos que eles dava, comia bem, até dia Domingo pagava. O fazendeira pagava. No tempo de algodão, meu irmão trabalhava, era mocinho, e tá Domingo nós ira ganhar dinheiro né. Levava comida no embornal, nos trabalha o dia inteiro para colher algodão e carpir algfodão também. Era fora de nossa empreitada. Era tudo extra. Tudo exta. Nosso mantimento, nosso café era por fora para ganhar outro...
 183. Mas não tinha tempo para nada. Era só para trabalhar?
 184. Não... Ih...Para nada.
 185. Seu irmão era mais velho que você Era o Bruno.
 186. Bruno. É depois saímos da fazenda das flores foi moram na Fazenda Bonfim. E pertinho uma da outra, passa uns cafezal uns pastos e logo é fazenda da flores.
 187. Isto só café?
 188. Só café, só café. Agora na Fazenda Bonfim, não tinha café. Quando nós terminava toda nossa empreitada trabalha em extra também. Tudo bom! Também era muito bom. Morávamos na casa com campo enorme. Tinha bananal, tinha muita fruto, dava muito arroz, feijão, milho, muito mantimento por que nós comia e quando era muito coisa a gente vendia, sera saco de arroz, saco de feijão, milho, carroça de milho, então, era muito nesta fazenda...
 189. Então não se comprova quase nada na cidade.
 190. Ah, comprova...sabe o quê que comprava? Açúcar, sal, óleo, coisa que nós não colhia ne, também comprava mortadela, comprova as coisas... Carne assim linguíça era feito em casa, carne defumada, tudo ... Era tudo muito bom, fazia pão, bolo nos fornos, mas papai queria ir embora para São Paulo e a gente chorava...
 191. Seu pai decidiu ir embora, por que?
 192. Nós não queria ir embora. A gente chorava. Tinha tudo lá, até cabrito a gente tinha carroça para leva as coisas na cidade... A gente não queria ir...
 193. Que idade você tinha mais ou menos.
 194. 14, 15 anos. Era mocinha quando fui para São Paulo.
 195. Ai você ficou na roça ou menos 10, 12 anos.
 196. É por ai. A gente chorou tanto por que ninguém queria ir ...mas fazer o que? Ai nós mudamos para São Paulo. Meu pai foi trabalhar numa firma.
 197. E você?
 198. Eu fui trabalhar como empregada doméstica. Dois ou três dias depois já estávamos trabalhando. O Bruno foi trabalhar na Ford. O papai foi trabalhar na Nitroquímica de São Miguel. Eu também fui trabalhar lá numa máquima que faz rolo assim com linha. Então quando arreventava a linha tinha que parar a máquina para emendar e soltar direitinho para ele funcionar outra vez. O Papai trabalhava num outro lugar. Depois ele ficou muito doente, o papai. Ela levantava cedo, cedo... Era quatro horas nós levantava para tomar trem na estação da Luz, cinco horas. O trem ia cheio para São Miguel. Depois eu voltei a trabalhar de empregada outra vez.
 199. Depois que você deixou lá a Nitroquímica você foi trabalhar de empregada. O que você gostava mais. Trabalhar de empregada ou trabalhar lá na empresa.

200. Imagina, na empresa era diferente, oh! Eu leva almoço, comida, tudo diferente, nossa. O papai saiu de lá mas ainda continuamos. Mas eu estava já acostumada trabalhar lá. O primeiro bairro que nós fomos morar foi Bom Retiro, na rua Jaraguá. E fomos morar numa vila grande, tinha muitas famílias e nós morávamos mamãe, papai, minha tia, eu meu irmão, minha irmã, seis pessoas num quarto só e ainda o fogo. Cozinha num cantinho assim era a cozinha. E assim era para todo o mundo...
201. Quando tempo morou lá, lembra-se?
202. Quase um ano. Depois o papai procurou nos bairros melhores lá, né. Todo o mundo que vem do interior vem assim. Muita gente, né. Agora tudo casa, tudo prédio. Não tem mais coisa assim como a gente morou..
203. Ah, você que pensa, Ulda. Hoje tem a favelas, né?
204. Mas é cidade, só prédio, casas, muito bonito. Se for lá não conheço mais. Depois a gente de lá fui trabalhar como emprega na Vila Mariana. Depois minha irmã casou veio mora na Vila Mariana e eu fui morar com ela.
205. Ulda, nós temos que dar um parada, por causa da hora e depois voltamos a continuar nossa conversa com você em São Paulo, na próxima Terça feira. São onze e quinze agora e eu fico preocupado com seu almoço que é onze e meia.
206. Oh...não se preocupe eu almoço depois ao meio dia. Tem sempre comida lá.
207. Mas, de certa forma é bom liberar você por que depois a gente vai continuar.
208. Quando?
209. Terça feira que vem. Eu chego mais cedo.]
210. Tá bem...

Segunda entrevista

211. Bom dia Ulda. Desculpe por não vindo na Terça. Estava muito resfriado e não pude vir, por isto avisei a Regina que avisou você. Troxe estes guaranás para você...
212. Obrigada pelas lembrancinhas..
213. Não é presente, não. Eu me lembrei de você. Como eu não pude vir na terça, não pude vir não, eu estava muito gripado e aí eu fiquei com medo de vir e pegar gripe em você.
214. Ahnnn. Nada...
215. Apesar de você gostar de mim, se pegar gripe vai dizer: aquele praga!
216. Este ano não tive não resfriado, por causa daquela injeção da vacina para mim deu resultado, deu resultado né.
217. Vai tomar de novo agora?
218. Acho que vai. Eles vão passar aqui. Tem passado na televisão. Eu vi um velhinho lá posto tomando vacina, antes de ontem.
219. Como vocês passou a semana? Bem?
220. Bem, graças a Deus!. Ontem me lembrei de meus irmãos. Há muito não vou a São Paulo. Mas só meu irmão está em São Paulo e meu meu sobrinho. Não liga para gente, também não ligo. Para mim fica sempre mais difícil. Eles estão todos bem de vida, mas mesmo assim não estão ligando para gente.
221. Ulda, quando você disse que saiu lá da última fazenda que você trabalhou e foi para São Paulo você foi trabalhar na casa de Família não é?
222. É . Casa de Família.
223. Como é que era este tabalho em casa de família?

224. Falar a verdade eu gostava mais trabalhar na roça no que na casa de família. E...eu. Tem que fazer um coisa, fazer outra, fazer outra, mas numa acaba. Mas temos que nos acostumar né. A gente a costuma com tudo. A gente precisa trabalhar né. Trabalhei em muitas casas. Trabalhei em casa de israelitas, casas de italianos.bastante.
225. Tem algum história interessante nestas casas que trabalhou.
226. Não tenho nenhuma história interessante. Tudo era a mesma coisa né. Todas eram...Eu trabalhei na casa de um doutor né... (risos....)
227. Você se importa. Se quiser eu desligo do gravador.
228. Não, por que não tem problema. A minha vida é vida limpa né. Trabalhei na casa de brasileiro, rua Bahia, perto da Avenida Angélica...
229. Ulda, deixa eu dizer um coisa. Estamos gravando apenas para eu coletar sua história para eu não me esquecer e para escrever um pouco sobre você...
230. As pessoas falavam. Tai. Bobagem estar gravando a minha vida, não sei... Mas eu falava, não tem problema a gente conta não tem problema.
231. Quem é que estava precopado em contar a sua história.?
232. AAA Maura né. Ela dizia eu não vou contar minha vida, eu já contei né, não sei o quê... Eu falei, eu...
233. Até por que a vida de vocês é muito bonita.
234. Eu conto o que tem? Não esta da vida ...e é assim eu trabalhei...
235. Você estava me dizendo que trabalhou numa casa de brasileiro e eu interrompi...
236. Eu trbalhei na Rua Bahia, faz muitos anos, né, mas eu gostei mais desta casa de brasileiros . Era uma fazendeira, a fazenda não me lembro da onde era. Mas era bom para trabalhar. Por que lá trabalhava as empregadas, casarona grande, tinha quatro moças e dois filhos, dois estudantes. Tudo gente boa, nos tratava muito bem. Era muito bom na casa da Bárbara. Tinha uma casarona, um casão grande, tinha quartos das empregadas. Nós morávamos no Bom Retiro. Mas eu ia dormir no emprego, na rua Bahia. Mas lá era bom. Por que lá eram muitas empregadas. Tinha empregada copeira, arrumadeira, lavadeira e cozinheira. Era um serviço só para cada uma.
237. Era gente rica então...
238. Oh. Muita rica. Era uma casa com tudo. Eu era copeira lá. Entrei como copeira e só fiz serviço de copeira.
239. Qual o serviço de uma copeira, Ulda?
240. Copeira é lavar prato, limpar copa, limpar tudo , botar a mesa, servir a mesa. Café, almoço, janta e , quando tinha visita, servia banquete... Eu não cozinhava. Tinha a cozinheira. Que comida gostosa! Uma brasileira boa de cozinha mesmo.
241. Você usava uniforme então?
242. Usava uniforme. Usava. Lá precisava usar sim. Era azul. Um azul mesmo. Era muito bom, gostava do serviço. Eu trabalhei lá muito tempo. De todas as casas que trabalhei eu gostei mais de lá. Depois eu sai.
243. Por que você saiu de lá?
244. Eu sai por causa da mamãe. Depois que arrumadeira saiu em trabalhava de arrumadeira e de copeira e dava conta. Eu já estava acostumada. Por que a mamãe...
245. Você devia ser um mulher boa de serviço...
246. A gente trabalhava e mexia. Até hoje a gente faz uma coisinha aqui, ali. De vez em quando uma velhinha pede para fazer alguma coisa, atender telefone, a gente acaba não ficando parada ...
247. Sim.. você saiu de lá por causa de sua mãe...

248. Sai por causa da mamãe, ela achava que eu ficava muito longe. E Só tinha folga no Sábado e Domingo bem à tarde. Mas, a mamãe achava que era longe, que ficava pouco em casa e aos domingos só depois de fazer todo o serviço que podia ir. Então a mamãe achava que eu trabalhava muito. E ela ficava sozinha me esperando. Mas era bom lá. Muito bom. Melhor de todas as casas que trabalhei.
249. Você tem uma lembrança boa de lá.
250. Muito boa.
251. E pior que você trabalhou? A que você menos gostava.... na qual as pessoas mais exploravam você...
252. É. Eu também trabalhei dois anos na casa de família, pertinho de minha casa acho que uns dois quarteirão... Mas eles me tacavam no serviço. Era assim. Era sobrado. Mas dava para comer e beber. Levava comida para casa.
253. Mas trabalhava?
254. Trabalhava bastante... muito.. (risos). Tinha serviço. Eu lavava toda a escadaria, todo o dia, com frio era duro. Era muito serviço. Mas eu trabalhei bastante anos lá por que a mamãe gostava por que era pertinho né. Ela me ficava controlando, coitada. Mãe é mãe né?
255. E como você se divertia? Você só trabalhava?
256. As vezes a gente ia no cinema. Era cinema. As vezes tinha bailinho lá rua, no Clube dos Lituanos, perto da Praça João Mendes. Os lituanos se reuniam, todos lá. Tinha bastantes lituanos, filhos de lituanos. Os brasileiros também. Não sei se o clube existe ainda. Acho que não existe mais. Todo mundo se separou, se casou, acabou todo mundo. Acho que não tem mais. A gente ia com a família. Levava a mamãe no cinema. Tinha cinema na Correia de Melo e na José Paulino. O Cine Lux. Eu levava sempre que podia a mamãe no cinema. Mas, era difícil .258.... Tinha que trabalhar. Assim a gente se divertia trabalhando.Mas tudo se acabou, tudo mundo se espalhou..
257. E ai, como você veio para Campinas?
258. Eu vim para Campinas. Eu vim com meu sobrinho que morava aqui. Eu estava sozinha. Eu fiquei sozinha em São Paulo. Papai e mamãe morreram. Meus irmãos se casaram, ou morreram também. Ai eu fiquei na casa de minha patroa. Dormia lá. Mas ela também vendeu sua casa. Estavam todos de idade de né. Então, meu sobrinho falou para meu cunhada para vir. Meu sobrinho veio antes, depois meu cunhado veio depois. Meu cunhado foi buscar eu para a casa de meu sobrinho. E buscaram eu e eu vim para cá. Fui para casa de meu sobrinho. Depois fiquei uns quatro ou cinco anos lá. Muito bom meu sobrinho. Eu ajudei criar eles. Muitos bom. Ele já era casado quando vim morar com eles. Tem um filha. Eu ajudava cuidar da casa. Ela trabalhava, a esposa dele, ele também trabalhava e a menina ia estudar. Eu ficava em casa sozinha. Ai eu fazia o serviço, lavava o quintal, lavar as coisas. Cuidava da casa, fazia comida para eles, tudo. Sabia que eu gostava de trabalhar, né. Depois de um fazer o serviço tudo eu ia atomar banho. Tinha um banheiro fora, no quintal. Eu gostava de tomar banho lá fora. Ai eu levei um tombo, escorreguei machuquei bastante né. Então fiquei internada no Hospital. Até hoje manco um pouco. Eu manco e de vez em quando dói. Eu já tive dois problemas nesta perna direita aqui. Mas, graças da Deus agora está tudo bem...Quando cai, uma menina que morava perto foi chamar meu irmão. Ai levaram eu para o Hospital. Mas, graças a Deus, eu pensei que não ia andar mais de tanta dor. Fiquei muito tempo internada. Depois minha irmã me levou para casa. Eu gostava de tomar banho lá fora. Ai eu levei um tombo, escorreguei machuquei bastante né. Então fiquei internada no Hospital. Até hoje manco um pouco. Eu manco e de vez em quando dói. Eu já tive dois problemas nesta perna direita aqui. Mas,

graças da Deus agora está tudo bem...Quando cai, uma menina que morava perto foi chamar meu irmão. Ai levaram eu para o Hospital. Mas, graças a Deus, eu pensei que não ia andar mais de tanta dor. Fiquei muito tempo internada. Depois minha irmã me levou para casa. Estava chateada pois não conseguir fazer mais minhas coisas, fazer as coisas da casa, trabalhar como trvalhava e eu achava que esta atrapalhando eles...

259. Ai você foi para casa de sua irmã?
260. É fui para casa de minha irmã. Ai ela me cuidou, tudo. Fiquei lá uns tempo. Fiquei com eles lá. Fazia muito tempo que não estava juntos juntas. Estávamos sempre separada. Era bom por ela cuidava de mim. Quando ela era pequena eu cuidei dela, mas agora ela coisava de mim, mas era diferente. Quando era menina sabia que ela ia crescer, trabalhar, ajudar a gente... mas, agora eu sabia ela cuidava por obrigação e que eu não conseguiria mais fazer o que fazia antes. Na casa de meu sobrinho, morava lá, mas trabalhava. Ajudava eles. Era uma troca...Quando cai, não era mais assim. Isto me deixou muito triste, precisei mesmo tomar remédios..
261. Eles ainda mora aqui?
262. Moram. Ele, meu cunhado, já faleceu faz alguns meses. A minha irmã e a minha sobrinha que continua solteira. Mas eu não quis ficar la com eles... era complicado para mim...Eu tinha a minha irmã mais velha, Onã, que já faleceu. Depois meu irmão, Bruno que está vivo e mora em São Paulo, eu, minha irmã que já faleceu, Petrônia, meu irmão Luiz que nasceu aqui no Brasil e minha irmã Alice que nasceu no Brasil. Alice está viva e mora aqui em Campinas. Ela cuidou de mim. Hoje existe o Bruno, eu e a Alice. Alice é a mais nova. A caçula. Ela é muito bonita.
263. Você também é muito bonita...
264. Minha irmã é muito bonita. Ela mora no Cambuí. Morava em Souza, mas a casa deles tinha muito mato, árvores, muita sujeira, murro baixo. Então meu sobrinho levou ela para morar no apartamento deles. Ela mora com filha, num apartamento só deles.
265. Elas vem visitar você de vez em quando?
266. Sim vem. Elas nem sabia para onde ia. Mas meu sobrinho acabou descobrindo...
267. Como é que era? Não sabiam para onde você ia?
268. Eles nunca soube que eu estava aqui no Asilo. Mas meu irmã trouxe ele e ele falou, nossa tia.
269. Você é que decidiu vir para cá?
270. Decidi. Eu falei para minha irmã e para meu cunhado ainda estava vivo. Eu estava morando com eles, estava muito triste. Tinha a sensação de estar criando problemas. Eles sempre me trataram muito bem e nunca falaram nada. . Então eu falei: eu queria morar num lugar assim, né, devee ter um asilo, por que eu sempre estava ouvindo falar que havia lugares para velhos. Ai eu descobri na lista telefônica. Ai ele ligou e vim para a entrevista. Já estava andando e melhor da minha depressão.
271. Faz quanto tempo que está aqui?
272. 4 anos mais ou menos.
273. A sua vida mudou alguma coisa?
274. Tudo bom. A mesma coisa. A família é uma coisa. Mas aqui é muito bom demais. Graças a Deus. É quem uma casa de família. Tudo está bem. Uma beleza. A comida é boa, tenho roupa, tenho médico, tenho tudo de melhor. Tenho muito atenção das enfermeiras da assistência social. Todas as meninas são boas... Tudo. A atenção do senhor...Aqui todos são muito atenciosos e eu ainda continuo a me sentir util, fazer trabalhos, pois que sempre trabalhou não consegue ficar parada... 276 Aqui todos são muito atenciosos e eu ainda

continuo a me sentir util, fazer trabalhos, pois que sempre trabalhou não consegue ficar parada..

275. Uida quando você morava com seu sobrinho, você trabalhava, né?
276. Eu quando vim morar com meu sobrinho eu trabalhava, né. E muito.
277. Como é para você este negócio de deixar de trabalhar, ter uma vida mais tranquila?
278. É muito diferente. Eu trabalhei muito. Mas agora a perna as vezes dói. Mas a gente vai fazer o que, né? Mas também tive um derrame, mas não foi forte... e eu não faço muita força com a mão direita. Mas sempre a gente está andando para lá e cá, fazendo alguma coisa e outro, ajudando numa coisa e outra. A gente não fica parada não. Aqui atendo muito o telefone. Eu atendo melhor pois as outras não sabem o nome da pessoas para chamar e falar, né. Eu atendo o telefone... Mas eu gostava de trabalhar. Gostava e gosto. Mas o que fazer. Eu fui criada no trabalho para para trabalhar. Meu pais sempre trabalhavam muito. Quando a gente chegou o Brasil foi para trabalhar. Mesmo quando criança na escola a gente brincava, fazer as coisas de lá que eu adorava, mas a gente queria mesmo era ir para a roça, então a gente brincava de coisa, também de capinar, plantar, criar as coisas...E a gente trabalhava todos os dias. Quando não era na empreitada do café era para o extra do algodão, lavar roupa em casa, fazer doce, fazer pão...a gente se divertia enquanto trabalhava...(risos). Por isto não estranhava muito quando fui trabalhar de doméstica. A única coisa que não gostava muito era fazer muitas coisas ao mesmo tempo, como lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa. Também trabalhar com a patroa em cima era muito ruim. Pior que o administrador. Ele pelo menos passava de vez em quando. Mas quando tinha um trabalho só, no caso quando fui copeira, eu gostava muito. Sinto muito saudade. Fico triste em não poder mais trabalhar como antes, mas fazer o quê? É assim mesmo. Mas está tudo bom. Aqui só faço o que eu quero. Mas, é como me faltasse algo, um pedaço, alguma coisa de minha vida que me roubaram. Mesmo na casa de meu sobrinho eu gostava muito, pois trabalhava muito. Era muito bom. Sentia alegria, felicidade. Ainda tento trabalhar um pouco aqui, em pequenas coisas, mas não é mesmo a mesma coisa...Minha perna, minha mão já não ajuda mais. As vezes fico muito triste, com saudades, com dor no peito, sem muita vontade de comer, pois fico pensando que poderia estar ainda no cafezal, ou então trabalhando na rua Bahia...Agora vivo aposentada, pelo INSS, ganho um salário.278 As vezes fico muito triste, com saudades, com dor no peito, sem muita vontade de comer, pois fico pensando que poderia estar ainda no cafezal, ou então trabalhando na rua Bahia...Agora vivo aposentada, pelo INSS, ganho um salário.
279. Cento e Oitenta?
280. Cento e oitenta. (risos). Mas tá bom, fazer o que?Aqui eu tenho tudo, não falta nda.
281. Mas, se você não tivesse vivendo aqui, não daria para você viver, daria?
282. Na casa de minha irmã também não tinha despesas... é o tempo passa e a gente nem nota. Os parentes vão embora. Não ligam mais para gente. E gente fica um tanto triste. Mas também fico contente pois eles estão todos bem, graças a Deus.
283. Eu estou imaginando aqui, né, você que veio de outro país, trabalhou a beça na lavoura, no café, depois vai para uma cidade grande, trabalha como empregada, depois retorna mora na casa do seu sobrinho, trabalha, por que na realidade você....ele fazia favor para você, mas você também fazia favor para ele. Você trabalhava...
284. Mas o meu sobrinho é muito bom. Ih, nossa. E me falava tia, deixe isto para lá. A mulher dele era muito boa pessoa, muito legal....
285. E a menina que você ajudou criar?
286. Agora está com 21 anos.

287. Então vou passou um bom tempo com eles..?
288. Uns sete anos. Agora ela vai se formar para Direito. Tem uma vida boa. Eles trabalham. Ai eu já tinha tido o acidente no banheiro, antes deste acidente maior. Eu escorreguei no sabonete e cai. Mas não foi muito grave. A vida tem tanta coisa...Depois de morar com meu sobrinho e minha irmã, resolvi vir para cá. Eu tenho que ligar sempre para ela. Ele me convidou para ir na páscoa para lá..
289. Você vai?
290. Eu vou. Eles vem me buscar. Vou no Sábado. É bom isto. Quando minha irmã nasceu eu tinha 14 anos, morava na Fazenda das Flores, era mocinha, trabalha na roça, e ajudei também a criar minha irmã. Ajudava a botar o café no trem. O trem passava nos cafezais. A gente também plantava café, carpia café, colhia...O Trem também era de passageiro. E ajudei muito a criar a minha irmã. Eu tenho saudades deste tempo. Quando minha irmã era viva e nos morávamos em Batatais de vez em quando a gente ia a Batatais de trem. Agora acabou isto tudo. Agora só ônibus. E bom lembrar este tempo. E quando a gente se reúne ainda, falamos deste tempo.
291. O trabalho foi tudo para você?
292. O trabalho foi tudo para mim. Ele representa minha vida. Ensinou a cuidar também das pessoas e ajudou a sobreviver. Sempre trabalhei muito, não injentei serviço na roça, na cidade, aqui. Mesmo quando vim para casa de meu sobrinho, ele queria que eu não trabalhasse tanto, mas se podia trabalhar por que ira ficar parada? Sentia-me bem.
293. Você acha Ulda que você foi ensinada a trabalhar, que a escola preparou você para este tipo de trabalho?
294. Não. Na escola a gente apenas estudava e brincava. Eu adorava. Mesmo a professora braba que tinha eu gostava. As vezes quando via o capataz que passava fiscalizando se todo o café tinha sido colhido, se a gente ainda mocinha rastelava bem o café e não ficava nada, ou quando ele fazia a gente carregar a escada pesada, numa grande distância, para apanhar um ou dois grãosinhos que ficou na ponta do pé, eu me lembrava dela. Mas, na escola a gente só divertia. Minha mãe e meu pai é que me ensinaram a trabalhar, a respeitar as ordens, a cumprir todas as tarefas, de não largar até que tivesse terminado tudo. Por isto eu não estranhava muito na casa de família que só podia ir embora quando tivesse terminado tudo. Mas, na casa sempre tem serviço e isto eu não gostava muito. Quando lavava a escadaria do sobrado, as vezes chegava no final e alguém sujava e ai a patroa me dizia que não estava limpa e eu tinha que fazer de novo. Mas, nunca reclamei...o trabalho tem que ser feito e eu fui educada para fazer o trabalho, pois o homem tem que trabalhar. Quem não trabalha não come. É isto.... mas hoje e não trabalho, mas como... (risos)... e adoro quando a gente viaja para a Aparecida, para a Fazenda das Andorinhas e tem muita comida boa, fartura, café da manha, almoço, lanche a vontade... e ai eu fico pensando...engraçado, hoje eu não trabalho, fico triste com isto, as vezes a noite quase choro por que não tenho mais o trabalho que fiz a vida inteira, mas sempre passo muito bem. Sou muito bem tratada aqui. Adoro aqui. Tudo está muito bom....
- 294 Na escola a gente apenas estudava e brincava. Eu adorava. Mesmo a professora braba que tinha eu gostava. As vezes quando via o capataz que passava fiscalizando se todo o café tinha sido colhido, se a gente ainda mocinha rastelava bem o café e não ficava nada, ou quando ele fazia a gente carregar a escada pesada, numa grande distância, para apanhar um ou dois grãosinhos que ficou na ponta do pé, eu me lembrava dela. Mas, na escola a gente só divertia. Minha mãe e meu pai é que me ensinaram a trabalhar, a respeitar as ordens, a cumprir todas as tarefas, de não largar até que tivesse terminado tudo. Por isto eu não estranhava muito na casa de família

que só podia ir embora quando tivesse terminado tudo. Mas, na casa sempre tem serviço e isto eu não gostava muito. Quando lavava a escadaria do sobrado, as vezes chegava no final e alguém sujava e ai a patroa me dizia que não estava limpa e eu tinha que fazer de novo. Mas, nunca reclamei...o trabalho tem que ser feito e eu fui educada para fazer o trabalho, pois o homem tem que trabalhar. Quem não trabalha não come. É isto.... mas hoje e não trabalho, mas como... (risos)... e adoro quando a gente viaja para a Aparecida, para a Fazenda das Andorinhas e tem muita comida boa, fartura, café da manha, almoço, lanche a vontade... e ai eu fico pensando...engraçado, hoje eu não trabalho, fico triste com isto, as vezes a noite fico pensado por que não tenho mais o trabalho que fiz a vida inteira, mas sempre passo muito bem. Sou muito bem tratada aqui. Adoro aqui. Tudo está muito bom...

295. Mas, voce não me disse que trabalha aqui um pouco ajudando os outros, atendendo telefone, ajudando suas colegas do quarto?
- 296 É faço sim algumas coisas aqui. Ajudo minhas colegas. Mas é diferente, não é como antes, não.
- 297 Você alguma vez sentiu-se deprimida? Teve que ir ao médico por causa disto.
- 298 Me senti muito deprimida. Uma vez, fiquei muito triste com isto. Foi logo depois que cai e fiquei na cama, sem poder fazer nada. Via minha irmã, a mulher de meu sobrinho, minha sobrinha neta precisando de mim e eu lá. Tinha saudade que poder levantar-me cedo e lavar o quintal, cuidar das plantas, fazer a comida...Fiquei muito deprimida. Tomei remédio e melhorei. Eles cuidaram muito de mim. Depois foi aqui. Eu mesma decidi a vir e disse que vim escondido do meu sobrinho, não contei nada para ele. Depois ele descobriu e veio me visitar. Ai, aqui vi que não podia mais trabalhar como antes. E nem preciso pois sou muito bem tratada. Mas isto não bastou, fiquei triste por muito tempo, calada, sem fome, sem ânimo...ai o médico me disse que estava deprimida. Deu uns remédios e mandou eu ir conversar com a dra. Regina. Ela conversou muito comigo. Conteí minha vida para ela e ela me ouvia e me incentivava. Ela é muito boa. Depois de uns tempos melhorei...mas não voltei a ser como antes da minha segunda queda. Mesmo que eu queira não posso trabalhar como antes e isto me magoa. Sei que sou um pessoa disponível que ajuda as pessoas quando precisam, mas não é mesma coisa...Mas está tudo bom. A vida é assim mesmo.
- 299 Não é a mesma coisa como, Ulda?
- 300 A vida não é a mesma coisa. Não tenho de levantar cedo, de ter a tarefa marcada, de parar só para almoçar, tomar café e descansar alguns minutos, de ter o administrador atrás fiscalizando o trabalho e não achando nada para botar defeito não. A gente sabia que se não fisesse direito tinha que fazer de novo. Ai não cumpria a tarefa.
- 301 E nas casas de família?
- 302 Nas casas de família tinha patroa que ficava em cima. Lá na rua Bahia tinha uma senhora que vigiava as empregadas e fiscalizava tudo. Era umaa governanta. Tinha de fazer tudo corretamente, sobre a supervisão dela ou da dona da casa, que olhava a roupa, a forma de servir, de arrumar a mesa, de lavar a louça e não achar defeito. Quando achava era apenas para implicar e para dizer que sabia mais do que eu. Mas nunca respondi. As pessoas que mandam e maior do que a gente é para ser respeitada, obedecidas quando mandam. Sempre aprendi isto. Isto eu sinto falta, muito.... Mas tá tudo bom. Aqui é muito bom e eu tenho que me acostumar com as coisas. A gente só pode fazer aquilo que dá... Aliás eu aprendi muito isto com Oláia a gente só pode fazer a quilo que pode e que a idade permite. Assim quem aproveitou aproveitou, quem não aproveitou, aproveitasse... (risos)

- 303 Mas hoje Ulda, sinto você bem...
- 304 Sim estou muito bem. Apenas digo isto pois você pediu para eu falar da minha vida. E eu nunca parei para pensar sobre ela. Me lembro apenas, mas nunca dei muita atenção. E também não o fico resmungado ou achando que só tem coisa boa lá na roça, ou em São Paulo. Tá tudo bom. Acho tudo bom. . Vivo como posso, graças a Deus. Também tem sido muito bom falar com o senhor. Não sei por que fica perdendo tempo com uma história de uma velha que não fez muita coisa na vida...
- 305 Ulda, para mim o importante é sua história. O melhor, o mais importante é você.
- 306 Eu é que tive o privilégio de conhecer você e ouvir você.
- 307 Obrigada. O sr também é uma pessoa muito boa. Gosto muito do senhor.
- 308 Você tem alguma coisa ainda em me dizer?
- 309 Não. Acho que disse tudo, se precisar pode me chamar que venho o senhor sabe o quanto gosto do senhor.
- 310 Tá bom, Ulda. Está quase na hora de seu almoço. Quero agradecer você por tudo que me contou e pela atenção que meu deu. Obrigado.